

Isabel Pena Barros de Sousa Castro

Conversação e “cortesania” na tradução portuguesa

por Sebastião de Alfaro

dos *Dialoghi*, de S. Guazzo

Universidade do Porto

Faculdade de Letras

2009

Isabel Pena Barros de Sousa Castro

Conversação e “cortesania” na tradução portuguesa
por Sebastião de Alfaro
dos *Dialoghi*, de S. Guazzo

Dissertação de Mestrado em Literatura Portuguesa
do Curso Integrado de Estudos Pós-Graduados em Literaturas Românicas
apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Orientação científica: Prof. Dra. Zulmira Santos

Universidade do Porto
Faculdade de Letras

2009

O trabalho de investigação que agora se apresenta é fruto de um uso, que se quis proveitoso e agradável, do tempo. Algumas pessoas tiveram, no percurso realizado ao longo desse tempo, um papel determinante. É para elas o meu sincero agradecimento.

Em primeiro lugar, queria agradecer à Professora Doutora Zulmira Santos, pela confiança que em mim depositou e manifestou, não só nesta etapa, como já anteriormente na licenciatura, e também pelo olhar crítico, atento e encorajador em todas as fases do trabalho, que se revelou, por isso, de verdadeira aprendizagem. A profunda e convicta dedicação ao estudo das letras e da cultura portuguesas de tempos mais remotos, mas nem por isso menos presentes nos dias de hoje, foi e é uma inspiração, levando-me a acreditar também que o que somos hoje é sempre um reflexo do que fomos.

Ao Professor Doutor José Adriano de Carvalho, exemplo modelar de como o conhecimento engrandece o espírito, agradeço o interesse demonstrado. Mais, agradeço o trabalho acurado, de que já deu tantas e tão importantes provas, reflectido na edição da *Corte na Aldeia*, de cujas notas retirámos a ideia deste trabalho.

Aos meus pais, agradeço a perseverança e temperança que sempre incutiram em mim e que foram essenciais para este trabalho.

À Eunice, agradeço as incansáveis provas de amizade e a partilha do saber.

Conversação e “cortesania” na tradução portuguesa
por Sebastião de Alfaro
dos *Dialoghi*, de S. Guazzo

La "cortigiania" che si palesa all'interno di una società chiusa attraverso un sistema di rapporti regolati dalla conversazione, implica la ricerca di una piacevolezza tendente a «recrear gli animi degli auditori», cioè a connotarne culturalmente ed esteticamente il virtuoso impiego del tempo libero.

(Maria Luisa Doglio, "Idea e arte del dialogo tra corte e Accademia: i *Dialoghi piacevoli* di Stefano Guazzo", in *Stefano Guazzo e la Civil Conversazione*)

1. Considerações prévias

O presente trabalho assume a sua razão de ser na transcrição de um manuscrito português¹ do início do século XVII², mais precisamente de 1606.³ Trata-se da tradução portuguesa de uma obra italiana, publicada pela primeira vez, em Itália, em 1586. A obra, intitulada *Dialoghi Piacevoli*, foi traduzida para português, levando apenas por título o nome que figurava no título original – *Diálogos*⁴. O tradutor optou por deixar cair o

¹ Sempre que nos referirmos a essa mesma transcrição, utilizaremos apenas a letra T, grafada em maiúscula. Assim, qualquer citação do manuscrito será feita de forma abreviada, indicando-se a letra T e o número da página.

² O manuscrito encontra-se na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora. Foi-nos gentilmente cedido por essa instituição em microfilme, tendo depois sido convertido em papel. Trabalhámos assim com os dois formatos.

³ Este é o ano que consta na data indicada no final da dedicatória, mais adiante analisada. Esta data pode não corresponder exactamente ao ano de edição, mas constitui pelo menos um forte indício.

⁴ Tradução do termo italiano *dialoghi*.

adjectivo – agradáveis⁵ – que classificava a própria obra, apelando simultaneamente ao interesse do leitor, quem sabe até numa alusão indirecta ao preceito clássico horaciano *prodesse ac delectare*. No entanto, o rosto do texto traduzido revela um título mais extenso e mais completo:

Diálogos, de Stephano Guazzo, gentil-homem italiano de Casal de Monferrato, traduzidos em linguagem portuguesa por Sebastião de Alfaro, nos quaes se trata da prudência do rei, do príncipe da Valáquia Maior, do ofício de juiz, da eleição dos magistrados, das empresas, da semelhança das armas e letras, da honra universal, da honra das mulheres, do conhecimento de si mesmo, da morte.

Ficamos assim esclarecidos quanto ao autor da obra, ao tradutor, também ele autor⁶, e ainda aos temas nela abordados. De resto, a abrangência do título é perfeitamente consentânea com a prática de construção de títulos extensos e bastante descritivos, comum à época.

Stefano Guazzo é apresentado como “gentil-homem italiano de Casal de Monferrato”, ao passo que o tradutor é apenas identificado pelo nome Sebastião d’ Alfaro. Mas quem são um e outro?

Stefano Guazzo⁷, de ascendência nobre, nasceu em 1530 em Casale e passou grande parte da sua vida ao serviço da família Gonzaga, de Mântua, tal como seu pai o tinha feito. Na verdade, se de 1554 a 1560 acompanhou Lodovico Gonzaga, futuro duque de Nevers, numa longa estadia em França, depois foi secretário de Margherita Paleologa, mãe de Lodovico, tendo também levado a cabo missões ao serviço do duque Guglielmo, irmão de Lodovico. Estudou Direito em Pavia e, pormenor curioso, frequentou muito provavelmente

⁵ Tradução do termo italiano *piacevoli*.

⁶ Sebastião de Alfaro é referido como autor, e louvado enquanto tal, no soneto que lhe é dedicado por Diogo Fernandes Ferreira (Cf. T, p. 8). No entanto, quando a ele nos referirmos, utilizaremos a designação de tradutor ou a designação de tradutor/autor, consoante queiramos relevar apenas a vertente técnica do trabalho de tradução ou as vertentes técnica e criativa. Convém, aliás, desde já explicitarmos que entendemos a actividade do tradutor como a de alguém que converte um texto de uma língua para outra, necessariamente recriando e reinterpretando esse mesmo texto de origem. Nessa medida, Sebastião de Alfaro é justamente considerado autor da versão portuguesa do texto italiano de Stefano Guazzo. Por outro lado, para ressaltar a compreensão da nossa exposição, sempre que haja necessidade de nos referirmos a Stefano Guazzo e a Sebastião de Alfaro na mesma frase ou sintagma, usando termos que não os seus nomes ou apelidos, ao primeiro será atribuído o nominativo de autor e ao segundo o de tradutor.

⁷ Os dados biográficos que passamos a indicar constam da Nota Biobibliográfica incluída na edição de *La Civil Conversazione*, a cargo de Amedeo Quondam (Cf. GUAZZO, Stefano, *La Civil Conversazione*, a cura di Amedeo Quondam, Torino, Franco Cosimo Panini, 1993, pp. LXIII-LXV).

a mesma escola de Andrea Alciato. Relançou a Academia dos Ilustrados⁸, em Casale, e foi membro da Academia degli Invaghiti, em Mântua. Mas o seu nome ficou sobretudo associado à obra *La Civil Conversazione* (1574), considerada um dos textos-base da cultura europeia de Antigo Regime e um claro herdeiro, quer de *Il Libro del Cortigiano* (1528), vulgarmente designado por *Il Cortigiano*⁹, de Baldassare Castiglione, quer do *Galateo ovvero de' costumi* (1558), mais conhecido por *Galateo*¹⁰, de Giovanni della Casa, para citar apenas, e por ordem crescente de publicação, dois dos representantes mais significativos dessa herança, que em Portugal, terá o seu representante mais significativo, ainda que em ambiente e cronologia diversos, na *Corte na Aldeia* (1619), de Rodrigues Lobo.

De Sebastião de Alfaro há uma breve notícia na *Bibliotheca Lusitana*, que passamos a transcrever:

*Depois de frequentar na Universidade de Coimbra o estudo da Jurisprudencia Cesarea passou á de Lovaina, onde recebeu o grau de Doutor na mesma Faculdade. Exercitou o lugar de Auditor Geral da gente militar em Flandres em tempo de D. João de Austria. Vivia no anno de 1585 em que fez huma Carta de Doação a D. João Coutinho, Conde de Redondo. Traduzio de Italiano em Portuguez Dialogos de Nicolau Franco. M. S. No princípio da Historia General de la India Oriental composta por Fr. António de S. Roman Monge Benedictino está hum epigrama seu em aplauso do Author, que começa [...]*¹¹.

Transcrevemos a entrada do dicionário na íntegra, à excepção das duas linhas do epigrama redigido em latim, porque nos parece que nela são revelados alguns dados significativos. Em primeiro lugar, a formação académica de Sebastião de Alfaro, homem das Leis; em segundo lugar, o cargo que desempenhou ao serviço do filho bastardo do imperador Carlos V, o que confirma o estatuto deste doutor. Relevante também é o facto de ter traduzido de italiano para português uma obra, da autoria de Nicolao Franco, o que

⁸ Aproveitámos a tradução feita por Sebastião de Alfaro.

⁹ Todas as referências feitas a esta obra tomam por base a edição de Amedeo Quondam (Cf. CASTIGLIONE, Baldassare, *Il Cortigiano*, a cura di Amedeo Quondam, Milano, Oscar Mondadori, 2002).

¹⁰ Para as referências a *Galateo* recorremos à edição de Stefano Prandi (Cf. DELLA CASA, Giovanni, *Galateo*, a cura di Stefano Prandi, Torino, Einaudi (1994), 2000).

¹¹ Transcrevemos o texto, sem proceder a qualquer actualização ou reformulação (Cf. MACHADO, Diogo Barbosa, *Bibliotheca Lusitana*, Tomo III, Coimbra, Atlântida Editora, 1965-1967, p. 679).

só vem testemunhar a familiaridade que Alfaro teria com a língua italiana. Ficamos ainda a conhecer mais algumas das suas relações, como por exemplo com o conde de Redondo, D. João Coutinho, e com um monge beneditino, autor de uma obra sobre a Índia. Quanto a datas, apenas é referido que estava vivo no ano de 1585, o que aliás é comprovado pelo facto de a Dedicatória dos *Diálogos* ter inscrita a seguinte data: “Lisboa, 2 de Março de 1606”¹².

Sebastião de Alfaro é igualmente mencionado como jurista e tradutor, no *Diccionario histórico, chorographico, heráldico, biographico, bibliographico, numismático e artístico*, de João Manuel Pereira Esteves e de Guilherme Rodrigues¹³. Confirma-se assim a sua formação, apesar de não termos obtido datações mais precisas quanto ao seu período de vida.

Identificados o autor do texto de partida¹⁴ e o respectivo tradutor, passamos agora aos temas discriminados no rosto. Perfazem o número dez e correspondem cada um deles a um diálogo, que é sempre exclusivamente travado entre dois locutores de sexo masculino.

Segue-se a distribuição dos temas por diálogos:

- Diálogo primeiro – Da prudência do rei;
- Diálogo segundo – Do príncipe da Valáquia Maior¹⁵;
- Diálogo terceiro – Do ofício de juiz;
- Diálogo quarto – Da eleição dos magistrados;
- Diálogo quinto – Das empresas;
- Diálogo sexto – Da semelhança das armas e das Letras;
- Diálogo sétimo – Da honra universal;
- Diálogo oitavo – Da honra das mulheres;
- Diálogo nono – Do conhecimento de si mesmo;
- Diálogo décimo – Da morte.

¹² Cf. T, p. 6.

¹³ Transcrevemos a entrada: “Alfaro (Sebastião de) Doutor em jurisprudencia pela Universidade de Coimbra, século XVI. Traduziu do italiano: Diálogos de Nicolau Franco e escreveu alguns versos latinos.” (Cf. ESTEVES, João Manuel Pereira, RODRIGUES, Guilherme, *Diccionario histórico, chorographico, heráldico, biographico, bibliographico, numismático e artístico*, Lisboa, João Romano Torres - Editor, 1904-1915, p.199)

¹⁴ O texto de partida é a obra original da autoria de Stefano Guazzo.

¹⁵ No *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, de José Pedro Machado, encontramos o termo valáquio que designa o indivíduo da Valáquia ou um dos cinco ramos principais das línguas novi-latinas, sendo neste caso apontado como sinónimo de romeno. Valáquia será portanto uma designação antiga para Roménia. (Cf. MACHADO, José Pedro, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, Lisboa, Publicações Alfa, 1991).

Este índice temático permite desde logo, e como melhor documentaremos, inscrever esta obra no campo da literatura de comportamento social¹⁶ e na tradição das obras de *institutio principis*, da qual fazem parte, entre muitos outros, os três textos já referidos, respectivamente de Baldassare Castiglione, Giovanni della Casa e do próprio Stefano Guazzo¹⁷. Na verdade, estes textos procuram formar o perfeito cortesão¹⁸ e, simultaneamente, o príncipe modelar¹⁹ que sabe governar-se a si próprio e bem governar os seus súbditos, o homem virtuoso capaz de conviver harmoniosamente com outros homens e mulheres no seio da corte e no mundo citadino²⁰, embora umas vezes as obras coloquem a tónica na excelência da governação e outras na formação do cortesão como “homem do mundo”.²¹

No fundo, cada uma dessas obras tem em vista um novo tipo de homem, um homem ciente das suas capacidades e do seu papel no xadrez político e social que era a Europa dos séculos XVI, XVII e XVIII, mas também das necessidades específicas que o

¹⁶ Estamos porém cientes da amplitude desta expressão, o que aliás já foi apontado por vários estudiosos. Citamos, a título de exemplo, Zulmira C. Santos: “A vastíssima tratatística que geralmente se abriga sob a denominação literatura de comportamento social revela-se, como é sabido, um filão textual compósito, onde cabem escritos de vária natureza que podem estender-se das obras mais amplas sobre padrões de conduta mais exclusivos da corte, propondo modelos de príncipe, de validos ou de cortesãos, a escritos de cariz mais didáctico-moral, e até tratadinhos que privilegiam as artes da conversação, as formas de vestir ou as boas maneiras à mesa. O século XVI concedeu pela Europa toda, mas muito especialmente na órbita das cortes italianas, e com o enorme sucesso que se conhece, uma sublinhada atenção a esta produção que, no limite, e muito no quadro da filosofia moral humanista, acentuava as características humanas, afastando o homem de todas as formas de comportamentos que o aproximassem da «feritas».” (Cf. SANTOS, Zulmira C., “Lei «política», lei «cristã»: as formas da conciliação em *Academia nos montes, e conversações de homens nobres* (1642) de Manuel Monteiro de Campos”, in *Península. Revista de Estudos Ibéricos*, n.º 1 (2004) p. 307)

¹⁷ Cf. atrás, p. III.

¹⁸ Cf. *Il Cortigiano*.

¹⁹ Haverá que notar que, nas palavras de Castiglione, a pauta de “perfeição”, do cortesão se justifica também, e talvez sobretudo, pela “influência” que deve exercer sobre o príncipe: “Dico adunque che poiché oggidi i principi sono tanto corrotti dalle male consuetudini e dalla ignoranza e falsa persuasione di se stessi, e che tanto è difficile il dare loro notizia della verità e indurli alla virtù, e che gli uomini com le bugie e adulazioni e com così viziosi modi cercano di entrare loro in grazia, il cortigiano, per mezzo di quelle gentili qualità che date gli hanno il conte Ludovico e messser Federico, può facilmente, e deve, procurare di acquistarsi la benevolenza, e adescare tanto l’animo del suo principe, che si faccia adito libero e sicuro di parlargli di ogni cosa senza essere molesto.” (CASTIGLIONE, Baldassare, *Il Cortigiano*, a cura di Amedeo Quondam, Milano, Oscar Mondadori, 2002, p. 325)

²⁰ Algumas citações das páginas iniciais de *Galateo* são suficientes para mostrar como os preceitos dados ao jovem têm em vista a sua inserção na sociedade e a comunicação com os outros homens: “E, come i piacevoli modi e gentil hanno forza di ecitare la benivolenza di coloro co’ quali noi viviamo (...)”; “Per la qual cosa niuno può dubitare che a chiunque si dispone di vivere non per solitudini o ne’ romitorii, ma nelle città e tra gli uomini, non sia utilissima cosa il sapere essere ne’ suoi costumi e nelle sue maniere grazioso e piacevole: senza che le altre virtù hanno mestiero di più arredi, i quali mancando, esse nulla o poco adoperano (...)”; “Il che, accioché tu più agevolmente apprenda di fare, dèi sapere che a te convien temperare et ordinare i tuoi modi non secondo il tuo arbitrio, ma secondo il piacer di coloro co’ quali tu usi, et a quello indirizzargli (...)” (Cf. DELLA CASA, Giovanni, *Galateo*, a cura di Stefano Prandi, Torino, Einaudi (1994), 2000, pp. 6-8).

²¹ Cf. OSSOLA, Carlo, *Dal “cortegiano” all’ “uomo di mondo”*, Torino, Einaudi, 1987.

comportamento na corte, como formação social, de muitos modos implicava. Um homem fruto do Humanismo e que, por isso mesmo, não ignora a herança dos antigos²², aprofundando de todos os modos a diferença entre a “feritas” e a “humanitas”, no comportamento à mesa, nas “boas maneiras”, na importância central da conversação como exercício “humano” por excelência. Ora, é nesta tradição de formação e de educação que se inserem os *Dialoghi Piacevoli*, de Stefano Guazzo, que podem também ser entendidos como uma espécie de continuação das temáticas exploradas na *Civil Conversazione* (1574).

De momento, basta reconhecer que os temas apontados são familiares e comuns às obras citadas. Não constituem por isso nenhuma novidade, embora dois deles, a saber, as empresas e a morte, possam, aparentemente e fora do contexto da obra, parecer menos relevantes.²³

Em linhas muito gerais, está assim identificado o *corpus* sobre o qual nos debruçámos. É apenas constituído por um texto, o qual, porém, é fortemente devedor de outros, conforme evocado e posteriormente melhor fundamentado.

Gostaríamos no entanto de clarificar qual a intenção subjacente a este trabalho, ou melhor, qual o fim a que nos propusemos.

2. Entre texto e texto

Como em qualquer trabalho, também este passou por fases distintas, de entre as quais destacaríamos apenas duas, por serem as mais representativas de um processo que envolveu naturalmente várias etapas, que não interessa agora discriminar. As duas fases estruturantes foram a transcrição e a contextualização e o que nos propusemos a fazer foi transcrever um texto e contextualizá-lo dentro de parâmetros definidos, neste caso, a conversação e a “cortesania”. Para além deste primeiro trabalho, e num horizonte mais

²² Por antigos, entendemos sobretudo os gregos e os romanos, tão abundantemente citados em *Il Cortigiano* e nos próprios *Dialoghi*, de Guazzo, como exemplos a seguir pelas mais variadas virtudes. A viva presença da cultura grega e romana explica-se pelo interesse que lhes foi votado pelos humanistas que recuperaram muitos dos ensinamentos e dos ideais clássicos enquadrando-os porém nas novas vivências, conciliando inclusivamente muitos aspectos da cultura clássica, que era na sua essência pagã, com muitos dos valores perpetrados pela doutrina cristã.

²³ Como teremos oportunidade de provar, não é esse o caso. As empresas e a morte dão o título aos diálogos quinto e décimo, respectivamente, mas nesses diálogos são tratados muitos outros aspectos que, na verdade, se encaixam perfeitamente no objectivo de formar um homem virtuoso. Assim, as empresas acabam por ser louvadas enquanto estímulo à virtude. Já a morte acaba por ser o tema perfeito para o fim de uma obra que tem em vista mostrar ao homem e, em especial, ao príncipe, quais os meios que lhe permitem vencer a morte terrena e alcançar a vida eterna, desejo de qualquer cristão.

longínquo, fica a intenção de estudar mais profundamente este tipo de produção, em Portugal, para se poder equacionar, com o rigor necessário, as diferentes coordenadas em que este texto se insere. Precisando ainda mais: o que fizemos foi transcrever, e simultaneamente estudar, num estado ainda inicial, a tradução portuguesa de uma obra italiana, de um autor representativo da cultura de Antigo Regime, integrando essa obra numa tradição de textos em forma de diálogo, ou se preferirmos de colóquio, perspectivando a conversa ou a conversação²⁴ como o meio mais conveniente para veicular os valores e os comportamentos que enformam a “cortesania”, entendida como a virtude emblemática do cortesão, do cavalheiro, do novo homem, representante dos novos tempos e de uma nova cultura, se bem que entre “o cortesão” de Castiglione e o “homem do mundo”, para utilizar a expressão de Carlo Ossola, existam diferenças que vão adaptando o modelo. Simplesmente a “cortesania” que os *Diálogos* de Guazzo revelam apresenta traços próprios, que se por um lado a aproximam do arquetipo que é *Il Cortigiano*²⁵, por outro a afastam dele, porque já não se trata apenas de conquistar a graça e o louvor do príncipe e dos outros cortesãos²⁶ mas de almejar a um fim mais alto e divino²⁷, no sentido em que a perfeição humana deve incorporar uma matriz de natureza espiritual e religiosa.

²⁴ As funções do diálogo e que aliás justificam o uso que lhe foi dado pelos humanistas, revalorizando uma forma discursiva de prestígio na Antiguidade Clássica, são sobretudo duas: conferir persuasão aos argumentos apresentados e permitir aos locutores adquirirem engenho, pois mostram o seu valor, põe-no à prova e fortificam-no com a troca de ideias que se gera. Guiamo-nos aqui por Manfred Hintz que, num interessante artigo, compara as estratégias retóricas usadas por Castiglione e Gracián, para mostrar que na verdade não são tão díspares como alguns críticos entendem. Analisando o papel da conversação em ambas as obras eis o que Hintz refere: “In epoca moderna la tecnica ciceroniana «in utramque partem disserere» venne riapplicata per la prima volta – in polemica con la preminenza agostiniana della rivelazione indiscutibile sul dialogo – da Leonardo Bruni nel *Ad Petrum Paulum Histrum Dialogus* del 1401. Come osserva David Marsh la teoria del dialogo attribuita in quel testo a Coluccio Salutati funge da modello per l’intera teoria umanistica del dialogo fino a Castiglione, Sperone Speroni e oltre. Bruni, o meglio il suo portavoce Salutati, attribuiscono al dialogo una doppia funzione: quella di costituire dal punto di vista cognitivo l’unica garanzia di completezza e forza persuasiva degli argomenti addotti, e quella di rappresentare per l’individuo l’unica possibilità di acuire l’ingegno. I due aspetti sono strettamente collegati perché tutti i partecipanti a questa forma di cooperazione antagonistica parlano di argomenti di loro interesse ma allo stesso tempo se ne servono per dimostrare il proprio ingegno.” (Cf. HINZ, Manfred, “Castiglione e Gracián. Due strategie per la lingua di corte”, in *Repubblica e Virtù. Pensiero politico e Monarchia Cattolica fra XVI e XVII secolo*, a cura di Chiara Continisio e Cesare Mozzarelli, Roma, Bulzoni Editore, 1995, pp. 379-380). Amedeo Quondam também chama a atenção para o mesmo na sua Introdução a *Il Cortigiano* (Cf. CASTIGLIONE, Baldassare, *Il Cortigiano*, a cura di Amedeo Quondam, Milano, Oscar Mondadori, 2002, pp. VIII e IX). V. também as considerações de José Adriano de Carvalho sobre a importância do diálogo no Renascimento, sobretudo pelo que se prende com T. Tasso (Cf. “Introdução” a Francisco Rodrigues Lobo, *Corte na Aldeia*, ob. cit., pp. 12-13.)

²⁵ Fazemos uso da classificação de Amedeo Quondam (CASTIGLIONE, Baldassare, *Il Cortigiano*, a cura di Amedeo Quondam, Milano, Oscar Mondadori, 2002, p. X).

²⁶ Quondam comenta e analisa desta forma o propósito da obra de Castiglione: “Castiglione è molto preciso: il suo libro cercherà di rispondere a una richiesta di *forma* (perciò perfetta) per quella specifica tipologia professionale (la *cortigiana*) riservata (perché funzione propria del suo stato: conveniente) al nobile (*gentiluomo*) impegnato in una corte al servizio di un principe, ma finalizzata all’acquisto (la categoria è

Naturalmente que cada uma das fases acima mencionadas colocou problemas específicos e implicou tomada de decisões, e porque o trabalho que agora se apresenta é o resultado dessas mesmas decisões, passamos a explicitá-las.

2.1. A transcrição

Relativamente à transcrição, há vários aspectos a reter e que se prendem essencialmente com os critérios adoptados. No entanto, antes de expormos esses critérios, gostaríamos de relevar alguns aspectos que têm que ver com o estado do manuscrito.

O manuscrito com o qual trabalhámos está em muito bom estado e na sua quase totalidade é perfeitamente legível²⁸. À excepção de uma dezena de páginas, em que a tinta é mais escura e em que parece ter havido uma contaminação da tinta da página oposta, criando uma espécie de sombra, ou de algumas páginas com manchas, possivelmente de água, devido à humidade, todas as outras são de fácil leitura²⁹. Este facto é tanto mais significativo se atentarmos na extensão do manuscrito – duzentos e oitenta e oito fólios numerados, o que perfaz quinhentas e setenta e seis páginas –, o que por si só é um factor a ter em conta no tempo despendido para a transcrição do texto. No entanto, se a legibilidade não entrou na equação do tempo necessário para proceder à transcrição do manuscrito, o mesmo não se pode dizer dos inúmeros rasurados que integram a mancha textual principal³⁰, uns mais nítidos do que outros, denotando claramente o exigente trabalho, que toda a tradução compreende, de procura da palavra, da expressão ou da construção mais adequada para transmitir o que o autor quis dizer, sem contudo perder de vista a estrutura e a expressividade da língua de chegada, neste caso o português. Chamamos a atenção para o facto de esses rasurados nos parecerem ter a mão do próprio tradutor, já que a caligrafia se identifica com a do texto. Há no entanto duas ou três páginas que contêm apontamentos

propriamente economica, sin dai tempi di Aristotele) della *grazia* e della *lode* da parte sia del suo signore e principe, sia di tutto il gruppo cortigiano: l'acquisto dell'*utile* e dell'*onore* personali.” (Cf. CASTIGLIONE, Baldassare, *Il Cortigiano*, a cura di Amedeo Quondam, Milano, Oscar Mondadori, 2002, p. XXVII).

²⁷ Da exposição detalhada do desenvolvimento de cada um dos temas dos diálogos facilmente chegar-se-á a essa conclusão.

²⁸ Quando se revelou de todo impossível identificar uma palavra ou expressão, casos muito raros, é certo, assinalamos essa ocorrência, indicando entre parêntesis rectos “ilegível” ou “falta” (porque é ilegível). Felizmente, tal não compromete em nada a compreensão do texto.

²⁹ Chamamos só a atenção para a falta de um fólio (nº 143) no microfilme. Não é uma “falha” significativa, simplesmente o que se verifica é que a dado momento da conversa, o locutor Luís fala duas vezes seguidas (Cf. T, pp.159-161).

³⁰ Dizemos principal por oposição à mancha de texto lateral, constituída por notas e em alguns casos (raríssimos) por apontamentos de maior fôlego, difíceis até de decifrar.

nas margens, alguns inclusivamente ilegíveis, que apresentam uma caligrafia ligeiramente diferente, o que quer dizer que esses apontamentos ou foram inseridos posteriormente à tradução, numa fase de revisão, de releitura, ou têm uma outra fonte que não o tradutor. Aliás, em algumas páginas encontramos o sinal X que julgamos ter sido inserido para indicar momentos importantes do texto ou passos a rever.

Infelizmente, não dispomos de dados que nos permitam chegar a conclusões quanto a estes últimos aspectos. Aquilo que sabemos é que há palavras, expressões e até mesmo frases que foram riscadas e substituídas por outras. Há palavras riscadas que foram substituídas por termos mais apropriados, há pronomes clíticos riscados porque mudaram de posição, há largas extensões de texto riscadas porque foram inseridas noutros lugares. De qualquer forma, o que queremos salientar é que essas partes do texto não foram esquecidas, isto é, tudo aquilo que aparece rasurado no manuscrito ou nas margens foi igualmente transcrito, tendo sido integrado dentro de parênteses rectos e rasurado, mantendo-se porém legível. Assim, o leitor tem acesso ao texto na íntegra, tomando consciência das mutações que o acto da escrita comportou.

Foi também na óptica de preservar a integridade do texto que transcrevemos as notas laterais³¹, que funcionam como marcadores, instituindo um percurso de leitura³² e facilitando a retenção de informação. Essas notas, em forma de tópicos, acompanham o desenrolar da conversa e estão, portanto, associadas a uma fala. Optámos por transcrevê-las entre parênteses curvos, no final de cada fala à qual estão associadas. Nos casos em que

³¹ Colocou-se-nos a dúvida quanto à autoria destas notas. Fazem parte do texto original ou foram introduzidas pelo tradutor? Julgamos que já se encontram no texto original, atendendo a que o manuscrito português é a tradução desse. No entanto, só um confronto com o texto primeiro de Guazzo poderia esclarecer-nos. No caso de *Il Cortigiano*, por exemplo, sabemos que essas notas não foram introduzidas pelo autor. Este passo é suficiente para provar o nosso argumento: “I diversi strumenti paratestuali che le edizioni giolitine propongono, tutti «a commodo e utile di chi legge», come scrive Dolce nella dedica a Giorgio Gradenigo, non si limitano all’ormai canonica, e qui davvero copiosa, «tavola delle cose più notabili», ma comprendono anche gli originali «argomenti per ciascun libro» (un breve sommario tematico), e soprattutto le postille al margine dello specchio di stampa della pagina, che segnalano, subito direttamente *ad locum*, i passi più rilevanti (indicizzati poi dalla tavola).” (Cf. QUONDAM, Amedeo, *Questo Povero Cortigiano*, Roma, Bulzoni, 2000, pp. 42-43)

³² Amedeo Quondam chama a atenção para a funcionalidade dessas mesmas notas no texto de *Il Cortigiano* (Cf. QUONDAM, Amedeo, *Questo Povero Cortigiano*, Torino, Bulzoni, 2000, p. 44 – “il fitto gioco delle postille al margine, che non si limitano a marcare, con efficacia visiva, i principali luoghi del testo, ma ne orientano complessivamente la lettura.”), considerando que elas formam quase que um outro texto, uma versão mais reduzida do texto principal. Eis um excerto ilustrativo: “Tanto più rilevante questo campo di paratesto marginale, se si considera la netta diversità sia formale che fisica tra testo e postilla nel corpo del libro tipografico: diffuso e compatto il testo (macrotesto primario), scorciata e discontinua la postilla (microtesto vicario e parassita). Ma proprio per questo suo statuto enunciativo e funzionale la postilla assume la funzione di rappresentare, per condensazione, il macrotesto primario: integrata, assimilata, incorporata.” (Cf. Ibidem, p. 45)

uma fala compreende várias notas, o que aliás é bastante frequente, separámos cada uma das notas por uma barra lateral³³.

Convém ter presente que estas notas abrangem quer uma simples referência objectiva, como “provérbio”³⁴, para indicar que o locutor recorreu a essa forma condensada de sabedoria para exemplificar o seu argumento (muitos, senão mesmo a maioria, são-nos familiares), quer referências equivalentes do tipo “dito” ou “juízo” e que denunciam a presença de outras vozes para além das que efectivamente estão em conversação, tornando assim, em certa medida, o discurso polifónico³⁵, ou referências que pressupõe já uma avaliação³⁶, mas abrangem igualmente destaques das dúvidas ou das definições surgidas no decurso do diálogo³⁷, definições transpostas do texto principal para a margem³⁸, anotação dos nomes de figuras históricas ou da mitologia, cujos ditos ou acções foram referenciados pelo locutor como exemplo a seguir ou não³⁹, e ainda formulações um pouco mais extensas.⁴⁰

Ainda em relação à transcrição, e antes de passarmos aos critérios, apenas uma observação: os textos de cada um dos diálogos surgem de forma contínua, estando os nomes, ou melhor, as suas abreviaturas, sinalizadas a negrito e em letras maiúsculas (tal como no manuscrito) com o intuito de se destacar o início da intervenção de cada um dos interlocutores, de maneira a facilitar a leitura.

O texto principal não vive porém só do esgrimir de argumentos entre os locutores. Como forma de fundamentarem as suas ideias e convicções, de melhor ilustrarem o que afirmam, os dialogantes não se limitam, como já foi dito, a integrar provérbios, ditos, fábulas até⁴¹, nos seus discursos. Na verdade, vão mais longe e incorporam composições

³³ Cf. T, p. 267 – “(Notas laterais – Remédio contra a ira / Símbolo de Pitágoras / Lembrança feita a Augusto / Onça amiga dos animaes)”.

³⁴ Muitas vezes indica-se a origem dos provérbios (Cf. T, p. 14 – “Provérbio espanhol”; T, p. 18 – “Provérbio grego”, “Provérbio francês”), o que atesta a erudição de que fala Sebastião de Alfaro na dedicatória (Cf. mais adiante, p. XVI).

³⁵ Cf. T, p. 67 – “(Nota lateral – Juízo de Salomão)”;

T, p. 138 – “(Nota lateral – Dito de Sócrates)”.

³⁶ Cf. T, p. 147 – “(Nota lateral – Mote prazenteiro)”;

T, p. 169 – “(Nota lateral – Exemplo faceto)”;

T, p. 313 – “(Nota lateral – Sentença notável)”;

T, p. 263 – “(Nota lateral – Exemplo ridículo)”.

³⁷ Cf. T, p. 14 – “(Nota lateral – Prudência que cousa seja)”;

T, p. 131 – “(Nota lateral – Se o maior deve honrar ao menor)”.

³⁸ Cf. T, p. 123 – “(Nota lateral – Honra prémio da virtude)”.

³⁹ Cf. T, p. 50 – “(Nota lateral – Cresco avaro)”;

T, p. 249 – “(Nota lateral – Augusto felice e miserável)”;

T, p. 268 – “(Nota lateral – Catão)”.

⁴⁰ Cf. T, p. 165 – “(Nota lateral – Os Doges venezeanos trazem a cruz na gorra)”.

⁴¹ Cf. T, p. 15 – “(Nota lateral – Fábula das rãs)”.

poéticas, algumas até bastante extensas.⁴² Esta estratégia de composição do texto funciona, a nosso ver, muito bem, por dois motivos: por um lado, confere variedade ao texto⁴³, quebrando a possível monotonia que poderia advir do facto de cada diálogo contar apenas com dois intervenientes⁴⁴; por outro, dá voz a outras figuras, nomeadamente, membros das Academias⁴⁵, algumas das quais Guazzo bem conhecia, ou poetas importantes, como Petrarca.⁴⁶ Esta é, sem dúvida, uma marca do texto, distinguindo-o, por exemplo de *Il Cortigiano*.

Ora, em relação aos provérbios, aos ditos e aos poemas, que ilustram o discurso dos locutores, decidimos colocá-los entre aspas a fim de se destacarem do restante texto.

2.1.1. Critérios de transcrição

A transcrição acabou, porém, por implicar decisões mais profundas do que aquelas acima explicitadas e que tiveram que ver com a língua usada no século XVII e com os objectivos deste trabalho.

Tratando-se de uma transcrição e não de uma edição⁴⁷, foi nossa preocupação manter uma postura conservadora relativamente ao texto em questão, sem prejuízo de procedermos a algumas alterações ao nível de uma actualização da grafia em situações em que essa actualização indicia somente mudanças decorrentes de uma simplificação ortográfica.

Assim, os critérios que nos nortearam na transcrição do texto foram os seguintes:

⁴² É o caso do poema, supostamente atribuído ao príncipe da Valáquia, e que mais não é do que um microtexto dentro do macrottexto que é aquele diálogo, o qual por sua vez integra uma estrutura mais ampla representada pelo conjunto de todos os diálogos (Cf. T, pp. 52-55).

⁴³ Estamos a pensar sobretudo numa variedade de ritmo que resulta do contraste entre a prosa e o verso.

⁴⁴ Basta pensarmos no modelo que é o *Il Cortigiano* para percebermos como o número de participantes e a sua diferença de sexo pode contribuir para o colorido e a vivacidade dos diálogos.

⁴⁵ Como um dos membros principais da Academia dos Ilustrados e pertencendo também à Academia degli Invaghiti, Stefano Guazzo deveria ter acesso a muitas das composições dos colegas. Supomos que algumas dessas se encontram plasmadas nas páginas dos *Diálogos*. Por vezes, o autor é identificado, ainda que tal identificação se faça apenas pelo nome que assumiam na Academia (Cf. “o Medidor”, “o Profeta”). Interessante é que o próprio Guazzo é referido algumas vezes no texto, sob “a capa” de o Enlevado (o seu nome na Academia dos Ilustrados), quer como autor de poemas, quer como o autor de *La Civil Conversazione* (Cf. T, pp. 213, 314, 324).

⁴⁶ Estamos em crer que quando algum dos locutores alude “ao nosso Poeta”, esse será Petrarca, enquanto representante máximo da poesia.

⁴⁷ Uma edição do texto, que só seria possível caso tivéssemos acesso a outras fontes e materiais, implicaria certamente outro tipo de escolhas, mais pensadas em função de destinatários possivelmente mais abrangentes.

- actualizar a pontuação, estando todavia cientes de que as interferências ao nível da pontuação pressupõem uma leitura crítica e por isso mesmo interpretativa do texto. Em concreto, foram eliminadas vírgulas, introduzidas outras ou então, por vezes, substituídas por dois pontos (no caso de antecederem ditos, provérbios) ou mais raramente, e na mesma situação, por travessão.
- actualizar a acentuação, o que implicou a colocação de acentos graves; optámos, no entanto, por manter o determinante artigo definido feminino *a* junto ao pronome demonstrativo *aquele/a*, não procedendo assim à contracção. Seguimos o critério da Professora Doutora Maria Lucília Gonçalves Pires⁴⁸, ao não acentuarmos a terceira pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos *ter*, *vir* e equivalentes.
- modernizar os nomes de figuras históricas, mitológicas, bem como nomes geográficos, referidos no texto (ex. Achiles > Aquiles; Eitor > Heitor; Scipião > Cipião; Vallachia > Valáquia);
- corrigir a grafia *ão* para *am* nos casos da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo, distinguindo-se da terminação *ão* usada no futuro do indicativo;
- simplificar as consoantes duplas, quando figuram entre vogais (ex. officio > ofício; fallar > falar);
- eliminar do *h* inicial ou medial sem valor fonético (ex. he > é; hum > um; deshonnar > desonrar);
- substituir a terminação *eo* por *eu* ou por *eio* (ex. ceo > céu; Deos > Deus; meo > meio);
- substituir a terminação *ea* por *eia* (ex. fea > feia; chea > cheia);
- colocar as consoantes *j* e *v*, nos casos em que eram representadas pelas vogais *i* e *u*, que tinham porém valor consonântico (ex. iustiça > justiça);
- substituir o *y* por *i* (ex. mayor > maior);

⁴⁸ Ao tempo, ou seja, no século XVII, as formas da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito eram monossilábicas. Daí não se colocar o acento circunflexo que as transforma em formas dissilábicas. Apoiámo-nos em Maria Lucília Gonçalves Pires, para decidirmos quanto a este caso concreto, como aliás para definirmos alguns outros critérios de transcrição, visto que esta estudiosa procedeu à edição de *A Primavera*, de Francisco Rodrigues Lobo, obra publicada pela primeira vez em 1601, ainda que a edição que Maria Lucília Gonçalves Pires escolheu para servir de base ao seu trabalho tenha sido a de 1619 (3ª edição). De qualquer maneira, um texto (1601) e outro (1619) são contemporâneos do manuscrito que transcrevemos (Cf. LOBO, Francisco Rodrigues, *A Primavera*, edição de Maria Lucília Gonçalves Pires, Lisboa, Vega, 2003, p. 32).

– uniformizar o uso de maiúsculas de acordo com os critérios actuais. O uso de maiúsculas tem naturalmente efeitos de ênfase no texto. Ainda assim, pareceu-nos excessivo em muitas situações. Nessa perspectiva, palavras como rei, príncipe, reino, juiz, leis, magistrado, que se encontravam em letras maiúsculas, foram grafadas com minúsculas, bem como a designação de línguas e nacionalidades. Mas, Nosso Senhor, Papa, Académico, para referir apenas algumas, foram grafadas com maiúsculas, atendo ao estatuto das entidades visadas nos dois primeiros termos e para se distinguir do uso comum da palavra, no que diz respeito ao último termo. Optámos também por grafar sempre o substantivo Letras com maiúscula, uma vez que designa uma área de estudo ampla e para não se confundir com outros usos da palavra.

Para além disso:

- Mantivemos a posição dos pronomes pessoais e dos pronomes reflexos, só colocando o hífen quando necessário (ex. parece-me > parece-me; nolo > no-lo; hade > há-de⁴⁹).
- Mantivemos as formas plurais do verbo *haver*, mesmo quando usado com o significado de *existir*.
- Procedemos à hifenização de algumas palavras seguindo os critérios da ortografia actual (ex. bemaventurados > bem-aventurados; gentil homem > gentil-homem; meio dia > meio-dia).
- As abreviaturas de *que* e *porque* deram lugar à grafia integral dessas palavras.
- Há palavras cuja grafia surge no texto de duas formas. Optámos por manter ambas. É o caso de: semelhantes / semelhantes; fruto / fructo (esta última actualizei para fruto); muy / mui.

2.2. Texto e contexto

Não faz sentido transcrever um texto sem depois o contextualizar, ou melhor, sem lhe conferir determinadas coordenadas indispensáveis à construção da sua identidade enquanto

⁴⁹ Os critérios seguidos são os que ainda estão em vigor, não contemplando assim possíveis alterações decorrentes do Novo Acordo Ortográfico.

produto artístico-cultural inscrito num tempo, numa macroestrutura de obras pelas quais inevitavelmente ele é contaminado, por identificação ou por oposição. Esta observação faz ainda mais sentido se considerarmos, como é o caso e como mais explicitamente documentaremos, que a obra de Stefano Guazzo se enquadra na designada literatura de comportamento social, um tipo de literatura que claramente projecta e se projecta na sociedade, uma literatura que veicula modelos de comportamento a serem seguidos por aqueles que querem assumir um papel de relevo na sociedade, ou que simplesmente se querem integrar favoravelmente.⁵⁰

Os dez diálogos que Guazzo elaborou apresentam tópicos de conversa recorrentes nos séculos XVI, XVII e XVIII. São, no fundo, os meios necessários para se atingir um fim, conforme tão bem o explicita Baldassare Castiglione no seu *Il Cortigiano*.⁵¹ São os meios para se formar um bom príncipe, um príncipe virtuoso e, nesse sentido, a obra comunga dessa preocupação fundamental das sociedades de Antigo Regime, que foi a “educação dos príncipes”. E é precisamente nessa dialéctica de meios e fim que iremos operar a contextualização dos *Diálogos*. A conversação, como já vimos, é o meio através do qual se atinge o fim desejado, isto é, a “cortesania”, símbolo do príncipe virtuoso, porque súplica das virtudes nele instauradas.

Contextualizar uma obra implica também estar atento às suas especificidades, até por confronto com as obras de que é mais directamente devedora. Por isso mesmo, a estrutura argumentativa dos *Diálogos*, a sua economia discursiva, a sua matriz ideológica e cultural, aspectos que, não esqueçamos, se manifestam em toda a construção da obra, por vezes até ao nível da organização externa⁵², serão analisadas, tendo sempre presente que o

⁵⁰ Basta recordar o início de *Galateo*, para se perceber o que queremos dizer (Cf. atrás, p. V).

⁵¹ Na realidade, todas as virtudes apresentadas nos Livros I e II, e que dão corpo à “cortesania” têm um fim que é claramente explicitado no Livro IV, como se depreende da citação que se segue: “«Il fine, adunque, del perfetto cortigiano, del quale insino a qui non si è parlato, estimo io che sia il guadagnarsi, per mezzo delle condizioni attribuitegli da questi signori, talmente la benevolenza e l'animo di quel principe a cui serve, che possa dirgli, e sempre gli dica, la verità di ogni cosa che a esso convenga sapere, senza timore o pericolo di dispiacerli. E conoscendo la mente di quello inclinata a fare cosa non conveniente, ardisca a contradirgli e con gentile modo valersi della grazia acquistata com le sue buone qualità, per rimuoverlo da ogni intenzione viziosa e indurlo al cammino della virtù. E così avendo il cortigiano in sé la bontà, come gli hanno attribuita questi signori, accompagnata com la prontezza d'ingegno e piacevolezza, e com la prudenza e notizia di lettere e tante altre cose, saprà in ogni propósito destramente far vedere al suo principe quanto onore e utile nasca a lui e ai suoi dalla giustizia, dalla liberalità, dalla magnanimità, dalla mansuetudine, e dalle altre virtù che si convengono a buon principe. E, per contrario, quanta infamia e danno proceda dai vizi opposti a queste.” (CASTIGLIONE, Baldassare, *Il Cortigiano*, a cura di Amedeo Quondam, Milano, Oscar Mondadori, 2002, pp. 320, 321).

⁵² Na verdade, ao expormos os critérios que presidiram à fixação do texto, em termos de apresentação gráfica, tecemos já algumas considerações que têm necessariamente que ver com a economia da obra e com a sua estrutura argumentativa.

que nos interessa é este texto, em concreto, e não outro ou outros. Melhor dizendo, o nosso propósito foi sempre o de trabalhar um texto, em concreto, sabendo naturalmente que ele não é um produto isolado. Por isso mesmo, salientámos já a sua filiação numa tradição literária. No entanto, não foi nosso objectivo fazer um cotejo entre obras⁵³, ainda que esse se possa justificar e até fazer parte deste trabalho, sempre que se entendeu necessário para melhor explicitar a natureza do texto em mãos.

Feita esta ressalva, e no seu seguimento, é preciso não esquecer que a contextualização pressupõe, e mais ainda nesta época, todos os textos que estão para além do texto, isto é, os paratextos, peças relevantes na configuração da identidade da obra. Essa necessidade, por sua vez, torna-se mais imperiosa se tivermos em conta que o manuscrito com que trabalhámos é a tradução portuguesa de um texto italiano, o que quer dizer que os paratextos nele contidos foram produzidos especificamente para a tradução portuguesa. Assim sendo, a dedicatória, a advertência ao leitor⁵⁴ e o soneto, dedicado a Sebastião de Alfaro, são textos novos e criados propositadamente para a versão portuguesa da obra de Guazzo, o que aliás se compreende porque o público-alvo é também ele específico⁵⁵. Aliás, fazendo fé nas breves palavras que Sebastião de Alfaro dirige ao leitor, assumido como entidade que representa um grupo, uma das razões que o levou a realizar esta empreitada foi o desconhecimento dos leitores portugueses da língua italiana. A tradução portuguesa está assim ancorada numa realidade própria, o que fica também comprovado pela Dedicatória.

A tradução do texto de Guazzo, que no fundo, conforme já o explicitámos⁵⁶, é também ela uma obra, é dedicada ao “duque de Torres Novas, sendeiro da casa d’Aveiro e terras do Infantado”⁵⁷, nominativos que, acreditamos nós, recaem na pessoa de D. Jorge de Lencastre, se considerarmos o ano referido no final da dedicatória, 1606, e que podemos apontar como o ano provável da eventual publicação da tradução portuguesa ou, se tudo

⁵³ Fazemos esta chamada de atenção para que fique claro que o nosso propósito não foi o de comparar por exemplo *La Civil Conversazione* e os *Dialoghi*, trabalho interessante, sem dúvida, mas que provavelmente envolveria um espectro mais amplo do que aquele consagrado por este trabalho. Nesse sentido *La Civil Conversazione* está presente neste trabalho, através de citações ou referências, atendendo à sua filiação na literatura de comportamento social e ao facto de o autor ser o mesmo do texto original italiano traduzido por Alfaro.

⁵⁴ A designação é nossa, já que, na realidade, o texto endereçado ao leitor toma por título apenas o vocativo “Ao Leitor”.

⁵⁵ O texto italiano é dedicado a Lodovico Gonzaga, duque de Nevers. Esta é uma informação relevante na medida em que se compreendem melhor as inúmeras referências feitas ao duque ao longo do texto e que passam naturalmente pelo elogio.

⁵⁶ Cf. atrás, p. II.

⁵⁷ T, p. 6.

tivesse seguido o caminho normal, a altura em que seriam, pelo menos, pedidas as Licenças que, aliás, e de acordo com o *Catalogo dos Livros que se prohibem nestes Regnos & Senhorios de Portugal* (1585), muitas vezes eram também requeridas para textos manuscritos, desde que “corressem”.⁵⁸

D. Jorge de Lencastre viveu entre 1594 e 1632, tendo sido o primeiro dos Lencastre a receber o título de duque de Torres Novas⁵⁹. Em 1606, teria doze anos, um jovem senhor, portanto. O elogio que Sebastião de Alfaro faz, logo de início, ao duque, referindo-se à “variedade dos muitos e maravilhosos dotes com que Deus Nosso Senhor ornou V. Exa.”⁶⁰, não só serve de justificação para que a obra lhe seja endereçada – “me obrigou a lhe oferecer este tratado de vária lição”⁶¹ – como denota que o tradutor/autor conhece bem o destinatário e já há algum tempo, o que reforça a nossa convicção de que esse só pode ser D. Jorge de Lencastre e não o seu antecessor homónimo na casa dos Lencastre, à data de tradução da obra já falecido e não tendo sequer o título de duque, nem o seu sucessor (D. Raimundo), à data de tradução ainda não nascido.

⁵⁸ *Catalogo dos Livros que se prohibem nestes Regnos & Senhorios de Portugal, por mandado do Illustrissimo & Reverendissimo Senhor Dom Jorge Dalmeida [...]*, Lisboa, 1585, fl 40v.

⁵⁹ Estas informações foram recolhidas em duas obras. Primeiramente, consultámos o *Diccionario histórico, chorographico, heráldico, bibliographico, numismático e artístico*, onde encontramos os seguintes dados: “Aveiro (Alvaro de Lencastre, 3º duque de) Era este fidalgo filho de D. Affonso de Lencastre, irmão do primeiro duque d’Aveiro. Seu primo, D. Jorge de Lencastre, que herdou o título de seu pae, e foi o 2º duque d’Aveiro falleceu, deixando apenas uma filha, D. Juliana de Lencastre. D. Alvaro pretendeu succeder no título, allegando ser o descendente varão mais próximo do fallecido duque D. Jorge, ao passo que D. Juliana queria ser a legitima sucessora de todos os estados e títulos da casa de seu pae. (...) El-rei D. Filipe I resolveu a questão, determinando que D. Juliana casasse com seu primo em 1588. O referido monarca concedeu em 1598 esse título de juro e herdade para todos os sucessores do ducado d’Aveiro, o de duque de Torres Novas para o primeiro filho de D. Alvaro, e o de marquez deste título de juro e herdade para os primogenitos da casa d’Aveiro (...). D Alvaro falleceu a 13 de Setembro de 1626, e a duqueza D. Juliana a 23 de Agosto de 1636 (...). Do seu consorcio houve 16 filhos (...) D. Jorge, que foi o primeiro duque de Torres Novas (...). O filho primogenito, D. Jorge de Lencastre, falleceu ainda em vida de sua mãe, e por isso não chegou a succeder na casa d’Aveiro.” (Cf. ESTEVES, João Manuel Pereira, RODRIGUES, Guilherme, *Diccionario histórico, chorographico, heráldico, biographico, bibliographico, numismático e artístico*, Lisboa, João Romano Torres - Editor, 1904-1915, pp. 868, 869). Depois confirmámos esses dados na Enciclopédia Luso-Brasileira. Passamos a transcrever a entrada referente aos duques e marqueses de Torres Novas: “Torres Novas (Duques e marqueses) Gen. Este título existiu em duas famílias: 1. Foi 1º marquês de T. N. D. João de Lencastre (...). Foi 2º marquês D. Jorge de Lencastre, 2º duque de Aveiro, que morreu na batalha de Alcácer Quibir (...). Foi 3º marquês e 1º duque D. Jorge de Lencastre (baptizado a 13.4.1594 – 7.9.1632), filho dos 3º duques de Aveiro. Casou duas vezes: a primeira, com D. Ana Dória Colona (m. 1620) (...), sem geração; a segunda com D. Ana Manrique (...). Foi 4º marquês e 2º duque D. Raimundo de Lencastre (...)” (Cf. *Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura* – Edição Século XXI, nº 28, Lisboa/São Paulo, Editorial Verbo, 2003).

Do exposto, e sobretudo pelas datas, concluímos que o “duque de Torres Novas, sendeiro da casa d’Aveiro” só pode ser D. Jorge de Lencastre e que esse D. Jorge é o segundo que na família teve esse nome e não o primeiro, que morreu em Alcácer Quibir, pelo que não estava vivo em 1606.

⁶⁰ Cf. T, p. 6.

⁶¹ Ibidem.

Ao destinatário da obra é feito depois um apelo para que a receba com “aquela humanidade com que os príncipes e reis destes reinos, seus progenitores, aceitaram os serviços (...) de seus vassalos”⁶², colocando-se assim Alfaro numa posição de submissão e de reverência relativamente a D. Jorge de Lencastre, na esperança de que com o seu “emparo” a obra possa “sair à luz seguramente”⁶³. Mero exercício de manifestação de *humilitas* e de *captatio benevolentia* a integrar nas “redes clientelares” que em muito explicam, por vezes, dedicatórias e estratégias de publicação.

De realçar ainda neste paratexto, a classificação que o próprio Alfaro atribui à obra traduzida. Refere-se a esta como um “tratado de vária lição”, recordando de algum modo títulos em voga como a *Silva de Varia Leccion* (1540), de Pedro Mejía (1499? - 1551), também ele autor de uns “diálogos” (1547), expressão que denota, por um lado, a natureza pedagógica da obra e por outro, a riqueza de conteúdo, funcionando igualmente como mais um indicativo da tipologia literária na qual este texto se inscreve.

Por fim, a data inscrita no final – “De Lisboa, a 2 de Março de 1606”⁶⁴ – dá-nos a conhecer, aproximadamente, o *terminus* do trabalho de tradução.⁶⁵

À dedicatória segue-se um brevíssimo texto, na realidade duas frases apenas, encimado pela expressão “Ao Leitor”⁶⁶. Alfaro dirige-se agora ao Leitor específico da sua obra (que é a tradução), razão de ser da mesma. Esta advertência ao leitor centra-se numa perspectiva do prazer, do proveito que pode advir da leitura desta obra.

Vejamos:

*Lendo em algũas horas ociosas os Diálogos, de Stephano Guazzo, compostos na língua italiana, por terem vária história e erudição, me pareceu bem traduzi-los na portuguesa para gozarem deles os que não sabem a italiana. Contentando haverei o trabalho por bem empregado.*⁶⁷

O sublinhado é nosso e serve para mostrar como num texto tão curto, encontramos mais uma classificação da obra, muito próxima da que constava na dedicatória, reforçando-se a ideia de que esta é uma obra útil porque tem “vária história e erudição”, afirmação que, de novo, evoca a natureza do tratado de Mejía, mas é também uma obra proveitosa

⁶² Ibidem.

⁶³ Ibidem.

⁶⁴ Ibidem.

⁶⁵ Esta data pode não corresponder exactamente ao *terminus* do trabalho de tradução, mas é seguramente uma indicação a ser tida em conta, ainda que com margem para alguma flexibilidade.

⁶⁶ T, p. 7.

⁶⁷ Ibidem.

porque pode, à semelhança do que fez o tradutor, ser lida nas horas ociosas, isto é, nas horas de conversação, podendo as pessoas retirarem da sua leitura prazer, satisfação (daí o uso do verbo “gozar”)⁶⁸. A máxima *prodesse ac delectare* emerge como pano de fundo, ao mesmo tempo que se procura captar a benevolência do público, agora num sentido mais vasto.

Podemos pois concluir que Sebastião de Alfaro traduziu estes *Diálogos* não só para que os leitores portugueses, que não sabem italiano, pudessem ler esta obra, mas também e sobretudo, porque essa mesma obra é proveitosa visto que está impregnada de história e de erudição, podendo servir-lhes de muito ensinamento.

Por fim, e ainda referente aos paratextos, encontramos um soneto, composto por Diogo Fernandes Ferreira, dedicado ao obreiro da tradução, apelidado, como já mencionámos, de autor⁶⁹. A natureza desta composição poética é encomiástica, sendo o autor da tradução louvado nos seguintes termos: “famoso Alfaro lusitano”⁷⁰, “sábio e nobre/ de sangue, de saber divino e humano”⁷¹, “mais rico que Crespo”⁷². É também elogiado o seu trabalho, que no fundo consistiu em “lavar” e “polir” a obra de Stefano Guazzo, tornando-a assim clara, formosa, rutilante e elegante, para usar os adjectivos de que se serviu Diogo Fernandes. Há ainda espaço para jogos de palavras que denunciam um estilo barroco, de que é exemplo a segunda quadra: “Assim Estêvão, tu lá do Levante / De toscano vieste a nós vestido / E agora por Alfaro traduzido / Não ficas tosco já, mas elegante”⁷³.

Relativamente ao poeta, sabe-se que foi criado em casa D. António Prior do Crato, tendo sido seu pajem. Terá nascido por volta de 1546 e ainda vivia em 1616, ano em que publicou *Arte da Caça da Altanería*⁷⁴, única obra mencionada no *Dicionário*, de Inocêncio.

Neste momento, estamos pois em condições de poder analisar o manuscrito, tendo presente o louvável trabalho de Sebastião de Alfaro, em favor dos leitores portugueses, as potencialidades deste “tratado de vária lição” e as horas ociosas em que ele pode ser

⁶⁸ Os próprios locutores, como termos oportunidade de constatar, referem-se muitas vezes às suas conversas como úteis, proveitosas e agradáveis.

⁶⁹ Cf. T, p. 8 “Diogo Fernandes Ferreira / Ao Autor / Soneto”.

⁷⁰ Ibidem.

⁷¹ Ibidem.

⁷² Ibidem.

⁷³ Ibidem.

⁷⁴ Cf. SILVA, Inocêncio Francisco da, *Dicionário Bibliográfico Português*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, rep. 1972, p. 158.

empregado à semelhança das horas ociosas que os diferentes protagonistas dos dez diálogos passaram na conversação de temas repletos de erudição.

3. Entre a “cortesania”, a “conversação” e a “arte de reinar”

Chegamos à segunda fase do trabalho, isto é, à contextualização de que falávamos nas páginas anteriores e que urge ser feita, sob pena de o texto transcrito não ser entendido e interpretado.

Nas Considerações prévias fizemos já um levantamento dos temas tratados em cada um dos diálogos, porém esse levantamento foi apresentado de uma forma muito esquemática, sendo por isso necessário desenvolver o que primeiramente figurou como esquema, de maneira a que a riqueza do texto, a “vária lição” a que Sebastião de Alfaro faz referência, não seja entendida como um mero tópico, mas passe a realidade efectiva, porque emergente no texto. Por outro lado, uma exposição mais detalhada dos assuntos discutidos em cada um dos diálogos permitir-nos-á inseri-los, agora com fundamento, no contexto mais amplo dos textos de instituição e de formação de um novo modelo cultural masculino e feminino⁷⁵, que marca o início da idade moderna e que tem repercussões muito para além do século XVI⁷⁶, para além de nos permitir mostrar como esses mesmos assuntos estão profundamente interligados, fazendo de uma sequência de diálogos

⁷⁵ Embora o foco seja principalmente o homem, a mulher não deixa de receber também preceitos, até porque toda a estrutura da sociedade assentava na honra feminina. Para além disso, e como também é observado em *Il Cortigiano*, a verdadeira corte tem de incluir mulheres e o verdadeiro cortesão deve saber como se comportar diante delas.

⁷⁶ Citamos o fim da Introdução de Amedeo Quondam a *Il Cortigiano*, não só para atestar a fonte do que acabamos de dizer, mas porque julgamos que esse final é prova do entusiasmo e da convicção com que Amedeo Quondam “defende” *questo povero Cortegiano*, para usarmos uma expressão de Castiglione e que o próprio Quondam aplica. Eis então o final da introdução: “Architesto della variegata e diffusa galassia dei nuovi libri d’institutio nelle moderne lingue d’Europa, *Il Cortigiano* insegna al gentiluomo come diventare arcieri che miri alla perfezione della forma del vivere e gli affida un lascito che mai più verrà meno lungo i secoli del Classicismo di Antico regime: la nobiltà non si risolve nel mestiere delle armi e nelle attività connesse (...), ma trova il suo «supremo ornamento» in una lunga serie di nuove competenze assolutamente inderogabili. E se il gentiluomo saprà per secoli praticare attivamente le lettere, le arti, la musica, se diventerà anzi il protagonista dell’esplosione del mercato del bello, questo è un riscontro tutt’altro che parziale dell’efficacia del messaggio che Castiglione affida al suo libro e che resta valido nel suo nucleo genetico anche quando il gentil uomo cortigiano si chiamerà *honnête homme* o *gentleman*: «The Graces, the Graces! Remember the Graces!» ricorderà insistentemente Lord Chesterfield al figlio, nelle lettere di *institutio* che gli scrive a metà Settecento. *Il Cortigiano*: un libro, solo un libro, protagonista della nascita della modernità europea.” (Cf. CASTIGLIONE, Baldassare, *Il Cortigiano*, a cura di Amedeo Quondam, Torino, Óscar Mondadori, 2002, p. XCIX)

aparentemente desconexos um todo coeso. Antes, porém, de nos lançarmos nessa exposição detalhada, é conveniente conhecer quem dá voz aos discursos.

3.1. As personagens

Os protagonistas dos diálogos têm a particularidade de serem todos do sexo masculino e de serem apenas identificados pelo primeiro nome, à exceção de Luís de Nevers, o Cavaleiro Guazzo, Francisco Pugiella, Carlo Cacherano e Gerardo Borgogni. De um total de nove intervenientes⁷⁷, cinco são identificados pelo nome e apelido⁷⁸. Mas, mesmo neste grupo de cinco há distinções a serem feitas.

O locutor Luís participa nos diálogos primeiro, terceiro, sétimo, oitavo, nono e décimo. No primeiro, é apenas designado pelo nome próprio⁷⁹, no terceiro o seu apelido – de Nevers – aparece rasurado e nos restantes o seu primeiro nome vem substituir o de Lodovico⁸⁰. O Cavaleiro Guazzo figura apenas no diálogo segundo e dele não sabemos o nome próprio, tão-só o apelido que, neste caso, é mais relevante, atendendo a que é o mesmo do autor do texto italiano. Francisco Pugiella intervém nos diálogos segundo, quarto e nono, sendo que no diálogo segundo é identificado pelo nome e apelido e nos outros dois apenas pelo nome próprio (no diálogo quarto o apelido consta, mas está rasurado). Carlo Cacherano participa no diálogo terceiro, em que é identificado pelo nome e pelo apelido, que está rasurado, e no diálogo sexto, em que é identificado pelo nome.

⁷⁷ Supomos que os locutores, quando são designados pelo mesmo primeiro nome são os mesmos.

⁷⁸ Eis o que conseguimos apurar, por meio do que no texto é explicitado, sobre cada uma destas personagens históricas. De Luís de Nevers, sabemos a que família pertence (Cf. T, p. 9), até pelo próprio apelido, e sabemos também que Stefano Guazzo é seu sobrinho (Cf. T, p. 315 – “porque o Enlevado, vosso amantíssimo sobrinho”). O Cavaleiro Guazzo é Guglielmo Guazzo, irmão do autor, e já protagonista na *Civil Conversazione*. Quem o afirma é Amedeo Quondam na Nota Biobibliográfica que integra a edição deste estudioso de *La Civil Conversazione*: “Stefano è il primogenito; degli altri solo Guglielmo è noto, grazie proprio alle opere del fratello maggiore (è interlocutore della *Civil Conversazione* e di uno dei *Dialoghi piacevoli*).” (Cf. QUONDAM, Amedeo, “Nota Biobibliográfica”, in GUAZZO, Stefano, *La Civil Conversazione*, Torino, Franco Cosimo Panini, 1993, p. 63). Francisco Pugiella é um humanista. De Carlo Cacherano sabemos que é juiz (Cf. T, p. 64) e serviu o duque de Sabóia (Cf. T, p. 75). Gerardo Borgogni é citado no diálogo sétimo como contemporâneo do pintor Ambrósio Figino (Cf. T, p. 136 – “pelo que disse mui bem o senhor Gerardo Borgogni escrevendo a Figino”).

⁷⁹ Houve porém um esquecimento da parte do tradutor. No diálogo primeiro, a certa altura, George dirige-se a Luís, nestes termos: “Não queria, senhor Lodovico, que de todo...”. Uma substituição que escapou ao tradutor (Cf. T, p. 22).

⁸⁰ No entanto, seria útil perceber por que razão os apelidos estão rasurados e por que razão aparecem no início de alguns diálogos e em outros não, sem que contudo o apelido apareça forçosamente no diálogo em que figuram pela primeira vez.

Gerardo Borgogni protagoniza apenas o diálogo quarto e o seu apelido consta, mas rasurado.

Os restantes participantes – George, César, Aníbal⁸¹ e Giacome – são sempre designados apenas pelo nome próprio, não sendo assim possível saber exactamente de quem se trata.

Para tornar mais clara a participação de cada um dos locutores, eis um esquema:

- Diálogo primeiro – George e Luís;
- Diálogo segundo – Cavaleiro Guazzo e Francisco Pugiella;
- Diálogo terceiro – Carlo [~~Cacherano~~] e [~~Lodovico~~] Luís [~~de Nevers~~];
- Diálogo quarto – Gerardo [~~Borgogni~~] e Francisco [~~Pugiella~~];
- Diálogo quinto – César e Aníbal;
- Diálogo sexto – César e Carlo;
- Diálogo sétimo – Luís [~~Lodovico~~] e Aníbal;
- Diálogo oitavo – Aníbal e [~~Lodovico~~] Luís;
- Diálogo nono – [~~Lodovico~~] Luís e Francisco;
- Diálogo décimo – Luís [~~Lodovico~~] e Giacome.

Facilmente se depreende que a participação destas figuras masculinas não é equitativa. Se há quem tenha marcado presença apenas num único diálogo (George, o Cavaleiro Guazzo, Gerardo e Giacome), há quem tenha tido voz activa em dois (César, em dois diálogos seguidos, e Carlo), em três (Francisco e Aníbal, dois deles seguidos) e até em seis (Luís). O orador mais vezes escolhido foi portanto Luís de Nevers.

Apercebemo-nos também de que, e essa é outra particularidade, todos os diálogos são travados apenas entre dois locutores, sem que contudo tal implique um tom de disputa como o que por vezes se regista em *Il Cortigiano*. Na verdade, nestes diálogos o tom é sempre muito ameno, mesmo que os locutores não estejam sempre de acordo. Aliás, convenhamos que diálogos desta natureza só fazem sentido se as partes envolvidas

⁸¹ No caso de Aníbal sabemos que é irmão de Octavio Magnocavalli, porque em um dado momento da conversa (Diálogo sétimo), Luís diz o seguinte a Aníbal: “e com razão de espantar como de um privilégio do Céu do senhor Octavio Magnocavalli, vosso irmão” (Cf. T, p. 133). A partir daí podemos identificá-lo como uma das pessoas que fazia parte do círculo de relações de Stefano Guazzo (Cf. QUONDAM, Amedeo, “Nota Biobibliografica”, in GUAZZO, Stefano, *La Civil Conversazione*, p. LXV – “Venticinque anni dopo le *Lettere volgari di diversi gentiluomini del Monferrato*, Casale non basta più: restano solo i rapporti più importanti (Giovanni Cane e il cavalier Bottazzo, Annibale Magnocavalli e il Cavaliere suo fratello...)”).

expressarem opiniões diferentes, visões contrárias, que se podem até complementar e que acabam por enriquecer muito mais a discussão.⁸²

3.2. Temas e problemas

Tal como a distribuição das falas não é equilibrada, uma vez que uns participam num maior número de diálogos do que outros, também a distribuição dos temas tratados o não é, ou seja, há diálogos consideravelmente mais extensos do que outros⁸³ e há temas abordados de uma forma mais intensa do que outros. No entanto, arriscaríamos dizer que tal distribuição não tem que ver com o grau de importância atribuído ao tema propriamente dito, mas deve-se apenas ao facto de um tema se poder revelar mais abrangente do que outro, na rede de sentidos que ele convoca. Por isso mesmo, ao apresentarmos, de seguida, a progressão temática evidenciada em cada um dos diálogos e entre todos eles, procuraremos ilustrar as ramificações que determinados assuntos originaram, provando dessa maneira por que é que o seu tratamento se reflectiu num maior número de páginas.

Será também nossa intenção mostrar como cada um dos diálogos, enquanto conversação amena, contribui para formar o perfeito príncipe, o “uomo di mondo”, indicando-lhe que virtudes, que qualidades deve ter e que vícios deve evitar, tendo sempre em vista a cortesia, virtude máxima, súplica de todas as outras e que lhe permite colocar-se ao serviço do rei ou do príncipe e em última instância ao serviço de Deus e da sua glória.

As virtudes e as qualidades mais não são do que os meios de que o homem dispõe para bem viver e só vivendo bem é que ele pode morrer bem, e assim esperar alcançar a graça de Deus e a imortalidade celestial, de longe, mais importante que a terrestre. Esta é a

⁸² Os próprios dialogantes têm noção disso e chegam mesmo a expressar essa vantagem inerente ao diálogo e à conversa. No diálogo sétimo, Aníbal, a propósito das intervenções de Luís afirma, a certa altura: “Muito me apraz que me ponhaes estes engenhosos contrastes, não porque veja nacer em vós nem em my estes efeitos que dizeis, mas porque com modéstia me fazeis lembrar que porventura me atribuo muito a my razoando convosco (...).” (Cf. T, p. 156)

⁸³ Para ilustrar o que acabamos de dizer, basta referir que o diálogo mais extenso (setenta e oito páginas) é o sétimo, cujo ponto de partida, que dá origem ao próprio título, é a honra, seguido do diálogo décimo (quarenta e sete páginas), intitulado “Da morte”, seguido, por sua vez, dos diálogos oitavo e nono (ambos com trinta e nove páginas), e que tratam respectivamente da honra das mulheres e do conhecimento de si mesmo. Os restantes diálogos têm entre onze páginas (“Diálogo sexto – Da semelhança das armas e das letras”) e trinta páginas (“Diálogo segundo – Do príncipe da Valáquia Maior”). Não nos parece portanto que a extensão do diálogo traduza necessariamente a importância do tema, embora reconheçamos que a honra universal é uma questão crucial na sociedade da altura e que por isso mesmo tem inúmeras ramificações, como de resto iremos ilustrar.

conclusão da obra⁸⁴, e necessariamente, de tudo o que foi apresentado em cada um dos diálogos, tornando-se assim evidente a finalidade moral de que estes *Diálogos* se revestem.

Mas, para que possamos chegar a essa conclusão de uma forma mais convicta e mais consistente, vamos fazer o percurso contrário, isto é, vamos ver o que é que foi tratado em cada um dos diálogos. De notar apenas que não é estabelecido nenhum cenário prévio, nenhum enquadramento para os diálogos. Cada um deles se inicia com a fala de um dos intervenientes.⁸⁵

No diálogo primeiro, George e Luís, enquanto aguardam a chegada do rei Henrique III de França a Vercilli e, para se aliviarem “do enfadame”, decidem “declarar algum conceito”⁸⁶ sobre aquela que consideram ser uma das virtudes necessárias aos príncipes para bem reger o império, ou a “grão besta”, como lhe chamou Tibério, a saber, a prudência⁸⁷.

“Rainha das virtudes”⁸⁸, “legítima esposa e rainha” do rei⁸⁹, “a mais excelente das virtudes”⁹⁰, só a prudência permite ao homem discernir o bem e o mal, entender o presente e o futuro, encontrar o equilíbrio entre o engano e a malícia e a zombaria e a burrice, ou seja, só a prudência ajuda o homem, e em particular o rei e o príncipe, a encontrar o “meio virtuoso”⁹¹ e por ele se orientar.⁹²

⁸⁴ Nessa medida, o diálogo décimo fecha a obra, não só porque é o último, mas acima de tudo porque ao ser nele debatida a questão da morte, tudo o que anteriormente foi explicitado ganha um novo sentido e uma nova perspectiva. O diálogo décimo confere, por isso mesmo unidade e coerência à obra.

⁸⁵ Em alguns diálogos são dadas coordenadas temporais que permitem concluir que há uma continuidade.

⁸⁶ Cf. T, p. 10.

⁸⁷ Ibidem.

⁸⁸ Cf. T, p. 16.

⁸⁹ Cf. T, p. 14.

⁹⁰ Cf. T, p. 19.

⁹¹ O meio-termo, o equilíbrio, é um dos preceitos continuamente vinculados em *Il Cortigiano* e que se aplica a todo o comportamento e acção. Também nestes *Diálogos* iremos ver como o ideal do equilíbrio está sempre subjacente.

⁹² É muito significativo que o primeiro diálogo seja consagrado à virtude, que pode ser considerada como a principal de entre todas as que o príncipe deve possuir. Na verdade, a prudência, descrita nos termos acima apresentados é, como notou Chiara Continisio, claramente a prudência aristotélica e nesse sentido o prudente, porque consegue discernir o bem do mal e posicionar-se no meio de dois extremos, é genuinamente virtuoso, em sentido moral, podendo para além disso escolher os meios mais oportunos para atingir um fim que é sempre honesto, porque decorre da já referida capacidade de discernimento. A fazer prova do que acabamos de dizer, eis o raciocínio de Chiara Continisio relativamente à interpretação da prudência aristotélica: “La prudenza risulta infine virtù intellettuale e sapere pratico insieme: in quanto virtù dianoetica, dà alle virtù morali la loro giusta natura, la medietà fra due estremi opposti fra loro e ambedue sproporzionati, il che in ultima analisi significa che il prudente è anche genuinamente moralmente virtuoso; in quanto sapere pratico, garantisce il raggiungimento della verità pratica, vale a dire è in grado non solo di scegliere i mezzi più opportuni per il raggiungimento di qualsiasi scopo prefissato, ma anche di scegliere fini sempre onesti.” (Cf.

Assim, e porque neste diálogo se fala do que é “útil e necessário”⁹³ ao príncipe para bem reinar, a prudência figura como uma das virtudes mais necessárias ao príncipe porque, entre muitos outros efeitos apontados, o ensina a conhecer-se a si mesmo e a reger-se, bem como a escolher bons ministros e conselheiros. O conhecimento de si mesmo e a eleição dos magistrados, temas dos diálogos nono e quarto, respectivamente, estão aqui já em indiciados. Uma prova concreta daquilo que já afirmámos: os diálogos, ainda que unidades individuais, estão interligados, favorecendo nesse sentido uma progressão ao nível temático.

É também interessante ver como a prudência é perspectivada e elogiada como meio de ascender à glória celestial⁹⁴, fim último de todas as virtudes humanas e da própria vida na terra, numa clara ligação ao final da obra. George fala mesmo em prudência cristã, aquela que leva o príncipe a pedir ajuda e graça a Deus para manter os povos na fé católica e pôr cobro às heresias, reconhecendo que o seu reino lhe foi dado por Deus e que portanto deve ser-lhe devoto, para que os súbditos sigam o seu exemplo⁹⁵.

Definida a virtude da prudência, coloca-se a questão de saber como é que ela pode ser adquirida e é aqui que entra em jogo o segundo elemento do título. Na verdade, o diálogo primeiro tem como título completo⁹⁶ “Da prudência do rei junta com as Letras”, o que quer dizer que as Letras, as ciências, ou se preferirmos, o estudo, a doutrina são, numa segunda parte do diálogo, equacionados como meio necessário para alcançar a prudência. Dizemos “equacionados” porque as opiniões inicialmente se dividem. George considera que a ciência e a doutrina são necessárias para se alcançar a prudência, ao passo que Luís defende que “os príncipes, [pela] por sua delicada natureza, pela falta de tempo e pela inquietação” que têm “não podem nem devem, nem tem necessidade de empregar as horas no estudo das Letras e em contemplar e filosofar”⁹⁷, aduzindo como argumentos o facto de

CONTINISIO, Chiara, “Il re prudente. Saggio sulle virtù politiche e sul cosmo culturale dell’Antico regime” in *Repubblica e Virtù. Pensiero politico e Monarchia Cattolica fra XVI e XVII secolo*, a cura di Chiara Continisio e Cesare Mozzarelli, Roma, Bulzoni Editore, 1995, p. 320). Ora, se à prudência se aliar a religião, alcança-se o modelo perfeito de príncipe virtuoso, que mais não é do que o fruto que se pretende colher destes diálogos (Cf. Ibidem, p. 327 – “Così, la prudenza e la religione si presentano come le garanti del modello del principe virtuoso”). Assim, podemos dizer que o diálogo primeiro encabeça toda a obra, não só porque é o primeiro, mas porque o tema nele tratado assim o exige, dando-se assim o devido destaque à prudência.

⁹³ Cf. T, p. 12.

⁹⁴ Cf. T, 16

⁹⁵ Cf. Nota 85.

⁹⁶ O leitor só tem conhecimento deste título quando começa a ler a obra, o que quer dizer que essa formulação do título do diálogo primeiro não é a que consta da folha de rosto. No rosto, apenas é mencionada a prudência (Cf. atrás, p. II).

⁹⁷ Cf. T, p. 20.

nenhum príncipe, nem nenhum homem, poder reunir em si todas as ciências⁹⁸ e de a própria distribuição das graças, feita por Deus, ser diversa, para concluir que “onde há muita doutrina comumente se acha pouca ou nada daquela prudência”⁹⁹. No entanto, George, para quem as Letras são o “verdadeiro ornamento do ânimo”, devendo o príncipe procurar possuí-las “juntamente com as outras virtudes”¹⁰⁰, seguindo Afonso de Aragão¹⁰¹ e Salomão¹⁰², consegue mostrar a Luís que não são as Letras que são prejudiciais, mas antes alguns letrados, e por isso alerta para que a ciência seja sempre¹⁰³ obtida para proveito próprio e dos outros e por honra de Deus, a fim de se saber melhor e não apenas mais. Para além disso, George evidencia como a partir da Sagrada Escritura, da História, da Retórica, da Filosofia pode o príncipe retirar inúmeros proveitos que se reflectirão no seu governo e até no manejo das armas, sua ocupação central.¹⁰⁴

O valor das Letras é também realçado por causa do contributo dos letrados para o bom nome do príncipe e para a sua imortalidade. Daí que os reis e os príncipes devam estimar e proteger os homens de letras, como fez Francisco I, rei de França.¹⁰⁵

Mas, se a teoria é importante para a “perfeição da prudência”, a prática não o é menos. Por prática, entendemos o uso, a acção, considerando-se, por exemplo, que ouvir os súbditos e os conselheiros são acções concretas que permitem ao príncipe afirmar-se não só como douto, porque conhecedor das pessoas e dos seus problemas, mas igualmente prudente, porque é bem aconselhado¹⁰⁶. Como exemplo de um bom conselheiro é apontado Lodovico Gonzaga, cujo retrato é aqui delineado de forma minuciosa¹⁰⁷, ressaltando-se as suas várias virtudes.¹⁰⁸

“Douta prudência” e “prudente doutrina”¹⁰⁹ é então o que convém ao príncipe para reger a “grão besta” e, na execução dessa árdua tarefa, poderá encontrar auxílio nos bons conselheiros. A importância da escolha dos homens de estado, chamemos-lhes assim, bem

⁹⁸ Cf. T, p. 20.

⁹⁹ Cf. T, p. 21.

¹⁰⁰ Cf. T, p. 19.

¹⁰¹ Cf. T, p. 22.

¹⁰² Cf. T, p. 23.

Fica assim provado, e logo desde o primeiro diálogo, como a instrução dos príncipes, e a que é veiculada nestes *Diálogos* não é excepção, é em parte uma instrução por modelos, sejam eles mais antigos ou recentes.

¹⁰³ Cf. T, p. 24.

¹⁰⁴ Cf. T, p. 22.

¹⁰⁵ Cf. T, p. 25.

¹⁰⁶ Cf. T, p. 27 e 28.

¹⁰⁷ Recordamos que o autor, Stefano Guazzo, esteve ao serviço de Lodovico Gonzaga em França durante sete anos (Cf. atrás, p. II).

¹⁰⁸ Cf. pp. 29 e 30.

¹⁰⁹ Cf. T, p. 26.

como das suas funções, são aliás os temas dos diálogos terceiro e quarto que, após um interregno, necessário para descrever o príncipe da Valáquia Maior (diálogo segundo), vêm na sequência deste diálogo primeiro.

Centremo-nos então no diálogo segundo que é motivado pela suposta partida de Francisco Pugiella para a corte do príncipe da Valáquia. Tendo tido conhecimento desta notícia, o Cavaleiro Guazzo quer saber qual a causa que moveu Pugiella a pôr-se ao serviço desse príncipe e Pugiella indica não uma, mas três causas: “os oferecimentos honrados” que o príncipe lhe fez, o facto de já ter acompanhado o príncipe na tempestade e de agora o acompanhar na prosperidade e por último, mas não menos importante, o facto de esse príncipe se apresentar aos seus olhos como virtuoso¹¹⁰. E esse será precisamente o ponto de partida para uma reflexão sobre o que se entende por virtude e em que é que ela consiste.

Entramos aqui na dialéctica de opostos, uma vez que a virtude, tal como já fora definida em *Il Cortigiano*¹¹¹, é apresentada como o contrário do vício. Diz Francisco: “a virtude não é outra cousa que desterro do vício”¹¹², correspondendo essa definição a um primeiro grau, já que num segundo grau a virtude é definida segundo o preceito: “Declina do mal e faz o bem.” Posto isto, Pugiella pode então especificar porque é que o príncipe da Valáquia é virtuoso.

Eis o elenco das suas virtudes, que servem assim de exemplo a outros príncipes e a todos os homens:

- fortaleza, ou a capacidade de sofrer as dificuldades postas pela fortuna. A propósito desta virtude, mostra-se como as dificuldades tornam o homem mais forte e glorioso¹¹³ e, mais importante, o assemelham a Deus.

- capacidade de perdoar, que mais não é do que um sinal de bondade, e relativamente a esta virtude Francisco especifica que não se trata de perdoar indiscriminadamente, antes de castigar com clemência as injúrias a Deus e à república, perdoadando só as que sejam feitas à pessoa do príncipe¹¹⁴.

¹¹⁰ Cf. T, p. 33.

¹¹¹ Apenas duas breves citações de *Il Cortigiano* comprovam o que dissemos: “I quali [refere-se aos vícios] sempre sono dannosi, dispiacevoli e accompagnati dalla infamia e biasimo, così come le virtù sono utili, gioconde e piene di lode.”; “«Però la virtù si può quasi dire una prudenza e un saper eleggere il bene, e il vizio una imprudenza e ignoranza che induce a giudicare falsamente (...)»” (Cf. CASTIGLIONE, Baldassare, *Il Cortigiano*, a cura di Amedeo Quondam, Milano, Oscar Mondadori, 2002, p. 325 e p. 330)

¹¹² Cf. T, p. 37

¹¹³ Cf. T, p. 38.

¹¹⁴ Cf. T, 41.

- temperança, que se manifesta no seu “viver discreto e temperado”, na sua contenção “entre a extenuação e a gula” e no beber¹¹⁵; somos novamente confrontados com o preceito do meio-termo, do equilíbrio, assumindo-se que o meio é reservado a Deus¹¹⁶.

- afabilidade, virtude singular e mais difícil de encontrar nos príncipes e que se reflecte na capacidade de mostrar “ua áspera doçura e ua doce aspereza”¹¹⁷, isto é, de mostrar a sua dignidade sem ser demasiado rígido; mais uma vez, o importante é “não cair nos extremos de ua cousa nem de outra”. O símbolo para este comportamento é o elefante e o oposto desta virtude é a ferocidade e a soberba, vícios que se revelam de diferentes formas¹¹⁸.

- liberalidade, que acompanha a afabilidade, e à qual está também associada a benignidade. Pugiella refere vários episódios que comprovam como essa liberalidade é verdadeira e natural no príncipe da Valáquia¹¹⁹ e esclarece a dúvida de Guazzo – se os príncipes devem fazer bem aos maus. A conclusão é que “não há virtude que mais o honre e engrandeça que a liberalidade”, devendo por isso ser aplicada a todos, porque o que se pretende com a liberalidade é a fidelidade, quer de bons quer de maus¹²⁰ e porque a verdadeira liberalidade é a que “procede da natural grandeza de ânimo e se mostra para com todos e em todas as acções.”¹²¹

- devoção a Deus, “selo de todas as outras virtudes”¹²² e que no caso do príncipe da Valáquia se manifesta em público, mas ainda mais interiormente e em privado. Como testemunho da devoção do príncipe, Pugiella cita um capítulo que ele compôs e enviou da corte de França, quando tinha vinte e dois anos. Texto dentro do texto, esse capítulo, ou melhor, esse poema, é um hino de louvor a Deus, de reconhecimento de que tudo vem Dele.¹²³ Daí que o príncipe da Valáquia se coloque à disposição de Deus, esperando assim alcançar o Céu. Mas, este poema é também relevante porque lança uma outra questão para a conversa: a poesia é ou não conveniente a um príncipe? Francisco Pugiella considera que sim e dá como exemplos Júlio César, Augusto, Carlos Magno, todos grandes príncipes e

¹¹⁵ A propósito do beber são referidos casos de bêbados, uns mais conhecidos do que outros, mostrando-se os efeitos negativos do muito beber, ainda que o vinho quando ingerido temperadamente tenha as suas virtudes. Cf. T, p. 43.

¹¹⁶ Cf. T, p. 43.

¹¹⁷ Cf. T, p. 45.

¹¹⁸ Por exemplo, no uso dos títulos (T, p. 46), nas obras (T, p. 46).

¹¹⁹ Cf. pp. 47 e 48.

¹²⁰ Cf. T, p. 49.

¹²¹ Cf. T, p. 51.

¹²² Cf. T, p. 51.

¹²³ Cf. T, pp. 52-55.

grandes poetas. Porém, propõe algumas alterações de paradigma: em vez de Apolo e das musas, o príncipe-poeta cristão deve apelar ao Espírito Santo para que o encha de furor; em vez de cantigas vãs e romances lascivos e profanos, deve escrever hinos e salmos em louvor de Deus, em benefício dos homens e em sua perpétua honra¹²⁴. É a religião como garante da virtude.¹²⁵ Mas, estas “substituições” não impedem os príncipes de poderem ignorar a poesia, desde que então honrem os poetas.¹²⁶

- memória - tesouro, fruto da natureza liberal do príncipe. Guazzo questiona novamente Pugiella: como é que se pode emendar o defeito que é não ter memória ou ter fraca memória e o que é que pode ajudar a conservar a memória e a melhorá-la.¹²⁷ A memória é definida como “a madre das musas e tesouro de todas as ciências” e esta faculdade consiste em aprender algo facilmente e em reter por muito tempo o que se aprendeu. Assim, para conservar a memória, para além de se aconselhar a tomar notas, aconselha-se a aprender muitas coisas com os olhos e com as orelhas, a “ler bons livros e praticar com homens doutos”, a ensinar o que se aprendeu aos outros e a comunicar com eles. Do que ficou dito, constatamos que a conversação, se outro mérito não tiver, tem pelo menos o de estimular a memória, uma virtude importante para o homem.¹²⁸ Indica-se igualmente o que deve ser evitado para não destruir a memória.¹²⁹

Apresentadas as virtudes¹³⁰, ou seja, o interior do príncipe, passa-se ao exterior, ao seu aspecto físico. Nas palavras de Francisco Pugiella, o príncipe da Valáquia “é um belo príncipe, gracioso e amável”.¹³¹ A conversa centra-se agora na formosura e em saber em que é que esta consiste. O Cavaleiro Guazzo e Pugiella estão aqui em sintonia e consideram ambos que a formosura tem que ver com a grandeza proporcionada,

¹²⁴ Cf. T, p. 55.

¹²⁵ Por outro lado, é perceptível no discurso de Pugiella a crítica a certo tipo de literatura, crítica essa que vai encontrar ecos no diálogo.

¹²⁶ Cf. T, p. 56.

¹²⁷ Cf. T, p. 56.

¹²⁸ Este “tratado de vária lição” é também ele uma forma de o próprio autor estimular a sua memória.

¹²⁹ Cf. T, p. 57.

¹³⁰ De notar que de entre as virtudes indicadas estão as virtudes cardinais (prudência, justiça, fortaleza e temperança), cujo reconhecimento era, a par das virtudes ordinais (fé, esperança, caridade), fundamental para a proclamação de um religioso ou outra pessoa como santo. (Cf. SODANO, Giulio, “Prudenza e santità nella età moderna” in *Repubblica e Virtù. Pensiero politico e Monarchia Cattolica fra XVI e XVII secolo*, a cura di Chiara Continisio e Cesare Mozzarelli, Roma, Bulzoni Editore, 1995, p. 151). Por sua vez, Chiara Continisio, ao mostrar as virtudes do príncipe prudente, tomando por base a obra de Lúcio Paolo Rosello, *Della Prudenza del Principe*, menciona as virtudes da liberalidade, da clemência, da temperança, da justiça, da fortaleza, as mesmas portanto das explicitadas por Pugiella. (Cf. CONTINISIO, Chiara, “Il re prudente. Saggio sulle virtù politiche e sul cosmo culturale dell’Antico regime” in *Repubblica e Virtù. Pensiero politico e Monarchia Cattolica fra XVI e XVII secolo*, a cura di Chiara Continisio e Cesare Mozzarelli, Roma, Bulzoni Editore, 1995, pp. 327-329).

¹³¹ Cf. T, p. 58.

ressalvando que o importante é a gravidade do aspecto, a proporção dos membros e a graça dos gestos, porque estes não se acabam com o tempo, ao contrário da beleza do rosto que é efêmera.¹³²

E para entrar de onde saiu, numa verdadeira estrutura circular, Pugiella apela vivamente a todos os homens para que deixem a ociosidade, os prazeres, a soberba e as paixões da terra e se entreguem à virtude que é a “bem-aventurada guia que leva os mortaes ao Céu”, salientando que todo o que quiser alcançar a virtude só tem de seguir o exemplo dado ao longo destas páginas, ou seja, só tem de seguir o príncipe da Valáquia.¹³³

Mas, depressa, o leitor da obra se apercebe de que não basta ao príncipe ser virtuoso. É preciso que ele se rodeie de homens de confiança virtuosos. Por isso mesmo, no diálogo terceiro, a figura em destaque é a do perfeito juiz. Luís de Nevers pede a Carlo Cacherano, bom juiz¹³⁴, que lhe declare as qualidades necessárias para exercer essa profissão convenientemente, isto é, para grandeza do príncipe e salvação do povo¹³⁵ e Carlo responde indicando, primeiro, os defeitos que os juízes devem evitar, de maneira a poderem alcançar o meio.¹³⁶ O discurso desenrolar-se-á então pelos cinco defeitos, a saber, ignorância, amor, ódio, esperança e temor, e seus efeitos, sendo referidos, sempre que oportuno, exemplos concretos.

Da ignorância, que pode advir da falta de ciência ou de lume natural, ou seja, da falta de conhecimento das leis ou da falta de entendimento, de uso da razão, resultam juízos temerários e erróneos, sendo por isso esse defeito classificado de “mor mal” e “danoso”.

Por amor, é entendido o favorecimento que alguns juízes manifestam ou por razões de parentesco e amizade ou apenas por uma simples inclinação e que os impede de ter em atenção primeiramente os mais necessitados, ou seja, os estrangeiros, os pobres, os órfãos e as viúvas. Fala-se também em amor lascivo, aquele que é despertado pela mulher¹³⁷. Mas se o amor pode cegar o ânimo e o entendimento do juiz, idêntica força tem o seu contrário, isto é, o ódio, considerado a pior das paixões que pode perturbar o juiz¹³⁸, uma vez que o impede de julgar com tranquilidade, com “quietação”.

¹³² Cf. T, p. 60.

¹³³ Cf. T, p. 63.

¹³⁴ Cf. T, p. 65.

¹³⁵ Cf. T. 64.

¹³⁶ Cf. T. 65.

¹³⁷ Cf. T, p. 68.

¹³⁸ Cf. T, p. 69.

Na esperança de obter favores ou regalias do príncipe, o juiz pode ser levado a violar as leis, a interpretá-las a seu modo, no fundo, a torcer a justiça, para usarmos a metáfora de Carlo. Daí que essa esperança esteja associada a dois vícios: o da ambição e o da avareza. Um e outro motivam Carlo e Luís a discorrer sobre as virtudes e malefícios do ouro, referindo várias figuras que se deixaram corromper por ele, e a abordarem a questão da corrupção, feita sob a forma de presentes e ofertas aos juízes.¹³⁹ A conclusão lógica é que “o juiz que julgar por dinheiro e por presentes está em estado de condenação”.

Ainda, por influência do príncipe, para lhe agradarem ou porque lhe têm temor, os juízes podem evitar julgar determinados casos ou até julgá-los injustamente, comportando-se assim como adutores. Num evidente eco de *Il Cortigiano*, Carlo reconhece que fazem falta ao príncipe homens que lhe falem verdade¹⁴⁰. E a propósito de verdade, é mais uma vez evocado o princípio orientador da mediania. Diz Carlo: “Nas cousas pertencentes à justiça deve o juiz pronunciar seu voto conforme as leis escritas e não segundo seu parecer. Nas outras, que não determinadas e se podem sustentar com diversas e contrárias razões, entendo por virtuoso e discreto o que se engenha a satisfazer a ambas as partes com ãa sentença chamada dos nossos juízes consultos mediana (...).”¹⁴¹ Em síntese, o juiz deve ser amigo da verdade e deve sobretudo ter presente que: “Melhor é agradar a Deus que aos homens.”¹⁴²

Apresentados os vícios que os juízes devem evitar, chega-se, por contraste, ao que devem ser. Mesmo assim, Carlo deixa algumas recomendações relativamente à idade do juiz, à necessidade de ponderar bem antes de emitir a sentença, tendo em conta a diversidade e a circunstância dos casos, a natureza do delito e quem o cometeu, para que seja “discreto no castigar”, não aplique a todos a mesma sentença e sobretudo para que seja misericordioso, porque o juiz só é justo se for misericordioso¹⁴³.

A conclusão deste discurso em torno da justiça é, mais uma vez, concordante com a filosofia do Cristianismo. Os juízes devem lembrar-se que são ministros das leis e protectores do bem público e que no final serão julgados por Deus¹⁴⁴.

¹³⁹ Cf. T, p. 72.

¹⁴⁰ Cf. T, p. 75.

¹⁴¹ Cf. T, 75.

¹⁴² Cf. T, p. 77.

¹⁴³ Cf. T, p. 77. E, mais adiante, Carlo explica de que forma se aplica a “santa divisa composta de justiça e misericórdia”. (Cf. T, p. 78).

¹⁴⁴ Cf. T, p. 79.

Avançamos para o quarto diálogo, com novos intervenientes, mas ainda no domínio do bem público. Gerardo Borgogni e Francisco Pugiella discorrem sobre os aspectos a ter em conta, da parte do príncipe, na eleição dos magistrados¹⁴⁵, visto que neles recai a sua honra e reputação e também a salvação dos seus súbditos. O príncipe, à imagem de Deus, deseja e trabalha para o bem dos seus súbditos.¹⁴⁶

Vejamos então as várias recomendações de Pugiella ao príncipe. A primeira é que deve nomear apenas pessoas que conhece, certificando-se primeiro da sua vida, da sua competência¹⁴⁷ e da sua bondade¹⁴⁸. A segunda é que deve atribuir as dignidades, sobretudo as mais importantes, a pessoas nobres de sangue e de geração, considerando que “os que nascem de bons são bons” e que “a nobreza é virtude de antecessores”¹⁴⁹, o que implica que os nobres são naturalmente cortesês nas obras, nas palavras e nos costumes e que por isso é mais difícil que “cometam vilezas”¹⁵⁰. Para além de nobres, convém que os magistrados não sejam nem avaros, nem pobres. Relativamente à avaria, uma das formas de a evitar é recompensar adequadamente os oficiais, quer monetariamente¹⁵¹, quer mantendo-os no posto enquanto trabalharem bem para, depois de terem dado provas de seu bom serviço e de fidelidade, transferi-los para cargos mais elevados¹⁵². Quanto à pobreza, ela pode ser um obstáculo a um bom desempenho da função¹⁵³.

Como instruções finais, numa exortação aos magistrados, Francisco Pugiella adverte-os para que desempenhem o seu cargo com temor, sempre em prol do benefício comum e almejando mais ser honrados que ricos. Só assim poderão ser reverenciados enquanto

¹⁴⁵ Logo de início e a propósito desta palavra há uma pequena reflexão sobre as mutações da língua, impostas pelo uso, que é apelidado de “cruel tirano” (Cf. T, p. 82). Pugiella remata dizendo que: “nas cousas da língua toscana é mester ter um olho posto na regra e outro no uso.” Este episódio evoca um mais extenso de *Il Cortigiano* sobre o valor das diferentes línguas vigentes em Itália, no século XVI e sobre a importância do escrito e do oral.

¹⁴⁶ Já encontramos essa noção expressa em *Il Cortigiano*: “Sono adunque i popoli da Dio commessi Sotto la custodia dei principi, i quali per questo debbono averne diligente cura, per rendergliene ragione, come buoni vicari al suo signore; e amarli ed estimare loro proprio ogni bene e male che gli intervenga; e procurare sopra ogni altra cosa la felicità loro.” (Cf. CASTIGLIONE, Baldassare, *Il Cortigiano*, a cura di Amedeo Quondam, Milano, Oscar Mondadori, 2002)

¹⁴⁷ Cf. T, p. 83.

¹⁴⁸ Uma das provas da bondade do magistrado é verificar que no fim do seu magistrado não ganhou nada. (Cf. T, p. 88).

¹⁴⁹ Cf. T, p. 84.

¹⁵⁰ Cf. T, p. 85.

¹⁵¹ Cf. T, p. 82.

¹⁵² Cf. T, p. 87.

¹⁵³ Cf. T, p. 89.

“membros e imagens do príncipe”¹⁵⁴, evitando quer o castigo terreno, quer o castigo celeste¹⁵⁵.

Novos protagonistas e novo tema assinalam um novo diálogo. Estamos a meio da obra e o tema a tratar é o das empresas¹⁵⁶. A pedido de César, que revela ter dúvidas sobre a origem e a forma das empresas, Aníbal disponibiliza-se a trocar alguns “razoamentos”¹⁵⁷ com ele, começando por distinguir três modos de exprimir conceitos: por palavras, por sinais ou por ambos.

Das palavras fizeram uso os oradores, revelando a sua eloquência; os poetas aplicaram às palavras graça e figuras de estilo; e os filósofos serviram-se das palavras para produzir sentenças graves. O falar grave, ou seja, de forma breve e sentenciosa¹⁵⁸, é aliás o que convém aos príncipes que assim se mostram diferentes dos homens vulgares¹⁵⁹. O falar figurado, desde que adequado a uma sentença grave, ao lugar e ao tempo é também proveitoso ao príncipe porque torna o seu discurso mais claro e confere-lhe um “deleite gracioso” e “ua graça deleitosa”¹⁶⁰.

Os sinais foram especialmente usados pelos egípcios sob a forma de hieroglíficos. No entanto têm a desvantagem de poderem ser interpretados de várias formas, o que pode causar confusão. Para provar o que foi dito, Aníbal e César dão alguns exemplos, sendo de realçar os hieroglíficos amorosos que fazem uso de evidentes jogos de palavras, sem nenhum engenho, porém¹⁶¹.

Mas, os dois meios atrás referidos, palavras e sinais, podem ser empregues em conjunto, dando origem a emblemas ou empresas. Aníbal distingue-os, considerando que as empresas são “mais registadas, mais difíceis e mais excelentes”¹⁶² e passa então a ter como “ofício declarar o artifício e mistério” dessas¹⁶³.

Reforçando a ideia de que os espíritos nobres se devem distinguir, pelos conceitos e palavras, das pessoas vulgares e usar artifícios (como por exemplo metáforas) para expressar o seu entendimento, Aníbal refere alguns aspectos a ter em conta na construção

¹⁵⁴ Cf. T, p. 93

¹⁵⁵ Cf. T, p. 94. Assim como o príncipe deve ser a imagem de Deus, os magistrados devem ser a imagem do príncipe. As realidades projectam-se assim de um nível para o outro, do mais alto para o mais baixo na cadeia de relações.

¹⁵⁶ Cf. T, p. 95.

¹⁵⁷ Cf. T, p. 95.

¹⁵⁸ Cf. T, p. 96.

¹⁵⁹ De notar que esse é também o estilo a aplicar na escrita. (Cf. T, p. 98).

¹⁶⁰ Cf. T, p. 98.

¹⁶¹ São exemplos ridículos (Cf. T, p. 99).

¹⁶² Cf. T, p. 100.

¹⁶³ Cf. T, p. 100.

de uma empresa, tendo presente que esta representa uma forma mais galante e inovadora de manifestar as intenções, comparativamente aos hieroglíficos e aos emblemas, e que a sua utilidade reside no facto de servir de estímulo aos seus autores¹⁶⁴, visto que ao verem a sua empresa sentem-se quase que obrigados a dar testemunho da mesma.

O aspecto mais salientado é o mistério da empresa, a “força do seu engenho”¹⁶⁵, que resulta do facto de o seu sentido só ser perceptível através do corpo (na verdade, corpos) e do mote (alma), intimamente relacionados. A empresa deve ser formada por dois corpos (dois signos celestes, de animais, duas plantas), visto que um só poderia dar azo a diversas interpretações, para além de que contribuiria para mais facilmente ser reconhecido o sentido¹⁶⁶ da empresa. Por sua vez, os corpos, que não devem ser de “matéria baixa”, devem ser acompanhados de um mote, redigido numa língua diferente da “do senhor da empresa”, contendo ou no máximo três palavras, uma das quais de uma sílaba apenas, ou, se forem mais de três palavras, estas devem formar um verso ou meio verso.

Como exemplo de uma empresa útil, digna de louvor e modelar, porque tem um sentido cristão, César refere a do rei Henrique III, e assim termina este diálogo, com a descrição de uma empresa que pode servir de inspiração a outros príncipes e consequentemente às suas acções.

O diálogo sexto apresenta uma questão “mui antiga e jamais decidida até ao momento”¹⁶⁷: decidir qual das duas tem mais valor, as armas ou as Letras? O valor das Letras tinha sido já, de certa maneira, equacionado no diálogo primeiro, quando se debateu se as Letras poderiam ou não ensinar virtudes aos príncipes, em particular, a virtude da prudência. Mas, no sexto diálogo, o seu valor é contraposto ao das armas e embora Carlo, “famoso pelos livros e pela espada”¹⁶⁸, não consiga dar uma resposta definitiva, tal como os imperadores antigos que escolheram o meio e não divulgaram abertamente o seu parecer¹⁶⁹, não deixa de aduzir argumentos e opiniões mais inclinados à supremacia das armas e outros mais inclinados à supremacia das Letras, entrando assim numa “honesta recreação”.

Carlo começa então por referir a opinião das mulheres, mais favoráveis às armas que às Letras. Tal preferência pode ser explicada pelo facto de as mulheres escolherem o

¹⁶⁴ Cf. T, p. 107.

¹⁶⁵ Cf. T, p. 106.

¹⁶⁶ Cf. T, p. 106.

¹⁶⁷ Cf. T, p. 110.

¹⁶⁸ Cf. T, p. 109.

¹⁶⁹ Cf. T, p. 110.

pior¹⁷⁰, ou porque precisam de alguém que as ajude a defender a sua honra e as faça sentir seguras¹⁷¹. Seguidamente, Carlo faz uma distinção entre o que prevalece e o que devia prevalecer. Nesse sentido, as armas prevalecem, mas as Letras é que deviam prevalecer, já que a especulação é mais honrada que a acção¹⁷², e passa a fundamentar. As armas prevalecem porque em todas as partes do mundo têm uma presença mais forte e de grau mais elevado que as Letras. Mesmo em Itália, onde os letrados são estimados, os cavaleiros são mais honrados que os homens de Letras, o que fica provado pelo facto de em todas as cidades haver um governador ou capitão geral ao qual todos os magistrados e outros homens de Letras obedecem e também pela própria constituição de embaixadas, nas quais o cavaleiro vai sempre adiante do letrado. Por outro lado, o facto de os próprios príncipes serem cavaleiros faz com que privilegiem os da sua profissão e por consequência todas as pessoas seguem o exemplo dos príncipes e valorizam mais os homens de armas que os de Letras¹⁷³. Mas, na verdade, e seguindo agora o raciocínio de César, os cavaleiros só são valorizados porque são aqueles que congregam em si a ciência das Letras e das armas. Na interpretação de César, as Letras são necessárias aos príncipes e a elas se devem submeter as armas. Carlo contra-argumenta chamando a atenção para o facto de César estar a pensar nos príncipes como eles deviam ser, ou seja, idealmente, e não como eles são e mostra como, nos tempos presentes, os príncipes são forçados a pôr de parte o estudo das Letras e a dedicarem-se “às cousas militares”, mais graves e mais importantes para a sua grandeza¹⁷⁴, seguindo aliás o exemplo dos romanos que faziam mais honras aos cavaleiros¹⁷⁵. César, por seu turno, ainda contrapõe, tecendo uma crítica aos príncipes modernos: “Se os cavaleiros modernos não fazem profissão de Letras, eu atribuo a modéstia, porque não lhes parece lícito que os membros queiram saber mais do que sua cabeça, que são os príncipes (...).”¹⁷⁶

Chegados aqui, conclui-se que o único príncipe que valoriza as Letras em detrimento das armas é o Sumo Pontífice, pelo que Carlo sintetiza: “as Letras em Roma e as armas fora de Roma prevalecem.”¹⁷⁷ E para não destoar do início desta conversa, reforça-se a

¹⁷⁰ César desempenha neste diálogo, de forma discreta, é certo, o papel de senão opositor, pelo menos crítico das mulheres. Essa atitude é visível no comentário supra citado.

¹⁷¹ Cf. T, 112.

¹⁷² Cf. T, p. 112.

¹⁷³ Cf. T, p. 114.

¹⁷⁴ Cf. T, p. 116.

¹⁷⁵ Cf. T, p. 118.

¹⁷⁶ Cf. T, p. 117.

¹⁷⁷ Cf. T, p. 119.

ideia de que a conservação do bem público assenta nas armas e nas Letras, sendo ambas dignas de honra. Daí o título do diálogo: “Da semelhança das armas e das Letras”.

Conforme já salientámos, o diálogo mais extenso é o sétimo, que trata da honra, matéria que, como os próprios intervenientes declaram desde o início, levanta “muitas trevas”, “muitas dúvidas”, assemelhando-se a um “intrincado labirinto”¹⁷⁸. Aníbal refere mesmo quais as dificuldades que se colocam neste razoar e que se prendem com: “a grandeza do sujeito”, a quantidade de escritores que já o abordaram, “a diversidade de suas opiniões” e a necessidade de ele e Luís apresentarem algo de novo que contribua para o enriquecimento e esclarecimento deste assunto¹⁷⁹. Cientes dessas dificuldades, os locutores definem ainda em que moldes será tratado este sujeito, pondo de parte a estrutura socrática de pergunta-resposta que, segundo Luís, gera cansaço e moléstia¹⁸⁰. Por fim, como considerações prévias, resolvem deixar de parte as múltiplas significações que o termo honra assume¹⁸¹, distinguindo apenas duas formas: a honra divina e a honra humana. Convém só mencionar que honra foi definida como “prémio da virtude” e que nela tomam parte tanto quem honra, como quem é honrado¹⁸².

Relativamente à honra divina, são abordadas em primeiro lugar algumas manifestações dos gentios para com os seus deuses¹⁸³, para depois se falar das honras feitas ao “verdadeiro Deus”, quer externas, como a construção de templos¹⁸⁴, ofertas e outras, quer internas, que se manifestam na adoração e na contemplação a Deus, concluindo-se que “todo o saber humano consiste em conhecer e reverenciar a Deus”¹⁸⁵ e que muito maiores são as honras que Ele nos fez, ao criar-nos à sua imagem e semelhança, do que aquelas que nós Lhe poderemos prestar¹⁸⁶.

Quanto à honra humana, Aníbal começa por apontar a diversidade que sobre ela recai¹⁸⁷, para logo de seguida responder a uma dúvida de Luís: as pessoas de maior estado devem honras àquelas que lhes são inferiores? Atendendo a que a inferioridade de estado não impede que uma pessoa se revele superior sob um determinado prisma, Aníbal afirma

¹⁷⁸ Cf. T, p. 121.

¹⁷⁹ Cf. T, p. 121. Estas dificuldades aplicam-se igualmente aos próprios *Diálogos*.

¹⁸⁰ Cf. T, p. 125.

¹⁸¹ Cf. T, pp. 122, 123, 125.

¹⁸² Cf. T, p. 124.

¹⁸³ Cf. T, pp. 125-127.

¹⁸⁴ São referidas igrejas em Itália e França, concretamente a igreja de São Marcos em Veneza (Cf. T, p. 127) e a de São Dionísio, perto de Paris (Cf. T, p. 128).

¹⁸⁵ Cf. T, p. 129.

¹⁸⁶ Cf. T, p. 130.

¹⁸⁷ Cf. T, p. 130.

que os superiores podem honrar os inferiores e refere exemplos antigos, de romanos e atenienses, que honravam pessoas particulares pelos feitos alcançados¹⁸⁸, e exemplos mais recentes, como o de Lourenço de Médicis que honrou vários homens pela sua doutrina.¹⁸⁹

Os romanos são ainda evocados pelas honras que prestavam aos imperadores com o triunfo, e aos poetas, a quem era concedida a coroa de louro, o que, no entender de Aníbal, se compreende visto que a poesia se alcança por “inspiração divina” e os poetas são “intérpretes divinos”.¹⁹⁰

O discurso flui e passa para “as maneiras de honra que se costumam fazer às pessoas grandes e virtuosas”, apresentando-se uma listagem bastante completa, da qual fazem parte os “sinais de honra” como: a saudação¹⁹¹ (por carta, por beijo¹⁹² na face, nas mãos, nos vestidos, nos pés, na terra, nas imagens sagradas); a inclinação (com cabeça e com o joelho¹⁹³); ir ao encontro de alguém; acompanhar as pessoas; dar lugar na rua¹⁹⁴; dar a precedência¹⁹⁵ ou o primeiro lugar à mesa; apear-se do cavalo; escrever cartas¹⁹⁶; “louvores, contos de boca ou escritos em prosa ou verso”¹⁹⁷.

¹⁸⁸ Cf. T, p. 132.

¹⁸⁹ Os nomes mencionados são os de Pico della Mirandola, Marilio Ficino e Angelo Politiano.

¹⁹⁰ Esta alusão à origem divina da poesia conduz-nos a uma obra posterior, é certo, mas de origem portuguesa e que também se insere na literatura de comportamento social. Estamos a pensar na *Corte na Aldeia*, de Francisco Rodrigues Lobo, publicada pela primeira vez no ano de 1619. Entre os vários assuntos, apresentados igualmente sob a forma de diálogos, deparamo-nos, e logo no primeiro diálogo, com uma discussão sobre os diferentes livros e seus méritos, integrando a poesia os chamados “livros divinos” e sendo o seu valor defendido pelo poeta Píndaro (Cf. LOBO, Francisco Rodrigues, *Corte na Aldeia*, edição de José Adriano de Carvalho, Lisboa, Editorial Presença, p. 64). Regressando aos *Diálogos*, é neste contexto de louvor da poesia que é mencionada uma das vantagens das academias – revelam novos engenhos – sendo inclusivamente citado um poema de Guazzo (conhecido na Academia dos Ilustrados por o Enlevado) (Cf. T, p. 135). Apesar disso, contrapondo o passado ao presente é dito que a poesia já não é tão honrada como antigamente (Cf. T, p. 136). Esta crítica ao tempo presente é aliás um tópico que aflora em algumas páginas destes *Diálogos* para as quais vamos chamando a atenção, sempre que oportuno.

¹⁹¹ Os costumes de saudação são europeus, sendo no entanto referido um costume dos turcos de não voltarem as costas ao seu senhor quando se retiram. Este costume, e ao contrário dos outros que, apesar de terem origens diversas são aceites e entendidos, é criticado e apelidado de “turquesco e bárbaro”, uma honra “maior turquesca e monstruosa que cristã e natural”, devendo ser deixada aos turcos.

¹⁹² A propósito do beijo refere-se a origem deste comportamento e o seu uso pelos franceses, tendo em conta o lugar e o tempo (Cf. T, p. 139) e o seu significado como manifestação de caridade, união e paz (Cf. T, p. 140).

¹⁹³ É explicada a diferença entre ajoelhar-se com o joelho esquerdo, o direito ou ambos (Cf. T, p. 143).

¹⁹⁴ Os estilos são diferentes e têm que ver com dar a mão esquerda ou direita e colocar o outro que vai conosco do lado oposto (Cf. T, p. 144).

¹⁹⁵ Por exemplo, no falar. Mas também no diz respeito a esta cortesia existem modos diferentes. Por exemplo, nos conselhos e magistrados, fala, primeiro, o príncipe ou o seu representante e votam primeiro os mais dignos; já no colégio dos médicos votam primeiro os mais novos, porque mais inexperientes. Também nas procissões, há lugares específicos para cada um (Cf. T, p. 146), sendo que entre os religiosos, os mais importantes vão no fim, mas entre os seculares os mais honrados vão à frente e o príncipe segue muitas vezes no meio porque é aí que reside a virtude.

¹⁹⁶ Em relação à escrita das cartas realça-se o espaçamento entre o título e o corpo do texto e entre este e a assinatura (Cf. T, p. 147), bem como as “honras titulares” (Cf. T, p. 150), isto é, os títulos usados para evocar o destinatário ausente (Cf. T, p.148). A propósito dos títulos, tecem-se algumas considerações sobre o seu

Ora, todas estas honras, ou cortesias¹⁹⁸, são feitas em testemunho da virtude de outrem. No entanto, há honras que, para além de darem testemunho da virtude, servem de ornamento à pessoa honrada, porque lhe atribuem um grau ou uma dignidade. Estão neste caso os magistrados, cuja honra, na opinião de Aníbal, é maior que todas as outras¹⁹⁹. Luís, por sua vez, distingue as dignidades, as famas, que só trazem sobressaltos, da verdadeira honra, aquela que é prémio da virtude²⁰⁰, estímulo que dispõe os homens à imortalidade, “alvo adonde endereçam o pensamento todos os sublimados engenhos”²⁰¹, para concluir que é bem-aventurado “todo aquele que dignamente aspira à honra”²⁰². Mas, é preciso não esquecer que “somente a Deus convém a honra como autor e causa de todos os bens”²⁰³. E mais, não só é justo o desejo de obter honra como “o de aspirar à excelência da primeira honra”, naturalmente, “sem desejar o mal e sem invejar o bem de outrem.”²⁰⁴

No decorrer deste discurso sobre a honra são também especificadas aquelas pessoas que devem ser honradas, ainda que levem uma má vida. Entram nesta categoria de pessoas honradas, não por sua virtude, mas pela virtude de outrem: os príncipes, os prelados, todos os religiosos e ministros, os pais, os velhos, os casados e os ricos.²⁰⁵

Ainda relativamente aos meios justos para alcançar a honra, e considerando que a virtude reside no meio, chega-se à magnanimidade, ou melhor, à “virtude que respeita a verdadeira honra”²⁰⁶, virtude essa que está ligada ao conhecimento de si mesmo²⁰⁷, pois só

uso, chamando-se a atenção para não se cair num excesso de liberalidade (Cf. T, p. 148) e para se evitar escrever a pessoas que desonram quem envia a missiva (Cf. T, p. 149), posto que injustamente. Interessante é o aviso que Luís deixa relativamente aos títulos, considerando que não são “bens firmes” porque com o tempo acabam por transferir-se de uma pessoa para outra, e assim o que primeiro era apenas concedido aos mais ilustres, vai descendo na escala social, obrigando à criação de novos títulos.

¹⁹⁷ Cf. T, p. 150. Ainda no âmbito da escrita enquanto forma de honrar alguém, aborda-se novamente a imortalidade que é concedida pelos escritores, o favorecimento devido a esses mesmos escritores, e em particular aos poetas (Cf. T, pp. 151, 152), e chama-se a atenção para não se falar nem mal nem bem do príncipe (Cf. T, p. 153). Por fim, destacaríamos o exemplo de uns versos que podem ser lidos em dois sentidos contrários, ou seja, como louvor ou vitupério (Cf. T, p. 153).

¹⁹⁸ Como lhes chamam na *Corte na Aldeia*.

¹⁹⁹ Estas são as razões que aponta e que se contrapõem às de Luís: a honra do magistrado é maior porque tem origem na sua honra particular e na da pessoa do príncipe que ele representa; para além disso, é tão perpétua como as honras particulares e não é diminuída pelo proveito que dela resulta. Quanto a poder ser atribuída erradamente, também as outras honras o podem ser, por meio de suborno (Cf. T, p. 155).

²⁰⁰ Cf. T, p. 159.

²⁰¹ Cf. T, p. 160 Esta metáfora do alvo estava já presente em *Il Cortigiano*.

²⁰² Cf. T, p. 160.

²⁰³ Cf. T, p. 161. Sempre a religião como garante das virtudes.

²⁰⁴ Cf. T, p. 163.

²⁰⁵ Cf. T, p. 156.

²⁰⁶ Cf. T, p. 166.

²⁰⁷ Tema do diálogo nono.

esse conhecimento evita que se caia no vício da ambição. São então analisados os efeitos da ambição e ilustrados com exemplos²⁰⁸.

Uma das manifestações da ambição é recusar honras. Este acto pode ser entendido como sinal de pusilanimidade, quando o honrado não se considera digno da honra ou quando desvaloriza a própria fama. Mesmo assim, essas pessoas merecem pouca consideração²⁰⁹. Mas há também os que recusam honras por magnanimidade, contentando-se com a glória que advém da opinião dos outros ou simplesmente porque preferem ficar em dívida.²¹⁰ Estes, pelo contrário, são dignos de louvor, revelando com esse gesto uma virtude tão cristã como a humildade. Mas, como as honras são necessárias ao governo do mundo, aquilo que o magnânimo deverá fazer é “fundar o seu desejo sobre o merecimento conveniente e medir bem suas forças e valor”.²¹¹

Outras honras dadas em testemunho da virtude: criar marqueses, condes, barões, criar cavaleiros²¹², ou simplesmente dar-lhes licença para que possam trazer armas²¹³; conceder a cidadania a estrangeiros.

Aníbal solicita depois a Luís que relate as honras feitas a Henrique III, quando partiu de França para a Polónia, passando por Itália. A descrição de Luís permite concluir que “os príncipes de Itália cumpriram as leis da honra” porque fizeram tudo o que lhes foi possível para honrar o monarca.²¹⁴

Numa conversa que já vai longa, coloca-se a dada altura a questão da honra ofendida. Na verdade, muitas vezes a honra, ou melhor a fama²¹⁵, é posta em jogo por ofensas e nessas situações é preciso saber o que fazer. O duelo foi proibido pelo Concílio de Trento, por isso, embora como cavaleiro seja lícito praticá-lo, como cristão não é²¹⁶. A solução é confiar nos príncipes que, com caridade e rapidez, ajudam a “apagar as queixas dos súbditos”.²¹⁷ Melhor solução ainda seria evitar as queixas, o que se afigura, contudo,

²⁰⁸ Cf. T, p. 168.

²⁰⁹ Cf. T, p. 169.

²¹⁰ Cf. T, p. 171.

²¹¹ Cf. T, p. 172. A conveniência é que lhe dita se deve ou não aceitar uma honra.

²¹² É referido, ainda que de passagem, o abuso da concessão do título de cavaleiro (Cf. T, p. 175) e o facto de este título poder ser concedido a homens de Letras, quando o príncipe vê neles “algum lume e inteligência das cousas militares”, tornando-se esse verdadeiro e consumado cavaleiro (posto que são bem raros no mundo), pois tem quer o valor das Letras, quer o das armas.

²¹³ Trata-se de honras especificamente concedidas pelo príncipe (Cf. T, p. 174).

²¹⁴ Cf. T, p. 178.

²¹⁵ Muito resumidamente, Aníbal distingue a honra da fama, considerando que “a honra é mais que fama” e é sempre boa; e a “fama é ua parte da honra”, podendo ser boa ou má, assentando só na opinião” (Cf. T, pp. 180 e 181).

²¹⁶ Cf. T, p. 181. Mais adiante, no diálogo décimo, será novamente referido o Concílio de Trento.

²¹⁷ Cf. T, p. 182.

difícil²¹⁸. Resta então conhecer os “modos” para acabar com as queixas²¹⁹ e fazer as pazes. Na opinião de Luís, este é o assunto “mais útil e mais agradável a Deus” que trataram até ao momento.²²⁰

Há dois factores que dificultam as pazes: o ódio, estimulado muitas vezes por terceiros que se envolvem na contenda, e a ignorância, que leva, por exemplo, os homens a interpretarem erradamente alguns escritos.²²¹

Quanto ao modo de fazer as pazes, é preciso que à paz se junte a justiça, para que cada uma das partes ofendidas tenha o que é seu.²²² Naturalmente que isso implica conhecer a origem da queixa, quem ofendeu primeiro e a partir daí pensar numa solução, sabendo-se de antemão que quem ofende deve pedir perdão, quer com palavras quer depois com gestos.²²³

Por fim, tratados os aspectos referentes à honra em vida, passa-se à honra que se alcança na morte, quer no acto de morrer (os que morrem em nome da pátria ou pela fé de Cristo), quer depois da morte (estátuas, imagens, honras funerais, poemas). Essas últimas honras são feitas não à pessoa mas ao seu nome, ou seja, à memória da sua virtude. Como exemplo da pompa e honra devidas num funeral real, Luís descreve brevemente as exéquias do rei Henrique II, pai de Henrique III.²²⁴

E, para não destoar do resto da obra, o diálogo termina com uma oração ao Santo Sepulcro para se concluir que: “todos os homens de são entendimento devem procurar de exercitar suas honras em louvor de Deus e benefício do próximo para que depois da morte possam ressuscitar gloriosos e alcançar as honras do Céu.”²²⁵ Este é o fruto que os dialogantes esperam colher desta prática e no fundo é o fruto que esperam que os leitores e os príncipes colham também.

A passagem do diálogo sétimo para o oitavo merece alguma atenção, por dois motivos: primeiro, porque os intervenientes são os mesmos, Aníbal e Luís; segundo, porque no início do diálogo oitavo são feitas duas explícitas referências ao diálogo sétimo

²¹⁸ Aníbal afirma que as queixas resultam das mulheres, dos jogos e dos cães e portanto para lhes pôr fim era necessário excluir estes “elementos” da terra.

²¹⁹ A queixa, a par do amor e da demanda fazem o homem avisado (Cf. T, p. 192).

²²⁰ Cf. T, p. 182.

²²¹ Cf. T, p. 185.

²²² Cf. T, p. 186.

²²³ Fala-se por exemplo do abraço – quem deve dar primeiro o abraço e como deve ser dado (Cf. T, p. 191).

²²⁴ Cf. T, p. 196.

²²⁵ Cf. T, p. 198.

que mostram como estes dois discursos estão intimamente ligados²²⁶. Aliás, o tema do diálogo oitavo vem claramente na sequência do diálogo sétimo. Se no dia anterior se tratou da “honra dos prelados, dos príncipes, dos poetas, dos cavaleiros, dos magistrados e de outros personagens”, no diálogo oitavo (hoje) trata-se da honra das mulheres, até porque é por meio dela que “se multiplica e se conserva o mundo”²²⁷.

Quer para Luís, quer para Aníbal a honra das mulheres é superior à dos homens, porque a sua virtude é também maior e reflecte-se na graça, na beleza, na honestidade, no governo da casa, na misericórdia, no engenho, nas empresas militares, no governo dos povos, no estudo das ciências e das Letras.²²⁸

Mas afinal quando é que se pode aplicar o epíteto de honrada a uma mulher? Aníbal dá a resposta: quando nela se reúnem o governo da casa e a honestidade, entendida como castidade, portanto, honestidade em sentido sexual.

Quanto ao governo da casa, e sem entrar em miudezas²²⁹, tem em vista dois fins: a criação e instrução dos filhos, comum ao marido, mas que exige diligência da parte da mulher, que se deve preocupar sobretudo em imprimir nos corações dos filhos o temor de Deus e assegurar-se de uma vida cristã no seu lar²³⁰; conservação e aumento das coisas domésticas, que se manifesta na ordem que a mulher dá a essas mesmas coisas, no esforço de manter a fazenda do marido e se possível aumentá-la, e no cuidado em criar um ambiente de concórdia entre os serviçais.

A honestidade é o factor central da honra da mulher, de tal maneira que todo o seu esforço deve ser concentrado aí²³¹ já que “a falta de honestidade anula todas as outras virtudes” que uma mulher possa ter.²³² Mas, como diz o ditado, “Não basta à mulher de

²²⁶ Cf. T p. 200 – “(...) podemos fazer, ou entretermos aqui em casa, como fizemos ontem com algum novo e prazenteiro discurso”; Cf. T, p. 201 – “E [me] disseram-me que ontem enquanto nós discorriamos aqui da honra universal se fez ali um largo razoamento da honra particular das mulheres”.

²²⁷ Cf. T, p. 201. Já na obra de Castiglione, *il signor Gaspare* expressava-se nestes termos sobre a castidade nas mulheres: “E però gli uomini hanno posto loro il timore d’infamia per un freno che le tenga quasi per forza in questa virtù [refere-se à castidade], senza la quale, per dire il vero, sariano poco da apprezzare: perché il mondo non ha utilità dalle donne se non per il generare dei figlioli.” (CASTIGLIONE, Baldassare, *Il Cortigiano*, a cura di Amedeo Quondam, Milano, Oscar Mondadori, 2002, p. 267).

²²⁸ Cf. T, p. 203.

²²⁹ Cf. T, p. 210.

²³⁰ Cf. T, p. 209.

²³¹ Cf. T, p. 212.

²³² Curiosa a referência ainda feita a determinado tipo de literatura (romances de cavalaria) e seus malefícios (Cf. T, p. 207), na sequência de um tema que atravessou todo o século XVI, corporizado nas críticas dos “moralistas” mas também de alguns humanistas que os criticavam pela falta de verosimilhança (Cf. “Diálogo I”, in LOBO, Francisco Rodrigues, *Corte na Aldeia*, edição de José Adriano de Carvalho, Lisboa, Editorial Presença, 1991). Sobre este assunto v. ALMEIDA, Isabel, “Em matéria de livros: o Diálogo I de Corte na Aldeia”, *Românica*, 1/2 (1992/93) pp. 93-106.

César ser séria, é preciso parecer”, assim também, para conquistar a honestidade, não basta a própria consciência de cada mulher, é preciso “a boa e universal opinião” dos outros, para que não se murmure dela²³³.

Por isso mesmo, Aníbal distingue a verdadeira mulher, que espelha a sua castidade em tudo (nas palavras, no rosto, nos olhos, na roupa), numa perfeita harmonia entre o exterior e o interior²³⁴, daquela que ele apelida de fêmea e que mais não é do que uma figura feminina que só aparentemente conserva a sua castidade.²³⁵

A conservação da castidade assenta na instituição e na doutrina das meninas, recorrendo-se para isso, e entre outras coisas, a exemplos, quer negativos²³⁶, quer positivos. Para além disso, ajuda muito ter em conta seis aspectos: sobriedade, que se manifesta nos hábitos alimentares, devendo a mulher abster-se dos manjares e ter em atenção o vinho²³⁷; exercício, que ajuda as meninas a estarem ocupadas em trabalhos honestos, evitando assim a ociosidade, causa dos pensamentos lascivos; aspereza do hábito, evitando as roupas pomposas e lascivas que estimulam os mancebos²³⁸; restrição dos sentidos, nomeadamente do olhar e da audição, devendo o rosto apresentar “ua gravidade que tire a ousadia e a esperança a todo o que o olhar”²³⁹; falar pouco e honesto, evitando os motes lascivos; “fugir a ocasião das pessoas, lugar e tempo”, isto é, evitar conviver com pessoas que têm ruins costumes²⁴⁰, mantendo-se antes em casa, como a tartaruga²⁴¹.

²³³ Cf. T, p. 212.

²³⁴ Cf. T, p. 215.

²³⁵ Essas mulheres só preservam a sua castidade ou porque lhes faltaram oportunidades de a corromper, ou por temor do marido. Para além disso, muitas dessas fêmeas entram em jogos de amor platónico que, ainda que não passem da fase do beijo na boca, não agradam nem a Luís, nem a Aníbal (Cf. T, pp. 213, 214). Esse tipo de mulheres é retratado na *Civil Conversazione*, de Guazzo, conforme nos diz Luís: “Esta sorte de mulheres está tresladada ao vivo do nosso Enlevado na sua civil conversação, mas não sei se as mulheres leram algũa hora este livro.” (Cf. T, p. 213). Sobre a educação feminina no século XVI, v. FERNANDES, Maria de Lurdes, *Espelhos, Cartas e Guias. Casamento e Espiritualidade na Península Ibérica nos séculos XVI e XVII*, Porto, CIUHE, 1995.

²³⁶ Com os exemplos negativos, procuram-se mostrar os inúmeros defeitos que acompanham as mulheres desonestas, bem como o tipo de vida que levam (Cf. T, p. 216).

²³⁷ Cf. T, p. 218.

²³⁸ Considera-se, por um lado, que a honestidade também se revela pela “modéstia dos vestidos, enfeites e galas”. Por outro, tem-se também em conta que as roupas podem funcionar como “acrecentamento” da formosura. Aníbal é no entanto da opinião que muitas vezes as roupas têm associadas a si um fim lascivo. No domínio da formosura é também referido o excesso nos penteados e a importância do véu, “armadura de honestidade” (Cf. T, p. 220.)

²³⁹ Cf. T, p. 221.

²⁴⁰ A propósito deste convívio vicioso fala-se agora dos malefícios das comédias e tragédias que mostram raptos, adultérios, estupros, furtos e que ainda que se digam que não são verdadeiras ou que são para recreação, alteram o entendimento.

²⁴¹ A tartaruga é o hieroglífico da honestidade.

Considera-se ainda que maior honra reside nas formosas que nas feias, isto porque, se considerarmos a formosura “direitamente e com olho são”²⁴², veremos que ela mais não é do que “ua graciosa proporção e concórdia de cores, de leniamentos, de membros, de gestos” e que por isso mesmo somos forçados a amá-la porque ela representa a formosura interior, isto é, representa a bondade²⁴³. Por isso, a formosura não deve ser vituperada, antes considerada um dom especial de Deus, gracioso e proveitoso, desde que os homens a amem não em si mesma, mas enquanto “imagem de divina formosura”, podendo através dela chegar ao Céu.²⁴⁴

A mulher honrada, ditosa e gloriosa é portanto a que reunir em si a honestidade, a beleza e o valor²⁴⁵. E destas mulheres são dados exemplos, não só de italianas, de Casal de Monferrato, de Milão e de outras partes, mas também de estrangeiras²⁴⁶.

Este diálogo termina com uma exortação de Aníbal feita às mulheres, incentivando-as a manter a honestidade, “precioso e inestimável tesouro”, por meio do entendimento, da humildade, da modéstia, da fé, da devoção e da constância, e alertando-as para os enganos e assaltos dos homens, “capitais inimigos” da honra feminina²⁴⁷. Para evitar os homens e os seus enganos, o remédio é a crueldade. Para reprimir os desejos, os remédios são o jejum, a oração, a humildade e os exercícios honestos da alma e do corpo. Por fim, a castidade deve ser mantida não apenas porque é devida ao marido, mas sobretudo porque é devida a Deus.

A importância de cada um conhecer-se a si mesmo tinha sido já aflorada nos diálogos precedentes, a propósito da honra, mas essa capacidade, essa virtude tem direito a um diálogo, o nono, protagonizado por Luís e Francisco, já nossos conhecidos. Entendido como um conhecimento “útil e necessário à salvação” do homem²⁴⁸, Francisco começa por expor “os três modos principais” para que se chegue a esse fim.

²⁴² E não como a considerou Luís, que falou mesmo em inimizade entre formosura e honestidade (Cf. T, p. 224).

²⁴³ Cf. T, p. 224. Todo este raciocínio sobre a formosura e a bondade recua ao Livro IV de *Il Cortigiano*.

²⁴⁴ Cf. T, pp. 225, 226.

²⁴⁵ Cf. T, p. 227.

²⁴⁶ Da página 227 à página 235 encontramos um pequeno repertório de mulheres famosas pela sua beleza, pelas suas virtudes, pelo seu entendimento, pela sua devoção. Muitas delas têm a acompanhar madrigais compostos por Académicos. Supomos serem as composições de membros da Academia dos Ilustrados, à qual Guazzo pertencia, ou da Academia degli Invaghiti, de Mântua, à qual também estava ligado. Aliás, o próprio Guazzo, já nomeado em outros momentos sob o “pseudónimo” de Enlevado, é agora novamente citado, ou melhor, é apresentado um madrigal da sua autoria (Cf. T, p. 235).

²⁴⁷ Luís alerta o amigo para essa mesma dualidade, reconhecendo que a exortação foi proveitosa às mulheres, mas os homens, seguramente, não ficaram satisfeitos por verem revelados os seus segredos (Cf. T, p. 238).

²⁴⁸ Entre outros frutos, o conhecimento de si mesmo permite emendar a própria vida (Cf. T, p. 246).

O primeiro modo é conhecer os outros, tarefa mais fácil, porque só os devemos conhecer exteriormente, já que o interior só é visível a Deus.²⁴⁹ Conhecer os outros implica ver as suas virtudes, para as seguirmos, e os seus vícios, para os evitarmos, e nesta categoria, inclui-se também Cristo, cuja vida deve ser-nos familiar.

O segundo modo consiste em cada um ter presente a própria felicidade e a própria miséria, reconhecendo que tudo vem de Deus, quer as prosperidades, quer as adversidades.²⁵⁰ Assim, o homem deve trazer à memória tudo o que de bom recebe mas também os seus erros, pelos quais se mostre indigno da graça e merecedor de pena, pois “o conhecimento do pecado é o princípio da salvação”²⁵¹. Mais, o homem deve aceitar as tribulações de bom grado, tal como aceita as prosperidades, reconhecendo que lhe é mais proveitosa a adversa fortuna e que só a miséria está livre da inveja²⁵².

Mas, admitindo a dificuldade em sofrer as tribulações, Luís pede a Francisco que lhe revele algum segredo para as conseguir suportar melhor, sem cair no desespero. Uma das soluções é olhar para os mais miseráveis, de se segue piedade e alegria. Outra, mais eficaz, é cada um lembrar os pecados que cometeu. E este é outro fruto do conhecimento de si mesmo: temperar a dor com a culpa²⁵³, chegando-se à perfeição que é não sentir a “amargura do mal”.²⁵⁴

O terceiro modo de uma pessoa se conhecer a si mesma consiste no simples acto de se olhar exteriormente ao espelho, uma vez que já se viu no interior do espelho da sua consciência. A utilidade dessa observação exterior reside no imperativo de: se somos formosos, devemos realizar actos em consonância, ou seja, actos formosos; se somos feios, devemos emendar o defeito da natureza com a formosura dos costumes.²⁵⁵ Por outro lado, ao vermo-nos ao espelho, somos levados a olhar para o nosso interior e a concluir que a

²⁴⁹ Francisco é dessa opinião, mas Luís faz ver que ainda assim há sinais exteriores (rosto, gestos, modo de falar, vestir, passear) que podem ajudar a formar um juízo sobre alguém (Cf. T, p. 243). No entanto, Francisco alerta para a probabilidade de esses juízos não serem acertados pois não está “em nossa faculdade descobrir os segredos ocultos da consciência alheia.” (Cf. T, p. 244).

²⁵⁰ A propósito dessa consciência, Luís coloca uma questão pertinente e que tem que ver com a distribuição das prosperidades pelos néscios e pelos sábios (Cf. T, p. 247). Francisco mostra que ainda que a distribuição possa não ser equilibrada, as prosperidades, na verdade, pouco deveriam interessar ao homem, pelo menos as terrenas, porque o tornam ocioso, lascivo, descuidado, soberbo, insolente (Cf. T, p. 248), acabando por se perder. E daí resulta que o homem não se conhece a si mesmo, não se lembra de Deus, recebe o prémio na terra, mas não no Céu, que é o que verdadeiramente conta.

²⁵¹ Cf. T, p. 251.

²⁵² Cf. T, p. 252. Não deixa de ser curioso que se fale indiscriminadamente de fortuna e de Deus. Diz Luís: “Vede agora como a fortuna ou Deus vira as prosperidades da terra em amargoso pranto.”

²⁵³ Cf. T, p. 254.

²⁵⁴ Cf. T, p. 255.

²⁵⁵ Ecos da simbiose já referida no diálogo anterior entre a formosura e a bondade.

nossa imagem interior não está muitas vezes em harmonia com a exterior,²⁵⁶ o que se traduz numa percepção e numa consciencialização dos pecados cometidos e que só foram executados graças à colaboração de diferentes partes do corpo.

Numa longa exortação, precisamente a diferentes partes do corpo, são então referenciados os sete pecados mortais que serão depois analisados um a um, sendo para além disso sugerido um remédio. Estes são os pecados²⁵⁷: soberba, luxúria, inveja, gula, avareza, ira e preguiça.

A soberba, representada na frente, é o primeiro dos sete pecados mencionados porque de todos é guia, sendo princípio da heresia, conduzindo o homem à vanglória e a julgar-se mais do que aquilo que é. Tem origem nas prosperidades e o remédio para a combater é a memória da morte.²⁵⁸

A luxúria está associada aos olhos e dela nasce a infâmia e a desonra. É um vício mais vituperado no velho que no mancebo. O cansaço, o trabalho, as incomodidades são os remédios propostos, podendo ainda juntar-se o jejum, as vigílias e um conselho mais prático, “não estar longamente deitado”.²⁵⁹

A inveja, por seu turno, está associada às orelhas. Nasce da desigualdade de estados, pelo que o remédio para a combater é não dar valor às coisas terrenas e cada um contentar-se com o seu estado.²⁶⁰

A gula e a intemperança nascem na boca e estão relacionadas com a fartura, que é fonte de enfermidades e de contendas, afastando os homens da devoção. A solução é o jejum e domar a carne.²⁶¹

Às mãos associa-se a avareza, que tem origem na esperança de viver longamente, e das mãos parte necessariamente o remédio. Assim, o avarento poderá curar-se se se dispuser a diminuir o desejo, a restituir o alheio (se for caso disso)²⁶² e a dar do próprio aos pobres.²⁶³

A ira foi colocada no peito, o que faz sentido, visto que nasce nele e dele se propaga ao entendimento, retirando “todas as forças e potências da alma”. No entanto, há diferentes

²⁵⁶ Cf. T, p. 255.

²⁵⁷ Cf. T, p. 256.

²⁵⁸ Cf. T, p. 257.

²⁵⁹ Cf. T, pp. 257 e 258.

²⁶⁰ Cf. T, pp. 259 e 260.

²⁶¹ Cf. T, pp. 260 e 261.

²⁶² É feita uma distinção entre os avarentos da própria fazenda e os avarentos da fazenda alheia, isto é, os “usureiros” (Cf. T, p. 264).

²⁶³ Cf. T, pp. 263, 264 e 265.

graus de manifestação da ira. Se nos anojamos contra um mau, quando é necessário e para que ele altere o seu comportamento, fazemos um acto justo. Só é criticável a ira que se manifesta sem nenhum motivo, sem nenhuma injúria. E nesse caso é feita uma distinção entre a iracúndia, própria dos soberbos, e a cólera que pode resultar no ódio.²⁶⁴ Os remédios para a própria ira são três: olhar-se ao espelho, vendo as terríveis alterações produzidas; contar o alfabeto, ou seja, esperar antes de tomar alguma atitude; irar-se contra si próprio; amar a Deus, que se projecta nos homens, não podendo por isso ser odiado e por consequência também os homens não o podem ser.²⁶⁵ Quanto à ira alheia, o falar doce e não emendar no momento, são os conselhos dados.²⁶⁶

Por fim, a preguiça é representada pelos pés. Provoca ociosidade, “princípio da maldade e principal causa da luxúria”²⁶⁷ e pobreza. O remédio para tal vício é conviver com os religiosos ou outros homens fervorosos, recorrer à oração e até rogar a Deus para que mande alguma tribulação²⁶⁸ que nos obrigará a mantermo-nos alerta.

Olharmo-nos ao espelho dá-nos então a possibilidade de vermos reflectidos os nossos pecados e assim emendá-los com os remédios sugeridos. Mas, há ainda um outro proveito decorrente dessa observação no espelho. Na verdade, se um jovem se olhar ao espelho, aperceber-se-á das mudanças no seu rosto e no seu corpo e que no fundo o advertem a mudar os seus hábitos e a entregar-se a pensamentos “mais altos e generosos”²⁶⁹. Se for um homem já maduro irá concluir, por sua vez, que a velhice se aproxima e que portanto convém mudar de vida e de costumes, entregando-se a considerações mais sérias. Mas, atenção: quem se olha ao espelho deve fazê-lo com humildade, reconhecendo que de dia para dia a sua imagem se vai alterando. Quando o olhar não é esse, então não há reforma possível. É o que acontece com os velhos obstinados e incorrigíveis²⁷⁰, nos quais o vício, pelo longo uso que tem, já é natural²⁷¹, sendo por isso necessária maior penitência. Por oposição, os homens que, ao primeiro sinal de velhice, começam a conformar os costumes com a idade são já alvo de pouca repreensão e os jovens, que contrariando a idade, se mostram maduros e prudentes são alvo de grande louvor e honra.²⁷²

²⁶⁴ Cf. T, pp. 265 e 266.

²⁶⁵ Cf. T, pp. 266 e 267.

²⁶⁶ Cf. T, p. 267.

²⁶⁷ Cf. T, p. 267.

²⁶⁸ Cf. T, p. 269.

²⁶⁹ Cf. T, p. 269.

²⁷⁰ Cf. T, p. 275 – “entre todos os abusos do mundo nenhum é maior que a obstinação de um velho.”

²⁷¹ Cf. T, p. 272.

²⁷² Cf. T, p. 274.

Atendendo ao que foi dito, o homem deve emendar-se enquanto é tempo porque a vida é breve e a morte chega inesperadamente. Mas é erro universal não se emendarem logo, nem fazerem o prometido e esse erro é sobretudo mais evidente nos que estão sãos do que nos que estão doentes. Na verdade, os enfermos, tal como os atribulados, estão em vantagem porque se mostram mais humildes e reconhecem Deus.²⁷³

Para terminar, e porque o espelho dos homens é “quebradiço” e nem sempre fiável, se não se olhar para ele com humildade e discrição, Francisco propõe um outro espelho: Jesus Cristo crucificado. Este é o verdadeiro espelho que todo o cristão deve ter em casa, na esperança de se fazer espelho de Cristo e com Ele ser crucificado e elevado ao Céu e este é principal “fruto do conhecimento de si mesmo”.²⁷⁴

Como o fim de todas as virtudes é a salvação eterna, e como “quem quer bem endereçar a sua vida, se põe a considerar o fim”²⁷⁵, parece-nos que faz todo o sentido que o último diálogo do livro seja consagrado ao tema da morte, o qual “se não for com alegria interior, ao menos com um rosto sereno e alegre prática”²⁷⁶ será abordado para que “se venha a tomar a morte por deleite”.²⁷⁷

A primeira consideração feita por Luís e Giacome prende-se com o entendimento da morte. Se, para Luís, a morte é má porque contrária à vida, para Giacome e atendendo a que, na verdade, a vida mais não é do que um “vale de misérias”, a morte é melhor que a vida, é remédio e não pena.²⁷⁸ Estas duas posições são depois conciliadas na conclusão de que há duas mortes, consoante a vida que se levou, e portanto para os bons a morte é boa e para os maus é má.²⁷⁹

A morte boa tem naturalmente como fim a imortalidade, mas para alcançar a imortalidade é preciso morrer bem. Por isso, Luís pede a Giacome que discorra sobre o modo de bem morrer, ao que Giacome responde que para bem morrer é necessário primeiro viver bem, pelo que a vida dos sábios deve ser tida em conta e em especial um preceito por eles seguido: em todas as obras, o homem deve lembrar-se de que há-de morrer. Com efeito, só a meditação da morte faz com que o homem tema a última

²⁷³ Cf. T, p. 277.

²⁷⁴ Cf. T, p. 279.

²⁷⁵ Cf. T, p. 301.

²⁷⁶ Cf. T, p. 281.

²⁷⁷ Cf. T, p. 282.

²⁷⁸ Cf. T, p. 287.

²⁷⁹ Cf. T, p. 288.

passagem, emende a sua vida, reconheça as suas misérias, abandone as coisas terrenas e eleve o entendimento a Deus.²⁸⁰

Porém, a lembrança da morte desperta vários medos que decorrem de várias causas, a saber: a incerteza do tempo e do lugar da morte, bem como a diversidade de modos que a morte pode assumir; o facto de a morte nos privar de todas as consolações da vida; o destino dos corpos mortos que se incorporam na terra; a consciência do Juízo Final; a consideração das penas infernais; a dor e angústia da alma quando se separa do corpo, sendo que a alma passa por três batalhas (a moléstia dos parentes; a tentação dos demónios e a fraqueza dos sentidos²⁸¹).²⁸²

Apesar destes medos, conclui-se que não há nenhuma razão para temer a morte, apenas o seu “improviso assalto”, porque não se pode temer o que não se pode evitar e porque, como cristãos, é-nos prometida a vida eterna. Mais, Giacome considera mesmo que se deve esperar alegremente a morte porque a alma, enquanto está presa no corpo está sujeita a muitos perigos que dificultam a sua ascensão à “perfeita e divina contemplação”. Para além disso, a morte é a guia para a vida eterna.²⁸³

Ainda relativamente ao viver bem, Giacome deixa mais algumas recomendações, nomeadamente: habituar-se ao bem e instruir os filhos, com o temor de Deus e obras de cristão.²⁸⁴ Seguem-se os méritos da doutrina cristã²⁸⁵, cujos frutos principais são: guardar os preceitos cristãos, nomeadamente os Dez Mandamentos²⁸⁶; santificar as festas²⁸⁷; evitar a ociosidade e habituar-se ao trabalho; adquirir paciência e o hábito da devoção;²⁸⁸ encarar como um hábito o sacramento da eucaristia, sacramento que afasta os jovens dos vícios, ajudando-os a desprezar o mundo²⁸⁹; evitar as más companhias, amando e honrando antes os religiosos²⁹⁰; não temer a morte²⁹¹. Mas, toda esta doutrinação não poderá implicar que

²⁸⁰ Cf. T, p. 289.

²⁸¹ Cf. T, p. 296.

²⁸² Cf. T, pp. 291-296.

²⁸³ Cf. T, p. 300.

²⁸⁴ Cf. T, p. 302.

²⁸⁵ De notar o louvor ao Concílio de Trento – “ (...) E por esta razão se hão-de dar mil bênçãos ao sagrado Concílio de Trento, o qual, vendo que as desordens, os escândalos e maldades que cada dia se cometem não nascem senão do mau ensino, dignamente e por obra do Espírito Santo ordenou que em todas as partes da cristandade se plantem escolas de doutrina cristã onde os meninos se instruem (...)” (Cf. T, pp. 302 e 303).

²⁸⁶ Cf. T, p. 304.

²⁸⁷ O que muitos já não fazem, sendo as festas mais ocasião de pecados do que de honra a Deus (Cf. T, p. 304).

²⁸⁸ A devoção manifesta-se especialmente através da oração, cujos méritos são referidos por Giacome (Cf. T, p. 308) e da meditação, da qual emerge a humildade “condimento das outras virtudes” (Cf. T, p. 309).

²⁸⁹ Cf. T, p. 311.

²⁹⁰ Cf. T, P. 314.

²⁹¹ Cf. T, p. 316.

estes jovens se tornem inúteis para as coisas do mundo, nomeadamente para o governo da casa, o serviço dos príncipes e outras empresas?²⁹² A esta dúvida, posta por Luís, responde Giacome que a doutrinação é tão-só “um condimento de todas as obras”²⁹³, ou seja, os preceitos cristãos simplesmente ajudam o homem a endereçar a sua vida a um melhor fim, que é a imortalidade na companhia de Deus.²⁹⁴

Assim sendo, tendo levado uma boa vida, o homem só pode ter uma boa morte. Mesmo assim, Giacome reforça alguns cuidados a ter, como por exemplo, evitar os vícios²⁹⁵ e executar obras pias em vida²⁹⁶. E como muitas vezes, a doença é um sinal da proximidade da morte, deixa algumas instruções úteis para os doentes²⁹⁷, nomeadamente apresenta-lhes a oração que devem dirigir a Deus e através da qual devem mostrar o seu arrependimento. Aconselha-os também a pedir perdão e apelar à misericórdia de Deus.²⁹⁸

Estamos agora em condições de concluir que tudo o que foi apresentado neste diálogo, e no fundo, em toda a obra, tem em vista a imortalidade do Céu²⁹⁹, que é muito superior à da terra³⁰⁰, permitindo ao homem gozar das inúmeras bem-aventuranças do Céu, que não podem ser compreendidas pela doutrina humana.³⁰¹

A obra termina pois com o reconhecimento de que todo o razoado destes diálogos foi para glória de Deus e para salvação dos locutores:

Pois que vos parece que seja nosso ofício acerca da celestial imortalidade exercitar antes o entendimento que a língua, rogaremos a Deus que seja servido de nos conceder ãa bem-aventurada morte que nos leve à eterna vida e dar-lhe-emos muitas graças porque para glória sua e nossa salvação nos fez mercê de dar vida e saúde para acabarmos este nosso razoamento.

²⁹² Cf. T, p. 313.

²⁹³ Cf. T, p. 314.

²⁹⁴ Cf. T, p. 314.

²⁹⁵ Cf. T, p. 316.

²⁹⁶ Cf. T, p. 319.

²⁹⁷ Cf. T, p. 318.

²⁹⁸ Quem trata dos doentes deve ajudá-los a esquecer os erros passados, mostrando-lhes a misericórdia infinita de Deus, guiando-os assim para uma morte tranquila. O sacramento da extrema-unção é também referido como arma contra os últimos assaltos do Demónio (Cf. T, p. 320).

²⁹⁹ Luís questiona Giacome quanto à imortalidade da alma. Apesar de haver várias opiniões, Giacome faz ver que se a nossa alma é semelhante a Deus, ela só poder ser imortal. Aliás, “a imortalidade da alma é o fundamento e o princípio da boa e santa vida” (Cf. T, p. 326).

³⁰⁰ A propósito da imortalidade na terra fala-se novamente dos escritores e de Guazzo (Cf. T, p. 324).

³⁰¹ Cf. T, p. 327.

4. Em jeito de conclusão

Julgamos que com esta longa exposição fica, por um lado, fundamentada a filiação destes *Diálogos* na literatura de comportamento social e de *institutio principis*, permitindo criar uma malha de intertextualidades, algumas indicadas neste trabalho, outras certamente por indicar, atendendo à extensão do fio que se perde pelo labirinto; por outro lado, e decorrente dessa filiação, ficaram documentadas e reforçadas, já que esta é mais uma obra a somar a todas as que tratam destas questões, as virtudes que fazem de um príncipe um bom príncipe, porque em primeiro lugar é prudente, mas, e não menos importante, porque essa prudência está intimamente associada a um sentir religioso muito forte, que, como vimos, perpassa em todo e qualquer acto do homem. Nesse sentido, é bem verdade “che solo Dio (...) riesce a dare la vera definizione alla virtù.”³⁰²

Assim, e embora enquadrados no filão da literatura de comportamento social e no desenvolvimento da larga temática da “cortesania”, enquanto pertença, para usar uma expressão do sociólogo Norbert Elias, à “sociedade de corte”, estes diálogos enfileiram no amplo conjunto de textos que, sobretudo a partir dos finais do século XVI, acolheu a temática do “príncipe católico”, do leque das suas virtudes modelares, na oposição a maquiavelismos e tacitismos vários que pela Europa faziam o seu caminho. Neste texto é, aliás, bem clara essa filiação, na medida em que comporta expressivas referências às dimensões espirituais e religiosa como marcas fundamentais do comportamento do príncipe católico, no seio de uma monarquia também católica. Daí que a prudência, a “virtude” real por excelência, uma vez que permite encontrar o caminho certo, para além da longa tradição de matriz clássica, traga também consigo a dimensão cristã para um príncipe que deve ser um exemplo de comportamento e governação para os seus súbditos.

A dimensão “arte de reinar” parece ocupar cada vez mais espaço nesta “literatura” que procura a conciliação entre os interesses do estado e das monarquias e a “razão de estado” católica. Vale a pena lembrar que *La Ragion di stato*, de Giovanni Botero havia sido publicada em 1598 e que este texto, em que a “arte do estado” se baseava sobretudo na virtude, se não pode ser tido, por razões cronológicas face ao texto base de Guazzo, como uma marca de interesse por estas questões, pode, de algum modo, ter contribuído

³⁰² Cf. CONTINISIO, Chiara, “Il re prudente. Saggio sulle virtù politiche e sul cosmo culturale dell’Antico regime” in *Repubblica e Virtù. Pensiero politico e Monarchia Cattolica fra XVI e XVII secolo*, a cura di Chiara Continisio e Cesare Mozzarelli, Roma, Bulzoni Editore, 1995, p. 334.

para a importância que Alfaro atribuiu aos *Dialoghi*, ao traduzi-los, no sentido em que os anos finais do século XVI prestaram, como já se disse, uma enorme atenção a este filão da harmonização das razões do estado com as obrigações espirituais e religiosas de um príncipe católico, preocupação que o século XVII desenvolverá em múltiplos registos.

Por sua vez, o modelo do jesuíta Pedro de Ribadeneira, sugestivamente intitulado *Tratado de la religión y virtudes que debe tener el Príncipe Cristiano, para gobernar y conservar sus estados, contra lo que Nicolás Maquiavelo e sus secuaces enseñan*, de 1595, mostra bem, como depois da publicação do original de Guazzo, a temática em causa trilhava um caminho de sucesso, o que pode também explicar, em 1606, em tempos de monarquia dual em que a Espanha se debatia com os graves problemas das Províncias Unidas, o já referido interesse manifestado por Alfaro ao tomar os *Dialoghi* como objecto de tradução.

Não deixa, aliás, de ser curioso que *Il Cortigiano* tenha merecido a prestigiante versão para castelhano de Juan de Boscán, em 1534, o *Galateo* a tradução-adaptação de Lucas Gracián Dantisco, em 1582, e estes *Dialoghi* tenham sido vertidos para português, em tempos de monarquia dual, e dedicados a um grande senhor da nobreza portuguesa. Com efeito, o *corpus* da literatura de comportamento social, na língua de Camões, era, ao tempo, praticamente inexistente – salvo uma ou outra composição do então proibido *Cancioneiro Geral* do tipo das “Sentenças” do conde Vimioso – limitando-se a apontamentos em textos do tipo das “instruções” de pais a filhos que se tornavam embaixadores ou se dirigiam para a corte e que, de algum modo, esta tradução indirectamente também é, no sentido em que, sendo dirigido a um jovem grande senhor, lhe oferece múltiplos conselhos de comportamento e governação. O primeiro texto que expressa e integralmente se dedica a equacionar o comportamento “cortesão”, ainda que em círculos mais alargados que os da corte, encarada como espaço restrito, é a *Corte na Aldeia* (1619), de Rodrigues Lobo, que muito deve também a Stefano Guazzo³⁰³. A tradução destes *Dialoghi* pode, deste modo, fazer prova do interesse e do gosto do público leitor por estas temáticas que Francisco Rodrigues Lobo desenvolverá, numa prática intertextual intensa.

Os *Diálogos*, de Stefano Guazzo, são pois fruto de um tempo e de influências que não podem ser escamoteadas, mas nem por isso deixam de ter uma identidade própria que

³⁰³ CARVALHO, José Adriano de, “Introdução” a Francisco Rodrigues Lobo, *Corte na Aldeia*, Lisboa, Editorial Presença, 1991, pp. 7-42.

se manifesta nos paratextos³⁰⁴, nas personagens escolhidas, na progressão temática, nos exemplos citados³⁰⁵, na presença discreta mas engenhosa do autor no texto e, como foi repetidamente vincado, na doutrinação cristã subjacente, fruto ela própria do Concílio de Trento, e que por exemplo não se manifesta em *Il Cortigiano*,³⁰⁶ — outros tempos outras preocupações — ainda que na sua obra Castiglione conjugue, e bem, valores da cultura pagã com valores indiscutivelmente cristãos.

Tudo isso, a nosso ver, torna estes *Dialoghi*, realmente *piacevoli*, e, talvez, também, por esse acento de “cortesania” em ambiente de “arte de reinar”, a tradução possa fazer sentido como um modelo de “comportamento”, dedicado a um grande senhor português.

³⁰⁴ Os do texto italiano não foram aqui analisados, mas os da tradução portuguesa fazem prova da especificidade da obra.

³⁰⁵ Muitos, para não dizer a maioria, fazem parte de um repertório que pode ser reconhecido em *Il Cortigiano*, como arquiteito (que recupera porém inúmeros *exempla* de textos antigos) e que continua para além dos *Diálogos*. Para citar uma obra portuguesa, basta pensar na *Corte na Aldeia* (1619). No entanto, outros decorrem do próprio círculo de relações do autor. Estamos a pensar, por exemplo, na referência a Lodovico Gonzaga, mas também aos Académicos e outros contemporâneos de Guazzo.

³⁰⁶ Nem poderia, atendendo à data de publicação da obra, 1528, e à data de início do Concílio, 1545.

TRANSCRIÇÃO DO MANUSCRITO

Diálogos
de Stephano Guazzo
gentil-homem italiano de Casal de Monferrato
Traduzidos em linguagem portuguesa
por Sebastião d' Alfaro

Nos quaes se trata

Da prudência do rei.
Do príncipe da Valáquia Maior.
Do officio de juiz.
Da eleição dos magistrados.
Das empresas.
Da semelhança das armas e Letras.
Da honra universal.
Da honra das mulheres.
Do conhecimento de si mesmo.
Da morte.

Ao Duque de Torres Novas
Sendeiro da casa d' Aveiro e terras do Ifantado

Ex.^{mo} Senhor

A variedade dos muitos e maravilhosos dotes com que Deus Nosso Senhor ornou V. Ex.^a me obrigou a lhe oferecer este tratado de vária lição que traduzi da língua italiana. V. Ex.^a o receba com aquela humanidade com que os príncipes e reis destes reinos, seus progenitores, aceitaram os serviços, posto que pequenos, de seus vassallos, porque com tal emparo poderá sair à luz seguramente.

Nosso Senhor guarde V. Ex.^a muitos anos.

De Lisboa, a 2 de Março de 1606.

Seb. d' Alfaro

Ao Leitor

Lendo em algũas horas ociosas os Diálogos, de Stephano Guazzo, compostos na língua italiana, por terem vária história e erudição, me pareceu bem traduzi-los na portuguesa para gozarem deles os que não sabem a italiana. Contentando haverei o trabalho por bem empregado.

Seb. d' Alfaro

Diogo Fernandes Ferreira

Ao Autor

Soneto

Coberto de capa tosca ou diamante
Não é de toda a gente conhecido,
Depois de ser lavado e ser polido
fica claro, fermoso e rutilante.

Assim Estêvão, tu lá do Levante
De toscano vieste a nós vestido
E agora por Alfaro traduzido
Não ficas tosco já, mas elegante.

E tu famoso Alfaro lusitano
A tosca capa tira que te cobre
E a pena da mão ao mantuano.

Vejam-te os de Luso sábio e nobre
De sangue, de saber divino e humano
E mais rico que Crespo, sendo pobre.

Diálogos de Stephano Guazzo

Da prudência do rei junta com as Letras

Diálogo primeiro

George Luís

Não teve nunca a cidade de Vercilli tão grande parte do mundo em si como hoje tem com a vinda do rei cristianíssimo Henrique III, cuja Majestade vedes agora com quanto alvoroço [~~frieza~~] e enfadamento é esperada de tanta gente ao longo desta rua, que mostra em si um certo desgosto a que soe preceder ãa grande alegria.

(Nota lateral – Henrique III de França)

LU. – Eu de minha parte sofro isto de ãa vontade pela consolação que terei com a presença deste rei, que desejo ver juntamente com os outros príncipes e fidalg[~~es~~]uia francesa, assim pela fama de seu valor como pela memória de meus antepassados, os quaes, trasplantando de França a Itália um enxerto da árvore da casa de Nevers, o enxeriram nos outeiros frutíferos do Monferrato e o consagraram com os frutos de sua antiguidade ao império da casa Paleologa, à qual dignamente sucedeu a de Gonzaga, pelo que não posso deixar de amar e ver com olhos amorosos a nação francesa.

(Nota lateral – Casa de Nevers)

GEOR. – Justíssimo é o vosso desejo. E quanto ao valor deste rei bem se pode dizer que se lhe vai crescendo, com a idade e obras, a grande fama que tem lançado de si em seus mais tenros anos, quando era duque de Anjou; não houve nem haverá porventura mais poderoso e glorioso rei que ele, o qual tanto mor merecimento alcançou para com Deus e crédito para com o mundo quanto suas empresas foram sempre pela defesa da fé católica até derramamento de sangue da perigosa ferida que lhe deram junto da garganta, de que dá testemunho a cantiga feita por um nosso Académico de Casal que diz assim:

“Tingida ficou daquela cruel guerra
Do seu sangue a terra.
Alegre de tanta honra, mas pasmada
[~~De ver a vida de seu rei tão aventureada~~]
Que a vida de seu rei se aventureada.”

LU. – Viverá sempre este rei bem-aventurado somente pela memória daquelas três assinaladas e vitoriosas empresas de Moncontour, de Carnac e da Rochele, nas quaes não provaram os huguenotes mais cruel inimigo que ele.

(**Nota lateral** – Três vitórias de Henrique III)

GEOR. – Vós chamais-lhe huguenotes e eles tomaram o título de evangelistas.

LU. – Com razão tomaram o título porque assim como Cipião trazia o nome de Africano não porque fosse de África mas porque a destruiu, assim esses [~~tomam~~] usurpam o nome de evangelistas não porque o guardem, mas porque simplesmente se persuadem de poder destruir o verdadeiro sentido do divino e inexpugnável evangelho. Mas tornemos ao rei e peço-vos que me digaes que esperaes de sua vida [~~no~~] pelo tempo adiante.

(**Nota lateral** – Huguenotes se fazem chamar evangelistas)

GEOR. – Ainda que se deva esperar bem, imagino todavia que sendo ãa cousa obedecer e outra o mandar, assaz menos tinha ele em que cuidar [~~em mentes~~] quando era logotente de Carlos seu irmão do que terá agora sendo rei.

LU. – Examino isto que dizeis e acho que [~~é~~] tão grave e insuportável peso pareceu o império a Tibério que lhe chamou grão besta, e assim podemos dizer que para bem poder reger ãa tão grande besta, grande siso é necessário que tenham príncipes e sobretudo se requer nele, além doutras virtudes, a PRUDÊNCIA. Creio que também vós sereis desta opinião e por isso folgaria muito que para nos aliviarmos do enfadame [~~da~~ ~~fraqueza~~] que se sente neste esperar a vinda de el-rei fôsseis servido de declarar algum vosso conceito acerca do modo de bem reinar.

(**Nota lateral** – Império chamado de Tibério grão besta)

GEOR. – Eu não discrepo um ponto do vosso parecer [~~juízo~~] quanto a prudência do rei, antes tenho para my que quando se ele achasse nu desta virtude, [~~então~~] o título da grão besta se poderia referir não ao principado, mas ao mesmo príncipe, e os seus súbditos chamaríamos mesquinhos, castigados com tal açoute por algum grande pecado seu. Mas

ao que me pedis que vos diga [~~da~~^{de}] meu parecer acerca do reino, não vo-lo outorgo, porque muitos autores, assim antigos como modernos, escreveram da [Falta] do bem reinar tão difusamente que com mais razão se deveriam de restringir que ampliar, e se a tão baixa pessoa como eu sou não fosse vedado razoar de tão alto sujeito, diria que a grande cópia de livros que falam do reino ofende e confunde o entendimento dos príncipes e é ocasião q' eles, pola multidão dos ofícios e obrigações que lhes são postas, não tem muito crédito aos taes escritores, dos quaes alguns, carregando com assaz pouca discrição a carrega e não na tocando nem com o dedo, não sabem quão pesada seja [~~de sofrer-la~~] de sofrer e como é verdadeiro aquele dito: que a quem a carga não pesa bem a leva.

(Nota lateral – Provérbio)

LU. – Quanto a my eu me persuado que ajudaria muito ao príncipe e lhe seria cousa mui agradável se se empenhasse a ler tudo o que os escritores antigos e modernos escreveram e depois de haver bem pesado a diversidade dos tempos e dos costumes passados e presentes fosse com discrição reformando, não menos com facilidade que com brevidade, as leis do reinar.

GEOR. – Este cuidado mais convém a um príncipe que a um homem particular, porque assim como se disse que bem-aventuradas seriam as repúblicas se os reis filosofassem ou os filósofos reinassem, assim se pode concluir que perfeitas seriam as leis do reino se os reis as escrevessem [~~as leis~~] ou os escritores [~~das leis~~] delas reinassem. E quanto mais cuido nisto me parece que [~~os príncipes~~] tem algũa razão os príncipes de se queixarem das pessoas particulares as quaes, não havendo nunca exercitado império nem provado como se desencontram as leis com o principado, correm com a leve, precipitada e mal praticada pena ao quererem ensinar sem [~~pra isso requeridos~~] serem chamados para isso e sem se lembrarem da sentença de Pirro, o qual, vendo a um que sem haver nunca estado [~~em~~] na guerra se oferecia a lhe ensinar a arte de ordenar um exército, lhe respondeu que não tinha necessidade de capitão que nunca ouviu o som do [~~caixa~~] tambor. [~~De~~] Donde [~~considere~~] venho a considerar que todos os escritores fazem um acto digno deles que se apegam à aquelas ciências nas quaes com grande estudo prático e teórico andam de muito tempo exercitados, como Marco Túlio escrevendo do orador, Horácio da arte poética, Aristoxeno da música, Homero da astrologia, e outros, cada um de sua particular profissão; mas que um simples cidadão se

adiante e atreva a querer instituir um príncipe não no posso levar em paciência porque me parece a mim muito presunçoso, misturado com parvoíce.

(**Notas laterais** – Instituir o príncipe a quem convenha / Resposta de Pirro / Ignorância)

LU. – Se assim é, será razão que injuriemos a Platão que se gabou tanto, não havendo tocado nunca nem ceptro nem coroa.

GEOR. – Não quero que absolutamente repreendamos nem a Platão nem aos outros que com suas obras instituíram um príncipe, porque escreveram como filósofos cuja profissão é dar preceitos não menos políticos que económicos e de informar os ânimos daqueles costumes e virtudes que se requerem ao governo dos mesmos, de suas casas, e da cidade, mas não pecaremos nem se poderá atribuir a repreensão se dissermos que não houve nunca nem haverá príncipe algum que compridamente guarde seus preceitos e, se houvesse com tudo isto algum, nem por isso será perfeito príncipe, posto que está tão crecida hoje a malícia e estão de tal modo mudados os costumes e a forma de viver que se requerem novas leis, novas considerações, novos partidos e segundo a regra legal: as cousas, que de novas acontecem, novo remédio hão mester. E para que acabemos, por pouco sábio seria tido o rei que ~~[se]~~ quisesse estar ~~[firmar entre os confins dos]~~ pelos preceitos escritos dos ~~[pelos]~~ filósofos, porque conforme à diversidade das pessoas e das circunstâncias hão-de ~~[usar]~~ ser nas execuções ~~[ou mais rijamente ou mais diligentes]~~ ou mais ~~[regos]~~ rijos ou mais remissos. Pelo que torno a dizer que ao príncipe, a que cada hora se lhe representam novos incidentes que são de nova consideração, lhe convirá escrever as leis do reinar tiradas das fontes da teoria e da prática.

(**Nota lateral** – Regra legal)

LU. – Pois que as razões que destes e a vossa modéstia vos retiram de discorrer sobre a maneira de reinar, não vos seja molesto ao menos apontar alguma coisa mais útil ao rei e mais necessária.

GEORG. – Por não vos desobedecer em tudo direi alguma coisa, mas com esta condição: que me seja lícito andar segundo meu costume natural, saltando de um propósito noutro ~~[como me dizem e me tirando me ter me]~~ fora da estrada ~~[rasurado ilegível]~~ e razoar familiar ~~[mente]~~ e ~~[com]~~ alegremente convosco. Eu, como sabeis, fui sempre inimigo dos que querem andar ~~[sempre]~~ entoados ~~[em gravidade]~~ e acham que é pouca gravidade misturar em suas práticas algum dito vulgar e comum e ~~[me]~~ conformedo-me de boa vontade com a natureza e mente do alegre Platão, o qual, vendo a

Xenócrates e Dião demasiadamente ríspidos e austeros, os admoestou que quisessem fazer sacrifício às Graças para que se convertessem em mais familiares.

LU. – Tendes muita razão porque, posto que a [~~homem~~] gravidade seja mais natural ao homem que a soltura, todavia é animal risível, pelo que tirando-o totalmente do prazer e alegria e das zombarias se revela a si mesmo e à sua natureza.

GEORG. – Além disso é tão longe da cortesia quanto notou o filósofo, o qual chama rústico ao que nunca fala alguma palavra de zombaria nem sofre os que são de tal natureza.

LU. – Eu sou do vosso parecer. E pois que a nossa vida por um prazer tem mil tormentos, parece que convém procurar de ir temperando [a] o [~~sua-natureza~~] amargo que tem com a doçura dalgũa alegre prática [e] que será um manter-se o homem na vida em que pese à morte.

GEOR. – Antes será um matar a morte pola saúde e benefício da vida. Digo pois para o regimento da grão besta que convém antes de toda outra cousa assoprar na orelha do rei aquela lembrança que todos os potentados são breves, perigosos e dificultosos.

(**Nota lateral** – Primeira lembrança ao príncipe)

LU. – Como entendeis que sejam breves?

GEOR. – Entendo como o entendeu aquele que disse, “Todo o potentado é breve vida”, o qual considerou que vendo-se o rei com a suprema autoridade de mandar a todos, [~~e~~ não] sem ser mandado doutrem e dando-se a si mesmo como [Falta] [~~e-fazer~~] de soldados a seus pensamentos, e às adulações doutrem, nem havendo quem lhe contradiga em nada, facilmente se leva do vento da ligeireza sobre o monte da soberba a qual se vem precipitando no profundo abismo dos erros por cuja ocasião lhe sobrevem as conjurações [~~de-reino~~] ou contra o reino ou contra a vida ou fica como Deus o quer, privado da desejada sucessão, donde se segue que o reino tem breve vida, e se vai transferindo de ãa linhagem [a] em outra.

(**Nota lateral** – Potentados breves)

LU. – Agora entendo a brevidade dos potentados e assim entendo um pintor, o qual, constrangido de um tirano a tirar dos muros do paço todas as armas dos príncipes seus antecessores e pintar somente as suas, estando-as pintando ajuntou “Durabit tempo re curto”, quer dizer “durará pouco tempo”. Mas o tirano, entendendo isto, o mandou chamar e perguntando-lhe porque escrevera aquelas palavras, respondeu que as cores com que pintara as armas não eram boas e que por isso a pintura duraria pouco.

GEORG. – Disse que os potentados são perigosos não tanto por respeito do reino e da pessoa quanto pelo da alma, porque caiu Pedro e muitos outros do chão levantaram-se, mas caiu Lúcifer do céu e não se pôde levantar. Disse que são dificultosos porque se requer uma singular e quase divina destreza no governo de si mesmo e dos súbditos e na defesa e conservação do reino.

(**Notas laterais** – Potentados perigosos / Caída de Pedro / Caída de Lúcifer / Potentados dificultosos)

LU. – E daqui se vê quão avisadamente introduziram os espanhoes um certo provérbio: “que ser senhor não é saber, é saber sabê-lo ser”.

(**Nota lateral** – Provérbio espanhol)

GEORG. – Não entendo bem essas palavras.

LU. – Querem inferir que o saber não consiste em ser senhor, mas em sabê-lo ser.

GEOR. – Grande razão tendes de vos alegrardes pois com tanta felicidade sabeis a língua espanhola, da qual me contentaria ter tanta notícia como tenho da francesa.

LU. – Não sei se [~~tenho~~] terei eu muita razão de me alegrar desse pouco que aprendi da língua espanhola [~~des~~]pois que custa mais de dous mil cruzados da minha bolsa, e outros tantos trabalhos do coração pelas cruéis guerras dos tempos passados nos quaes, prevalecendo a força dos espanhoes, foi o meu miserável castelo tomado deles e destruído, no qual tempo assaz [~~tempo-e~~] comodidade tive mais do que quisera para aprender a sua linguagem.

GEORG. – Tanto me desagrada a ocasião quanto me contenta o efeito.

LU. – Mas tornemos ao propósito e não vos moleste de propor algum meio por onde os potentados, alterando sua natureza, sejam longos, seguros e fáceis.

GEOR. – Não posso eu propor outro mais que aquela virtude que vós já propusestes, digo a prudência, a qual deve o rei escolher por sua legítima esposa e rainha.

LU. – Porque esta virtude compreende quase em um círculo todas as outras, queria que ma dêsseis primeiro a conhecer e me dissêsseis onde está principalmente situada.

(**Nota lateral** – Prudência que cousa seja)

GEORG. – Quem a quisesse propriamente e compridamente [~~mostrar~~] definir diria que é um verdadeiro hábito activo e, em particular, é um acto para todo o acontecimento [~~rasurado ilegível~~] acerca do bem e mal do homem, mas por não quitar tempo nesta larga consideração, estreito-me a vos dizer que esta virtude, conforme a opinião de um devoto homem, está posta entre o boi e o asno, porque o boi porque tem cornos significa

o engano e malícia, e o asno estúpido significa a zombaria e a burrice, que são os extremos da prudência. E por isso Nosso Senhor, jazendo entre estes dous animaes, nos ensinou o meio virtuoso que é não enganar, nem deixar-se enganar, e quanto isto convém já a um rei vós o julgai. Esta virtude está também posta no ver de longe e considerar não somente as cousas presentes mas as por vir.

(**Nota lateral** – Prudência é posta entre o boi e o asno)

LU. – Verdadeiramente que se o príncipe em todas suas acções não considerar o fim se põe em grande perigo, e serve à sua custa quão verdadeiro seja aquele sentencioso dito: Quem não está ao diante atrás se fica.

(**Nota lateral** – Provérbio)

GEORG. – Ouço em poucas palavras grande sentido, mas donde cuidaes que naceu esse provérbio?

LU. – Porventura que da fábula das rãs, as quaes, depois que se secou a laguna onde estavam no Inverno, tomaram por partido de saltar em um poço ali vizinho, mas em querendo pôr em execução a sua louca e inconsiderada determinação, a mais discreta delas lhes fez logo mudar o propósito dizendo: “E se o poço vier a secar, que modo (coitadas de nós) teremos para nos tornarmos a sair!”

(**Nota lateral** – Fábula das rãs)

GEORG. – Prazenteiro é o provérbio, prazenteira a fábula e vós muito mais prazenteiro que com tanta discrição os atastes todos. Vedes pois como [~~este bem~~] convém a todos, mas [~~melhor~~] mais ao rei, debaixo de cujo governo servem infinitos povos, o ver as cousas presentes e antever as por vir, e o provar em tempo, o que quis significar um nosso Académico, chamado o Pressago, que quer dizer adivinhador ou profeta, tendo para empresa o ouriço marinho, o qual, antevendo a tempestade, se cobre todo de areia. Porém se me fosse dado a my o cargo de razoar em presença de todos os príncipes cristãos [~~e eu tivesse deles algum crédito~~] e eles tivessem algum crédito de my, ó de quanta vontade entraria em campo com estas palavras: Ouvi senhores [~~da terra~~] terrenos o que da parte do Rei [~~do céu~~] celestial vos venho a lembrar. Reconhecei-vos já a vós mesmos e confessai que não há maior falta que [~~não~~] a de saber. Ornai os templos de vossos corações para receber e apresentar dentro a imagem da prudência, firmíssimo fundamento, [~~e~~] fortíssima sustentação e seguríssima guia de todas as vossas empresas. Inclinaí vossos altos entendimentos e, seguindo com humildes rogos as pisadas do grande rei Salomão, não peçaes outra cousa do soberano Deus e Senhor que a entrada

desta principal e real virtude em vós mesmos, e se por sua divina bondade vo-la conceder, chamai-vos bem-aventurados e contentes e vivei seguros de que este sagrado tesouro e este divino lume em todo o tempo vos conservará a vós, a vossas famílias, os reinos, vossos povos em tão firme estado que nem a maldade da gente estrangeira, nem as treições domésticas, nem a mudança de lugares, nem a variedade de os tempos, nem outro qualquer acidente baste a perturbar-vos jamais a paz e quietação [~~vossa~~]. Ó bem-aventurados de vós, ó nunca assaz louvados, ó dignos de sempiterna honra, se vos virdes senhores da prudência não menos que de vossos reinos! Esta vos ensinará a vos conhecer e reger a vós mesmos, a[s] família, as cidades e os súbditos. Esta vos fará certíssimos do que [~~vós haveis de~~] vos convirá seguir e fugir. Esta vos trará prontidão, experiência, memória e discurso. Esta vos fará escolher bons ministros e conselheiros. Arrimando-vos a esta quando os sucessos se não conformarem com a vontade, conformareis a vontade com os sucessos e, assim como a mão é a mesma estendida que apertada num punho, assim vós sereis os mesmos na prosperidade e nos trabalhos. Olhando-vos nesta como em um espelho vos achareis com dous rostos e como outro Jano, olhando para diante e para trás, entenderéis o presente e o futuro. Com esta guiando a vossa vida e desprezando as grandezas da terra, com o espírito vos levantareis à glória celestial.

(**Notas laterais** – Exortação a príncipes / Prudência e seus efeitos)

LU. – Se todos os senhores do mundo ouvirem essas tão graves palavras não creio que algum deles cuidasse que fossem ditas para ele, porque porventura que não há [~~algum~~] nenhum desses que [~~seja sabedor~~] conheça sua simpleza e que não se persuada que é mais sábio que poderoso. Mas este é um erro universal e por isso se diz que se ãa trombeta pregoasse que se levantasse em pé todos os alfaiates não se levantariam senão os homens daquela arte, mas se pregoasse que todos os sábios, se levantaria toda a sorte de pessoas por néscios que fossem.

(**Nota lateral** – Presunção viço universal)

GEORG. – Podemos logo concluir que a prudência é a rainha das virtudes e que sem ela o mundo não terá forma nem governo, e que não por outra razão se pinta Minerva com um escudo, senão porque o mundo figurado conforme a forma de escudo se governa pela prudência, a qual consiste em passar primeiro pelo entendimento o que se há-de obrar, como mostrou um dos sete sábios de Grécia, brevemente dizendo – “Cuida e depois faz” –, porque no pensar [~~vai~~] está tudo. E daqui concluiremos que então é a

idade de ouro quando os sábios reinam e o príncipe, como meio da prudência, é senhor rei de dous reinos, convém a saber: do reino de Saturno, que é a consideração, e do reino de Júpiter, que é a razão.

(**Notas laterais** – Minerva porque se pinta com um escudo / Reino de Saturno / Reino de Júpiter)

LU. – Que cousas entendeis vós pela consideração?

GEOR. – Entendo primeiramente aquela morte e filosófica que ensinou a Moisés falar com Deus, cara a cara, que deu a Daniel o espírito profético, que arrebatou o apóstolo São Paulo ao terceiro céu e levantou o espírito de muitos levando-os até o meio dos coros dos anjos, a imitação dos quaes se deve voltar a Deus e reconhecer nele a sua grandeza e pedir-lhe ajuda em todas as suas obras e graça para manter católicos os seus povos, de extirpar as heresias, de lhe ~~[sacrificar os]~~ fazer um sacrifício de seus bens, do seu sangue e de sua própria vida, quando se tratar da honra de sua divina majestade e sustentação da nossa santa fé. Esta é a prudência cristã donde depende não somente a conservação do reino, mas a benevolência e devoção dos súbditos, os quaes, vendo que o príncipe reverencia a Deus, temerão menos que lhes faça algum mal. E daqui entro eu noutro pensamento: que, enquanto ele com esta prudência reconhecer humildemente que tem o seu estado da mão de Deus, se lhe pedir ajuda no seu governo, sentirá quase de improviso entrar em seu coração a virtude daquela justiça que se deve exercitar para com Deus e para com a religião, e trabalhando por todas as vias de cultivar seu espírito, ~~[ence]~~ acenderá com seu exemplo a corte e seus súbditos à santidade e devoção, e assi como o galo estende primeiro as asas e com elas bate os lados e depois com seu canto acorda e desperta os homens, assi ele exercitando-se assi mesmo primeiro nas obras de cristão, convidará os súbditos a o imitarem o que é um verdadeiro seguir a Cristo, o qual começou primeiro a fazer e depois a ensinar, e por causa dos súbditos, antes de os carregar com extraordinários e excessivos cargos, se resolverá de negar a si mesmo muitas comodidades e procurará que nas suas cidades se tirem os roubos, seguindo o preceito de Pitágoras, que não se devem criar os animaes de unhas tortas, e trabalhará também por não intentar cousa alguma injusta contra outro príncipe a fim de se engrandecer.

(**Notas laterais** – Contemplação do príncipe / Instinto do galo / Dito de Pitágoras)

LU. – Sabeis vós aquele dito que se a serpente não comesse serpente não viria dar em dragão. Creio que os senhores menos poderosos se entristecem grandemente quando

cuidam na grandeza de outros maiores e os maiores roem seus insaciáveis corações aspirando às monarquias.

(**Nota lateral** – Provérbio)

GEOR. – Causa difícil é que com este cobiçoso apetite se mantenham juntos, o que se mostra com a sentença de Aristides, o qual, perguntando que coisa fosse a justiça, respondeu não desejar as cousas alheias. Este desejo e esta cobiça não conhece as leis do sangue, pelo que Júpiter lançou do reino a Saturno seu pai. E se os poetas misteriosos, no descrever a genealogia dos deuses, afirmam que Marte nasceu de Juno, deusa dos reinos e das riquezas, é para nos ensinarem que da riqueza e do poder nascem as queixas e as guerras, posto que os príncipes finjam então outras ocasiões. Este mesmo desejo os incita não somente a pôr aos poucos injustas e intoleráveis cargas, mas a fazer-se mercadores e permitir monopólios nas cidades, a converter sob espécie de clemência as penas do primeiro sangue no segundo e a conceder por dinheiro mercês pouco honestas, como fez debaixo de capa de escárnio o emperador Vespasiano, quando um privado seu lhe pediu que quisesse fazer certa mercê a um que dizia ser seu irmão, ao qual o emperador, parecendo-lhe que havia caído na malícia, não lhe respondeu por então nem sim nem não, mas deixou-o duvidoso e depois mandou chamar o seu fingido irmão, e fazendo-lhe a mercê, lhe tirou das mãos a soma de dinheiro q'ele tinha prometido ao privado, o qual, não sabendo este sucesso, tornou a lembrar o negócio de seu irmão ao emperador mas o emperador, sorrindo-se, lhe respondeu: “Busca, tu, outro irmão que esse que tu cuidavas ser teu é meu”.

(**Notas laterais** – Dito de Aristides / Fábula; Vespasiano zomba de um seu privado)

LU. – Bem pudera dizer o emperador ao seu privado aquele provérbio francês: “A um ruim, ruim e meio”.

(**Nota lateral** – Provérbio francês)

GEOR. – E o outro que comprou a mercê podia dizer ao emperador aquele provérbio grego: A lebre prendeu o leão com laço de ouro. Mas parece-me que andamos algum tanto desviados. Tornemos à consideração pela qual [~~tamb~~] entendendo também [serem] os estudos das ciências [~~dignas~~] dignas [~~do príncipe~~] do príncipe e todas aquelas cousas que os príncipes tacitamente consigo imaginam mais para a quietação e felicidade de seus súbditos que para a sua própria.

(**Nota lateral** – Provérbio grego / [~~que os príncipes sábios revolvem em seus ânimos~~])

LU. – Julgo de entender polas razões já ditas que esta prudência seja a mais excelente de todas as virtudes do rei, mas fico maravilhado que para a alcançar metaes por cousa necessária a ciência e a doutrina, porque contra esta vossa opinião vos posso trazer exemplos de muitos príncipes, os quaes foram por outras cousas tidos por muito prudentes, mas não pola doutrina, e vos nomearei muitos que pelo contrário tiveram grande doutrina com pouca prudência.

(**Nota lateral** – É a doutrina [Falta] ao príncipe)

GEOR. – Esses exemplos não tiram que as Letras não sejam o verdadeiro ornamento do ânimo e que o príncipe não deva procurar de as possuir juntamente com as outras virtudes e com tanta ventagem que a maneira do Sol escureça com seu resplendor os raios das estrelas que são os homens [~~priva~~] particulares.

LU. – Eu duvido que desejando vós esta esquisita e profunda doutrina no rei, façaes agravo à sua grandeza, a qual me parece que dependa assaz mais da potência que da ciência, e queria que discorrêsseis comigo qual e quão grande seja o peso que sobre suas costas trazem os príncipes, os quaes ou polas razões que muitas vezes pretendem ter nos reinos seus com outros, ou polas moléstias que recebem dos vizinhos, ou por discordar de seus povos, ou por traição de particulares ou por outras ocasiões estão postos em contínua necessidade de pensar e de prover todas as cousas pertencentes à seguridade e defesa não menos dos seus súbditos que de suas próprias pessoas, pola qual razão polas guerras, assi ocultas como manifestas, não tem nunca o coração pacífico e convém-lhes com presteza, com cuidado e com fadiga ocupar-se a mor parte do tempo nas cousas militares sem gostar, nem de dia nem de noite, de repouso algum, à imitação de Júpiter, o qual fingem os poetas que nunca dormia para significar que [~~os-que~~] não devem dormir aqueles a que são cometidos os governos do mundo. E por isso não vedes os príncipes sábios ocupados em outra cousa que em fazer correr postas, em mandar fora espias, a meter presídios, a prover de munições, de armas e de virtualhas, a expedir governadores e capitães, a fazer marchar gente, a aplanar casas e burgos, a fortificar terras, fabricar naus, cavar fossos, renovar pontes, conduzir artelharia, visitar terras, em contínuos trabalhos da alma e do corpo abreviando e consumindo a vida. Discorrei se quiserdes quantas inquietações sente em seu coração o rei católico polas contínuas novidades de Frandez, o qual, quanto mais sangue se derrama nele de diversas partes, tanto mais parece que contra seu rei, ou para melhor dizer, contra si mesmo se encarece. Ponde agora os olhos em França e dizei-me se Francisco, Carlos e Henrique, irmãos,

vendo sua Coroa Real rodeada dos cruéis fogos da heresia, dos grandes tumultos da guerra dos cem, da feroz tempestade das discórdias civis tinham necessidade de dar-se ao estudo das Letras. Bem sabemos que todos estes foram constrangidos de manejar primeiro a espada que os livros, sem a qual, porventura, que não morreram reis os dous primeiros e porventura que lhes não sucedera isto com tanta fortuna. Cessem pois estes grandes mestres de príncipes de os instruir com a doutrina e com os preceitos, que com outra diferente cousa se conserva a grandeza real, nem se afadiguem tanto em os amestrar em diversas ciências, mas entendam [~~que os~~] e considerem que os príncipes, [~~pela~~] por sua delicada natureza [~~que tem~~], pela falta de tempo e pela inquietação que dissemos que tem, não podem nem devem, nem tem necessidade de empregar as horas no estudo das Letras e em contemplar e filosofar. E quando isto fizessem se seguiria grande dano, não somente a eles mas aos seus povos, os quaes, seguindo como membros a cabeça e dando-se a sua vida quieta e pacífica, perderiam o vigor da guerra, e creceria aos inimigos a vontade e ardil de os ultrajar e lhes fazer violências. Nem obsta dizer que pela diversidade das cousas que tratam os reis lhes convém aprender muitas ciências, porque se estes mesmos que instituíram os príncipes com os livros não puderam adquirir muitas ciências com todo o seu ócio e comodidade, quanto menos as poderão alcançar os príncipes, envoltos em milhares de diversidades de cousas. Além disso se a diversidade de ciências é necessária ao príncipe conviria: que tivesse conhecimento de muitas línguas, como Metridates ou Carlos Magno, para responder aos estrangeiros que tratam com ele; que fosse teólogo, como David e Salomão, para incitar os povos [~~ao culto divino e a~~] à devoção do culto divino; que fosse filósofo, como Marco António, para introduzir os costumes e modo de bem viver; que fosse orador, como Péricles, para animar os exércitos a pelejar; que fosse poeta, como Tibério e músico, como Alexandre Magno, para adoçar o amargor de seus grandes trabalhos; que fosse astrólogo, como Agátocles que apaziguou os ânimos dos soldados alvoraçados e aterrorizados pelo eclipse do Sol; que fosse historiador, como César Augusto, para escrever fielmente suas empresas. Enfim, seria necessário que por ornamentos e serviço seu soubesse as ciências todas. Mas que príncipe houve aí que soubesse todas as ciências e quem poderá dizer que as tem recolhidas todas em si? Esta nossa vida é breve e não se podem saber muitas cousas em breve tempo. E não digo que todos os príncipes não naceram para Letras, mas segundo aquele dito:

“As Letras este, aquele armas procura
Segue cada um o que deve sua natura.”

Nem aprouve a Deus de conceder a um só todas as graças mas partiu-as diversamente [~~se vê~~] e comumente se vê que quem teoriza não tem prática, quem tem força não tem engenho, quem tem riqueza não tem saúde, quem tem poder não tem saber e quem tem saber muitas vezes não tem juízo. Além disto, se o rei se namora das Letras e dos estudos, ei-lo distraído e sem nenhum cuidado do governo de seus súbditos e dado todo a especulações e inteligências sobrenaturaes. E quando acontecer (o que será raramente) que se ache um príncipe de felicíssimo engenho, de robusta composição, inclinado ao estudo de várias ciências e em estado quieto com a paz de Octaviano, eu com tudo isto [~~me contentaria~~] não quereria que ele gastasse muito tempo nas lições, e me contentaria mais [~~se~~] que, considerando ele as voltas da fortuna, se ocupasse a si mesmo e a seus súbditos na caça, nos torneios, nas justas, [~~ne~~] em correr, saltar, cavalgar e em todos aqueles exercícios com os quaes os corpos se fazem mais sãos e os ânimos mais fortes e generosos. Não vos quero mais cansar e em resolução vos digo que em um príncipe embaraçado nos estudos das ciências lhe entra facilmente na cabeça aquela frenesia que entrou ãa vez a um músico doudo, o qual, entendendo que a sua casa se queimava e ouvindo muitos gritos da gente que bradava ao fogo, ao fogo, ficou de tal maneira ofendido da dissonância daquele brado que sem olhar por sua casa nem por pensamento, andava com grande fadiga temperando e acordando aquelas dissonâncias para que a música fosse harmoniosa e conveniente. Assi acontece ao rei enlevado nas Letras, o qual por amor delas não faz outro proveito que desemparar a administração do reino e torna-se grosseiro e conforma-se com aquele famoso e excelente médico, o qual se deu a fazer versos com tão pouca graça que lhe disseram que [~~ele em vez de estudar, estudava para para~~] em vez de [~~bom médico alcançar nome de ruim poeta~~] estudar para não perder o nome de bom médico trabalhava de o alcançar de um poeta. Finalmente, com licença destes escritores que empreendem querer doutorar os príncipes, [~~eu~~] concluo que onde há muita doutrina comumente se acha pouca ou nada daquela prudência que tanto desejamos nos príncipes, antes o estudo de muitas ciências confunde o entendimento e [~~faz~~] traz os homens muitas vezes à doudice.

(**Notas laterais** – Príncipes de quantos negócios são oprimidos / Júpiter não dormia / Rei Católico / Rei de França / Mitrídates / Carlos Magno / David / Salomão / M.

António / Péricles / Tibério / Alexandre / Agátocles / César Augusto / Graças
diferentemente distribuídas de Deus / Exemplo ridículo de um músico / Bom médico,
mau poeta)

GEOR. – Não queria, senhor [~~Ludovico~~] Ludovico, que de todo reprendêsseis a doutrina no rei e a opinião dos escritores que lha [~~atribuem~~] propõem, pois se bem o consideraes a inteligência de muitas cousas é útil a todos, mas ao rei é útil e necessária e atentai que assi como a coroa que ele tem na cabeça faz condecorar a dignidade e o império que tem sobre nós, assi seria necessário que ele mostrasse com outros notáveis sinais ser nosso maior, e convirá que ele fosse mais feroso, mais gracioso, assi douto, mais eloquente, mais sábio, mais valeroso que nós, por onde dignamente se lhe atribuísse o título de rei e Deus do terreno. E quanto à doutrina, não vos parece que a diversidade das ciências à maneira de muitas luminárias lhe alumia[~~sem~~]riam o entendimento em seu governo? Da Sagrada Escritura não aprende ele todas as virtudes do cristão com as quaes possui o seu reino firme e quieto? Das histórias não tira as ordens militares, os artifícios, os estratagemas, as ofensas, as defesas, as provisões das guerras e de paz? Da Retórica não recebe ele a graça da voz, dos efeitos, das palavras e das sentenças convenientes a seu alto estado? Da Filosofia não aprende ele a reger-se a si mesmo, a moderar suas afeições, a reinar prosperamente e possuindo todas as virtudes, e estimar os homens sábios e virtuosos? E posto que os príncipes sejam afligidos muitas vezes das inquietudes e transe que contastes, contudo entendei que nas cousas militares exercitam mais o espírito que a pessoa, e mais atendem a mandar que a executar, nem os ajuda tanto o esforço e a força da sua gente quanto o próprio conselho, por virtude do qual sem pôr o pé fora do paço, mas assentado com o livro na mão, alcançam as vitórias, combatem as cidades e conquistam novos reinos. E em suma pouco ajudam ao rei as armas no campo se não tem o conselho em casa e lembrai-vos daquele dito:

“Temia o exército africano igualmente de Fábio o olho e de Manilho a gente.”

E por isso Minerva é a deusa da guerra para denotar que na guerra podem mais as Letras e o conselho que a força. Para este efeito é sumamente necessária ao príncipe a lição daquelas ciências que já disse, pelo que avisadamente o doutíssimo e prudentíssimo rei Afonso de Aragão, perguntado que conselheiros tinha, respondeu que os livros, “dos

quaes recebo fiel conselho [~~de~~] em tudo o que [~~buseo~~] quero”. Nem com menos gravidade disse um homem avisado que o rei sem Letras é um asno coroadado. Mas para que digo mais pois el-rei Salomão nos diz que escolhamos antes a doutrina que o ócio! Proveitosas são certo a todos as Letras e as ciências, e é dito mui vulgar que assi como o nariz desenferença as cousas [~~cheirosas~~] que cheiram bem das cousas fedorentas, assi a ciência, o verdadeiro do falso. E porque a vós vos parece que os homens letrados saem muitas vezes fora de si por essa ocasião será bem que vos declare aquele antigo provérbio: “Todos os que tem Letras não são sábios”. O qual teve origem da fábula da raposa, do lobo e do mulo que é bem notória.

(**Notas laterais** – Doutrina louvada no rei / Teologia / História / Retórica / Filosofia / Minerva / Dito d’el-rei Afonso de Aragão / Asno coroadado / Provérbio)

LU. – Dizei-ma porque eu não a sei.

GEOR. – Brevemente. O lobo e a raposa encontraram o mulo e não tendo visto nunca lhe preguntaram quem era, ele respondeu que não se lembrava do seu nome, mas que se sabiam ler o achariam escrito no seu pé direito da parte de dentro e alçando-o mostrou os cravos que pareciam letras. Disse a raposa que não sabia ler e o lobo disse eu as lerei, e chegando ao pé do mulo foi morto subtilmente [~~eom~~] de um couce que o mulo lhe deu. A raposa pasmada fez pé atrás e disse: Todos os que tem Letras não são sábios. E daqui se aprende que também entre letrados se acham néscios, e pior é que se acham também de malvados, os quaes não se servem de sua doutrina se não para ofender e enganar o companheiro. Para tirar de nosso entendimento toda a dúvida, vamos discorrendo que há no mundo já três sortes de letrados de má natureza. Os primeiros sepultam a ciência e são aqueles que a não querem ensinar aos outros e são semelhantes [~~àqueles~~] ao que escondeu o talento que lhe seu senhor deu. Os segundos [Falta] a ciência, edificam com as palavras e destroem com os costumes, dizem e não fazem, e estes se assemelham aos sinos, os quaes chamam o povo para a missa e eles não entram na igreja. Os terceiros usam mal da ciência e são aqueles que trabalham por impunhar a verdade e [~~eometer~~] enganar e são conformes aos hereges os quaes,

“Ousam o justo Deus

Ir os vossos templos profanando

E sob capa de zelo

Vossas [~~virgens~~] sagradas virgens vão forçando.”

(**Nota lateral** – Fábula do lobo e raposa / Três sortes de letrados viciosos)

LU. – Com esta distinção me [~~declarastes~~] fica agora claro que a doutrina é pura, mas os maus a convertem em peçonha, e que é mui verdadeira aquela sentença que se se infunde em vaso sujo, se torna mais fedorenta que urina, pelo que no homem havemos de buscar primeiro [~~no homem~~] a vida que a doutrina.

GEOR. – Vós o dissestes, e todo aquele que ajunta a má vida com a ciência se pode com razão chamar hipocentauro que é meio homem e meio cavalo, o que se podia referir a Dionísio tirano, o qual dizendo a Arístipo – “Tu não me aproveitias em nada ensinando-me a filosofia” – teve dele esta resposta: “Tu dizes verdade porque se te encontrara aproveitado, deixavas tu de ser tirano”. Por isso, o que deseja que a ciência [~~faça~~] lance em seu coração virtuosas raízes e de suave fruto, é necessário que aprenda para proveito seu e dos outros e se sirva não para curiosidade nem por vã glória como fez o lobo, mas por honra de Deus que o há-de reconhecer e lembrar-se que não devemos de procurar de saber mais que os outros, mas de saber melhor, e para selo desta matéria diremos que pelas Letras não endoudecem os homens, mas por elas se tornam os néscios sábios, porque as causas produzem os seus efeitos semelhantes e não contrários, e se as Letras trazem luz e resplendor a todos e muito mais aos príncipes, e entre as sentenças de uso, ou por melhor dizer, entre os oráculos de Júlio II, Papa Leão, há ãa: que as Letras na gente plebeia são prata, nos nobres ouro, nos príncipes pedras preciosas. Ora tornando às razões que trouxestes para escusar os príncipes, os quaes pelos repentinos e contínuos perigos se não podem aplicar ao estudo das Letras, eu certo algum tanto me inclino a vosso parecer e mais quero que o rei seja ensinado por um menino no temer de Deus que não seja mais douto e maior entendido que Aristóteles. Este só objecto o fará virtuoso e sábio, lhe dará um entendimento são, livrá-lo-á das forças das extorsões, das guerras injustas, fá-lo-á pastor e não lobo, estimá-lo-á a dar continuamente pronta e benigna audiência a todos, a cortar as demandas, a manter a justiça, a tirar os abusos, a introduzir a virtude e as artes, a procurar com sua incessável inquietação a quietação perpétua de seu povo, a desconfiar do seu próprio saber e a chamar a si os teólogos e os filósofos, a prover-se de leaes e bons conselheiros, a tirar o pão a chocarreiros, corretores de orelha, adutores e outros velhacões, a ser liberaes para com os letrados e virtuosos e pois [~~que~~] pelos seus grandes negócios se não compadece que ele se ocupe muitas horas do dia nos estudos, se disporá ao menos a que cada dia lhe leiam ou recitem algũas cousas aprazíveis, não tanto à sua saúde quanto à

conservação do estado militar e civil, e o incitará virtuosamente a namorar-se não menos da sua própria ciência que da alheia e recolher debaixo [~~das~~ ~~asas~~] de sua protecção os homens letrados, no que tem razão o mundo de louvar singularmente a Francisco primeiro, Rei de França, cujo nome viveria sempre e glorioso pela vida que deu às boas Letras quase mortas e sepultadas naquelas partes, porque com um mui largo cuidado se dispôs polo benefício público a acabar as famosas escolas de Paris (já de Carlos Magno instituídas), de excelentes professores de toda sorte de ciências, os quaes com títulos de lentes reaes e com provisão real encheram aquele reino de vária doutrina com tão felice successo que aquela universidade (assi se chamam as escolas) se pode pola excelência dos lentes, pela diversidade das ciências e pela cópia dos seus estudantes, que de todas as partes ali concorrem, ajuntar à[ø]s sete maravilhas do mundo. Deve pois o prudente rei deleitar-se de conhecer e reconhecer as Letras assi por amor da virtude, como por ser louvado e agradecido deles, cujas doudas penas se encherão com estilo poético e histórico ao pôr sobre as estrelas e fazê-lo imortal e sempiterno e estará colocado no número dos heróis chamados do poeta:

“Claros por si, mas mais porque escreve.”

Pelo que me persuado a dizer que poucos sábios e muito cruéis a si mesmos são aqueles príncipes que no infernal [Falta] sepultam nas trevas do perpétuo esquecimento seus serviços feitos e empresas com não estimar os homens letrados, sem cujo favor ficam privados de nome, e se pode dizer que nisto vão contra a claridade, pois que são tão cuidadosos do acrecentamento de reinos e de impérios em benefício de seus sucessores que se esquecem de procurar de sustentar e immortalizar o seu próprio nome, de modo que fazendo obras heróicas e gloriosas e não trabalhando de passar a memória a seus vindouros se parecem com um certo néscio que torcia ãa corda de palha sem advertir que quanto ele ia torcendo tanto lhe ia comendo um asno que tinha a par de si. Por isso não é de maravilhar se depois de morto se faz tão [~~breve~~] pouca menção deles como de pessoas particulares e como se não foram nacidos no mundo e devem de advertir-se que tanto sabemos das cousas antigas quanto [~~temos~~ ~~des~~] lemos nos escritores, pelo que se diz:

“Quem há de nós de que Homero escrevesse

Se se a sua história finecesse?”

(**Notas laterais** – Hipocentauro símbolo de letrados viciosos / Reposta de Arístipo / Dito de Júlio II / Temor de Deus quanto obre no príncipe / Francisco I de França, pai de

letrados / Carlos Magno instituiu as escolas de Paris / Escritores fazem aos príncipes imortais / O que acontece aos príncipes que não estimam os letrados / Exemplo de um néscio)

LU. – Tanto mais avisados são aqueles príncipes que procuram de viver depois da morte por meio dos escritores e sabem que verdadeira é aquela sentença do lírico:

“A Musa os grandes com morte escurece

A Musa eternamente os engrandece.”

Mas pois que sabemos que convém ao príncipe ãa doura prudência e ãa prudente doutrina, estou agora esperando para entender como possa facilmente (havendo-se por meio a brevidade da vida e as muitas ocupações que dissemos) vir a ser não menos pela doutrina que pela prudência um príncipe famoso.

GEOR. – Havemos primeiro de fazer este fundamento: que a perfeição da prudência se alcança com a doutrina e com o longo uso, as quaes duas cousas se referem à contemplação e à acção, e porque as inquietações que muitas vezes o príncipe tem ou por guerras ou por treições, ou por suspeitas lhe não dão tempo para compridamente fazer ou um ou outro ofício, tenho para my que as horas que lhe sobejam do estudo das cousas militares deva de gastar em ler, ou ouvir quem lhe leia, os preceitos da filosofia moral grandemente útil ao regimento de si mesmo, e faça o mesmo da política para regimento de seu povo, nem deixe a lição de vária história e, além de ter homens práticos disto, tenha também capitães velhos e homens de guerra famosos para que, compondo juntamente a teoria com a prática, venha a ser por ãa e por outra cousa valeroso cavaleiro.

(Nota lateral – Uso e doutrina serão prudência)

LU. – Pelo que agora me dizeis me lembra a grande deleitação que toma da história o senhor Ludovico Gonzaga, duque de Nevers, o qual, visitando o senhor Petro Fauno, bispo de Acqui, raro em doutrina filosófica e teológica e de entendimento universal, e vindo a falar nos romanos e cartagineses que porfiadamente contendiam de império e de grandeza, disse como havendo os romanos mandado aos cartagineses a lança e a adarga para que escolhesse bem o que melhor lhes parecesse ou a lança, em sinal de guerra, ou a adarga, em sinal de paz, os cartagineses responderam que eles não escolheriam nem ãa cousa nem outra, mas que os portadores podiam deixar o que quisessem e que isso aceitariam. Ora sobre isto, passando largos e honrados discursos no esquadrinhar porque não mandaram os romanos aos cartagineses ou lança ou adarga somente, e porque os

cartagineses não escolheram [~~liberamente~~] livremente ou lança ou adarga e se os romanos mostraram naquele acto desprezar a generosidade e se os cartagineses se mostraram em sua reposta ou soberbos ou modestos, e houve nisto tantas considerações e tocaram tantas histórias, que me pareceu naquele discurso um deles não menos duque que bispo e outro não menos bispo que duque.

(**Notas laterais** – Ludovico Gonzaga / Pietro Fauno / Exemplo de romanos e cartagineses)

GEOR. – Deste exemplo se pode tirar o modo com que se concede ao príncipe de alcançar prudência [só] juntamente com doutrina. Mas além de se enlevar da conversação de guerreiros e historiadores, queria que ele não faltasse de dar cada dia graciosas orelhas a seus súbditos, não tanto por fazer acto de bom príncipe, quanto por se fazer prudente, porque a diversidade das pessoas e de negócios e a audiência de muitas queixas e os vários acidentes que acontecem na sua terra lhe aflijam grandemente o entendimento e a memória e o tornam de tal maneira avisado que não fica menos pronto para prover que para entender, e posto que por esta via abra o passo a tratar e falar não somente com pessoas de qualidade mas com gente plebeia e mecânica, lembre-se contudo que também na terra [Falta] se acham algũas plantas boas e que se pode algũas vezes aprender de pessoas baixas, como diz o provérbio de um grande filósofo:

“O que tu não sabes, sabe-o porventura um [~~asno~~] asninho”.

Sabem mais que todos aqueles que buscam aprender de todos e os que recebem de todos se fazem brevemente ricos. Nem basta ao príncipe entender as cousas vizinhas, mas convém-lhe com diversos meios ser continuamente avisado das acções dos outros príncipes de modo que possa dizer que nenhũa acção do mundo lhe está escondida, e desta universal prática virá a alcançar título não menos de douto que de prudente senhor.

(**Nota lateral** – Provérbio)

LU. – “Se no seco que fará no verde?”. Se o príncipe pode aprender de mecânicos quanto mais alcançará de prudência e de doutrina enquanto se deleitar [Falta] de ter por pompa um número de sábios conselheiros, mas de os chamar muitas vezes e por seu proveito comunicar com eles seus desenhos e dar o devido lugar a seus comuns pareceres.

GEOR. – Vós viestes dar onde eu estava porque se o primeiro acto da prudência consiste no bem aconselhar, ele devia não somente mostrar a sua prudência em conhecer os bons e maus sucessos para seguir aqueles e fugir estes, mas considerar que Deus não quis pôr em um só toda a sabedoria e que por esta razão, querendo alcançar fama de prudentíssimo, lhe convirá fazer eleição de bons e virtuosos conselheiros e, dando com seu exemplo testemunho ao mundo que o que mais sabe, menos presume, duvidará sempre nem se fiará nunca de seu próprio parecer, ensinando-nos o grande rei Salomão que nos não arrimemos à nossa prudência, e despojando-se do amor próprio se reverterá ao comum parecer de seus conselheiros lembrando-se daquele dito vulgar – “quem só se aconselha, só se arrepende” - e daquele outro – “que é melhor tomar conselhos para não errar que errar pelo não tomar”.

(**Notas laterais** – Conselheiros do rei / Provérbio)

LU. – Assi soem fazer todos os príncipes, nem podem fazer doutra maneira porque como não sabem as leis, é razão que se vão com a opinião dos seus desembargadores e juízes.

GEOR. – Adverti que eu digo isto não somente por respeito dos conselheiros de justiça, mas por respeito também dos conselheiros do Estado ou dos do governo militar, os quaes propõem ao rei as guerras, as pazes, as ligas, as fortificações, os aparelhos, as provisões, para conservação e segurança do reino, nas quaes cousas bem se vê quão facilmente todo o grande poder enfraquece quando falta o conselho, conforme a sentença do lírico:

“A força que não tem conselho aceso

À terra se vai com o seu grave peso.”

(**Nota lateral** – Conselheiros de Estado / Força sem conselho inútil)

LU. – Que o conselho prevaleça contra a força o dá a entender a fábula de Vulcano, o qual, posto que coxo e débil, prendeu na rede o robusto e fortíssimo Marte.

(**Nota lateral** – Fábula da Vulcano)

GEOR. – Com conselho se vencem muitas dificuldades, pelo que Agamémnon se prometia de tomar Tróia em pouco tempo enquanto tivesse a seu lado dez conselheiros como a Nestor. E então é felice o reino, quando em seu governo concorre a bondade do rei e dos conselheiros, mas se por acaso padece defeito por algũa parte, é menor infelicidade dos súbditos que seja o rei mau e os conselheiros bons, porque muitos bons facilmente induzirão um mau ao bem, mas um bom com dificuldade tirará muitos maus

do mal. Ponhamos agora por caso que quatro ou cinco péssimos conselheiros se acordaram e conjuravam de enganar um bom príncipe, o qual, estando retirado na sua estância, não pode saber como passam as cousas, é constrangido a crer tudo o que eles lhe dizem, e a estar em tudo ao que le relatam, bem se pode dizer que é mentido e traído, e assi acontece que multiplicando-se erros, dá muitas vezes por seu conselho deles as dignidades e magistrados a pessoas indignas, e depõe aqueles que por reputação e por seu serviço devera de conservar.

(**Notas laterais** – Dito de Agamémnon / Príncipe ruim e conselheiros bons é menos mal; [ilegível])

LU. – Dizem que Nero não foi tão cruel de sua natureza como por estímulo de seus maus conselheiros que o não advertiam de cousa alguma má que fizesse, pelo que com seu aplauso se persuadia que administrava justamente o império e se lhe acrescentava a nativa e raivosa crueldade ouvindo aquelas infernaes vozes: “Tu sofres isto!”, “Tu hás medo destrouto!”, “Tu não te lembras que és César!”

(**Nota lateral** – Nero cruel por estímulo dos conselheiros)

GEOR. – Estes maus conselheiros, não doutra maneira que centauros, são cavalos violando a razão e são homens fingindo ser religiosos, como diz em seu emblema um gentil poeta, e é cosa certíssima que o rei posto que é sua natureza, se faz perverso quando a seu lado tem ruim conselheiro para cuja indústria vai correndo até ultimamente se arruinar e destruir. Mas a justiça divina permite enfim que semelhantes conselheiros paguem o tributo como aconteceu àquele desastrado de Amão, que induziu a inocência do bom rei Assuero a ãa nefanda crueldade. Mas pois que viemos a falar de conselheiros, vos lembro que não vades visitar sem mim ao Il.^{mo} Ludovico Gonzaga, duque de Nevers, o qual entre outras suas heróicas virtudes me dizem que no conselho d’el-rei é ouvido como um oráculo e são muito estimados seus discursos, de que todos nos devemos de alegrar por ser nosso príncipe italiano.

(**Notas laterais** – Amão / Ludovico Gonzaga, duque de Nevers)

GEOR. – Antes eu direi nosso príncipe francês.

LU. – Nosso, sim, per origem e per natureza, mas francês por criação, por amor, por eleição, por casamento e por antigos serviços. Digo isto porque o duque Fadrique, seu pai, que foi criado com el-rei Luís duodécimo, mandou pedir a el-rei Francisco que quisesse ter no baptismo o filho que lhe havia de nacer e para este efeito sua M.^e lhe mandou a Mântua, em seu lugar, ao senhor almirante Anebault, mas porque o duque

tinha já posto ao seu primogénito o nome de Francisco, rogou ao almirante que por memória del-rei Ludovico houvesse por bem de lhe dar esse nome, o que foi presságio que este príncipe estava antes de seu baptismo destinado a servir a coroa de França e começou de menino a servir a Henrique Segundo, pai deste, e continuou sucessivamente com Francisco e Carlos, o qual o fez seu capitão geral em Piemonte e em toda Itália com suprema autoridade e ora continua com Henrique presente a quem sua M.^e ama e estima muito, porque junto ao alto senhor de sua idade produz copiosos e maduros frutos de si só de valor, de experiência e de conselho, quero daqui inferir que não convém mais chamar-lhe príncipe italiano.

(**Notas laterais** – Fadrique, duque de Mântua, criado com el-rei Luís XII / Almirante Anebault / Duque de Nevers, capitão geral de Carlos IX)

GEOR. – Contudo isso, vós ledes na sua testa certos caracteres de gravidade que não o deixam parecer em tudo francês.

(**Nota lateral** – Aspecto do Duque de Nevers)

LU. – Dizeis verdade, mas aquela gravidade, se a vós lestes bem, é temperada com outro claro sinal de humanidade que não nos deixa parecer de todo italiano.

GEOR. – Se o aspecto o não deixa conhecer nem por um nem por outro, fá-lo ao menos conhecer a todo o mundo por um gratíssimo objecto de amor e de reverência. E se el-rei o estima tanto não o faz pelos muitos serviços seus somente, mas pela profissão que ele faz e ser inimigo capital do ócio e do sono e de gastar quase todo o tempo ora em louváveis exercícios, ora em certas especulações proveitosas, maximamente nas cousas das armas e do manejo das [Falta] das quaes tem começado a fazer com a pena algũas advertências. Finalmente todo seu trabalho é endereçado a um alvo que é de deixar os próprios cómodos e não perdoar um ponto a sua afadigada e martirizada pessoa por o serviço da França, a qual de largo tempo o conhece por príncipe franco na religião católica, fiel e leal à Coroa, animoso nas guerras, avisado nos governos, prudente nos conselhos, confiante nas adversidades, modesto nas prosperidades, valeroso em todas as acções e sobretudo inimigo de ruins e apaixonados conselheiros, mas maior dos inventores de subsídios e novos gravames sobre os povos. Mas que digo eu da França, pois que a todo o mundo é notória a sua irrepreensível e exemplar vida! Daqui se pode fazer certo juízo, que ele com o seu grande conselho ponha sempre diante del-rei sujeitos grandes de proveito de honestidade e justiça, de que ele, como entendo, dará muito cedo sinal com papel e tinta com um largo e grave discurso cheio de validíssimos

argumentos, notáveis histórias e de grande doutrina, com que para eterna memória vem mostrando os perigosos sucessos e o grande prejuízo e dano que ameaçam o reino de França pela alienação e venda das praças de Pinerolo, de Savigliano e de Perosa, incorporadas no seu governo de Piemonte, o qual discurso lendo-se diante del-ei e de todo seu conselho fará conhecer quão prudente e entendido príncipe seja e quão zeloso do serviço e da grandeza daquele reino.

(**Nota lateral** – Virtude principal do duque de Nevers)

GEOR. – Se alguma hora vos vier ter à mão esse discurso fazei-me merecedor de o ver, porque sendo escrito com grande estudo de um tão famoso príncipe devemos de crer que porá em admiração todos os homens de entendimento.

LU. – Vistas as cousas já ditas e o seu grande e fiel serviço, não é de maravilhar, se este e os outros reis seus antecessores o estimaram e tiveram sempre por um verdadeiro francês. E se nunca imaginaram dele nem de suas acções nem tivessem um mínimo pensamento de suspeita dele nas cousas dos príncipes e potentados estrangeiros, o que ele tem a mor glória que quanta recompensação possa receber dos seus inestimáveis trabalhos ou por melhor dizer de seus gravíssimos martírios, dos quaes imagino que ele não satisfeito mas cansado com o pensamento todo enlevado se pôs a consagrar a este rei o parto que ora se espera de [Madama] sua mulher, se for filho macho, o qual queira Deus que venha a luz ~~[com tanta felicidade que apertando no peito o valor francês e italiano juntamente lhe dê ocasião de dizer depois no fim a sua Majestade: Agora deixarás senhor o teu servo em paz.]~~

(**Nota lateral** – Apontamento ilegível)

GEOR. – Mas deixemos [nós] o duque [agora], pois não é nossa empresa tratar agora de seus merecimentos, e tornemos a dizer que o prudente rei devia de procurar de ter excelentes conselheiros, de ãa vida, não aduladores, mas verdadeiros amigos do príncipe e do povo, prudentes, sagazes, fiéis, secretos e inteligentes nas histórias e costumes estrangeiros e domésticos, pelo que tocará ao rei, tendo os taes, de ser com eles gracioso e fazê-los participantes de seus incidentes, nem resolver cousa alguma sem seu consentimento.

(**Nota lateral** – Conselheiros e suas qualidades)

LU. – Com este resguardo foi introduzido a todos os príncipes aquele antigo costume de mandar despachar suas ordens e provisões debaixo [~~deste nome~~ Nós] desta palavra, Nós, verdade é que alguns príncipes por ter os conselheiros somente por pompa satisfarão sua consciência com dizer, Eu.

(**Nota lateral** – Nós, voz usada dos príncipes)

GEOR. – Tal ao nosso propósito foi o pensamento do [~~Xerxes~~] soberbo Xerxes, quando disse aos príncipes de Ásia, seus conselheiros: “Eu vos mandei chamar porque não pareça que quero fazer as cousas por minha cabeça mas contudo isto estai advertidos que antes me haveis de obedecer que aconselhar.”

(**Nota lateral** – Xerxes)

LU. – Ele queria conselheiros mas não conselho, ao modo do nosso Enlevado Académico, o qual muitas vezes zombando comigo usa deste dito: [~~Eu vos~~] Venho-vos agora a comunicar um certo negócio meu para seguir o vosso parecer, mas [~~quero~~] hei-o de fazer depois a meu modo.

GEOR. – Antes o ofício do prudente rei é someter a sua vontade à do seu conselho e dispor-se à resolução do bom Trajano, o qual, havendo criado o pretor do paço, lhe disse quando lhe deu a espada por insígnia daquela dignidade: “Se eu reinar bem, usarás desta para me defender, se mal, serás com ela contra mi”. Eis aqui, senhor meu, o que convém ao príncipe para o regimento da grão besta, convém a saber, prudência junta com as Letras e por isso se diz que assi como a ciência sem poderio ajuda a poucos, assi o poder, sem saber, faz mal a muitos, o que se manifesta pela conjunção de planetas porque, se não são unidos Júpiter rei e Saturno filósofo, não fazem cousas grandes nem duradeiras, pelo que sendo tão vigorosa a familiaridade entre o poderoso e o prudente chamaremos felicíssimo o rei que tiver ãa e outra cousa junta em si, e poderá dizer que em seu coração faz residência [~~a divindade~~] ãa grandeza de Palas, a qual, sendo figura deste dobrado valor, possui a ciência e traz a lança. Mas ouvi as trombetas que nos anunciam estar já el-rei perto, vamos ver a sua entrada.

(**Nota lateral** – Conjunção de Júpiter e Saturno)

Do príncipe
Da Valáquia Maior

Diálogo segundo

Cavaleiro Guazzo e Francisco Pugiella

É verdade, senhor Pugiella, que estais determinado de desamparar a pátria, os parentes, os amigos, por vindes servir o príncipe da Valáquia?

FR. – Que eu esté determinado de o servir (enquanto mo concede nosso sereníssimo senhor), podei-lo crer, mas que por isso desempare eu a pátria, os parentes e os amigos, não queira Deus que vós o creiais, porque nem a mudança dos ares, nem a distância de lugares, nem a diversidade dos tempos, nem outros impedimentos farão tanta mudança em Pugiella que não seja sempre o mesmo Pugiella para com a pátria, para com os parentes e para com os amigos.

CAV. – A água [~~que está~~] de longe não apaga fogo de perto. Viverá bem em vós a mesma vontade, mas não a poderão seguir os mesmos efeitos. Mas deixemos isto (que enfim devemos, amigos, antepor o vosso bem a seu proveito), não vos seja molesto declarar-me a principal causa que vos moveu a pôr por obra esta vossa determinação.

(**Nota lateral** – Provérbio)

FR. – Hoje os que querem entrar no serviço dos príncipes são constrangidos ou queiram ou não, a mendigá-lo com humildes intercessões. E eu sou chamado deste príncipe com cartas cheias de [~~honradas~~] oferecimentos mui honrados e esta é ãa razão que me convida. Ele me fez já participante da sua cruel tempestade e agora me mete no porto de suas prosperidades e eis aqui a segunda razão que também me leva. Eu conheço por virtuoso quanto pode ser qualquer outro príncipe, eis aqui a terceira razão que juntamente me convida, estimula e constrange.

CAV. – As duas primeiras razões não terão força para comigo quando eu não visse junta com elas essa terceira, porque sabemos todos que alguns príncipes há que se deleitam com sua súbita ligeireza de envergonhar mais presto a um criado dando-lhe licença para que se vá, que de o honrar em o receber. Mas pois que vós mo pintaes tão virtuoso, começo a alegrar-me [~~eom~~] da vossa determinação e esperar que ele, amando

o seu semelhante, não faltará de conhecer vosso valor e de o reconhecer com demonstração de honra e de proveito.

(**Nota lateral** – Costume de alguns príncipes para com os criados)

FR. – Assaz proveito e assaz honra estimarei eu de receber quando, do meu serviço, resultar a honra de Deus e satisfação do príncipe.

CAV. – Vós falais conforme a generoso [~~distinto~~] instinto de vossa natureza, e [~~conforme~~] à direita razão porque há se de servir mais por glória e honra que por mercê, contudo parece dura cousa que um homem nobre empene sua liberdade e gaste os melhores anos e consuma a vida e a bolsa própria no serviço de um príncipe, e no fim não tirar outro fruto que a miserável e enferma velhice como tardio e vão arrependimento. Eu, como sabeis, consagrei a minha mocidade ao duque de Nevers, do qual se eu não houvera colhido mais que fumo e honra tivera para mim que fizera um emprego danoso e que se me tirara de cima das costas sua glória vergonhosa porque viriam no fim com perigo de fama do amo e do criado ou que ele fora príncipe ingrato, porque eu fora criado inútil. Mas dou muitas graças a Deus e à liberalidade daquele senhor, porque de meus trabalhos, dos descómodos, do correr das postas, do cansaço do corpo e do espírito fui copiosamente remunerado, o que desejo que assi também a vós aconteça com o vosso príncipe da Valáquia.

(**Nota lateral** – Mercês do duque de Nevers)

FR. – Aonde principalmente tenha eu endereçado o meu pensamento, sabe-o Aquele só que tudo sabe. Não digo isto porque seja tocado do humor de Diógenes, o qual, enfeitando tudo o que lhe oferecia Alexandre, se persuadia que esta soberba o havia de fazer maior que o mesmo Alexandre. Mas digo que se este senhor quiser que eu sinta alguma hora (quando quer que for) o calor de sua liberal mão, de melhor vontade receberei a mercê que me fizer por testemunha de sua grandeza que por presunção de algum merecimento meu.

(**Nota lateral** – Diógenes)

CAV. – Essas palavras e esse entendimento são fruto da vossa modéstia, mas contudo isso o amor e reverência que vos tenho me mandam que vos lembre que a diversidade de vida e de costumes não gera amor e o que se não conhece não se pode amar. Vós não tendes cousa alguma comum com aquela nação que a polidez da língua latina, na qual não dareis a vantagem a nenhum orador ou poeta de velhachia, mas haveis de saber que quanto ao viver político e civil se procede naquelas partes por termos mui diferentes dos

de Itália e de como sois tido e conhecido na corte de Roma e por toda a Lombardia, não digo excelente, mas único Doutor de Leis, felicíssimo escritor de prosa e de verso toscano, mui gentil cortesão, diligentíssimo negociador e gentil-homem universal. Aqui não saberão estimar por boas estas moedas e todos as enjeitarão por batidas com cunhos e estrangeiros e desconhecidos, pelo que não sem dor vos podeis precatur de que é verdade o que vos digo: que a diversidade de costumes não granjeia graça e que não se ama nem se preza o que se não conhece.

(**Nota lateral** – Francisco Pugiella e suas qualidades)

FR. – Eu não cheguei nunca [~~a-excelle~~] ao número nem à excelência das virtudes que a vossa bondade me faz crer que hajam em my mas se eu levar algũa delas àquela terra, me esforçarei ao menos de granjear ali ãa que me [~~fará~~] será de suma glória a qual é que imitarei quanto puder ao prudente Alcibíades, o qual constrangia sua vontade a se conformar com os contrários costumes dos outros.

(**Nota lateral** – Alcibíades)

CAV. – Esta virtude orna admiravelmente a quem a tem e o faz ter em conta de sábio, pelo que bem disse um poeta:

“O sábio se adestra a diversos costumes.”

E daqui vem que Alexandre, depois de haver conquistado o reino de Pérsia, tirou o hábito de Macedónia e vestiu de Pérsia por se congraçar com [~~eles~~] os persianos.

(Nota lateral – Alexandre)

FR. – É cousa provadíssima que quem se quer fazer singular, se faz odioso aos outros e quando eu não puder achar lugar de graça para com eles, que é cousa muito dificultosa, trabalharei ao menos porque me não queiram mal.

CAV. – Essas duas consolações não faltarão à primeira porque Deus tem em guarda os peregrinos, a segunda porque sois bem conhecido do príncipe e vos conformareis com o filósofo que dizia: “Platão mi será a my em lugar de todos”. Mas pois que lhe destes título de virtuoso, desejo saber porque razão o tendes por tal.

(**Nota lateral** - Peregrinos encomendados de Deus)

FR. – Porque a divindade da virtude faz assento na sua alma e, como pedra preciosa que [~~palavra rasurada ilegível~~] dá luz [~~fora-de~~] e como um fino cristal, por todas as partes o rodeia com seus claros raios e o faz digno de este título.

CAV. – Por este vosso falar figurado posso eu dizer que grande ou infinito número haverá no mundo de virtuosos, se a virtude não somente lançasse esses raios que vós

dizeis mas que tivesse corpo, porque vendo-a os homens a estimariam mais e, à semelhança dos honestos amantes à vista de suas damas, se recolheriam ensinamentos e compondo a vida se guardariam de dizer ou fazer cousa alguma descon[veniente]certada.

FR. – Por isso se engenharam os antigos a dar-lhe corpo, pintando-a com olhos e mãos para nos dar a entender que se alcança com diligência e com obras, e além disto a representando com vestiduras cheias de pó e com o rosto descorado para significar as fadigas e os suores por meio dos quaes leva os que a seguem a possuir honra e houve quem, com muito entendimento, a pintou envolta em ãa pele de leão para denotar quanto ela convenha aos príncipes, significados pelo leão, e quão junta ande com o poder, e com o mesmo intento lhe acrescentaram a cabeleira de Sansão.

(**Nota lateral** – Virtude figurada diferentemente dos antigos)

CAV. – Sabeis vós outro sinal com que manifeste e se conheça claramente?

FR. – Tenho para my que se possa conhecer pelo seu contrário, que é o vício, e do seu espantoso efeito, porque ele não somente transforma os homens em bestas, antes os faz piores que bestas e, pelo contrário, a virtude transforma o homem em Deus e há tanta discórdia entre eles que com guerra contínua se lança fora um ao outro, de modo que enxerindo-se a virtude, morrem os vícios, e excluindo-se a virtude, entram os vícios, de maneira que todos sabem e entendem claramente que virtude não é outra cousa que desterro do vício e que é vicioso o que não é virtuoso.

CAV. – Não se diz que a virtude é semelhante à saúde e o vício à enfermidade?

FR. – Assi se diz e assi é.

(**Notas laterais** – Vício transforma em bestas / Virtude transforma em Deus / Virtude semelhante à saúde / Vício semelhante à doença)

CAV. – Logo, assi como os médicos chamam neutraes alguns corpos que não são nem são nem enfermos, assi podemos chamar neutraes aqueles homens, os quaes não são nem virtuosos nem viciosos assemelhando-se a certas flores que não cheiram nem bem nem mal.

FR. – Quando eu disse que quem não é virtuoso é vicioso não quis por isso [~~dizer~~] negar que não se ache algum que tenha misturado algum vício com a virtude, antes seguindo a vossa opinião quis inferir que assi como por respeito da enfermidade que em nós falta estamos sãos, não obstante que por outra causa sejamos enfermos, assi por respeito do vício que em nós falta somos virtuosos, pelo que de quantos vícios nos acharmos faltos, de tantas virtudes seremos cheios. E em confirmação do que tendes

dito acrecento eu que se quisermos vir a dar na perfeição excelência da virtude, não sei se achará em alguém o que deu motivo a um prudente escritor de dizer que assi como se não acha peixe sem algũa espinha, assi se não acha homem que não tenha um não sei quê de malícia consigo misturado, e se é verdade que sete vezes no dia cai o justo, quem haverá que se possa chamar compridamente virtuoso?

CAV. – Se vós me poderdes dar um homem sem algum vício, contudo isso entendo que não merece nome de virtuoso, porque nas madres dos rios se acham muitas [~~vezes~~] pedras alvíssimas e sem mácula algũa, mas não são pedras que se estimem como as pessoas, assi também vemos alguns, e muitos de são entendimento e sem algum defeito, os quaes não tem por isso valor algum nem excelência pela qual se possam contar por virtuosos.

FR. – Diremos logo que são estes virtuosos do primeiro grau conforme aquela sentença:

“A virtude é fugir ao vício, e o saber

Primeiro é de parvoíce carecer.”

Mas porque maior louvor e mais própria da virtude é fazer bem que não fazer mal, chamaremos virtuosos no segundo grau todos aqueles que guardarem aquele santo preceito: “Declina do mal e faz o bem”. E porque não pareça que injustamente chamei virtuoso o príncipe de Valáquia, quero-vos dizer que naquele pouco de tempo que conversei naquelas nossas ruas de Itália não somente o conheci mancebo sem falta mas cheio de [~~ũa~~] algũas assinaladas virtudes de que vos contarei brevemente. A primeira é esta: que sendo-lhe tomado o seu reino, sendo moço com engano manifesto e só [Falta] proteiçãõ foi crescendo juntamente com a idade em seu magnânimo coração um tão grande conhecimento de si mesmo e da sua real geração, que quanto mais a cruel fortuna o atrapelava, tanto mais se alevantava com o espírito disposto [~~a~~] não menos a sofrer francamente as injúrias, as perseguições, as calúnias e treições de seus inimigos que a confiar na imensa bondade de Deus. Esta virtude heróica e religiosa me parece digna de imortal louvor quando se acha no terno peito de um príncipe moço traspassado com mil cruéis e mortaes [~~pieaduras~~] pontadas.

(**Notas laterais** – Virtuosos no primeiro grau / Virtuosos no segundo grau / Virtudes do príncipe de Valáquia / Fortaleza)

CAV. – Eu creio que o bom príncipe deve estar agora alegre e contente de haver passado tantas aventuras e que muitas vezes armado de grande fortaleza recorreria em seus trabalhos à memória aquela lembrança do Mantuano:

“A vezes porventura a que importe

Lembrar-se cada um da cruel sorte.”

E além disto pela prova dos contrários folgará agora e terá mor gosto da paz e quietação de seu estado e atentará que os perigos, os trabalhos, as peregrinações e outras desconfortidades o terão feito mais prudente, mais sábio e mais constante.

FR. – E por isso com muito sal dizia um grande filósofo que para nossa saúde tínhamos necessidade ou de bons amigos ou de cruéis inimigos e outro dizia que coração forte rompe cativa sorte. E com muita alegria provaram alguns que o haver-se rigorosamente nos infortúnios e acontecimentos fez envergonhar a fortuna da sua crueldade e tornar-se em ajuda e favor deles e posto que ao príncipe fosse cousa mui pesada ver todos esses contrastes e aventuras, contudo se alegrará também de ver o fruto que isso fez em si, como vós dizeis, e como alcançou maior glória, porque assi como a arruda aclara a vista, assi o trabalho aclara o entendimento, o que quis notar um nosso Académico com a empresa da vide postada e com as folhas metidas na terra com o mote que diz:

“Vexatione aberior.” Quer dizer

Quanto mais enterrada, mais fértil.

(**Notas laterais** – Sentença notável / Provérbio / Empresa de um Académico)

CAV. – Em confirmação disto dizem os espanhóis: “Que el loco por la pena es cuerdo”. Além disto afirmam os [eseritores] naturaes que a rosa plantada junto das cebolas dá mais suave cheiro e o cavalo, mordido do lobo, é mais feroz, e com estes sinaes figuram ao homem que com os trabalhos e perseguições se torna mais forte e mais glorioso.

(**Nota lateral** – Rosa entre as cebolas)

FR. – E portanto o que se sabe opor fortemente às injúrias e adversidades alcança não sei quê do divino, porque assi como a temperança faz que os homens não se transformem em bestas, assi a fortaleza faz que se conformem com Deus. Bem sei eu que é ela trabalhosa de alcançar e que isto quis inferir aquele grande homem que na morte de sua caríssima mulher disse suspirando: “Ó filosofia, como tiranizas com os teus preceitos! Tu mandas que se ame e juntamente mandas que perdendo-se a cousa amada nos não entristecemos.” Contudo é necessário que consideremos que tudo isto que nesta vida se padece não procede [samente] tanto da natureza das cousas, quanto da fraqueza de nosso coração, e que a dor não é dura, mas nós somos moles e muito delicados e pusilânimes. E assi podemos dizer que grande ventura foi a do príncipe em

sofrer a contraste de tantos inimigos, porque disso lhe sucedeu aumento não somente de entendimento e de virtude, mas de merecimento para com Deus, porque assi como o guerreiro faz alguns estromentos para um fim e outros alguns por [~~meio~~] amor daquele fim, convém a saber, a espada para ferir, o martelo e a bigorna para fazer a espada, assi Deus tendo escolhidos os bons para a celestial [Falta] obra isto por meio dos maus para os afinar e fazer merecedores dela. E assi tendo-lhe mostrado quanto seja senhor de si mesmo em dispor seu forte ânimo a sofrer com paciência os cruéis golpes da fortuna, crerei facilmente que ele usava agora nesta sua mais madura idade da mesma virtude em mandar ao príncipe de Valáquia que não mostre algum ressentimento contra os vassalos que porventura serão [Falta] em público e em secreto ao tirano que lhe ocupava o seu estado e porventura que fará também profissão de [~~não~~] nem se lembrar que foi ofendido deles.

(**Notas laterais** – Dito de um sábio / Deus afina os bons por meio dos maus)

CAV. – A my me descontentaria se ele procedesse com eles no modo que vós dizeis. Não sabeis vós que perdoar a maus é injuriar a bons? E que muitas vezes o perdoar-se grande crueldade? Se eu fosse digno de ser conselheiro, como vós sereis, lhe lembraria o exemplo daquele romano que andava [~~no seu jardim~~] na horta com ãa vara derribando as cabeças das mais altas dormideiras, sei que me entendeis.

(**Nota lateral** – Perdoando a maus se ofende a bons)

FR. – Se vós reprendeis o príncipe de Valáquia desta sua bondade, reprendereis também a César de quem se diz que se não esquecia se não das injúrias, reprendereis Marco Aurélio, o qual, incitado de Faustina a crueldade contra os cúmplices da conjuração de Avídio, lhe escreveu: “Eu perdoo à mulher, aos filhos e ao genro de Avídio, de cuja morte me pesa, e digo-te que não há cousa que mais exalce o emperador romano para com o mundo que a clemência, a qual fez deuses a César e a Augusto, e foi a honra e ornamento de teu pai.” E depois escreveu ao Senado que chamasse os foragidos e lhes restituísse os bens confiscados e aqui lhe pesava de [~~lhes~~] não poder restituir também as vidas aos mortos. Reprendereis Filipe, rei de Macedónia, o qual, em vez de se vingar das cabeças da república ateniense que dezião mal dele, dezia mui alegremente que lhes estava em muita obrigação porque o constrangiam a viver tão irrepreensivelmente que ficassem mentirosos e infames. Reprendereis aquele rei de Egipto, que por sua grande humanidade aborrecia tanto o castigo de sangue, que não podendo sofrer que os condenados à morte fossem mortos, os fazia prender com cadeias e [~~fazer~~] mandava que

se ocupassem em serviços proveitosos ao bem público. Antes repreendereis a divina bondade, a qual nos ensina com seu exemplo e nos manda que perdoemos aos nossos inimigos, bem sabeis o dito:

“Que [sé] a clemência a Deus nos [igual]a] semelha.”

E que não há na terra mais bela sorte de vingança que o perdoar, assi como pelo contrário se mostraria de todo ponto alheio de humanidade e da razão e se poderia igualar com os cavalos e com os mus o que quisesse por qualquer picadorinha [recal]ei] tirar couce.

“Se quantas vezes se peca, à vingança

Júpiter corresse com celeste fogo

Bem presto se veria não ter lança.”

E é cousa honesta inclinar mais presto a perdão que a vingança, porque mais seguramente se afloxam do que se estendem as costas e floxas podem-se temperar, mas asy por muito tirar se quebram não se podem reparar, e como o raio espanta a todos e fere poucos, assi o príncipe deve antes espantar que [fazer] maltratar, e pois que fiz menção do raio lembra-nos haverdes lido que nas medalhas de Antonino Pio havia um raio sobre um leito que era símbolo da clemência do príncipe, o qual tem poder de ofender mas está quieto. Quero inferir daqui que este príncipe fará acto de príncipe não se tendo por ofendido das injúrias de seus súbditos estimando-os assaz menos do que o leão estima as toupeiras.

(**Notas laterais** – César e sua clemência / M. Aurélio e sua clemência / Filipe e sua clemência / Rei de Egipto e sua clemência / O bom príncipe imita o raio / Raio, símbolo de clemência)

CAV. – Verdade é que quem bem dorme não sente as pulgas, todavia a my me parece que ele não houvera de usar nem de tanta paciência nem de tanta facilidade para com os que tentaram de ofender e tirar fora de sua casa. Dizem os fabulosos que quando a serpente se queixou que era pisada de muitos, Júpiter lhe respondeu: Se tu morderas o primeiro que te ofendeu, os outros escramentaram, e mais hei [de]vido] medo que com este perdão seja ele causa de algũa outra nova desordem, não menos de algum desprezo de sua grandeza.

(**Notas laterais** – Provérbio / Fábula)

FR. – Isso seria quando ele perdoasse indistintamente a todos nos erros que adiante ocorressem, o que não fará. E porque não fiqueis com esse escrúpulo, entendei que nas

injúrias que se fazem a Deus e à república deve o príncipe proceder com castigo justo porém sempre com alguma parte de clemência conforme àquela sentença:

“Quem quer reinar com mão debilitada reine.”

Mas nas que se fazem somente a ele, deve usar facilmente de perdão.

“Basta ao leão prostrar o corpo em terra

Quando o inimigo jaz tem fim a guerra.”

Nem há cousa enfim mais gloriosa ao príncipe que perdoar a ofensa que se lhe faz.

(Nota lateral – Príncipes em que casos devem perdoar)

CAV. – Vós me alumiastes agora as trevas do entendimento e me fazeis reconhecer que sempre resultará em cousa do príncipe perdoar injúrias, e a este propósito me lembra aquele digno exemplo de Pio V., de gloriosa memória, o qual, como sabeis, foi primeiro frade de Ordem dos Pregadores, chamado frei Miguel do Bosque, e poucos dias depois que foi eleito no pontificado lhe trouxeram a seu pés um certo temerário que havia publicado um pasquim contra ele e vendo-o lhe perguntou, se foi sua tenção de escrever contra o Papa ou contra frei Miguel, imaginai vós agora que se ele por sua mofina dizia contra o Papa faziam logo justiça dele porque é caso de lesa santidade, mas bem andou que respondeu contra frei Miguel, pelo que o benigníssimo Pontífice não lhe disse outra cousa senão que se lembrasse que frei Miguel não lhe tinha [~~dado~~] feito nunca desprazer algum nem dado ocasião de o infamar e exortando-o que adiante se guardasse lhe lançou sua bênção.

(Nota lateral – Pio V)

FR. – Melhor [~~av~~]tereis entendido agora do Papa que de my quão justa e louvável cousa seja o perdão e quão prudentemente fará este príncipe se dissimular e se não lembrar das injúrias e treições de seus súbditos, os quaes, sabendo que em sua mão está o ressentir-se deles e por eles os destruir, ficarão confusos, envergonhados e se haverão por obrigados e, particularmente os ingratos que, tendo recebido honras e mercês do grande Petrasso, seu pai, foram os primeiros a lhe virar as costas.

CAV. – Mal concordarão a injúria e a paciência e entre todas as injúrias nenhũa é mais insofrível que a que se faz em câmbio de boas obras e mercês, e por isso refrear a ira e a vingança em semelhantes casos parece-me que é virtude mais divina que humana.

(Nota lateral - Que injúria é mais insofrível)

FR. – Parece-me que lhe vejo pretera [~~impressa~~] no seu coração ãa eterna impressão daquela sentença de Platão, o qual, perguntado porque sinal se conheceria o homem sábio, respondeu – “quando é vituperado e não se annoja e quando é louvado e não se incha” – e por isso confirmo a vossa opinião que é virtude divina não somente refrear a ira, mas antevê-la e preveni-la com algum remédio à maneira daquele rei de Trácia, que temendo o excesso de sua cólera contra seus criados, quebrou os preciosos vasos que lhe foram apresentados.

(**Nota lateral** – Sentença de Platão / Rei de Trácia)

CAV. – Se este príncipe usou desta paciência que dizeis, nas adversidades, podemos crer que agora não nas prosperidades mostrará o mesmo rosto e o mesmo coração. E que por esta assinalada [~~graça~~] mercê que Deus lhe [~~deu~~] fez com o estromento del-rei cristianíssimo de o restaurar na sua casa, não fará exteriormente algum sembrante de maior alegria que dantes. A qual virtude não é comum a todos e é singular em um mancebo que facilmente nos alegres e tristes sucessos soe ser ligeiro e fora dos termos da modéstia se põe no monte da soberba, e por isso se disse aquele comum provérbio: “Toda a cousa se sabe sofrer senão o bom tempo”.

(**Notas laterais** – Príncipe de Valáquia restituído em seu estado por el-rei de França / Modéstia nas prosperidades rara no mancebo / Provérbio)

FR. – Esta virtude foi própria e quase só dos romanos, os quaes nem perdendo se espantavam, nem vencendo se ensoberbeciam, e quanta força tenham as terrenas prosperidades de inchar os humanos peitos de vento, de altiveza e soberba nos dá testemunho Aníbal, o qual, depois daquela vitória de Canas, não falou mais a ninguém senão por intérprete, e pela mesma razão se ensoberbeceu de maneira Filipe, o Macedónico, que deu ocasião a Archidamo de lhe escrever: “Se medires, ó Filipe, a tua sombra, não na acharás agora maior do que era antes da tua vitória.” Pelo que é necessário propor ao príncipe o [~~natural~~] instinto natural do ouriço, o qual aparelha duas bocas ãa para os ventos setentrionaes e outra para os austraes, e para onde sente assoprar o vento cerra [~~aquela~~] ãa boca e abre a outra, e assi ele no fervor das prosperidades deve recorrer à memória as adversidades por se não ensoberbecer, e no frio das adversidades lembrar-se das prosperidades por se não entristecer. E cremos que este Príncipe fará o mesmo nas aventuras e incidentes e, como o loureiro, nem com calma nem com o frio, se despoja de suas folhas, assi o seu coração constante se conformará com aquela sentença do lírico:

“Guarda um ânimo em todos os casos igual.”

Ora falemos de outra virtude que mais achei neste príncipe, que é um viver discreto e temperado porque nem a muita abundância de manjares, nem a diversidade de vinhos, nem a ocasião das companhias tiveram nunca força para lhe fazer exceder aquelas regras que de si mesmo tem para seu gosto registadas, não por resguardo de sua pessoa que é de felicíssima temperatura, mas por guardar a mesma virtude. Não quero por isto dizer que ele use de austeridade para apouquentar a vida e a roubar ao próprio corpo, mas contém-se discretamente entre a extenuação e a gula.

(**Notas laterais** – Soberba de Aníbal, depois da vitória / Filipe, sua soberba escarnecida / Instinto do ouriço / Loureiro e sua natureza)

CAV. – Como se disséreis nem Diógenes nem Arístipo, lembra-me a este propósito ouvir contar a um religioso que o Diabo apareceu a São Domingos gritando a vezes alto e a vezes baixo e fazendo isto muitas vezes foi esconjurado do santo a que lhe declarasse o porque gritava daquela maneira, o qual lhe respondeu que todo o seu ganho entre os homens ou era de pouco ou de muito, mas o que era em meio lhe desprazia a ele e era reservado a Deus.

FR. – É necessário que nos não esqueçamos desta advertência posto que do Diabo. Mas esta temperança usa ele particularmente no beber assi na qualidade como na quantidade do vinho bem aguado, o que por mais bem que este em toda a pessoa é mais conveniente na do príncipe que bem sabemos quanto se minguasce pelo demasiado beber a grandeza de Alexandre.

(**Nota lateral** – Alexandre bebedor)

CAV. – É verdade que o vinho bebido temperadamente tem virtude de despertar o entendimento e de esforçar o corpo e serenar os espíritos, pelo que se disse o que está em jejum não canta, todavia havemos de crer que assi como o ar sereno se escurece com a muita cópia de vapores que se levantam da terra, assi o meolo se ocupa e embaraça. E si faz estúpido com os fumos do vinho, deixa outros efeitos que ele faz em prejuízo não menos do corpo que da alma.

(**Nota lateral** – Provérbio)

FR. – Com [~~mucha~~] muita eficácia e com poucas palavras descreve Salomão sua virtude dizendo: “O vinho entra com prazer e no fim morde como serpe, e espalha a peçonha como Basílico, de que nem que os olhos nem cousas estranhas o coração fala sinistramente, e faz parecer ao homem que está dormente no meio do mar e que como

governador da nau tem perdido o leme”. E além disto pintou um grave autor a bebidice com rosto de menino, com um corno na mão e com ãa coroa de vidro na cabeça. O rosto de menino, porque faz o homem balbuciente e sem fala distinta, como meninos de peito, [~~mama~~] o corno, porque [~~à-feição-de~~] como ãa trombeta revela os segredos, a coroa de vidro, porque o bêbado se persuade que é honrado e poderoso, e tudo é nada.

(**Notas laterais** – Efeitos do vinho / Borracheira como se pinta)

CAV. – Acrecentai a fábula do vilão bêbado que lhe parecia que cada cousa que via eram duas, de modo que, entrando em sua casa com a cabeça turvada com uma cópia deste licor, dous filhos que tinha lhe pareceram quatro, começou a pelejar com a mulher chamando-lhe [~~de-puta~~] nomes e, enquanto ela negava, o vilão deitou no fogo o arado e despois de estar afogueado lhe disse que queria que se justificasse tomando na mão aquele ferro feito fogo e respondendo-lhe a mulher que era muito contente e que lho desse ele, o vilão tomando o ferro na mão se queimou[se] e se tornou em si.

FR. – A quentura do ferro tirou a si todo o humor do vinho.

CAV. – Não há mais vergonhoso vício que este, o qual leva os desarmados a combater e por isso se pinta Baco com cornos de touro.

(**Nota lateral** – Baco com cornos de touro)

FR. – Deixemos fábulas e tornemos à história daqueles dous senadores romanos, dos quaes disse um outro que sua mulher era adúltera e o outro respondeu que a sua era bêbada, estes queixumes se representaram diante do Senado e disputando qual dos dous fosse mais gravemente injuriado, foi julgado por todos que maior infâmia era a bebidice. Mas passemos avante a outra virtude deste príncipe tão clara e manifesta que quase ocupa o resplendor da outra, e esta é ãa certa afabilidade cheia de graça e de amor, acompanhada de ãa tal liberalidade de aspecto que não podeis julgar de que recebeis mor satisfação se de sua língua, se de seus olhos com os quaes como com ãas cadeias ata e aperta os corações de todos para a perpétua servidão.

(**Notas laterais** – Queixume de dous senadores romanos / Afabilidade)

CAV. – Tendes razão de vos espantar e louvar nele esta tão grande virtude, porque as outras são comuns a muitos outros príncipes, mas esta é nele quase peregrina e singular, e vereis os outros comummente domesticarem-se pouco familiarmente no falar e pouco fáceis nas audiências, de que dou culpa a falsa opinião que eles tem de que convém a sua grandeza armar o rosto de ferocidade, deixar-se falar raramente e despois dar respostas enxutas e imperiosas, mas nisto se enganam grandemente porque se temem

que a familiaridade seja ocasião de menosprezo, não entendem que o serem rijos gera ódio e faz cair aos súbditos as asas de afeição. Muito bem me parece que os príncipes mostrem em seu aspecto aquele grave sembrante e aquela dignidade que os faz conhecer o que são, mas também me parece que devem imitar o elefante verdadeiro símbolo seu, porque, posto que o elefante não dobra nunca os joelhos como os outros animais, dobra contudo algum tanto o calcanhar, assi eles ainda que não façam actos de humildade como os súbditos, devem todavia de qualquer maneira mostrar-se humanos e corteses e por que não cair nos extremos de ãa cousa nem de outra, convirá que com discreto modo representem no rosto ãa [rĩa] áspera doçura e ãa doce aspereza.

(**Notas laterais** – Pouca domestiqueza dos príncipes / Elefante, símbolo dos príncipes)

FR. – A dureza do rosto se poderia escusar e sofrer no príncipe, mas intolerável cousa me parece o não querer dar audiência a quem a busca, e quanto a my não creio que possa o súbdito o receber maior desgosto que haver de tratar com seu príncipe per intérprete.

(**Nota lateral** – Príncipes que negam audiência)

CAV. – Se os príncipes negam a audiência porque não tem ócio, não deviam também ter ócio de ser príncipes como disseram a Filipe, o Macedónico. Se a negam por qualquer pequena indisposição, lembre-se da história daqueles dous embaixadores, os quaes um rei mandou dizer que por se sentir um pouco fraco e indisposto os não podia ouvir, eles enfadados do largo esperar se foram e lhe mandaram dizer que eles vinham para lhe falar e não para lutar com ele. Se a negam por grandeza, lembrem-se que isto é soberba e injustiça odiosa a Deus e tão alheia do príncipe cristão quão própria do grão Turco, o qual estimando os seus súbditos por indinos de ver o seu bárbaro aspecto, manda que quando passar polo meio deles, todos preguem os olhos em terra, e havendo de tratar com eles os manda que corram com os seus Bassás. Além disto o hábito da ferocidade e soberba transporta os príncipes fora dos termos e limites da humanidade por não haver quem lho contradiga, e também fora de si mesmos, donde vem a se atribuírem títulos celestes e divinos como o insípido rei Sapor, o qual, escrevendo a Constantino emperador, começou a carta neste modo: “Sapor, rei de reis, participante das estrelas, irmão do Sol e da Lua, a ti, Constantino, saúde.”

(**Notas laterais** – Filipe motejado / Costume do grão Turco / Rei Sapor)

FR. – Que insolência de louco! Mas contudo, posto que os nossos príncipes cristãos não tomem títulos do Sol nem das estrelas, [contudo] vós vedes que no princípio de suas

cartas e outras escrituras folgam de espraiair todos os seus terrenos títulos e potentados sem deixar nenhum por pequeno que seja, antes os selam no fim com um *et coetera*, para meter dentro qualquer outro pensado ou por pensar se acaso esquecesse.

CAV. – Isto fazem mais por algum mistério que por ambição.

FR. – Pode ser, mas os reis de França não guardam este estilo senão em caso que seja muito necessário. E por isso os ouviríeis contar em França como el-rei Francisco, o Primeiro, vendo que Carlos V usava escrevendo não somente de nome de emperador mas decendo a inferiores títulos acrescentava rei da Germania, de Castela, de Aragão, de Sicília, de Jerusalém, de Hungria, Dalmania, Croácia, Navarra, Granada, Toledo, Valença, Galiza, Maiorca, India, Terra firme, Mar oceano, etc., depois vindo aos arquiducados, ducados, principados, marquesados e condados nomeara até a sua mínima senhoria com *et coetera* no cabo, mandou que em certas cartas suas que se haviam de apresentar ao emperador se pusessem somente estes dous títulos: Francisco, por graça de Deus, rei de França e senhor de Gonesse. E o de Gonesse é o mais pequeno e triste lugarzinho de toda a França e com o nomear quis motejar do emperador que [~~vãmente~~ e] com pouca autoridade recitava o catálogo de todos os seus títulos grandes, meãos e mais pequenos.

(**Notas laterais** – Carlos V motejado del-rei Francisco / Gonesse, aldeia em França)

CAV. – Se era ridícula e louca a soberba das palavras e de títulos nos príncipes antigos, assaz néscia e bestial era aquela de obras, como o constranger os homens a adorar sua estátua à maneira de Nabucodorosor, fazer guerra ao mar, aos ventos, às tempestades a modo de Xerxes, fazer ajoelhar os súbditos, pôr no carro triunfante em lugar de cavalos dous reis prisioneiros, levá-los a par de si encadeados e servir-se deles como assento debaixo dos pés para subir a cavalo, como os reis de Pérsia e de Egipto. Tanto é que a soberba do príncipe não dá bom cheiro e, pelo contrário, o mostrar-se benigno, conciliar os ânimos dos povos lhe traz suma felicidade, porque como o poder e domínio de sua natureza é odioso, emenda-se muito com a familiaridade, e por isso diz o Sábio aquelas palavras dignas de se não esquecerem nunca: “És constituído Rector! Não te queiras ensoberbecer. Trabalha porque entre aqueles sejas quase um deles.”

(**Notas laterais** – Nabucodororsor / Xerxes)

FR. – Ainda não dissemos tudo, porque há alguns príncipes que tem assaz gracioso aspecto, as palavras doces, mas as obras muy amargosas, por isso vos digo que este príncipe para comprimento de felicíssimo tempera e acorda as obras com as palavras, e

não obstante os seus grandes e largos desgostos mostrou sempre ãa liberalidade régia. E posto que, como um Sol com diversos raios, mostra o resplendor da sua grandeza, todavia quem bem atenta neste meu magnânimo senhor é forçado dizer que ele traz na testa por ãa particular e soberana empresa a viva imagem da liberalidade, de cujo peito saem infinitos tesouros com o mote:

“Que donavi habeo.” O que tenho dado isso tenho.

Mas bem vejo que razoando de sua liberalidade outra cousa não faço que andar com ãa tocha ao meio-dia, porque a patreira fama com mais sonora trombeta tem novamente espalhado fidelíssimas novas por toda a Europa. Estando em Constantinopla muitos escravos e cristãos no tempo que ele foi por embaixador ao grão Turco, os quaes, depois de haver alcançado sua liberdade e tornando-se para Roma, deram admiráveis relações da esplêndida liberalidade deste grão príncipe. Fizeram também menção disto a el-rei cristianíssimo e a toda a França, o senhor de Germigny, embaixador de Sua Majestade e o seu secretário. E além destes tão honrados testim[onhos] junhos vos dou outros de novo que recebi cartas do Reverendíssimo Vigairo de Riscatto, frei Félix Torre, prelado virtuoso e de autoridade e não menos ilustre de nome que de sangue, o qual conta como o príncipe, depois de ter licença do grão Turco para se vir, e avistado grande quantidade de dinheiro e soberbas dádivas aos da sua corte, e [Falta] a um grande número de amigos e criados seus assi homens como mulheres daquela corte com vestes de alto e artificioso lavor e de inestimável preço, espalhando pelas ruas de Constantinopla infinita cópia de dinheiro em ouro e prata com tanta afeição e alegria de ânimo que todas aquelas nações turcos, gregos e latinos se arrebataram com ãa voce e gratíssima violência a se quererem [¶] vir com ele nesta sua partida, de que ele ficou como vencido e confuso, cuidando que não ficava ele tão liberal como eles com lhe sacrificar sua devoção, recambiando-lhe com [ø] amor, [ø] crédito e [reverência] cortesia. É bem verdade que havemos de cuidar que olhando ele para sua grandeza fosse seu intento somente de dar e não de receber. Mas não obstante que aquela gente ficasse espantada desta grande liberalidade como de cousa peregrina e nunca vista nem entendida e como grandeza não de rei mas de um monarca, contudo pelo que tem contado todos e pelo que eu colijo da natureza deste príncipe, mais obrigado lhe ficou aquela gente pela sua grande e inefável benignidade que ele mostra com as palavras, com o semblante e com as obras que com quantas dádivas semeou por todos eles.

(**Notas laterais** – Liberalidade do príncipe de Valáquia / O senhor de Germigny / F. Félix Torre)

CAV. – Eu o creio também porque a benignidade é ãa pedra de cenar que atrai a si os corações de ferro e os constringe a mudar natureza e a fazê-los brandos e amorosos. Com esta, senhoreará o bom príncipe seus vassallos, mais que com a força e com a potência, e com esta os obrigará a rogar continuamente a Deus pelo acrecentamento de seu estado e pela felicidade de sua pessoa e pela prolongação de sua vida.

(**Nota lateral** – Benignidade do príncipe)

FR. – Que esta benignidade convenha particularmente aos príncipes o mostrou um grandíssimo espírito, com o feroso geroglífico de ãa águia que come na mesma alcanzia com qualquer outro passarinho. Mas porque desta virtude fizemos já grande discurso, torno à sua liberalidade e magnificência, e além dos já referidos testemunhos [~~monios~~], ajunto que partindo ele de Constantinopla trazia grandíssima corte, e particularmente marcharam diante dele seiscentos homens de cavalo, vestidos de sua ferosíssima e riquíssima librea, e ele vinha de modo que representava a majestade de um emperador triunfante. Vós me podereis dizer que foi isto porventura ãa daquelas forças que se fazem ãa só vez em vida alguns príncipes, e que isto o moveu ambicioso desejo de apresentar-se em acto real diante do grão Turco em competência ou porventura em confusão dos outros tributários, mas porque vos não pareça isto, certifico-vos que é esta sua naturalíssima liberalidade e que depois que teve estado se entendeu que sem impedimento algum largou a mão para alguns criados antigos de casa, os quaes bem podeis crer que pelas mercês não esperadas que lhes fez estimaram em pouco perder por ele a fazer da sua vida em serviço de sua Alteza que usou desta magnanimidade com tanta modéstia e com ânimo tão alheio de vã glória que apenas sofria que lhe dessem as graças do que fazia, sinal manifesto de que a sua liberalidade não é enmascarada nem artificiosa mas nacida nele e com ele. E o que mais o realça é que em reconhecimento da mercê que lhe Deus fez mandou dar mui largas esmolos a um infinito número de pobres que com sua piedosa harmonia de milhares de vozes que chegaram ao céu lhe rogaram bens e representaram diante de Deus aquelas esmolos.

(**Nota lateral** – Aquila, símbolo do príncipe benigno)

CAV. – Muito folgo de saber que usou ele desta grande e excessiva liberalidade com a alegria de ânimo que me contaes, porque muito apraz a Deus um alegre dador, e o benefício feito asperamente e com dureza se chama pão de pedra e me alegrarei mais

que ele use desta liberalidade principalmente com os bons e virtuosos e que não imite alguns príncipes que não fazem consciência de dar mares e montes a chocarreiros e rufiães, corretores e procuradores de novos direitos e apertam quanto podem a mão para com os criados que fazem profissão de honra, de virtude, de bondade e de fidelidade. E a este propósito mi lembra dizer-vos que quando cuido no verdadeiro modo de exercitar a liberalidade entro em ãa dúvida de que me sinto confuso, porque eu vejo de ãa parte que fazer bem a um ruim é semear no mar e fazer acto de injustiça, além do que se soe dizer que mais perigosa cousa é fazer bem a um ruim que fazer mal a um bom, porque os bons com as injúrias se fazem melhores, mas os ruins com os benefícios se tornam piores, pelo que vendo Filipe que Alexandre, seu filho, dava tanta cópia de dinheiro aos de Macedónia por alcançar sua amizade lhe disse: “Que causa te move a esperar que te sejam tão fiéis aqueles que tu corrompes com dinheiro?” Doutra parte vejo que é acto de verdadeiro príncipe fazer bem a todos e semilhar-se a Deus, o qual ainda aos ingratos dá e faz nacer o Sol sobre os justos e injustos, e permite que o mar sustente sobre si até os corsários, e também algũas vezes acontece que os maus com o estímulo do beneficio se rendem ao bem e reconhecem seus erros, pelo que dizia um príncipe: “Que a cão ladrador se lhe há-de botar o pão antes que ladre”.

(**Notas laterais** – Pão de pedra / Abuso de Príncipes / Se convém fazer bem a maus / Filipe / Dito de um príncipe)

FR. – Posto que a virtude da liberalidade requer medida assi na fazenda, como na pessoa da fazenda, para se não dar a um só, e da pessoa para que se dê primeiro aos bons e depois aos maus, e que seja ofício do liberal considerar a cousa que se dá, a quem, como, quando, onde, e porque a dá, e que os benefícios mal empregados são malefícios, contudo a intenção recta do verdadeiro liberal é semear o beneficio para colher o fruto da [fé] fidelidade, e se se acham alguns de tão má natureza que em vez de fidelidade mostram ingratidão, não se segue por isso que a natureza do beneficio não seja de se conseguir amor [se] e fidelidade assi de maus como de bons. Nem posso dizer outra cousa contra a sentença de Filipe, senão que estando então por sua velhice apagado em seu peito o generoso e acostumado [~~ânimo~~] esforço, deu sinal de um ânimo mais vil que senhorial e contradisse a si mesmo e a suas obras, e a antiga liberalidade tão prudentemente exercitada dele com a qual engrandeceu o seu felice império, pelo que se chamaram mais avaredas que liberaes as dádivas de Filipe porque com elas comprou a liberdade dos gregos, do qual acto se divulgou aquele mote: “Que não Filipe,

mas o ouro de Filipe sogigou a Grécia”. Em suma, não me parece bem que o príncipe (seja quem for) cesse por algum tempo de ajudar a todos.

(**Notas laterais** – Leis da liberalidade / Dões avarentos)

CAV. – E andar conforme a aquele dito: “Faz bem e não cates a quem”.

FR. – Assi o entendo, porque assi como não há vício algum que mais mal pareça no príncipe que a avareza, assi não há virtude que mais o honre e engrandeça que a liberalidade, o que quis significar Alexandre, Papa Quinto, dizendo que ele foi primeiro bispo rico e depois cardeal pobre, e por derradeiro viera a ser Papa mendigo.

(**Nota lateral** – Dito de Alexandre V, Papa)

CAV. – Também louvo a liberalidade do príncipe quando dá do seu, mas não merecem louvor os que são liberaes da custa alheia, imitando o que do porco furtado dava o pé por amor de Deus.

FR. – Sabeis vós a quem dão esses príncipes o pé do porco? Aos gaviães, quero dizer, a aqueles engenhosos ministros que trazem novas exquisitas e coradas invenções por acrecentar seu património, e como os gaviães nos servem a nós da caça, servem eles ao príncipe de tirar o sangue ao porco.

(**Nota lateral** – Gaviães dos príncipes)

CAV. – Os príncipes que isso fazem não se semelham nada ao Papa mendigo, mas tem fechado em arca de ferro, debaixo de intrincadas chaves, o tesouro arrancado das entranhas de seus porcos.

FR. – Antes são verdadeiramente mendigos porque não se servem e se pode dizer deles o que se diz dos cães dos vilãos, os quaes, estando deitados sobre a palha, guardam-na mas não na comem, e disso foi repreendido Creso, avaríssimo rei de Lídia, com estes versos:

“Lídia, que tanto ajuntas de prata e ouro
Guardaes, não senhor do teu tesouro,
E não possuindo mais que o teu dinheiro
Pobre vives a ti, rico ao herdeiro”

(**Nota lateral** – Creso avaro)

CAV. – Dito foi isso com razão, porque aquilo que se dá se ganha, e o que se retém se perde, pelo que bem disse-o outro que alguns distribuem sua própria fazenda e são sempre ricos e alguns roubam o alheio e são sempre pobres.

FR. – Verdadeiramente que as aves de rapina são sempre mais magras que as outras. Ora eu faço este discurso que, havendo o príncipe de Valáquia por espacio de muitos anos sofferto grandes aflições de espírito e de corpo, olhará com piadosos olhos e tratará liberalissimamente os que com amor e fidelidade o servirem e se disporá de os amar cordialmente, o qual costume não é comum de todos os senhores porque muitos amam seus criados, mas não lhe fazem mercês porque são avarentos, e muitos pelo contrário não ousam e fazem-lhes cortesias por pura ambição.

CAV. – Daqui se conhece que muitos injustamente se chamam liberaes, porque a verdadeira liberalidade procede da natural grandeza de ânimo e se mostra para com todos e em todas as acções, o que digo porque há alguns homens não somente particulares, mas grandes senhores, os quaes por qualquer desenho forçam um pouco a natureza, mas no restante da vida se mostram miseráveis e coitados e dão sinal de si no rever das contas e no bradar continuamente com os veadores de casa, porque não sabem fazer o milagre de governar a família com a bolsa sem despesa.

FR. – Assi me parece a my. Mas tornemos ao príncipe de Valáquia. Eu me resolvo que não posso ser tão liberal de palavras que bastem a louvar a liberalidade q'ele, com largos e reaes efeitos, mostra continuamente. Pelo que tornando-me a Deus, seu grande tesoureiro, lhe peço que quantos mais graus de liberalidade este príncipe vai semeando, tanto de fruto lhe venha sua divina bondade. Passemos avante, e pois vos mostrei o anel, eis aqui o diamante de inestimável preço que dentro está encastrado, quero dizer, o grande cuidado que lhe vi que tinha em cultivar seu espírito com incessável devoção, a qual era grande em público mas muito maior a que exercitava interiormente e em parte onde não era visto nem ouvido senão aquele que vê e ouve tudo.

CAV. – Este é o selo de todas as outras virtudes. E resolvamo-nos com Salomão que todo o resto é vaidade. Seja mil vezes bendito este príncipe pois que quer mais ser que parecer, em confusão dos hipócritas, os quaes com razão são figurados pela ema, que é semelhante a animal volátil e não voa.

(**Nota lateral** – Ema, símbolo de hipócritas)

FR. – Mandaram os atenienses perguntar ao oráculo por que razão eles, que no seu tempo faziam contínuos sacrificios, estão sempre vencidos, e os lacedemónios, que nunca sacrificaram, [~~sempre~~] eram vencedores. Aos quaes respondeu o oráculo que a Júpiter agradavam mais as orações secretas dos lacedemónios que as dos atenienses. Mas deixemos os lacedemónios e falemos dos cristãos, os quaes muito mais gratos são a

Deus com as orações mentaes, as quaes são aquela seta que fere o coração de Cristo. E porque no princípio de nossos discursos vos disse, a grau de confiança, que vos dava a ler um capítulo divino que ele compôs e me enviou da corte de França, sendo ele de vinte e dous anos, o qual trago sempre comigo para onde quer que vou para sempre me lembrar dele e por um certíssimo e virtuoso testimu[nh]o do seu espírito unido com Deus, como também por minha particular doutrina. Ei-lo aqui:

Capítulo do príncipe da Valáquia

“Poderoso Senhor de um e d’outro pólo
Vós que criastes o céu, a terra e o mar
Os anjos [~~da luz~~] e também o homem de lodo.

Vós que, no ventre virginal, encarnar
Por nós quisestes Deus omnipotente
E nacer e morrer e ressuscitar.

Vós, que com o próprio sangue veramente
O Céu nos abris e destruis o inferno
E a Lúcifer fizestes impotente.

Vós, que por nos dar o bem eterno,
Abertos para nós os braços Vossos
Ainda Vós nos mostraes manso e benigno,

Ouvi, eterno Pai, os rogos nossos
Eis-me humilde e devoto, a Vós me inclino
Que homem Vós fazeis por eu ser divino.

De tantas mercês de mão tão larga
Com que mostrarei que seja dino
Que galardão Vos posso dar por paga!

Infinitos são certos favores
Que me fazeis a my, vil pecador,
Cada hora me daes cousas maiores.

Pedras não busco já de alto valor
Nem pedras d'Oriente, ou grão tesouro
Que tudo Vós fazeis, Vosso é Senhor.

Todas as cousas são feitas por Vós
Não podemos, na terra, homens mortaes
Nem ãa palha atribuir a nós.

Vós, com um aceno só, sem mais sinaes,
Regeis e governaes os elementos,
Os céus e os tristes reinos infernaes.

Nem ãa cousa pedis da humana gente
Nem outra oferta quereis que um coração
Sincero: e com isto só estais contente.

E que nos creiam a nós como é razão.
Deus de Israel, aquele que no mar
A faraó afogou com forte mão.

A que pequeno prémio demandaes
Esse pouco nós damo-Vos Senhor
Para a eterna glória nos guardaes.

Grande é vossa bondade, grande o amor
Que nos mostraes, mas nós muy raramente
O conhecemos e é cada vez peor.

A vossa justiça sempre igualmente
Com misericórdia vai e fazeis tudo
O que fazeis, alegre e suavemente.

Mas grande é a ignomínia do homem rude
Que ainda um coração dar não queremos
A quem tão bem merece dar-se tudo.

Antes (coitados nós) sempre pecamos
E ofendemos a Vós, alto Monarca
E em vaidade que nos daes gastamos.

Peço Senhor que já me corte a Parca
Da minha brevidade o fraco fio
Perdoai-me o pecado que me abarca.

Que em Vós esperança tenho e confio
Que vossa misericórdia seja tal
Inda que pecador mui vil e indino,

Que me faça no Céu sempre imortal
Fazei que desta graça seja dino
~~[Posto que de perdão pouco sinal]~~

Pater peccavi misere mei
Este coração inflamai, esta alma minha
Chamai-me aonde estais que logo irei.

Vós que sois verdade que encaminha
Fazei-me conhecer que todo este mundo
De Vossa mão nos vem e passa asinha.

Se eu ditoso for, rico e contente
De estado e de riqueza, em serviço
Vosso o goze eu, a Vós temente.

E se trabalho houver ou rebuliço
Fazei-me como Job, paciente e forte,
Para em tudo cumprir Vosso serviço.

Tudo o que Vos a Vós praz Rei d'alta Corte
Sempre me aprouve a my e apraz agora
Ou benigna seja ou contrária sorte.

Minha tenção é só servir toda a hora
Vossa grão Majestade e, ó Padre Santo,
Quem Vos servir tutta la vita honora
E al fim ao Céu se vai com festa e canto.”

(Nota lateral – Capítulo do príncipe da Valáquia)

CAV. – Verdadeiramente que é este capítulo para levantar até o céu e louvar na terra seu autor, porque está cheio de espírito não menos divino que poético, e imagino que este príncipe se alegre de haver alcançado honra de poeta nesta sua larga peregrinação entre os poetas da Toscana, o que apenas se acha em algum príncipe italiano, e não sei porque senão porque porventura entendem que da mesma maneira é cousa impertinente a um príncipe a poesia como a um capitão fazer o ofício de trombeta.

FR. – Se cresse que os príncipes aborrecessem o comércio das musas, pela mesma razão que vós dizeis, declarar-lhes-ia eu o meu parecer com estas poucas palavras: Bem entendo eu, ó [~~deuses~~] príncipes da terra, que a ambrósia e néctar vieram a ser em nossos olhos e a nosso gosto aborrecidos e abomináveis, pois que enjeitando os suaves frutos da divina poesia, tendes inclinados os ânimos a baixos e apoucados pensamentos, bem pouco conformes a vossa grandeza. Não crecem os verdes loureiros para coroar somente vossas reaes cabeças, mas para ornar com igual honra os [~~sagrados~~] venerandos poetas. Lembremos que Dionísio, Gieron, Júlio César, Augusto, Tibério, Nero, Vespasiano, Domiciano, Adriano, Marco António, Carlos Magno e outros mil foram tão grandes príncipes como vós, mas foram tão excelentes poetas como não sois vós. Lançai já de vossa falsa opinião que tendes e, levantando o entendimento do Céu, rogai, em lugar de Apolo e das musas, ao Espírito Santo que vos dê um furor celeste com o qual saídos milagrosamente de vós e arrebatados canteis não cantigas vãs nem romances de lascivos e profanos autores, mas hinos e salmos e sagrados versos e vaticínios com Moisés, com Daniel, com Salomão, com Jeremias, com Isaías e com encher volumes de livros em louvor de Deus e em benefício dos homens e para perpétua honra vossa.

(Notas laterais – Poesia conveniente a príncipes / Príncipes poetas)

CAV. – Bem podeis-nos dizer muito disto, mas nos não haveis de fazer que algum destes príncipes modernos se disponha de ir ao monte Parnaso a pé nem a cavalo.

FR. – Como entendeis que se vá ao Parnaso a pé?

CAV. – Quando o príncipe com o próprio estudo e comprovar o engenho e a arte, tanto trabalhasse a fadiga que vem alcançar nome de excelente poeta e se faz com sua própria tinta glorioso e imortal.

FR. – Agora entendo por my mesmo a segunda parte do enigma e compreendo que quereis inferir que o príncipe se vai ao Parnaso a cavalo quando sem seu trabalho, mas somente com se mostrar gracioso e cortês aos poetas os obriga a que o tragam nos ombros e o ponham no supremo grau da imortalidade, e em conclusão quereis dizer que se pode perdoar aos príncipes ignorarem a poesia, se dessem aos poetas a honra que se lhes deve, os quaes podem com razão dizer:

“Já jazem de sua honra as eras nuas.”

Mas eles não tem grande dor deste pecado, porque os poetas não se fartam hoje de os deixar em paz e não fazem deles menção algũa, e dali nem que se apaga a memória de seus nomes não se fala mais deles que de qualquer mais particular e mesquinho homem do mundo.

(**Nota lateral** – Príncipes que não fazem conta dos poetas)

CAV. – Melhor entendeu isto Dionísio, o mancebo, o qual dizia que dava de comer a muitos letrados não porque lhes quisesse bem, nem por os honrar, senão porque [~~por meio deles~~] fosse honrado e estimado por meio deles.

(**Nota lateral** - Dito de Dionísio)

FR. – Mas tornemos ao nosso príncipe de Valáquia e não vos canse que além das virtudes que dele vos contei, ajunte eu um grande tesouro que ele tem alcançado da sua liberalíssima natureza que é a sua grande memória, porque em seus discursos tão mendamente dava razão de tudo o que via ou lia, que muitos ficaram duvidando se fosse aquilo ou dom natural, ou artifício alcançado.

(**Nota lateral** – Memória do príncipe)

CAV. – Entendo por bem-aventurados aqueles que tudo o que vem com os olhos e ouvem lhes fica logo impresso na memória, como este príncipe, o qual privilégio segundo vejo é concedido a poucos. Mas porque a mor parte dos homens é desmemoriada e assi como a poeira posta na água presto se enche e tirada fora presto se vaza, assi enquanto ouve presto retém e, partindo-se, logo esquece, com esta ocasião folgaria entender de vós como se possa com arte emendar este defeito natural e que cousas ajudem não somente a conservar a memória, mas a esforçá-la e fazê-la capaz e tenaz.

FR. – Se me daes licença que vos diga algũa cousa em zombaria, dir-vos-ei que buscaes ãa cousa que pertence às bestas, porque dizia um desmemoriado, em seu louvor, que o ter memória era cousa de besta e particularmente dos cavalos, os quaes quando tinham ãa vez passado por ãa rua, se sabiam tornar, antes muitos que não a cavalo por se segurarem do caminho se deixam guiar do cavalo. Mas se havemos de falar de siso e espantar-nos da memória de César, que ditava em um mesmo tempo sete cartas, da memória de Ciro, que chamava por seus nomes a todos os soldados do seu grande exército, e da memória de Séneca, que recitava dous mil nomes pela mesma ordem com que lhe eram referidos e duzentos versos, começando do último até o primeiro, diremos que são duas virtudes da memória: tomar facilmente e reter longamente; tomar facilmente vem da humidade e reter longamente vem da sequeidade, donde vem que alguns são mais fáceis no tomar que no reter e outros, pelo contrário, mas porque a natureza não quis dar a nenhum homem mortal a rosa sem espinhos, consentiu que a um engenho esperto se deve por companheira ãa memória dormente e a ãa memória esperta um dormente engenho. Todavia para emendar o defeito natural da memória, assi no aprender como no reter, pelo que sei e tenho experimentado, não vejo cousa mais conveniente para a conservar e aguentar que aprender muitas cousas com os olhos e com as orelhas, convém a saber, ler bons livros e praticar com homens doutos, e não somente notar no papel os lugares, e nos capítulos as cousas mais notáveis que se ouvem e se lem, mas recorrer muitas vezes pelo entendimento e folgar de as ensinar e comunicar com outros. E além disto para a exercitar continuamente lhe dá também grande lume ter em todas as cousas ãa certa ordem com que folgadamente se salte de ãa em outra, e crede-me que não há memória tão firme que não se torne ligeiramente em fumo se se não guardarem estes documentos. Ajunto-vos a isto o preceito dos pitagóricos, os quaes afirmam que para se exercitar e confirmar a memória se devia particularmente trazer à memória de noite tudo o que era dito e feito e ouvido em todo o dia.

(**Notas laterais** – Com que arte se conserva e aumenta a memória / Memória de César, de Ciro, de Séneca / Preceito dos pitagóricos)

CAV. – Muito boa lembrança é essa que serve também para benefício do cristão, que pede conta à sua alma, quando vem a noite, de como gastou o dia.

FR. - Nem basta buscar cousas que edificam a memória, mas é necessário fugir também as que a destroem e diminuem, como as muitas vigias, os legumes, as couves e todos os

manjares vaporosos, os vinhos poderosos e bebidos demasiadamente, o frio grande, o temor, a intemperança. Mas é tão fraca a memória no homem que sente também as injúrias da doença, das caídas, das feridas e maus tratamentos e vai-se gastando com a velhice, não obstante que alguns são de contrária opinião. A vossa pergunta é judiciosa, porque assi como não sabemos mais que o que sabemos de memória, assi se deve chamar desditoso o que não tem memória, a qual se chama madre das musas e tesouro de todas as ciências.

(Notas laterais – Que cousas destroem a memória / Memória, madre das musas)

CAV. – Se estes desmemoriados não fossem um pouco sustentados com o contrapeso do engenho tinham razão de desesperarem, e conheço eu alguns tão coitados que se não lembram quantos dedos tem na mão se os não contam e são da natureza daquela gente, a qual era de tão grosso engenho e de tão dormida memória que no contar não sabiam passar o número de quatro, e não se pode dizer mais mal contar um desmemoriado que o provérbio que diz: “Não se lembra do seu nome.”

CAV. – A este propósito vem também o exemplo de Hércules, ateniense, o qual teve um filho tão rude e de tão pouca memória que não o podendo fazer aprender o ABC por derradeiro, para remediar esta desgraça, fez criar em sua companhia vinte e quatro meninos nomeando cada um deles pelas letras do alfabeto.

(Nota lateral – Hércules, ateniense)

FR. – Os que tem débil memória não seriam desgraçados de todo senão se lembrassem nem do mal nem do bem, mas há muitos que os benefícios escrevem no pó e as injúrias em pedra mármore.

CAV. – Oferecendo-se um a Temístocles para lhe ensinar a arte da memória, lhe respondeu que lhe ensinava antes saber a arte do esquecimento, porque se lembrava muitas vezes do que não queria. Mas porque a felicidade da memória procede da boa temperatura do cérebro, me lembrou perguntar-vos que feições são as da pessoa desse príncipe.

(Nota lateral – Dito de Temístocles)

FR. – Brevemente vo-lo direi. A sua pessoa é direita, bem proporcionada e solta, a estatura mais grande que meã, os olhos vivos e graciosos, o aspecto e movimentos martiaes, a compleição robusta e felice, em ãa só palavra, é um belo príncipe, gracioso e amável.

(Nota lateral – Aspecto do príncipe)

CAV. – Por grande louvor del-rei Príamo se disse que a sua face era digna de império, e pelo contrário se pode julgar por desgraçado o príncipe que não tem beleza e fermosura conforme a seu real estado.

(**Nota lateral** – Príamo)

FR. – Dezia um que não havia príncipe nenhum que se pudesse chamar deforme, porque o ser príncipe é grande fermosura.

(**Nota lateral** – Beleza conveniente ao príncipe)

CAV. – A my me parece que é muito mais conveniente a diformidade em um príncipe que em um homem particular. Vulcano era deus como os outros e contudo por sua diformidade era escarnecido de seus próprios pais que o lançaram de sua mesa e de sua casa. [~~Vespasiano emperador com o seu rosto figurava o acto de um itico quando se esforçava a descarregar o ventre.~~ parte ilegível ~~E por isso um chocarreiro mandando-o ele que dissesse alguma chocarice lhe respondeu: Eu vo-lo direi quando fizerdes vosso~~ palavra ilegível ~~Mas que nos reis~~] Mas que nos reis se requeira a beleza se pode também coligir de que todos os poetas e os grandes escritores quando lhes querem tomar a qualidade do ânimo e do corpo lhe chamam reaes, dando título e epíteto de real à alma, à natureza, à virtude, ao coração, ao [~~aspecto~~] rosto, ao semblante e ao aspecto.

(**Notas laterais** – Diformidade não convém ao príncipe / Vulcano deforme / Vespasiano diforme)

FR. – Quando Petrarca chamou real o rosto de sua dama, bem creio que entendeu não rosto de um rei mas de sua rainha, porque a fermosura do homem se considera diferentemente da fermosura da mulher, porque se um príncipe tivesse ãa face delicada, com um olhar mole e um semblante conforme à honestidade e à mansidão mulheril não se chamaria fermoso, mas mais presto se viria que a natureza estragara e diminuía com aquelas feições a heróica e real majestade que se requer em um príncipe.

(**Notas laterais** – Fermosura do homem / Fermosura da mulher)

CAV. – Bem vos entendo, mas na fermosura do príncipe que cousa tendes vós por principal?

FR. – A estatura proporcionada, porque um corpo grande, se não concorrem membros proporcionados à grandeza, tem não sei que de monstruoso, ou por melhor dizer, de um varapau ou de Nembrot, cujo rosto era como a agulha de São Pedro em Roma. Pelo que um gracioso poeta, zombando da excessiva grandeza de ãa chamada Cláudia, diz dela

que seria igual à estátua palatina se fora pé e meio mais certa. E além disto, estes que são mui desproporcionados padecem faltas e desgostos no saber e por isso se diz em provérbio: “Todo o néscio é longo”, e também está escrito não sei onde:

“Grão corpo aparece sem ãa migalha de sal.”

E pelo contrário os pequenos, com a força mais estreita, são mais avisados.

(**Nota lateral** – Grandeza de estatura conveniente ao príncipe)

FR. – Em favor dos pequenos e desfavor dos grandes se diz que um grão de mostarda tem mais virtude que um grande nabo, mas isto se entendi (como temos dito) daqueles grandes, os quaes ou com a cabeça demasiadamente pequena se parecem com aquelas cabaças de vinho que levam na cinta os que vão peregrinando, ou com as pernas demasiadamente delgadas representam camelos.

CAV. – O nosso prazenteiro Brémio, quando é um que tem as pernas pequenas costuma dizer que é homem de grande coração, e perguntado porquê, responde: porque eu sou pusilânime e não me atreverei andar com um par de pernas tão sotis e fracas.

(**Nota lateral** – Dito de Brémio)

FR. – Ora tornemos a dizer que a fermosura consiste na proporcionada grandeza e que os corpos de pequena estatura não os chama o filósofo formosos, e assi concluiremos que é conveniente à natureza e à razão que o príncipe faça a vantagem à grandeza dos súbditos com a grandeza não menos da pessoa que do seu estado. Contam os historiadores, em louvor de Xerxes, que em todo o seu exército em que havia muitos centenários de milhares de homens, não havia em tão grande número um mais formoso nem de mor estatura que ele. E querendo também Virgílio louvar a Turno diz assi:

“Eis o famoso Turno que aventaja os outros

Com a cabeça, e à batalha vai com os primeiros.”

(**Notas laterais** – Xerxes de grande pessoa / Turno de grande pessoa)

CAV. – A my me agrada também ver um príncipe de bela e grande estatura e mais me admira que a beleza do rosto, a qual é fugitiva, e com o tempo se gasta, como o significou o poeta que disse:

“A idade faz tornar bode o cabrito.”

FR. – A fermosura que depende da gravidade do aspecto, da proporção dos membros, da graça dos gestos não se gasta com o tempo, e por isso se diz por provérbio que dos formosos, formoso é também o Otonho. Pelo q’estimando pouco no príncipe a fermosura do rosto (contanto porém que não seja monstruoso) me inclino à vossa

opinião e parece-me melhor a sua grande e bem formada pessoa. Ora, senhor Cavaleiro Guazzo, eu penso que vos tenho dito que basta das virtudes particulares do príncipe de Valáquia, ou ao menos quanto se pode dizer no espaço deste dia que já se vai fazer noite. Temos aqui um nó neste discurso e digamos que todo o que quizer alcançar a virtude deve de aspirar à excelência dela, imitando este príncipe e não fazer como alguns, os quaes por um pouco de virtude que tenham cuidam (como diz o filósofo) que tem assaz, e buscam o excesso do poder, das riquezas, da fama e de outros bens, e pois que a virtude é aquela bem-aventurada guia que leva os mortaes ao céu, procuremos de os convidar a tão bela empresa com estas palavras. — Despertai, ó mortaes, vossas dormidas almas do longo sono e levantando-vos dos moles e brandos leitos, enlevai-vos comigo a olhar com olhos fixos aquele vivo e imortal lume e a serenar e limpar vossos espíritos com seus fermosos e poderosos raios. A este espectáculo hoje vos convido e a este breve razoamento que ora vos quero fazer peço-vos que por proveito, por saticação e por glória vossa me favorecaes com me estar atentos. — Este baixo, escuro, encharcado e fedorento chão da terra, receptáculo de maldades, ninho de crueldades, tragadouro de luxúria, quis grande providência de Deus, Senhor Nosso, pôr-lhe sem assento sobre um altíssimo monte onde como ãa perpétua primavera reverdecem sempre as vitoriosas palmas com as sagradas e triunfantes eras, das quaes ela tece imortaes cousas e graciosamente orna as cabeças daqueles que postos no monte se apresentam no seu conspect, pelo que tem muita razão de clamarem ditosos e gloriosos. Porq' a virtude dá aos que a possuem a prudência da serpente e a simpreza da pomba e os faz conhecedor e vencedor de si mesmo. A virtude endereça à piedade, à religião, ao culto divino, a ajudar a todos, a não fazer mal a ninguém, a seguir as leis e a justiça. A virtude o ensina a pisar com longas peregrinações a terra e o mar, a sofrer com grande espírito os usos e contrastes dos inimigos, a passar por meio da próspera e adversa fortuna com desprezo de ambas as duas, a confiar-se em Deus, a não temer nem dores nem morte, a alcançar o fruto dos trabalhos e das perseguições. A virtude lhe orna o coração de modéstia e de honestidade, tira-o de vãos prazeres de apetites, demasiados, fazendo com sua sorte alegre e contente. A virtude não teme perigos e é tão inexpugnável quanto diz o poeta:

“Que nem fogo nem ferro à virtude empece.”

Finalmente, a virtude abre caminho para as honestas riquezas, para as honras, para os impérios, para os reinos e para o Pontificado, e quando ou por ignorância ou por malícia

do mundo, outro fruto na terra não recolha, nem por isso se perturba, mas alegrando-se com si mesma espera as mercês do Céu. Ó virtude imaculada, ó virtude santa, ó virtude a que se não pode dar outro maior título que de virtude. [~~Que alma houve jamais em que eoubesses toda?~~] Que língua que conforme a tua dignidade te exalte? Que Homero, que Virgílio, que Túlio ou que Demóstenes que, segundo os teus grandes merecimentos com finíssima tinta, te louve, te cante, te celebre, te levante e te coroe? Cesse pois esta vossa língua e esta fraca voz do contar teus triunfos e supra o afectuoso coração com contemplar os teus grandes efeitos e com me admirar em silêncio e com reverência não somente da tua glória, mas daqueles invencíveis heroes e espíritos imortaes que já subiram ao sagrado monte e tomaram a desejada posse de tuas infinitas graças. Mas (ai) como são poucos hoje os que fazem esta gloriosa viagem, e quão grande é o numero dos negligentes e apoucados que nenhũa outra cousa fazem cá em baixo que carregar a terra com seu inútil peso e mostrar-se como bem-aventurados no campo, como corpos sem espírito e com figueiras com folhas e sem fruto. E porquê?

“A gula, o sono, e as ociosas penas

Lançaram a virtude do mundo.”

E vós não vos precataes ainda (perdoai-me, ó mortaes, se para sarar vossas chagas vos toco no vino) que não tendes já semelhança de homens, mas parte de Circe e de Medusa, parte de vós estais transformados em feras e parte em sexos, pelo que desterrados de razão, tirados do sentido e trasportados de vil e bestial furor, andaes desenfreadamente errando neste tenebroso terreno. Tornai pois em vós mesmos e como lume do entendimento começai a conhecer que a serpente está escondida entre flores e que Baco e Vénus e outras [~~terre~~] delícias da terra são uns pesos gravíssimos que vos levam abaixo e não vos deixam, nem com o pés, nem com o pensamento meter a caminho para subir aquele sagrado monte e alcançar o prémio merecido. E portanto se não quereis que juntamente com a vida o vosso nome se acabe, se trabalhaes por o fazer imortal, se vos agrada conservardes-vos gloriosos entre vossos sucessores e imortaes, se aspiraes à celestial e eterna glória [~~bem-aventurança~~] dos espíritos bem-aventurados, e se é verdadeira aquela verdadeiríssima verdade – Que não [~~seja~~] será coroado senão o que legitimamente pelejar – deixai já a ociosidade, desprezai os prazeres, deponde o demasiado amor de vós mesmos, despojai-vos de todas as paixões da terra e, avezando-vos com um coração intrépido às fadigas, às vigias, ao sol, ao pó e ao vento, à calma e ao frio, à fome e à sede e às incomodidades todas, apertai e refreai as afeições mundanas

e como uns novos Hércules, abatendo com estes meios a força dos leões, descabeçando as cabeças da Hidra e vencendo os Geriões e os Nessos, subi por esta costa arriba à qual vos convido a vós mancebos, enquanto tendes força, e a vós convido também, velhos envelhecidos no vício, e peço-vos que vos não seja pesado o caminho porque tanto maior será o merecimento, e conhecereis com muita alegria vossa quão verdadeira seja aquela sentença - “Que a virtude, depois dos vícios, realça mais” - e estribados todos na esperança e chamados da glória chegareis ao cume do monte triunfando, onde com doce memória da viagem acabada e dos trabalhos já passados, recolhereis com vossa mão o desejado fruto da honra e cheios de incomparável alegria e vendo-vos tornados de homens deuses, podereis dizer com príncipe da Valia:

“O que te praz a ti Rei d’alta Corte
Sempre m’aprouve a my e apraz agora
Ou seja benigna, ou seja contrária sorte.”

(**Notas laterais** – Exortação à virtude / Virtude está em cima do monte / Efeitos da virtude / Poucos seguem a virtude / Circe e Medusa / A virtude corta a cabeça à Hidra / Virtude, depois dos vícios, realça)

CAV. – Eu estava já esperando de vós que, refrescando com este fim a memória do nome deste grão príncipe, tornásseis a entrar como procissão pela porta donde saístes. Não tenho mais que dizer senão que desejo em comprimento de sua grandeza e por companhia de suas virtudes que a fortuna, a qual fez já viagem de Roma, se encaminhe agora para Valáquia e quando chegar aos confins ponha as asas, descalce [pés] os talares e deite fora a palha que tem debaixo dos pés e assi entre naquele reino a fazer nele perpétua morada.

(**Nota lateral** – Fortuna morou em Roma)

FR. – Assi seja.

CAV. – Ora eu vos agradeço da razão que me destes de cousa para my gratíssima e, abraçando-vos de coração, rogo a Deus que Ele levante entre este príncipe e vós o amor que houve entre Augusto e Mecenas, nem vos deixe jamais em tanta felicidade sair de vossa alma o vosso Gazzo.

FR. – Seja ou quente ou frio, como Deus quiser do meu serviço com o príncipe, que sempre convosco estará junto o espírito do vosso Pugiella.

Do Juiz

Diálogo terceiro

Carlo [~~Cacherano e Lodovico~~] Luís [~~de Nevers~~]

Que trazeis de novo, senhor [~~Lodovico~~] Luís, da cidade de Casal?

LU. – Nenhã outra coisa senão a prisão do capitão da justiça contra o qual parece que foram alguns mexericos, ao nosso príncipe, de notável soma de dinheiro, que dizem que tomara de diversas pessoas porque torcesse a justiça e também se diz que vieram já alguns a testemunhar que diante de quatro homens lhe viram dar muitas peças de ouro daquelas dobradas de Espanha.

CAR. – Se y hobe verdade castigará vosso príncipe não somente ele, mas também os que o induziram a estender a mão, mas até que eu não ouça outra coisa em contrário, quero estar na boa opinião de sua inocência.

LU. – Eu me remeto ao sucego, mas também vos sei dizer antes desta sua prisão se dezião contra ele muitas cousas publicamente pela praça.

CAR. – Eu sei que pelas praças e pelas casas se fala assaz desconcertadamente de nós, outros pobres e desventurados juízes, mas é necessário que cerremos as orelhas, ou que ouçamos com o coração assossegado, e nos consolemos com ver que todas as cousas que ameaçam não ferem e que assi como a parte que tem sentença contra si diz mal, assi a que tem em seu favor diz bem de nós.

(**Nota lateral** – Facilmente se tassam os juízes)

LU. – A my me parece que é dura cousa ser um homem juiz pesado e afrontado injustamente.

CAR. – Mais dura cousa é ao homem mixto ser justamente afrontado. Lembre-vos que quando Xântipe disse a Sócrates que o faziam morrer sem razão ele respondeu: “Querias porventura que me fizeram morrer com razão!”

(**Nota lateral** – Reposta de Sócrates)

LU. – Vós me trazeis a falar de cousa muito importante, porque (se bem atento) a grandeza do príncipe e a salvação do povo está posta na bondade dos juízes.

CAR. – Isso é verdade enquanto o príncipe se governa pelas leis e não por sua afeição. Costumaram os sacerdotes antigos de Jerusalém, que tinham o governo do império, trazer escritas as leis sobre a cabeça em sinal de que elas eram superiores a eles, mas hoje alguns príncipes dizem que não são postos às leis donde veio aquele provérbio espanhol – “Lá vão leis onde querem reis” – e daqui vem que são constrangidos os juízes ou a julgar conforme à vontade dos príncipes, ou a se pôr em ponto de perder sua graça, sua fazenda e juntamente a vida.

(**Nota lateral** – Sacerdotes de Jerusalém / Provérbio)

LU. – Creio firmemente que muitos juízes e conselheiros temem de nomear ao príncipe aquela boa mãe que pariu o mau filho, quero dizer, a vontade, pelo que é impossível que a justiça consiga seu efeito, mas enfim o homem de bem deve de todo tirar a máscara. E pois que vós, entre os outros senhores colateraes do sereníssimo vosso duque não menos por inteiro que por ciência, tendes nome de bom juiz, grande mercê me fareis de me declarardes as qualidades que se querem em um perfeito juiz.

CAR. – Agradeço-vos o título que me daes, o qual queira Deus que eu alcance com obras como faço com o desejo. Das qualidades do juiz não vos posso dizer outra coisa senão que então será perfeito juiz quando não tiver defeito nenhum.

LU. – E quem é este e pô-lo-emos na seda?

CAR. – Quem se quiser assentar neste lugar há-de buscar os defeitos pelos quaes a justiça não pode ter conveniente lugar que é o meio, mas anda por fora de seus legítimos confins e todas as vezes que os juízes se acharem de taes defeitos poderão estar contentes o príncipe e seus súbditos, quando não subam a maior excelência. Digo pois que cinco veos hay que ofuscam e confundem a justiça, a saber, ignorância, amor, ódio, esperança e temor, cada um dos quais tem força de lançar o juiz a inigua sentença do leão que condenou à morte o asno porque comera um pouco de feno que caíra de um carro e absolveu o lobo que, dando em um rebanho de gado, comeu uns cordeiros e cabritos dele.

(**Notas laterais** – Cinco defeitos do juiz / Fábula)

LU. – Conforma-se com aquele dito:

“Perdoa aos corvos e aflige as pombas.”

CAR. – Ora vindo ao primeiro veio da ignorância, consideremos que traz junta consigo a presunção, a qual ocupa de tal modo os sentidos ao juiz que sem ir pelos termos legaes, sem conhecer a diversidade dos casos, e sem distinção das regras geraes, ainda

bem não vê a primeira folha do processo, quando se persuade que tem entendido já os méritos da causa, e correndo com a mão ao tinteiro, com a veloz e temerária pena dá sentença de baque, com a qual ou absolve o delinquente ou condena o inocente. Pelo que podemos dizer que não há mal que a ignorância, da qual procedem os juízos temerários e fazem mais estima das pessoas que dos costumes e da vida e não dos acontecimentos. No qual bem [caíra] caiu aquela [lespovos] gente que, vendo ao paciente juiz oprimido de diversas misérias e desastres, o julgaram por injusto. E o néscio de Herodes, com o mesmo erro, mandou levar de diante de si a Cristo, Senhor Nosso, julgando-o por [um] louco.

(Notas laterais – Ignorância / Job / Ignorância de Herodes)

LU. – A ignorância do juiz pode acontecer (se bem entendo) por duas causas: ou por falta de ciência de leis ou de lume natural, porque muitas vezes se acham alguns doctores de muita ciência e de pouco entendimento, pelo que é necessário que estas duas cousas concorram nele.

CAR. – O juiz docto poderá estar falto de lume natural nas cousas extrajudiciaes, mas nas que dependem das leis não lhe faltará este lume enquanto ele julgar conforme a doutrina e decisões comuns dos juizes consultos e não a sua particular opinião mandar no mundo alguma gente tão rude que tem as Letras debaixo de selos de confissão, em tal maneira que a não descobrem nunca a ninguém, e se conhecem por doctores mais na toga que na doutrina, e se pode dizer deles o que disse um gentil homem avisado que, entrando no estudo de um doctor ignorante onde havia grande cópia de livros disse: “Deus vos salve livros sem doctor.”

(Nota lateral – Livros sem doctor)

LU. – E o mesmo gentil-homem, entrando no estudo d’outro famoso doctor onde havia muito poucos livros disse: “Deus vos salve doctor sem livros.” Mas pelos doctores ignorantes se soe dizer em comum provérbio – “Docto valência longa neste e curta ciência” – e houve um que motejando disse que o doctor ignorante era semelhante à necessidade que não tem lei.

(Notas laterais – Doctor sem livros / Provérbio)

CAR. – Estou em dizer que não há profissão onde haja mais ignorantes que esta de doctores, muitos dos quaes cuidam que são papinianistas e saem papinianos.

(Nota lateral – Papinianos)

LU. – Mor prêmio merecem estes de seu trabalho, como mostrou a este propósito um doctor papinianista, o qual fazendo ãa consulta à sua parte lhe pediu vinte e cinco cruzados e dizendo-lhe à parte que Craveta lhe levara por um conselho na mesma causa seis cruzados não mais, lhe respondeu que Craveta faz muitos arrezoados cada dia por isso é razão que se contente com pouco, mas eu não nos faço senão três ou quatro no ano.

CAR. – Bem podia ele confirmar sua razão com aquele dito: “Que toda a cousa rara é preciosa.” Mas falando do lume natural, o que nas cousas universaes anda desconcertado se encandilha muitas vezes no julgar, porque não segue a razão, sendo o sentido que se engana ou por indisposição do órgão, como a língua do febricitante que julga por amargosas as cousas doces, ou por indisposição do meio, como o olho que julga quebrado o pau quando ãa parte dele está metida na água e a outra no ar, ou por distância do objecto, como o mesmo olho que julga o Sol da grandeza de um pé, mas os homens prudentes, pospostos os sentidos, buscam com diligência a razão e governando-se por ela, julgam boa, sã e rectamente. E a este propósito me parece propor-vos alguns exemplos e particularmente aquele de Fradique Barba Rossa, a quem queixando-se um lavrador e contando-lhe como tendo na estrebaria um cavalo e ãa égua lhe roubaram [~~a~~ égua] o cavalo, o sábio e prudente emperador lhe mandou que levasse a égua pelas ruas da cidade, porque o cavalo sentindo-a passar rincharia, e aconteceu assi e deste modo cobrou o lavrador [~~a sua égua~~] o seu cavalo e o ladrão foi castigado. Dionísio, de cuja fama havendo murmurado dous mancebos, os mandou convidar a cear, um dos quaes se embebedou e o outro bebeu moderadamente. A ceia acabada, achou que foi digno de perdão o bêbado porque havia errado por bebedice e mandou que o outro morresse porque havia pecado voluntariamente e com malícia.

(**Notas laterais** – Juízo de Barba Rossa / Juízo de Dionísio)

LU. – Onde deixaes o juízo de Salomão que, pedindo o cutilho para partir o menino entre as duas mulheres, logo achou o modo de conhecer a verdadeira mãe da falsa.

(**Nota lateral** – Juízo de Salomão)

CAR. – Concluamos logo que a ignorância do juiz é em grande maneira danosa e faz muitas vezes os efeitos do arco soriano, o qual feria não menos os amigos que os inimigos. Vamos ao segundo velo que é o amor com o qual se ofusca o entendimento e consideremos que não somente o respeito do parentesco ou da amizade, mas ãa simples inclinação é poderosa a torcer o ânimo do juiz, e por isso não é muito de repreder o

costume dos areopagitas que de nos ver as caras [~~sem-lume~~] julgaram as causas, entendendo que o aspecto, a maneira, os gestos do homem poderiam alguma vez divertir o bom parecer do juiz, e com este mesmo resguardo proibiam defenderem o réu com artifício oratório e moverem com prémios o juiz à misericórdia.

(**Notas laterais** – Amor / Areopagitas julgavam às escuras)

LU. – Poucos juízes, creio eu, que se acharam que não sejam aceitadores de pessoas e [~~desprezadores~~] imitadores daquele divino preceito “Ouvíreis assi o pequeno como o grande, nem favoreceis mais o amigo que o estranho, o rico que o pobre, o príncipe que o vassalo, o senhor que o criado, o cidadão que o forasteiro”, e vejo também que poucos juízes tem particular cuidado das viúvas, dos órfãos e dos pobres.

(**Nota lateral** – Aceitadores de pessoas)

CAR. – Assi como Deus nos não deu preceito de nos amarmos a nós mesmos, mas de amarmos o próximo, assi não mandou aos juízes que lhe tenham conta com os parentes, com os amigos e com os ricos, a que são assaz inclinados, mas aos estrangeiros, aos pobres, aos órfãos e viúvas, os quaes, por falta de ajuda e de favor são pela mor parte desprezados e oprimidos.

LU. – Não descobristes já também de quão boa vontade dá um juiz o seu voto ao amigo ou parente de outro juiz e trabalham de se comprazer a câmbio?

CAR. – Se não descobri isso que dizeis, ao menos descobri o mistério daquele dito: “Que cornos a cornos não se tiram os olhos.”

(**Nota lateral** – Provérbio)

LU. – E que dizeis vós da escuridade que faz no entendimento do juiz o véu do amor lascivo e os inconvenientes que se seguem dele?

CAR. – Esse se mostrou no júizo de Páris em favor de Vénus, contra Palas e Juno, e da injusta sentença que deu César por amor da bela Cleópatra contra seu irmão dela pela qual, provocando a desdém os Egípcios, foi constrangido a se lançar no rio com perigo da vida, e grande vergonha sua. Enfim, a mulher tem força para mover com um aceno o juiz a piedade e acendê-lo em amor lascivo, e é verdadeiro aquele dito: “Que muitos são os senhores de cidades e escravos de mulheres.” E em poucas palavras, como os poetas afirmam que o Amor tem poder sobre todos os outros deuses e os despojou de todas suas insígnias, tomando a Júpiter o raio, a Apolo as setas, a Hércules a sua força, a Marte o elmo, a Mercúrio os talaes, a Diana a facha, a Baco o tirso, a Neptuno o tridente, que maravilha fará se tomar o entendimento da cabeça e a pena da mão a

lascivo juiz! E lhe fizer escrever a sentença à sua vontade! E por isso deve estar advertido o que houver de julgar de despojar [~~primeiro~~] a pessoa do amigo primeiro que vista a de juiz. E se grande força tem o Amor para cegar o ânimo e entendimento do juiz, não na terá menos o ódio, o qual o empuxa a fazer ruim fundamento a todas as acções alheias e as não julgar diretamente, de que se diz aquela sentença que aprendemos nas escolas da gramática:

“Não deixa a ira julgar a verdade.”

E parece-me que entre as paixões que peçonhentas o juiz é esta a peor, porque ela é a que mais diretamente se o opõe a aquela virtude que nele mais principalmente se requer e que é a quietação, e por isso instituíram as leis que ele deve estar assentado quando pronunciar a sentença, para o advertir que a não publique precipitadamente nem com perturbação, mas com a devida quietação da alma, a qual, como diz o filósofo, se faz prudente assentando-se e repousando, assi como pelo contrário é grandemente molestada e se inquieta com o ódio, o qual é ocasião que as sentenças [~~se dêem~~] saiam como os raios e com vingança, porque não se pode esperar menos de um mau homem se não que com olhos tortos olhe e com má tenção julgue as obras virtuosas, e por isso Nosso Senhor, repreendendo o falso e maligno juízo dos juízes, disse: “Veio João Baptista que não come pão nem bebe vinho e dizeis que é endemoninhado e veio o filho do homem que come e bebe e chamais-lhe comedor e bebedor.”

(**Notas laterais** – Juízo de Páris / Juízo de César / Poder do Amor / Ódio /Julgar assentado / Falso juízo dos judeus)

LU. – Façamos quanto bem quisermos, que tudo será mau nos olhos dos maldizentes, se formos humildes, chamar-nos-ão hipócritas, se procedermos com simplicidade, eis-nos baptizados por loucos, se emendarmos o amigo, ganhamos título de maldizentes, se somos modestos no falar, seremos aduladores. E finalmente é cousa impossível que de um coração perverso e cheio de odiosa peçonha saia jamais um são juízo.

CAR. – Pois que diremos do quarto véu que tapa ao juiz os olhos do entendimento, que é a esperança? Não vos parece que o estimula a ofender a Deus, a violar as sagradas leis, a infamar a si mesmo e a ruinar o inocente? Debaixo deste véu está metido o vício da ambição e da avareza. Porque muitas vezes sacrifica o juiz sua alma ao Diabo por causa de um príncipe para que lhe alcance outro mor estado e se não acha em seus livros alguma universal opinião em seu favor dele, basta-lhe achar alguma singular, estreitando um texto e torcendo-o à sua vontade.

(Nota lateral – Esperança)

LU. – Creio que é verdadeiríssima cousa o que disse um famoso autor: “Que muitos estudam leis não somente por decernir o justo do injusto, mas para saber a subtileza com que se pode esconder a verdade e fazer aparecer a falsidade e dela tirar o útil.”

CAR. – Bem sabeis vós que o cortesão por não ser ingrato espera tempo oportuno e pintam ao príncipe crédulo por muy docto homem e por um dos mais entranháveis criados que tem em seu serviço e o faz subir de ouvidos a conselheiro secreto e de conselheiro a presidente ou [grão] chanceler-mor.

LU. – E que vos parece dos juízes avarentos?

CAR. – O que vos parece a vós.

LU. – Argent fait tout.

(Nota lateral – Provérbio francês / [palavra ilegível] assim)

CAR. – Verdadeiramente este provérbio [~~não é menos profético que vulgar e desconstrando-se com aquele dito de Salomão: que tudo obedece ao dinheiro~~] exprime com três vozes [~~a infinita omni~~] a potência do ouro, da prata e a universal avareza dos homens. O ouro é o Deus do avarento, o ouro é sangue, vida e alma, o ouro vence a castidade, traz beleza e nobreza, alcança crédito, faz perder o crédito, combate as cidades, corrompe a justiça, faz violar as sepulturas, mata a alma e finalmente leva à força e tira da força.

(Notas laterais – Repetição de parte da primeira frase / Virtude do ouro e da prata)

LU. – Não faltam autoridades e exemplos pa confirmar todas estas cousas e digo mais que o ouro vence a castidade e ele só faz o que não podem nem fermosura, nem trabalho, nem rogos, nem suspiros, nem lágrimas, nem serviços, nem outra fadiga algũa, a qual prova foi feita primeiramente e nos ensinou Júpiter [Θ] qu[af]e, transformado em égua de ouro, namorou de tal maneira a bela Danae, metida na torre de bronze, que recolheu no regaço algũas gotas por virtude das quaes feita de virgem dona se lembrou que o ouro:

“É mais que raio a matar possante”.

Tiveram a mesma força as três maçãs de ouro com as quaes fez Hipómenes deter o curso à simples Atalanta, e daqui porventura teve origem o mistério das setas do Amor que assi como chumbadas fazem ódio, assi as douradas geram amor e graça, e que estes preciosos metaes alcancem fermosura e nobreza aquele verso o diz:

“Fermosura e nobreza dá o dinheiro.”

E que o ouro e prata dem crédito e valia o outro verso o diz:

“Tanto vales quanto dinheiro tens.”

Que façam perder a fé se manifesta com o exemplo do desventurado Judas, que por trinta dinheiros vendeu a nós Jesus Cristo. Que tenham força de combater cidades temo-lo da autoridade de Filipe, rei de Macedónia, o qual dizia que nenhũa fortaleza era inexpugnável a que pudesse subir um jumento carregado de ouro. Que o ouro possa alterar a justiça o mostraram os filhos de ~~[Samuel]~~ Samuel, dos quaes se escreve que tomavam peitas e pervertiam a justiça. Faça violar sepulturas, o mostrou aquele cobiçoso e mal avisado rei Dário que, crendo no fingido epitáfio, abriu a tumba de Semiramis na qual em lugar do prometido ouro, achou somente as cinzas da rainha com o escrito que o escarneceu de sua avareza. Que o ouro dê morte à alma é testemunha aquele santo varão que diz que o ouro transformara os homens em diabos. Que o ouro leve à forca e salve da forca o diz um poeta grego no epigrama traduzido do ~~[senhor]~~ Luís Alamanni:

“Um que a enforcar-se por pobreza entende

Acha um tesouro, dixa o laço; e o perde.

O outro que o seu tesouro acha roubado

Enforca-se com o laço ali achado.”

O ouro enfim tem tantas forças que, não nas podendo explicar, o Mantuano deu aquele sentencioso grito:

“A que não forçará os corações mortaes

A fome ~~[eruel]~~ nefanda do ouro!”

(**Notas laterais** – Fábula de Danae / Fábula de Atlanta / Setas do Amor / Dito de Filipe / Dário enganado de Semiramis)

CAR. – Tornemos ao princípio do nosso discurso onde dissemos que assi como o dinheiro, ainda que branco, faz as lineas negras, assi os juízes com o dinheiro de ãa vontade mudam a cor e de brancos se fazem negros e provam passivamente que segundo outro dito: “Argent faixt tout”. Pelo que com galantaria e sentimento diz um escritor que se fizermos ouvir nas orelhas do juiz ou do advogado o som do dinheiro, se ensurdecirão a lira de Orfeu, os versos de Anfião e a musa de Virgílio e que onde o dinheiro fala enrouquece a trombeta de Túlio, onde o dinheiro milita o furor de Heitor abrande, onde o dinheiro combate a força de Hércules se diminui e, em ãa palavra, assi como dizem alguns que o jaspe não tem virtude senão encastado na prata, assi parece

que a justiça não tem virtude senão envolta no dinheiro e vulgarmente se diz que em vão se pesca se o anzol não tem isca.

(**Notas laterais** – Dito avisado / Jaspe e sua natureza / Provérbio)

LU. – Enquanto o juiz ministra justiça se o faz por ganho é assaz confortável e pode dizer que procede como fiel mercador, o qual pesa justo e vende caro. E a quem se faz justiça se pode chamar contente se lhe custa grande preço, mas merece bem grave vingança humana e divina o juiz que por ganho faz injustiça.

CAR. – Os que fazem justiça por ganho, amam a justiça no modo que o venéfico ama o veneno e se não fazem injustiça no mérito da causa fazem-na em chupar cobiçosamente as partes e em suspender a sentença tanto que como ãs sanguessugas se fartam daquele dinheiro que por sangue o nomeamos.

LU. – Parece-me que se não pode reprender o juiz que não aceita senão presentes de pouca importância como fruta de jardim e caça que em nossa terra se chamam vulgarmente gentilezas.

(**Nota lateral** – Juizes que tomam presentes)

CAR. – Estas gentilezas se parecem de pouco momento, todavia aproveitam ao juiz que as recebe, cuja despesa se vê fornida de azeite e queijo, de especiaria, de [ilegível] para todo o ano. Conheci um ministro que estava provido continuamente de montaria que pola não deixar podreecer em casa a mandava vender. E a este se soube que cinco vezes em um dia lhe foi apresentada ã lebre e isto aconteceu porque naquele dia senão achou outra na praça onde foi comprada e apresentada como digo naquele dia por cinco pessoas e aquela só lebre lhe meteu dous cruzados e meio em casa e era um contínuo passatempo ver a porta daquela casa abrir-se com assaz mor presteza aos que batiam com o pé que aos que com o batente. Que dizeis vos agora destas gentilezas?

(**Nota lateral** – Lebre apresentada cinco vezes a um juiz)

LU. – Eu digo que as lebres tão executadas na morte são de mais leve digestão e alterando a própria natureza fazem melhor sangue e alegam mais o coração que as saladas de alfaces e de borragem.

CAR. – Mas se vos parece que são de pequeno relevo, entendi que também se lhe apresentam cousas de mor preço, as quaes, escondidas como cobras entre flores, ferem a consciência do juiz e o fazem sair dos termos da gentileza.

LU. – Algũa cousa tenho ouvido disso e poucos dias há que me praguejaram de um juiz que importunado com rogos de um gentil-homem que lhe quisesse expedir certa causa

que pendia ante ele havia muitos anos lhe disse: “E que me dareis vós se em três dias vo-la der acabada? E respondendo-lhe o gentil-homem – “Tudo o que V. M. mandar” – lhe disse: “Ora não quero outra cousa de vós senão um par de luvas.” E ele então lhe apresentou de sua mão suas luvas com cinquenta cruzados metidos nos dedos delas e bem acomodados por cuja alma houve no dia seguinte sentença em seu favor.

(Nota lateral – Luvas dadas a um juiz)

CAR. – Esse é um belo e odorífero adereço de luvas. Pois que direis vós da graça e discrição de alguns juízes no pedir que por seu dinheiro lhe mandem ou barcas carregadas de lenha para gastos da casa ou peças de veludo, ou de raso para vestir a mulher, e há outros que, fazendo profissão de não tocar dinheiro, e para poder jurar que não tomam peitas, ensinam secretamente a mulher e as filhas a tomar cadeias e jóias que importam mais que fruta nem flores. Mas porque não gastemos mais tempo em contar semelhantes abusos de que está o mundo cheio, concludo, seguindo a sentença dos teólogos, que o juiz que julgar por dinheiro e por presentes está em estado de condenação e se assi é que será daqueles mesquinhos que por dinheiro e por dádivas fazem injustiças. E porque se não fará hoje o que fez aquele rei que mandou esfolar a um juiz e encontrar na sua pele a seda donde haviam de julgar os sucessores.

(Nota lateral – Juízes injustos por dinheiro)

LU. – Desse juiz esfolado teve porventura origem aquele provérbio: “Pagar com o seu couro.” Mas eu creio que há também alguns que depois de haver lançado sua sentença justa, se deixam levar da violência do ouro. E primeiro que a publiquem renegam a fé e tornando a tomar a pena borram o “Condenamos” e põe o “Absolvemos”.

(Nota lateral – Provérbio)

CAR. – Sabeis a sentença!

“Muitas vezes o incenso oferecido refreia a ira

E Júpiter do raio a mão retira.”

E por isso diz a Escritura que as dádivas cegam os olhos dos sábios e mudam as palavras dos justos e como diz Dante:

“Do não, por dinheiro, se faz sim.”

E também se diz vulgarmente que dádivas quebrantam penas, pelo que não me maravilho se Xenócrates, ou quem for, vendo um pobreto ladrão levar a enforcar, disse que os ladrões grandes faziam morrer o pequeno. Pobres leis aonde viestes a dar como avisadamente fostes comparadas de Anacarsis a teias de aranha!

(Notas laterais – Provérbio / Dito de Xenócrates / Leis semelhantes a teias de aranha)

LU. – Por isto se deviam de recatar e guardar como do mal e de serem escarnecidos os porfiados que, sem quererem dar orelhas a terceiros que procuram de os acordar, querem antes por novamente consumir as bolsas, os espíritos, as vidas e as almas trás as demandas por lhes verem no fim e para fazer o processo que chamam da coruja, que se resolve em muitas penas e pouca carne, sucedendo-lhes o que a dous rústicos que, ouvindo cantar o cuco indo caminhando ambos, e tendo por certa a vulgar opinião que costuma escarnecer dos cornudos, vieram em porfia por qual deles cantava o cuco e de consentimento de ambos foram buscar o conselho de um astuto doctor, o qual, fazendo-se pagar muito bem de ambos de dous julgou que o cuco não cantava por um nem por outro, [e] mas que cantava por [ele] si.

(**Notas laterais** – Processo da coruja / Fábula dos dous rústicos)

CAR. – Belíssima comparação foi aquela do sentencioso Pontífice Pio II que disse que os litigantes são pássaros, o auditório a campanha, os advogados os caçadores e os juizes a rede. Mas agora caio que falando vós no juízo de Páris me esqueceu de dizer o que conta em ãa egloga sua, moral, sentenciosa e docta aquele meu amigo e senhor Angelo Ingenheri, que Vénus incitou a Páris que furtasse a Helena em prémio da sentença que deu em favor dela, pelo que depois se introduziu

“Que todo juiz no fim se torna ladrão.”

(**Notas laterais** – Dito de Pio II / Angelo Ingenheri)

LU. – Todas estas cousas sejam ditas contra os maus ministros, salva sempre a honra dos bons e justos, dos quaes, louvado Deus, é um o justíssimo duque Guilherme, meu senhor, e não tem inveja nem o ducado de Monferrato, nem de Mântua a qualquer outro senhorio do mundo.

(**Nota lateral** – Guilherme, duque de Mântua)

CAR. – Vedes aqui como convém ao juiz andar mui longe do defeito da avareza e trazer as mãos fechadas aos presentes e contentar-se com o estipêndio que lhe dá o príncipe e com os precalços honestos que legitimamente tocam a seu officio, porque doutra maneira o justo Deus permitirá que ou por este ou por outro defeito que ele seja tomado na rede e [~~ponto a ponto~~] que chegue a num prato perder a fazenda, a vida e a fama. Desejo que o capitão de justiça se ache inocente, mas contudo sua inocência não fará ele com que depois de curada a chaga não apareça o sinal dela. Passemos agora ao último véu que ocupa a vista e a consciência ao juiz que é o temor. O qual muitas vezes

é ocasião de que nas causas em que conhece que o príncipe tem paixão ou interesse vá fugindo de a julgar com justiça ou acaba com injustiça.

(Nota lateral – Temor)

LU. – Desta desordem eu não ponho tanto a culpa a delicadeza dos príncipes quanto a vileza dos juízes que, ocupados do sobejo e injusto temor e tendo máscara no rosto, pretendem comprazer antes e sempre que contradizer. Pelo que se vê que tendo pagamento de conselheiros e de juízes servem de adutores.

CAR. – Ó, como é verdadeiro aquele dito e como teve razão um cortesão que disse que de nenhũa cousa ~~[padeee]~~ tem o príncipe maior falta que de homens que lhe falem verdade. Mas eu dou graças a Deus que me não deixou nunca abaixar o ânimo de maneira que não descobrisse abertamente ao duque de Sabóia o meu coração com aquela liberdade que me ditando sua boa natureza e minha consciência.

(Nota lateral – Dito verdadeiro de um cortesão)

LU. – Benditos sejam sempre taes personagens, os quaes são bem raros no mundo. De que merece também louvor ~~[o senhor]~~ L. Emilio Bandellone, presidente de Mântua, o qual enquanto foi senador em Casal, havendo de julgar ãa certa causa criminal de grande importância e perguntando-lhe a duquesa Margarida sua e minha senhora, como cuidava pronunciar a sentença, respondeu livremente: “Senhora, a minha sentença, primeiro que a pronuncie em viva voz, a hei-de pôr em escrito e a porei no modo que Deus me ajudar.” Ao que não respondeu palavra algũa a santa e discreta princesa.

CAR. – Foi de louvar o falar do criado e não menos o calar da senhora.

LU. – Parece-me a my que não somente os ministros de justiça, mas quase todas as outras pessoas trabalham, no dizer o seu parecer, de embuçar a verdade e falam de maneira que não se ofenda algũa das partes, e se isto é virtude ou vício não me saberei bem resolver.

CAR. – Nas cousas pertencentes à justiça deve o juiz pronunciar seu voto conforme as leis escritas e não segundo seu parecer. Nas outras que não estão determinadas e se podem sustentar com diversas e contrárias razões, entendo por virtuoso e discreto o que se engenha a satisfazer a ambas as partes com ãa sentença chamada dos nossos juízes consultos mediana, como fez o mancebo Ciro, o qual, perguntado de sua mãe, qual era mais formoso ou el-rei de Pérsia, seu pai dele, ou el-rei de Media, irmão dela, respondeu avisadamente: “Meu pai é mais formoso que todos os persas e meu tio é mais formoso que todos os medos.

(Nota lateral – Juízo de Ciro)

LU. – Esse exemplo me faz vir à memória a sentença de um nosso gracioso cidadão, o qual depois que dançaram dous gentis-homens com muita graça e arte, um deles mantuano e o outro milanês, perguntado e rogado que quisesse julgar em presença deles qual fosse mais suficiente naquela arte, respondeu: “O mantuano baila melhor, mas o milanês dá melhor a volta”.

(Nota lateral – Juízo de um cidadão)

CAR. – Por não desprazer a nenhum, que contentar a ambos com ãa sentença e seguir o comum provérbio – “tomar com ãa fama duas pombas” –, mas não quero deixar de contar aqui o exemplo de Luís Alamanni, o qual recita em um seu epigrama a sentença que Júpiter deu em honra de el-rei Anrique II, quando era delfim, sobre a contenda nacida por sua causa dele entre Vénus, Palas e Juno e o epigrama é este:

“Vénus, Palas e Juno tem referta
Mais grave que a do pomo e mais certa,
De qual Henrique fosse mais amado
E Júpiter lhes foi juiz louvado
Forma, graça, brandura e cortesia
Mostram ser este meu (Vénus dizia)
Irada Palas, diz, quem o há-de haver
Se o fiz em armas grande sem saber!
E Juno, diz, a my toca e convém
Um que de tal reino e tal padre vem.
Diz Júpiter do santo e alto trono:
A cada ãa o que pede outorgo e dono.”

(Nota lateral – Juízo de Júpiter entre as deusas)

LU. – Este é um belo modo de estar em graça com todos sem suspeita de parcialidade nem de lisonja.

CAR. – Assi como esta é engenhosa e louvável graça, assi é ímpia e danosa vileza deixar por temor de cumprir as leis e a justiça, imitando a Pilatos, o qual ainda bem não ouviu aquelas palavras – “se livras este não serás amigo de César” - lhe caiu o coração aos pés e se retirou da determinação que já a própria consciência lhe havia ditado. Resolvamo-nos pois nisto que o juiz justo e recto deve ser amigo de Sócrates e amigo de Platão, mas mais amigo da verdade e que, desterrando do coração a pusilanimidade,

deve-o armar de confiança e, sem olhar para o rosto do príncipe, satisfazer intrepidamente à própria consciência e dizer sempre a si mesmo aquelas palavras: “Melhor é agradar a Deus que aos homens.”

(Nota lateral – Vileza de Pilatos)

LU. – Ora já tendes descoberto os defeitos dos juízes, razão será que discorraes agora pelas perfeições que é necessário que tenham.

CAR. – Já vos disse no princípio que quando o juiz for livre das paixões e dos defeitos que contamos ocupará dignamente o seu lugar. Pelo que basta que tenhamos chegado a este propósito, que querer agora contar largamente todas as excelências e fazer discurso sobre cada uma delas era necessário outro tempo mais conveniente que este que agora temos, porque se requer no juiz o conhecimento e a experiência de muitas cousas para saber segundo diversidade dos casos e circunstância deles, pronunciar o seu parecer, e por isso convém mais que seja velho que mancebo, e pesado e não apressado no julgar, e que atente bem qual é a mente do legislador e, segundo a qualidade, costume e vida dos réus, seja discreto no castigar ou mais ou menos gravemente e não medir, como diz o provérbio, a todos com uma vara. E nem isto basta, mas há também de considerar se o delito se fez com malícia e com própria eleição, ou por inconsideração, ou por induzimento e conselho de outrem, e se é avezado a fazer mal, ou se nunca caiu em outro erro, porque lhe convém particularmente não olhar somente uma cousa mas todas, quero dizer, não somente um só delito, mas toda a vida na qual porventura viveria bem. Calo algumas outras perfeições das quaes seria necessário fazer largo razoamento. Não quero porém que deixemos de lembrar isto ao juiz, que além de se abster dos defeitos e paixões que contamos, se disponha sempre de ter junta com a justiça a misericórdia.

(Notas laterais – Perfeição do juiz / Misericórdia com justiça)

LU. – Se ele for justo, como será misericordioso?

CAR. – Antes não será justo se não for misericordioso, nem é nada misericordioso o juiz que não tem postos os olhos em mais que na extrema execução da justiça. Diz o sábio: “Não queiraes ser demasiado de justo”. O que se conforma com aquela vulgar sentença: “suma justiça, suma injúria”.

LU. – Não quero deixar de dizer aqui que um certo escritor interpreta diferentemente dos outros este dito, dizendo que uma suma justiça não é suma injúria, porque não pode a virtude passar a vício, mas que este dito quer inferir que, onde se faz uma suma injúria, é necessário que se faça uma suma justiça.

CAR. – Esse escritor mostrando-se discordar, concorda com os outros intérpretes. Porque se é verdade que nos delitos atrozes e singulares se requer ãa suma justiça, verdade é também que nos delitos comuns ou meãos deva haver um castigo conforme e ãa justa misericórdia, ou misericordiosa justiça. Pelo que se faz esta lembrança: que lance vinho e azeite nas feridas, o que foi significado pela arca de Moisés em que estava a vara e o maná.

(Nota lateral – Arca de Moisés)

LU. – Dizei-me pois em que modo há-de usar o juiz desta santa divisa composta de justiça e de misericórdia.

CAR. – Há-de usar dela em ~~olhar~~ pôr os olhos no céu como creatura de Deus, em amar a pessoa e odiar a culpa, no compadecer-se de seus infortúnios, em o ouvir com benignidade e paciência, em lhe conhecer as comodidades e aliviar-lhe os trabalhos que puder ser salva a justiça, em lhe dar o cárcere por custódia e não por pena e no expelir das causas assi civis como criminaes com presteza.

LU. – Ora agora vejo que reina em alguns juízes do crime extrema injustiça, os quaes mandam dar tormentos aos delinquentes, dando-os aos algozes, conforme a aquele malvado Calígula, que os martirizem e lhes façam sentir bem os tratos para que tenham morte lenta e vagarosa.

(Notas laterais – Juízes cruéis / Calígula cruel)

CAR. – Estes, mais algozes que juízes, com longo viso tem avezada já a natureza a crueldade, a tormentos e à morte e, como novos dragões, escrevem as sentenças mais com sangue que com tinta. Mas não só fez assi o humaníssimo Bias, o qual com muitas lágrimas, condenou um coitado à morte e aquele emperador que, assinando ãa semelhante sentença, suspirando, disse: “Provera a Deus que não soubera nunca escrever.”

(Nota lateral – Bias misericordioso)

LU. – Contudo isso o excelente jurisconsulto Agostinho Gazzo, discorrendo não há muito tempo comigo, não menos pela teoria que pela prática, me descobriu que os capitães de justiça e juízes do crime são constrangidos a mudar a natureza e a tornar-se de humanos cruéis e contava-me que sendo ele vigário na cidade de Casal, o qual officio exercitou com mucha honra sua, sentiu correr-lhe o caramelo pelos ossos e encher-se de tremor, escrevendo a sentença do primeiro que condenou à morte, e nem mais nem menos quando condenou o segundo, mas que depois foi como abutres móveis, os quaes

depois de gostarem o sangue das feras se fazem mais ferozes e raivosos, e com isto concluía que não é de maravilhar-se os juízes com o sucesso do tempo se fazem cruéis e sedentos de sangue e se, trazendo sempre diante dos olhos a justiça, deitam detrás das costas a misericórdia.

CAR. – Na vida de Bare se lê que a causa da muita severidade que mostrou no escrever as penas dos malfeitores não foi outra, senão porque de idade de vinte e cinco anos foi juiz do crime no qual ofício embebeu em si como largo exercício tanta crueldade no condenar, que não nos podendo [~~depois condenar fazer~~] destruir com a boca, como fazia sendo juiz, o fez depois com a pena. E daqui vem que a piedade nos juízes dos malefícios é tão rara e se compara à do corvo, o qual chora a ovelha e depois a come. Pelo que todo o juiz deve antes procurar de seguir as pegadas de Servo Sulpício, o qual olhava mais pela equidade que pelo rigor das causas. E por isso foi chamado mais consultor de justiça que de leis.

(Notas laterais – Bar cruel / Fábula)

LU. – Entre os outros defeitos do juiz assaz notáveis são a meu parecer aqueles dous que pouco há notastes, que são serem dificultosos nas audiências, e não se deixarem falar senão fugindo, e terem amestrados os criados a negarem a entrada e não deixarem a chegar os malvestidos e de mãos vazias. O outro defeito é quando sem nenhũa piedade vão prolongando o juízo e lhes sofrem os corações de ver consumir aos pobres litigantes nas estalagens e aos réus nas cadeias.

CAR. – Dessa maneira, já vós entendeis claramente quão verdadeira é aquela sentença: que a justiça sem misericórdia não é justiça, mas crueldade, e a misericórdia sem justiça não é misericórdia mas parvoíce. Ora, concluindo nosso discurso, diremos que então se chamarão bons os juízes quando tiverem tapados os olhos com algum daqueles véus que havemos declarado, e se se lembrarem que não são senhores mas ministros das leis e protectores do bem público; e que enquanto julgam os outros, serão eles julgados de Deus.

LU. – Eu quisera ver que fora da sala onde soem ter o seu assento tiveram escrito sobre a porta esta advertência

“Deixai toda a paixão, ó vós que entraes.”

E dentro da sala que tiveram defronte dos olhos aquelas palavras que el-rei Josafat disse quando constituiu os juízes da terra: “Olhai bem o que fazeis porque vós não fazeis

ofício de homens, mas de Deus, tudo o que julgardes tornará sobre vós, temei a Deus fazendo tudo com diligência.

CAR. – Façamos aqui pausa e selemos este razoamento com aquele breve e sentencioso mote francês: “Droict quey qu’il soit.” Quer dizer Direito a quem quer que for.

(**Nota lateral** – Mote francês)

Da eleição dos magistrados

Diálogo quarto

Gerardo [Borgogni] e Francisco [Pugiella]

Este gentil-homem espanhol, mandado agora novamente a Milão, terá feito meter por dentro a muitos ministros e deve de estar agora cada um examinando sua consciência e tremendo que lhe não busque o cabelo no ovo e o argueiro no olho.

FR. – Porventura que seja mais o medo que a censura e contudo que pelos cantos se murmure ora disto ora daquele outro oficial, eu estou esperando que se cumpra aquele dito:

“Parirão os montes e nasceu um rato.”

E creio que se não são todos, ao menos pela nossa parte se acham fortificados com o muro de bronzos da sua consciência.

GER. – Também eu creio assi, mas [~~isto~~] também creio que o Diabo folga de tratar mal esses ministros e temos muitos instrumentos para lhes fazer perder o crédito e persuado-me que os sindicantes, para responderem bem com o seu cargo, dão de boa vontade orelhas a quem quer que seja e escrevem tudo por mínima cousa que seja, trazendo em consequência de mau delicto.

(**Nota lateral** – Sua consciência, muro de bronzos)

FR. – Também os sindicantes estão sujeitos ao sindicato do rei que não devemos crer que consinta caluniar seus ministros, porque quando neles se descobre alguma mácula fica o príncipe afrontado na opinião do [~~povo~~] mundo de não empregar bem nele o magistrado e de não procurar primeiro se informar de sua vida e costumes, principalmente se for estrangeiro e menos conhecido dele, pelo que não vejo cousa em que ele deva mais abrir os olhos que esta, pois a não há [~~cousa~~] que de mau ornamento ao príncipe que ter bons officiaes, porque nas suas mãos está posta sua honra e sua reputação e a salvação de seus súbditos, e digo bons não somente por ciência de leis como pela inteireza da vida.

(**Nota lateral** – Bons officiaes, glória do príncipe)

GER. – Estimo tanto esta lembrança que me persuado que os ruins officiaes (seja quão bom quiser o príncipe) são bastantes a diminuir-lhe o crédito e fazê-lo estimar no em que não é e por isso não seria porventura mal que ele a imitação de Alexandre Severo escrevesse os nomes dos que quer prover de magistrados para que todos tivessem liberdade de acusar seus defeitos com esta indicação, porém que os acusadores justificassem suas intenções.

(**Notas laterais** – Costume de Alexandre Severo / [apontamentos ilegíveis na margem oposta])

FR. – Quando o príncipe queira imitar nisto esse emperador é necessário que o imite também no consinhar tão bom ordenado aos officiaes que lhe não seja necessário buscá-los por outra via, mas há hoje alguns príncipes que estão tão longe de dar bons provimentos que em vez de os dar os querem eles receber.

GER. – Ora rogo-vos que não tomeis por trabalho nesta ocasião de discorrer das considerações que o príncipe deve fazer na eleição dos magistrados.

FR. – Vossos rogos são para my leis, das quaes não posso, nem devo, nem quero por nenhum partido retirar-me, mas vós me daes ocasião primeiro que eu entre neste campo de vos perguntar porque lhe chamaes magistrados porque Boccaccio lhe chama maestrado. Direis porventura que um simples doctor em leis se quer encontrar e contradizer nas cousas da língua com um famoso e excelente professor de prosa e de verso toscano, como vós soes mas escusai esta minha natural curiosidade fundada em um desejo mais de aprender que de porfiar.

(**Nota lateral** – Considerações do príncipe na eleição dos magistrados)

GER. – Eu sei que trato não com um simples doctor de leis, como vos faz dizer a vossa cortesia, mas com um mestre de todas as ciências, como mo faz a my dizer a verdade. E pois que vós a um só abrir da boca vos mostraes bom toscano e conforme ao provérbio – “Pelas unhas se conhece o leão” –, eu por não gastar muitas palavras e para que tenhamos passo aberto para outra estrada, digo brevemente que a autoridade ou a violência de escritores novos acompanhada da força daquele cruel tirano que se chama uso, podem tanto que aborrecem as leis antigas e fazem outras novas, e [ilegível] as regras escritas fazem da irregularidade regra e disto veio que entre as palavras de Boccaccio algũas são de todo tiradas e algũas em parte alteradas, e deixando de escrever maestrado, parece-lhes melhor escrever magistrado.

(**Nota lateral** – Provérbio)

FR. – Vós me cerraes a boca e modestamente quereis inferir que eu me pareço com aquele que preguntava porque um cavalo se chamava faca ou chinea e não chineo e agora entendo que nas cousas da língua toscana é mester ter um olho posto na regra e outro no uso, o que não querem fazer alguns severos escritores que, estando mui fortes na regra e [ilegível] sobre ela ou não leram nunca, ou desprezam em tudo aquela aprovada sentença:

“Muitas renascerão vozes já mortas

E muitas morrerão que hoje andam em preço

Se o Uso quiser a quem o arbítrio é dado

A força é a razão da mesma fala.”

Ora, por obedecer, se não fora ao desejo e merecimentos vossos ao menos à vontade e ao que devo, quero-vos dizer na matéria dos magistrados que eu louvaria primeiramente um príncipe que satisfazendo a sua consciência não pusesse em grau algum pessoa que ele não conhecesse, nem que fosse de má qualidade e que imitasse nisto um cavaleiro, o qual achando-se nos banhos tinha ãa belíssima almofaça de marfim (estes estormentos usavam os antigos para fazerem a pele mais lisa e polida) e pediram-lhe esta almofaça dous homens emprestada, dos quaes um era estrangeiro e o outro ladrão e virando-se para o estrangeiro lhe disse, “A ti não ta empresto porque te não conheço” e, virando-se para o ladrão, disse: “E a ti não ta empresto porque te conheço.”

(**Nota lateral** – Mote de um gentil-homem)

GER. – Posto que vós por não fazer pompa da doutrina e da vossa memória não nomeaes os nomes dos autores onde estão escritas as sentenças e histórias que tanto a propósito contaes, eu tenho lido diversos escritores e conheço por esta via o vosso saber e o vosso entendimento e o que agora dissestes, se bem me lembra, é farinha de Plutarco, mas pouco nos importam estas nomeações, ide por diante.

FR. – É particular officio de príncipe certificar-se primeiramente da vida e depois de saber dos ministros, porque a ciência junta com a má vida é monstruosa, e todo o trabalho do inigno juiz de converter em mau uso a ciência e servir-se dela não como de mesinha mas como de veneno, e por isso está escrito: “Guarda-te da ciência do mau, porque buscando o fruto não firas a mão nas espinhas.” Antes não é tanto necessária no juiz o saber quanto a bondade, porque a sua ignorância facilmente se emenda com a multidão e com o saber doutros ministros, mas a sua malícia é bastante para alterar os ânimos dos outros ministros.

“Todo o curral inficiona ãa sarnozza ovelha.”

Podeis-me dizer agora que este exquisito conhecimento da qualidade das pessoas não é necessário porque de todas as maneiras o príncipe tem o açoute na mão para poder castigar os maus ministros.

(**Nota lateral** – Ministros de boa vida)

GER. – Eu não direi isso porque sei muito bem que é melhor prevenir o escândalo e assegurar-se primeiro da bondade do ministro, porque, posto que depondo e castigando se faz conhecer por príncipe justo, contudo deve também de conhecer que foi assaz ligeiro e inconsiderado em sua eleição.

FR. – Assi é, mas além deste advertimento queria eu que o príncipe não fizesse muito caso dos que ou directa ou indirectamente buscam qualquer magistrado, porque não obstante que haja algũa sorte de magnânimos que desejam as honras por seus merecimentos e com ânimo de os executar com inteira satisfação do príncipe e dos particulares, contudo este requerimento quanto a my não me cheira bem e assi como tenho ruim suspeita do official que andou mendigando o ofício, assi me parece também que alcança muita honra o que não no cuidando é chamado e rogado do príncipe a estes graus e por isso se diz que os ofícios se hão-de dar e não se hão-de pedir.

GER. – Não sei se atribua a culpa do abuso deste nosso tempo ao descuido de alguns príncipes ou à multidão e concorrência dos competidores porque os ofícios não se dão a quem os não pede e não acontece que algum por grande letrado que seja espere que o príncipe o chame a seu serviço, porque estes comummente querem ser rogados e folgam por mor grandeza sua de serem cercados de muitos caçadores e por este modo se abre caminho a quem quer de se adiantar a pedir estas honras.

FR. – E daqui vem o que disse Pio II: “Que alguns merecem honras e não se lhes dão e a alguns se dão que as não merecem.” E além doutras instruções queria que o príncipe folgasse de empregar as dignidades, maximamente as principaes, antes em pessoas nobres que nas quaes não são, entendo, nobres de sangue e de geração, porque a razão o mostra que os nacidos de bons sejam bons, sendo como é a nobreza virtude de antecessores.

(**Nota lateral** – Dito de Pio II / Ministros nobres)

GER. – Vós me daes a vida com estas advertências porque me parece que estarão tão bem as dignidades nos homens baixos como a sela no boi; e certo que tenho cólera somente em cuidar que tenho praticado com alguns mais soberbos que a torre de

Babilónia e tão insolentes que não tem vergonha de me responderem como a um criado com um império, com ãa arrogância, [~~e tão enxutas~~] e com tão enxutas palavras que me atravessam como com uns punhaes. Pelo que acabo de entender, que se há algum destes que se esforce a proceder nobremente em seu ofício, la tem pola mor parte o mau cheiro das fezes antigas e em secreto são inimigos da nobreza. Pois não vos falo daqueles que não somente procedem na fala de gente rústica, mas nas obras, e cometem toda a sorte de engano e taes são de dentro quaes de fora, e porque me persuado que é lícito, nos sujeitos vis, falar também vilmente por lhes dar a honra que eles merecem digo que mui dignamente se disse por eles aquele vulgar provérbio: “Quando o esteiro está sobre o escano, ou fede ou faz dano.” E tanto que folgava de ser príncipe só para tirar os magistrados das mãos de gente baixa e não sei porque os príncipes se não lembram daqueloutro dito:

“Ao vilão não meter vara na mão.”

(**Nota lateral** – Provérbio)

FR. – Desse dito parece que deu a razão o que escreveu:

“Posto que de ouro e púrpura te cobres

Se és vilão, também vilão te descobres.”

E por isso enquanto o príncipe tem pessoas nobres capazes de magistrados, sou de parecer que os deve meter [rasurado ilegível] em seu serviço porque estes naturalmente nas obras, nas palavras e nos costumes são cortes[mente]es e é cousa verisimel que não cometerão vileza, antes a lembrança só de que são bem nascidos e de nobres e honrados pais os estimularão ao bem e os retirarão ao mal.

“Quem nobreza tem por sua empresa

Jamais fará a ninguém mal ou vileza.”

E daqui nace que as leis civis os tem privilegiados em muitas cousas tendo-os por mais leaes, mais fieis, mais constantes, mais liberaes e mais magnânimos que os de baixa sorte, aos quaes nem com ãa decoada nem com duas se lhes pode tirar aquela nódoa original. Mas se os príncipes não dão as dignidades a nobres, são os mesmos nobres muitas vezes a causa, os quaes (falo dos homens letrados) não cuidam muito nas Letras nem nas honras que por este meio se podem alcançar. Aqui não posso eu deixar de dar muitos louvores a nossa Itália, a qual sem dúvida nenhũa mantém hoje mais que nenhũa outra província as Letras entre pessoas nobres, o que me parece que resulta em mor grandeza dos príncipes e das cidades.

(**Nota lateral** – Letrados estimados em Itália)

GER. – Parece-me que na eleição dos officiaes se não deve considerar mais que nobreza.

FR. – E eu julgo que convém ao príncipe procurar de os buscar não somente nobres, mas sem suspeita de avareza, porque este defeito arruína official e officio e faz grande dano. Disto foram mui advertidos os romanos, cujo costume era não deixar acabar o tempo ao magistrado tanto que sentiam que era ou avarento ou soberbo. Lembremos o exemplo de Augusto diante do qual foi um ministro suspenso do officio, a pedir-lhe o salário dizendo-lhe que o não pedia tanto pelo ganho, quanto porque o mundo não cuidasse que lhe fora tirado o officio, mas que ele o largava voluntariamente. A quem o emperador respondeu: “Dizei a todos que recebestes o salário, que eu não no negarei.”

(**Notas laterais** – Ministros avarentos / apontamento / Dito de Augusto)

GER. – E como vos agrada a vós aquele mudar tantas vezes de magistrados?

FR. – Lestes vós já de Tibério que não queria mudar tantas vezes magistrados porque tantos officiaes longamente nos officios enfraqueceria o desejo de ganhar e os comparava às moscas as quaes depois que eram fartas do sangue e das chagas davam menos moléstia ao paciente do que dariam se sobreviessem outras. Mas esta sentença, ou a dissesse zombando ou não, pode em parte ser bem interpretada e em parte não [~~bem interpretada~~], porque o official que faz longa residência no magistrado conhece melhor o costume do príncipe e dos particulares que vem em mais satisfação, assi dele como deles, e é também mais proveito do official, porque quanto mais prática tem do officio, tanto mais seguramente e com menos dificuldade o maneja, e pode ser mal interpretada, porque perseverando longamente em um officio vem quase a empatronar-se como tirano daquela autoridade e vivendo em suas leis antigas não é muito curioso de reformar as cousas de bem em melhor, donde vem que os sucessores que pretendem alcançar a graça do príncipe, entrando no novo officio trabalham a avantejar seu antecessor com introduzir qualquer nova e melhor forma, e por esta via é o príncipe melhor servido. Mas dizer que o official velho seja menos intento ao ganho, não sei em que se funde porque como os [Falta], seguindo o provérbio, quanto mais bebem mais sede tem, assi aos avarentos convém aquele dito:

“Tanto crece o desejo quanto o tesouro.”

E é também sentença mui aprovada, que todos os outros vícios envelhecem no velho, mas só o da avareza emmocese.

(**Notas laterais** – Costume de Tibério / Profissão de novos officiaes)

GER. – Havendo esta dúvida em que vos resolveis?

FR. – Eu me resolvo que o príncipe deve deixar continuar o oficial em seu ofício tanto tempo enquanto vir que ele o faz bem e depois que por algum tempo tiver fiel e justamente servido tirá-lo daquele lugar e provê-lo doutro maior para acrescentar a vontade aos outros officiaes de servir bem. E este estilo guarda sempre o nosso príncipe, o qual, segundo o preceito do filósofo, não costuma de levantar a um subitamente a mais sublime e honras considerando que facilmente se vem a corromper, e que não é de qualquer homem poder estar em prosperidade, e por isso a um doctor fá-lo advogado fiscal e depois, segundo seus merecimentos, o faz assentar no Senado, e em conselho secreto da qual dignidade se vem ao presidentado. E este mesmo estilo guarda nos graus militares. Verdade é que ay ofícios nos quaes não seria expediente deixar continuar alguns velhos de madura idade, porque assi como com a velhice se enfraquece a virtude do corpo, assi muitas vezes se debilita a vontade do ânimo e do entendimento e se vem muitos nos quaes com o sucesso do tempo vai faltando aquela viveza de engenho e aquela força de ânimo que mostravam na mocidade, por estarem diminuídas as forças sensitivas que serviam às partes vegetativas, pelo que vemos alguns tão caídos do siso que si fazem semelhantes a Hermógenes de quem se disse que era entre os meninos velho e [~~menino~~] entre os velhos menino. Mas tornemos à avareza dos magistrados replicando que é danosa aos súbditos e pouco honrosa ao príncipe.

(**Notas laterais** – Costume do duque de Mântua / Hermógenes)

GER. – Se esta é danosa aos súbditos, tanto é mais útil aos príncipes, os quaes muitas vezes curam a enfermidade dos avarentos e dando-lhes (quando é tempo) um oportuno nomitivo lhes fazem [~~bota~~] lançar aquelas massas de ouro e de prata que não poderão digerir e as convertem em seus próprios usos.

FR. – Bem me parece que o príncipe castigue os avarentos ministros, mas não aprovo que para benefício próprio cobre as confiscações.

(**Nota lateral** – Confiscações indinas dos príncipes)

GER. – Quereis dizer porventura que faz suspeitar ou que tem posto injustamente as mãos nas bolsas daqueles ministros ou que os tenha elegidos artificiosamente assi avarentos e cobiçosos para se enriquecer de seus roubos?

FR. – Esta suspeita não pode cair em pessoa de são entendimento, mas também vos digo que não obstante que ele, sem ofensa da justiça e sem cargo de consciência, possa apropriar a si as confiscações, todavia me parece cousa pouco digna da grandeza de um

príncipe sustentar-se daquelas freimas e daquelas indigestões que apontastes, as quaes em soma não são outra cousa que roubos e sangue de pobres de que mais presto se sujam do que se ornam os tesouros do príncipe.

GER. – Neste caso não posso eu senão com grande afeição louvar e exaltar a magnificência dos reis de França, os quaes aborrecem confiscações e fazem mercê delas ao primeiro que lhas pede.

(**Nota lateral** – Os reis de França dão as confiscações)

FR. – Porventura que seria mais perfeição se imitassem o bom Tito Vespasiano, o qual nunca levava dinheiro nem fazenda a nenhum cidadão ou se levava se contentavam de que se gastasse em obras pias. Ora tendo vós visto quão grande seja o excesso dos ministros avarentos, podemos dizer que é um dos melhores argumentos e mais manifestos sinaes da bondade de um ministro de ver que no fim do seu magistrado se não avantejou em cousa alguma, mas ainda deixou do seu, imitando a Graco, o qual tornando de Sardenha, respondendo tacitamente a alguns caluniadores disse no Senado estas palavras: “Na minha saída de Roma trouxe a minha bolsa vazia que levei cheia de dinheiro a Sardenha. Outros trouxeram os vasos cheios de dinheiro que levaram cheios de vinho.”

(**Notas laterais** – Tito Vespasiano / Graco)

GER. – Creio que tereis ouvido nomear [~~o senhor~~] Francisco de Regi, colateral em Turim e nosso paisano, que morreu depois da última paz, o qual tendo servido a coroa de França por espaço de quarenta anos, com título de colateral, acabou seus dias naquele ofício no marquesado de Saluzzo. Agora me veio à memória como ele, contente com seu salário e com seu pequeno património, se sustentou sempre a si, a mulher os filhos e a família, mais honra dá-me este que pode, sem chupar o sangue de ninguém, sem mostrar um mínimo sinal de cobiça, pelo que entre outras cousas que se dele contam para seu perpétuo louvor é esta que o bom velho não adquiriu nunca nem terras [~~nem se achou~~] e escassamente se achou em sua casa dinheiro que bastasse a lhe dar conveniente sepultura.

(**Nota lateral** – Francisco Regi)

FR. – Bem o conheci por nome e fama, posto que o não tratei, e esse exemplo é singular porque os mais [~~ricos~~] sumptuosos palácios e os mais ricos haveres são quase todos memórias que deixaram pessoas de roupas longas.

GER. – Ora dissei-me mais se o príncipe há-de considerar outras cousas na eleição dos magistrados.

FR. – Além de considerar que o oficial não seja avarento, é necessário também que advirta que não seja pobre, e que se lembre que, havendo o Senado Romano determinado de mandar dous cônsules a Espanha, Cipião disse que nem um nem outro lhe parecia bem que fosse porque um deles não tinha nada de seu e o outro não lhe abastava nada, porque um era pobre e o outro avarento. E portanto me parece benigno que o príncipe antes ponha sempre (estando as outras cousas iguaes) o rico ao pobre porque exercitará a sua dignidade com mor reputação do príncipe, nem se levará tanto do ganho injusto como o pobre, o que se confirma por sentença de um [~~grego~~] escritor grego que diz que as riquezas [~~nisto~~] aproveitam para [~~isto que é~~] imitar a virtude e a pobreza pa fazer mal. E temos também exemplo dos cartagineses, os quaes davam os magistrados não somente aos bons, mas aos ricos tendo por cousa impossível que os pobres fariam justiça diretamente e que os ricos não [~~são~~] seriam constrangidos a roubar, a enganar, a perjurar e a cometer falsidades como acontece aos pobres, os quaes deixam ligeiramente (não falo de todos) engrossar a consciência e seguem o provérbio dos vilãos – “Quem tem medo de perder a alma não será nunca rico, quem há medo de perder o corpo não será nunca atrevido” –, e daqui nace que muitos coitados por se fazerem ricos em espaço de um ano, se fazem enforcar seis meses [~~rasurado ilegível~~] antes.

(**Notas laterais** – Dito de Cipião / Dito dos vilãos / [Apontamentos ilegíveis])

GER. – Em efeito vejo que os pobres são mortos que andam passeando entre os vivos e eles são os que sofrem e levam o mal e as afrontas e que não há mor peso e mais insofrível que a pobreza, a qual é tão odiosa ao mando que faz negar e recusar o próprio sangue. E a falar verdade, correi vós essas cidades de Itália e em cada ãa destas achareis, três ou quatro ou seis ou dez famílias que tem o mesmo apelido e as mesmas armas, e todavia porque entre eles haverá uns poderosos e ricos e alguns pobres e desprezíveis, vereis que aqueles dirão que estes não são seus parentes, mas se acaso estes vem a montar então os tem para ãa mesma cousa, o que aconteceu também a alguns Pontífices que, depois de sua criação, acharão muitos parentes que dantes não tinham. A pobreza enfim tem pouquíssimo crédito em todo lugar, donde naceu aquele dito: “Que quem perde a fazenda perde o conselho”; antes, o juramento do pobre é suspeito e é mais crida a mentira do rico e vemos que sem riqueza é nua a virtude, a

eloquência é temeridade, o [ilegível] não é castigo, o ter filhos é dor, a nobreza é vergonha, a vida é miséria e tanto é isto assi mormente nestes nossos tempos que bem podemos dizer:

“Já foi o engenho mais que o ouro em preço

E agora não ter nada é grão desprezo.”

E que nenhũa outra cousa quis significar aquele autor dos emblemas com a figura de ãa mão com asas que se vai ao Céu e da outra que vai para a terra com peso de um seixo, senão que a virtude é afligida e oprimida da pobreza, que digo oprimida!, antes escarnecida, e a este propósito diz o francês – “quil noul mieulx etre coque, que coquin” – que val mais ser rico que pobre. A pobreza faz estalar o coração de pura dor, como creio que fez esse a Zenor, o qual, sendo-lhe a sua nau perdida com toda sua fazenda, disse aquelas piadasas palavras: “Ó fortuna, tu me chegaste a me ver só com esta capa.” Mas pelo contrário as riquezas são as que abrem o caminho à felicidade de que posso trazer muitos exemplos, mas não quero mais que lembrar-vos que os fenices, com grande entendimento, pintavam os seus deuses com bolsas na cinta para significar que ao [Falta] dinheiro está a potência.

(Notas laterais – Mote francês / Fenices)

FR. – Eu não quero contudo isso que digamos mal da pobreza.

GER. – Tendes razão porque merece louvor só porque se não pode despir o veio, como diz o poeta:

“O caminhante vazio entre os ladrões canta.”

FR. – Se vós dizeis isso por zombardes, eu vos digo de siso que o pobre é ditoso porque não espera cair em peor estado, o que se não pode dizer do rico, o qual assi se compara aos que andam em mar alto, como o pobre aos que estão na praia. E também é ditoso porque conhece melhor a seus amigos que o rico. Mais vos digo que os melhores homens de Grécia, como Aristides, Epaminondas, Sócrates, Fócion e outros foram todos pobríssimos. Além de tudo isto, o pobre mais facilmente alcança o Céu, como está escrito que mais presto entrará um cabre pelo olho de ãa agulha que o rico no reino dos Céus, o que me parece que se significa também do exemplo dos doze discípulos pobres entre os quaes houve só Mateus rico. Diz além disto um sábio: “se fores rico não estarás sem pecado”. As riquezas trespassam o coração com o cuidado que trazem consigo, pelo que outra cousa quis significar a pequena estátua do rico Zaqueu, príncipe dos publicanos, o qual não podendo ver a Jesus Cristo, Senhor Nosso, com a muita gente

ficou constrangido a subir sobre ãa árvore, se não que o rico com grande dificuldade vê a Deus. Não ouvistes vós dizer que a serpente foge do homem nu e comete o que está vestido? Assi o Diabo deixa o pobre e [~~comete~~] tenta o rico. Não sabeis que o falcão farto se alonga de seu amo, assi o muito cheio se alonga de Deus. Não vedes cada dia que as árvores que tem fruto são sempre despejadas dos caminhantes? Assi os ricos são muitas vezes despojados ou dos príncipes ou dos ladrões! Não vedes como os ricos andam mais cercados de amigos fingidos que o mel das moscas e os corpos mortos dos lobos, que mais presto viram as costas do que lhes falta a comida, verificando-se aquele dito:

“Não entra em celeiro vazio a formiga.”

Bem-aventurada é a pobreza, a qual adelgaça os engenhos e instrui os homens de todas as artes, e daqui vem que poucos ricos vem a ser filósofos e algũas vezes a muita abundância é falta, e por isso se diz que mais são os que morrem de fartura que de fome. E, em ãa palavra, o mendigo foi levado dos anjos ao seio de Abraão e o rico sepultado no inferno.

(**Notas laterais** – Louvores da pobreza / Mateus, apóstolo / Zaqueu / Apontamento na margem oposta ilegível)

GER. – Vós vos contrariaes com estas razões porque ainda agora dissestes que o príncipe deve de eleger oficial antes rico que pobre porque não é fácil a fazer injustiça.

FR. – Adverti que quando disse os maus efeitos da pobreza nem por isso entendi dizer mal dela, a qual não é má senão a aqueles que a não sofrem de boa vontade antes,

“Se a pobreza é alegre, é grande riqueza.”

E também quando vos contei alguns ruins efeitos das riquezas que simplesmente são boas, não por isso digo mal delas, porque a aqueles que usam mal delas não são boas e vos digo mais que, sem prudência, são como cavalo sem freio e pode-se dizer que os que possuem riquezas são como aqueles que tem bons cavalos, mas não nos sabem cavalgar. Pelo que os convidam à ociosidade, à soberba, à intemperança, à vanglória, ao desprezo, às injúrias e a muitos excessos que lhes impedem o caminho para o Céu. Mas as riquezas em mãos do homem sábio e justo, ó, como são eficaz meio para o levar ao Céu se se despendam em obras pias e honradas! Por isso digo, sem me contradizer, que o magistrado é melhor empregado no rico que no pobre e que as dignidades se sustentam mal sem a magnificência da despesa, de modo que o oficial pobre se [~~conhee~~]vendo que não pode representar o seu grau magnificamente se deixará levar da

avareza e da ambição a qualquer ilícito ganho. E assi assaz copiosamente temos praticado das considerações dos magistrados, as quaes, se com diligência se fizerem, ficará pouco que fazer aos sindicantes, cujo officio não deve de cessar por isso, porque também se viram alguns officiaes que com repentina mudança foram cordeiros pela manhã e logo à tarde lobos. Pelo que é necessário mandar quem reveja as contas para que os officiaes que não querem deixar de pecar por amor da virtude se guardem por temor da pena.

(Notas laterais – Riquezas perigosas sem prudência / O magistrado é melhor ser rico que pobre)

GER. – Mui contente estou de quanto me tendes dito sobre a eleição dos ministros. Folgara eu agora que particularmente me dissésseis algũas das cousas que convém a estes ministros para se sustentarem em honra e boa fama.

FR. – Pedis ãa cousa de muita importância porque quando eu considero o seu estado, vejo que não somente os maus, mas também os bons estão em perigo de serem censurados e mui facilmente se tomam suas sanções em má parte e por isso diria eu que a todos aqueles que se mandam aos magistrados se lhes havia de fazer ãa prática desta maneira: “Entraí não com soberba mas com temor, ó novos ministros e novos magistrados. Ponde novas leis a vós mesmos e despindo-vos da própria pessoa vesti a pública. Exercitai os officios não tanto pelo próprio cómodo e glória vossa quanto pela ajuda e benefício comum. Vendo o mundo que vos honram e reverenciam, se acenderão a obras virtuosas e se esforçarão a vos imitar para alcançar a mesma honra. Mas adverti-vos que vos não enganeis a vós mesmos nem fiqueis enganados da falsa honra. Não se amam todos os que se honram. Sede justos, benignos, pacientes, vigilantes, abstinentes, continentes e pródidos e procurai não pelas dignidades, mas por amor da virtude, ser reverenciados. Proponde-vos grandes trabalhos e não pequenas fadigas e lembre-vos que todo o que sobe a dignidades com esperança de viver vida quieta se compara ao que, posto sobre um alto monte, está com esperança de se livrar [~~de um~~] dos raios e dos ventos. Vós estaes postos em lugar eminente, onde não poderão estar escondidas vossas obras, em que todos tem postos os olhos. Lembre-vos do Juízo Universal que se há-de fazer de vós. Sede obedientes às leis como quereis que vos sejam aqueles que dependem de vossa autoridade. Considerai as voltas contínuas da fortuna e guardai com grandes ciúmes a vossa fama cândida e sem mácula algũa. Estão as grandes árvores largo tempo em crescer e em ãa hora se arrancam, assi a honra com fadiga se alcança e facilmente por

qualquer acidente eis a sua claridade eclipsada. Não vos estimule o vosso poder a fazer injustiça a alguém e lembre-vos que com o tempo podeis tornar a tomar a vestidura de pessoa particular. E finalmente fazei porque do vosso magistrado sejaes não mais ricos, mas mais honrados.

(**Notas laterais** - ? magistrado rico ? / Exortação aos officiaes)

GER. – Muito me agradam estas não menos breves que compendiosas instruções, nem seria muito fora de propósito discorrer aqui um pouco da reverência que se deve aos magistrados.

FR. – Todos os que servem à pessoa do príncipe são, até o cozinheiro, constituídos em dignidade, assi o dizem as nossas leis. Ora se por causa do príncipe se há-de honrar o cozinheiro, considerai como se devem de honrar os seus ministros principaes. E daqui se pode inferir quão grande error cometemos os que nos arriscamos, ao desprezar e a murmurar de sua fama, e bem se parece que não lemos bem a sentença daquele santo doctor que diz - “Quem murmura dos ministros e officiaes, murmura também de quem lhe deu os officios” - e na verdade faz juízo temerário o que julga as acções dos magistrados. Correi as histórias dos romanos e vereis que Octávio Augusto, Tibério, César e Cláudio, emperadores, faziam a seus senadores todo género de honra e Vespasiano consentia que se respondesse às injúrias de um senador, mas não queria que em modo algum se dissesse mal dele. E Nero propôs com juramento de não castigar nunca senador algum sem conselho do Senado. E Tibério aos cônsules que considerava a cear os acompanhava até à porta quando se despediam dele.

(**Notas laterais** – Vespasiano / Nero / Tibério)

GER. – Lembro-me disto e também da morte que os romanos fizeram dar a um insolente porque não quis fazer caminho a um tribuno e de como determinaram de fazer castigar um advogado que com grande estrépito de voz e muito desconcertadamente bocejou em presença dos senadores, mas perdoou-se-lhe porque jurou que não fizera por menos preço, mas por defeito natural de que se não podia abster. E também se lê que o primeiro preceito que os persas davam a seus filhos era ensiná-los a obedecer aos magistrados.

(**Notas laterais** – Feito dos Romanos / Persas)

FR. – E posto que [~~já pois que~~] dissemos que são mal empregadas as dignidades em pessoas vis não havemos de deixar por isso de os louvar e reverenciar como membros e imagens do príncipe, posto que sejam de raça de [~~bagates~~] gente ruim e [~~piéaros~~] por

confirmação de tudo isto não deixemos o exemplo de Amásis, rei de Egipto, o qual, vendo-se escarnecido de seus súbditos por seu vil e plebeu nascimento, manda que se desfizesse ãa grande bacia de ouro em que costumava lavar os pés e a converteu em ãa venerável estátua fazendo-a pôr no mais honrado lugar da cidade aonde acorriam todos os egípcios a humilhar-se com grande reverência e achando-se ali um dia junta grande cópia de gente lhes disse em alta voz estas palavras: “Esta imagem que vós outros com tanta honra agora veneraes, foi já (se o não sabeis) um vaso vilíssimo receptáculo de excrementos e de imundícia. A my me aconteceu o que a este vaso, mas estai advertidos que se fui plebeu, agora sou vosso rei.”

(Nota lateral – Amásis, rei de Egipto)

GER. – Quereis logo concluir que é razão que da mesma maneira se deve honrar e reverenciar o ministro, posto que tirado do arado com toda humildade, atentando não quem ele fosse mas quem agora é.

FR. – Assi me parece e acabemos nosso discurso com isto, que assi como o rei (enquanto se descobre despois deste sindicato a maldade de qualquer ministro) fará bem de castigar com devida pena esta injúria pública, assi manifestando-se a calúnia doutrem, fará muito bem de vingar com o mesmo castigo a injúria feita a sua Majestade Católica.

Das empresas

Diálogo quinto

César e Aníbal

Eu chamo bem-aventurado e assinalo não com pedra branca mas com a pura afeição do meu coração este sereno dia, no qual me é concedido, senhor Aníbal, conhecer-vos assi por presença, como já há muitos anos vos conheço e vos honro pela fama da vossa virtude e merecimentos e, pois que me tendes prometido esta manhã de me declarar o vosso conceito acerca das empresas, se dobra a minha consolação pelo engenhoso discurso que de vós sobre isto espero ouvir com muita atenção e pela esperança que tenho de que hoje me haveis de tirar da cabeça muitas confusões que sinto acerca da origem e forma das mesmas empresas.

ANÍ. – Quando vós tiverdes, senhor César, em recompensa da dívida que eu tenho convosco, assinalada a que vós tendes comigo pelo igual desejo que eu tinha de vos ver e de vos oferecer este meu coração no qual por fiéis e antigas relações esteve docemente impresso vosso tão honrado nome, não podereis negar que me não seja a my como a vós festival e solene este dia. Da forma das empresas, pois que assi quereis, eis-me aqui prestes para vos dizer com meu rude entendimento o que sinto. Mas querer tratar largamente da origem delas me parece que será um mar oceano em cuja altura não ousou confiar o meu pequeno barco. Todavia por me vizinhar em parte ao conceito que de mi tendes, farei por a par da praia ãa breve e segura viagem, enquanto vos dispondes a me ajudar a fazer também de vossa parte para que com trocados razoamentos nos aliviemos um ao outro e se faça mais suave consonância.

CÉS. – A minha parte será louvar vossa doutrina e pôr em campo algũa dúvida para terdes vós a solução dela, outra cousa não espereis de my.

ANÍ. – Bem vejo que sois outro tanto modesto quanto valeroso e que quereis dar mais do que prometeis, todavia se me interromperdes e porfiardes comigo com toda liberdade onde quer que vos parecer que com minha ignorância ou escuridade vos dou ocasião, eu receberei grandíssimo favor. Mas porque não gastemos mais tempo nisto, venho a dizer

que em três modos aprenderam os homens a exprimir seus conceitos, ou com palavras, ou com sinaes, ou com palavras e sinaes juntamente. Quanto ao primeiro modo das palavras, porque não havia mais que ãa forma de falar comum a todos, começaram com o sucesso do tempo os mais nobres e altivos entendimentos a apartar-se da tosca e vulgar fala e, acomodando-se a declarar com mais polida e mais artificiosa maneira seus conceitos, alcançam com o lume da eloquência nome de oradores, outros, com a graça e com o véu das figuras, fama de poetas, e outros, com a gravidade das sentenças, título de sábios, os quaes de Pitágoras foram depois chamados filósofos. E daqui veio que as sibilas e os profetas, movidos do espírito divino no contar das cousas celesteaes e no profetizar sucessos futuros [~~alumiaram~~] encobriram como poetas muitos mistérios com algũas figuradas e escuras palavras, assi por se não deixarem entender da vil plebe, como para despertar os espíritos gentios e enlevá-los ao estudo e inteligência de seus segredos. O que eu digo das sibilas e dos profetas, digo também de Orfeu, de Pitágoras, de Sócrates, de Platão e de outros antigos filósofos e poetas, os quaes trabalharam sempre de encobrir os segredos de Deus e da natureza.

(Notas laterais – Oradores / Poetas / Filósofos / Sibilas / Profetas)

CÉS. – Que as cousas peregrinas e encobertas com graves sentidos aprazam aos excelentes engenhos se declara com a fábula do outro que, fazendo profissão de divulgar muitas cousas gregas e latinas, viu em sonho as deusas das ciências à maneira de más mulheres [~~públicas~~] no lugar público e dizendo-lhes “Maravilho-me como vos viestes pôr num bordel”, lhe responderam, “Tu sabes o que nos faz estar nele”, do qual sonho despertando ele se lembrou que avilanava e diminuía demasiadamente a majestade das ciências com as vulgarizar e comunicar a todos e ficou com esta empresa.

ANÍ. – Deixemos as novelas e os sonhos e falemos de Nosso Senhor, o qual mandou aos discípulos que não deitassem o santo aos cães e não espalhassem as pedras preciosas aos porcos, o que disse porque não convinha manifestar as cousas sagradas aos indignos. Ao falar grave se deram sempre e se dão agora os príncipes e as pessoas de valor para se mostrarem não menos com a fala que com a grandeza em tudo diferentes dos homens vulgares e comuns, o qual artifício consiste em ser breve e sentencioso e de maneira que lhe não saia da boca escassamente ãa sílaba sobeja e se for possível as respostas sejam como uns decretos e oráculos.

CÉS. – Eu creio que o uso de falar brevemente é concedido somente aos homens bem doctos e consumados e que se não deu nunca a homem mortal o espírito de São João de cujo Apocalipse está escrito que quantas palavras tantos sagrados segredos tem.

(**Notas laterais** – Breviloquência / Apocalipse)

ANÍ. – Vós dizeis bem e por isso os lacedemónios se chamavam arca da secreta filosofia, porque como desprezadores de falar distinta e chamente e quase mostrando que não sabiam razoar, deitavam uns motes à maneira de setas com tanta força que os estrangeiros falando com eles pareciam meninos e por esta razão andava então aquele comum provérbio que era mais fácil cousa filosofar que laconizar, quer dizer, que imitar a sua brevíloquência.

(**Notas laterais** – Lacedemónios / Provérbio)

CÉS. – Bem se despediram então com poucas palavras, quando Filipe, rei de Macedónia, com longas cartas lhes fez uns injustos requerimentos, aos quaes responderam, “Não”. E quando o mesmo Filipe, entrado por suas terras deles, lhes mandou perguntar se queriam que ele entrasse como amigo ou como inimigo, lhe responderam, “Nem um nem outro”.

(**Nota lateral** – Reposta dos lacedemónios a Filipe)

ANÍ. – Agora se descobre a graça não somente no falar breve, mas no saber cobrir o espírito debaixo da letra e tocar figuradamente cousas diferentes das palavras donde resulte o sentido moral e alegórico, como nos mostram os motes, as fábulas, os símbolos, os enigmas e outras cousas semelhantes das quaes, como de flores e de pedras preciosas, toda a pessoa louçã e graciosa costuma ornar suas práticas e [æ]razoamentos e particularmente estão cheias as Sagradas Escrituras e nos são disto manifesto testemunho os provérbios de Salomão e as parábolas e os provérbios de que Nosso Senhor usou em diversos lugares.

(**Nota lateral** – Falar figurado)

CÉS. – Eu tive sempre para my que os provérbios convinhão mais a pessoas idiotas, mas pelo que agora me lembraes, devem usar deles os de engenho sublimado porque não somente a el-rei Salomão, mas ao Rei dos reis [he] aprouve falar em provérbios.

ANÍ. – Bem sabeis que há alguns provérbios tão vulgares e plebeus que em boca de pessoas graves não parecerão bem, mas os que com ornamento da figura tem juntamente a gravidade da sentença e que avisadamente se usam em lugar e tempo, como fizeram o divino Platão e o moralíssimo Plutarco e outros muitos gregos, é cousa certíssima que

dão grande lume aos razoamentos e são acompanhados de um deleite gracioso e de ãa graça deleitosa.

CÉS. – Parece-vos a vós que convém a pessoas graves usar também na prática quotidiana daquela sorte de sentenças que se chamam enigmas?

ANÍ. – O que quisesse nos familiares colóquios usar da escuridade de semelhantes sentenças se faria odioso e todos zombariam dele e se lhe poderia responder por bocado cómico, “Eu sou Dano e não Édipo”, porque ãa cousa é falar figurado, outra falar escuro e não é razão de introduzir enigmas senão quando há estudo e por folgar se quer fazer prova de engenho.

CÉS. – Não foi muito ãa zombaria para Homero, nem devia de folgar muito quando morreu de paixão porque não soube adivinhar aquele enigma dos pescadores, o qual foi – “Tudo aquilo que tomamos deixamos e tudo que não tomamos trazemos connosco” – sobre o qual enigma escreveu galantemente em verso heróico aquele não menos cândido poeta que excelente jurisconsulto, [~~senhor~~] Francisco Denadio, que hoje serve de capitão de justiça em Monferrato.

(**Nota lateral** – Enigma posto a Homero)

ANÍ. – Por isso disse bem Horácio:

“Algũas vezes toscaneja o bom Homero”.

Também se podia isso referir a outra cousa porque o mesquinho não se lembra que se entendia dos piolhos e não dos peixes, mas larga digressão seria a nossa se sobre cada dito breve sentencioso quiséssemos particularmente discorrer.

CÉS. – Mui prazenteir[es]as me são por certo vossas advertências acerca do falar breve e sentenciosamente conveniente a homens de alto estado, pelo que podemos dizer que o príncipe com o muito falar diminui sua majestade e o mesmo será com o escrever, em que se requer mor diligência, porque das palavras mui presto se perde a memória, mas o escrito fica muito tempo debaixo da censura e outrem e a cada passo se pejam e se comentam e portanto convém ao príncipe usar daquele estilo que em poucas palavras contenha graves sentenças como [Falta] que em pouca matéria tem grande valia.

(**Nota lateral** – Devem os Príncipes ser breves)

ANÍ. – Por esta razão os sumos Pontífices com muito juízo deram nome de breves às suas escrituras que contem materiais de graças e de justiça, os quaes querem alguns que trouxeram sua origem de São Pedro, cujo estilo era sem primor e sem pompa de palavras, e se ledes alguns Breves Pontificaes direis que assi como o Sol quando é

coberto de nuvens lança de si [~~os raios~~] a quentura com maior ardor, assi o seu espírito é tanto mais vivo, quanto mais está fechado com a estreiteza das palavras. Venhamos agora aos conceitos que se declaram com sinaes e proponho o exemplo dos egípcios, os quaes não tendo ainda o uso das Letras, se afadigaram para exprimir seus conceitos [~~de~~] em inventar diversas figuras de modo que pela cegonha era significado o amor para com os pais, pelas dormideiras a fertilidade, pela lebre o homem vigilante, pelo cocodrilo um cruel e malvado e assi sucessivamente e não declarando suas tenções com outros semelhantes sinaes chamados geroglíficos.

(**Notas laterais** – Breves dos Pontífices / S. Pedro, autor dos breves / Egípcios inventaram os geroglíficos)

CÉS. – Estes geroglíficos pelo que vejo não são já hoje em uso, porque podem porventura essas figuras ter várias interpretações e deixar os ânimos confusos.

ANÍ. – Eu sou da vossa opinião a qual é conforma com o exemplo de um rei de Scitia que, desenhado porque passava Dario o Danúbio, não o mandou ameaçar por carta, mas mandou-lhe as figuras de um rato, ãa rã, um pássaro, ãa seta e um arado, das quaes houve diversos juízos e entre outros disse um capitão que aquele rei queria dizer que Dario se renderia a ele e ficaria privado de todas as cousas representadas por aquelas figuras entendendo pelo rato as casas, pela rã as águas, pelo pássaro os ares, pela seta as armas e pelo arado a terra. E outro disse que aquele rei ameaçava a Dario que se ele não andava debaixo da terra como o rato ou debaixo das águas como a rã ou não voasse como pássaro, não escaparia de suas mãos nem possuiria as terras que cultivava.

(**Nota lateral** – Geroglíficos escuros mandados a Dário)

CÉS. – Vós me fazeis lembrar de alguns geroglíficos modernos amorosos como foi o daquele amante que escrevendo a ãa certa Teodora se fez pintar em joelhos diante da letra *T* como se dissera eis aqui o que te adora.

ANÍ. – Porventura que fora mor sinal de amor e de humildade e saíra o geroglífico mais próprio se se fizera pintar com o nariz a par da letra *T*, com o qual acto poderá dar a entender eis aqui o que te odora.

CÉS. – Ajuntemos também aquele espanhol, o qual ouvindo que se tratava de se casar sua senhora chamada Ana, amada sua de muito tempo, mandou fazer ãa medalha em que estava figurado de relevo um polo de Adem, que em língua castelhana se chama anadino, e para a advertir que não consentisse de se esposar com aquele pôs sobre sua

gorra a medalha com aquele anadino que queria significar “Anna, di, no”. Que dizeis agora de [~~tal invenção~~] “taes invenções”?

ANÍ. – Digo que me parecem muito grosseiros porque mostram ãa certa agudeza de engenho que depois se resolve em um sentido menineiro. Mas deixando à parte estes geroglificos, passemos aos conceitos, os quaes se declaram com sinaes e com palavras juntamente como os emblemas de Alciato e de outros nobres escritores e particularmente daquele francês, o qual para significar ãa boa obra danosa a quem a faz pinta ãa candeia acesa com esta sentença:

“Mentres à vista dos mortaes dá lume

Arde a candeia mesma e se consome.”

CÉS. – Estes emblemas não ofuscam o entendimento, nem tem diferentes interpretações porque o mesmo mote os declara.

ANÍ. – Posto que entre os problemas haja alguns peregrinos e sentenciosos, todavia eu o estimo menos que os outros porque me faz nojo aquela licença que tomam de usar de toda a sorte de figuras de homens, de plantas, de pássaros e de animaes posto que mui vis e baixos e pestíferos, nem basta algũas vezes para os entender fazer motes, mas é necessário ajuntar-lhe alguns versos da igreja e imitar aquele grosseiro pintor que tendo pintado ãa lebre e um cão tão mal que se não conhecia ãa cousa de outra, escreveu abaixo da pintura em letras maiúsculas: “Esta é lebre e este o cão”. Deixo já que, depois que tendes lido os versos escritos abaixo dos emblemas, ficam as figuras ociosas e sobejas e não servem para mais que para passatempo de meninos, nem mais nem menos que as figuras pintadas nas fábulas de Isopete. Pelo que, caindo nisto, com o sucesso do tempo, os engenhos raros e peregrinos, vendo que semelhantes emblemas eram ou muito claros ou muito humildes, encobriram seus secretos pensamentos com o finíssimo véu das empresas, as quaes são mais registadas, mais difíceis e mais excelentes do que são os emblemas.

CÉS. – Vós viestes dar onde vos esperava.

ANÍ. – Estas empresas foram chamadas assi com razão, porque com elas vem os homens a declarar figuradamente um firme propósito e um generoso fim aonde tem endereçado suas acções.

CÉS. – Seja logo vosso ofício declarar o artifício e mistério de semelhantes empresas.

ANÍ. – Já o tereis entendido dos livros de Jovio e de Ruscelli.

CÉS. – Já vi um e outro; mas se bem me lembra são entre si e em algũas cousas diferentes.

ANÍ. – Não vos maravilheis disso porque o Ruscelli, com seu sublime engenho e com sua exquisita doutrina, se quis tirar das comuns opiniões, introduzindo novas exposições e reformando o mundo a seu gosto, assi nas cousas que tocam ao falar como em muitas outras, nas quaes porém é mais para espantar que para se imitar.

CÉS. – Certo que me espantam seus escritos e acho neles não sei que de peregrino, mas particularmente me parecem de grande doutrina aqueles três discursos com os quaes fez tão amargosa a boca do Doce.

ANÍ. – Fez-lha amargosa porque mistura com aquela doutrina tanta cólera que se mostra quase mais furioso que Marte que prazenteiro Ruscelli e se deixou levar tanto da vingança que em vez de ferir o inimigo, porventura se ofendeu a si mesmo.

CÉS. – Ó, como é verdadeiro aquele dito: “Que muitos tem um olho grande e outros pequeno, com o pequeno vem os seus defeitos próprios, com o grande os alheios”. Mas tornemos às empresas, nas quaes [~~fazende~~] tratando a Jovio de discípulo, me parece que se faz muito mestre. Notastes vós como depois de o ter sacudido o torna a escusar e louvar por homem docto e judiciário!

ANÍ. – Assi fazem os que depois que espancam os cães lhes cospem na boca, mas esta tardia piedade não sara as chagas precedentes, nem ajuda mais do que fazem as lágrimas do cocodrilo.

(Nota lateral – Provérbio)

CÉS. – Em que vos parece que o tratou de discípulo?

ANÍ. – Não me tireis a fazer com Ruscelli o que Ruscelli fez com Jovio, porque isto seria acto de Archimestre e cousa digna de que outrem usasse da mesma maneira contra my.

CÉS. – Fazei este ofício não como mestre mas como juiz, entre mestre e discípulo.

ANÍ. – Não como mestre nem como juiz, mas como obediente a vossos mandados direi assi de corrida que Ruscelli, depois de ter com assaz fracas razões reprendido a Jovio porque chamava ao mote alma da empresa, no fim se acomoda ao uso comum e se contenta também ele de lhe chamar alma e com razão, porque assi como dous corpos não recebem inteiramente o espírito do mote, mas quase per reflexão só adquire um e o outro não menos, se pode dizer com mais seguridade que as duas figuras sem o mote são como corpos sem alma. Mas ele com ãa ira implacável e sem querer aceitar escusa

algũa atravessa do Jovio porque licenciou as figuras humanas, excluindo-as como indignas do campo das empresas, e diz mais que em dar esta regra se contradisse a si mesmo e a algũas suas empresas em que se representavam figuras humanas. Se eu agora quero dizer o que me parece acerca desta sua diferença e discordância, convém referir de novo que é ofício de espíritos nobres apartar-se nos conceitos e nas palavras da gente vulgar e fazer debaixo de véus e de figuras transparentes o seu entendimento e entre muitas figuras que já foram acabadas não há nenhũa mais familiar que a metáfora, ou como digamos, trasladação, cuja natureza é de conter em si ãa oculta semilhança debaixo de palavras trasportadas do seu próprio sentido e aplicadas a outro novo. Exemplo disso é que querendo nos figurar um homem forte e constante lhe chamamos ãa rocha. E figurando um leve e inconstante o chamamos segundo o Evangelho cana movida do vento. Depois se engenharam os homens no progresso do tempo a usar não somente destas traslações em sinaes como em palavras e usaram somente dos sinaes que são os geroglíficos de que dissemos atrás, pelo que se virdes pintada ãa cana que se move com o vento, direis que aquela cana ou aquela figura sem palavra algũa é indício de inconstância. Com semelhante artifício e mistério nos deu Esopo muitos preceitos envoltos em fábulas de diversos animaes em que se trazem sentidos moraes e que aproveitam para a nossa vida. Por todas estas razões, digo agora que o que quiser figuradamente e com artifício declarar seu pensamento com ãa empresa, há-de saber que se é homem não o há-de declarar com a figura de homem, mas quase com um traslado há-de pôr outro sinal diferente, assi como pelo contrário, se as plantas tivessem alma intellectiva, não seria lícito que formassem suas empresas com figuras de outras plantas da mesma espécie, e daqui nace que com a mesma osservação está posta esta regra particular nas empresas que o mote seja em língua diversa da do autor, donde infiro que não é misteriosa nem figurada a empresa, nem é legítima mas viciosa, quando não temos corpos e mote diferentes do corpo e da palavra do que se propõe. E quando se sabe introduzir figura humana, direi que como se pinta a figura de um pássaro que represente em espécie um galo, ou ãa águia, ou um cisne e igualmente se pinta ãa planta que signifique ou loureiro, ou palmeira, ou carvalho, assi convém que a figura humana signifique distintamente um Júpiter, ãa Palas, um Hércules ou outra pessoa particular, a qual se não tome por homem comum, o que digo com paz de todos os de contrária opinião. E se Jovio se serviu de algũa figura humana em algũa empresa, não podemos dizer que ele fosse de tão fraca memória, nem de tão leve entendimento que quisesse

contrariar sua mesma [~~empresa~~] regra com fazer contrária empresa, mas devemos de crer que poria em campo a figura humana com a osservação que dissemos.

(**Notas laterais** – Jovio repreendido de Ruscelli / Mote, alma das empresas / Metáfora)

CÉS. – O fim deste vosso gentil e bem ordenado discurso vai a dar em que, tal repreende a outrem que a si mesmo condena. E como dizem os franceses: “A lima lima a lima.” Ora estou imaginando que persuadidos de algũa injusta razão não põe alguns da figura humana mais que ãa parte somentes como ãa mão que aperta ãa flor ou tem ãa espada ou outra algũa cousa.

(**Nota lateral** – Provérbio)

ANÍ. – Porventura que é esse mor erro, porque ãa mão apartada do corpo não se pode governar por si mesma no ar, nem pode apertar cousa algũa, pelo que a empresa é monstruosa e fora de natureza. E desta mesma opinião é [~~senhor~~] Lelio Ardizzoni e não há muito tempo que entre nós passou um largo discurso sobre esta matéria.

CÉS. – Pela pouca prática que tive com Ardizzoni descobri que não contente do simples título de Doctor de leis, teve crédito de prazenteiro nas conversações, diligente nos negócios, officioso para com os amigos e em suma todo cortesão e a amável, mas que ele se metesse no estudo de diversas ciências e em particular no destas empresas, não tenho visto sinal nenhum mais que esse que me agora dizeis.

ANÍ. – Quanto mais atíçaes a lenha acesa tanto mais faíscas saltam, assi quanto mais o conversardes, tantos mais diversos e copiosos raios de doutrina sairão dele e assi se faz conhecer por um acabadíssimo gentil-homem. E tornando à empresa da mão cortada me lembra um exemplo que me contou de um tolo, o qual, estando acostumado a ter de noite debaixo da cabeça um vaso cheio de terra em lugar de cabeçal, parecendo-lhe muito duro encheu o vaso de palha por ter mais mole a cabeceira, e daqui me veio dizendo que tanto serve a mão cortada para sustentar a frol, quanto a palha para fazer mole a cabeceira do tolo. O que me fica por dizer de Ruscelli é que afirma que os emblemas podem ter ãa e até três figuras e podem estar com palavras e sem palavras e o mesmo diz das empresas e emblemas e a si mesmo, porque quando a empresa tem mais de dous corpos, perde de sua dignidade e toma da natureza do emblema, e quando o emblema ou a empresa tem um só corpo sem mote, não me parece que sejam propriamente nem emblemas nem empresas mas geroglífico.

CÉS. – Folgaria pois, para fortificar essa razão, que sinalásseis às empresas suas verdadeiras condições.

ANÍ. – Porque as empresas, como sabeis, são inventadas pelos modernos daqui vem que escrevendo de suas condições, não acham lei algũa escrita mas engenharam-se [~~de~~] a significar suas tenções por mais galante e peregrina maneira do que se fazia com geroglíficos ou com emblemas e não se podem dar [~~a-isso~~] leis certas e determinadas para que infalivelmente se aceite ãa empresa por perfeita e outra se enjeite por defectuosa, mas digo que quanto mais curiosa for a empresa e misteriosa e escura ao entendimento do vulgo e quanto menos licenciada for, tanto mor será sua perfeição e excelência. Por isso seguindo a opinião da nossa Academia, eu assinalo brevemente à empresa dous corpos, ou dous signos celestes ou de animaes, ou de plantas, ou de outra matéria que não [~~seja~~] seja baixa, nem tenha significação desgraçada e de triste agouro, [~~ilegível~~] a figura de homem comum, como temos dito, ajuntando-lhe a alma ou mote em língua diferente daquela do senhor da empresa, e que não passe se for possível o número de três palavras, das quaes ãa seja monossílaba ou, se forem mais de três palavras, se faça de um meio verso, ou de um verso inteiro, advertindo que sejam taes os corpos e tal a alma que nem os corpos sós nem a alma só declare o mistério da empresa, mas que tudo junto, corpo e alma, se emprestem um a outro a claridade dela.

CÉS. – Se assi é como dizeis e como eu creio, poucas serão as empresas que se tenham ao martelo e que não tenham algum defeito.

ANÍ. – Bem sabeis que a virtude consiste nas cousas diffic[~~iles~~]ultosas.

CÉS. – Desejo sumamente mais de aprender que de disputar, mas quero dizer que entre as empresas dos Académicos Ilustrados há algũas que me não parecem compostas de todas as condições que contastes. E particularmente aquela do [~~metitor~~] Medidor, a qual não contente dos nossos dous corpos, meteu também ãa bigorna, um martelo, ãa fouce e ãa pedra de aguçar e esta mestura parece que representa a foçina de Vulcano.

(Nota lateral – Medidor)

ANÍ. – A empresa do [~~metitor~~] Medidor não é menos galante e legítima de qualquer das outras que ornã a guarnição daquela sala. E quanto aos corpos respondo que assi como a fouce serve por si mesma de um só corpo, assi também outros instrumentos, ainda que foram mil, enquanto servem todos a um ofício como a martelar e só utilizar a fouce não fazem mais que outro corpo.

CÉS. – Seja como vós dizeis e não tenha esta empresa mais que dous corpos, não se negará ao menos que não tenha defeito nisto que não mostra um fim e um sentido

generoso no modo que já dissestes, mas mais perto tem um não sei que de baixeza com a representação daqueles strumentos mecânicos e baixos.

ANÍ. – Antes não se pode dizer outra cousa desta empresa senão que tem um sentido generoso em duas maneiras, o primeiro por respeito da bigorna, do martelo e da pedra de aguçar, os quaes se não podem chamar vis pois que figuram os Académicos Ilustrados, os segundos por respeito da fouce entremetida com a qual, figurando-se a si mesmo grosseiro e pouco eficiente, descobre ãa humildade com que se realça sua admirável grandeza. Mas não sei como melhor vos possa declarar o alto sentido do Académico Enlevado, o qual, tomando por empresa um cisne volante, disse assi em louvor do [~~metitor~~] Medidor:

“Aqui estes dous planetas que um dourado
Raio cinge com sutil magistério
Fazem claro a nós este hemisfério
Que nunca se vê de ãa luz privado.

Eu com voante cisne em campo entrado
Igual nome tomei a este mistério,
Mas não cuido chegar a tal império
Que jamais do terreno fui alçado.

Vós si, com curva fouce e humilde nome
Declarando a razão porque se movam
Os céus: entre nós sois Anjo Sagrado.

Exemplo claro que o mundo tome
Assi se exalta quem se humilha e provam
Que eu sou o Medidor, vós o Enlevado.”

CÉS. – Quanto a esta parte fico satisfeito. Agora me resta dizer-vos que a necessidade de pôr dous corpos nas empresas me parece contra razão porque tenho para my que merece mor louvor o que sabe exprimir seu conceito com um só corpo que o que o exprime com dous, o que se confirma com a regra geral dos legistas: “Que o que se pode fazer com pouco, não se deve fazer com muito.”

ANÍ. – Verdadeira é essa regra e conforme ao que pouco antes temos dito acerca do falar breve, pelo que, seguindo esta mesma regra, o mote da empresa há-de ser de duas ou três palavras ao mais se for possível, mas se no campo da empresa se requerem dous corpos e não um só isto acontece e se faz por duas razões. A primeira porque um só corpo tem mais do geroglífico e (como já temos dito) pode ter diversas interpretações, e deixa escuro o entendimento. Exemplo, a figura do cão é símbolo da fidelidade, mas se lerdes os escritores naturaes achareis que antigamente significava também o sacerdote, o amigo e significava o adulator, pelo que com este só sinal não podeis declarar bem o vosso conceito. A outra razão mais eficaz para my é esta: que quando ainda o cão não tivesse outra significação que o da fidelidade e eu o quisesse tomar por empresa, não mostrarei nem arte, nem doutrina, nem engenho porque também os rudes e cabreiros que sabem do instinto natural do cão, saberiam também usar da tal empresa. E portanto os inventores das curiosas e nobres empresas por se não deixarem entender da vil plebe deram matéria a espíritos nobres de realçar o seu entendimento e compor essas empresas de dous corpos assi incorporados que se descubra dentro mais a força do engenho que o lume da natureza. E pois que falamos do cão quero-vos contar aquela galante empresa do cão Académico, chamado o Ardito ou Atrevido, o qual querendo-se mostrar generoso e atrevido, conforme ao seu nome, fez ãa empresa de um mimoso e feroz libreo, o qual não curando do ladrar e [~~atizar~~] açular de muitos pequenos cães que o seguiam afera de um leão com esta letra: “Spreus minimis”. Desprezo cousas pequenas. E daqui podeis entender como com razão se põe dous corpos na empresa.

(**Nota lateral** – Figura do cão significa muitas cousas / Atrevido Académico e sua empresa)

CÉS. – Eu vos concedo tudo isso que tendes dito e me maravilho daquelas empresas que tem dous corpos de louvável significação, excluindo a figura do homem comum com a alma de poucas palavras estrangeiras e tão intrincadas que se não possa [~~saber~~] abrir o sentido sem intervirem as duas chaves, convém a saber, dos corpos e da alma. Mas ãa só dúvida me falta que se ma declarardes, não me fica mais que desejar de saber nesta matéria e é que semelhantes empresas não sejam como ãa bela frol sem fruto e não sirvam para mais que para apascentar os olhos de gente sem pensamento.

ANÍ. – As boas empresas somente apascentam os olhos dos sem pensamento, mas levam e atraem admiravelmente os espíritos enlevados à consideração dos ocultos mistérios que dentro estão cerrados e (o que mais importa) são muito proveitosas aos

inventores delas, os quaes deveis de imaginar que propõem em seu entendimento e publicam depois aquelas empresas por um sinal de honra e por um fim glorioso, aonde reduzem todas suas obras, e como um cavaleiro que traz a cruz nos peitos se sente em puxar a obrar cousas conformes aquela santa insígnia, assi aqueles com um religioso desejo, depois que tem de julgada sua empresa e feita profissão de a sustentar, não fazem falta nunca de se haverem teoricamente em todas suas acções. E posto que os cavaleiros antigos não tivessem regras certas e precisas das empresas, contudo tinham por costume de trazer nos escudos pintadas diversas figuras denunciadoras de seu generoso espírito e assi Agamémnon trazia um leão, Domiciano ãa medusa, Heitor ãa águia branca, pela qual vem cantando Ariosto aquela grande contenda entre Mandricardo e Ruggiero, que deu ocasião à medusa Doralice de dizer a Mandricardo:

“Útil ou dano a vós não sei que importe

Que deixe ou traga aquela insígnia e sorte.”

E por isso podemos dizer que as empresas servem de grande estímulo a seus autores e se um cavaleiro, vendo as estátuas, as imagens e insígnias de seus valerosos e honrados antecessores sente despertar-se-lhe no coração um abrasado desejo de seguir esforçadamente suas pisadas, quanto mais será constrangido e obrigado depois que tiver levantado sua própria empresa a mantê-la [~~gloriosamente~~] até o último espírito da vida gloriosamente!

(**Nota lateral** – Utilidade das empresas)

CÉS. – Se estas empresas são proveitosas por essas razões que daes, muitas mais utiles e dinas de louvor serão as que tem o sentido pio e cristão e fazem mover a santidade e devoção os corações, como aquela do cristianíssimo Henrique terceiro. Que dizeis?

ANÍ. – O que vós dizeis.

CÉS. – Parece-vos que tem defeito algum?

ANÍ. – A my me parece que o mesmo Momo não acharia que lhe notar. Basta dizer que é empresa real.

CÉS. – Se el-rei estivesse presente teríeis razão de a louvar ou de falar nela sobriamente, mas pois que não está aqui, dissei-me livremente o que vos diz o coração.

ANÍ. – De minha parte vos digo que a mesma calúnia lhe não poderá empecer e eu a retrato na minha alma por ãa das mais assinaladas, peregrinas e significativas empresas que eu tenho lido nunca nem ouvido. Porque além da galhardia e perfeição da forma, tem também muita fermosura e perfeição no sentido, o qual, acabando em Deus, o

fazem digno de títulos que se dão a Deus, de modo que chamar-lhe empresa heróica e real é pouco. Daqui podemos julgar que este grande rei tem feito ãa maravilhosa força a si mesmo, ou por melhor dizer, à natureza humana, porque vendo-se na primeira frol de seus anos, no cume das prosperidades e [em] em posse de dous reinos, um de França, outro de Polónia, e considerando em seu magnânimo coração como os homens, pela mor parte, nos tempos felices e prósperos voltam as costas a Deus e não reconhecem as grandes mercês que recebem Dele, se levantou com todo espírito para o céu endereçando-Lhe a empresa das duas coroas inferiores e terrenas, e em sinal que ele com o pensamento aspira e acocce e que o seu reino não é verdadeiramente deste mundo pôs de cima ãa coroa celeste com aquelas pias e santas palavras:

“Manet ultima coelo.” Quer dizer

A verdadeira coroa me espera no céu.

Ora dissei-me vós agora se há no mundo alguma outra mais exemplar e mais gloriosa empresa como esta?

(Nota lateral – Empresa de Henrique III)

CÉS. – Queira Deus que tal seja o coração do rei qual é o som da empresa e da vossa interpretação!

ANÍ. – Esta empresa tem dentro de si tantos mistérios que poderão cansar mil escritores e lembra-me que o Académico Enlevado fez um grande volume dividido em três livros sobre o altíssimo sujeito destas três cousas com desenho de os imprimir e dedicá-los a el-rei cristianíssimo, mas porque era persuadido de muitos amigos seus que se o fizesse aleanaria largas mercês de Sua Majestade, ele, como homem da natureza a que vós sabeis, se retirou deste seu propósito, querendo mais privar-se desta glória que de dar suspeita alguma de avareza.

CÉS. – Pesa-me de saber isso que dizeis pelo fruto que podia colher o mundo de tão honrado trabalho, mas por amor dele foi porventura melhor ter escondido o livro e ficar em boa opinião da liberalidade régia, que publicá-lo e para seus amigos, a risco de ficarem mentirosos, vendo que em vez de alcançar grandes mercês, escassamente lhe fosse dito um grão mercê.

ANÍ. – Seja disto dito zombaria.

CÉS. – Antes seja por não dito.

Da semelhança das armas e das Letras

Diálogo sexto

César Carlo

Poucos cavaleiros há no mundo que com o valor das armas tenham junto o ornamento das Letras, mas vós, senhor Carlo, em todo o curso de vossa vida sempre aspirastes a esta dobrada honra e tendes trabalhado tanto que muito tempo há que o mundo chama ao senhor de Tarnavaso (como a outro César), não menos famoso pelos livros que pela espada. Não sei se a este ponto chegarão alguma hora vossos dous filhos, dos quaes o senhor João Baptista me parece que é dado todo a Marte e o senhor Horácio mostra ter dedicado o seu coração a Apolo e às musas.

CAR. – Bem cheguei eu, senhor César, com o desejo a essa dobrada honra que vós dizeis, mas não com as obras, e como esta seja ãa daquelas graças que a poucos o largo Céu concede, contudo, era porventura melhor que eu pisasse um só caminho destes, como fazem [os] meus filhos, porque onde eu esperava ter juntos o anel e a pedra preciosa, me vejo agora privado de ãa e doutra cousa. Considerai que a largueza do tempo que o estudo das armas e das Letras requer e a brevidade da vida não se conformam. Além disto, o cargo de pai de famílias, as enfermidades, as guerras, as demandas, os revezes da fortuna, a fraqueza do meu entendimento distraíram e destruíram de tal maneira estes [enfermos] cansados espíritos que de minha consciência estou persuadido a confessar que eu não sou o César a quem me comparastes, antes por me querer misturar ora com guerreiros ora com letrados, me parece que me posso comparar com mor razão a um certo, mister Nicolao, que era ouvidor e mestre de escola.

CÉS. – Isso vos faz dizer a vossa natural modéstia, mas pois que entramos neste espaçoso campo, vos peço que na semelhança das Letras e das armas me queiraes descobrir a que parte se inclina mais o vosso espírito.

CAR. – Tanto é preguntardes-me isso como se me preguntásseis a qual me inclino mais se a João Baptista ou a Horácio, os quaes amo como Deus sabe, com igual medida.

CÉS. – Não houve nunca pai que amasse os filhos com tão igual medida que não dissesse Pedro tem um não sei que mais conforme a meu coração que João.

CAR. – Quando eu disser que as Letras me agradam mais que as armas, que se seguirá disto? E se pelo contrário vos disser que me deleitam mais as armas que as Letras que haverá hi?

CÉS. – Seguir-se-á isto: que conformando-me com o vosso bom parecer, estimarei mais o que vos a vós mais agradar.

CAR. – Posto que vós e eu nos acomodamos no estimar mais as Letras que as armas, nem por isso ficarão as armas inferiores, porque se levantarão muitos contra nós que antepõem as armas às Letras. Bem sabeis vós que é esta mui antiga questão e jamais decidida até agora.

CÉS. – A quem tocará logo esta sentença e quando se dará?

CAR. – Ainda que o emperador se chame de todos senhor de tudo o mundo e a ele convenha dar leis e a nós guardá-las, todavia entre quantos emperadores [~~houve~~] foram, não houve nenhum que declarasse a precedência entre as armas e as Letras, porventura porque duvidaram que favorecendo as Letras, não se acovardassem os homens martiaes, e deixando as armas não se dessem às Letras por maior honra, ou pelo contrário favorecendo as armas, não se expusessem os letrados a desterrar o estudo das ciências por aspirar à primeira honra das armas, pelo que conhecendo eles que os impérios, os reinos, os principados e as repúblicas se não podem prosperamente e para longo espaço de tempo sustentar em sua grandeza sem o fundamento e sustentação destas duas colunas, tiveram por melhor escolher o meio e não publicar abertamente seu parecer sobre esta precedência, pelo que não [~~convém~~] há que esperar que algum homem mortal dê a sentença e porventura que os príncipes da terra não ousarão a se meter neste juízo por reverência da deusa Palas, a qual estão esperando que deça do Céu e que, como juiz competente e senhora das Letras e das armas, seus vassalos, declare esta precedência.

CÉS. – Nem Palas tão pouco quererá dar essa sentença por não ser causa das discórdias que apontastes, mas contudo isto creio que nem vós nem eu seremos repreendidos se, por ãa honesta recreação e louvável curiosidade, quero saber de vós quaes prevalecem se as Letras ou as armas e se vós por cortesia e por fazer um acto virtuoso me dizeis a vossa opinião.

CAR. – Se a minha opinião fosse conforme a opinião das mulheres, cuido que acabaria esta demanda em favor das armas, porque me parece que tenho ouvido que favorecem mais os cavaleiros que os togatos, nem se fartam nunca de amar aqueles e deixar estes, posto que se mostram namoradas e alegres com os sonetos e cantigas que lhe apresentam os [~~seus~~] amantes letrados, em secreto zombam deles, e imagino quando se retiram o que fazem daqueles louvores e daquelas cartas. Enfim Amor, como filho de Vénus, namorada de Marte, não traz [~~o inteiro~~] escrevaninha na cinta, nem se ocupa em livros nem em cantigas, mas é guerreiro e armado e [~~desdenhado~~] desdenha de ver debaixo de sua bandeira os letrados como tíscos debóles e descorados [~~como~~], tirados da tumba, se alegra de ver ãa soldadesca de fortes e valerosos soldados, e se me dizeis que ele acende as medalhas a Virgílio, a Ovídio, a Catulo, a Tíbulo, a Propércio, a Dante, a Ciro, a Petrarca e a muitos escritores, vos respondo que bem se ri ele de seus versos amorosos e os fere com setas chumbadas para que, se amarem, não sejam amados. Bem provou isto à sua vista o nosso mesquinho poeta, dizendo:

“Daquela que me dá paixões penosas

Nunca pude colher ramo nem folha

Assi tem suas raízes amargosas.”

CÉS. – Os pobres letrados aplicarão isto mais presto a seu louvor que a seu desmerecimento e alegarão em seu favor aquele comum dito: “Que a mulher escolhe o peor.”

CAR. – Antes ãa viúva de um marido doctor, aconselhada que se casasse com outro doctor, respondeu que queria um cavaleiro, porque tinha aprendido à sua custa que os doctores tem sempre a cabeça metida nos livros e neles perdem o medo e a memória de suas mulheres. E podem [~~também~~] dizer também que não somente os mesquinhos poetas e outros letrados não fizeram jamais assinaladas empresas de amor, mas nem Apolo, seu deus, o qual se não acha que estivesse em graça de Vénus como de Marte, pelo que lhe conveio abaixar-se ao amor das pastoras e declinar da sua deidade para alcançar a graça humana, na qual contudo isto teve pouco felice sucesso. Mas assi como os letrados foram sempre pouco gratos ao Amor, vede como pelo contrário fez seus validos a César, a Augusto, a Nero, a Alexandre, a Hércules e a cem mil famosos e ilustres guerreiros e vede como as mulheres se namoraram sempre de cavaleiros e como se alegram hoje, vendo ora este ora aquele entrar em torneios e em justas e fazer provas por seu amor com as empresas pintadas a sua honra e em seu serviço e com divisas de

cores caídas do céu, e numa só palavra elas estimam mais um cavaleiro que cem togatos e parece que as damas e os cavaleiros e o amor e as armas tem um símbolo juntamente como começou Ariosto a sua poesia com aquele verso:

“Damas, armas, amor, empresas canto.”

(**Nota lateral** – Dito de uma viúva)

CÉS. – Qual credes vós que fosse ocasião porque as mulheres são mais inclinadas a favorecer os cavaleiros que os togatos?

CAR. – Porventura porque conhecem que tem mais necessidade de ajuda que de conselho, porque sendo naturalmente tímidas estão sempre suspeitar do que algum mau espírito procure de manchar ou com a língua ou com obra sua boa fama e por isso recorrem a qualquer honrado cavaleiro que tome a empresa de as defender e as segurar de todo ruim encontro e pois que não há mais Amazonas, nem Bradamantes e Marfisas, que vestiam armas para as poderem defender, razão é que se tenham por amigos os guerreiros, como foi Renaldo, que livrou a donzela das mãos de ~~deus~~ salteadores e Orlando a Isabela.

“Que se recomenda

Ao paladim que não a deixe só

E disse que o seguiria em toda a banda.”

E não somente ~~buseam~~ procuram as mulheres de se arrimar aos cavaleiros, mas de vestir suas armas para mais os induzir as amar o que aprenderam de Vénus, a qual, como conta um escritor grego, se apresentava um dia armada de couraça, lança e elmo e escudo, do que sendo repreendida respondeu que tinha vestido as armas de Marte não para pelejar, mas porque ele se esquecesse da guerra e vendo nela só as armas e o amor não partisse nunca da sua câmara.

(**Nota lateral** – Dito de Vénus armada)

CÉS. – Pois que as mulheres por próprio interesse seu não são acomodadas para julgar rectamente quaes prevalecem armas ou Letras, dissei-me ao menos vós o que vos parece.

CAR. – Por vos não ter mais entre dous e deixando à parte graças, respondo que se perguntaes quaes prevalecem ~~[a demanda ou a decisão dela]~~ a reposta está clara, sem dúvida prevalecem as armas, mas se perguntaes quaes devam de prevalecer, digo-vos que não obstante que em favor das Letras se ponha este firmíssimo fundamento que as Letras denotam a teórica e as armas a prática, e polo conseguinte que tanto mais dignas sejam as Letras que as armas, quanto mais honrada é a especulação que a acção, todavia

quanto a my não estou ainda bem resoluto no pró ou no contra, nem cuido de me pegar mais a ãa parte que a outra e de todos os que me preguntam me despido sempre respondendo-lhes com duas palavras monossílabas.

CÉS. – Que são essas palavras?

CAR. – Não sei.

CÉS. – Não vos quero logo preguntar mais quaes devam prevalecer, mas porque dizeis que está clara a reposta e que as armas prevalecem, queria saber como está clara e porque prevalecem as armas, porque isto é para my cousa nova, nem sei como seja verdade isso, se porventura não quereis zombando confirmar a opinião de um gentil-homem, o qual aprendeu tanta gramática que em favor das armas alegou aquele meio verso

“Cedant arma tuga.”

E disse que aqui estavam nomeadas em primeiro lugar as armas por mor honra.

CAR. – Que as armas prevaleçam às Letras não vo-lo quero provar com falsa gramática, mas com verdadeira razão da comum observância.

CÉS. – Eu quase que adivinho que quereis inferir que as armas prevalecem porque fazem maior estrondo que as Letras.

CAR. – Assi quer inferir Mário, ao qual sendo dito que ele contra as leis [~~havia dado~~] tinha feito certas honras a uns soldados, respondeu: “que o estrépito das armas não vos deixaram ouvir o som das leis”. Mas eu não entendo que as armas prevaleçam por amor do estrépito e violência, porque isso seria como dizer que o asno e o boi prevalece ao homem porque tem mais sonora voz. Quis dizer que as armas prevalecem porque em todas as partes do mundo acham maior lugar e sobem a mais alto grau de honra que as Letras. E portanto vos lembro que, posto que não há nação algũa que tenha em mor estima os letrados (comparadas outras) que a nossa Itália, contudo, se abirdes bem os olhos, achareis em fim que também Itália faz mor honra aos cavaleiros que aos letrados e que seja assi considerai que comummente nos tempos assi de paz como de guerra em todas as cidades grandes há magistrados togatos, como potestades, capitães de justiça, senadores, o presidente, o grande canceler, mas há sobre estes ãa cabeça que tem título ou de governador ou de capitão geral, ou de viso rei, o qual é cavaleiro e ao qual todos ministros estes obedecem. Este estilo vedes usar o emperador, el-rei de Espanha, el-rei de França e todos os príncipes de Itália. Além disto, se atentastes bem (como eu fiz) o estilo dos príncipes, tereis visto que, quando por maior grandeza ou por importância dos

negócios expedem dous embaixadores juntos um cavaleiro e um doctor, dão o primeiro lugar ao cavaleiro.

(**Nota lateral** – Reposta de Mário)

CÉS. – Eu me achei a este propósito em Veneza [~~na expedição~~] a um comprimento de dous embaixadores, um cavaleiro e um togato, enviados juntamente a alegrar-se com o novo Doge e vi ao cavaleiro fazer a primeira embaixada e depois debaixo entrar o doctor com sua oração.

CAR. – Também eu vi na corte de França o conde de Gambara e senador Faa, enviados do vosso duque de Mântua, a dar o pêsame a el-rei Francisco Segundo da morte de Henrique, seu pai, e os parabéns da sua sucessão, onde guardando-se a mesma ordem, o primeiro a entrar e razoar foi o conde e depois o senador. E não há para que contar mais exemplos, porque isto é universal costume de todos os príncipes que por darem mor grandeza às armas instituirão a grande ordem do Tosão, de São Miguel, da Jarreteira, da Anunciada e outras, honrando com aquelas insígnias não somente alguns príncipes mas muitos cavaleiros particulares com lhes chamar primos e fazê-los com este grau seus iguaes, o qual favor e privilégio senão dá aos togatos e professores de Letras.

CÉS. – Das histórias antigas sabemos que os lacedemónios não tinham virtude alguma por mais ilustre nem mais heróica que a militar, pelo que para mais honrarem a seus deuses os figuraram com lança e daqui podemos formar juízo que todos os príncipes sucessivamente movidos deste exemplo exalçaram mais as armas que as Letras e particularmente os reis de França.

(**Nota lateral** – Lacedemónios favorecem as armas)

CAR. – Se o estilo dos lacedemónios fosse comum a todas as outras gentes se poderia concluir e determinar isso que dizeis, mas da mesma história temos nós contrário exemplo dos egípcios, os quaes se punham a primeira nobreza e principal honra na ciência das Letras. Mas eu me persuado que os príncipes não já movidos de algum exemplo se movessem de antepor as armas às Letras, mas desta só viva razão que pertencendo legitimamente à sua autoridade dos cargos e honras e fazendo eles profissão de cavaleiros não era honesto que eles menosprezassem as armas por engrandecer as Letras, mas que honrassem mais aos que seguissem sua profissão e por isso nos toca a nós ter em mor estima e honrar mais aos que dos príncipes são estimados e honrados.

(**Nota lateral** – Egípcios favorecem as Letras)

CÉS. – Eu estava quase persuadido a crer, pelo que fomos discorrendo, que as armas prevaleciam às Letras, mas começo agora mudar opinião pela razão que neste ponto tocastes, a qual me parece que é mais em favor das Letras e me faz duvidar se estamos ambos cegos nesta maneira, porque dizendo vós que os príncipes fazem profissão de cavaleiros e que por isso honram mais as armas, me abriu os olhos e me daes ânimo a discorrer diligentemente o que convenha ao príncipe e o que ao cavaleiro. Digo mais, que se o príncipe não fizer outra profissão que ciência militar não será verdadeiro príncipe e ficará diminuída e imperfeita a sua dignidade, porque não somente Platão e os outros filósofos antigos, mas os nossos cristãos e sagrados escritores obrigam ao príncipe ao estudo e entendimento das leis, da justiça e das cousas não somente moraes e civis, mas especulativas e divinas por virtude das quaes ele aprende a reger não menos a si mesmo que aos súbditos e conservá-los em estado pacífico e bem-aventurado, para que são as Letras principalmente necessárias, como declara plenamente aquela breve e divina sentença, “que bem-aventuradas [~~serão~~] seriam as repúblicas se os reis filosofassem ou os filósofos reinassem”, pelo que não se pode dizer outra cousa senão que no príncipe se requer primeiramente e necessariamente a ciência das Letras como principal senhora, a qual segue a ciência das armas como escrava ministra. E para entender o que convém ao cavaleiro se deve examinar muito bem o bom, o pejo e o sentido desta palavra, a qual, se eu não erro, como [ilegível] e quase equívoca denota o valor e a excelência não menos das Letras que das armas como esta palavra heróis, e assi havemos de saber que se o príncipe faz maior honra ao cavaleiro que ao togato é porque o togato é letrado simples mas o cavaleiro tem junta a ciência das Letras e das armas e é como imagem do príncipe, e se me dizeis que o príncipe e os cavaleiros cingem espada em sinal de que as armas são sua principal e mais honrada profissão, respondo que o fazem não somente para seguridade e defesa das Letras, das leis, da justiça, do reino e de seus súbditos e para mostrar a virtude da fortaleza militar contra a soberba e treições dos insolentes e malfeitores, mas também porque sendo necessário que eles se ocupem cada dia nas caças, nos torneios, no cavalgar e em outros exercícios martiaes e nos negócios civis, mui desconveniente lhe seria a toga, com a qual embaralhados seriam um desconcertado e mor intruso espectáculo a seus súbditos e diminuindo a opinião de seu valor dariam matéria de rir, como os que se emascaram em hábitos místicos e vis para correrem a lança entre cavaleiros. Vedes aqui como com

razão me persuado que as Letras prevalecem às armas e que todos os príncipes tem concedido de se mostrarem ao mundo verdadeiros príncipes e cavaleiros, quero dizer, tanto professores de Letras quanto de armas, donde se pode concluir que se fazem mor honra aos cavaleiros que aos togatos é porque os togatos são como já disse pouco letrados, mas os cavaleiros tem em si juntas as armas com as Letras.

(Nota lateral – Ciências necessárias ao príncipe)

CAR. – Bem vejo que não é sem fundamento a razão da vossa engenhosa dúvida, todavia prometo tanto do vosso bom juízo e entendimento que sem contradição alguma tornareis à vossa primeira opinião, se considerardes os príncipes não quaes eles devam ser, mas quaes agora são pela maior parte, porque posto que se neles requeiram as ciências que dizeis para governo de si mesmos e de seus súbditos, contudo as qualidades dos tempos presentes, a desconfiança, por não dizer discórdia, dos príncipes e outros incidentes, os tem postos em ãa necessidade de estarem sempre debaixo de corpos de guardas e de prover com força d’armas e com nervo da milícia à defesa e segurança de seus estados, pelo que em que não queiram são constrangidos a desterrarem o estudo das Letras e as ciências e de transferir aos letrados o governo civil, por eles atenderem às cousas militares como mais graves e mais importantes a sua grandeza, e por isso não é de maravilhar se hoje nas cortes dos príncipes se não vem nem poetas, nem oradores, nem filósofos, nem outros letrados e se algum há lhe convirá por desastre tomar de poder comer [nada] em tinelo e encher o último lugar da mesa. E brevemente mais se alegra o príncipe com o estrépito dos cavalos e com o som das trombetas e a tambores, que com a suave harmonia de excelentes músicos, e maiores agradecimentos recebe dele um soldado simples apresentando-lhe ãa espada, um escudo, um cão, ou um cavalo, do que receberá um pobre escritor consagrando-lhe os poemas e as histórias escritas por longo espaço de tempo para sua imortal glória, e assi fica claro que os príncipes hoje, por justa causa, estão constrangidos a antepor as armas às Letras e que universalmente entre eles se guarda este estilo. E posto que estas cousas deviam bastar por resposta do que dissestes acerca da consideração do cavaleiro e de suas qualidades, contudo, prosseguindo nosso discurso, não quero deixar de vos dizer que se buscamos o estilo antigo dos romanos, acharemos que entre os nobres da cidade havia duas ordens principaes, a ordem dos cavaleiros e a ordem dos senadores, mas a ordem dos cavaleiros era tão inferior que à primeira face se via logo que faziam mais caso dos togatos que dos cavaleiros, mas não é assi, porque os cavaleiros faziam profissão somente das cousas

militares, mas os senadores tinham juntamente a ciência das Letras e das armas e o cargo do Senado era não somente de administrar justiça e de governar civilmente os povos, mas de consultar as cousas de guerra e de enviar os governadores às províncias, expedir capitães e emperadores dos exércitos e de prover por mar e por terra tudo o que convinha à grandeza e autoridade da república e aumento de seu império, do que se pode inferir esta palavra senador é como equívoca, posto que o seu som senão restrinja a alguma particular profissão, o que se não pode dizer desta palavra cavaleiro, a qual derivada de cavalo de cavalgar se restringe [~~somente~~] só ao exercício militar, do qual somente faziam profissão aqueles cavaleiros, como pela mor parte fazem os cavaleiros modernos.

(**Notas laterais** – Cavaleiros romanos / Senadores romanos)

CÉS. – Se os cavaleiros modernos não fazem profissão de Letras, eu atribuo a modéstia, porque não lhes parece lícito que os membros queiram saber mais do que sabe sua cabeça, que são os príncipes, os quaes pela mor parte deixam o cargo das Letras aos correos.

CAR. – Tanto mais dinos de louvar e de admiração são hoje os príncipes que se fazem conhecer não menos por filósofos que por cavaleiros, e por conseguinte os cavaleiros que nisto os sabem imitar.

CÉS. – Com razão se deve a vós esta dobrada honra.

CAR. – Dobrada reprensão vos dou eu desta dobrada honra que me fazeis, porque [~~segundo o provérbio “Adora-ŭa pedra de sepulcro por um Deus”~~] eu das armas não me quero atribuir outra honra que de um simples soldado, nem das Letras aprendi mais outra cousa que aquele verso,

“Nem crera outrem de ti mais que a ti mesmo.”

(**Nota lateral** – [~~Provérbio~~])

CÉS. – Isto vos baste por reposta, que não podeis ser juiz em causa própria. Passemos avante. Das considerações que por agora fizestes, tiro que os romanos faziam mais estima da ordem senatória que da cavalaria, não por outra razão senão porque os cavaleiros eram simples martiaes, mas os senadores tinham dobrado valor das Letras e das armas e se podia dizer que os senadores eram togatos e cavaleiros e eram dotados (falando assi) de Letras armadas e de armas letradas, mas contudo isto não sei ainda decerto se aquela república [~~fizesse mais e~~] honrasse mais as armas ou as Letras.

CAR. – Se todos os romanos seguirem o humor de Cícero, estimaram mais as Letras, porque ele tendo mais língua, como mulher que coração e, vendo-se melhor orador que soldado, estimou mais as Letras que as armas.

(**Nota lateral** – Cícero parcial das Letras)

CÉS. – Eu creio que ele fosse pouco menos bravo soldado do que foi Demóstenes a que aconteceu em ãa batalha que depois de haver arrojado o escudo,

Fora da peleja as asas aos pés junta.

E repreendido disto se escusou dizendo: “Que o homem que foge pode pelejar outra vez.”

(**Nota lateral** – Demóstenes e sua reposta)

CAR. – Se pode também fugir com honra, como os scitas que fugiam pelejando, porventura que se lembraria do louvor que Homero deu a Eneias, que a tempo sabia temer e a tempo fugir.

CÉS. – Se se ele não lembrou isto, lembrar-se-ia ao menos do provérbio: “Melhor é levantar ao som de campana que ao de trombeta”.

(**Nota lateral** – Provérbio)

CAR. – Se queremos julgar agora quaes prevaleciam naquele tempo ou as armas ou as Letras, consideremos a qualidade e a excelência das honras que se faziam às pessoas, em prêmio do seu valor e de sua virtude, e assi iremos reduzir à memória os presentes de ouro e de prata, de coroas e de armas, de sedas, de cavalos ou dedicações de imagens e estátuas para eterna memória, as quaes honras se davam àquelas pessoas que com sua virtude militar ou civil tinham feito serviços notáveis à república e sobre todas estas honras [~~vinha~~] se seguia depois o triunfo, o qual como supremo se concedia somente aos guerreiros que com o valor das armas alcançaram [~~senhala~~] assinaladas vitórias, pelo que Júlio César, Augusto, Pompeu, Camilo, Metelo, Cipião, Lúculo e outros valerosos romanos, não chegaram jamais à glória do triunfo com a ciência das leis, da filosofia, da poesia nem da retórica, mas com o valor das armas, as quaes sós eram estimadas por meritórias desta suprema honra, porventura porque aqueles valerosos capitães punham em manifesto perigo a vida e muitas vezes derramaram seu próprio sangue em serviço da república, o que não fazem comumente os letrados. E assi concluo que os príncipes modernos seguindo o estilo dos romanos fazem mor honra a um simples cavaleiro que a um simples togato.

CÉS. – Concedo-vos isso e desejo de saber se vos parece que as repúblicas de Itália como a de Veneza, de Génova e de Lucca guardam o mesmo estilo e antepõe as armas às Letras.

CAR. – Posto que as cabeças destas repúblicas e particularmente os venezianos tragam o hábito da toga, contudo sua profissão é mais de armas que de Letras, e o que ler as histórias desta república verá como muitos Doges e infinitos nobres, não menos que os da república romana se acharam pessoalmente em batalhas e alcançaram assinaladas e memoráveis vitórias, pelo que estamos bem certificados que pelo uso comum não somente de Itália mas de outras nações, as armas prevalecem às Letras e porque não deixemos alguma coisa por tocar digo que como todos os outros príncipes preferem as espadas à toga, assi pelo contrário o Sumo Pontífice prefere a toga à espada e faz cardeais e legados que com sua dignidade procedem a todos os graus de cavalaria, que ele dá em Roma ou em qualquer outra cidade da Igreja, o que faz não somente porque o estado eclesiástico é mais honrado que o secular, mas também porque as Letras são suas próprias.

CÉS. – Posto que pelo uso, ou por melhor dizer abuso, de todas as nações, as armas prevaleçam, como dizeis, todavia me parece que a autoridade dos Sumos Pontífices devia fazer contrapeso a todos os outros príncipes do mundo e se havia com mais razão de concluir que as Letras são as que prevalecem.

CAR. – Acabemos a questão neste modo que as Letras em Roma e as armas fora de Roma prevalecem.

CÉS. – Essa distinção tem não sei que de conformidade com aquela de Diógenes, o qual, preguntado qual de dous peixes fosse melhor, respondeu um cosido e outro assado. Mas deixemos agora a diversidade do estilo entre o Sumo Pontífice e os príncipes seculares e respeitando somente os merecimentos das Letras e das armas dizei-me ãa vez quaes estimaís mais [vós].

CAR. – Eu tive sempre para my que assi como para mantimento da vida hão-de concorrer forçadamente o cálido e o húmido, que um seja a isca e outro fomento, porque faltando um destes falta a vida, assi para a conservação do bem público se hão-de incorporar as armas e as Letras que nem ãas nem outras se apartem, porque as armas sós não levam as empresas a felice sucesso sem a prudência das Letras, nem as Letras se podem sustentar em seu estado quieto sem o arrimo das armas, pelo que as julgo por dignas de igual honra e me inclino a sentença do [senhor] Luís Alemanni que disse,

“Questão foi já qual fosse avantejada
Ou pena ornada, ou valerosa espada.
Se esta obra, aquela nos ensina
Ûa e outra é de honra igual dina.”

Mas porque da sentença de um poeta particular facilmente poderão apelar as Letras ou as armas, eu para pôr entre elas perpétuo silêncio e indissolúvel amizade ajuntarei a sentença do emperador Justiniano, o qual pelo que se sabe das histórias fez maravilhar o mundo não tanto pelas suas muitas e gloriosas vitórias e por haver particularmente sujugo os persas, destruindo os vândalos e restituída a África ao império romano, quanto por haver alumiado o escuro e caos das leis, restringindo-as e reduzindo-as a utilidade do mundo em um proporcionado corpo de volumes com linda ordem e com tal forma que disse Dante

“Dentro das leis tirou o muito e o não.”

E vendo por isto que nenhum outro emperador se moveu, como já temos dito, a declarar seu parecer em favor nem das armas nem das Letras, e conhecendo por experiência que ãas [e] a outras se ajudavam reciprocamente, se dispôs a tirar para o adiante a ocasião de contenda sobre a superioridade entre cavaleiros e togatos e publicou esta sentença: “A majestade do emperador convém não somente ser ferozeada com armas, mas armada com leis, para que os tempos não menos de guerra que de paz se possam bem governar, e o príncipe romano não somente fique vencedor nas batalhas, mas com legítimos meios, desprezada a malícia dos caluniadores, venha a ser tão religioso guardador das leis como magnífico triunfador dos inimigos.”

(**Nota lateral** – Sentença de Justiniano, emperador)

CÉS. – Este nosso discurso se há-de acabar [~~em zombaria porque~~] com ãa chocarrice porque essa sentença de Justiniano se conforma com aquela de um louco, o qual, preguntado que sopas eram melhores se as de Milão ou as de Cremona, respondeu que tanto ãas como as outras.

Da honra

Diálogo sétimo

Luís [~~Lodovico~~] Aníbal

Com grandíssimo desejo era esperada esta hora de my na qual se hão-de consagrar nossos razoamentos no templo da honra, conforme a proposta que ontem fizestes, em cuja entrada se me representam muitas trevas, muitos encontros e muitas dúvidas entre as quaes temerei de perder o direito caminho e se não for guiado de vós, [~~porque de outra maneira~~] como com o fio de Ariadne, não me asseguro de poder sair deste intrincado labirinto.

ANÍ. – Assaz fracos e enfermos são estes meus olhos para qualquer parte que endereçam a vista, mas faltos de toda luz me parecem quando os viro para esta parte, pelo que cuido que se vós também estaes tão cheio de escuridade quanto porventura a vossa modéstia vos faz dizer, estamos ambos de dous neste caminho muito pouco seguros.

LU. – Peço-vos que me descubraes vosso coração porque imagino que ambos estamos em um propósito.

ANÍ. – As dificuldades que se me põem diante são a grandeza do sujeito, a multidão dos escritores que trabalharam sobre esta matéria, a diversidade de suas opiniões e a necessidade em que estamos metidos ou de calar, ou de sair em campo com alguma cousa nova.

LU. – Vós descobristes com a língua todo o meu conceito, que fazemos logo?

ANÍ. – O que fazem os pobres cavaleiros, os quaes não podendo nas justas e torneios igualar-se com os ricos na magnificência da despesa, procuram de se avantejar ou de igualar com a novidade das invenções e, conforme ao dito vulgar, não podendo fazer pompa, fazem [~~gesto~~] sombra.

(Nota lateral – Provérbio)

LU. – Tanto me prometo do vosso incomparável valor que já vos vejo apresentar não menos pomposo que agestrado.

ANÍ. – Vós me fazeis com estas palavras grande honra.

LU. – A verdadeira e perfeita virtude não se pode fazer nem muita nem equivalente honra.

ANÍ. – Não faças pausa aí, mas ajuntai que poucos são os que tem alcançado perfeita virtude, donde vem que os homens se acham pela mor parte enganados e, não tendo entre outras virtudes o conhecimento de si mesmos, se deixam levar a buscar e receber mais honra do que lhes convém e daí, como estômago agravado da sobeja comida, sentem aflição e dano.

LU. – Este erro pode nacer não porque se não conheçam a si mesmos, mas porque não conhecem a honra e não entendem que cousa seja.

ANÍ. – Se bem buscardes por um que não conheça a honra, achareis cento que se não conhecem a si mesmos.

LU. – Por isso espero que me declareis vossa opinião acerca da honra.

ANÍ. – O que primeiramente posso dizer é que dos filósofos antigos e poetas assombraram muitos mistérios e advertências necessárias à instituição da nossa vida debaixo de véus de figuras não menos com utilidade que com galantaria, mas de quantas fábulas se escreveram não creio que haja alguma que para fazer precatar os homens da grande presunção e pouco conhecimento de si tenha mais força que aquela de Faetão, o qual sem se lembrar que era mancebo e mancebo imprudente, sem experiência, fraco e mortal, se levantou com o pensamento do desejo das honras [divinas] celestes de tal modo que dispôs a sua presuntuosa língua e seu temerário atrevimento a alcançar com importunos rogos de Febo o manejo de seu luminoso carro, sobre o qual ainda bem não foi saído que, picando os mal endereçados cavalos fora do costumado curso e enchendo o céu e a terra de novas e nunca esperadas turbações, provocou a justíssima ira do grão Júpiter a tirar-lhe com um raio a vida e assinalar a ribeira do Pó com seu memorável precipício, avertindo-nos à sua custa que primeiro que busquemos honra devemos medir-nos a nós mesmos e nosso merecimento porque como diz um poeta:

“Quem pesa seu esforço bem o leva.”

Mas deste conhecimento não é tempo ora de razoar mas diremos que para conhecer a honra e que cousa é convém considerar primeiramente que os poetas e oradores antigos e modernos tem transformada esta palavra honra em tantas formas, não sei em que razão ou com que licença que, assi como o camelião muda as cores segundo os objectos que se lhe representam, assi muda significações segundo nossas imaginações. Desta

variedade fica de tal maneira excandilado o entendimento que parece que se não pode discernir qual seja a verdadeira honra. Porque alguns chamam honra a fermosura e ornato das cousas, chamando honra do corpo a fermosura, honra da alma a virtude e honra do céu as estrelas. Outros, tomando a honra pela autoridade e pola preeminência sobre os outros, chamam honra às dignidades e graus. Outros entendem que é honra ãa conveniência e reputação que cada um conforme a seu estado deve guardar e quem faz contra isto se diz que faz contra sua honra, outros entendem por honra a honestidade pelo que diz o poeta:

“Zenóbia dá sua honra assaz escassa.”

Mas se me eu não engano, não está em nenhum lugar destes propriamente situados esta palavra, Honra, porque a honra, se cremos aos filósofos e aos teólogos, não é outra cousa que ãa certa reverência que se dá a alguém em testemunho de sua virtude. E porque me podeis opor que muitas vezes se faz reverência a um tirano ou a um rico e poderoso que não será virtuoso, respondo-vos que aquela não é verdadeira honra, porque a honra é prémio da virtude, pelo que não sendo estes virtuosos não serão verdadeiramente nem propriamente honrados.

(**Notas laterais** – Fábula de Faetão / Honra que cousa seja / Honra prémio da virtude)

LU. – Se é verdade o que vós agora dizeis, não será o que dizem os filósofos que a honra está mais no honorante que no honrado, o que eu creio, porque a honra vem daquele que honra como agente e o honrado a recebe como paciente, de modo que vós não podeis receber honra de mim se me eu não disponho a vos honrar. Mas dizendo-vos agora que a honra que se faz a um tirano não é verdadeira honra porque a honra é prémio da virtude, parece que quereis inferir que o virtuoso se faça honrado per si mesmo e consequentemente que a honra está toda no honrado, o que me parece falso porque se estivesse no honrado para que é querer honrar a outrem? Antes não haveria alguém que se pudesse chamar honorante.

ANÍ. – Presto vos solverei esta dúvida e pergunto-vos a que fim propõem os príncipes nos virtuosos e valentosos combates prémios aos vencedores?

LU. – Para os honrar.

ANÍ. – O vencedor, depois que tiver alcançado o preço, como se chamará?

LU. – Honrado.

ANÍ. – De cuja mão há-de receber o preço?

LU. – Do honorante.

ANÍ. – Parece que a honra está nas mãos do honorante, o qual podia e não podia honrá-lo, é verdade?

LU. – Verdade é e já o disse.

ANÍ. – Ora disse-me, quando [ø] ao vencedor não está assinalado algum preço, ficará ele próprio privado de honra?

LU. – Não.

ANÍ. – Porquê?

LU. – Porque a honra consiste mais no merecê-lo que no alcançá-la.

ANÍ. – Logo parece que a honra está mais no honrado que no honorante.

LU. – Não posso negar isso.

ANÍ. – Dai vós agora a sentença.

LU. – Eu a darei desta maneira: Que há duas maneiras de honra, ãa honra que o homem adquire por si mesmo e honra que se alcança d’outrem.

ANÍ. – Vereis como esta sentença é defeituosa e por isso apelo de vós isto, para vós justíssimo, e pergunto-vos como se pode dizer que seja honrado o vencedor a que se deu algum preço?

LU. – Pode-se dizer, porque se não alcançou honra exteriormente com o sinal do preço, alcançou-a interiormente na tácita opinião dos que ouviram, os quaes conhecendo seu valor e sua virtude se espantaram e o reverenciaram em seus corações.

ANÍ. – Logo a honra procede da opinião e do conhecimento d’outrem e se assi é como podeis dizer que o homem alcança honra de si mesmo?

LU. – Direi logo que em sua mesma honra concorrem o honorante e o honrado e dela são participantes ambos de dous.

(**Nota lateral** – A honra concorre no honrado e no honorante)

ANÍ. – Eu me achego a vosso parecer agora, mas em que modo credes vós que desta honra venham a participar o honorante e o honrado?

LU. – Eu creio que o honorante participa no modo em que participa o bem feitor no benefício, do qual se diz que conferindo-o em pessoa digna, não no dá mas recebeu. Antes um curioso escritor pintou ãa das graças virando as costas e duas virando o rosto para significar com este emblema que as graças e os benefícios se tornam dobrados e assi dizemos que aquele que honra a um virtuoso honra a si mesmo mostrando-se isto em lhe dar o que lhe convém e em incitar os outros com seu exemplo a que o honrem. E participa também o honrado, porque conhecendo que tem gerado boa opinião de si nos

ânimos das pessoas indiciaes e que tem alcançado crédito, pode seguramente dizer que é honrado e que goza do prémio da sua virtude.

(**Notas laterais** – Benefício no dar se recebe / As graças com [ilegível])

ANÍ. – Assi me parece.

LU. – Eu não queria agora que no tratar deste heróico e divino sujeito se procedesse entre nós com estas recalcadas perguntas, as quaes tem um não sei que do socrático e, posto que dão grande luz a verdade, afadigam todavia demasiadamente o entendimento e trazem consigo o cansaço e moléstia e parece que metem (como diz o provérbio) um osso entre dous cães.

(**Nota lateral** – Provérbio)

ANÍ. – Metamo-nos logo no caminho praino e deixando as diferenças que há entre louvor, reverência, honra, fama, glória e majestade, posto que tem entre si afinidade e conformidade juntamente e confundindo-se se toma muitas vezes ãa cousa por outra, estemos firmes nos termos da Honra e digamos que duas maneiras há de honra: divina e humana. Estas honras são as exteriores ou interiores, como diremos adiante. A honra divina tinham os gentios posta nos jogos, nas festas, nas cerimónias solenes que eles consagravam a diversos deuses e particularmente se fazia suma honra a deuses com diferentes sacrifícios, segundo a diferença dos mesmos deuses ou celestes ou terrestres, ou marítimos, ou fluviatiles, o que faziam com tanta observância, como disse aquele poeta:

“Hoje do santo não quero nada

Quem de Vénus pisou ontem a estrada.”

Nem há para que eu me estenda aqui em declarar as misteriosas ordens e exquisita diligência do escolher os sacrifícios, no coroá-los, no levá-los, no ornar dos altares, no acender os fogos, no entoar os hinos e cantares, no celebrar os mistérios que convinhem ou para dar graças aos deuses ou para lhes pedir alguma graça, ou para lhes aplacar a ira, ou por sinal de adoração, pois que tudo isto vos é notório, tanto que não é necessário sobre taes abusos fazer grandes nem pequenos discursos.

(**Nota lateral** – [ilegível] da honra)

LU. – Antes se não deve passar em silêncio sua desumana locura que os incitava não só a sacrificar as bestas mas os mesmos homens de que se lem muitos exemplos não somente de gregos mas de romanos, [bem] posto que enfim eles precatados de sua

impiedade mais bárbara que romana proibiram que se não tingissem os altares com sangue humano.

(**Nota lateral** – Sacrifício de homens)

ANÍ. – De semelhante crueldade se retiraram também os lacedemónios, os quaes em tempo de peste foram persuadidos do oráculo que cessaria enquanto cada ano se lhe sacrificasse ãa donzela e caindo a sorte sobre Helena, viram voar ãa águia que arrebatou o cutelo do sacrifício e o foi por sobre ãa vitela, do qual prodígio advertidos perdoaram a Helena que tinham trazido ali e ficaram dali por diante em [~~sacrificar~~] não [~~fica~~] sacrificar mais donzelas. Mas porque ãa locura traz consigo outra, creceu tanto a parvoíce e presunção dos homens que começaram a aspirar a honras divinas e negando [~~de~~] ser homens e fazendo-se reputar por deuses queriam-se [~~como deuses~~] adorar como deuses, e nesta temeridade deram Antígono, Calígula, Diocleciano, Cómodo e particularmente Alexandre Magno, o qual, inchado pela conquista do reino de Pérsia, escreveu aos gregos que o fizessem deus, pelo que os lacedemónios por sua parte fizeram aquele decreto: “Pois que Alexandre quer ser Deus, Deus seja.”

(**Notas laterais** – Os lacedemónios quiseram sacrificar a Helena / Alexandre escarnecido dos gregos)

LU. – Esse foi um dito bem em desprezo seu.

ANÍ. – Em tal doudice com esta não caiu o potentíssimo Agesilao, o qual entendendo que alguns povos em pago de [~~alguns~~] benefícios recebidos dele o tinham escrito no catálogo dos deuses disse: “Se estes tem poder de fazer deuses porque não sacrificam antes a si mesmos que a my?” E verdadeiramente que teve razão de escarnecer destes, conhecendo quão manifesta doudice é querer atribuir ao homem o que é próprio e só de Deus, o que foi ocasião a Lúcifer e a seus sequazes de sua caída nos infernos.

(**Nota lateral** – Lúcifer)

LU. – Não creio que haja excesso que desapraza mais a Deus que estes.

ANÍ. – Grande e dobrada foi a glória de Constantino Magno porque só ele foi o primeiro emperador romano que dos gentios foi posto entre os deuses e da igreja católica entre os santos. Mas tornando à soberba daqueles que pretendem deificar-se e fazer-se adolatrar na terra e usurpar os títulos divinos, não vos parece que são sumamente odiosos a Deus e que ele o mostra dizendo: “Não darei a ninguém minha honra!”

(**Nota lateral** – Constantino Magno canonizado por santo)

LU. – Si certo.

ANÍ – Deixemos as cerimónias dos gentios que não conheciam a Deus e venhamos à honra que faziam ao verdadeiro Deus os hebreus e particularmente el-rei David, o qual não [~~fazia~~] tomava empresa algũa [~~de~~] contra seus inimigos que primeiro não fizesse sacrifício a Deus e depois da vitória, cantando hinos e salmos, não lhe desse louvores e graças. E Salomão que, para O honrar Lhe ofereceu mil vítimas em holocausto e na lei velha se acham muitos outros sacrifícios reduzidos a cinco espécies de animaes, convém a saber, de ovelha, de cabra, de boi, de pomba e de tortola e não somente honraram a Deus com sacrifícios, mas com lhe edificar templos e altares, de que temos exemplos em Noé, Abraão, Isac e Moisés e a memória do grão templo que com a obra contínua de sete anos edificou o mesmo Salomão em honra de Deus.

(**Notas laterais** – David e seus sacrifícios / Salomão e seus sacrifícios / Templo de Salomão)

LU. – Grande honra recebe Deus quando vê que se lhe consagram templos e grande merecimento alcançam diante dele os homens com esta pia e louvável obra.

ANÍ. – Belas igrejas se vem hoje na nossa Itália e mais nenhũa outra cidade (tirando Roma) se deve gloriar Veneza pola grande máquina da igreja de São Marcos a qual pola cópia do mármore e polo artifício da architectura é singularmente admirada de todos.

(**Nota lateral** – Igrejas de Itália)

LU. – Enquanto estais contando a igreja de Roma e de Veneza, estou eu cuidando nas belas igrejas que de novo se edificaram em Milão, as quaes representam à vista sua fermosura admirável e peregrina, mas particularmente há ã [~~a~~] em que muitos gentis espíritos tem posta sua afeição por ser fabricada de matéria assaz mais excelente do que são os mármore, as serpentin, os porfidos e os alabastros e por ser obra de tão excelente architecto como Fílon, Sócrates, Teodoro, Miguel Ângelo e todos os outros antigos e modernos nos saíram em sua comparação dele grosseiros e rudes.

(**Nota lateral** – Igrejas de Milão)

ANÍ. – Agora vos entendo que quereis falar da senhora Bartolomea, condessa da Trindade, filha do senador Chiesa, que depois foi digníssimo cardeal, da qual um nosso Académico escreveu estas palavras:

“Esta que na fronte tem um altar santo

E nos olhos lhe luzem duas estrelas

Tão fermosas e belas,

De pérolas na boca adorna o coro
Angélico, e no rosto
Um alto e imortal tesouro
Que no paraíso parece que está posto
Maravilha não é se o mundo a ama
E se com devoção Igreja a chama.”

(**Nota lateral** – Igreja em português)

LU. – Mas deixando esta nova e mortal igreja tornemos às antigas e sagradas e além daquelas e Itália passemos pelo pensamento França, a qual honram muito e lhe dão grande opinião de santidade as fermosas igrejas que nela [~~sobejam~~] há onde os estrangeiros ficam atónitos, vendo não somente os ornamentos de ouro e prata, mas a grandeza de vasos e de ouro, mas muito admirável obra foi aquela de el-rei Dagoberto quando fez cobrir toda de prata a igreja de São Dionísio, mártir, e pouco apartada da cidade de Paris.

(**Notas laterais** – Igrejas de França / Igreja de S. Dionísio)

ANÍ. – Deixando à parte o edificar e consagrar de igrejas, falemos das outras maneiras com que se honra a majestade divina, como as humildes ofertas que se lhe fazem com larga mão e com aquela santa [~~in~~]tenção que mostraram os três Reis Magos, as quaes acompanham os louvores, os cantos, os soes, as cerimónias, as procissões, os divinos ofícios, os jejuns, as esmolos, as obras de misericórdia, o santificar as festas, o reverenciar as imagens e as santas relíquias e honrar os religiosos, ouvir a palavra de Deus, converter os infiéis, pelejar pola fé católica, os santos votos e sagradas lições, as devotas peregrinações, o frequentar os santíssimos sacramentos com todas as obras de piedade que se fazem à honra de Deus e porque dissemos que a honra divina é exterior ou interior, não deixaremos de notar que posto que a Deus agradam todas as cerimónias e sinaes exteriores com que se honra o seu santo nome, tem todavia mui pouco ou nenhum merecimento para com Ele, quando não concorre principalmente a honra interior, a qual consiste na tácita adoração e nos íntimos affectos do coração por virtude dos quaes sente a alma arrancar-se com as asas de devoção do peso terreno e voar a contemplar no Céu a bondade e glória de Deus, a dar-lhe graças dos benefícios recebidos, a pedir-lhe perdão de seus pecados e fazendo-lhe toda a reverência e honra que puder. Este é o mais agradável sacrifício que se Lhe pode fazer e por este brada Ele

– “Filho meu dá-me o teu coração” – e David diz que o sacrifício a Deus é o espírito contristado e lhe oferece o coração contrito e humilhado.

(**Nota lateral** – Sacrifício grato a Deus)

LU. – Grande dom e privilégio tem de Deus aquelas pessoas que com um santo e pio sábio são avisadas de longo tempo a ter cada dia por bom espaço adormentados os membros e, desperto o espírito em tal maneira que desatados do mundo e fora totalmente de si, totalmente se achem nele. Mas está tão enviscada esta nossa alma nos deleites terrenos que são mui raros os que de si só a dispõem para honrar a Deus com esta santa contemplação, de que vem que a mor parte de nós outros louvando, ou escarnecendo a Deus com palavras cheias de fôlego e vazias de devoção, recolhe agora com poeira e merece que se diga o que se disse a um hipócrita: “Que temos o livro na mão, Deus na boca e o Diabo no coração.”

(**Nota lateral** – Acto de hipócrita)

ANÍ. – Mas porque nós temos por instituição cristã muitos modos diversos com os quaes interior e exteriormente se dá honra a Deus, bastará ter tocado este pouco acerca da honra divina, concluindo que todo o saber humano consiste em conhecer e reverenciar a Deus, o qual nos criou para que O louvemos e honremos, não porque Ele tenha necessidade de nossos louvores e de nossas honras, mas porque exercitando-nos neste ofício e levantando-nos do amor da terra para Ele, lhe roguemos se queira fazer participante de suas divinas honras.

LU. – Se não tendes que dizer mais da honra divina, razoemos da humana.

ANÍ. – Assi faremos, considerando primeiro [~~que a natureza, como disse um sábio escritor, fez o extremo no homem~~] que todas as honras que se fazem a Deus, na maneira que dissemos, são apoucadas e nulas em comparação das grandes honras que nos Ele tem feito a nós. Porque não somente nos criou à sua imagem e semelhança dando-nos a alma com suas potências, entendimento e vontade, com todas as virtudes intellectivas e moraes e os sentidos, com todas as propriedades e apertenças de corpo, com a moderação da voz, com a força da fala, mas nos deu para nosso uso e benefício dos céus, os elementos, os rios, os campos, os montes, as árvores, os frutos e todos os animaes da água, da terra e do ar, ajuntando a isto mais os anjos para nossa guarda e serviço. Pelo que com grande razão um santo padre contemplava na alma do homem todas as cousas e outro, preguntado que cousa era o homem, respondeu que era um certo tudo no tudo que é em Deus. O homem, em soma, é um pequeno mundo, e é ãa

perfeitíssima e acabadíssima obra de Deus. É composto de quatro elementos, de terra nos ossos e na carne, da água no sangue, do ar nos ~~[pulmão]~~ bofes, de fogo no coração, assi também os olhos corresponde ao fogo, as orelhas ao ar, o olfacto às aguas, o tacto à terra. Todos os céus se contem também no homem e o seu corpo tem consonância com os planetas e com o céu estrelado, e a alma é templo de Deus e imagem em que contem todas as cousas que estão nele. Mas é porventura para Se calar que Se fez Ele também homem e Se nos deu a Si mesmo, que nos fez receptáculo de Seu santíssimo corpo, que nos deu a inteligência dos altos segredos do Céu, e ultimamente nos faz deificados e ~~[nos deu a posse]~~ dando-nos o poder de nos fazer filhos Seus, e coroados de glória e honra nos fez participantes da immortalidade e da bem-aventurança dos espíritos celestes. Que língua poderá dignamente declamar ou com louvores ou com cânticos taes e tão grandes honras? Que graças se lhe poderão dar, que sacrificios, que incensos, que dádivas, que actos de humildade e de adoração, que obras bastarão para lhe mostrar um pequeno sinal de gratidão?

(Notas laterais – Honra humana / Homem e suas excelências / Homem tudo em tudo)

LU. – Finalmente ele pode dizer de nós o que disse do povo judaico: “Criei e honrei os filhos e eles me desprezaram”. E ~~[pelo contrário]~~ nós podemos dizer que somos mais ingratos que as bestas e verificamos aqueloutras palavras: “O boi conhece seu dono e o asno a manjedoura de seu senhor, mas Israel não me conheceu a my.”

ANÍ. – Muitos ingratos há a Deus e poucos os lembrados de suas mercês, o que se mostra com o exemplo dos dez leprosos que ele sarou, dos quaes um só lhe veio dar graças e os nove se foram sem tão-somente o saudar. Ora deçamos à honra humana de que tão desejosos e cobiçosos somos.

(Nota lateral – Exemplo contra os ingratos)

LU. – Bem a propósito se diz que todos tem muito cuidado da honra mas da honra de Deus nenhum.

ANÍ. – Desta (falo agora da honra exterior) há diversas sortes, entre as quaes tem os louvores, os cantos das poesias, as pinturas, as estátuas, os triunfos, as sepulturas, as coroas, os troféus, as dignidades, os convites, as saudações, as inclinações, os primeiros lugares a dar a rua e outras semelhantes honras que se usam comummente na pessoa grande e ilustre, e a excelência destas honras depende mais da opinião dos homens que da natureza das cousas.

(Nota lateral – Diversidade de honras)

LU. – Primeiro que passeis adiante desejo que me tireis de ãa confusão que me não sei resolver, se convém às pessoas grandes fazer acto de honra e reverência aos inferiores. De ãa parte me parece que se deve fazer, porque se a honra é acto de virtude, razão é que se louve o virtuoso de qualquer estado que seja. Doutra parte considero (como dizem alguns filósofos) que a honra não se deve senão por razão de ãa certa superioridade, pelo que parece que ao inferior se deva mais do útil e ao superior mais da honra.

(Nota lateral – Se o maior deve honrar ao menor)

ANÍ. – Esta dúvida é muy digna do vosso nobre entendimento, mas havemos de considerar que um inferior se pode chamar superior em duas maneiras, ou porque seja mais excelente que ele por respeito de algũa qualidade particular, porque em qualquer pessoa há algũa certa particularidade pola qual outrem o pode ter e estimar por superior, e assi com razão [~~se honram~~] a pessoas particulares honram algũas vezes os reis, não porque eles sejam superiores segundo a ordem de dignidade mas por amor de algũa particular excelência de virtude, e desta maneira vereis o nosso duque e outro príncipe, posto que são raros, honrar particularmente a um poeta, um engenheiro, um pintor e outros peregrinos espíritos. Não nego que aos inferiores não seja devido mais de proveito que de honra, mas todo o proveito que se lhes dá em prémio da virtude, é também honra, e por isto os romanos davam a soldados beneméritos, pelos honrarem, ou armas, ou lugares, ou estendartes, ou vasos, ou cadeias de ouro, ou outra cousa não menos útil que honrosa conforme a suas obras, assi como também aos lutadores que venciam concediam isenção perpétua e vacação de tutoria e curadoria. Mas contudo isto vós vedes nas histórias antigas que os reis, os emperadores e as repúblicas, honrando os inferiores com diferentes sinaes não de proveito algum, mas de honra, somente levantando estátuas não menos a excelentes gramáticos, poetas, oradores, filósofos, músicos, pintores e escultores, que a valerosos capitães e cavaleiros.

(Nota lateral – Costume dos romanos)

LU. – Com me tirardes ãa dúvida, me fizestes levantar outra. Lembra-me que dissestes que um inferior se pode chamar superior por qualquer excelência de virtude, pelo que um rei honra um súbdito, não porque o súbdito lhe seja maior por dignidade mas porque o avanta com qualquer particular excelência. Se isto é verdade como creio, não no será o que dissestes antes, que Deus honra em diferentes modos, porque tudo o que concede

ao homem se pode chamar benefício, mas honra não se pode nem com vontade nem propriamente chamar.

ANÍ. – Respondo-vos que Deus não se há-de medir com a medida dos homens, aos quaes ele do princípio do mundo tem aparelhado o Reino dos céus, mas porque a virtude e nossas obras não são por si bastantes a meter-nos de posse de tanta honra, e nossas paixões não são condignas à futura glória, ele nos tem prevenidos com sua super abundante graça, de tal maneira que na terra e no Céu sejamos sobre o nosso merecimento honrados e exaltados. Chamai vós agora isto benefícios ou honras, como quiserdes, que em todo modo nem estes nem quantos nomes há no mundo bastam a exprimir bastantemente estas graças [~~da terra~~] e aquele celeste e sempiterno triunfo.

LU. – Eu me quieto e vos peço que queiraes continuar o discurso das honras humanas.

ANÍ. – Digo que foi costume dos atenienses coroar os virtuosos cidadãos com dous ramos trocidos de oliveira. E os romanos davam ãa coroa de folhas de azinheira a um capitão ou soldado que salvara a vida a um cidadão na batalha. E ao primeiro que subia sobre os muros dos inimigos se consagrava ãa coroa de ouro com a forma das ameias da muralha. A quem livrara ãa cidade do cerco se dava ãa coroa de [~~relva~~] grama nacida no terreno onde estavam os sitiados. Ao primeiro que entrava no campo dos inimigos se dava ãa coroa de ouro em forma de baluarte. Ao que primeiro na batalha naval se lançava armado no navio do inimigo era apresentada ãa coroa de ouro a figura de ãa nau. A quem conquistava ãa cidade, não por força, mas por amor e por convenção se oferecia ãa coroa de murta como de planta consagrada não a Marte mas a Vénus. Também vós podereis contar outras sortes de honras feitas a pessoas particulares, como as estátuas levantadas pelos atenienses a Bruto e Cássio pela morte de César e as estátuas que se levantaram igualmente aos dous que mataram a Pisístrato, tirano, e a que os mesmos atenienses consagraram ao nome de Demóstenes depois da sua morte com este sobrescrito: “Se iguaes ao engenho, tiveras, ó Demosténes, as forças, não se houvera jamais o Macedónio senhoreado da Grécia”. Nem mais nem menos nos poderia contar as muitas dádivas e aquela preciosa coroa que emperador Domiciano deu a Estatio, e da solene festa que cada ano fazia celebrar Augusto, emperador, no dia do nascimento de Virgílio, que foi a quinze d’Outubro, e a grande clemência que no cume de sua crueldade mostrou Alexandre na cidade de Tebas, o qual tomada aquela força, e tendo mortos noventa mil cidadãos e trinta mil prisioneiros, não salvou nenhũa outra cousa mais que a casa e família de Píndaro por reverência da sua virtude, e se quereis

exemplos mais frescos lembremos as grandes honras e assinaladas cortesias que usou o grande Lourenço de Médicis no Pico de Mirandola, a Marilio Ficino, a Angelo Politiano e a outros que por sua exquisita doutrina eram famosos.

(**Notas laterais** – Atenienses / Romanos / Coroa de azinheira / Coroa de ouro / Coroa de relva / Coroa de murta / Estátuas a Bruto e Cássio / Estátua de Demóstenes / Coroa dada a Estatio / Dia do nascimento de Virgílio / Píndaro / Lourenço de Médicis honrou a muitos virtuosos)

LU. – Esses eram por certo merecedores de diversas honras pela diversidade de suas Letras e pode-se dizer por eles que fizeram violência à natureza, ou que a natureza lhes foi em grande maneira graciosa e liberal, porque a grão pena pode o homem estudioso no curso da vida chegar a excelência não de muitas mas de ãa ciência só e, considerando isto, me lembra que nos devemos e com razão de espantar como de um privilégio do céu do senhor Octavio Magnocavalli, vosso irmão, o qual se na sua profissão de leis faz com viva voz e com seus escritos [~~faz~~] arcar as sobancelhas ao Senado e aos juízes, todavia todo o que com ele pratica fora de seu estudo julga que a ciência de leis é nele a menor parte que tem, e o conversa como teólogo, como filósofo, como poeta e como orador, e provando os efeitos de ãa virtuosa inveja sente ãa infinita doçura misturada de um não sei que amargoso, enquanto ele praticando expeditamente de toda a cousa lhe representa um teatro de engenho, de memória, de gravidade e de eloquência, das quaes graças se maravilham os que o ouvem, da sua singular felicidade dele e das muitas imperfeições deles.

ANÍ. – Ora saí já desse rodeio e deixai a meu irmão que por excesso de amor tendes excessivamente louvado, e pois que largo tempo tendes a prática da cidade de Pavia, discorrei com o pensamento e dareis em um espírito verdadeiramente privilegiado, digo, o conde Afonso Beccaria, que por isto leva mal todo o bem que dele se diz.

LU. – E como?

ANÍ. – Ele é, como sabeis, famoso doctor de leis e tem os primeiros lugares entre os Académicos Afidatos e andam trás seus elegantes e doctos escritos em que tem semeado com docta e artificiosa mão os conceitos de dous PP, digo, de Platão e de Petrarca, e enjeitando a roupa de doctor não se deixa ver senão com simples ferraroulo e, onde se trata de história ou de cousas militares, se mostra um consumado cavaleiro e vassalo não menos de Marte que de Apolo e das musas e contudo isto é tão grande sua modéstia que não sofre que o louvem, e onde são justamente motejados aqueles que cuidando ser

algũa cousa não são nada, merece ele a meu ver esta só reprehensão que sabendo ele tudo queira persuadir não somente a outrem mas também a si que não sabe nada. Ora creiamos-lhe e passemos a outras honras.

LU. – Entre todas as honras que o Senado e povo romano fazia aos homens valerosos, me parece a my que não havia algũa nem mais soberba nem mais famosa que a do triunfo.

(Nota lateral – Triunfo)

ANÍ. – Eu guardava esta para depois de todas as outras como selo e coroa de todas as honras, mas este triunfo não se concedia senão a um emperador que tivesse feito estrago em algum conflito ao menos de cinco mil homens.

LU. – Belíssimo e espantoso espectáculo devia ser aquele carro triunfante tirado de quatro cavalos brancos diante do qual marchavam primeiramente os cavaleiros e cidadãos salvados na batalha e depois os inimigos prisioneiros, os despojos, os cavalos, os elefantes e levado triunfando à Campidolio.

(Nota lateral – Ordem do triunfo)

ANÍ. – Onde deixaes a retaguarda do triunfo? Convém a saber, os soldados, aos quaes era concedido no seguimento do carro poder dizer ao emperador toda a sorte descortesias para que ele em tanta prosperidade se não ensoberbecesse, pelo que ainda é viva a memória daquele mote que dezião os soldados a César triunfante:

“Guardar nossas mulheres ora convém

Que a Roma o calvo adúltero se vem.”

E de trás de Ventídio Basso andavam gritando: “Eis aqui de azemel um cônsul feito”.

(Notas laterais – Mote de César / Mote de Ventídio Basso)

LU. – Estou considerando a grande alegria que deviam ter os poetas vendo-se por seus merecimentos coroar de louro como os emperadores, pelo que disse o Poeta:

“Árvore vitoriosa e triunfal

Honra de emperadores e poetas.”

E desta foi por isso ele coroado em Roma.

(Nota lateral – Petrarca laureado)

ANÍ. – Que a poetas se fizesse tanta honra, não temos de que nos maravilhar, porque a poesia não se alcança nem por fortuna nem por arte mas per inspiração divina, e a sabedoria dos poetas não se deve chamar humana porque suas almas ocupadas e arrebatadas da doçura das musas, saindo fora dos corpos se levantam à inteligência das

cousas divinas e, pronosticando os futuros sucessos instituem nossa vida e temperam de tal modo os affectos humanos com tons de música, que os ânimos feros se adoçam, os tardios se despertam e os tristes se alegram. E por isso vede com quanta maravilha e deleitação se lem os poemas e como facilmente se nos imprimem e difficilmente de nossa memória se arrancam. Sagrados verdadeiramente são os poetas e com razão são chamados intérpretes divinos, e dignamente lhes é consagrada não menos que aos emperadores a coroa de louro, da qual espero que em poucos dias vejamos coroado o senhor Curtio Gonzaga por ~~[meio-de]~~ seu poema heróico que vizinho ao noveno ano está para sair a luz ao mundo.

(**Nota lateral** – Louvores da poesia)

LU. – Entre outros proveitos e honras que se tiram das academias é este um que se vem cada dia desvelar peregrinos engenhos ao som da poesia. Temos aqui os Académicos Ilustrados, mais avante achareis os Afidatos, de Pavia. Decei mais abaixo, eis os Namorados de Mântua e todas estas três nobres esquadras quase à porfia ãa de outra contendem com diversos poemas [à] pela suprema honra: nem deixa nenhum deles de militar debaixo de diversas insígnias, e particularmente o nosso Enlevado tomou um assento entre os Namorados de Mântua com nome de Pensoso e tem novamente saudado aquela Academia com um soneto, no qual tocando aquela empresa que é de ãa águia que se avizinha à espera do Sol e diz assi:

“Espíritos que d’Apolo à clara aurora

Co cabelo de Daphne e sua beldade

O nosso ornaes para a futura idade

Posto que do mortal Terra é senhora

Cuidei num tempo e ainda cuido agora

Se com as obras não, com a vontade

Estes versos sagrar, com humildade

A vosso nome, o qual já nos céus mora.

Mas se do vosso Sol cá não descende

No meu frio peito um raio fervoroso

Que me leve traz se meu pensamento,

Não poderá ninguém com seu intento

E baixo estilo sair onde pretende.

Assi que em vão serei sempre Pensoso.”

ANÍ. – Ora se quisermos agora discorrer por todos os sinaes de honra que os antigos faziam e que nós também fazemos aos poetas e outros virtuosos duvido que se não acabe hoje este nosso razoamento.

LU. – Posto que nem as armas nem as Letras e particularmente a poesia não estem hoje naquele cume de honra em que estiveram já nos tempos passados, não deixa porém o mundo de as estimar e reverenciar com ãas colunas sagradas da grandeza humana. Mas espanto-me muito como é descaída do número das artes liberaes e que ande hoje sem algum preço a poesia muda, quero dizer, a pintura que já foi tão ilustre e famosa.

(**Nota lateral** – Pintura poesia muda)

ANÍ. – Disso não dou eu a culpa à pintura, se não aos pintores, entre os quaes se acham conforme ao dito comum muita gente e poucos homens. E far-me-eis dizer que no dia que daquela mestra mão do único Ambrosio Figino cair o docto pincel, cairá juntamente (e porventura para se não levantar mais) a glória da pintura, a qual toma dele tanto resplendor, quanto recebe de escuridade de outros pintores. Já tereis entendido como está cheia de espanto e de majestade a sua casa pelas maravilhosas obras de que está fermosamente adornada, principalmente pelo retrato daquele sagrado herói, frei Francisco Panigarola, de cuja boca parece que sae seu vivo espírito, e que os que o olham pasmados do misterioso obiculo, estão com curiosidade esperando por ouvir o som de suas doctíssimas palavras, pelo que disse mui bem o senhor Gerardo Borgonhi escrevendo a Figino:

“Que com a viva cor

Lhe pintastes os acentos

Curiosamente

Por maravilha eterna da gente.”

LU. – Disseram que de longas partes concorrem muitas principaes pessoas a Milão por ver estas raras obras.

ANÍ. – Vós não o louvaes muito dizendo isso e lembra-me que dizia Sócrates, do rei Arcelau, que tinha gastado inestimável cópia de dinheiro na fábrica dos seus espaços reaes e em se fazer pintar do famoso Zeusis, mas não tinha gastado nada em se ordenar a si mesmo, pelo que não era maravilha se vinham de longe muitos pa ver os seus paços, e ninguém para o ver a ele. Pois se quereis dar a honra devida ao nosso Figino, dizei e

di-lo-eis com verdade, que assi como os que entram em sua casa, não sabem tirar os olhos daquelas excelentes pinturas, assi não podem apartar o ânimo do excelente pintor, o qual por duas razões é bem digno do título de pintor moral, ãa porque nas suas maravilhosas obras se vem vivamente expressos os sentidos e os costumes das pessoas, a outra porque com o candor de seus próprios costumes e com outras amáveis e virtuosas qualidades arrebatada a todos e se lhe rendem em grande maneira benévolos e graciosos. Mas sigamos o razoamento da honra.

(Nota lateral – Arcelau escarnecido de Sócrates)

LU. – Pois que o sujeito é prazenteiro e honrado, queria que sucintamente me nomeásseis todas as maneiras de honra que se costumam fazer às pessoas grandes e virtuosas.

ANÍ. – Podemos começar dos sinaes de honra que fazem os homens com suas pessoas, como saudações de boca, barretadas, inclinações de cabeça, serviço de [~~joelhos~~] joelhos, beijar de mãos. E primeiramente querem alguns que o homem, encontrando outro homem, deve ou com saudação da boca honrá-lo ou com algum outro sinal por reverência da imagem de Deus, a qual temos dentro de nós mesmos, e outros querem que isto se faça por honra da santa cruz, a qual figuramos com os braços abertos. Esta honra de saudação se dá ou por palavra ou por escrito e contém em si, em sinal de honra e de benevolência, um desejo dalgũa felicidade, tácito ou expresso, e se faz hoje de tão diferentes maneiras que se poderiam escrever grandes volumes somente deste sujeito. Mas de quantas saudações se usam no mundo nenhuma é mais alegre que a que nos ensinou Nosso Senhor que é a da paz.

(Notas laterais – Honra do saudar / Saudação da paz)

LU. – Esta saudação é tão pouco usada hoje entre os seculares quanto é próprio e ordinário de religiosos.

ANÍ. – Antes há alguns seculares que aborrecem este modo de saudação como se conta de uns soldados, aos quaes, dizendo um religioso - “Deus vos dê paz” -, lhe responderam e a vós vos tire as esmolos.

(Nota lateral – Reposta de soldados)

LU. – Fazem acto de boa criança e de cortesia os que trabalham de prevenir os outros nesta honra de saudação e são bem rústicos e descortesios os que sendo saudados não resaúdam, que é ocasião de fazer converter o açúcar em peçonha.

ANÍ. – O paciente Sócrates a quem se fez ãa semelhante descortesia disse muito bem que assi como nos não iramos contra os que do corpo são mais enfermos que nós, assi não havemos [~~de nos~~] desdenhar dos que são mais enfermos do ânimo, mas se não fosse Sócrates não sei eu qual outro filósofo pudesse vencer nisto sua natureza.

(Nota lateral – Dito de Sócrates)

LU. – Que dizeis da saudação per carta?

ANÍ. – Esta saudação se usava entre os antigos de diversas maneiras e se punha na frente das cartas, como Platão escrevendo a Dionísio dizia, “Platão a Dionísio bem fazer”, e porque Dionísio costumava usar em suas cartas esta saudação - “Dionísio a Platão folgar” - ele lhe respondeu que esta saudação não convinha nem a Deus nem aos homens, a Deus porque é um falar contra a natureza divina, a qual é livre de toda a dor e de todo o prazer, aos homens porque o prazer lhes traz pela mor parte dor, dano e outros inconvenientes.

(Notas laterais – Saudação de carta / Platão / Dionísio)

LU. – Parece-me que li não sei onde que um certo Menócrates, médico, não tomava paga algũa dos que sarava, mas queria que lhe promettessem de lhe chamarem Júpiter e entrou em tanta presunção que, escrevendo a el-rei Agesilau, usou destas palavras, “Menócrates Júpiter a Agesilao rei saudação” e Agesilao lhe respondeu, “Agesilao a Menócrates médico saúde”.

(Nota lateral – Médico escarnecido de Agesilao)

ANÍ. – Destas saudações usamos nós agora no fim das cartas, mas o Sumo Pontífice, seguindo o estilo antigo, nos dá no princípio de seus escritos a saúde e apostólica bênção. Os outros príncipes, se põem seus nomes e seus títulos no princípio das cartas, reservam a saudação para o fim.

(Nota lateral – Saudação e bênção dos Pontífices)

LU. – Assi como usavam os antigos no escrever quase sempre um certo e ordinário modo de saudar, assi agora os espanhoes, os franceses e os nossos italianos folgam de pescar novas maneiras de saudações, porque uns vedes que acabam a carta com desejo de saúde, outros de alegria, outros de guarda da pessoa e da família, um de acrecentamento do Estado e outros da graça de Deus.

ANÍ. – Esta última saudação com seu resplendor escurece a claridade de [~~todas~~] essoutras todas.

LU. – Destas sortes de honra e das outras que propusestes me parece a my mui liberal e querençosa a nação francesa, porque não somente entre pessoas nobres, mas também entre as de baixo estado usam destas honras com muita graça e honram-se particularmente entre os homens e mulheres com beijo na face e isto com tanta honestidade quanto é dificultoso de crer às outras nações.

(Nota lateral – Franceses liberais no saudar)

ANÍ. – Não sabeis que este costume trouxe sua origem de França?

LU. – O que eu sei é que até o tempo dos romanos os homens beijavam as mulheres parentas suas, mas isto faziam-no por se certificarem se tinham bebido vinho que lhes era proibido, o que apontando um santo Doctor: “Guarda-te”, disse, “de cheirar a vinho para que não te diga o filósofo, isto não é beijar, é dar de beber”. Outros dizem que o beijo se introduziu primeiro das mulheres troianas, as quaes, depois de sua larga navegação, chegadas a Itália, acordaram em ausência de seus maridos de queimar as naus por não sofrerem mais as incomodidades do mar e temendo depois a ira e desdém dos maridos, lhes saíram ao encontro e com a doçura e novidade do beijo os aplacaram.

(Notas laterais – Origem do beijo / Mulheres troianas)

ANÍ. – O beijo traz mais alta e mais antiga origem porque se acha memória dele entre nossos primeiros padres, com Jacob que beijou na boca a sua parenta Raquel. Veio depois de tempo em tempo seguindo-se este costume e Judas, com fingido beijo, mostrou de honrar aquele Seu, antes Nosso, Mestre e Senhor, que havia de vender, mas foi com tão grande resguardo observado este costume dos romanos, que não se beijavam as mulheres de má fama, tendo-as por incapazes e indignas de tanta honra.

(Notas laterais – Beijo de Jacob / De Judas)

LU. – Tudo isso que dizeis redundando em defesa e honra dos franceses, os quaes nem são louvados nem repreendidos deste seu costume, da outra gente, e alguns tem comentado este uso. Quanto a my, eu attribuo o seu beijo a ãa criança muito cortesã por respeito do lugar e do tempo que eles guardam nesta sorte de honra, porque não somente nas casas quanto ao lugar, mas nas ruas, nas praças e nas igrejas usam liberalmente o beijo e aos que lhe parece mal e repreendem respondem eles que são dinos de repreensão os que o fazem nos cantos e lugares indecentes porque quem mal faz tem em ódio a luz, e quanto ao tempo, não se usa entre eles o beijo se não oportunamente e com ocasião ou de apartamento ou de torna viagem, e em certos folgares e festas suas e outros públicos espectáculos.

ANÍ. – A malícia dos homens tem chegado a tanto que em algũas partes se perdeu este beijo público entre os amigos e se guardou somente entre parentes. Mas convém lembrar primeiramente a estes escrupulosos que não querem crer a alguns filósofos que afirmam que as almas se ajuntam virtuosamente com a atadura deste honestíssimo beijo, e se não querem crer aos cabalistas, os quaes deziã que sem o beijo nos não podemos unir com as cousas celestiaes nem com Deus, o qual beijo não pode ter lugar se primeiro a morte não desfaz o corpo, o qual nos tem apartado da verdadeira união e do beijo, porque queriam confrontar as cousas celestiaes com nossa almas, o que Júlio Camilo diz que notou Salomão quando disse: “Beija-me com o beijo da tua boca”. Digo que se não querem crer estes, deverão ao menos a Cristo, Nosso Salvador, o qual nos deixou na terra o beijo em sinal de paz, com o qual ele beijava aos que o saudavam e este é o beijo de que São Paulo diz: “Saudai-vos uns aos outros com beijo santo”. E o beijo na divina escritura nenhũa outra coisa significa que caridade, união e paz. Com este beijo mostramos que estamos unidos com o corpo de Cristo por cujo meio se seguiu a paz no céu e na terra. Este é o beijo com que se beijam dous inimigos reconciliados, como se lê de Jacob e de Esaú. Com este se beijam os doctores nas cerimónias do doctorato. Com este se beija a paz na igreja. Com este o sacerdote beija o altar e o Livro dos Sagrados Evangelhos. Se agora os ignorantes e suspeitosos querem dar ruim interpretação a honestíssima cortesia dos franceses deixemo-los viver com sua opinião e façamos nós peor deles.

(Nota lateral – Beijo usado por Cristo, Nosso Senhor)

LU. – A este propósito diz o espanhol: “Cuida o ladrão que todos são de sua condição”.

(Nota lateral – Provérbio)

ANÍ. – Passemos ao beijo das mãos que tanto é hoje em uso.

LU. – Eu creio que este costume veio dos espanhoes, os quaes vendo que a honra de “Vossa Mercê” era muito familiar até andar entre officiaes, introduziram a “senhoria” por honra dos cavaleiros e pelo mesmo modo, vendo que dizer “me recomendo” era muito vulgar, acharam esta nova saudação de beijar as mãos.

(Nota lateral – Beijo das mãos)

ANÍ. – Bem pode ser que o beijar de mãos por palavra e por carta seja invenção dos espanhoes, mas o acto de beijar a mão com a boca foi costume até o tempo dos romanos, entre os quaes quando algum emperador alcançava vitória de seus inimigos [~~em sinal de reverência~~] corriam os soldados a beijar-lhe a mão vitoriosa em sinal de

reverência e se beijava a parte exterior. E partindo Catão Uticense do governo de ãa província, os soldados pelo honrar estendiam por terra as próprias vestiduras por onde passava e lhe beijavam as mãos. Acho mais que entre os antigos estava posta na mão direita ãa certa religião e por isso se dava e se dá hoje em sinal de fé, mas como se não usava naquele tempo beijar as mãos senão aos emperadores, assi veio agora a ser tão comum esta cerimónia em Espanha e em Itália, que não se houve outra coisa por palavra e por escrito que o beijar as mãos, pelo que creio que seja verdade o que disse o bispo de Mondonhedo que há mais de dez que se oferecem a beijar mãos a alguns que mais queriam [~~vê-las~~] ver cortadas que beijadas.

(Nota lateral – Catão Uticense)

LU. – Este beijo anda tão propositado à honra que quem dá algũa cousa a beija primeiro e também a beija o que a recebe ou antes que a receba beija a própria mão, e querendo tocar a mão doutrem beijamos primeiro a nossa, e quando não podemos por estarmos algum tanto afastados beijar a mão doutrem, beijamos, olhando para ele, a nossa mão, mostrando desejo de beijar a sua.

ANÍ. – Também nos lembramos das mulheres de Príamo, as quaes, devendo pela ruína de Tróia desamparar o paço real, beijavam (amargosamente chorando) as portas. Falemos agora do beijo das vestiduras em sinal de honra e reverência.

LU. – Grande abuso me parece, quando bem o considero, este beijar de mãos e de vestidos a toda sorte de pessoas, o qual acto assi como é conveniente aos religiosos e aos príncipes, assi mostra indecência e escárnio para com nosso iguaes.

ANÍ. – Tendes razão mas estes e outros abusos houve sempre e sempre os haverá entre os homens, pela vizinhança que entre si tem feita a rainha Soberba e sua criada a Adulação. Também houve alguns emperadores que não contentes de lhes beijarem as mãos, queriam que lhe beijassem o joelho, por maior reverência, e esta honra veio depois com o tempo descendo aos pés e o soberbo Diocleciano quis e mandou por édito público que toda sorte de pessoa se inclinasse em terra e lhe beijassem os pés, os quaes, porque fossem mais reverenciados, calçava com sapatos guarnecidos com ouro, pérolas e pedras preciosas.

(Nota lateral – Beijo de pés)

LU. – Grande soberba mostravam nisto os reis de Pérsia e lembra-me haver lido que um certo embaixador dos tebanos, presentando-se diante de um rei, deixou de pensado cair um anel junto a seus pés, e ajoelhando-se o tomou, e com este acto [Falta] sibológico

deu que cuidar ao rei se se ajoelh[~~ou~~]ara para tomar o anel, [~~ou~~] se por lhe fazer reverência.

(**Nota lateral** – Aviso de um embaixador)

ANÍ. – O que havemos de louvar agora acerca da reformation de honras e das cerimónias é que a nossa religião tem com muita razão reservado com o exemplo da Magdalena o beijo dos pés somente a Cristo e ao seu vigairo na terra. E pois que fizemos menção da terra, podemos ajuntar o beijo da terra, do qual [~~se~~] usou Junio Bruto a outro fim, havemos de crer que fosse introduzido para humilhar nossa alteza e não somente para reconhecemos que somos terra e em terra nos havemos de tornar, mas para mostrar maior humildade e reverência para com Deus, mas o beijo dos pés do Sumo Pontífice e o beijo da terra, e o beijo das imagens e das santas relíquias, e aquele que deu Ester no cume da verga real se devem de contar entre as honras que se dão a Deus.

(**Notas laterais** – Magdalena / Beijo da terra)

LU. – Com me fazeres menção do beijo da terra me fizestes lembrar o exemplo de César, o qual, sendo passado o exército em África, em saindo da nau caiu em terra, de que espantados os soldados tomaram sinistro agouro, mas ele sem nenhum temor, dando a entender que voluntariamente se havia inclinado beijando a terra disse: “Eu te tenho, ó África”. E logo com alegre vulto e confiado se levantou e os soldados tornaram a cobrar seu primeiro vigor.

(**Nota lateral** – César caído em terra)

ANÍ. – Se o exemplo de César é prazenteiro, podemos chamar ridículo aquele de Diógenes, o qual, vendo ãa [~~velhinha~~] velhinha ajoelhada no templo com a boca em terra, de maneira que os fatos de detrás eram algum tanto alevantados, lhe perguntou se cria estava Deus em todo lugar e respondendo ela, “De Júpiter são cheias todas as cousas”, lhe disse, “Guarda-te logo que enquanto choras [~~de~~] per ãa parte não o desonres [~~de~~] por outra”.

(**Nota lateral** – Diógenes e seu dito)

LU. – Pois que falamos da cortesia dos franceses, não havemos de deixar de tratar do particular costume de suas mulheres, as quaes se no passear pelas ruas as saúdam de quem quer que seja logo param e com um gracioso e humilde mesura, alegremente e com majestade, o resaúdam, e não fazem somente isto, mas no mesmo ponto abaixam em mor sinal de honra a máscara de seda com que costumam trazer o rosto coberto. E o

nosso Enlevado me disse que na sua volta da corte de França, aonde foi enviado do duque por alguns negócios, tomou licença da rainha mãe, a qual achou que andava passeando em meio de dous cardeaes, e em se presentando diante dela, tirou logo a agulha da cabeça em que estava pregada a máscara e, abaixando-a, se lhe mostrou com a face toda descoberta e não a tornou a abrir até a que se partiu. Ora do reino de França e de suas cortesias passemos a Constantinopla e falemos também dos costumes dos turcos, os quaes por mor honra quando se partem da presença de seu senhor, ou de outro, não lhe voltam as costas, mas vão andando para trás como os carangueijos, a qual sorte de honra não sei como se possa louvar.

(**Notas laterais** – Mulheres francesas / Costume dos turcos)

ANÍ. – Este costume não o tomaram, que eu saiba, de algũa outra nação e por isso se pode chamar bem turquesco e bárbaro, e posto que eles o atribuam a criança e a honra, contudo nós o devemos ter por escarneio, porque como a natureza nos pôs os olhos na face porque nos sirvam de [~~sentinela~~] luz e guia para andar adiante, parece-me que os que caminham com passos retrógrados fazem acto contrário à natureza e se semelham a cavalos [~~restivos~~] revelões e assi esta honra é maior turquesca e monstruosa que cristã e natural, pelo que a estimo por digna de ser [~~bendita~~] reprovada e que se deixe aos turcos.

LU. – Assaz temos dito da honra que se faz com a saudação, à qual segue a honra da inclinação, que se faz não somente com a cabeça, mas com ejoelhar o joelho ou direito ou esquerdo ou ambos de dous, que nisto querem alguns que se faça distinção.

ANÍ. – Esta distinção não se guarda hoje tão compridamente, há se de advertir que aos príncipes temporaes se faz a reverência com o joelho esquerdo porque tem o domínio sobre a parte inferior, que é o corpo, e aos prelados se faz reverência com o direito, porque senhoreiam a parte principal, que é a alma, mas a Deus se ajoelham ambos os joelhos porque é senhor dos corpos e das almas e lhes dá ou bem-aventurança no Céu ou pena no inferno.

(**Nota lateral** – Distinção do [~~Falta~~] dos giolhos)

LU. – A esta espécie de honra se poderá ajuntar a que se faz às pessoas, com lhes sair ao encontro, com os acompanhar, dar-lhe a rua, a precedência, os primeiros assentos, das quaes honras foi muito liberal ou pródigo Dionísio, tirano, para com Platão, a cuja vinda em Sicília saiu a encontrar até à nau e o recolheu no seu coche de quatro cavalos brancos, e servindo-o de cocheiro o levou com muita alegria ao seu paço.

(**Nota lateral** – Dar a rua / Dionísio carreteiro de Platão)

ANÍ. – Parece-me que o cocheiro, honrando a Platão, desonrava o rei, mas a honra que se faz no dar da rua se usou não somente em tempo dos romanos mas doutras nações, e temos particularmente o exemplo de Temístocles, menino, o qual, encontrando Pisístrato, tirano, foi advertido de seu aio que se retirasse e lhe deu caminho, e o menino respondeu: “Diz-me, não lhe basta esta estrada?”

(**Nota lateral** – Mote de Temístocles, menino)

LU. – Nesta sorte de honra me parece que se guardam diferentes estilos, porque em algũas partes quando dous caminham juntos, o que quer honrar ao outro lhe dá a mão direita, e ele vai à sua esquerda, mas em outros lugares, no andar ao longo da rua sem mão direita nem esquerda se deixa sempre ao honrado o lugar vizinho à parede e o honorante fica no meio da rua.

ANÍ. – Esta diversidade acho também nos antigos e posto que os romanos e também os egípcios estimassem mais a honra da mão direita, era contudo diferente o costume de Ciro, rei de Pérsia, o qual, querendo honrar seus convidados, os fazia assentar a sua mão esquerda como vizinha do coração e mais fácil a treições que a direita e por isso a tinha por mais estimada e honrada.

(**Nota lateral** – Ciro rei)

LU. – Não é assi para com Deus, o qual tem seu bento filho à mão direita, cuja soberana justiça no dia do extremo juízo, lançando os danados para a parte esquerda, porá os escolhidos à direita.

ANÍ. – Bem dissestes, mas quanto às honras humanas parece-me que não temos mais que dizer senão que no dar lugar ou à direita ou à esquerda guardemos aquele vulgar dito: “Por onde quer que fores faz como vires”.

(**Nota lateral** – Provérbio)

LU. – Hoje em Itália quem quer dar princípio a algũa briga toma a rua a seu inimigo fazendo-se-lhe contradicho, o qual, por lhe não dar ventagem e por se não deixar tratar como inferior, procura com as armas vingar sua honra.

ANÍ. – Não quero que passemos aqueloutra sorte de honra que em algũas partes se costuma fazer às pessoas grandes quando se encontram, a qual é se um gentil-homem a cavalo humilhando-se a um príncipe se apeia de presto por reverência, e esta honra se fazia em Roma à dignidade dos cônsules, o que particularmente se declara com a história de Fábio Máximo, o qual vindo a encontrar-se com seu filho, cônsul, não se

quis apear por provar se seu filho lho mandava, como o fez com muito seu louvor e gosto de seu pai.

(Nota lateral – Apear-se do cavalo por cortesia)

LU. – Quando examino bem a natureza dos homens parece-me que vejo que a maior parte, sem medir seus merecimentos, aspira com ânsia e ambição, às primeiras honras e aos primeiros lugares e de má vontade querem ver outros acima de si.

ANÍ. – Todos esses ou não tem lido ou lhes não caiu em graça aquela sentença de Agesilao – “Que o lugar não honra as pessoas, mas as pessoas ao lugar” –, se como notou Arístipo, quando o fizeram assentar no derradeiro assento à mesa.

(Nota lateral – Dito de Agesilau)

LU. – Estou cuidando que a invenção das távolas redondas, e assi o creio, foi introduzida dos judescos, não somente para mais comodidade e para as viandas dos convidados, mas também para se tirarem ocasiões de primeiros assentos sobre os quaes tenho já visto algũas vezes [~~alterações~~] mudarem-se as cores do rosto.

(Nota lateral – Távolas redondas)

ANÍ. – Não fez isso já um gentil-homem virtuoso, o qual sendo manco de um lado e havendo de cear em companhia de outros cinco gentis-homens, e recusando cada um deles por cortesia o primeiro assento em cabeceira de mesa, foi-se assentar o primeiro, e ele escolheu o último assento, e dizendo-lhe um dos convidados que tomasse o outro lugar mais acima lhe respondeu, “O sexto assento só toca ao trocheo”, o que disse argutamente e com riso de todos porque assi como o trocheo consta de duas sílabas ãa longa e outra breve, assi tinha ele as pernas, e no verso hexâmetro não pode ter o trocheo outro lugar que o sexto, e assi quis inferir que a ele mais legitimamente que aos outros convidados lhe convinha o sexto e último lugar da mesa.

(Nota lateral – Mote engenhoso)

LU. – Que dizeis agora da honra que se faz em acompanhara outrem?

(Nota lateral – Acompanhar)

ANÍ. – Esta honra se faz com diversas ocasiões como no sair que fazem de nossa casa os amigos, os quaes acompanhamos até a porta, ou por alegria quando acompanhamos esposados, ou por tristeza como aconteceu a Catão, ao qual, sendo levado preso por mandado de César, acompanhou todo o Senado. Mas eu vejo que seria fazer-se um grande discurso se o houvéssemos de tratar dos outros modos com que se honram as pessoas, como o estarem em pé por honrar os que se assentam, como passear connosco

igualmente os que queremos honrar mais, de deixar a outrem assento vizinho à parede e alongar o nosso daquele, ou dar-lhe um assento cómodo e tomar para nós qualquer banco desarmado e sem encosto, de nomear primeiro um que outro segundo seu merecimento, e deixar falar primeiro a pessoa que queremos honrar, como se vê nos conselhos e ajuntamentos de pessoas discretas.

LU. – Os médicos usam diferente modo nos seus colégios, porque o mais moço é o primeiro a votar.

ANÍ. – Nos conselhos e nos magistrados está sempre um príncipe ou ãa cabeça, o qual, com suprema autoridade, representa a pessoa do príncipe e faz assentar os mais dignos junto de sua pessoa e pede primeiro os seus votos, mas no colégio dos médicos, não havendo quem represente a dignidade pública, se guarde que os mancebos médicos como menos dignos falem primeiro e remetam seus votos ao juízo e autoridade dos mais velhos [~~os~~ ~~quaes~~] e com o seu último parecer se aprovam ou reprovam os primeiros votos.

LU. – Agora me lembra que entre os religiosos, os mais dignos ficam de trás em suas procissões, contra o estilo dos seculares, entre os quaes os mais honrados precedem, e que é porventura porque devendo o prelado ser acompanhado do príncipe e do magistrado parece razão que os seculares mais honrados vão a par dos mais honrados religiosos.

ANÍ. – Antes havemos de dizer que neste acto não carece de mistério porque o prelado se entrepõe entre o clero precedente e o pouco que o segue, como medianeiro constituído entre Deus e os homens, e há se de considerar que entre os religiosos costumam no coro e nas procissões [~~naõ~~] irem detrás os mais antigos para dar a entender que a saudação vem a quem se abaixa e se humilha.

(Nota lateral – Mistério das procissões)

LU. – Agradam-me essas interpretações, mas agora me lembra que entre os seculares também precedem algũas vezes os menos dignos e muitas vezes os príncipes mandam ir diante parte dos seus, e eles vão no meio.

ANÍ. – Com razão porque o lugar do meio é mais seguro e é também mais honrado, porque a Deus apraz assi, o qual pôs a mais nobre parte do homem que é o coração no meio de todos seus membros e assinalou o meio à virtude que está posta entre os extremos, e por isso passeando três pessoas juntas se dá o meio a aquela que mais queremos honrar.

(Nota lateral – Coração e virtude estão no meio)

LU. – Dezia um que [~~todas as cousas~~] não começavam sempre todas as cousas do princípio e que algũas há que começam do meio, como o livro de Dante que começa:

“No meio do caminho de nossa vida”

E dezia mais que ele havia começado do meio como de parte mais honrada.

(Nota lateral – Mote prazenteiro)

ANÍ. – Pois que chegamos a zombar, digo também que toda a regra tem sua exceção, porque assi como dormindo três pessoas em um leito o lugar do meio é mais honrado de Inverno, assi é menos digno de Verão, e a honra se retira as bordas, e desta doutrina se ensinam conhecer duas honras ãa quente e outra [~~fresea~~] fria.

LU. – Essa distinção de Verão e de Inverno se faz também no cavalgar por caminho, porque no Inverno, quando as estradas estão cheias de água e lama, o criado vai diante, e o amo detrás, mas de Verão, quando estão cheias de pó, quer ir diante, pelo que nesta matéria se costuma dizer por provérbio, “De Verão diante, de Inverno detrás”, mas comummente se deixa ir diante o criado por mor seguridade e porque se faz o caminho mais fácil e mais tratável, conforme ao que se diz:

“Fazei honra ao companheiro nos maus passos.”

(Nota lateral – Provérbio)

ANÍ. – Vejamos também que por mor honra vão os homens diante das mulheres servindo-as de guias.

LU. – Agora me veio à memória outra sorte de honra introduzida dos modernos no escrever de cartas, nas quaes quanto mor espaço se deixa entre o título e a leitura e quanto mais abaixo se começa a carta, tanto mor honra se faz a quem se escreve e o mesmo estilo se guarda no assinar delas e tanto mais humilde são quanto mais abaixo do papel se põem.

(Nota lateral – Honra no escrever)

ANÍ. – A este propósito, um fidalgo espanhol a quem outro escreveu pedindo-lhe lhe quisesse emprestar os seus machos, porque o título de senhor estava na primeira regra da carta cheio de cólera, se virou ao que lhe trouxe o escrito e mostrando-lhe a carta aberta lhe disse: “Escusai-me com vosso amo que lhe não posso emprestar os meus machos porque os hei mester para me levar este senhor [~~acola acima~~] e mo por em acola encima porque ficou cá [~~em~~] muito abaixo.”

(Nota lateral – Sentimento de um espanhol)

LU. – Desta cerimónia creio que foram inventores os espanhoes e a eles seguiram também os nossos italianos, e é cousa certíssima que nascem muitas vezes inimizades ocultas entre eles quando não vem nas cartas os títulos que pretendem. E também tenho entendido que os alemães fazem grande profissão e tem para si que os honram pouco quando lhes não especificam todos os seus títulos e graus ou de suas jurisdições ou de suas dignidades, e ouvi contar que um príncipe barão, mandado citar do cardeal de Trento, a aparecer diante dele em termos de três dias, não quis aceitar a carta citatória porque não exprimia todas suas preminências, pelo que o cardeal lhe enviou outra carta escrita desta maneira. – “Ao senhor Barão N. com todos seus títulos.” Do qual sobrescrito, posto que algum tanto o barão se deu por escarnecido, vendo todavia que não tinha legítima escusa, foi constrangido a obedecer.

(Nota lateral - Dito prazenteiro do cardeal de Trento)

LU. – Não é digno de repreensão em todo o que quer que se lhe dem todos os seus devidos títulos, mas é bem digno dela o ambicioso, que quer ser mais honrado do que merece, e se a outros seus iguaes se dá o título de muito magnífico ele quer o de ilustre.

LU. – Não há muito tempo que ãa pessoa principal, vindo diante dele um cidadão mal práctico que, no sobrescrito de ãa carta lhe deu dous títulos, ilustre e muito magnífico, lhe disse avisadamente que não queria dele tantos títulos, e vindo ocasião para lhe escrever que não passasse o título de ilustre porque este lhe bastava e não queria mais. Ora nesta cerimónia de cartas tenho advertido que os mais avisados por se conservarem as amizades e fugir ódios usam de liberalidade nos sobrescritos e nas subscrições fazendo-se iguaes aos inferiores, e inferiores aos iguaes, e com esta generosa humildade se obrigam uns a outros.

ANÍ. – Estes são avisados por ãa parte e por outra não, são de bom entendimento usando de subscrições liberaes, mas não os chamo avisados nem de bom entendimento quando são muito liberaes nos sobrescritos.

LU. – Porque razão viestes a dar nesta distinção?

ANÍ. – Por esta, que nas subscrições usam de liberalidade daquilo que é seu, pelo que podem honestamente fazer-se inferior a um igual e subscrever-se, servidor, e com esta cortesia aquirem mor graça e benevolência, assi como pelo contrário ser escasso de humildade gera ódio e conheço eu um gentil-homem que não pode jamais digerir a cólera contra outro, o qual havendo-lhe ele posto servidor, se subscreveu o outro na reposta como irmão. Mas os que são liberaes nos sobrescritos dão o que não é seu e

roubando aos homens ilustres seu título, o transferem em pessoa de um magnífico e, com isto, persuadindo-se ganhar amizade daquele tiram para si ódio de muitos interessados e brevemente digo que aquela se chama humildade e esta injustiça ou escarneo, semelhante a aquele de que usa o Zani nas comédias com Fachino, chamando-o senhor Fachino. Mas assi como é injustiça ilustrar um magnífico ou sobreilustrar um ilustre com o título [~~de~~] de ilustríssimo, ou ilustríssimo com o título de excelentíssimo, assi é injustiça e soberba mesturada com inveja negar, como já temos dito, a cada um o título que se lhe deve.

LU. – Desta injustiça e soberba fez grande sentimento um duque, o qual, tendo universalmente título de Sereníssimo e de Alteza e vendo que outro duque em conversação lhe não falava nem por Alteza nem por Excelência, senão por ela e aquela, saindo um dia ambos do paço, o outro lhe disse, “Ela passe”, e passando respondeu, “Pois que V. S. mo manda, obedecerei”.

(Nota lateral – Sentimento de um duque)

ANÍ. – Tanta razão teve esse duque de negar àquele a Excelência, quanta sem razão o outro de negar a este Alteza.

LU. – Não obstante as razões já ditas, eu estou na minha opinião que não se pode cometer erro em honrar abundantemente as pessoas ou o mereçam ou não, porque doutra maneira se seguirão mil queixas e ódios. Vós haveis de saber que segundo o estilo comum os senhores de feudos nobres e antigos pretendem o título de ilustre e não menos vedes que em um mesmo castelo, posto que todos os companheiros sejam iguaes no sangue e posto que estreitos parentes, a um mais que a outro pode constranger a fome a fazer algũa cousa baixa e indecente ao estado nobre, de modo que a par dos outros parecerá um corvo a par de cisnes, mas quando lhe faltarão as forças nos bens de fortuna, tanto lhe crecerá a alteza no corpo, pelo que se escrevendo-se-lhe lhe não ilustrardes sua escuridade, não deixa a vingança a seus filhos, mas subitamente respondendo-vos por desprezo vos dá um ruim título que nem é para um vosso moço, e por isso vos disse ãa vez e outra, e o confirmo agora com a terceira, que é necessário fugir a ocasião de escrever a semelhantes pessoas, ou escrevendo-lhes, dar-lhes largas cortesias, por se não receber de sua soberba o que se não quer.

ANÍ. – Vós segundo isso quereis seguir aquele vulgar dito: “Honra ao bom porque te honre, e ao mau porque te não desonre.”

(Nota lateral – Provérbio)

LU. – Eu não honraria já os ruins quanto eu, como o pobre francês que por sua desdita caiu nas mãos de ladrões salteadores e gritou-lhes, “Senhores assassinares, peço-vos que me façaes mercê”, mas queria honrar e falar sempre a quem me pudesse ajudar e calar o que me pudesse empecer.

ANÍ. – A honra que a outrem se dá sem o merecer não é honra é escarneo que torna em desonra do honorante, mas saiamos destes títulos e destes incorrigíveis abusos dos quaes se poderia fazer um mui grande razoamento.

LU. – Ao menos digamos isto que os títulos se não devem de pôr entre bens firmes porque de tempo em tempo se vão transferindo de ãa pessoa em outra. Vemos que de pouco para cá aos duques se dá o título de sereníssimo e se lhes fala por alteza, porque renunciaram a excelência aos marqueses e os marqueses, não se querendo servir mais da senhoria ilustríssima, deram-na como panos velhos aos barões e aos condes e estes, despiando a libré de muito ilustre, foram contentes de a dar aos conselheiros dos príncipes, os quaes fizeram manda do ilustre aos gentis-homens e os gentis-homens logo lançaram na lama o muito magnífico, pelo que os mercadores correram a apanhá-lo e, deixando o título de magnífico, eis os cirurgiães e notários o apropriaram a si e remeteram o simples senhor aos oficiaes mecânicos e estes, envergonhando-se do título de mestres, o deixaram ao algoz e lhe fizeram doação dele irrevogável. E pela memória me veio agora o abuso de alguns príncipes que, estimando em pouco o título de nobre, o dão aos que não são nobres.

ANÍ. – E o Pontífice, pelo contrário, estimando-o muito honra aos príncipes com título de nobre. Mas deixando estas honras titulares, venhamos às que se fazem com viva voz e por carta, como louvores ou contos de boca ou escritos em prosa e em verso, a qual honra quando se faz dignamente sobrepuja todas as outras honras que a respeito deste são sombra, ventos e fumo, porque aqueles facilmente desaparecem e este está sempre vivo e sempiterno, mas da honra e da imortalidade que se alcança das penas dos escritores não façamos por hora mais larga prática.

LU. – Em efeito os escritores triunfam da morte e fazem triunfar as pessoas que meritamente louvam em seus escritos, nem saberei bem julgar qual seja maior honra ou a que Homero e Virgílio fizeram a Aquiles e a Eneias, ou a que eles ganharam para si mesmos escrevendo deles. E tão gloriosos e bem-aventurados são os escritores e os que eles com seus escritos engrandecem e immortalizam, como o significou um nosso

Académico, o qual em um soneto sobre os versos de Petrarca que lhe deu ãa senhora disse estas palavras:

“Õa senhora mos deu com vista tal
Que parecia dizer-me,
Gasta o tempo aqui e deste aprende
A te fazer sábio a ti e a my imortal.”

Como pelo contrário mesquinhos e desventurados são aqueles cuja memória com sua morte se apaga, dos quaes é verdadeiro símbolo a enguia, que despois de morta não anda sobre a água como os outros peixes.

(**Nota lateral** – Enguia, símbolo dos que morrem sem memória)

ANÍ. – Grande louvor merecia o povo romano porque em honra das pessoas beneméritas, não somente concedia que se levantassem estátuas e se pusessem em público seus retratos, mas como um amicíssimo hino viador testi~~monha~~ficava suas virtudes, com decretos e públicas testemunhas, dos quaes se lem ainda hoje alguns em Roma e se acham muitos nos livros de varões doutos e curiosos de antiguidades.

(**Nota lateral** – Costume dos romanos)

LU. – Eu chamo ditoso e glorioso todo aquele que não somentes vê, mas ouve falar de seu nome e de suas obras em todas as partes do mundo a um docto e honrado escritor, digo honrado e docto porque me lembra que entendendo Alexandre Magno que um certo poeta grosseiro chamado Céciclo tinha escrito [~~suas façanhas~~] seus feitos respondeu: “Eu queria ser mais Térsites escrito por Homero que Aquiles ou Heitor por este.”

(**Notas laterais** – Dito de Alexandre / Foi Térsites o mais feio homem de todos os gregos e tão desprezível que Aquiles o matou com ãa punhada que lhe deu)

ANÍ. – Contudo isto não se devem de favorecer os pobres poetas senão são muito excelentes em sua arte, mas fazer como Sila, o qual a um poeta goffo mandou dar um prêmio com protestaão porém que não escrevesse mais. Mas este intendito se houvera de intimar a um poeta moderno, o qual namorando-se em um dia de São Roque começou um livro de sua poesia neste modo:

“No dia que se faz a festa ao Divo
Que na sua coxa tem o bruto mal
Eu que dos mortaes era o mais jovial
Qual Saturno fiquei contemplativo.”

(Nota lateral – Silas)

LU. – Que versos para fazer esmoer um corpo! Mas singular foi a benevolência do [Pontífice] Papa Nicolau Quinto para com os poetas, ao qual, sendo-lhe dito que em Roma havia alguns que faziam bons versos, respondeu que não eram bons e disse mais porque não recorrem a my que favoreço também os ruins poetas!

(Nota lateral – Nicolau V gravoso aos poetas)

ANÍ. – O Papa devia fazer mercê a estes pelos fazer calar e parece-me que semelhantes versistas merecem que os desenganem, como foi um ruim tangedor de [cítara] cítara, o qual vendo da sua janela a Demosténes bater-lhe à porta, cuidando que queria ouvir a música, correu a abrir-lhe e com alegre rosto lhe disse que entrasse, ao qual Demosténes respondeu: “Eu entrarei, mas deixai-vos primeiro a cítara”. Ora quão grande é o contentamento do que vê sua virtude nobremente escrita, tanto maior dor é daquele que, vendo seus vícios escritos com ãa tinta que jamais se apaga, sente vivendo sua morte e sua infâmia e daqui podemos coligir a quanto perigo se põe quem escandaliza um escritor e quão grande bem é conservado por amigo.

(Nota lateral – Dito de Demosténes)

LU. – Por isso não fazem acto [nobile] nobre semelhantes escritores e porventura que se arrependam de que seria melhor calar que falando ofender pelo que lhes acontece o que diz o Lírico:

“Tal cuida em cousa fraca meter dente

O que em dura o quebra e com dor se arrepende.”

ANÍ. – Também calando ofendem, como claramente mostrou muitos anos [ilegível] fosse quem fosse em certos versos nos quaes louvava grandemente os príncipes de Itália e suas particulares empresas e deixou fora um só dos mais poderosos, como se não fora nacido ao mundo, ou não merecesse de ser nomeado com honra entre os outros príncipes, com o qual artifício mostrou que também com calar se fala, se morde, se pica e se crucifica.

LU. – Esse poeta usou quase a mesma maneira com aquele príncipe em o não querer louvar que usou um mal dizente ateuista para com Deus com o não querer blasfemar, pelo que na sua morte se lhe fez esta pasquinada por epitáfio:

“Aqui jaz morto aquele amargo tosco

Que em vida de todos sempre mal disse

Verdade é que de Deus nunca mal disse

Que se escusou dizendo io no l'conosco.”

(**Nota lateral** – Pasquim por epitáfio)

ANÍ. – Não menos artificiosa invenção me parece que foi aquela do autor daqueles dous versos dedicados a um príncipe:

“Louvor, não engano, virtude, não riqueza,
Merecimento, não sorte, te fazem nosso duque.”

Os quaes versos escritos na dita forma tem aparência de louvor, mas virando-os e tomando as palavras com ordem retrógrado, representam ao revés vitupério:

“Duque nosso te fazem sorte, não merecimento,
Riqueza, não virtude, engano, não louvor.”

(**Nota lateral** – Versos retrógrados / [ilegível])

LU. – Esse autor devia de tirar essa sorte de poesia do número 29 dos contadores, o qual virado com os pés para cima se converte no número 62. Mas em resolução é acto desonrado e perigoso de querer em palavra ou em carta, ou com claridade ou com escuridade, motejar outrem, ou vivo ou morto, porque em fim se tira um cravo com o outro, como fez aquele cavaleiro romano, o qual a um que murmurava publicamente dele lhe disse em presença de testemunhas: “Eu não sei como é isto que fazendo eu profissão de dizer sempre bem de ti e tu de dizeres sempre mal de my, ambos mentimos mui grande mentira.” Ora consideremos quanto mais grave cousa e perigoso excesso seja dizer mal dos príncipes, os quaes tem os braços compridos.

(**Nota lateral** – [Frase em latim ilegível])

LU. – A my me parece que deles, quando se vem ao indivíduo, não se deve falar senão com honra e reverência, deixando ao Príncipe dos príncipes o juízo de suas acções deles.

ANÍ. – O meu parecer é que se deve fugir quanto puder ser ocasião de falar nomeadamente de algum príncipe, não digo mal, mas nem bem. Sabeis porque pode acontecer que qualquer velhaquinho por se meter na graça do príncipe ou de seus ministros empeçonhente as boas iguarias, e tudo o que tendes dito de honra desse príncipe o refira como dito ironicamente e por escarneo e o interprete ou com malícia ou com ignorância a seu modo, e se isto vos não dá pena logo, ao menos ficaes posto no livro dos devedores secretos e deixando chocar a galinha se espera o tempo dos pintainhos.

LU. – Não me despraz essa vossa consideração mas se é grão pecado murmurar dos vivos, tenho por impiedade murmurar dos mortos.

ANÍ. – Esse é grande excesso acompanhado de vileza porque, segundo o provérbio, é pelar a barba ao leão morto e os que fazem profissão disso merecem que lhes dem em rosto com o geroglífico da hiena, o qual animal é tão cobiçoso de carne humana que abre até as sepulturas e se farta de corpos mortos. Nem deixemos de dizer aqui o grande mal que fazem os que buscam a glória manchada de sangue, quero dizer, aqueles escritores que buscam alcançar fama com reprimir agramente os escritos doutrem como fez Arquíloco, poeta, em cuja sepultura se esculpiram algúas vespas em sinal de sua peçonhenta língua. Mas tempo seja que ponhamos fim a este discurso das honras que se fazem somente em testemunho de virtude e sigamos o discurso daquelas honras as quaes, além de darem testemunho de virtude, trazem ornamento ao honrado com título distinto de algum grau ou dignidade.

(**Notas laterais** – Provérbio / Hiena, símbolo dos que [Falta] os mortos / Arquíloco mordaz)

LU. – Quaes honras tendes vós por maiores estas ou aquelas?

ANÍ. – Por maiores tenho as honras das dignidades e dos magistrados que todas as outras de que já falamos.

(**Nota lateral** – A honra dos magistrados avançam às outras)

LU. – A my parece tudo o contrário e folgaria mais (quando eu merecesse) de ver em consagrada ãa estátua ao meu nome, ou de ser honrado de algum gentil escritor, ou de ter no seio um testimonio do meu príncipe ou de outro de algũa assinalada obra minha, que se tivera o título de prelado ou de governador de ãa cidade.

ANÍ. – Que razão vos move a isso?

LU. – Eu vos direi não que razão, mas que razões me movem e são três. A primeira é ver que as dignidades se dão muitas vezes a homens viciosos os quaes saltando, como dizem, do remo ao tribunal, são honrados e acatados por respeito de quem lhas dá, mas as pessoas particulares são honradas por sua própria e manifesta virtude. A segunda é considerar que as dignidades podem ser restringidas a certo tempo e as outras honras são perpétuas. A terceira é saber que as dignidades ao mais trazem o proveito junto consigo ao qual tem inclinado o ânimo, os quaes aceitam, pelo que se vem a diminuir ãa grande parte da honra, mas as outras honras se fazem sem útil nenhum e os que as

aceitam se contentam somente como testemunho de sua virtude e daquela glória que disso se lhe segue.

(**Nota lateral** – Provérbio)

ANÍ. – Essas três razões não me tiram da minha contrária opinião, a qual tem este fundamento - Que onde há mor ocasião dali se segue mor efeito - e se assi é, maior honra de todas será a do magistrado porque as outras honras são simples, nem tem origem senão da virtude do honrado, mas o magistrado é dobrada honra, porque depende não somente da virtude dele, mas da virtude e da pessoa do príncipe a qual ele representa e pela qual é principalmente honrado, porque se vos eu proponho por exemplo a Fábio, ditador, vós vereis nele duas pessoas e honrá-lo-eis não como Fábio, homem particular e cavaleiro de grande valor, mas como ditador e supremo magistrado do povo romano, de maneira que receberá de vós dobrada honra. Venho agora às razões que trouxestes em contrário e quanto à primeira, que a dignidade se dá muitas vezes a homens viciosos, respondo que o mesmo acontece às outras honras, porque se acham alguns ambiçosos, os quaes, tendo recurso a algum príncipe avaro, trazem por dinheiro certos privilégios de nobreza e de cavalaria envoltos no manto das obras virtuosas. Outros dispõem com o preço a um mendigante poeta, a outro mentiroso historiador a levá-lo voando com suas penas às estrelas e polos injustamente entre os homens virtuosos e honrados. Vedes aqui como o mesmo inconveniente pode haver cá que lá. A segunda razão - que as dignidades são movíveis e a tempo e a outras honras perpétuas - não vos respondo nem digo mais senão que quando o mesmo Fábio sair da ditadura não deixará de ser honrado assi por sua própria virtude como pela memória da dignidade [~~sustentada~~] por ele virtuosamente sustentada. Pelo que é tão perpétua a honra do magistrado, como são perpétuas as outras honras que vós nomeastes. Ou também quando algum invejoso vos levasse ou tirasse a estátua e vos queimasse o testimonio do príncipe e todos os livros consagrados à vossa honra, não séríeis mais honrado. E isto basta para segunda razão. A terceira - que a honra do magistrado se diminui pelo proveito que traz consigo - respondo que o proveito e as provisões que se dão aos officiaes e ministros não avilentam, mas mais presto engrandecem a honra porque as provisões se lhes dão não tanto porque recebam o prémio de sua ciência e virtude, quanto porque possam dignamente sustentar seu grau e a reputação do príncipe e portanto concorrendo neles a virtude própria e a dignidade e a magnificência ficam mais amplamente honrados.

(Nota lateral – Magistrado é dobrada honra)

LU. – Não vos há-de desprazer de que eu me atravessasse algũa vez às vossas propostas, porque disto nace dous proveitos: um a vós pela ocasião que vos dou de descobrires mais claramente a alteza de vosso entendimento, outro a my pelas trevas e névoa que me tiraes dos olhos da mesma maneira que Minerva fazia a Diomedes.

ANÍ. – Muito me apraz que me [~~façaes~~] ponhaes estes engenhosos contrastes, não porque veja nacer nem em vós nem em my estes efeitos que dizeis, mas porque com modéstia me fazeis lembrar que porventura me atribuo muito a my razoando convosco e que eu não somente faço officio de Minerva, mas que mostro de querer ensinar a Minerva.

LU. – Tão longe estais vós do merecimento de receberdes esta imputação, quanto eu estou de cuidar que vo-la dou. Mas seguirei o meu estilo e direi que sendo a honra testemunho da virtude e não sendo o homem vicioso digno de honra, erram todos aqueles que dão honra a um príncipe, a um juiz e aos conselheiros que são de má vida, o que me parece que se conforma com o que diz o Sábio: “Que tão indecente é a glória no tolo como a neve no estio.”

ANÍ. – Antes [~~seria~~] errará todo o homem que por sua má vida deixar de os honrar, porque algũas pessoas há que em todas as maneiras é devida honra e reverência não por a própria virtude sua mas pela de outrem, e por isso merecem honra os príncipes e prelados, posto que viciosos, enquanto representam a pessoa de Deus e do povo a que são superiores, e com a mesma razão se honram todos os religiosos e ruins ministros por respeito do príncipe em cujo lugar estão constituídos, e honra-se o pai e a mãe pela participação da dignidade de Deus, o qual é pai e senhor de todos; e os velhos por sinal da virtude que há na velhice, não obstante que em alguns deles falte [~~a-virtude~~], honram-se os casados porque o matrimónio traz consigo dignidade, e honram-se também os ricos não por causa de suas riquezas, mas pela estima que em comum está o lugar que tem. E por isso todos estes (sejam quantos maus quiserem) hão-se-de honrar ao menos exteriormente, posto que sejam desonrados na tácita opinião de todos.

(Nota lateral – Honram-se pai e mãe, os velhos, os casados e os ricos)

LU. – Pregunto-vos agora se sou obrigado a honrar a um que me fizer um benefício se não for virtuoso.

ANÍ. – Antes será virtuoso se ele fizer benefício a virtuosos semelhantes a vós e vós sereis obrigado a o honrar não somente por virtuoso, mas também pelo benefício porque

Júpiter alojou entre as estrelas a cabra que lhe deu leite para nos ensinar a honrar os que nos fazem boas obras. Ora prossigamos, se vos parece, o discurso que começamos sobre as honras dos magistrados.

(**Nota lateral** – Cabra entre as estrelas)

LU. – Porque se soe dizer que três cousas são comumente as que desejam os homens, poder, riquezas e honra, eu digo que porventura se há-de saber se é lícito desejar e procurar esta honra dos magistrados e as outras também.

ANÍ. – Se acerca desta matéria tendes alguma dúvida a vós toca dizerdes-me em que a fundaes.

LU. – Sempre tive para my que é mais vitupério e infâmia que louvor e reputação procurar semelhantes honras, porque o que os procura levado de um vão desejo mais de parecer que de ser e sem considerar quão alegre, deleitosa e quieta seja a vida solitária, faz seu coração [~~vazio~~] falso de humildade e em senhor de soberba o levanta a pensamentos de dignidades, e se as busca mete-se a perigo de ãa amargoso rechaço pela qual se lestes as histórias achareis muitos mortos de paixão, e se acaso as alcança, subitamente à sua custa entende que elas ou são cheias de trabalhos e fadigas, ou estão subpostas à censura e taxa mordaz do povo, ou padecem enveja de competidores, ou finalmente recebem a desgraça do príncipe, privação do ofício dos bens da honra e da vida, em lugar de prémio. Considerai bem o estado dos homens que estão postos em semelhantes honras, os quaes pela maior parte em entrando no magistrado com ãa falsa e em mascarada humanidade se apresentam doces e afabiles a todos, mas em brevíssimo tempo com o sereno do céu de inverno mudam [~~a face~~] o rosto e tornam-se uns nevoeiros e dão-se logo a novos costumes, pelo que transportados de ãa desenfreada vanglória, procuram não de ajudar, mas de sobre estar, e reputando-se por melhores porque se vem superiores, não estimam já os amigos velhos, [~~enriçam os pescoços~~] enteiriçam o pescoço, [~~vão, andam~~] encadarroados, cospem longe, são enfadonhos a todos, e [~~perdendo~~] perdendo a criança e cortesia:

“Botam arredomas e palavras de [~~seis~~] pés e meio.”

Nem dão outro sinal de si que de inchação e insolência e quando acontece, o que é bem raro, que vos olham com bom rosto, podeis tornar para casa mui contente e escrever no vosso livro de memórias aquele dito, “O leão tem riso”, e finalmente estes esquecidos do temor de Deus fazem cousas injustas mais fáceis de cuidar que de exprimir. Mas se alguns por caso se acham que mantendo a natural e antiga [~~honra~~] bondade sustentam

direitamente o seu grau, eis os coitados pelos celos da fama e do crédito se consomem em contínuos trabalhos e vigílias e, sem gostar de comer nem de repouso algum, tem o coração perturbado com mil inquietações, pelo que perdida a cor natural, oprimidos os espíritos, as forças debilitadas, são constrangidos com antecipada morte desemparar ante tempo os filhos e a família. De que claramente se vê quão amargo e sem sabor é o pão dos magistrados, e com quanta razão chamou o outro, quem quer que foi, cepos d'ouro às dignidades e honras do mundo. As quaes cousas, bem examinadas de Quintilio, de Cincinato, de Sila e de outros cavaleiros romanos, foram causa que depois que tornaram a ditadura, não menos que se tomaram ãa serpe na mão, logo a depuseram e se mostraram mais fáceis a recusar e enjeitar honras que aceitá-las. Daqui vem que preguntado Crisipo porque não governava a república respondeu: “Porque se a governar mal descontentarei a Deus, e se a governar [~~mal~~] bem descontentarei aos homens”. Com o mesmo reconhecimento deixou Cipião o governo [~~manejo~~] da república e se retirou à vida solitária. Deixou Diocleciano o império e, amoestado dos amigos que o quisesse outra vez tomar, respondeu que se eles vissem a ordem das ervas que ele por sua mão tinha plantado na sua horta, não o persuadiriam a isso, dando a entender que queria antepor a bem-aventurança dos hortelãos à dos emperadores. Deixou Pedro, rei de Inglaterra, o seu reino e se foi a viver e morrer como privatíssimo homem a Roma em humilde e santa pobreza. Ajuntemos a isto o exemplo daquele prefeito de sacro palácio, chamado Simile, o qual, tendo perseverado naquele ofício em serviço do Papa Adriano por espaço de muitos anos, finalmente cansado e farto e arrependido de tão longo erro, depôs voluntariamente a prefectura depois da qual viveu sete anos em liberdade, e parecendo-lhe que a verdadeira vida fosse e só aquela dos sete anos, ordenou que depois de morto lhe fosse posto em sua sepultura este epitáfio:

“De Simile estão aqui os ossos enterrados
Que a larga e madura idade chegou
Mas sós sete anos viveu.”

E assi como estes se arrependeram de seus erros, havemos de considerar quão dura cousa seja de pôr um magistrado possuído largo tempo e quantos haverá destes, os quaes cheios de sobeja alegria e de contínua soberba tem dado ocasião aos escritores de os comparar a meninos, os quaes de má vontade se põem sobre um cavalo mas depois de subidos não querem descer até que não caiam, assi estes, depois que com fadigas e cuidados tem alcançado as dignidades, não as querem deixar até que elas os não

arruinem, e basta nomear o considerável Seiano, cuja soberba pôde tanto que os mesmos que o costumavam de ver com a coroa na cabeça e de o acompanhar como a senhor, o acompanharam depois como escravo fugitivo à prisão à qual foi por sentença do Senado condenado a ignominiosa morte. Mas se este pagou com razão a pena de sua maldade não há-de que se ressentir. A piedade nos deve mover o exemplo do Camilo, de Cipião e de outros valerosos heroes que em recompensa de serviços feitos à república e dos cargos virtuosamente exercitados foram vergonhosamente desterrados. Andai agora, ó desaventurados homens, desatinadamente procurando as dignidades e honras e vereis que ou a própria consciência, ou falsas acusações e calúnias doutrem, vos farão sentir na alma um contínuo caramelo por temor de algum desastre pelo que ou sejaes em vosso ofício mansos cordeiros ou lobos roazes, igual merecimento tereis. Não vos cegue tanto o desejo desta precipitada honra que não vos deixe ler e escrever no coração aquela sentença - “Que todo [~~alteza~~] o lugar alto está próximo à ruína”- e que vos não lembreis que muitos grandes se vem cheios de medo e poucos ditosos e que Pitágoras vos amoesta que vos guardeis das famas. Por isso não sejaes pescadores de dignidades porque tirando por vós, vos levarão ao fundo. Aquele oficial mesquinho a quem o emperador Alexandre Severo mandou atar a um pau e o fez morrer ao fumo de lenha verde vos sirva de lembrança que não é outra cousa esta honra da terra, só fumo que cega os olhos, embaraça o entendimento, ofusca os sentidos, suja inúteis. As honras bem empregadas [~~trazem~~] são benefício universal pa conservação da paz, pa administração da justiça, para favor de bons, para castigo de maus, para guarda das leis divinas e humanas. As honras são um preciosíssimo dom de príncipes, testemunho de virtudes, escada da grandeza, mesinha da pobreza, remédio contra as injúrias, fonte de alegria, mar de consolações, porto de bem-aventurança, sustentação da vida e triunfo da morte. Justo é logo o desejo da honra e legítimo prémio, como já disse, da virtude, a qual perderia suas forças e estaria caída enferma se do espírito da honra não fosse sustentada, pelo que disse bem um poeta:

“Quem seguirá a virtude se lhe tiras o prémio?”

Aquele Hércules, tebano, não fora com tantos monstros afrontado, nem sofrera tantos trabalhos se não fora tão levado da esperança de honra e glória. Bem podia a rainha Semiramis, como mulher, viver deliciosamente, mas o desejo de imortalidade de seu nome a dispôs a mentir o sexo varonil, ajuntar grandes exércitos e a sofrer [~~varonilmente~~] valerosamente muitos trabalhos e perigos. Sem este prémio, não se

houveram afadigado, nem nos deixaram de seu nome memória perpétua com o valor das Letras e das armas Homero, Virgílio, Demosténes, Túlio, Aníbal, Alexandre, César, Pompeu e mil outros espíritos divinos. Assaz maior força e maior império tem nos ânimos generosos a honra e a glória que o ouro e a prata e todas as outras felicidades juntas. Bem mostrou com grande proveito e merecimento seu a sereníssima senhoria de Veneza naquela guerra contra os genoveses quando por último esforço fez um édito “que fossem incorporados entre os nobres trinta famílias dos plebeus que mais se [~~assenhalassem~~] assinalassem naquela guerra”, da qual glória se incitou e encendeu tanto toda a cidade, que alguns subitamente aprestaram naus à sua custa, outros desembolsaram grandes somas de dinheiro, outros saíram com seus próprios filhos e famílias aos maiores perigos, [~~pele~~] de que (eis aqui o efeito da honra) resultou ãa felice e memorável vitória, e foram registados trinta daqueles mais valerosos cidadãos e seus herdeiros nas famílias nobres, não ficando sem prémio conforme seus merecimentos todos os outros que generosamente se houverão no serviço da república. Logo a honra é um agudíssimo estímulo que felicemente dispõe os mortaes à immortalidade. E por isso que cousas não fazem, não digo só homens particulares, mas os mesmos príncipes, pelo desejo de honra! Se se tiram de sua quietação, se se abstem de suas delícias, se se privam de seus próprios cómodos, se se alongam de suas próprias terras, não se curam das injúrias do tempo e alegremente consagram a vida aos trabalhos, aos estudos, aos descómodos, aos perigos assi da alma como do corpo, e por quem, senão pela honra? A honra é o alvo adonde endereçam o pensamento todos os sublimados engenhos. Na honra se mantem. À honra antepõem a vida. Pela honra não fogem à morte, e em suma, nenhũa outra cousa os refreia do mal, nenhũa outra cousa o espõe ao bem que:

“Temor de infâmia e só desejo de honra.”

Bem-aventurado é logo todo aquele que dignamente aspira à honra, mais bem-aventurado o que a alcança, muito mais bem-aventurado o que a conserva até à morte, depois da qual se alcança outra melhor vida. Estava o sepulcro de Aquiles todo carregado de plantas do amaranto, cuja cor purpúrea nem de Inverno nem de Verão se seca, nem por qualquer outro acidente crece menos, o que não significa nenhũa outra cousa senão que a honra dos valerosos heróis se conserva perpétua e imortal. Sede vós agora contente que com vossa licença diga eu aos mortaes por vós e em vosso nome que sigam a direito caminho da honra, e que tudo o que em seu vitupério dissestes foi mais

por mostrardes quão frutuoso seja no campo estéril o vosso engenho, que por lhe tirar um ponto de seu valor.

(**Notas laterais** – Projcit ampullas ex sesguipedalia verba / Provérbio / Reposta de Crisipo / Cipião; Diocleciano / Pedro, rei de Inglaterra / Símile / Epitáfio / Magistrados semelhantes a meninos / Seiano / Camilo degradado / Dito / Provérbio de Pitágoras / Hércules / Semiramis / Poeta / Capitães / Exemplo dos venezeanos / Sepulcro de Aquiles)

LU. – Eu estimarei muito poder com minha honra retratar o que disse se me desatardes ãa dificuldade que neste ponto se me representou e é que se a honra é desejável polas muitas e eficazes razões que apontastes, parece ao menos que se não deve em modo algum ou desejar ou buscar por esta só razão, a qual é que a Deus somente se deve a honra e glória, pelo que desejando o homem honra faz cousa injusta e ofende a Deus.

ANÍ. – É verdade que ao homem é lícito desejar a honra como prémio da sua virtude, mas porque de todas nossas obras e de todos nossas prosperidades somos obrigados dar honra e glória a Deus, de aqui vem que somentes a Deus convém a honra como a autor e causa de todos os bens. Não o diz São Paulo: “Que cousa tens tu que não recebesses de Deus?” Esta sentença toca o pulso aos soberbos e não gloriosos, de que o mundo está tão cheio que quase todos cuidamos ou que temos mais do que temos, ou que o que temos cuidamos que o temos por nossas obras ou por a felicidade de nosso engenho. Do primeiro verso nos advertiu um velho ateniense, o qual, depois de haver subido ãa escada, sentindo-se cansado e oprimido do fôlego disse: “Eu sou semelhante a todos os outros cidadãos que assopram muito e valem pouco”. Do segundo, novamente o exemplo de um douto que se estava noites e dias ao sereno, nem queria de nenhũa maneira entrar em casa nem comer nem beber, dizendo que isso tentava o céu e que se acaso se bulisse, cairia o céu e por isso se hão-de ter por doudos os que atribuem tudo a si mesmos, e não reconhecem a Deus, nem se lembram da fábula da fonte, a qual vendo que o rio se gloriava por dele naciã os peixes e os homens recebiam infinitas comodidades e benefícios, não correu mais [~~pelo que~~] e se veio a secar em breve tempo o rio.

(**Notas laterais** – Dito de um ateniense / Fábula)

LU. – Este vitio da vanglória dificultosamente se vence porque assi como todos os outros males nãcem do mal, assi este só nasce do bem, quero dizer, das boas obras, de

maneira que quanto mais o queremos refrear, tanto mais se esforça e vem a gastar as boas obras como a traça que gasta os vestidos.

(**Nota lateral** – Vanglória nace do bem)

ANÍ. – Este excesso tem tentado até os filósofos e acha-se que um mancebo avisado disse a um filósofo, “Quero provar se és verdadeiro filósofo e começou a dizer-lhe mil descortesias, as quaes sofrendo-as, ele disse ao mancebo, “Parece-te agora que sou filósofo”, ao que respondeu o mancebo, “pareceras-mo se te calaras”, querendo dar a entender nisto que não é verdadeiro filósofo o que busca vanglória de sua paciência, e aqui nasceu aquele provérbio: “se souberes calar serás filósofo”. Mas poucos há no mundo que não apregoem suas boas obras e não folguem de as ouvir em boca alheia, não obstante que Nosso Senhor nos [~~ensenhou~~] ensinou claramente fugir a vanglória, quando disse a o leproso já sarado: “Guarda-te de o dizer a alguém”.

LU. – Assaz contente estou do que dissestes e aprovo que é justo o desejo de honra e que as dignidades são causa de louváveis efeitos mas vem-me à memória algũas pessoas que na contenda da virtude e no desejo de prevalecer aos outros virtuosos vão-se levar do meio aos extremos.

(**Notas laterais** – Mote contra um filósofo não glorioso; [~~Fábula~~] Provérbio)

ANÍ. – De menino aprendi a fábula do cranguejo, o qual desafiando a raposa a correr, e deixando-a ir um pouco diante se lhe pegou no cabo e chegando ela ao termo assinado se virou para trás para ver onde ficava o cranguejo e naquele voltar dela, ficou o caranguejo diante e [~~ficou~~] foi vencedor. Quem quiserá logo, como o cranguejo, preceder com engano [~~passando do meio ao extremo mas não se poderá dizer~~] se pode com razão dizer que ele não passa do meio ao extremo, o que se não poderá dizer do que pretende vencer com a virtude e não com engano, antes dificultosamente a virtude se exercitaria ou não seriam os homens solícitos a possuí-la com vantagem, se não houvera estímulos de contenda e um desejo certo de se não deixar preceder dos que estão diante e de se não deixar emparelhar dos que ficam atrás, como bem disse um poeta:

“Mais ligeiramente o cavalo corre

Se outro cavalo o segue e outro o precede.”

E por isso vedes com quanto juízo e com quanto fruto se use nas escolas de gramática de fazer preceder os meninos uns aos outros de mão em mão conforme o engenho de cada um, a qual honra muitas vezes os estimula mais a aprender do que a força ou a

diligência do mestre. Mas que digo eu dos meninos! Não tem os estados todos assi o eclesiástico como o secular e assi o militar como o civil diferentes graus pelos quaes se vão as pessoas subindo segundo seus merecimentos? Um simples clérigo pode com sua virtude subir ao sumo Pontificado, um pobre soldado pode subir ao grau de capitão, um vil bacharel pode alcançar o título de chanceler mor. O quanto se avilanaria a virtude e quanto perderiam os homens de seu vigor e merecimento se sem distinção de graus foram todos iguaes! Justo é logo o desejo não somente de alcançar honra, mas de aspirar à excelência da primeira honra.

(Nota lateral – Fábula)

LU. – Pois que quereis que seja justo o desejo de prevalecer e de ser maior que os outros virtuosos, dir-vos-ei que foi justo o desejo de César que não queria sofrer superior, nem Pompeu sofrer igual.

(Notas laterais – César não queria superior / Pompeu não queria igual)

ANÍ. – Justa é a contenda da maioria quando se refere a outrem e quando se procura alcançar por meio da virtude e sem ofender a ninguém, mas não foi justa a que houve entre César e Pompeu, os quaes, usurpando a autoridade e o juízo do Senado e ao povo romano, despertaram contra as leis aquela guerra civil mais em dano da república que em seu proveito deles, pelo que se não pode dizer outra cousa deles senão que foram ambiçosos e que ambos pagaram com arrebatada e cruel morte a pena de tão grave excesso. E em resolução vos digo que o virtuoso trabalha de preceder virtuosamente sem desejar o mal e sem invejar o bem d’outrem, o que não faz o vicioso, no qual reina tanta enveja, que estimando muito a sua excelência olha com olho torto a seus iguaes porque trabalham de se lhe igualar, e os seus inferiores porque se lhe não iguaem, e os seus superiores porque se não pode igualar com eles.

LU. – Pois que falamos de César vos pergunto se foi honesto o seu desejo quando disse que queria mais ser o primeiro na vila que o segundo em Roma.

ANÍ. – Não o podia ser este desejo em César por sua mui notória ambição porque aspirava a ser sempre em todas as cousas conforme ao vulgar dito “ou César ou nada”, o que posto que se conhece pelo sinal que ele deu no dia em que se havia de criar em Roma Pontífice Máximo, a qual dignidade tinha proposto (não obstante a competência de outros) de subir ou por ãa via ou por outra, pelo que acompanhando-o sua mãe até à porta lhe disse, “Hoje, ó mãe, vós me tereis ou Pontífice Máximo ou foragido”, ~~mas~~ contudo que fosse injusto o desejo de César, não deixarei de dizer que este desejo pode

ser honesto noutrem, posto que poucos se achem no mundo tão remissos e pusilânimes que não se sintam levantar-se-lhes o espírito com alegria de ver que se lhe dá o prémio logo, e conheço eu alguns gentis-homens mais humildes que altivos, os quaes com o provérbio consentem “Que é melhor cabeça de lagartixa que cabo de dragão”, e lembra-me que ouvi contar a um gentil-homem assaz gracioso que nunca estava mais alegre e contente e inchado como no dia em que se vai da sua herdade a alguma igreja do campo, onde não vão à missa senão certos rústicos, os quaes quando ele entra na igreja subitamente se cossem todos com a parede e fazendo-lhe caminho pelo meio da porta até o altar se lhe ajoelham com reverência e espanto, e lhe deixam ao redor grande espaço de terra vazia, nem há quem se atreva a chegar-se-lhe e se guarda um continuo silêncio, e o cura, acabada a missa, se vira para ele e lhe dá os bons dias, e toda aquela multidão ao sair de novo se lhe inclina de modo que ele saudando-os com gravidade se torna para a sua herdade cheio de uma oculta glória que dura per um quarto de hora e lhes faz crer naquele prato que é um grande mestre.

(Notas laterais – Provérbio / Dito de César a sua mãe / Provérbio)

LU. – Com este exemplo me fazeis lembrar daquela roda que introduziu um certo poeta por escarneo de um personage, o qual em sua terra era tido por homem de grande doutrina, mas depois que se foi a Pádua foi tido por ignorante e por isso este poeta pôs de uma parte muitas cabeças de asnos pintadas ao redor da extremidade da roda e no meio uma cabeça de homem que figurava aquele fuão no meio de seus súbditos, e da outra parte pintou ao redor muitas cabeças de homens e no meio uma cabeça de asno que o representava posto em Pádua entre muitos excelentes e raros espíritos.

ANÍ. – Graciosa invenção.

LU. – Que dizeis agora das grandes e capitaes inimizades que nacam entre príncipes por razão das precedências.

ANÍ. – Meter pacificamente no peito do emperador o julgar semelhantes precedências é cousa honesta, porque aqui não se trata somente da reputação dos príncipes entre os quaes há contenda, mas da de seus predecessores e sucessores, cujas razões são obrigados a manter enquanto puderem.

(Nota lateral – Precedência de príncipes)

LU. – Lembra-me que el-rei Anrique, o Segundo, de França vendo a discórdia de dous embaixadores que residiam na sua corte, e temendo que sucedesse alguma desordem usava desta discrição, que não os convidava a ambos juntos a uma mesma cerimónia, mas

~~[deixando ficar um deles em casa]~~ mandava chamar ora um ora outro com tal aviso que ambos ficassem satisfeitos.

(Nota lateral – Aviso del-rei Anrique II de França)

ANÍ. – Folgo de saber esse prudentíssimo acto e digno de um tão grande rei.

LU. – Que haja contendas e ciúmes entre um príncipe e outro, entre um fidalgo e outro, quando são de diversas famílias, não me maravilho, mas muito fora de razão e da natureza me parece quando isto acontece entre o pai e o filho, o que nos mostra o exemplo de Pedro Celso gentil-homem venezeano, o qual, ocupado de um grande excesso de soberba e de inveja, não se queria encontrar com ~~[o senhor]~~ Lourenço, seu filho, Doge, por lhe não fazer o acatamento devido, persuadindo-se que sendo velho e pessoa de muito valor não lhe convinha humilhar-se a um filho, pelo que ordenou a Senhoria de Veneza que o Doge trouxesse na testa sobre o barrete ãa cruz d’ouro para que o pai velho se inclinasse e se não fosse por respeito dele ao menos o fizesse por reverência da cruz a qual daquele tempo até agora usam sempre trazer os sucessores de aquela suprema dignidade.

(Nota lateral – Os Doges venezeanos trazem cruz na gorra)

ANÍ. – Se ele se entristecia de se humilhar ao Doge com pensamento de desprezar aquela dignidade pecava de injustiça e de soberba, mas não se pode crer isto porque ele sempre dava a honra devida aos antecessores, mas se ele fugia a ocasião de se lhe humilhar por paixão e vergonha de não ter chegado nunca à aquela dignidade, pode-se dizer que fosse tocado de ãa honesta e louvável inveja.

LU. – Merecerá louvor essa inveja se Celso a tivesse para com pessoas não conjuntas, mas tendo-a para com o próprio filho, me parece cousa digna de vitupério, sendo tão fora de natureza que o pai inveje a honra ao filho quanto natural é buscar-lha e procurar-lha e assi como tem razão o filho que se esforça de avançar a grandeza do pai, assi faz mal o pai que não pode sofrer a superioridade do grau em seu filho.

ANÍ. – Não tenhaes dúvida de que o pai invejoso da grandeza do filho acusa tacitamente a si mesmo e dá sinal que o filho não chegou a aquela dignidade por sua indústria, da qual antes se devia de alegrar e atribuí-la a sua própria glória considerando que tanto mais digna é a causa quanto mor é o efeito. Ao exemplo deste gentil-homem, vos quero ajuntar outro do ~~[senhor]~~ Bernardo Tasso, o qual vendo que que Torquato, seu filho, ia cada dia mais ganhando crédito de maior poeta que ele, senão pôde ter que não ~~[lhe saíssem pela boca]~~ soltasse estas palavras, falando comigo: “Meu filho de

doutrina me levará vantagem, mas na [~~doçura~~] brandura não me chegará nunca.” E porque vos não pareçam estranhos estes dous exemplos, nos resolveremos neste modo que o pai naturalmente se contenta e se alegra de ver que o seu filho ponha o pé diante nas profissões em que não concorrem ambos, pelo que vereis um pai secular e gentil-homem particular alegrar-se sem nenhum sinal de inveja, se o filho é ou bispo ou cardeal ou Papa, mas é cousa também natural que [~~ele~~] se entristeça não por causa do filho, mas por causa de si mesmo quando se vê inferior a ele na mesma profissão. A razão da diferença é esta, que vendo-se superior na profissão diversa da sua, não tem para que se entristecer de algum seu próprio defeito, antes se persuade que se caminhar pela mesma estrada do filho, chegará também [~~ele~~] facilmente ao mesmo ponto, mas quando o vê superior na mesma profissão tem algũa razão de se entristecer porque pode o mundo deitar juízos que venha isto por sua culpa e que ele não tenha doutrina e valor igual à de seu filho, ou não trabalhou e se afadigou tão varonilmente como fez o filho, e que em suma neste contraste se deixasse vencer e que quase com vergonha lhe convenha dar ao filho a primeira honra. E assi poderemos absolver estes dous pais da imputação da soberba.

(**Notas laterais** – Bernardo Tasso / Torquato Tasso)

LU. – E que direis vós agora do estranho humor de ãa gentil dona que indo pola rua igualmente com sua filha mão por mão, a não quis deixar ir diante de si conforme ao estilo de nossa terra, alegando que a sua casa era mais ilustre em sangue que a de seu marido?

ANÍ. – Porventura que quis ela inferir que posto que o marido e a mulher [~~são~~] sejam ãa mesma carne, são porém de dous sangues, mas quem sabe que levar a filha par a par não contenha um vão e secreto desejo de que fosse tida antes por irmã que por mãe. Ora tornemos ao nosso primeiro [~~sinal~~] ponto e para que possamos ter mais perfeito conhecimento dos meios justos com os quaes se deseja e se alcança a honra e a excelência, deçamos às distinções e digamos que a virtude, como [~~bem~~] sabeis, consiste no meio e o vício corre ao [~~ilegível~~], logo a virtude que respeita a verdadeira honra é a magnanimidade, a qual todo o que a [~~tem~~] possui tem razão de desejar a honra e aspirar à dignidade de que é capaz.

(**Nota lateral** – Magnanimidade)

LU. – Aqui está o ponto. E qual é aquele que se não deixe trasportar da presunção de si mesmo no desejo de assaz maior honra do que merece? Não sabeis vós aquele vulgar dito: “Que todo o ruim cão tem [a] seu [~~ra~~] cabo.”

(**Nota lateral** – Provérbio)

ANÍ. – Por isso dissemos no princípio de nosso razoamento que sendo a virtude o fundamento da honra, é necessário entre outras virtudes alcançar o conhecimento de si mesmo sem o qual muitos se enganam e em vez de aquistar nome de magnânimos passam ao extremo e se fazem ambiçosos e são como se se mostrassem com o dedo da qualidade dos fariseus, os quaes se querem assentar nas sinagogas nos primeiros assentos e estar acima dos outros nos banquetes e ser saudados pelas praças e chamados rabis de todos. Mas estes ambiçosos quando aspiram a qualquer dignidade logo os vedes cheios de um contínuo temor e de ãa humildade fingida frequentar as casas dos primazes e poderosos e visitar, acompanhar e apresentar ãa cousa e outra, e costumam ser graciosos no aspecto, nas palavras e nos gestos e, fazendo-se servidor a todos, nem cessam jamais com suas [~~does~~-palavras] solícitas práticas até que não cheguem ou por ãa via ou por outra a sua desejada intenção, e sabem tão artificiosamente esconder sua secreta tristeza que se não pode dizer deles como já disse o cabrito:

“Pelas gretas vejo que sois lobo.”

E não tem tão depressa posto o pé no estribo como fazem conhecer quão verdadeira seja que as honras mudam os costumes e de brancos se fazem negros, pelo que lhes acontece o que aos meninos, a que mui bem os comparastes, porque em fim caem do cavalo e estampam na terra ãa sempiterna memória da sua vergonhosa ruína e também se podem comparar a meninos por outra razão, porque assi como os meninos no Verão andam correndo ora para cá ora para acolá para tomar os passarinhos que voam sobre eles, e olhando para o céu caem em terra, assi os ambiçosos aspirando às honras que estão sobre eles, quero dizer, sobre os seus merecimentos, incorrem em vitupério e perdem a honra. Este efeito temos claramente figurado na fábula de Ícaro, o qual, não querendo obedecer a seu pai que o advertiu que se andasse sempre pela estrada do meio, se levanta à mais quente região do ar onde se lhe derreteram as asas de cera de que se seguiu que:

“Porque com fracas penas mais alto voou

Ícaro, as águas icárias nomeou.”

E por isso bem disse o nosso Poeta:

“A my me parece

Siso não começar muito alta empresa.”

E está escrito também que quem procura de ser mais do que convém, será menos daquilo que é. E se quisermos considerar os erros a que foram guiados os homens pela ambição, não acharemos crueldade em que não caíam. Primeiramente a ambição faça os homens desobedientes a Deus nos mostra o exemplo de nossos primeiros pais que, por este excesso, trouxeram a si mesmos e a todos seus descendentes infinito e irreparável dano. Que a ambição persuada a conjurações e traições, eis Catilina que, por reinar, cometeu esta crueldade contra a pátria. Que a ambição faça conspirar contra o próprio pai, eis Abraão que foi traidor à vida e ao reino de David. Que solicite a homicídios, eis Caim que matou a seu irmão, eis Amalec que, por ser só senhor, matou setenta irmãos e Herodes que tanto estrago fez dos meninos inocentes. Que incite a buscar com preço o que se não pode alcançar com a virtude, eis Simão Mago que quer com dinheiro comprar dos apóstolos o Espírito Santo. Que faça desprezar a própria vida, eis Agripina que no nascimento de Nero, seu filho, entendendo dos astrólogos que seria emperador, mas que havia de matar sua mãe, respondeu alegremente, “Mate-a contanto que seja emperador”. Que a ambição não perdoe à honra do próprio sangue, eis um rei de Egipto que, não tendo modo para acabar a fábrica começada daquela grande e famosa pirâmide, vendeu as carnes e a honra de sua fermosa filha. Que gere vaidades e doudices, eis Anone, cartaginês que, tendo juntos e fechados em um lugar muitos pássaros, os ensinou que dissessem todos, “Anone é Deus”, e depois os deixou voar a todos esperando o doudo que por todas as partes do mundo o publica[ram]assem por Deus. A ambição finalmente é o assento da peste e faz que o homem esquino do maná se dê a comer manjares que fazem chorar e procurando de ser honrado à força fica desonrado e infame. E por isso são dignos de louvor os romanos, os quaes se não com o fumo de lenha verde, ao menos com outros exemplares castigos, reprimiam a soberba aos ambiçosos e vede se nisto eram severos, que fizeram castigar a um por mandar somente um frasco de vinho a outro que lhe tinha prometido o seu voto para certo ofício.

(**Notas laterais** – Fariseus / Costume dos ambiçosos / Ambição e seus efeitos / Catilina / Abraão / Caim / Abimelec / Herodes / Simão Mago / Agripina / Rei de Egipto / Anone/ Costume dos romanos)

LU. – Com os outros efeitos ficava por dizer que a ambição leva os homens a honrar-se a si de si mesmos contra a natureza da honra, achando modo de se poderem chamar por

ũa mesma razão honorantes e honoratos, como fizeram Bartolo e João André Bolonhês, ambos doutores em leis e Leonardo Aretino, historiador, os quaes à maneira da gralha se vestiram das penas [~~des~~] doutros e tomaram a doutrina os outros escritores. Não vos parece que é isto um belo honrar-se de sua mão?

(**Notas laterais** – Bartolo / Andrea / Leonardo)

ANÍ. – De outra maneira se honra de sua mão um grosseiro lente em Pádua, o qual vendo que aos outros lentes haviam os estudantes feito muitas honras e nas paredes de muitas casas tinham escrito “Viva o senhor N., lente magnifico”, tomou de noite ũa escada e saindo com ela secretamente de casa andou por algũas ruas públicas escrevendo com um pincel o seu nome e os seus louvores pelas paredes, mas estando em cima da escada deu com ele a justiça e cuidando que era ladrão o levaram preso, e senão lhe acharam o pincel na mão e ũa escrevaninha na tinta com qual declarava sua inocente vaidade fora verdadeiramente tratado como ladrão.

(**Nota lateral** – Exemplo faceto)

LU. – A este se podiam ajuntar outros alguns que escreveram por sua própria mão suas obras e porque o título de seus nomes não tirasse o crédito à história, publicaram-na em nome alheio. Mas porque temos tratado assaz largamente dos ambiçosos será bem que digamos algũa cousa dos magnânimos.

ANÍ. – Ainda nos falta fazer menção d’outra sorte de ambição que se descobre no desprezar as honras e em recusá-las.

LU. – Eu cria que enjeitar honras fosse antes um contrário excesso de ambição que se chama pusilanimidade.

ANÍ. – Recusar honras algũas vezes é ambição e algũas vezes é pusilanimidade, algũas é magnanimidade e outra humildade. Ambição se mostra no recusar as honras quando isto se faz com esperança de ser louvado e com um certo não sei que de vanglória e soberba, como fez Sócrates, o qual enjeitou alguns presentes magníficos que lhe mandou Alcibíades e dizendo-lhe sua mulher porque os não aceitava, respondeu: “Que Alcibíades lhos mandava com ambição e que ele com outra tanta ambição lhes tornava a mandar.” Mas esta leve ambição se mostra não somente em enjeitar honras, mas em mostrar falsamente um certo desprezo de si mesmo, como fez Diógenes, o qual lançando-se sobre ele um caldeirão de água ficou muito quieto sem se mover nem falar palavra, pelo que os circunstantes se compadeceram dele, aos quaes Platão disse: “Ide-vos daqui todos”, como se dissera que secretamente se [~~se~~] ensoberbecia daquele

espectáculo. E Antístenes, que se alegrava tanto de mostrar o seu vestido roto, que Sócrates lhe disse: “Eu vejo pelos buracos de teu vestido a tua vanglória.” Eis aqui logo como a ambição se mostra em cousas posto que baixas e vis e como parece que não pecam menos os que por vanglória se vestem mal, que os que com preciosas vestiduras se pavoneiam [vejam], do qual vício disse mui avisadamente um sábio: “Não te mostres mais humilde do que convém E não busques a glória com a fingires”. E outro disse: “Que muitos na escola da humildade buscam honras.” Ora vamo-nos aos que por vileza desprezam as honras.

(**Notas laterais** – Sócrates / Diógenes / Antístenes)

LU. – Destes creio que haverá poucos porque a mor parte dos homens é mais levada do desejo da honra.

ANÍ. – Antes maior é o número dos que por vileza se retiram das honras e das boas obras dos que por ambição abraçam presuntuosamente cousas com que se não atrevem, mas dos primeiros quero dizer dos pusilânimes há duas sortes, porque alguns recusam-nas porque se tem por indignos das honras que lhes oferecem posto que as mereçam, de que temos exemplo de um gentil-homem, o qual sendo mancebo de boas Letras, o mandou sua mãe a Roma a beijar o pé do Papa Júlio III que então era nono Pontífice a quem eles tinham servido muito tempo e oferecendo-lhe o Papa um lugar honrado na sua corte, se escusou com os negócios de casa, de que maravilhando-se sua M.^{de} não deixou de lhe dizer benignamente querendo-se partir que lhe pedisse alguma graça e o coitado com tremor e vergonha se apestou a pedir alguns *Agnus Dei* para levar a sua mãe, a qual, como podeis cuidar, o recebeu como um covarde néscio e com grande seu escarneio e vitupério foi por todas as ruas divulgada esta vilíssima vileza.

(**Nota lateral** – Pusilanimidade de um gentil-homem)

LU. – Com razão.

ANÍ. – Há outros que enjeitam as honras por ãa pusilanimidade fundada não sobre a desconfiança do próprio valor mas sobre a negligência da própria fama e sobre ãa manifesta preguiça e vergonhosa solitudão de não fazer nada.

LU. – Se os primeiros merecem açoutados, estes merecem espancados, e podem-se comparar a um chamado Grilo, que foi de Circe transformado em porco, e posto que se lhe concedeu de poder tornar a ser homem, não foi possível acabá-lo com ele.

ANÍ. – Estes querem viver somente para si mesmos e se comparam a aqueles parvos, os quaes, como diz Salomão, dizem que é melhor pouco com repouso, que ambas as mãos

cheias com trabalho e deixam de exercitar sua[s] [~~forças~~] virtude e aspirar às honras porque se acham rodeados de bens da fortuna e azeados a ãa vida sombria e, tendo mais cuidado da pele que da honra, guardam as regras da saúde, não se bulindo depois de jantar e cavalgando em mula depois de ceia. Mas deixemos estes que por vileza recusam as honras e não se lhes dá que se saiba que opinião se tem deles, e falemos dos que as enjeitam por magnanimidade e, sem desejar algum sinal exterior em prémio de sua virtude, se contentam somente da glória que resulta da opinião dos homens.

(Nota lateral – Dito de Salomão)

LU. – Eu tenho estes quanto a my por mui honrados porque a aqueles que recebem o prémio das suas virtudes e de seus trabalhos temos em um certo modo pag[ado]o o que se lhes deve e podemos dizer que receberam já a mercê que esperavam, mas estes que como generosos e corteses a credores nos deixam a dívida, estamos tanto mais obrigados a os honrar com perpétua reverência e memória dentro de nossos corações.

(Nota lateral – Honras enjeitadas com virtude)

ANÍ. – Não me aparto um ponto desta opinião e assi merecerá grande louvor a magnanimidade de Catão, o qual não quis consentir que se lhe levantasse algũa, querendo mais que os vindouros perguntassem por qual razão lha não levantaram, e por isso se disse dele que quanto menos desejava a glória, tanto mais seguido da glória. Com o mesmo pensamento contrastou Cipião Africano com os romanos, os quaes queriam pôr a sua imagem no Campidolio e dar-lhe o consulado e a ditadura perpétua e fazendo-lhe outras honras muito principaes, e todas enjeitou mostrando outra tanta virtude em as enjeitar quanta no merecê-las. Nem foi menor a virtude de Temístocles, o qual depois de alcançar a grande vitória contra Xerxes, vendo-se receber nos Jogos Olímpicos com infinitos louvores e admiração de todo o povo, se voltou com grande modéstia e alegria a certos amigos seus e lhes disse: “Eu recolho agora mui liberal e compridamente o desejado e verdadeiro prémio dos trabalhos e perigos que por o serviço da Grécia tenho padecido”. Tem estes por certo muita razão porque muito melhor é estar impresso nos corações dos homens de bem que não achar-se pelas praças esculpido em mármore e é bem verdadeira aquela sentença:

“Que muitas vezes é mais exalçada

A honra quanto mais é desprezada.”

(Notas laterais – Dito de Catão / Cipião Africano / Dito de Temístocles)

LU. – Estes são dignos de grande louvor por sua magnanimidade e tanto mais quanto mais raros são no mundo os que se escondem das honras, mas contudo isto maior honra se deve a aqueles que guardastes para postre que enjeitam as dignidades e honras com aquela pusilanimidade cristã que tão gratos os faz no divino acatamento, quero dizer, a humildade.

ANÍ. – Os que por humildade recusam honras, fazem-no por temor que as honras lhes sejam impedimento ou retanhamento de sua salvação, considerando que assi como as árvores dos vales são menos batidas que as dos montes, assi os homens particulares vivem mais quietos que os grandes, postos em dignidades. Destas cousas não é necessário trazer exemplos porque sem buscar antiguidades está viva em entre nós a memória de homens valerosos que em nossos dias viraram as costas às dignidades que se lhes ofereciam e nas histórias sagradas lemos que todos os Santos Padres recusaram e fugiram às dignidades e cerravam as orelhas aos louvores que dignamente lhes davam, e se contentavam mais da própria consciência que da fama e opinião dos outros. Mas consideremos agora que se todos os homens se retirassem das honras e das dignidades, ficaria o mundo sem governo e por isso, sendo conveniente a benefício universal que haja quem aspire virtuosamente às dignidades, diremos que o ofício do magnânimo é fundar o seu desejo sobre o merecimento conveniente e medir bem suas forças e valor, e lembrar-se não somente do exemplo que dissemos de Ícaro, mas daquela sentença:

“Sempre a subir mui alto é suspeito

E as velas retira a teu conceito.”

Porque ãa cousa é exercitar o magistrado com o pensamento, outra exercitá-lo com as obras. E daqui nasceu o provérbio: “Se quereis conhecer o homem dai-lhe ofício”.

(Notas laterais – Ofício do magnânimo / Provérbio)

LU. – Esse provérbio pode receber dous sentidos: o primeiro que o ofício faz conhecer o homem quanto à suficiência e ao valor, porque, como dissestes e bem, muito vai das obras ao pensamento, o segundo que dá a conhecer a sua bondade, porque posto que o homem de bem não mude costumes no magistrado, todavia as ocasiões de desencaminhar são grandes, e a este propósito vos quero dar um exemplo de um ministro de justiça ao qual foi dada de um príncipe a ouvidoria de ãa cidade na qual com a doçura da vista, com a breve expedição das causas, com se não mostrar mais inclinado a ricos que a pobres, com o não dar mostras de pegueiro, se governou de maneira que no seu sindicato não se ouviu nem ãa só palavra contra ele, nem houve

nunca ouvidor naquela cidade que ao partir saísse com tantos louvores e bênções de todo aquele povo como ele. Ora ouvi ãa grande metamorfose. Foi depois mandado do mesmo príncipe a outra cidade, com título de presidente, onde não passaram oito meses que foram queixas ao príncipe de mil notáveis sem justiças e cruéis extorsões, mas como cheirou que se tratava de mandar um sindicante a reconhecer suas acções, persuadiu-lhe sua consciência que o não esperasse e secretamente, sem se despedir dos senadores seus companheiros, se acolheu para onde depois acabou miseravelmente, mas contudo isto se achou sua casa guarneçada de muito ricos móveis que não pôde levar consigo e ficaram em penhor ao príncipe.

(**Nota lateral** – Exemplo de um vicioso ministro)

ANÍ. – Ele devia-se lembrar daquele comum dito: “Que é melhor deixar a lã que a ovelha.”

(**Nota lateral** – Provérbio)

LU. – Se me perguntaes agora donde procedeu ãa tão repentina mudança, dir-vos-ei o que disse a muitos outros e é que quando ele se foi [para] servir o primeiro ofício, não era menos ruim do que foi no segundo, mas ele quis acabar consigo a não fazer mal a ninguém enquanto lhe durou o primeiro ofício, para que, cobrando o crédito de bom homem, o provesse o príncipe, como o fez destroutro supremo magistrado, no qual havia larguíssimo campo de fazer em breve tempo ãa grossa fazenda. Verdade é que eu entendi também de alguns que esta sua mudança não cuidada não foi tanto causada de sua má natureza quanto de persuasões de certas raposas que praticando familiarmente em casa do leão e esperando de ter alguma parte na presa o induziram a aquelas rapinas, o que creio facilmente porque depois de sua fugida, foi perseguido e deposto do seu ofício um daqueles chupadores. Vedes aqui logo como é verdade que o ofício faz conhecer o homem, porque se não faz isto no princípio fá-lo no fim.

ANÍ. – Dizem os intérpretes dos símbolos de Pitágoras que quando ele disse que não devíamos de gostar daquelas cousas que tem o cabo negro, quis significar que nos devíamos de guardar dos que se parecem com a pega, que tem a parte anterior branca e o remanente negro, como este fingido ministro, o qual fez nem mais nem menos como fazem os ciganos, que se deixam perder no primeiro jogo por ficarem depois ganhando, e aqui se verifica a sentença de um grego escritor que diz. “Ó Júpiter, tu mostraste ao mundo como se possa conhecer a falsidade do ouro, mas não puseste no homem algum sinal por onde pudéssemos conhecer a sua falsidade”.

(**Notas laterais** – Símbolo de Pitágoras / Engano dos ciganos)

LU. – Certo este enganou o mundo todo.

ANÍ. – Mais se enganou ele a si mesmo, procurando com sua vergonha o fruto daquele vulgar provérbio: “Que onde começa o engano ali acaba o dano”. Ora já temos resumido, se me não engano, a maior parte das honras que se dão às pessoas em testemunho de sua virtude pelo que não vejo que se possa mais dizer sobre isto.

(**Nota lateral** – Provérbio)

LU. – Ainda me lembram duas maneiras de honras de que se não fez [~~ainda~~] menção. A primeira é a honra que o príncipe faz criando marqueses ou condes, ou barões, ou dando licença que possam trazer alguma parte de suas armas ou outras semelhantes honras.

LU. – Essas honras são de grande momento e passam as honras do magistrado, visto que ficam aos descendentes, e as honras dos magistrados acabam com a pessoa.

ANÍ. – A segunda honra vem dos povos e das cidades, as quaes algumas vezes metem os estrangeiros no número de seus cidadãos.

LU. – Mandaram os coríntios certos embaixadores a Alexandre Magno, significando-lhe como tinham feito seu cidadão, e zombando ele disto lhe responderam que eles não tinham feito outro cidadão mais que a ele e a Hércules, e ele, comovido de tal nome, teve a grande honra estar assentado com um tão grande semideus entre os cidadãos de Corinto.

(**Nota lateral** – Alexandre feito cidadão de Corinto)

LU. – O nome de Hércules fez a Alexandre tornar sobre si, porque se estimava mais a si mesmo e aos coríntios menos do que devia.

ANÍ. – Mas se considerarmos estes nossos tempos quem não dirá que é grande e assinalada honra a que recebem os estrangeiros escritos entre os gentis-homens venezeanos daquela poderosa Senhoria, entre os quaes muitos príncipes não somente de serem entre eles contados por cidadãos?

(**Nota lateral** – Nobres venezeanos)

LU. – Assi me parece a my também, mas deixamos de tratar daquela outra honra que os príncipes dão quando criam cavaleiros dos quaes há muito que dizer.

(**Nota lateral** – Criar cavaleiros)

ANÍ. – Não quero que vamos muito avante neste grande campo e bastará que digamos que até o tempo dos romanos houve muitos abusos para falar da ordem dos cavaleiros, mas assaz maior abuso se vê hoje em todas as partes do mundo. Considerai que não

somentes e há aqueles cavaleiros principaes da ordem de França, de Espanha e de Inglaterra, criados por aqueles reis a que eles chamam irmãos e primos, e há de outros, afora estes, um infinito número de cavaleiros militares debaixo de diversas religiões, mas não sei com que prerrogativa ou licença folgam muitos de se chamar cavaleiros, não tendo o título nem merecimento.

(Nota lateral – Abuso do título dos cavaleiros)

LU. – E peor é que em algũas cidades hoje até o aguazil usurpa o título de cavaleiro.

ANÍ. – Assi lhe convém, a esse, esse título, como convinha o título de cavalo ligeiro ao que fugiu da galé e dizia que fora cavalo ligeiro do príncipe d’Oria, entendendo a galé por o cavalo e o remo pela lança.

LU. – Não me parece haver nisto cidade que mais cavaleiros tenha que Parma.

ANÍ. – Não sabeis o vulgar dito que anda por toda Itália, que três cidades são mui copiosas: Cremona de capitães, Plazenza de condes e Parma de cavaleiros!

LU. – Que os príncipes façam cavaleiros aos que cingem valerosamente espada é cousa conveniente, mas eu não sei que proporção tenha este título com doctor de leis, digo isto porque o duque Octavio Farnez dá esta dignidade também aos de toga, de que temos exemplo do Nicolao Ferrari gentil-homem placentino e senador nesta cidade.

ANÍ. – Quando o príncipe vê no doctor algum lume e inteligência das cousas militares faz acto digno de príncipe fazendo-o cavaleiro e dando testemunho ao mundo por meio daquela insígnia não somente da nobreza de seu sangue, mas do valor e conselho nas cousas tocantes à guerra, e aquele se poderá chamar verdadeiro e consumado cavaleiro (posto que são bem raros no mundo) que tiver este dobrado valor das armas e das letras, e se vos tivéreis tão familiarmente praticado com Ferrari, como eu, diríeis, ouvindo discorrer das histórias dos tempos presentes e passados, nos governos e matérias de estado, que tão bem empregado está nele o título de cavaleiro como o de doctor.

LU. – A dúvida que eu movi foi somente porque me parecia que esta mistura tinha um não sei que de desproporcionado e não já porque me não pareça bem empregada toda a sorte de honra nesse gentil-homem.

ANÍ. – Disto fazem fé não somente os graus recebidos de seu senhor natural, mas os outros alcançados do nosso, o qual, havendo-o tomado como por empréstimo daquele príncipe, logo o fez ouvidor e depois capitão de justiça em Mântua e finalmente o mandou cá com título de senador e conselheiro secreto, e se a humildade não fosse o fundamento da glória, quase que diríeis que ele diminui sua dignidade com ser tanto

humano e tão tratável. Deixo de vos dizer com quanta diligência e indústria se engenha a compor demandas, principalmente entre pessoas aparentadas, a qual obra lhe sai mui ditosamente. E porque por ãa admirável paciência com que ouve os importunos gritos das partes apaixonadas, e pola destreza com que sabe quebrar sua obstinatíssima dureza, o qual ofício vós o direis quão grande merecimento lhe alcance no Céu.

LU. – Direi que mui dignamente lhe convém o título não menos de cavaleiro que de senador, antes mais aquele que este, porque o ofício de senador é julgar depois da demanda, mas o ofício de cavaleiro é tirar a ocasião da demanda per um modo amigável.

ANÍ. – Tudo isto seja dito sem prejuízo dos outros [~~ilustres~~] senhores senadores e conselheiros de este ducado, dos quaes não é agora lugar que tratemos porque quem quisesse discorrer das heróicas qualidades do [~~senhor~~] Aurelio Libramonte, nosso bispo e presidente, e depois descer a[~~o~~] [~~senhor~~] Bernardino Scotia, a[~~o~~] [~~senhor~~] Francisco Agnelli, a[~~o~~] [~~senhor~~] Carlos Guerrino, a[~~o~~] [~~senhor~~] Antonio Caloro todos, não menos por doutrina que por inteireza, claríssimos, era necessário fazer ãa história mui larga de novo e deixar a matéria proposta.

LU. – E que vos parece que falta por dizer?

ANÍ. – Tempo oportuno me parece agora depois do largo discurso de tantas sortes de honras, de entrar no espaçoso campo das honras que se fizeram a el-rei cristianíssimo na sua tornada de Polónia para França.

(Nota lateral – Honras feitas a el-rei Henrique III)

LU. – Antes será necessário começar daquelas que lhe fizeram quando partiu de França para Polónia.

ANÍ. – E quem pode melhor contar que vós ãas e outras?

LU. – Nem ãas nem outras poderei eu contar compridamente, e quando me eu dispusesse a dar primeiro a tão alto sujeito vós me veríeis por falta de espírito e de memória e pola grande cópia de sucessos ficar cansado e confuso, pelo que me poderíeis dizer que eu fazia o escarneio que se conta de voga e passa.

ANÍ. – Peço-vos que me conteis esse escarneio.

LU. – Um sonorento, depois de outros seus companheiros contarem histórias ao fogo, lhe rogaram que também contasse a sua, começou ele a contar como um vilão foi comprar trezentas ovelhas a ãa feira, e tornando [~~andou~~] achou o rio tão crecido que não havia senão um pobre pescador com um pequeno barquinho, o qual não podia passar

senão ao vilão e ãa só ovelha cada vez. E disse mais. Entrou o vilão no barquinho com ãa ovelha, o rio era largo voga e passa. E aqui ficou com a história e se concertou para tornar a dormir e dizendo-lhe os companheiros que prosseguisse a história, respondeu, “Deixai primeiro passar o gado e depois contarei o que passou”. Quero dizer que querendo contar por inteiro a história das honras que se fizeram a el-rei cristianíssimo, acharei tanta dificuldade no princípio que, vendo que não posso sair me será necessário tornar atrás e deixar o campo aos ouvintes para considerarem o que eu não saberei declarar. – Cuidai que isto não é obra de um [sé] homem só e de ãa só cornada e que havendo então a nossa Itália posto todo cuidado em dar a um tão grande rei todas [as] aquelas honras que podem cair em entendimentos humanos, havia cada ãa das cidades por onde passou ordenar ãa copiosa e peregrina história de suas magnificências, e não sei como depois de tantos trabalhos e de tantas despesas feitas nisto se não engenharam diversos escritores a pôr de comum acordo a mão em tão digno sujeito e contar os grandes apercebimentos e espantosas cerimónias de todos os príncipes e de todas as cidades e as sublimes honras que se fizeram no recebimento de sua real pessoa e de compor e deixar com ãa docta e comprida declaração de todos aqueles mistérios à glória del-rei, à gloria de Itália e à gloria de si mesmos. Ó, que prazenteira e proveitosa lição seria ver nomeados todos os príncipes, começando do emperador Maximiliano e vindo ao Arquiduque Carlos, aos senhores venezeanos, aos duques e senhores de Itália, os quaes, às invejas, procuravam com novidade e diversidade de invenções e sem resguardo de suas forças receber este grande rei com toda a maneira possível de reverência e de honra, além de infinito número de cavaleiros, os quaes despejaram alegremente suas bolsas e [su]as tendas dos mercadores para aparecerem pomposos e bem ornados e daqui ir contando como tremeu então a terra, como bramou o mar, como troou o céu com os gritos e aplausos do povo com o estrépito dos cavalos, com o som dos sinos, das trombetas, dos atambores, das bombardas e que grande espanto era ver as ordens militares de infantaria e cavalaria, o relampaguear das armas, o despregar de várias injúrias, o encontro de príncipes, o seguir de cavaleiros, a presença dos magistrados, a magnificência dos dóceis, a pompa dos hábitos, o apresentar das chaves das cidades, o acolhimento do clero, o assombramento das ruas, o paramentar das paredes e janelas, o verdejar do chão, o concurso e aperto de numerável gente vizinha e forasteira, a frequência de coches e de carroças, o artifício de pontes, a soberba dos arcos triunfaes, as misteriosas inscrições, as estátuas, as pinturas, as montanhas, os

fogos, as fontes, as nuvens, as chuvas, os céus, os relâmpagos, os resplandores, os trovões artificiaes, as cerimónias pontificaes das igrejas, os sumptuosos apercebimentos, os preciosos perfumes das casas, as reaes e peregrinas mesas, as músicas, as poesias, os presentes, as festas, os jogos, as caças, os torneios, as justas, as comédias, as luminárias e outros maravilhosos espectáculos, e na partida del-rei mil graças, desferrarem-se os cepos, quebrarem-se as docas, abrirem-se as prisões e finalmente, assi ao entrar como ao sair, ver e ouvir Sua Majestade [~~dos homens e das mulheres~~] comendado e acompanhado dos espíritos de toda Itália até França, com cem mil affectuosas bênções e outros tantos ditosos agouros, com os quaes sinaes creio que se chamasse e tivesse por copiosamente honrado e reverenceado e que reconhecesse haver recebido todas aquelas honras que com a natureza e com a arte se podiam ajuntar.

(**Nota lateral** – Novela)

ANÍ. – Com razão podeis vós agora dizer “voga e passa” e repousar um pouco, porque havendo vós proposta sumariamente e de corrida a matéria das honras, é necessário agora dar tempo aos escritores para com devida forma as vir compondo e repartindo em diversos volumes. E entretanto iremos discorrendo que se el-rei achou aqui aberta a arca das honras não quererá fechar o templo de sua memória com a chave da ingratidão, nem lhe sairá jamais do coração a cortês Itália da qual foi acolhido não doutra maneira senão como se lhe fora tributária e os príncipes vassalos, pelas quaes cousas ele se poderá chamar em todo tempo o tesouro e arquivo de quantas honras jamais se consagraram a algum rei, assi de antigos como de modernos, e devemos imaginar com quanto gosto ele folgaria de dar conta à rainha sua mãe de todos aqueles triunfos e quanto ela também [~~estimaria~~] como mãe e como italiana [~~de o ouvir~~] com lagrimosa alegria [~~por sua boca conta-lo~~] de o ouvir contar por sua própria boca. Bem se pode crer que se aviventasse na língua do filho e nas orelhas da mãe como bem disse o poeta: “Ũa doçura inusitada e nova.”

LU. – Se el-rei se tem por glorioso por haver recebido tantas honras de Itália, Itália anda ufana e alterosa de haver conhecido um tão grande rei gratíssimo, não somente por sua presença e por seu valor, mas particularmente por sua real magnanimidade que ele fez tão liberalmente resplandecer que quase passou os limites.

ANÍ. – Concluamos com isto que os príncipes de Itália cumpriram as leis da honra fazendo tudo o que foi possível na honra del-rei, se porventura não queremos dizer que excederam as leis da honra fazendo-se-lhe ambiçosamente sobre suas forças e sobre seu

estado, e concluamos pelo contrário que não recebeu el-rei tanta honra de Itália que não fosse digno de muito maior. Mas como podiam os nossos príncipes chegar compridamente aos merecimentos de sua M.^{de} eram necessários outros reis poderosos e seus iguaes para o poderem dignamente honrar.

LU. – Duas extrema[s]das consolações terá ele, como creio, recebidas nesta sua peregrinação, ãa em se ver honrar tanto de diferentes príncipes, a outra em conhecer o aumento de seu juízo natural, porque se buscarmos a vida e costumes dos nobres de qualquer cidade que quiserdes acharemos que entre aqueles que andaram por terras estranhas, e entre os que não saíram nunca dos seus ninhos é a tanta diferença quanta entre um alifante e ãa mosca e assi como estes tem do comum e ordinário, acompanhado mais de presunção que de saber, assi aqueles na fala, nos costumes e nas acções representam ãa certa singularidade e excelência digna de maior admiração e de maior honra e deixando o menos bom e fazendo o mesmo dos costumes estrangeiros, vem a fazer escolha das cousas melhores e a compor e formar em si mesmos um homem perfeito. A vós tomo por juiz que julgueis quanta honra a si mesmo e quanta satisfação traz aos de sua terra um gentil-homem que em tempo oportuno, com muita atenção e maravilha deles, se põem a contar as cousas novas e memoráveis que ele provou e viu em longas terras, de tal modo que se lhe representa a eles a imagem e forma das terras das cidades e dos homens pelo que são obrigados a estimá-lo mais que a si mesmo e a confessar que o homem tantos homens val quantas terras viu. Lembrai-vos de nosso Francisco Maria Vialardi, o qual (calo sua universal doutrina) se acontece que se fale ou da corte de França ou da corte do emperador dá de ãa e doutra tão particular razão que vos persuadireis a chamá-lo ou tudesco ou francês senão que a excelência de seus doctos escritos o faz conhecer por verdadeiro e nativo italiano porque nele conheceis a propriedade de nossa frase, mas sobretudo se descobre nele aquela fermosa composição de diversos costumes que eu já disse a qual se é digna de louvor em um gentil-homem particular, considerai quanto de louvar seja e quão admirável em um rei, e é bem de crer que assi como Sua Majestade deixou nos olhos e nos ânímos dos príncipes e personagens estrangeiros, que com ele trataram, a ideia de suas reaes e amáveis acções, assi ele também haverá levado consigo a França e terá seu entendimento a impressão de diversos costumes deles não indignos de estarem incorporados com os outros seus naturaes.

ANÍ. – Ao exemplo de Vialardo se poderia agora ajuntar aquele do honrado e virtuoso [~~senhor~~] Luís Penhalosa, gentil-homem espanhol, muy favorecido de um dos mais valerosos príncipes de Itália, digo, o marquês de Castilião. Este gentil-homem conservando as excelências de sua terra, com a longa demora que fez nesta, apropriou a si as terras que a nós são quase peregrinas, que verdadeiramente se pode dizer que ele como ãa abelha das flores, d’Espanha e de Itália tem composto um [~~purgatissimo~~] puríssimo e suavíssimo mel, que bem mel e açúcar todo ele se mostra com doutrina, com a eloquência, com a [~~doçura~~] brandura de costumes e com a bondade da vida, e creio que se ele se torna para Espanha será sumamente admirado e reverenceado como gentil-homem mais que espanhol e por não fazer agravo a Espanha direi ainda mais que italiano. Eu pela minha parte me pesa de não haver passado os confins da Lombardia, e por esta razão me estimo assaz menos e digo que com muito aviso figuravam os antigos com o símbolo do asno aqueles que não haviam saído de suas terras, porque o asno comumente é criado e exercitado na terra onde nasce, nem o levam a partes remistas como ao cavalo.

(**Notas laterais** – Luís Penhalosa / Asno, símbolo dos que nunca saíram de suas terras)

LU. – Pois que das honras feitas a el-rei não podeis dizer agora o que convém, passemos a estroutra matéria, e digo assi, Que se a honra é propriamente o sinal que se faz (como já temos dito) em testemunho da virtude de outrem, com razão se deve chamar abuso a honra que comumente se usa não menos entre cavaleiros que entre as pessoas de baixo estado quando entre eles há queixas, pelo que dizem que um por sua honra é obrigado a rebater a [~~mentira~~] desmentida com ãa bofetada, e por isso diria eu que propriamente se deve chamar aquele termo, fama e não honra, ou será necessário dizer que honra e fama são ãa mesma cousa, o que me parece falso, porque se um cavaleiro da ordem del-rei é injuriado d’outro, poderá dizer que aquele tal lhe tirou a fama, mas não se dirá que lhe tirou a honra, pois que fica cavaleiro da ordem.

ANÍ. – Já vos disse no princípio de nosso discurso que alguns tomam propriamente a honra por isto de que se trata entre dous enemigos, mas para mor claridade vos digo que honra e fama, segundo sua propriedade, são diferentes, mas impropriamente se tem por ãa mesma cousa. São diferentes não somentes porque a honra tem sempre bom som e a fama algũas vezes é boa algũas má, mas porque a honra é propositadamente aquele sinal e aquela demonstração que o honorante faz exteriormente para com o honrado e a fama

é aquela só opinião e aquela só voz das acções doutrem, a qual, segundo aquele dito, como sae:

“Fora de ãa boca, sempre creciendo vay.”

São interpretados, posto que impropriamente, por uns, mesma cousa, enquanto consistem ambos, na opinião doutrem, e para abreviar, a honra é mais que fama e a fama é ãa parte da honra, pelo que se um cavaleiro da ordem for injuriado não se lhe tirará a honra que exteriormente teve de seu rei, mas tirar-se-lhe-á aquela parte que consiste na boa opinião que se havia concebido dele, a qual, como vós dissestes, toca mais à fama que à honra, e por isso somos obrigados não somente por lei humana, mas pola divina a procurar de conservar a nossa boa fama, não já por amor de nós mesmos, mas por tirar o escândalo d’outrem. E são reprehendidas certas pessoas dos teólogos, as quaes não se lhe dando do juízo e opinião de outros costumam dizer, “A my me basta a minha consciência diante de Deus”, e não entendem que temos duas cousas em nós, a consciência e a fama, e assi como nos é necessária a nossa boa consciência, assi é necessária ao próximo a nossa boa fama, a qual havemos de procurar que se não diminua para com ele.

LU. – Notei a palavra que dissestes, que por lei divina e humana somos obrigados a conservar sem mácula nossa boa fama, e por isso me parece que se isto é verdade o deve ser também que por lei divina e humana seja lícito o duelo, o qual se achou por remédio oportuno a vingar e defender a ~~sua~~ honra ou fama.

(**Nota lateral** – Duelo defendido)

ANÍ. – Não sabeis vós que não se deve fazer mal porque venha bem? E não sabeis também que o Sagrado Concílio desterrou o duelo não somentes porque não é lícito emendar um excesso com outro excesso maior, mas também porque aos homens não faltam meios honestos para fazerem civilmente aparecer sua inocência e realçar a fama e honra oprimida.

LU. – Logo se eu que faço profissão de cavaleiro for ofendido d’alguém, não quereis que me seja lícito procurar de me inteirar no meu primeiro estado com esta espada que do primeiro dia cingi para defender minha honra?

ANÍ. – Porventura que vos será lícito como a cavaleiro dar algum sinal ao mundo desse vosso generoso pensamento, mas não vos será lícito como a cristão executá-lo.

LU. – Essas regras e essa filosofia me parecem dignas (perdoai-me) de se ensinarem mais asinha às mulheres que aos homens e posto que o duelo seja, como é, injustamente

defendido, contudo não se deve achar homem no mundo que cinja espada tão mortificado que em semelhantes casos não ponha a vida e a fazenda ao tabuleiro! E bem deveis de entender que fazendo-se lembrança a não sei quem que o Evangelho manda que dando-nos uma bofetada havemos de apará a outra face para receber outra, respondeu que o Evangelho falou naquele tempo, e não fala deste.

ANÍ. – Com paz senhor [~~Lodovico~~] Luís, e discorrei comigo que assi como se tirou também a licença a muitas pessoas de usar das insolências, porque alguns temerários confiados somente em seu atrevimento, injuriavam este e o outro, com pequena ocasião e sem ocasião com desenho de não reconhecerem seu erro, nem de dar satisfação algũa à parte ofendida, senão de manter injustamente à força d’armas seus maus feitos, e agora os príncipes e seus ministros estão com os olhos abertos, e ainda bem não nace o queixume ou de palavras ou de obras que logo não tenham notícia dele, e são as partes ou com prisão ou com outras penas socrestadas, e entretanto se informam do que passou e obrigam as partes com devidos meios a se acordarem e se dá a cada um o que é seu. Pelo que os que tinham posta toda a honra ou, por melhor dizer, toda a soberba no fio da espada, andam mais advertidos no ofender a outrem por não serem culpados em seus erros e usar daqueles sinaes de reconhecimento amargosos ao provar e duros ao digerir.

LU. – Não devia por isso quem quer que fosse quando faz o erro, nem torcer-se nem deixar de o emendar.

ANÍ. – É verdade, mas pode tanto o abuso que os homens pela maior parte escolhem antes o vício que a virtude e em vez de se honrarem com a humildade e com o reconhecimento, se desonram com a obstinação e soberba.

LU. – Muito me alegre de ver que os príncipes façam com caridade e com presteza apagar as queixas entre os súbditos, mas melhor fora achar modo com que não houvesse queixas.

ANÍ. – Para fazer isso seria necessário tirar as ocasiões das queixas e para tirar as ocasiões seria necessário tirar do mundo sobretudo aquelas três cousas, das quaes pela mor parte nace as queixas e dissensões que são: as mulheres, o jogo e os cães. Vede agora como isto será lícito ou possível.

(Nota lateral - Três cousas são ocasião de queixas)

LU. – Quereis dizer que é força que haja escândalos, e pois que assi é, queria saber de vós os modos que se requerem para se acabarem queixas e se tratar de pazes, e

porventura que não havemos hoje tratado de cousa nem mais útil nem mais agradável a Deus que esta.

ANÍ. – As maneiras de formar as pazes se dirão em poucas palavras, mas discorramos primeiro de duas causas que fazem dificultosas as pazes, ãa das quaes se me não engano procede de ódio e outra de ignorância. Eu não tratarei do ódio da parte ofendida, a qual quererá sempre mais satisfação do que convém, mas falarei do ódio dos que seguem as partes, porque (se atentaís) não tão presto se levantará ãa queixa entre vós e my que logo não vejaes alevantar-se-vos algum inimigo meu secreto ou público sob espécie de amizade entremeter-se na vossa queixa, e pouco a pouco com a peçonha da discórdia engrandecer o feito e fazê-lo difícil e mais incurável que a mordedura da víbora, e exorta-vos a que procureis pola honra e mete-vos o miolo em confusão e ao contrário, se me acosta algum vosso inimigo, que faz o mesmo ofício do meu lado, pelo que podereis cuidar como o vosso ânimo e o meu se avizinham e se dispõem para a paz.

LU. – Não creio que hajam no mundo fezes de homens que mais ruim cheiro dem de si diante de Deus que estes semeadores de discórdias, os quaes com ãa só palavra são muitas vezes causa de notável ruína, pelo que tem lugar aquele dito vulgaríssimo: “Que ãa pêra abocanhada faz morrer cem moscas”. E portanto a estes desventurados convém dignamente o geroglifico dos dentes de serpentes semeados de calmos, dos quaes naceram soldados armados que vieram a conflito e se mataram entre si, e daqui se vê com quanto entendimento os prudentíssimos lacedemónios fizeram ãa lei que acontecendo qualquer desordem entre os cidadãos fosse cortada a cabeça a todo aquele que não fosse provado ser comum e descoberto inimigo de ambas as partes. Não vos parece esta ãa boa maneira para o estancar o sangue aos homens seditiosos?

(Notas laterais – Provérbio / Lei dos lacedemónios)

ANÍ. – Se são chamados filhos de Deus os que compõem a paz, bem se poderão chamar filhos do Diabo os que a estorvam e a perturbam. O quão agradável é a Deus esta santa paz e quão claro sinal nos deu com não querer nacer até que todo o mundo não esteve em paz, pelo que os anjos cantaram “Glória a Deus no céu e a paz aos homens na terra”. E com que outra saudação confortava ele seus amados discípulos que com a paz? E que [melhor] mandamento lhes podia dar melhor que este? Em qualquer casa que entrardes dai-lhe a saudação da paz e aos moradores dela e dispondo-se ao caminho da cruz que mais preciosa manda lhes podia deixar que a paz? E depois de ressuscitado querendo-lhes dar o Espírito Santo não lhes disse primeiro paz seja com vós e outros e tomai o

Espírito Santo? E que significavam estas palavras senão que o Espírito Santo não mora onde não há paz? Não o confirmou também quando disse: “Onde estiverem dous ou três juntos no meu nome, eu me acharei entre eles”? Nenhũa cousa desfaz mais o homem que o ódio e a discórdia, pelo que disse um poeta:

“Ímpia guerra ãa fera com outra faz.

Própria e digna do homem de a santa paz.”

Antes até os pássaros e as ferocíssimas alimárias guardam exemplo as gralhas, as quaes os antigos tinham por símbolo da concórdia.

(Notas laterais – Louvor da paz / Gralhas, símbolo da concórdia)

LU. – Também era símbolo de paz a oliveira, porque o ferro, símbolo da guerra, quando está encendido e metido no azeite se molifica e se embota a sua grandeza.

(Nota lateral – Oliveira, símbolo da paz)

ANÍ. – Com mais razão se pode dizer que a oliveira signifique paz por aquele ramo de oliveira que a pomba mandada fora da arca de Noé trouxe no bico quando tornou e começou a cessar o dilúvio. Mas tornando ao nosso propósito, digo que péssima sorte de gente são os perturbadores da paz, de cuja virtude deu notável e prazenteiro exemplo no abboroto(?) de Atenas um orador de desmesurada gordura de corpo e de sutilíssimo engenho, o qual posto no púlpito e vendo que todo o povo se ria quando apareceu com aquele seu desproporcionado e deforme corpo, sem se perturbar um pouco disse: “De que vos rides ó atenienses? Porventura porque sou assi gordo e barrigudo? Sabei que eu tenho ãa mulher muito mais gorda que eu, e contudo se estamos d’acordo em um pequeno leito cabemos ambos e se estamos discordes não basta toda a casa.” As quaes palavras tiveram força [~~de~~] para se comporem subitamente as revoltas dos cidadãos. [~~Mais digo que~~] Deus folga sumamente com a paz e chama seus filhos e bem-aventurados os pacíficos. Nenhũa cousa certo é mais digna do príncipe que guardar universal paz e ter os seus povos concordes e quietos, seguindo o exemplo de Abraão que tirou as contendias e meteu paz entre os seus pastores e os de Loel, seu sobrinho. E quando estou considerando as famosas obras dos romanos, se me representa como ãa das principaes o templo da concórdia, no qual com sacrifícios procuravam de extinguir os ódios e queixas não menos civis que estrangeiros. Mas se os príncipes e ministros são obrigados por próprio cargo a procurar a paz e concórdia entre os súbditos, digo que maior glória alcançam no Céu e na terra as pessoas particulares, as quaes por caridade e

sem serem rogados para isso, se movem de si mesmas a procurar em toda maneira de reconciliar os ânimos discordes.

(**Notas laterais** – Arca de Noé / Abraão / Templo da concórdia)

LU. – Muitas vezes me vem à memória o acto de um pobre chamado Durando, o qual trazia no chapéu a imagem de Nossa Senhora e de seu bento filho pintada em um purgaminho, com estas palavras, “Anjo de Deus dá-nos a paz, e havendo no tempo de Filipe Deodato, rei de França ãa grande guerra entre certos povos, se meteu entre eles mostrando-se aquela imagem e afirmando que Deus lha tinha dado com cargo de encomendar por sua parte a todos os que tivessem guerras e discórdias que fizessem pazes, a cujas palavras lhe deram tanto crédito que logo se fez a paz e fizeram-se muitas imagens semelhantes a aquela [~~as-quaes~~] que cada um trazia com muita devoção nos barretes por seguridade dos caminhos e por um escudo contra a violência de armas.

(**Notas laterais** – Devoto exemplo)

ANÍ. – Se as pazes se prolongam, se se estorvam, se se fazem difíceis por amor do ódio, o mesmo efeito se segue pola ignorância, porque é tão grande a presunção e insolência de alguns modernos que zombando de Fausto, de Alciato, de Puteu, de Mutio, de Possenino e de quantos escreveram sobre a matéria de duelos, nem tendo lido quatro regras de seus escritos, a revolvem a seu modo nem bastarão as tenazes de Vulcano a despregar deles sua errada opinião, e tendo por cousa impossível que aqueles escritores do tempo passado se possam acomodar a casos presentes se semelham aquele vilão que fazia demanda por razão de um certo moinho e dizendo-lhe um advogado que pela doutrina de Bartolo, doctor antigo, achava que ele perderia a demanda e o moinho, respondeu: “Que Bartolo, o qual era antigo, não havia visto nunca o seu moinho, nem foi informado do caso, nem podia dar aquela sentença”. E daqui nace que não deixam fazer a paz, e aconselham que a satisfação se tome por força d’armas.

(**Nota lateral** – Grossa ignorância de um vilão)

LU. – Alguns outros há, os quaes se bem lem a Mutio, não sabendo aplicar a sua doutrina aos casos que sobrevem, se confundem a si mesmos e põem em escrito certas palavras que convém tanto ao sucesso como o pentem ao que é calvo.

ANÍ. – Estes, se bem merecem vitupério pela presunção, merecem louvor pelo desejo da paz. Mas provastes algũa hora dos escritos de paz e ver correr muitos censores a meter seu bico pelo que fazem cair as asas aos que tratam a paz e às partes a não deixar gostar?

LU. – No jogo da péla são muitos os que acusam as faltas e poucos os que jogam bem, mas é necessário que com estes temerários façamos também menção dalgũa gente de baixo estado, a qual como menos capaz de razão são mais dificultosos de se reconciliarem, e muitas vezes fazem perder a paciência aos gentis-homens que os tratam.

ANÍ. – Posto que o filósofo diga que a gente plebeia tenha diferenças sobre a desigualdade da fazenda e os nobres sobre a desigualdade da honra, todavia vemos hoje em muitos plebeus ter questões sobre a honra não menos que se fossem muito fidalgos, dando lugar ao provérbio: “Todo o trapo quer entrar em decoada.”

(**Notas laterais** – Dito do filósofo / Provérbio)

LU. – Parece-me que este insolente e insofrível abuso é mais familiar da nossa [~~nação~~] que de outra nenhũa nação.

ANÍ. – Temos aqui [~~o senhor~~] João Matteo Volpe, um dos nossos Académicos, o qual, além de outra suas amáveis e honradas qualidades, tem como sabeis tanta dita e tamanho crédito no tratar das pazes, que a ele recorrem como a um oráculo não somentes os cidadãos mas muitos circunvizinhos, a qual obra, posto que algũas vezes lhe dá moléstia e fastio pela presunção e dureza das partes, contudo alcança grande reputação pela destreza e paciência com que as ouve e compõe, tendo posto o ânimo naquela sentença: “Que ãa alma generosa busca quietação doutrem e despreza a sua.” Este gentil-homem, contando-me um dia os trabalhos e fadigas que sofria algũas vezes em concertar estes cascos vazios da gente plebeia, me disse como ele tratava a paz com dous officiaes um dos quaes tinha ferido ao outro no espinhaço, pelo que fez o escrito da satisfação e o levam ofendido, o qual, acenando com a cabeça confirmava e aprovava o escrito, mas quando chegou às derradeiras palavras em que dizia que ambos em sinal de paz e de amizade se abraçavam, ei-lo arrependido logo e disse que não queria fazer nada e perguntando-lhe Volpe a razão porque, lhe respondeu que não queria abraçar um tredor que o tinha ferido detrás nas espadas, mas replicando Volpe que era necessário o abraço, disse: “Se assi é, eu não o quero abraçar a ele, mas quero que ele me venha abraçar por detrás para que o abraço seja conforme a ofensa”. Que direis vós deste homem?

LU. – Eu digo que esse oficial deu mostras de um grande engenho porque foi o primeiro inventor das satisfações postergaes, mas eu de novo quero saber de vós algũa louvável e segura forma de fazer as pazes.

(**Nota lateral** – Modo de fazer as pazes)

ANÍ. – Fácil será a forma, contanto que a paz se ajunte à justiça, a qual consiste em dar a cada um o seu. Eu, sem fazer comemoração das cousas que dignamente foram escritas dos autores que já nomeamos, digo que todo aquele que tratar de pazes deve informar-se diligentemente do caso e assi como um perfeito contador querendo reconhecer ãa conta falsa, busca sutilmente o lugar e o número do qual se alterou a conta, assi ele tendo diante de si ãa queixa na qual ãa das partes ou ambas de duas se saíram dos termos civis, deve recorrer à origem da queixa, que é o primeiro excesso ou de palavras ou de obra, de que se seguiram depois outros inconvenientes, e feito isto é razão que aquele primeiro que se alargou dos termos arrezoados confesse seu excesso e daquele se comece a dar satisfação. Mas é necessário advertir que posto que ele tivesse feito o dito excesso em sangue frio e com desenho pensado de agravar à parte, contudo enquanto não há prova em contrário lhe será lícito por não agravar a si mesmo de o honrar com alguma declamação do seu ânimo ou com alguma escusa pela qual se dê campo a outra parte de lhe dar igual satisfação. Ponhamos este exemplo: Pompeu disse a César que era ambicioso, César se ressentiu com a desmentida. Vieram às armas, apartaram-se e trata-se da paz, à qual, devendo-se de dar forma, se dirá em nome de Pompeu que ele chamou a César ambiçoso por zombaria familiar e não por agravo de honra, e responder-se-á em nome de César, que sendo assi revoca e anula a desmentida dada a Pompeu em modo que não prejudique à sua honra. E ei-los aqui amigos.

(**Nota lateral** – Exemplo de ãa queixa)

LU. – E que diríeis se César, vendo-se chamar ambiçoso, dera a Pompeu ãa bofetada?

ANÍ. – Nem por isso se deixaria de dizer o que se disse em nome de Pompeu por ele haver sido o primeiro que entrou no criminal, mas porque César passou os termos da razão e devendo de rebater a injúria somente com a desmentida o afrontou com ãa bofetada, convirá para satisfação deste excesso que se diga em nome de César, que cuidando que Pompeu lhe chamara ambiçoso por injúria, vencido da cólera lhe dera ãa bofetada, pelo que lhe pede que lhe perdoe e que Pompeu se contente.

LU. – Este pedir perdão parece a muitos cousa difícil, como palavra servil, e se contentam mais de pedir que lhe seja perdoada a ofensa.

(**Nota lateral** – Quem ofende há-de pedir perdão)

ANÍ. – Estas palavras me parecem circulares, porque perdoar a ofensa não é outra cousa que perdoar, nem outra cousa é perdoar que perdoar ofensa. E porque pode haver algum

obstinado no pedir perdão de [~~coração~~] seu manifesto erro e de ãa injúria que [~~he~~] ele tenha feito injustamente e fora dos termos de cavaleiros, pouco lhe custará usar de ãa doce palavra em troco de ãa amargosa obra, e não pode ele de outra maneira satisfazer não digo à honra do adversário mas à sua própria e deixai dizer quem quiser que assi corre este negócio.

LU. – A my me parece que com a forma desta paz (não dizendo outras palavras) se [~~desse~~] havia um pouco de ânimo a César de ter a Pompeu por covarde.

ANÍ. – Não se pode dizer que Pompeu fosse covarde pois que ele, recebida a bofetada, procurou com as armas de se inteirar. Quanto a dizer mais palavras, vós me prevenistes porque neste ponto vos queria dizer que por não deixar algũa sombra ou suspeita de se poder dizer que a paz se não fez com inteira honra das partes, e para sarar todas as chagas, eu julgo que na paz entre César e Pompeu será bem ajuntar estas palavras, senão essenciaes, ao menos louváveis e virtuosas, convém a saber, que se reconhecem um ao outro por cavaleiros honrados e outra desta qualidade, que nas queixas dos cavaleiros onde concorrem semelhantes dúvidas fazem muito a propósito, e como açúcar adoçam a boca. Eu não quero que estemos agora discorrendo de outras sortes de queixas por não sair fora do nosso campo, mas replicarei somente que em qualquer sorte de desigual [~~ilegível~~] é necessário ir à origem dos excessos e começar a emendar o primeiro excesso, depois do qual sucessivamente se vem facilitando a paz.

LU. – É muito judicial a consideração que propondes que se faça sobre a origem e a primeira desordem da queixa, mas contudo isto acontecem algũas vezes algũas tão intrincadas que ou por falta de prova, ou por outra ocasião, os padroeiros se acham naquela dificuldade que acontece às mulheres, quando com muito cuidado andam virando e revirando a debadoura para achar o princípio do fio que se lhe quebrou. Vedes aqui um exemplo de um caso que aconteceu poucos dias há entre certos soldados, um dos quaes chamado Alexandre disse na hora de sua morte a António: “Eu te deixo est[~~a~~]e [~~carta~~] pistolete que me deu Vicencio Luchez”. Poucos dias depois outro soldado, tio do Luchez, pede a António [~~a carta como sua~~] o pistolete me deu Alexandre, o qual lhe deu Vicencio vosso sobrinho. Replica o outro, meu sobrinho não pode dar o que é meu. António, ouvido isto, acha Vicencio, o qual lhe disse que o pistolete era seu e que livremente o deu ao morto pelo que se foi a seu tio dele e lhe disse como seu [~~neto~~] sobrinho afirma que o pistolete era seu e que o deu ao morto, disse o outro, meu sobrinho não pode dar o que não é seu, e quantas vezes dissestes e

dizerdes que o pistolete é vosso, tantas vezes mentistes e mentireis. Mete-se entre eles o capitão e toma o pistolete oferecendo-se de o dar a quem justificar seu dito. O tio leva o sobrinho diante do capitão, ao qual o sobrinho disse que dera o pistolete ao morto condicionalmente, convém a saber, em caso que seu tio fosse contente disto. O capitão trespassou o pistolete nas mãos do tio e assi ficou António com a carga, com o escárnio e sem pistolete. Agora se trata a paz, mas como será possível dar-lhe forma sem desonra de António? E qual diremos que foi o princípio do excesso desta queixa?

ANÍ. – Esta paz entre que pessoas se procura tratar-se?

LU. – Entre António e o tio de Vicencio.

ANÍ. – E porque se procura de fazer paz, onde não há queixa?

LU. – Não vos parece que há queixa entre eles ao menos pela desmentida que se deu a António?

ANÍ. – Não foi realmente desmentida, senão injúria, à qual se podia dar repulsa dizendo-se-lhe, mentis que eu não menti, mas posto que fosse desmentida ela se provou com o dito de Vicencio, pelo que a queixa entre eles ambos é acabada, nem fica a António outra ocasião de contenda nem de quebrar a cabeça com o tio de Vicencio, nem de lhe ter ódio, antes querendo-se encontrar com ele imita o cão que corre a morder a pedra que o ofendeu.

LU. – Porque não lhe terá má vontade, se por esta contenda fica na opinião do capitão e de todos os que entendem o caso, um mentiroso e escarnecedor?

ANÍ. – Nisto não tem culpa o tio, o sobrinho si, que o sujou com seu dito, de maneira que o coitado de António saiu da queixa para com o tio e entrou com o sobrinho.

LU. – Convém logo que António busque a Vicencio e faça ãa destas duas cousas, ou justifique civilmente, se puder, como o sobrinho afirmou de princípio que o pistolete era seu livre, e fazer diante do capitão esta fé em virtude da qual se descubra a contradição e sua infâmia e ele fique desagravado, ou o desminta que não [he] deu condicionalmente o pistolete ao morto, ou o constranja a que venha com ele às mãos e provar-lhe o contrário.

ANÍ. – Estes são os partidos que se tomam no prosseguimento das queixas, mas já vos tenho dito que a nossa proposta é de tratar pazes e não de fomentar queixas.

LU. – Aqui vos espero e desejo saber como se poderá fazer a paz entre estes dous sem vergonha do tio e do sobrinho. Certo é que António não pode fazer paz se Vicencio não revoga o seu dito e não confessa que ele deu livremente e como seu o pistolete ao

morto, e retratando-se nesta forma desonra-se a si mesmo e descobre um embaraço entre ele e o tio, o qual logo se lhe fará inimigo e entrará em queixa com ele e o tirará de Caribde para Cila.

ANÍ. – Quem quiser tratar esta paz podê-la-á acabar honrosamente se propuser a Vicencio, como a autor do primeiro excesso, um honesto modo de se salvar a si, de salvar o tio e de salvar a António. Digo assi que quando um homem caiu em algũa contradição de si mesmo, senão puder sustentar com algũa distinção um e outro dito, pode-se salvar honestamente com qualquer aparente razão com que mostre que o que aconteceu foi por ignorância ou por efeito de memória e não por malícia. Pelo que se poder propor a Vicencio que confesse que preguntando-lhe de improviso António se era seu e que lhe dera, mas que todavia cuidando despois neste negócio se lembrou que ele não podia dispor livremente do pistolete sem consentimento de seu tio e ordem, ou ao menos se entende que se deu ao morto com esta condição. Deste modo bem vedes como satisfaz ao tio e a António e livra-se a si da contenda em que se metia ou com um ou com o outro, e sucessivamente se vem a se desatar e reduzir-se a nada a desmentida ou injúria que o tio fez a António.

LU. – Essas palavras sustentam a reputação do tio e o restituem a primeira honra a António, mas a Vicencio, se me não engano, trazem ãa certa nota oculta de dobreza e de inconstância e de pusilanimidade e me parece quase que dizendo estas palavras venha a fazer aquele acto com o tio e com António que fez o morcego com duas [rasurado ilegível] doninhas, ãa das quaes o queria matar como rato, pelo que ele por se salvar disse a aquela que não era pássaro senão rato e disse a estrouta que não era rato senão pássaro.

(Nota lateral – Fábula)

ANÍ. – Essa nota se lhe poderá dar quando claramente se soubesse que ele havia usado nisto algũa malícia, mas não aparecendo outra cousa em contrário a ele toca declarar seu ânimo e a nós tomar seu dito no modo em que o disse, e não somente não é vituperado, mas digno de louvor e honra o que por esta via emenda e alivia o seu erro e desagrava sua consciência, e bem sabe Vicencio que sem esta declaração provoca a ira de Deus e ódio do mundo contra si, deixando por sua culpa injustamente agravada a fama de António.

LU. – Deixemos estas queixas e tirai-me [~~esta~~] a confusão em que estou acerca das contendadas que nacam algũas vezes entre partes e tem seu começo em abraços, quero

dizer, em quem há-de começar a dar o abraço, e algũas vezes tenho nisto estes contrastes e conluirem-se com que à parte ofendida toque estas sobre si e esperar que a outra parte o venha abraçar.

ANÍ. – Não somente nace[m] queixas do que dizeis mas nace[m] também da qualidade dos abraços, porque algũas vezes não quer consentir um que o outro lhe deite os braços ao pescoço como superior, e o outro não o quer abraçar com os braços encruzados por se não fazer igual. Ora se queremos saber a quem toca primeiro mover-se neste abraçamento, eu digo que com razão toca ao ofendido, porque o abraço não é outra cousa que um sinal de amor que ao ofendente, o qual se se move primeiro ao acto do abraçamento parece quase que zomba do ofendido e que imita o outro, o qual tendo ferido a um à morte lhe mandou dizer que lhe perdoava. Mas contudo isso eu faço outra consideração e digo que assi como as palavras de consentimento recíproco são aquelas que para com Deus fazem válido o matrimónio, e não as outras circunstâncias, assi a reconciliação dos inimigos se faz em virtude das palavras e não dos abraços, os quaes se usam muitas vezes nas pazes entre pessoas iguaes não por acto necessário, mas por confirmação de seus ânimos e maior contentamento dos medianeiros e dos outros assistentes. Pelo que dous gentis-homens inimigos contrasta[m] sempre pela honra e não quer obedecer um ao outro até que se não digam e confirmem de ambos de dous as palavras da paz, mas despois que em virtude das palavras se fizeram amigos, razão é que como amigos comecem logo a contrastar-se de humildade e de cortesia, pelo que o primeiro que se determinar a abraçar ao outro tem para comigo maior louvor e maior honra.

LU. – Essa consideração me parece muito arrezoadada e conforme ao vosso entendimento.

ANÍ. – Não deixarei de vos dizer que como fazem acto gratíssimo a Deus os que trabalham por fazer pazes, assi fazem mal os que havendo queixas não dão orelhas aos medianeiros que as tratam e não procuram ante tudo não ofender a Deus, não destruir a fazenda, não se perder a vida, a qual se abrevia e se consume com o fogo do desdém e com o desejo de vingança, nem [haver] tirar perigo de maior inconveniente, nem a malenconia e trabalho dos parentes e amigos e alegria dos inimigos e finalmente a que não haja dano da alma, e se lembre daquele dito: “Não se ponha o Sol sobre a vossa [cólera] ira.

LU. – E também se diz outro: “Que as inimizadas se hão-de fugir cautamente, sofrer pacientemente e acabar prestezmente”.

ANÍ. – No fim não trazem outro fruto as queixas que ãa danosa sabedoria.

LU. – Que chamaís vós danosa sabedoria?

ANÍ. – Chamo danosa porque o homem aprende a ser sagaz, mas muitas vezes com perda e arrependimento porque se soe dizer que três cousas fazem o homem avisado, o amor, a demanda e a queixa, por amor das quaes cousas se perde algũas vezes a honra, a fazenda e a vida. Mas desta honra cavalaresca temos já dito assaz e o mais que se puder dizer o remeteremos aos escritores desta matéria. E pois que outra cousa não fica por dizer acerca da honra que se alcança em vida, passemos a aquela que se alcança na morte.

(Nota lateral – Três cousas fazem o homem avisado)

LU. – Como entendeis que se alcança na morte?

ANÍ. – Algũa vez as honras se alcançam na morte, quero dizer, no acto de morrer, e algũa vez depois da morte. Dos primeiros se podem trazer [~~por~~] o exemplo de Atílio Régulo, de Cordo, de Décio, de Curtio e de outros, os quaes intrepidamente morreram por serviço da pátria e de seus príncipes, pelo que era profissão dos lacedemónios alcançarem honra ou vencendo ou morrendo, o que quis significar aquella [~~viril~~] varonil mulher que dando o escudo ao filho disse. “Ou torna com este, ou neste”. Mas mais que todos alcançam honra [~~aqueles~~] os que pela fé de Cristo sofrem a morte, como fizeram os Santos Mártires, os quaes além das honras terrenas, foram de Deus metidos em posse das celestiaes e divinas e possuindo suas almas [~~na~~] em paciência e sofrendo perseguições pola justiça, e cantando entre mártires louvores a Deus se fizeram bem-aventurados e gloriosos.

(Notas laterais – Honras que se alcançam na morte / Mártires)

LU. – Esses podiam dizer bem com o poeta: “Que bem morrendo honra se alcança”. Porque conforme a Inácio, ouvindo os bramidos dos leões, dos quaes esperava ser despedaçado e tragado, dezião: “Eu sou trigo de Cristo que hei-de ser mastigado dos dentes das feras [~~rasurado ilegível~~] para ser pão muito mimoso.

(Nota lateral – Inácio)

ANÍ. – Alcançam também honra na morte os que vivendo como bestas [~~se~~] reconhecem no último ponto da vida seus erros e morrem como cristãos.

LU. – Posto que chegar a bom fim seja um bem supremo, todavia mui dificultosa cousa é que o que vive em mar alto morra no porto.

ANÍ. – Ora digamos das honras que se alcançam depois da morte com as estátuas e as imagens que se levantam à honra dos mortos, pelo que se lê de Alexandre Magno que fez levantar cento e vinte estátuas a cento e vinte cavaleiros seus, mortos na guerra, e confirmou sucessivamente as provisões em seus filhos. A estas honras se podem também ajuntar as últimas honras funeraes que se dão em diversas maneiras às pessoas em testemunho da sua boa vida.

LU. – A my me parece que se não pode dizer que um morto que não tem sentido algum receba nem alcance honra, mais que dar-se-lhe sepultura e acompanhá-lo com pompa funeral tenho para my que não é propriamente honra, mas antes é um acto de piedade conveniente ao nosso estado que não pode sofrer de ver jazer os corpos mortos à maneira de bestas sem sepultura sobre a terra.

ANÍ. – Bem o podemos dizer enquanto ele é digno de ser honrado e conhece que por seus merecimentos deve com razão esperar de todos ser sempre honrado com a língua e com o coração, mas não o podemos dizer enquanto ele não está presente nem tem notícia desta honra particular que lhe fazemos

ANÍ. – Daqui logo podemos entender que as honras se fazem em duas maneiras, convém a saber, à pessoa com o beijar as mãos e os vestidos, as inclinações, os presentes, as coroas, o dar a rua, dar ofícios e outras honras que se fazem à pessoa honrada. As outras honras que se fazem em ausência ou em morte do honrado diremos que [~~propriamente~~] não se fazem propriamente à pessoa, mas ao nome. E por isso não é maravilha se os filósofos dizem que a honra está mais no honorante que no honorato, porque além doutras razões há esta que o honrado muitas vezes recebe honra sem saber donde, nem de quem lhe vem, e assi vereis que as sepulturas, as pompas funeraes e outras honras que se fazem aos mortos não respeitam a pessoa, senão o nome e a memória de sua virtude, e posto que são actos de piedade, são porém honras, o que notou o poeta Mantuano falando dos corpos que não estão sepultados:

“Da honra da morte são privados.”

LU. – Se isto são honras, creio que a honra das pompas funeraes se faz ao nome, mas a honra da sepultura podemos dizer que se faz à pessoa que é aos ossos e aos membros.

ANÍ. – Se vós entendeis pela sepultura somente aquela cova que é o sepulcro onde se põem e se cobrem os mortos, tendes razão, mas se chamaes sepultura aquele acto de enterrar e as cerimónias com que se faz, diremos que tal honra se faz à alma e não ao corpo. E as honras que se fazem ao redor da sepultura com as pinturas, os ornamentos,

as insígnias, os epitáfios, as orações fúnebres e outras semelhantes pertencem sem dúvida ao nome e à memória do morto, como as muitas composições que fazem diversos autores para consagrar o nome de Madama Margaida de Sabóia defunta, entre as quaes não me parece que se deva calar esta de um nosso Académico:

“Ó Palas, amada filha,
Que deste do teu divino engenho
Ao pequeno Carlo tão grão parte

Torna ao celeste reino
Despojando o mortal véu
E com quieto coração deixa que Marte,
Seu magnânimo pai, o veja e porque
Faze-lo na terra tal qual sou no céu.

Assi o grande Jove
Disse, tornando a chamar desta vida
A real Margarida.”

LU. – Apraz-me estes poucos versos porque juntamente louvando a Madama morta, exalçam o duque e o príncipe vivos.

ANÍ. – Também ~~[escreveu]~~ fez o mesmo autor à honra dele este soneto:

~~[E que estas fossem todas por honras se pode julgar dos costumes dos antigos que assi como davam mais honra das sepulturas às pessoas beneméritas, assi não davam sepultura a algũa a pessoas infames e aos que se enforcavam por si mesmos]~~

“Ó que alegria no céu, pranto na terra
Nos deu, ãa preciosa jóia oriental
Que mais que os tesouros d’Oriente val
Aqui nesta tumba (como o Sol) se encerra.

E como o Sol trespassa cá na terra
Pelo vidro fora seu raio imortal,
Assi deste a rara virtude letal
Que deste mármore sae a luz à terra.

E como o Sol às estrelas tolhe o lume,
Assi excedes e fazes menos claros
Mil poetas e seu famoso canto.

Mas porque o Sol te iguala, ó santo nume?
Que os seus raios são demos teus, avaros
E moras junto ao Sol supremo e santo.”

E que estas fossem tidas por honras se pode ver dos costumes dos antigos, os quaes assi como davam mais honradas sepulturas às pessoas beneméritas, assi as não davam a pessoas infames e aos que se enforcavam per si mesmos. E os persas mandavam que os condenados à morte fossem comidos das bestas feras e os atenienses negavam sepultura aos traidores, e sabei que quantas maneiras há de honrar os vivos e mortos, tantas há para os desonrar. Era honra dar a cidade, desonra o desterro, honra dar dignidades e ofícios, desonra tirá-los, honra dar [palácios] paços reaes e casas magníficas, desonra botar-lhas por terra, como se fez a um cidadão romano, ao qual não somente foi derribada a casa, mas por maior infâmia foi no mesmo sítio edificado a pública carnecaria, e assi como era honra dar sepultura e enobrecê-la com diversos ornamentos, assi é desonra ruiná-la e tirar os ossos e as cinzas dos mortos e lançá-los fora dos lugares sagrados como se faz aos que morrem fora do lume da fé.

(**Notas laterais** – Persas / Atenienses)

LU. – Do exemplo de Tobias que com tanta instância mandou ao filho que com diligência o enterrasse e também a sua mãe, aprendemos a ser nesta obra solícitos, na qual mostraram sempre os gregos e os romanos grande piedade, porque os filhos de Quinto Metelo eles os levaram à sepultura sobre os ombros e aos senadores romanos também levaram o corpo de Sila, ditador, e segundo os merecimentos das pessoas e davam as sepulturas magníficas com inscrições, com insígnias e outras honras e se faziam jogos e espectáculos fúnebres, e se espalhavam sobre a tumba muitas coroas de flores e de diversos cheiros.

ANÍ. – Por isso se fez sobre a sepultura de um bêbado este epitáfio:

“Nem rosas nem amarantos sobre my
Mas vinho espalhai, que a mesma sede
Que vivo tive, morto tenho aqui.”

(**Nota lateral** – Epitáfio de um bêbado)

LU. – Não se sofreriam hoje estas ridículas memórias como foi também aquela do francês:

“Meu irmão Estevão jaz aqui

Se ele se acha bem, estesse assi.”

ANÍ. – Temos também muitas orações fúnebres feitas por gravíssimos e nobilíssimos escritores nas mortes dos príncipes e cavaleiros honrados, o qual costume começou nos romanos de Valério Publicola, o qual tendo com grande arrazoado encomendado publicamente a vida e acções de Bruto, seu companheiro morto, foi mui agradável a todo o povo por esta mostra que deu pia, e depois por seu exemplo se fizeram sucessivamente muitas orações funeraes, pelo que César louvou a Júlia, sua tia. E Fábio Máximo com espanto de toda Roma deu esta última honra a Cipião no dia de seu enterramento.

(**Nota lateral** - Valério Publícola, autor das orações funeraes)

LU. – Seguindo nosso prazenteiro estilo, não me parece que se deva deixar de contar aquele não menos engenhoso que vulgar sermão do cura Arloto (ou de quem foi) na morte de um da família dos lobos, em cujas honras no cabo fez esta distinção: “Quatro animaes há no mundo de diversas qualidades, o primeiro é mau em vida e bom na morte, que é o porco, o segundo é bom em vida e mau na morte, que é o asno, o terceiro é bom em vida e também bom na morte, que é o boi, o quarto não é bom nem na vida nem na morte e este é o lobo.” Mas deixando contos à parte pois que fizemos menção da honra das sepulturas, digo que um dos mais magníficos e maravilhosos espectáculos que tenho visto é a ordem e pompa e as cerimónias que se fazem nos enterramentos dos reis de França e porque é cousa de que se possa fazer um grande volume, passo [só] com vos dizer somente de ãa janela sobre a ponte de Nossa Senhora de Paris vi nas exéquias del-rei Anrique, pai deste, passar toda a procissão e durar o espaço de cinco horas, do qual tempo se pode julgar qual fosse o número de religiosos, dos pajens, dos archeiros e de outras guardas dos escudeiros, dos gentis-homens de Câmara, de cavaleiros da ordem, dos magistrados e de toda a corte vestida de negro. Além disto, a frequência de todo povo de Paris na Sé, enquanto se faziam as exéquias com a assistência de príncipes, cardeaes, bispos e outros prelados de França e depois levar o corpo de Sua Majestade a São Dionísio onde enterram todos os reis e fazer-se a oração fúnebre do senhor de Telone que agora é cardeal de Torino e o cantar a missa do cardeal de Loreina. E virem

todos os príncipes ajoelhar-se ao redor da sepultura e levar ali todos os estendartes reaes e encher-se aquela igreja de choro e de tristeza.

(**Notas laterais** – Sermão do cura Arloto / Exéquias del-rei Henrique II)

ANÍ. – Estas honras que se fazem nas exéquias com tanta pompa movem certo a piedade e espanto, contudo porque sua memória não dura senão poucos dias, estimo mais aquelas cousas que para eterna memória fazem espectáculo nas igrejas, como o sepulcro de Santo Agostinho em Pavia e as sumptuosas sepulturas que em muitas partes do mundo se vem, as quaes dão grande honra às cidades e glória às famílias e servem aos sucessores de um estímulo que os incita a seguir a virtude e resplendor dos honrados defuntos.

(**Nota lateral** – Santo Agostinho em Pavia)

LU. – Lê-se dos egípcios que gastavam mais nas sepulturas que nas casas afirmando que aquelas eram moradas sempiternas dos mortos e eram hostarias de vivos.

ANÍ. – Consideremos quanta honra alcançou para si e para seu marido a rainha Artemísia, levantando aquele famoso mausoléu que mereceu ser tido por um dos sete milagres do mundo.

(**Nota lateral** – Artemísia)

LU. – Conta-se que el-rei Afonso de Aragão gastou na sepultura de Fernando, seu pai, dezassete mil cruzados.

(**Nota lateral** – Sepultura del-rei Fernando de Aragão)

ANÍ. – Mas consideremos se há no mundo mausoléu que faça mais espanto, que mereça mais reverência e que convide mais a toda a gente assi vizinha como [~~de longe~~] estrangeira a visitá-lo que o santíssimo sepulcro de Nosso Senhor Jesu Cristo, onde se entende que há um templo preciosamente ornado e enriquecido das largas mãos dos príncipes e de outras fiéis e devotas pessoas.

(**Nota lateral** – Santo Sepulcro)

LU. – Se as sepulturas dos mortos servem aos olhos dos circunstantes de ãa memória da morte, a qual é poderosa para humilhar sua soberba, esta de Nosso Redentor, a que tem ventura de a ver, dá desejos de se despertar do sono e levantar da morte dos vícios e de subir às moradas do céu para se ajuntar com sua divina Majestade. Pesa-me que o peso dos anos e a fraqueza da pessoa me não deixam antes que morra visitar aquele santíssimo lugar, assi em pessoa, como o visito muitas vezes com a devoção e como muitas vezes com os joelhos da alma me inclino e digo: “Ó preciosíssima arca que

tiveste o tesouro celestial, ó terra santa, que a teu criador cobriste. Ó glorioso receptáculo do corpo de Jesu Cristo crucificado, eu depondo a minha antiga soberba inclino para ti os olhos e a alma, e reconhecendo que em ti foram juntamente com aquele corpo sem mágoa sepultados os pecados dos homens para os fazer ressuscitar a gloriosa e imortal vida, a ti consagro reverentemente a afeição do meu coração e contemplo o favor e a graça que recebeste no acolhimento que deste ao Rei do céu e em [~~arte~~] te aboborares daquele precioso sangue que saiu de suas santíssimas chagas. Contemplo o imenso resplendor e admirável claridade com que foram [~~as trevas~~] alumeadas tuas trevas. Contemplo o divino e odorífero calor com que ficaram gastados os teus frios e vaporosos humores. Contemplo as amargosas lágrimas sobre ti derramadas das devotas mulheres. Contemplo tenramente o temor e a alegria que tiveram quando ouviram aquela angélica voz, “Ressuscitou, não está aqui”. Contemplo a devoção com a qual [~~desde~~] das últimas partes do mundo vem os mortaes com os joelhos em terra com tremor pio, com humildes beijos, com afectuosas vozes, com doloridos suspiros, com vivas lágrimas, com profundas meditações, com coração limpo a honrar-te e reverenciar-te. Eu que com os olhos corporaes te não posso ver, ó Sacratíssima tumba, a ti volvo estes do espírito e com as asas da confiança a ti vou voando e contigo indissolivelmente me ajunto, e rogo àquele todo poderoso Senhor que de seus gloriosos membros te fez digna depositária que tanta virtude e tão grande resplendor faça sair de ti que alumie o cego entendimento da pérfida gente em cujas mãos estai posta para que para glória sua toda a terra se venha reduzir a um rebanho só e a um só Pastor.

(Nota lateral – Oração ao Santo Sepulcro)

ANÍ. – Grandemente louvo o piadoso e devoto affecto que mostraes a aquele santíssimo sepulcro, e digo que são bem aventuradamente privilegiados os que de longas terras com devota peregrinação o visitaram, e me alegro que quase sem o pensarmos viemos nesta forma a acabar vossa prática e a pôr todas as honras do mundo no sepulcro de Cristo, o que nos serve por exemplo de que todos os homens de são entendimento devem procurar de exercitar suas honras em louvor de Deus e benefício do próximo, para que depois da morte possam ressuscitar gloriosos e alcançar as honras do Céu.

LU. – Praz a Deus que colhamos este fruto dos grãos que hoje temos semeado. Vamos agora tomar cinquenta passos de recreação espiritual até a igreja de São Domingos, onde ganhamos muitas graças encomendando-nos a Nossa Senhora.

ANÍ. – Proveitosas são todas vossas lembranças. Vamos.

Da honra das mulheres

Diálogo oitavo

Aníbal [~~Lodovico~~] Luís

Que faremos, senhor Lodovico, para abreviar esta longa jornada e levá-la sem pensar ao poente? [É] Cousa honesta é que procuremos de tomar vigor e confortar ânimos desmaiados e espantados dos ameaços desta peste vizinha.

LU. – Ûa de duas cousas podemos fazer, ou entretermos aqui em casa, como fizemos ontem com algum novo e prazenteiro discurso, ou retirarmos [~~em~~] a casa da senhora Lélia São Jorge, minha parenta onde teremos virtuosa e doce conversação.

ANÍ. – Eis aqui um princípio da nossa recreação porque só o nome desta senhora faz um docíssimo som nas orelhas e nos corações, e se a muitas outras valerosas donas são concedidas graças e dotes do céu, com as quaes se lhe possam igualar, contudo a my me parece que ela deixa muitas atrás com um certo privilégio que tem de saber acolher a si os homens virtuosos, os quaes folgam muito de visitar e honrar e ter-lhe devoção e de apascentarem seus espíritos como néctar e ambrósia que tiram dos seus olhos, dos seus gestos e de sua fala, pelo que um nosso Académico, querendo mostrar que até Diana lhe tem enveja, disse estas palavras:

“Ambas temos do céu muy excelentes
Os nomes e conformes
Mas nas obras e efeitos diferentes
Eu pelos bosques ando à calma e ao frio
sigo e prendo, ora esta ou aquela fera
fugitiva e ligeira.
Tu, nos paços, com um aceno sujeitas
os ânimos ilustres valerosos.
Estas palavras fora vai brotando
Delia, a nossa Elia invejando.”

LU. – Certo que não bastam todos os mal intencionados do mundo a lhe tirar esta sua própria e devida honra, e é cousa notíssima não menos a estrangeiros que a os cidadãos que sua casa é um porto e refúgio de gentis e honrados espíritos entre os quaes exercitando ela discretamente as orelhas e felicemente a língua, com muita razão tem alcançado por voto de todos o título de magnânima e virtuosa matrona. E [~~me~~] disseram-me que ontem enquanto nós discorriamos aqui da honra universal se fez ali um largo razoamento da honra particular das mulheres com maravilhosa escolha de muitos gentis-homens e damas e o razoamento se começou e se entreteve por largo espaço de tempo entre o famoso jurisconsulto [~~senhor~~] Papiniano Denalio, digníssimo vicário da cidade e [~~do senhor~~] Gabriel Natta, um, como sabeis, dos mais gentis cavaleiros deste ducado e ambos não menos letrados que prazenteiros e amáveis nas conversações.

ANÍ. – Ora susfirmemo-nos neste sujeito, e porque para nossos corpos é salúífero um pouco de a que das partes do norte vem pelo direito desta janela seja hoje o nosso razoamento da honra das mulheres, com o qual emendaremos os defeitos porque havendo discorrido da honra dos prelados, dos príncipes, dos poetas, dos cavaleiros, dos magistrados e de outros personagens, ficou-nos fora não sei como a honra das mulheres com a qual se multiplica e se conserva o mundo.

LU. – Antes me parece que não há cousa no mundo mais para escarnecer e anular que a honra das mulheres, nem é cousa pelo contrário que mais o conserveho multiplique que a desonra delas.

ANÍ. – Tomai-o vós por qualquer via que quiserdes que em toda a maneira a desonra das mulheres é mais para destruir o mundo que para o engrandecer e entendei que mil Penélopes, mil Lucrécias, mil Cornélias e mil outras honestas matronas não bastarão com ãa felicíssima fertilidade dar a vida a tantos heróis quanto fez morrer ãa só desonesta Helena.

(Nota lateral – Helena)

LU. – Quando se moviam as guerras, se queimavam as cidades e se matavam multidões de gentes por esta ocasião havia de haver grande carestia de mulheres impúdicas por tal modo que estando ãa [~~cheia~~] cercada de muit[a]os, necessariamente se seguiam estas desordens e aquelas ruínas, as quaes não acontecem hoje em nossos dias porventura porque é crecida a cópia das mulheres graciosas liberaes e afeçoadas aos amantes e o que mais me confirma nesta opinião é [~~que vejo~~] ver que em todas as cidades havia já

um lugar público, para onde se mandavam morar as mulheres de má fama e hoje não se faz distinção de ~~[mulheres]~~ lugares, como se as ruas e as pessoas foram todas de ãa mesma qualidade. Ajunta-se a isto para mor claridade que hoje não se escrevem mais cartas de amores, não tem mais mensagens aquelas piadosas donas que só color de devoção e santidade e com máscara de vender teias traziam cartas e embaixadas, não se usam já as escadas de corda, já tem criado ferrugem os ganchos de ferro e outros artifícios para chegar às janelas, como se costumava, sinal manifesto que está hoje o mundo mais plano, mais doméstico, mais pacífico e mais livre. Dir-me-eis porventura que mais livre estou eu da língua porque quero dar a entender que as mulheres deste nosso tempo são geralmente menos honestas, sabeis que isto que digo vem em maior louvor ~~[seu-delas]~~ de aquelas que tem título de honradas matronas, porque não é grande virtude conservarem-se sãs entre as sãs e intactas, grande virtude é conservarem-se sãs entre as enfermas, e daqui quero inferir que são assaz mais dignas de honra do que são os homens.

ANÍ. – Que as mulheres deste tempo sejam menos castas que as do tempo passado não se vos deve conceder e sei que dizeis zombando o que verdadeiramente não credes, porque louvado Deus pola vigilância dos pastores se tem tirado do mundo muitos abusos e relaxações e se vive hoje com tanta reformação que nas cousas tocantes ao espírito e à santidade nossos bisavós se vem ~~[por]~~ que lhe temos posto o pé diante ~~[e nos]~~ e nós ~~[a]~~vemos que o tem posto diante de nós nossos filhos. E quanto a que as mulheres são mais dignas de honra que os homens, eu vo-lo concedo, porque se a honra está fundada sobre a virtude, como temos dito muitas vezes, maior honra é a das mulheres porque tem mor virtude que os homens. E que eu fale verdade lembre-vos daquele personage ~~[que os dias passados]~~ que nos dias passados requerido de vós e de my e de outros gentis-homens a querer dar em um colégio a um pobre virtuoso mancebo nos mandou para casa a todos com ãa boa negativa, e depois as rã (bem me entendeis) acenando-lhe não mais ~~[com isto]~~ nos trouxe com alegria de todos ãa graciosa afirmativa. Eis aqui como tem maior virtude ãa só mulher que muitos homens. E como é digna de mor honra. E se não abasta este exemplo, lembre-vos também o ~~[exemplo]~~ de muitos maridos a que se dá o título de misser e suas mulheres se chamam senhoras.

LU. – Estes sucessos se hão-de atribuir à virtude do amor e não das mulheres que não merecem por isso maior honra.

ANÍ. – Dezei logo que razão vos persuade a estimar as mulheres prodignas de maior honra.

LU. – De muitas razões sou persuadido, porque além de me lembrar daquele dito que as mulheres fazem os homens gloriosos e os homens não se podem apartar delas, eu as tenho por dignas de maior honra por muitos ornamentos não menos de ânimo que do corpo, com os quaes são superiores aos homens. Se atentaes a sua graça e beleza estaes forçados a confessar que nós somos, respeito a elas, como monstros infernaes a respeito dos espíritos angélicos. Se olhamos para a honestidade, não negareis quanto elas são solícitas a conservá-la tanto o somos nós a destruí-la. Se falamos na devoção, vós reconhecereis muito inferior e achareis que em nossa confusão e vergonha se chamam as mulheres devoto feminino sexo. Se queremos examinar a cordial afeição e exquisita diligência no governo da casa, do marido, dos filhos e da família, acusareis a negligência e pouco sofrimento dos homens e aprovareis a sentença, “Que onde não há mulher suspira o enfermo”, e direis que a mulher é um exemplo de misericórdia. Se trataes do conselho (que de alguns não sei porque é tido por mais fraco que do homem), vos lembrarão os emperadores e outros senhores grandes que com felice successo executaram as proveitosas lembranças de suas sagaces mulheres e fielmente seguiram o mandamento que Nosso Senhor deu a Abraão: “Em tudo o que te Sara disser ouve suas palavras”. Se olhaes seu engenho porventura vos parecerá à prima face que o homem o tenha mais excelente e confirmareis essa vossa opinião com a infinita multidão de homens que com profunda doutrina e espantoso valor sobrepujaram muito o número das doudas e valerosas mulheres, todavia se com mais maduro discurso quiserdes contrapesar as partes vos lembrarão as muitas ilustres mulheres, as quaes não somente igualaram, mas porventura que avantajaram, os homens nas empresas militares, no governo de povos, no estudo de todas as ciências e de todas as artes. E dir-me-eis que [se] o número das mulheres engenhosas não chega ao dos homens! Isto vem não per natureza, mas por fortuna e por ocasião, porque os homens ou tiranos ou invejosos tomaram como posse de não deixarem ocupar as mulheres em outro exercício que no da roca e no da agulha, [pelo] pelo que não é de maravilhar, se por não serem ensinadas nem as deixarem exercitar, não se descobre a agudeza de seu engenho, antes é de espantar que contudo isto não ficam, malgrado a nós, como Sol de entre nuvens [de] para lançar fora sua virtude com maior ímpeto e que esta primeira honra seja devida às mulheres fazem antiga fé as nove musas e Minerva, sua capitaina, nem se pode dizer

cousa de maior glória sua que esta, que as três partes do mundo tem [~~mundo~~] o nome das três mulheres que houve, Ásia, África e Europa. Justiniano, emperador, chamava sua mulher reverendíssima e reverendas chamam os escritores as mulheres por um sinal [~~em~~] que em suas pessoas está posto de toda a reverência e honra. Muitas cousas mais se poderiam dizer sobre esta matéria que calo assi porque são notórias a todos, como porque creio que me não contradireis em nada.

(**Notas laterais** – Beleza / Honestidade / Devoção das mulheres / Governo da casa / Conselho / Engenho)

ANÍ. – Tão longe estou de vos contradizer, que em confirmação dos louvores que dignamente tendes atribuído às mulheres e para cumprir o que haveis deixado de dizer, [~~vos~~] acrecento que nas sagradas e profanas histórias e escritos de diversos poetas gregos e latinos se acham nomeadas as mulheres por senhoras e se esta palavra dona ou dama outra cousa não soa nas orelhas que senhora, bem se segue daqui que os homens são obrigados a honrá-las e servi-las. E se do princípio do mundo até o dia de hoje os mais famosos varões foram sempre sujeitos ao império das mulheres e se os romanos fizeram ãa lei particular que às mulheres se desse por reverência a rua, serei eu porventura tão soberbo, tão bárbaro e insolente que presuma de contradizer a autoridade dos escritores, ao antigo uso, à razão, às leis e que eu não me disponha a ser humilde às mulheres e seu perpétuo servidor? – Pelo que as prefiro aos homens, e creio que [~~a aquelas que são~~] às que são verdadeiramente virtuosas se não pode dar bastante honra e que por isto dissesse o sábio aquelas palavras: “Graça sobre graça a mulher santa e honesta.”

(**Nota lateral** – Dona quer dizer senhora)

LU. – Todas essas razões deviam de envergonhar os perfiosos que não querem obedecer às mulheres e para sustentar sua obstinação e para mostrar que o homem seja mais excelente que a mulher trazem este fundamento: que por autoridade de jureconsultos e por costume antigo, a mulher é alumiada com os raios do marido, pelo que não [~~a mulher do~~] o homem da mulher, mas a mulher do homem recebe dignidade e resplendor por tal modo que ãa mulher nobre, casando com um homem baixo, não o pode enobrecer com sua nobreza, mas poderá bem um nobre, casando com ãa vilã, fazê-la nobre.

ANÍ. – Esse fundamento não é tão firme como porventura cuidam aqueles espíritos de contradição e mal entendidos do som das leis. Porque aquela regra que a mulher é

alumiada com os raios do marido não foi dada, como falsamente crem, para decidir a questão da precedência entre as mesmas mulheres entre si, porque acontecia então, como hoje acontece, que um gentil-homem particular tinha por mulher a filha de um marquês ou de um conde e, pelo contrário, um presidente tinha por mulher ãa vilã. E porque entre estas mulheres havia contenda por causa da precedência, parece bem aos legisladores que as mulheres participassem dos ~~raios~~ privilégios do marido, a qual lei foi muito arrazoada, porque sendo o marido cabeça da mulher é cousa honesta que os membros sigam a cabeça e que a mulher goze juntamente com ele da mesma prerrogativa, e daqui veio em todas as partes do mundo as mulheres de pessoas de título se nomeiam com os títulos dos maridos e esta se chama condessa, aquela presidente e estrouta vicária, conforme ao que seus maridos são. E se parece a alguém cousa extravagante que as mulheres se nomeem assi, posto que as dignidades e ofícios os sirvam os maridos e não elas, contudo a razão pede que sejam assi nomeadas para que as gentisdonas que por origem lhes são superiores se contentem por reverência do título de seus maridos estar um passo atrás, porque se as mulheres não participassem das dignidades dos maridos haveria em campo cruéis peleijas entre as mulheres pela desigualdade da origem, o que estes deviam de atentar, que a regra alegada por eles e sinistramente interpretada não prova que venha maior honra ao homem que à mulher, e posto que ãa de baixo estado participe da dignidade e nobreza do marido, não diremos por isso que ela seja verdadeiramente nobre porque sempre lhe ficara impresso o sinal de vil nascimento o qual lhe causa que seus filhos se chamem nobres da parte de seu pai somente e não per sua mãe, assi como pelo contrário a mulher nobre tem razão de se gloriar muito mais da sua própria e natural nobreza que da do marido, e também quando se case com um de baixo, será inferior à mulher de nobre, mas não perderá por isso sua nobreza original.

LU. – São taes vossas razões que não tem os adversários com que as contradizer, mas desejo agora que me descorraes da honra das mulheres, porque estou considerando que não sendo costume delas exercitar-se nas ciências civis ou militares, nem fazer algũa daquelas empresas por meio das quaes se costumam ganhar honra, quase que se pode dizer que lhes é tirada a ocasião de exercitarem a virtude e por conseguinte que devem ter pouca honra no mundo.

(Nota lateral – Honra das mulheres)

ANÍ. – Eu não acho que alguma virtude seja maior nem que mais resplandeça nas mulheres que a honestidade e o governo de casa e a que tiver estas duas virtudes juntas, se poderá verdadeiramente chamar honrada.

(**Nota lateral** – Honestidade)

LU. – Por duas razões me parece que o que agora dissestes não pode ser verdadeiro. A primeira é que se a honestidade e a inteligência das cousas domésticas fazem a mulher honrada, tão honrada se pode chamar por respeito destas duas virtudes ãa vilã como ãa rainha, porque não menos ãa que outra é capaz de essas virtudes e pequena dignidade e pouca glória alcançaram as grandes matronas com essa sorte de honra na qual viram as vis mulheres [~~justas~~] a se igualar com elas [~~igualmente~~]. A segunda é que se a honestidade fosse o maior ornamento e a mais assinalada honra que podem alcançar as mulheres, não se engenhara a rainha Sabá a aprender muitas ciências e propor muitas e graves questões a el-rei Salomão, nem se afadigaria Cornélia no estudo da eloquência, e Marcela nas Letras Sagradas, e Eustóquia na diversidade das línguas, nem houverão Cleópatras, Semiramis, Artemísias, Zenóbias e as mulheres espartanas e as Amazonas, com tantos trabalhos e perigos, governado impérios e guiado exércitos, se não se persuadiram de alcançar maior honra da que é comum às vilãs. E se não creram de se fazerem por esta via gloriosas e imortaes, ao qual ponto não podem chegar [~~aquelas mulheres que só~~] as que de honestidade e de sua roca só se contentam.

(**Nota lateral** – Mulheres valerosas nas armas e nas Letras)

ANÍ. – Essas duas razões não me movem um pouco da minha opinião e não fazem que a honestidade não seja o maior ornamento que tenham as mulheres. E quanto à primeira razão, que tão honrada seja ãa vilã casta, como ãa casta rainha, eu negando-o [~~vos~~] digo que tanto mais resplandece a virtude quando ela tem mor contraste, pelo que se há-de estimar mais a honestidade de ãa moça e fermosa que de ãa velha e feia, porque a moça e fermosa é comunmente requestada para desonra e a velha e feia [~~comunmente~~] se deixa [~~estar em paz~~], o que tocou o poeta com estas palavras:

“Quanto mais mocidade e mais beleza

Tanto da honestidade o louvor creça.”

Do que se conclui que maior honestidade é aquela que sendo combatida não se rende, que a que nunca foi posta à prova. O mesmo digo das mulheres nobres e de alto estado, cuja honestidade é tanto mais digna e gloriosa quanto elas pela delicadeza de sua compeição, pela qualidade de manjares, pelas poucas forças para sofrer trabalhos e por

outras circunstâncias estão mais sujeitas ao perigo da desonra do que são as de baixo estado, às quaes como mais robustas, de mais trabalho e menos traquejadas se lhes tem tirado o fomento e isca com que se acendem os pensamentos lascivos. Pelo que diremos sem dúvida que maior e mais excelente é a honestidade de aquelas que destas. A segunda razão, que muitas valerosas pessoas procuraram com os estados das Letras e das armas [~~de~~] alcançar ãa mais sublime honra que a que [~~vem~~] tem de sustentar a castidade, respondo-vos que [~~aquelas~~] as mulheres que além da virtude da castidade tem outras virtudes, são sem dúvida mais honradas, que as que não tem outra virtude mais que a castidade, mas quando se põem estas virtudes em balança, digo-vos que aquela da honestidade tem maior força que todas as outras, antes a falta da honestidade anula todas as outras virtudes, nem se poderá com razão chamar honrada mulher alguma valerosa nas Letras e nas armas se ela for desonesta, mas pelo contrário se chamará honrada a mulher, ainda que sem a honra das Letras e das armas, enquanto sustentar a honra da castidade, e por acabar com ãa só palavra o fundamento da honra mulheril é a pudicitia, sem a qual nenhũa mulher pode subir a outras honras. Deixo de dizer que assi como muitas mulheres com a ciência das Letras Sagradas alcançaram fama de santidade e de dobrada honra, assi outras muitas com se darem ao estudo da vã poesia e com revolver os filósofos, os Decamerões, os Palmeirões e os Amadis dão sinal mais de vaidade que de ciência e em vez de colher a rosa, se ferem nas espinhas, e podeis crer que aquelas mulheres antigas tão valerosas nas armas com quererem calçar calças apropriadas a cavaleiros e vestir cossolletes fizeram actos de hermafrodites e traspassaram os sinaes daquela mansidão e modéstia que é própria de seu sexo, de que se seguia [~~aquela~~] a profecia que diz:

“Eu sou causa que todo o mundo diga

Que sendo vagabunda é impudica.”

LU. – Aquieto-me com estas razões e consinto que a honestidade seja [~~aquela~~] a honra sem a qual não pode a mulher conseguir alguma outra [~~honra~~], mas não me negará ninguém que não seja digno de imitação o exemplo das mulheres espartanas, as quaes vendo em um conflito que seus maridos não podiam ter o ímpeto dos inimigos e que se vinham pouco a pouco retirando, correram armadas em sua ajuda e puseram os inimigos em fugida, pelo que os maridos em agradecimento e honra das vitoriosas mulheres levantaram a imagem de Vénus armada e com este geroglifico publicaram a honra mulheril. Portanto queria agora saber de que razão ou de que enveja movidos os

homens de hoje não deixem às mulheres, para acrescentamento de sua glória, entremeterem-se [~~naqueles~~] nos negócios privados e públicos, não menos da guerra que da paz, e exercitem-se no armar e no cavalgar e tanto melhor quanto o divino Platão (se me não engano da memória do pouco estudo de minha mocidade) não ãa vez mas duas, e porventura mais, nos deixou a nós este preceito, e se vos parece bem que se lhes tire o vestirem-se e armarem-se como cousa pouco conforme à dignidade de dona isso acontece porque não se usa, como parece de todas as outras cousas inusitadas, mas quando se vissem mais de ãa vez reduzidas às insígnias militares não vos pareceria cousa estranha, nem contrafeita, mas natural, o que se nos declara com a vulgaríssima fábula do asno verde, e como disse um poeta:

“O uso as cousas grão tempo maneja
Que a natureza a longo andar pareja.”

(**Nota lateral** – Mulheres espartanas / Vénus armada)

ANÍ. – Eu não digo que as leis de Platão convenientes a aquele tempo são desconvenientes a este pela diversidade de governos e de estado militar, mas deixando à parte esta razão vos lembro que se tornardes a ler com diligência as palavras de Platão em que discorre deste negócio, vereis que manda às meninas que se ensinem a saltar e pelejar e as matronas que saibam levantar campo, ordenar exército e tomar armas na mão, e logo acrescenta que sejam inteligentes destas cousas, não por outra razão senão porque sendo caso que todos os homens se [~~achem~~] achassem fora na guerra e elas fossem molestadas dos inimigos [~~possam~~] pudessem defender a cidade, ou não bastando os homens contra o ímpeto dos inimigos tomassem elas também as armas e os socorressem. Agora podeis pesar as palavras (não por outra cousa), as quaes não põem necessidade algũa, mas mais se referem a bem ser, e com a mesma razão se poderá dizer que um doctor de medicina, meu igual convém saber manejar ãa [ilegível] e golpear com a lança, tirar com o arcabuz, ser bem inteligente nas cousas militares, porque posto que não são cousas pertencentes a sua profissão e a seu estado pacífico, podem todavia acontecer cousas em que o saber manejar as armas lhe venha em proveito e em serviço de seu príncipe e da pátria. Mas quereis vós certificar-vos que a mente de Platão não fosse querer obrigar as mulheres a semelhantes exercícios? Revolvei bem todos seus escritos e achareis que mais de ãa vez diz que a virtude das mulheres é o governar bem a casa e obedecer a seus maridos, e mais vos digo que hoje não se deixa cingir espada às mulheres, nem guiar exércitos, nem meter-se em cousas públicas não porque não sejam

suficientes para a tudo igualmente como as antigas, mas porque se sabe claramente que elas em vez de alcançar honra, tirariam o crédito a si mesmas e aos homens juntamente.

LU. – Com tudo isto tem as mulheres de hoje tanto império sobre os homens que se podem gloriar que estando retiradas em casa governam as cidades e as cousas publicas à sua vontade, pelo que tudo vem a um conto e tanto monta que as mulheres governem os governadores como que governem os estados.

ANÍ. – Por isso dizia Catão: “Nós, romanos, mandamos a todos os homens do mundo e nossas mulheres nos mandam a nós”. Tornando agora a Platão, diremos que ele assinalou às mulheres duas honras que nos propusemos, ãa expressa, convém a saber, o governo da casa, a outra tácita, que é a castidade compreendida na virtude de obedecer ao marido, o qual tem por principal obediência que a mulher lhe guarde fé e honra matrimonial.

(**Nota lateral** – Dito de Catão)

LU. – Estando isto assi será necessário discorrer em que modo há a mulher de empregar a honra no governo da casa.

ANÍ. – Aqui há assaz que dizer, mas porque meu principal desenho é que nos larguemos um pouco em dis[~~cur~~sa]r da honra da castidade, me expedirei brevemente acerca [de] deste governo, o qual se endereça a dous fins, à criação e instrução dos filhos e da família e à conservação e aumento das cousas domésticas. O primeiro se também é comum ao marido, todavia obriga muito à mulher a pôr toda diligência nisso, e por isso deve sempre sobretudo ser devota e estampar nos ternos corações de seus filhos o temor de Deus e ter a casa guardada da peste de viciosos criados e dispor-se a viver cristãmente.

LU. – Bem disse o filósofo dos pais que não dão bom exemplo aos filhos que não é maravilha se recebendo a pena desta falta são desprezados dos filhos.

ANÍ. – Além disto, assi como o marido é curioso de meter a fazenda em casa, assi ela há-de ser solícita de a conservar porque:

“O que alcança e não guarda, diz o livro

Vai à fonte a trazer água no cribro.”

Pelo que para conservar as cousas de casa convém que ela discretamente as componha com ordem em seus certos e próprios lugares para que se achem facilmente [~~à-mão~~], porque alojando tudo a seu tempo, se usa mais comodamente as que se podem gastar e as que se podem mais longamente guardar, e fazendo isto terá menos trabalho no seu

governo e saberá como é verdadeira a sentença de um antigo ecónomo: “Que nas cousas de casa é mais afadigada a negligência que a diligência”. Nem isto lhe basta, mas é também seu ofício advertir que se cortem as despesas demasiadas.

(**Nota lateral** – Dito de um ecónomo)

LU. – Diz-se vulgarmente por toda Lombardia: “Que o guardar é o primeiro guardar”.

[~~e o sobejo rompe a cobertura~~]

(**Nota lateral** – Provérbio)

ANÍ. – Dezia também um escritor grego:, “Que bem ordenada é a casa onde não há cousa sobeja, nem lhe falta [~~algã~~] a necessária”. Mas esta mulher não chegará à excelência da virtude se, além da conservação da fazenda, não procurar também de [~~a conservar~~] a aumentar com sua indústria e fazer que todos os servidores de casa trabalhem juntamente com ela de contínuo em qualquer proveitoso exercício, e que isto se faça sem queixas, sem tristeza de ânimo e com ãa alegre e felice concórdia. Não espereis de my que deça a particulares meudezas do linho e das teias para o uso e ornamento da casa, nem da polidez de móveis, do exercício da agulha, da roca, da debadoura, de criar os bichinhos de seda, de visitar a adega, o celeiro, a despensa, a horta, o poleiro e os animaes rústicos, de ter conta com as barrelas e de toda a louça, de cozinhar as viandas ordinárias e das conservas para todo o ano, porque seria querer ensinar às mulheres no governo da casa, o que não pertence a nós, mas [~~consideramos~~] dizemos somente se a mulher que com diligência atende utilmente a estas empresas se pode chamar com razão virtuosa e honrada e seu marido se deve chamar bem-aventurado e glorioso, e confessar que ãa tal mulher não merece o título de companheira, mas de patrona e senhora, que dizeis?

LU. – Nenhã outra cousa, senão que eu me assino em tudo o que tendes dito, mas agora me lembra dizer-vos que havendo vós posto a honra das mulheres no governo da casa e na castidade, pode facilmente acontecer que se ache mais de ãa que seja industriosa e de grande valor no governo da casa e que seja impudica, pelo que por ãa parte se poderá chamar honrada e por outra desonrada.

ANÍ. – O governo da casa não depende tanto do saber aumentar e conservar o útil da casa, quanto do governar com honestidade e com modos exemplares, como já disse, os filhos e a família. Pelo que tenho por cousa quase impossível que as mulheres intentas a este ofício pequem de desonestidade porque as vereis mais asinha aborrecer os jogos, os convites e as festas, aonde se não deixam levar senão por algãa legítima e necessária

ocasião, quando se não pode d'outra maneira fazer por cortesia, nem tem cousa naquele espaço de tempo que mais a aflija que um calado desejo de se apartar e se tornar a ver sua casa, e estas são aquelas contra as quaes o Amor não arma nunca seu arco por não despontar suas setas. Mas que diremos agora [~~daquelas~~] das vãs e chocarreiras que destroem os maridos, os filhos e a casa e quanto eles alcançam e guardam, tanto ela à maneira de harpias gastam e consomem?

(Nota lateral – Mulheres vãs)

LU. – Temo que estas mulheres dissipadoras não tenham outro maior pecado e que com este vício não este encadeado o da honestidade, ou ao menos não estem mesturadas sete dragmas de pensamentos lascivos e de sembrantes escandalosos para se poderem sobre eles fazer diversos comentos.

ANÍ. – Não nego também que haja maridos viciosos, os quaes, roubando os suores às virtuosas mulheres se põem a despejar e ruinar de toda a casa. Não há muito tempo que nesta nossa rua um gentil-homem se apressava de dia e de noite a perder sua fazenda ao jogo de cartas e dados com pouca piedade para com a mulher e quatro filhinhos, os quaes houvera arruinado não tanto com a perda da fazenda, quanto com o mau exemplo, se não fora prevenido da morte. Ora eis a valerosa viúva à maneira de pelicano, verdadeiro símbolo da caridade, para com os filhos tirar-se subitamente o próprio sangue, digo, os vestidos e jóias, das quaes o marido não pôde fazer resto no jogo e, convertido tudo em dinheiro e empregada ãa parte em pagamento de dívidas e a outra em honesto cabedal, e dispondo as bocas inutiles da casa e apertada ela estreitamente com os filhinhos em um repartimento feito de novo, fazendo tanto com a guarda e indústria que em espaço de seis anos não somente resgatou alguns campos que o mesquinho do marido tinha empenhado, mas dobrou as rendas e o que mais é, temendo que os filhos não levassem o caminho do pai, os induziu todos a que lhe promettessem com juramento de não tocar nunca cartas nem dados e agora vivem [~~contentes~~] acomodados e virtuosos como outros gentis-homens e a ela lhe deram todos mil louvores e mil bênçãos.

(Notas laterais – Exemplo de um marido vicioso e de sua virtuosa mulher / Pelicano, símbolo de caridade)

LU. – Enfim o jogo leva o homem a não ter nada e por isso chorando um desventurado, que pelo jogo ficou em camisa, e perguntando-lhe outro “Que [~~tens~~] tens, que choras?”,

respondeu, “Nada”, e reprimando-lhe o outro “Porque choras se não tens nada?”, tornou a responder, “Por isso choro, porque não tenho nada”.

(**Nota lateral** – Dito de um jogador)

ANÍ. – Tornemos pois a dizer que notável e infinito é o proveito que faz em sua casa ãa valerosa matrona e que daqui sobe a outro grau de honra, aonde não chegam [~~aquelas~~] mulheres inúteis e vagabundas, que correndo de cá e de lá como se tivessem grandes negócios parece que aborrecem a própria casa como se fora ãa sepultura e onde não estão com gosto senão o tempo só que gastam entre o pentem e o espelho donde se segue sua desonra e vitupério.

LU. – Bem dizem os espanhóis: “Que as mulheres e as galinhas por muito andar se perdem asinha.”

(**Nota lateral** – Provérbio espanhol)

ANÍ. – Diz também o filósofo: “Que não é tamanha vergonha para o homem meter-se nas cousas domésticas em casa, como para a mulher buscar as cousas que se fazem fora.” E por isso [~~fará~~] será ofício de pais e mães exercitar as filhas para alcançar e possuir estas duas honras, para que se hão-de acompanhar com homens honrados e participar com eles de seus títulos e honras.

LU. – Posto que a outra honra da mulher está posta na castidade, tenho para my que todo o seu trabalho deva ser posto em alcançar esta honra em tanta excelência que se for possível leve a vantagem à fama das outras honradas.

ANÍ. – Tendes razão, porque se algũas se persuadem que são honestas somente porque a consciência lhes diz que não caíram em fornicção, ou adultério, contudo se enganam nisto grandemente, porque para alcançar a honestidade não basta sua consciência, mas é necessário que concorra a boa e universal opinião doutrem e de maneira que não somente se não murmure em público dela, mas nem [~~em~~] entre quatro olhos como se soe fazer de muitas mesquinhas, das quaes [~~finalmente~~] se buzina tanto de ãa orelha a outra que ficam secretamente contaminadas [~~ilegível~~] todas com um (certo se diz) que assi como se não sabe donde tomou a origem, assi se não acaba jamais de replicar e multiplicar, e por isso estas desventuradas se não caem em erro, merecem mais nome de fêmeas que de mulheres.

LU. – Porque fazeis esta distinção?

ANÍ. – Porque me persuado que o título de mulher requer ãa particular, peregrina e soberana honestidade que passe a comum e menos perfeita honestidade das outras

mulheres, das quaes eu chamo algũas femeasinhas ou mulherzinhas. Entendo por estas as que [~~se avezam a pecar~~] não pecam não por desastre, mas [pœr] por lhe facultar ventura dos que as buscam e destas creio que há no mundo grande número. E chamo femeasinhas algũas que não pecam por temor dos maridos o que se verifica com exemplo de algũas que em vida dos maridos foram reputadas por honestas e depois de viúvas se transformaram em bestas e por isso disse bem um poeta:

“Casta é aquela que sem temor é casta.”

Mas, ó bom Deus, como é grande mas infinita a multidão das mulherzinhas que são honestas no nome e nas obras, mas lascivas na fala, nos gestos, no olhar, no traje e noutras circunstâncias, cuja honestidade (para vos dizer o que sinto) assi como destila não sei que de suspeita no ânimo doutrem, assi me não parece digna de honra algũa, mas antes chamo a sua honestidade desonestíssima e assi o entendeu aquele santo homem que disse: “Envergonhai-vos de dizerdes e afirmardes que tendes as almas pudicas se tendes os olhos impudicos, porque o olho impudico é anunciador do coração impúdico.”

(**Nota lateral** – [~~não pecam~~])

LU. – Esta sorte de mulheres está tresladada ao vivo do nosso Enlevado, na sua civil conversação, mas não sei se as mulheres leram algũa hora este livro.

ANÍ. – Algũas o terão lido de corrida e algũas, como as nossas, não o crerão porque ninguém é profeta em sua pátria, mas quisesse Deus que o cressem, porque não aconteceriam maiores desordens.

LU. – Parece-me também que é digna de representação e dá indício de pouca honestidade a licença que tomaram de pouco tempo para cá as mulheres de se darem ao jogo das cartas e frequentam nos dias, assi de trabalho como de repouso, com tão bela ordem que ficam as mesas fermosamente guarnecidas com a divisa de um homem e de ãa mulher.

ANÍ. – Não seria o jogo perfeito se não concorresse o macho e a fêmea.

LU. – Porventura que se pode dizer em sua defesa que as pessoas honestas não se desautorizam com estes jogos e com estas conversações.

ANÍ. – Também se pode responder que a água em si é boa e a terra é boa, mas a água e a terra juntas fazem lama, ó doces maridos, ou, por melhor dizer, maridos sem sal. Mas passemos à fileira das femeasinhas, quer dizer, aquelas que por serem tidas por matronas sábias, dão orelhas de boa vontade aos platónicos namorados e praguejando

do amor vulgar e lascivo se fazem servir com alegre rosto filosoficamente, nem se contentam de estar em conversação de certos espíritos enlevados e de vir discorrendo, como o prazer que se sente de olhar um formoso rosto, se deve transferir em olhar interiormente outra maior beleza, mas graciosamente condescendem até três degraus amorosos, o primeiro é receber [~~um dom~~] dos amantes alguma jóia e dar-lhes outra em câmbio, o segundo deixar-se beijar a mão. O terceiro de os consolar com aquele honesto beijo da boca, em virtude do qual se vem a desposar as almas juntamente e a ficar eternamente atadas com um santo e indissolúvel nó e não cuideis que força de amor, nem humildade de rogos, nem de suspiros, nem ternura de lágrimas, nem antiguidade de serviços, nem liberalidade de [~~oro e~~] ouro e prata, nem todo o mundo junto [~~fossem~~] seriam bastantes a lhes fazer passar os confins destes três favores. Que dizeis agora deste amor platónico?

LU. – Eu digo que ele adormenta o espírito e desperta a carne e me parece (como disse o outro) ãa espécie de luxúria sem pecado. Mas eu não sei que creia da constância destas fêmeas, pois que se vem a todas com estes três laços de Amor e, como os insaciáveis amantes, se satisfazem com estes relâmpagos e se contentam de ver em um mesmo momento aceso e apagado o fogo, e para dizer abertamente o meu conceito, eu dou pouco crédito a estas Salamestras, e tenho por ruim assaz sua [~~in~~]tenção, pois que estes favores se fazem escondidamente dos maridos e de outras pessoas, o que não creio que seja do parecer de Platão.

ANÍ. – Esconder-se dos maridos e dos outros temendo que eles por sua ignorância e por não terem estudado nunca por Platão não tomem o caso por outro. Mas que digo eu! O seu costume pode ser formoso e bom, mas a my não me apraz em maneira alguma e semelhantes mulheres que como relâmpago vem e vão são gentilmente motejadas do poeta Mantuano com estes versos.

“Galatea lasciva e que se enfeita
Co pomo me feriu, e fuge aos salgueiros
E ser primeiro vista se deleita.”

E porque fazem profissão de terem os amantes à vara e dar-lhes, como dizem, sua fria e outra quente, disse outro:

“Folga que nunca saia de fastios
E temperar a alma entre o ardor e o frio.”

Mas muito mais assinaladamente foi este vício atribuído a ãa senhora que trazia por empresa ãa roda, e posto que a empresa continha ãa virtuosa significação, contudo porque ela era ãa destas fêmeas que com seus ditos fazia prova dos amantes platônicos, um dos nossos Académicos Ilustrados, [~~que~~] instigado de suas honestas lascívias, lhe consagrou estas palavras:

“Vossa alterosa face e grave gesto
Me tiram do coração o atrevimento
Mas o rio lascivo
O quieta e lhe promete su favor vivo
A vossa angélica e suave fala
Entre esperança e temor o tem metido
Tal que de vós com sempiterno giro
Ora ao alto ora ao baixo ido
Ora entre dous, mui bem conheço
Que a Roda é própria insígnia vossa
E muy digna de vós, do vosso preço.”

LU. – Mui certificado estou do vosso discurso que há diversos graus de honestidade e que então não a fêmea, mas a verdadeira mulher poderá dizer que subiu ao supremo grau e merecer o título de honradíssima, quando o mundo vir que ela com ãa santa e admirável harmonia acorda a castidade das palavras, dos sembrantes, as vistas, os trajes com a castidade interior e [~~daqui~~] assi será digna de se andar a apresentar ao templo juntamente com a senhora Laura, no triunfo da castidade.

(**Nota lateral** – Honestidade perfeita)

ANÍ. – Assi o entendo e assi creio que o entendesse o poeta quando disse:

“E a mais casta era ali a mais fermosa.”

LU. – Ao contrário do razoamento que fizestes da honestidade imperfeita, desejo que me digaes que partes são as que convem não somente para alcançar, mas para conservar a honestidade mulheril imaculada, intacta e irrepreensível.

ANÍ. – Estas cousas dependem, como já temos dito, da instituição e doutrina das meninas, da qual estando cheios muitos volumes não tenho eu agora que discorrer. Direi, como de corrida, que para isto aproveita principalmente tomar por espelho e mesquinhosa e sórdida vida daquelas mulheres que por sua desgraça alcançaram fama de desonestas, as quaes tem duas propriedades da andorinha, [~~digo~~] o vaguear e chalar,

e assi diz o sábio que são inconstantes, vagabundas, inquietas e não podendo ter os pés em casa vão ora para cá ora para acolá lançando redes e laços. A estes defeitos se ajuntam outros que são naturalmente gulosas, bêbadas e pomposas, e por sua má vida são escarnecidas de todo o mundo e vem a ser aborrecidas daqueles mesmos que foram participantes de sua desonestidade, e são sujeitas às injúrias e ultrajes não menos dos estrangeiros que dos cidadãos. Pelo que está escrito e se vê em prática que toda a mulher desonesta ~~quase~~ como esterco da rua é pisada de todos. Ainda bem não põem o pé fora de casa que logo lhe não dem cem figas por detrás e cem línguas as motejam, nem fazem isto sem razão, porque para pintar ãa má e desonesta fêmea não bastam as palavras daquele santo que diz. “Por ti se perdem as guerras, por ti se perdem os sábios, por ti se matam os santos, por ti se queimam as cidades, por ti se perdem as vidas, por ti se acha a morte, por ti os ricos [se fazem pobres] empobrecem, por ti os fermosos se fazem feios e por ti os fortes fracos, os verdadeiros falsários, por ti os castos luxuriosos, por ti os humildes soberbos, por ti os penitentes obstinados e odiosos a Deus.” Nem basta o que disse Salomão: “Quem tem mulher desonesta tomou na mão um escorpião, mas é necessário [ajudar] pôr-lhes por selo aqueles dous versos:

“Mulher forcas, olhos, voz, bens, corpo, alma

Tira, cega, dana, rouba, corrompe, mata.”

(**Nota lateral** – Males que acontecem por causa de ãa ma mulher)

LU. – Todas estas cousas pertencem mais às cortesãs públicas, chamadas mulheres de assaz, mas não dizeis nada das secretas e de poucos.

ANÍ. – Porventura que quisestes dizer de pouco, mas que vos faz dizer que há secretas.

LU. – A diligência que elas põem (falo agora das adúlteras) em fazer o jogo tão polido que o marido principalmente e depois os outros de casa e de fora o não entendam.

ANÍ. – Não digaes isso porque até na Sagrada Escritura a descobrir este grave pecado nas mulheres somente no alçar dos olhos e no mover das pestanas. Além disto não bastam todas as cautelas e todos seus segredos para se esconderem, porque Deus permite que no fim se descubra a mancha e que ou da boca do companheiro, do pecado, ou por outro desastre venha a verdade a luz e a mova e a leve à praça.

LU. – Qual estado é peor, destas ou das primeiras?

ANÍ. – Não vos direi outra cousa senão que ãa cortesã em Roma foi ãa vez motejada de ãa cidadã pela pública profissão que fazia de dar seu corpo a diversas pessoas, a que [ela] respondeu a cortesã: “Nós por nos sustentarmos, buscamos livremente a prática e

amizade de galantes homens, mas vós por pura luxúria, violando um sacramento e quebrando a fé matrimonial, vos apegaes escondidamente a qualquer criado de casa e porventura por menos suspeita o fazeis com algum de vossos parentes mais sagrados.”

(**Nota lateral** – Dito de ãa cortesã)

LU. – Depois que ãa mulher por sua desventura tem feito treição ao marido, facilmente passa de um pecado a outro e desejando livrar-se procura de acompanhar o adultério com homicídio, e quando me fosse lícito poderia nomear mais de ãa que, em nosso tempo, temendo de morrer por mão dos maridos se apressaram antecipadamente [~~de~~] a os mandar à carceria donde os coitados não tornaram mais, ou com vagarosa e mortal peçonha preocuparam o desenho de seus maridos. E também se poderiam nomear algũas viúvas que por não deixarem madurecer [~~as~~] a fruta no seu jardim sob cor de indisposição se fazem sangrar na veia do pé.

(**Notas laterais** – Do adultério nace outros pecados / Costume de algũas más viúvas))

ANÍ. – Não queira Deus que haja dessas casadas ou viúvas que juntamente com o acto da desonestidade caiam [~~em~~] um pecado do espírito santo e porque se tire a ocasião de toda ruim suspeita cobrem a imundícia, com ãa frequência não usada do santíssimo sacramento do altar. Mas porque havemos de crer o bem até que vejamos o contrário, concluamos que não há sorte de maldade que não entre no coração de ãa mulher desonesta e que não se pode em modo algum encobrir sua má vida pela qual com sua vergonha e de seus parentes alcançam o nome de diferentes bestas e transformando-se elas em lobas, e os maridos em bodes, os filhos em mulos e enchem suas casas de um rabanho de diferentes animaes. Deste odioso espectáculo se advertem as mulheres virtuosas não somente a não manchar sua honra, mas fugir como inimigas capitaes as práticas de taes zambarcas e todas as outras ocasiões donde se possam tirar ãa mínima suspeita de si.

LU. – Se aproveita à honestidade das mulheres olhar a desventurada e imunda vida e o triste successo das desonestas, como tendes dito, creio que não será menos útil olharem também os honrados exemplos e virtuosos modos de viver de Cornélia e de Lucrecia, de Virgínia, ou por melhor dizer, de Maria, de Caterina, de Susana, de Cecília e de outras não menos santas que honestas mulheres.

ANÍ. – Vós dizeis bem e com este resguardo se devem pôr às meninas semelhantes nomes no baptismo. Mas, ó bom Deus, quantas Lucrécias, quantas Virgínias, mas

quantas Marias de nome se acham que são na vida e nas obras tantas Helenas, tantas Laidas, tantas Frinas e tantas Faustinas?

LU. – Tão bem encastado está um nome virtuoso em ãa mulher viciosa, como um diamante em um anel de chumbo.

ANÍ. – Lembre-vos o exemplo daquele estudante que, sendo amoestado por cartas de seu pai a que gastasse bem o dinheiro, lhe respondeu que o gastava com prudência. Mas no fim o pobre padre foi advertido que esta Prudência era o nome de ãa cortesã com a qual o filho andava amancebado. Ora avisemos as mulheres que particularmente se disponham a guardar aquelas seis cousas que um santo varão disse serem necessárias para conservação de sua castidade como ãa rocha inexpugnável, convém a saber, a sobriedade, o exercício, a aspereza do hábito, o restringimento dos sentidos, o falar pouco e honesto, o fugir a ocasião das pessoas, do lugar e do tempo, e quanto à primeira hão-de saber que os nossos corpos são de tal natureza que com a sobeja cópia de manjares ficam pejados e agravados, pelo que a alma que está espalhada por todo o corpo fica também carregada e faz-se preguiçosa e floxa, e por isso se devem abster dos manjares que com seu grande nutrimento encravam muito a alma no corpo e a alagam nele, nem zombem de que escreveu particularmente dos legumes que não são bons para a conservação da castidade, porque são de sua natureza ventosos, e de sobejo nutrimento em tudo contrário à quietação da alma. Da qualidade e quantidade do vinho não falo porque lendo livros espirituaes (o que sobretudo lhes encomendo que façam) acharão o dito do Apóstolo que “no vinho está a luxúria”, e verão como é grandemente reprimida a gordura da alma pelo que disse Nosso Senhor: “Não morra meu espírito em semelhantes pessoas porque são carne”.

(**Nota lateral** – Exemplo de um pai escarnecido do filho / Advertimentos para conservação da honestidade / Sobriedade / Legumes contrários à castidade)

LU. – Aprazem-me estas advertências para a instituição das moças.

ANÍ. – Ora quanto ao exercício hão-de considerar que a castidade não tem maior inimigo que a ociosidade, da qual se levantam os pensamentos lascivos, os quaes, como tomam posse dos peitos vazios, botam dentro ãas raízes que se não arrancam facilmente.

LU. – Bem disse aquele poeta:

“Se tiras ócio está sem setas o Amor
E suas tochas são sem resplendor.”

E daqui vem que o mesmo Apóstolo repreendeu as moças mininas que vivendo ociosamente são visitadoras de casas alheias.

ANÍ. – E por isso as avisadas matronas se hão-de exercitar a si mesmas e as meninas naqueles honestos trabalhos do corpo e do espírito que convenham a estarem sãs e levá-las de noite ao leito com tanto cansaço que lhes venha um sono quieto e sem algũa sinistra visão. E assi como a arruda, pela sua sequidão a tinham os antigos por símbolo da honestidade, assi o exercício, consumindo o nutrimento da lascívia, as tem castas e honradas. Ora vejamos a aspreza do hábito e pois que se não acha algũa que por se mortificar queira vestir-se de cilício, devem ao menos ~~[de]~~ fugir aos hábitos pomposos e lascivos com os quaes dão atrevimento aos mancebos ~~[de se irem a por elas]~~ de as seguirem e crerem que mais por lhes comprazer a eles que a seus maridos folgam de parecer tão bem compostas, e sabe Deus com que tenção saem em público tão ornadas.

(**Notas laterais** – Exercício / Arruda símbolo da honestidade / Aspreza do hábito)

LU. – Eu sempre me pego à mais sã interpretação e por isso me persuado que as mulheres, pela mor parte, se mostram ambiçosas na pompa dos vestidos por aumento de sua fermosura.

ANÍ. – Sei que o belmanto acrescenta a fermosura e que a este efeito o carro de Vénus o tiram dous curries, mas como chegastes ao meio, passai ao fim e dizei que o acrescentamento de fermosura, se procura muitas vezes para um fim lascivo, do que muitas se retirariam se soubessem que a mulher é digna de tantas mortes e de tantas penas infernaes, quantos homens faz cair com seus vãos e excessivos enfeites. Finalmente os trajes affectados dão mau cheiro, o que avisadamente foi defeso por Sulpitio, cuja mulher se arriscou a sair fora de casa com a cabeça descoberta contra o costume das outras matronas pelo que ele lhe disse. “As nossas leis te deram os meus olhos para lhes obedeceres somente a eles, mas querer parecer fermosa a outrem dá suspeição e sinal de desonestidade pelo que te ~~[refute]~~ repudio.” E isto dito a tornou mandar para sua casa dela.

(**Nota lateral** – Sulpitio)

LU. – Sulpitio foi mui cruel e devia de abastar por sentimento fazê-la andar o dia seguinte com a coifa de noite por todas aquelas ruas, onde esteve o dia dantes com a cabeça descoberta.

ANÍ. – Porventura que houvera ela escolhido apartar-se antes do marido do que sofrer esse espectáculo que vós dizeis.

LU. – Ora vós vedes que de tempo em tempo vão tomando as mulheres mais posse dos maridos e das leis e que do tempo dos romanos para cá vieram tomando certos trajes tão licenciosos, que em vez de andarem por fora cobertas deram ocasião a Dante de dizer:

“Que vão mostrando com as tetas o peito.”

E posto que na missa se faz menção de Cristo crucificado, coroado de espinhas, andam elas com coroas de flores na cabeça, e chegou hoje em todas as partes do mundo a tanto a licença de andarem com a cabeça descoberta e com os cabelos torcidos com ouro, pérolas, romãs, flores, folhas, cães, pássaros, penachos e estendartes que de má vontade podem digerir a ordem dos bispos de entrarem na igreja cobertas segundo a antiga instituição da santa igreja.

ANÍ. – Pouco nojo lhes faz essa ordem porque tem achado uns véus mais sutis e transparentes que teias de aranha e os concertam de maneira que tê-los e não nos ter é tudo um. E se acaso as querem reprender seus superiores deste abuso, eis a escusa na mão que os não podem sofrer mais pesados nem mais grosso por amor da destilação da cabeça. Mas seja como for, eu acho escrito que os véus hão-de ser tão grandes quanto se estendem os cabelos soltos e chamam-se armadura de honestidade, valado da modéstia e muro de seixo feminil, e as matronas antigas cobriam com ele não só a cabeça mas o rosto, de maneira que viam com um olho só quanto bastava a ver sem serem vistas. Mas hoje as mulheres saem de casa como disse aquele poeta:

“É para ~~olhar~~ ver e para serem vistas.”

Nem val para com elas dizer que nas mealhas antigas se vem os rostos das mulheres cobertos com esta inscrição, *Pudicitia*. Mas por selo disto diremos que a honestidade não está posta na inteireza só da carne, mas também na modéstia dos vestidos e dos afeites e galas, e assi como se envergonhará sua senhora vendo-se a si mesma feia e a sua criada formosa, assi se havia de envergonhar vendo sua alma manchada e o corpo enfeitado. E razão era que todas as mulheres no vestir e no ornar-se aborrecessem o sobejo e lascivo traje e mandassem os brocados e recamados aos ministros dos altares para representar a magnificência do culto divino, porque doutra maneira se descobrirá o que disse o profeta: “estão cobertas [a] de ouro e prata, e o espírito não está nas suas entranhas.” Acerca do outro remédio que pertence à conservação da honestidade se poderá fazer um grande discurso, mas deixa-se pois não menos as mulheres que os homens o tem expresso entre os preceitos da instituição cristã, e assi como saber que a peste da lascívia se apegava pelos olhos, pelas orelhas e pelos órgãos dos sentidos, assi

devendo preservar-se deste mal, devem com o freio da honestidade e da razão aliviar e emendar os [~~ditos~~] sentidos e tirá-los daqueles gostos que o diabo lhes soe representar e particularmente tapar as orelhas e mostrar-se enemigas de vãos e desonestos razoamentos, aos quaes muitas honestas donas dão desonestas orelhas, e sobretudo retirar os olhos do contínuo assetear, o qual acto dá indício de serem pouco solícitas do bem fazer, e por isso com muito aviso diz o espanhol, “Dona que muito mira pouco fia”, [~~e por isso~~] pelo que é necessário fugir aquele olhar (como de faísca) afeitado e magistral com o qual fazendo o que não convém a seus castos ânimos procuram de encher os olhos e corações alheios de esperanças vãs. O qual artifício foi graciosamente escrito de um nosso Académico com este madrigal [~~eser~~] mandado ao Medidor quando lia a Esfera:

“Medidor que os planetas
E descobris do céu os altos segredos
Aqueles dous belos lumes
De minha senhora que com tanta arte
Por encher-me de inveja e de ciúmes
Para este e aquela parte
Discorrendo, dão vida aos Amantes
Se olhos, ou estrelas são (dizei) errantes!”

E posto que algũas jurem que não fazem isto com má [~~in~~]tenção, todavia o juramento é suspeito, porque assi como a casa que arde lança fora as chamas pelos buracos e pelas janelas, assi as pessoas lascivas não cessam com a língua, com os olhos e com as mãos de descobrirem a lascívia do coração, e por isso convém à mulher que quer chegar ao grau da perfeita honestidade abster-se daqueles risinhos cocharreiros e daquele olhar lascivo, e armar o rosto de ãa gravidade que tire a ousadia e esperança a todo o que olhar. Do que o mesmo autor deu particular louvor à senhora Anna Bella Albedeu, verdadeiramente bela de rosto, bela de sembrante, bela de todas as feições de sua pessoa, e não somente bela, mas angélica de nome, de ânimo, de bondade de costumes e de entendimento, e sobretudo de espírito tirado das terrena fezes, e tudo voltado a celestiaes contemplações, pelo que disse estas palavras:

“Como me leva Amor
A olhar para esta mais que todas bela!
Logo aparece no seu lindo rosto

Um casto coração e tão composto
Que da mortal divisa
Toda em celeste ardor
Se troca: pelo que dela me escondo
E noutra parte vou meus olhos pondo.”

A esta virtude se segue o falar pouco e honesto, muito mal guardado de algũas, as quaes com sobeja e extraordinária cópia de palavras dão sinal de um ânimo pouco receitado. E lembra-me que li já as obras de um prazenteiro doctor de leis, o qual, dando a razão porque fale mais a mulher que o homem, se resolve que porventura ãa outra cousa lhe é defeso ajudar à missa, senão porque senão acabariam nunca os círios.

(**Notas laterais** - Restringimento dos sentidos / Falar pouco)

ANÍ. – Baste alegar a sentença do Cómico: “Que a mulher é melhor calando que falando”. Mas porque com a sobriedade se adquire também a honestidade do falar, não posso aqui calar a pouca discrição de aquelas que com a presuntuosa licença de motes lascivos e impudicos fazem correr os homens que as escuitam e, confiadas em sua consciência, querem ser tidas na ordem [~~daquelas~~] das que falam por enigmas [~~de~~] palavras sujas sob espécie de honesto sentido. Resta agora o sexto advertimento para guardar a honestidade que é fugir a ocasião das pessoas, do lugar e do tempo, o que não fazem as mulheres pouco advertidas, as quaes, posto que conhecem sua fraqueza para contra semelhantes assaltos, não querem privar-se da ocasião de certas pousadas e de certos espectáculos pelo que como borboletas seguem aquele dito:

“Eu sei que vou trás aquilo que me queima.”

E isto se diz não tanto pela conversação dos homens quanto das mulheres escandalosas e de mau nome, de cuja boca e [~~maneira~~] gestos as mulheres honestas recebem algũas vezes sem pensar pelos olhos e pelas orelhas a peçonha de ruins costumes e ficam tisonadas, como parede que se não se queima, fica todavia negra da candeia acesa. Nisto tiveram muita advertência os lacedemónios pelo que lhes defendiam ouvir comédias ou tragédias, estimando que não convinha dar orelhas a aquelas cousas, as quaes, ou de zombaria ou de verdade, mostram repugnância às leis, como mostram as comédias em que se introduzem raptos de donzelas, estupros, adultérios, furtos e mil enganos. Nem queriam aceitar a escusa que as fábulas eram feitas por recreação e não porque fossem verdadeiras, porque deziã que semelhantes recreações alteravam os entendimentos

delicados e eram ocasião algũas vezes de ãa súbita mudança do bem para o mal e de fazer que se diga ao sair da comédia:

“Penélope vieste, Helena vas”.

E por isso entrando Arquíloco, poeta, em sua cidade, na mesma hora o botaram fora, somente porque entenderam que tinha escrito poesias lascivas e particularmente dizia estas palavras: “Melhor é deixar as armas que morrer”. De todas estas cousas se tira que não deve nenhũa mulher avisada meter em prova sua fraca natureza em ir a aqueles lugares e entre aquelas pessoas onde antevem que entre a erva e as flores está escondida a serpente, mas antes devem seguir o exemplo da tartaruga, geroglifico da honestidade, e estar-se em casa onde se cobra maior crédito e maior honra.

(**Notas laterais** – Fugir a ocasião / Lei dos lacedemónios / Arquíloco, poeta / Tartaruga, geroglifico da honestidade)

LU. – Em efeito quem se achega ao perigo não está bem seguro e também me apraz a my que a mulher ponha todo seu pensamento no amor do marido e em contentá-lo, nem lhe pode dar outro maior contentamento que ter juntamente esta dobrada honra que propusestes que é ser honesta e governar a casa. Ora tendo vós dito assaz desta matéria, torno ao que dissestes pouco antes que maior honra resplandece nas nobres que nas que o não são, digo que assi é, mas que maior honra resplandeça nas fermosas (como também dissestes) que nas feias, não o sei, antes me persuado que não somente nenhũa honra mas mais presto suspeita, perigo e dano e vergonha traz consigo a fermosura. E que cousa é fermosura e que cousa é graça senão ãa frol da manhã que se seca antes da tarde e em um ponto reverdece e se seca! Não o disse o Mantuano?

“Colhe a rosa na frol menina bela

Que presto virás a ser nada, como ela.”

E com que cousa mais vil a podia comparar o grande rei Salomão que com chamar à carne feno e com dizer que enganosas e vãs são as graças e a fermosura! Donde há fermosura não há maior perigo! Não faz a traça maior dano nos panos finos! Não roem os bichos com maior pérola as árvores de fruta! Quaes são as armadas companheiras e fiéis damas da fermosura senão a vaidade e a soberba? Disse um poeta:

“Sempre da fermosura foi a vaidade amiga.”

E outro diz:

“Da fermosura é companheira a fereza”.

E quantos homens e mulheres se acham que são como facas de chumbo em bainhas de ouro ou de marfim que debaixo da beleza exterior tem ãa alma néscia e disforme. E que outra cousa se lê nos livros dos escritores e na vida das mulheres, senão que entre a fermosura e a honestidade há ãa eterna e capital inimizade? Em que se acabaram as fermosuras de Narciso, de Acanto e de Amaranto e de Jacinto? Em flores. Os cabelos fermosos de que tanto se gloriava Medusa que foram deles?

Em tantas serpentes. A fermosura de Helena que efeitos fizeram? Longa guerra, incêndio ruinoso e irreparável dano aos troianos e a ela sempiterna infâmia! Que cousa escureceu a honra e a majestade ao bom Marco Aurélio, emperador, senão a fermosura de Faustina sua mulher! Que cousa transformou o fortíssimo Hércules em vilíssima fêmea senão o belo rosto de Onfale? Que cousa amansa a soberba do fero Marte senão a estremada beleza de Vénus? Logo, verdade é que a beleza é um tirano que até os tiranos tiraniza. E por isso não digaes, senhor Aníbal, que a fermosura seja acrecentamento de felicidade, mas chama-lhe antes mãe da lascívia, ~~ninho~~ ninho de vaidade, fonte de soberba, perturbadora da paz, embaixadora de guerra, ocasião de furtos e roubos, estímulo de incestos, selo de paixões, purgatório de corpos e inferno de almas.

(**Notas laterais** - Vitupério da fermosura / Narciso / Acanto / Amaranto / Jacinto / Medusa / Helena / Marco Aurélio / Hércules)

ANÍ. – A tão honrado cavaleiro como vós sois não convinha vituperar tanto a fermosura, se isto porventura não fizestes para que eu com o louvar-vos de ocasião de vós me estimardes mais do diante do que até agora tendes feito. Pelo que vos respondo que a fermosura se diretamente e com olho são a considerarmos é ãa graciosa proporção e concórdia de cores, de leniamentos, de membros e de gestos, pela qual estamos obrigados não somente a amá-la mas a julgar que ela é ãa figura e um exemplo que nos representa e convida a amar a fermosura interior, digo, a bondade, porque raramente acontece que onde está fermosura não este a bondade junta e daqui vos trago à memória que Sócrates exortava os fermosos ao estudo e à filosofia, considerando que com a fermosura andava junta a agudeza de engenho. Nem por outra razão Homero pintou fermosíssimos a Heitor e Aquiles, senão porque a verdadeira e heróica beleza está com a bondade de todas as acções encadeada. Pelo que podeis notar que o exemplo dos fermosos e néscios é mais monstruoso que natural, assi como é cousa monstruosa que um feio e disforme seja bom, porque é sentença aprovada que a alma fermosa não mora comunmente em corpo feio, e no que no membro avesso da figura humana não

pode a alma exercitar direita operação. Pelo que segundo os fisiónomos o monstro no corpo é monstro na alma. E é cousa certíssima que no tempo dos antigos se tomava agouro do primeiro encontro do homem e assi como encontrar-se com um fermoso era tido por felice agouro, assi vir a dar em um feio dava sinal de sinistro acontecimento, porque a fealdade faz espanto e por isso disse um poeta, falando de ãa mulher muito feia:

“Temereis de a encontrar à meia-noite.”

E por antigo provérbio se chama um feio e deforme filho das Fúrias infernaes. Nem me deixo vencer dos exemplos daqueles que me nomeastes aos quaes ou a própria fermosura ou alheia foi tanto danosa, porque aqueles sucessos aconteram ou porque injustamente se serviram da própria fermosura em dano próprio seu, ou porque com mau olho atentaram na fermosura doutrem. E quem não sabe que a si mesmo e não a outrem deve o homem atribuir o dano que por sua culpa recebe?

“Se véu mortal a minha vista cobre

Que culpa é das estrelas

Ou das cousas belas?”

Que culpa tinha o bom José se por sua beleza a mulher de seu senhor foi desonesta? Que mau feito se podia por a Endimião se estando ele na terra deceu a namorada Lua a dar-lhe um beijo? E daqui queremos acusar o casto e fermoso Hipólito se a desenfreada Fedra, sua madrinha, teve atrevimento de o tentar? Não é verdadeiramente de vituperar a fermosura, a qual é dom especial de Deus não somente gracioso, mas proveitoso aos homens se soubessem dignamente usar dela e se se dispusesse bem a amá-la não por amor de si mesma, mas como ãa viva imagem da divina fermosura e como escada que ditosamente leva ao céu, o que disse o poeta:

“De ãa em outra figura

Parecia levantar-se a alta causa primeira.”

E além disto um nosso Académico, depois de haver visto acaso em um templo a fermosura de ãa gentil dona, disse estas palavras:

“Bem foram despiadosos

Vossos olhos a dar-me guerra quando

Humilmente adorando

O criador, em sana paz [~~eu-me~~] vivia.

Antes mui piadosos

De que graças vos dou, minha senhora
cada hora porque por minha saúde
Com admirável virtude
Figurastes no belo gesto e riso
A paz, o criador, o paraíso.”

Diremos logo, senhor [~~Lodovico~~] Luís, com vossa licença, que a fermosura é espelho de felicidade, objecto do Amor, morada da graça, estímulo da virtude, exemplo de reverência, alevantamento da terra, escada para o Céu.

(**Notas laterais** – Louvor da fermosura / Sócrates incitava os formosos à filosofia / Fermosura junta com bondade / Alma formosa não mora em corpo feio / Monstro no corpo e na alma / Provérbio / Filho das Fúrias / Regra legal / José e sua beleza / Endimião amado da Lua)

LU. – Eu sofrerei de boa vontade de ser assi alegremente vituperado e assi eficazmente confuso de vós acerca desta matéria da fermosura, se me resolverdes de que vem que não somente só homens mas as mulheres tem para si que é maior a sua beleza do que é.

ANÍ. – Resolvi-me vós, primeiro, de que vem que se pinte o Amor cego?

LU. – A razão que faz estimar por maior a fermosura própria faz também estimar por maior a fermosura de outrem.

ANÍ. – Daqui saiu aquela vulgar sentença:

“Tanto que amor te acende, [de] ãa [rã] rana
[Põe-na te a cuidar] Te pare cerva que seja ãa Diana.”

LU. – Antes Dianíssima.

ANÍ. – Em confirmação disto disse um nosso Académico:

“Já me parecete mais que outras bela
Agora que de vós livre me vejo
Mais deforme não vejo
Que vós, dona ou donzela.
Assi que claramente vejo
Que cego com razão se pinta Amor
Porque amando, os olhos me cobriu,
E desamando agora os descobriu.”

LU. – Dizem que em três cousas nos achamos muitas vezes enganados em virtude, em riqueza e em fermosura, as quaes são assaz menores do que cremos.

(**Nota lateral** – Em três cousas somos enganados)

ANÍ. – Se pecam os fermosos com se atribuírem mais daquilo que tem, mais pecam assaz os feios com se atribuírem o que não tem, e por isso vejamos também dos Esopos e dos Tersitos que, posto que deformes e feios, se persuadem que são uns Narcisos, pelo que lhes convém bem o geroglífico do bugio, o qual se tem a si mesmo e a seus filhos por mais fermosos que todos os outros animaes e o que mais é de maravilhar que não há ninguém que, vendo-se no espelho, se tire da sua falsa persuasão.

(**Nota lateral** – Bugio, geroglífico dos amantes de si)

LU. – Bem se tirou da sua, ainda que tarde, ãa mulher igualmente feia e néscia a qual em quantos espelhos se via tantos quebrava, cuidando que todos fossem falsos e não lhe mostrassem a sua natural e verdadeira figura, mas enfim acontecendo-lhe de se olhar em um espelho em companhia de ãa mulher muito fermosa, sua vizinha, e vendo a grande diferença das duas faces ãa bela e outra deforme, se deliberou de não quebrar mais espelhos e começou então a se ter por um pouco menos bela, do em que se tinha primeiro.

(**Nota lateral** – Prazenteiro exemplo)

ANÍ. – Assi logo podeis concluir comigo que não somente se pode chamar honrada, mas ditosa e gloriosa a gentil mulher em que concorrem estes três dões: honestidade, beleza e valor.

(**Nota lateral** – Três felicidades da mulher)

LU. – Eu tenho praticado com algũas igualmente honestas e fermosas, mas por sua desventura tão tolas que pareciam estátuas, às quaes por fermosas que sejam falta o espírito, pelo que sua natureza é por ãa parte mãe e por outra madrinha.

ANÍ. – Toda a regra tem sua exceção, mas eu conheci algũas graciosamente dotadas não menos de singular fermosura que de raro entendimento e daqui digo que as comparações fazem conhecer as diferenças e as desigualdade de ãa cousa para outra, de tal maneira que vemos algũas vezes que ãa mulher tida de nós por muy fermosa quando vem a confrontar com outra mais fermosa fica assombrada com o sobejo resplendor da outra, como as estrelas ao aparecer do Sol. Mas não obstante isto posso-vos afirmar com verdade que na cidade de Milão tive ocasião de praticar por espaço de duas horas com duas honradíssimas matronas, entre as quaes eu não soube julgar qual delas tivesse o primeiro lugar, ou de fermosura ou de valor. ãa é a senhora Andrónica Comnena, da casta dos príncipes de Macedónia e mulher do mui famoso e valeroso cavaleiro [senhor]

Jorge Secco. A outra é a senhora Bárbara Pietra novamente viúva pela morte do senhor Jorge, visconde digno por suas virtudes de maior dignidade a que tinha. Não falarei agora da honestidade destas senhoras como de cousa certíssima e de as comparar, mas na senhora Andrónica, além de ãa imagem de beleza e graça esculpida [~~na testa e~~] no seu rosto com ãa devida proporção de cores e de liniamentos, eu figurei nos olhos ãa doce confusão de guerra, de paz, de fereza, de mansidão, de justiça, de graça, de gravidade e de alegria, pelo que acontece que quantos se vem naqueles dous espelhos tão atónitos ficam que se contentam mais de morrer por ela que viver por outra algũa. Com a fermosura concorda sua graciosíssima fala com a qual não dá a comer manjares vulgares nem [ilegível] vis, mas vendo a falar com homens de quaesquer Letras, deu testemunha do tempo que gasta virtuosamente na lição de bons livros particularmente espirituaes e a felice memória que Deus lhe concedeu sobre toda outra mulher, porque de fábulas e de histórias e de poesia razoa tanto a ponto e sem affectação que eu me confirmei na opinião que sempre tive que a mulher excede ao homem no entendimento. E logo a senhora Bárbara que ali se achou fez ãa larga prática, onde eu apascentando em um ponto os olhos e as orelhas vi nela não somente as belíssimas feições de seu gracioso rosto e de sua pessoa bem formada, mas o dulcíssimo ar do magnânimo e real aspecto, que se outras qualidades não concorreram nela, bastariam estes dous laços a constranger toda a alma gentil a se lhe render em perpétua servidão e obediência. Mas eis aqui a preciosíssima pedra preciosa em finíssimo ouro encastoadada que a faz digna de incomparável e imortal honra, digo, ãa eloquência não sei se natural se artificiosa a possa chamar, com a qual declara seus nobilíssimos conceitos de tal maneira que a suavidade da voz, a propriedade das palavras e a graça dos gestos fazem juntamente ãa graciosíssima harmonia, da qual ficam em um ponto os olhos, as orelhas e os espíritos de quem a ouve sumamente consolados. Imaginai agora como será possível nesta igualdade preferir ãa a outra. Mas não quero calar com esta ocasião os dous madrigaes que naquela hora se apresentaram a estas senhoras:

Pela senhora Andrónica Comnena Secco

“Qual matutino Sol
Com seus tépidos raios
Docemente aqueça, alegre e cria
As ervas, de que as belas flores tira

Tal Andrónica soe
Criar com olhos humilmente alterosos
Castos pensamentos amorosos
E tirando-os do baixo pó da terra
Diante de Deus no céu lá os encerra.”

Pela senhora Bárbara Pietra, viscondessa

“Pois que todas as setas
Em ti assi Bárbara e despiadosa
Antes em ti dura e insensível pedra
Desponteí, toma lá o arco
Toma a desarmada e leve aljava
E levanta troféu a imortal glória
Da minha pena e tua rara vitória.
Assi disse Amor de desdém movido
Desesperado, nu, triste e vencido.”

Tendo igualado estas duas damas, agora me parece que sem igualdade nem semelhança posso chamar suprema e singular a excelência da senhora condessa Violante de Lodrone, filha do famoso capitão, o de Lodrone. Da qual senhora se pode dizer como de Platão: “Que as abelhas no seu nascimento lhe instilaram o mel na boca, nem é tanta a doçura quanta a força do seu praticar e do seu escrever, com a qual com Aquiles com a lança com que feria e sarava, leva as pessoas a crer e não crer como lhe parece.” E é esta virtude acompanhada de tanto valor, que ela se pode chamar não menos romana nas obras que grega na eloquência. Ajunta-se a isto um particular fervor de espírito para com Deus, que serve de exemplo a todas as mulheres aonde devem endereçar principalmente sua vida. E é tal a majestade e grandeza com que se presenta em todas suas ilustres acções que por esta razão e por sua benevolência para com os homens virtuosos, parece que qualquer que a acuse a fortuna que a não fez ãa princesa, e a este propósito houve quem dela escreveu assi:

“Alto desejo de honra, alto sembrante
Santos costumes, angélicos conceitos
No escrever e falar

Docemente sujeitos
E mil graças e mil tem Violante
Que a fazem a todas avantejar
Mas (ai) que ela não vê que o Céu lhe nega.
Quase por fazer-lhe ultraje,
Ornada de ãa real
Coroa chegar a tal pessoa igual.”

LU. – Eu creio certamente que se não podem exprimir de todo os merecimentos destas senhoras que propusestes, todavia se vistes e praticastes em Aste as senhoras Leona e Doroteia, mulheres dos senhores Gabriel e Atílio, meus sobrinhos, não falaríeis tão copiosamente dessas três precedentes, porque estas com sua virtude e graças (sem escurecer em nada a fama das outras) como duas grandes luminárias dão a aquela cidade singular ornamento e resplendor, pelo que por a grande sua honestidade se lhes escreveram este mote [~~tas palavras~~]:

“Se verdade é o que homem diz
Que todo o semelhante o seu deseja
Como pode ser que à chiprina Dea
Sejam tão conformes, e dela tão esquivas
Leona e Doroteia?
Bem vejo que nesta obra e alta empresa
A si mesma contrária é natureza.”

Mas a carestia do tempo não me deixa descer a suas particulares qualidades dignas de eterna memória, o que é causa que me eu não estenda como queria nos louvores de dous honrados espectáculos da cidade de Vercilli, que são a senhora Beatriz, digníssima irmã do cardeal Bobba e mulher do meu claro e valeroso cavaleiro [~~senhor~~] Carlo Gazino, governador de vila nova em cuja honra, se eu não temesse de escurecer a excelência das nomeadas atrás, diria somente que ela de ãa viva imagem que juntamente representa interiores e exteriores felicidades de todas aquelas, mas não se me proíba dizer que nos três dões hoje já ditos lhe não põem, nem pode pôr o pé diante qualquer bela, honesta e sábia senhora, e que bem digna se mostra em tudo de tão bem-aventurado nome em cuja honra me lembra que lhe foi consagrado este madrigalete:

“Cego é o que este nosso século
De fervor e chama, e não vê que [~~nele mora~~] o teu cabelo

[~~Beatriz a quem ele mesmo adora~~] O está dourando Beatriz e faz mais belo.

E cego e selvagem é

O que da luz ardente

Tirar [~~de vossos~~] desses teus olhos senão sente.

Mas quem não olha em ti

Quanto saber se ajunta com a beleza

Cego e néscio é por natureza.”

ANÍ. – Eu adivinho agora que outra gentil dona é a senhora Lanna Vialarda da Motta, bem nacida e virtuosamente criada na nossa cidade.

LU. – Não vos parece q’ela tenha a voz e as mãos felicemente amestradas a representar, cantando e tangendo aos mortaes com maravilha e deleitação a harmonia dos anjos e das esferas celestiaes? Mas se pondes os olhos na alteza do seu peregrino entendimento e a doçura da sua angélica fala (calo a beleza exterior e comum as outras mulheres) sois constrangido a confessar que onde nas outras o silêncio é ornamento, esta só a alcança com falar maior glória e escurece com a pena o estilo e a fama dos mais graves escritores.

ANÍ. – Nenhũa outra cousa lhe faltava para sua comprida felicidade que a companhia que Deus lhe deu de um docto e eloquente vardo, o conde Afonso Langosco da Mota, felicíssimo imitador de Apolo e das musas. [~~Mas~~] E pouco antes que ela casasse lhe fizeram estes poucos versos:

“Lana, espírito divino, aquele dia

Que as Graças e as doze veneradas

Irmãs de Apolo, que são vossas criadas,

Vos levarão a pôr em perpétuo estado

Com o vosso Afonso, valeroso e honrado,

Praza-vos tirar do piadoso seio

Ûa lágrima ao menos

Que fora pelos olhos mostre quanto

Vos doe deixar-nos em amargoso pranto.”

Ó quão grande campo se teria também para discorrer de duas gentilíssimas senhoras mantuanas, ãa é a senhora Victoria Scarampa Nuvolona, a qual, concordando em si mesma com infinito louvor a honestidade e fermosura, tirou até ao mesmo Momo toda a ocasião não só de repreensão mas de ãa mínima suspeita, pelo que por fama universal é

nomeada entre as mais prudentes e honradas matronas de nossos tempos. Que direi do seu grande valor no governo de casa, a devoção para com Deus, a caridade para com os pobres e de muitas outras virtudes suas! Mas para concluir muito, em pequeno campo, digo que foi digníssima e gratíssima criada daquelas duas gloriosas e imortaes princesas Madama Margarida Paleologa e Madama Leonora de Áustria, duquesas de Mântua, e dela se fizeram estes versos:

“Se milagre não é que [~~assiste~~] há em vós
Vitória duas imigas,
Beleza e honestidade, serem em vós amigas.
Se milagre não é que outra entre nós
Não chegue ao que tanto mereceis
E que a outrem cara e a vós mesma assi vil
Em tanta glória humilde vos mostreis
Bem é certo milagre
Que não do mortal véu
Livre, cada hora suba vossa alma ao Céu.”

Vendo agora a outra que é a senhora Cassandra Leona Berna de cujo doce e poético estilo, não menos se gloria Mântua que do seu antigo Virgílio, além de que de seus familiares colóquios se pode dizer como já disse de um grande orador que seria mais apta a expundar mais cidades com a língua do que fez el-rei Ciro com as armas, e por isso se lhe poderão dignamente oferecer estes versos:

“Quando cuidar me ponho
Como aos mais brancos cisnes da ribeira
Do Mincio escurece o canto
Cassandra: É sua glória tanto
Quando falar quer, ou quando
A escrever se põe.
E como as almas de piedade alheias
Humildes faça a seu benigno mando.
Eu digo, oh, como é verdade
Que vê-la se vê o que falsamente
Crê de Anfão e de Orfeu a vulgar gente.”

LU. – O mundo está certo cheio de mulheres ilustres por agudeza de engenho e por outras venturas e se eu quisesse sair de Itália poderia dizer que o céu não tem mais fermosas almas em mais belos corpos do que é a senhora Ana de Lugni, a que servi largo tempo em França, de cujos sobrenaturaes dões:

“Do alto sujeito a razoar irei
Mas calo porque nunca acabarei.”

E lembra-me que um nosso italiano, estudante em Paris, falou dela neste modo:

“Porque com as outras donas
Procuro sempre paz
Despregar não ousa esta língua fora
O que o coração me afirma agora.
Afirma-me que tu de casto affecto,
De famosa beleza e de vivaz
E angélico entendimento.
Ana felice traspassando nas
Quantas foram, e são, quantas serão.
Mas não digo o que à tua bondade toca
Que algũas vezes val mais cerrar a boca.”

ANÍ. – Mas qual teve jamais Alemanha de mais docto e privilegiado espírito que a senhora Neme Cotta, a qual, ou escreva ou fale, nos dá não menos com poético que com solto estilo tal prova da língua toscana, que quanto a my não sei dizer se recebe honra ou vergonha Itália onde esta tida quase por ãa fénix. E eis aqui o que dela escreveu um Académico:

“Tu de soberbo nome
Dignamente alcançar o Rei dos rios
Começaste naquele alegre dia
Em que Neme gentil do Rim naceu.
Por te honrar com seus muy castos olhos
Fazendo claro e cheio
Com seus fermosos raios o teu seio.”

LU. – A my me parece que com andar buscando exemplos de mulheres estrangeiras fazemos grande injúria às que temos na nossa terra. E se pode dizer por nós que somos como os enfermos enfastiados que mandam a buscar longe peregrinas viandas para

despertar o fraco apetite, e depois no fim se contentam com os manjares de casa. Eu creio que entre as mulheres de Casal há mais de dez que em fermosura, graça, galantaria, honestidade e virtude não tem que haver enveja às mais famosas de qualquer nação. Considerai com quanta majestade entraram ontem na igreja Catedral aquelas três honradas viúvas, aqueles três espelhos de honestidade, aqueles três resplandores de Monferrato, antes, de Itália, as quaes com sua vida exemplar, com a caridade para com os pobres, com o contínuo trabalho no instruir as meninas na doutrina cristã, no visitar o hospital e as cadeias, no confortar os condenados à morte, vão cada dia merecendo novos galardões no céu, sem terem conta de receber louvor e glória na terra.

(Nota lateral – [~~aqueles~~])

ANÍ. – Estes são os frutos e o prémio de sua honestidade e podemos dizer que estas três somente chegam ao ponto das honras de quantos príncipes e pessoas particulares ontem nomeastes, mas contudo isto não me parece bem que leamos agora rol destas honradas mulheres; porque assi como os estrangeiros, estando atentamente para ouvir o juízo que nós fazemos das suas mulheres, assi devemos nós com silêncio esperar o que eles dizem das nossas, as quaes terão por mais seguros e menos suspeitosos [~~as honras~~] os louvores estrangeiros que os nossos, porque nos podemos cegar-nos e enganar-nos ou do parentesco ou da amizade, ou de outra paixão. Será logo bom que calemos os merecimentos das mulheres de Casal e acabar este discurso das mulheres com a suave menção das [~~mulheres~~] do castelo de Frassinello, vossas parentas, convém a saber, a senhora Constança de Incisa que com o dom do espírito vivo e com a mansidão do bellissimo aspecto se faz em grande maneira amável e representa ãa certa humilde alteza, ou alta humildade no sembrante que incita a todos a reverenciarem-na. E a senhora Catarina Rotaria, de cuja peregrina fermosura e graciosos costumes e excelentes virtudes tão bem conhecidas de todos, é melhor calar que dizer pouco. E a senhora Bartolomea Ponzona que meteu a paz, o amor e a devoção em casa de seu marido, o qual com se chamar bem-aventurado e contente do santo nó que o ata em companhia de tão honesta matrona e com louvar, como sabeis, dignamente, suas virtudes e seu valor, é razão que eu me não meta a lhe dar com esta imperfeita língua os devidos louvores. E finalmente a senhora Hilária Nevers, vossa filha, novamente esposa, a qual posto que de quantas hoje temos falado é a derradeira em ordem, é porém a primeira no entendimento e digna pela felicidade da fermosura e da graça e da virtude que lhe sejam consagradas estas poucas e compendiosas palavras:

“Vós duas Ciprinhas, Hilária, se o não sabeis

E quatro Graças e dez musas fazeis.”

Mas porque me não convém louvá-la nas vossas orelhas, eu torno a chamar ditoso ao senhor César Scarampo, vosso genro, o qual como homem de são entendimento e de grande valor, não lhe pareceu mal aquele vulgar dito: “quaes filhos queres, tal mulher escolhas”. Pelo que lhe agouro ãa generosa geração com esperança que o vereis pai de grandes varões e que representarão as graças e virtude de sua mãe. E daqui vejo que as gentis donas de Aste, nunca fartas de amar e honrar este divino espírito e esta imagem de castidade e de prudência, reconhecerão na sua fala, nos gestos e nos costumes um certo privilégio alcançado do céu e digno de imitação e reverência. As quaes cousas entendidas do Enlevado nosso Académico, lhe fizeram dizer algũa cousa suspirando, que se teria por contentíssimo porque Olímpia, sua filha de dez anos (a qual certo mostra algũas faíscas de nobre e vivo espírito) parecesse com a senhora Hilária, à qual fez apresentar por mão da menina este madrigal:

“Quando a Hilária, com os olhos
E com o pensamento, contemplo
A real fronte, a doce e alterosa vista,
A fala gentil, o alto entendimento
A vossa vista bela onde a rosa
E o lilio tem o seu fermoso assento
Toda me desfaço e ardo
De invejoso affecto
E a my mesma digo, Ó gloriosa
Olímpia, se de tantas graças em ti
Vira a milésima parte das que vi.”

(**Nota lateral** – Provérbio)

LU. – Mais presto queria, não louvar a minha filha mas que me dissessem algũa sua imperfeição para temperar em parte a dor extrema que espero ter no dia que se há-de retirar da minha vista e deixar-me privado de um dos mais graciosos objectos que eu tive nesta vida. Deixemos, rogo-vos, este razoamento.

ANÍ. – Diremos logo que para subir ao supremo grau da dignidade mulheril e para se assentarem no altíssimo lugar da honra, convém às mulheres procurar de acrescentar qualquer ornamento ao da pátria, como fizeram as mulheres já nomeadas, porque não

sejam tidas por dar de dozena e da comum impressão. E pois que a sua honra principal está posta, como temos concluído, na guarda da castidade, sem a qual são baixas e vis todas as outras honras, eu, como se todas as mulheres do mundo fossem presentes, e como cioso de sua fama, digo desta maneira: “Haverá porventura, valerosas e reverendas senhoras, algũa de vós que atribua a pouca autoridade e grande presunção minha, porque eu, de todos os homens o mais néscio e inepto, a vós hoje me apresente e pela defesa e guarda da honra vos faça esta exortação. Todavia, se com alta consideração entre vós fordes discorrendo, como apraz a Deus algũas vezes que da boca dos simples saiam sãos e proveitosos conselhos, cessará facilmente a maravilha que de muito mais, e vos disporeis a dar inteiro crédito a este néscio do que vos disser. [São] Muitos são antes infinitos os dons que deveis reconhecer do Céu, mas entre todos não há outro algum que mais vos honre e exale e vos faça gloriosas ao mundo que a honestidade, vosso precioso e inestimável tesouro para cuja guarda vos deu armas seguras e como fortíssimos castelos, o entendimento, a humildade, a modéstia, a fé, a devoção e a constância. As quaes virtudes sei muito bem que com toda a diligência as exercitaeis. Mas (ai) que a insolência, a presunção e o desvergonhamento dos homens comumente é tal que para vos roubar este grande tesouro e para ter com vossa perpétua desonra e perda a desejada posse não se lhes dá ira de Deus, da ofensa do próximo e [a] da ruína e infâmia [~~deles~~] de si mesmos, nem sentem remordimento algum de desviar o sã entendimento das obras virtuosas para o [~~afadigar~~] perder neste vil e ocioso devaneio, de tal maneira que não há nenhum deles (ouvi-me bem) que no seu coração vos não tenha a todas por graciosas, benignas, cortesias e finalmente feitas às suas vontades, e que não se persuada que a que de vós se tem por inexpugnável rocha, ela mesma não seja para lhe dar sua honestidade em suas mãos, e que se algũa se defende o não faz por ser mais prudente nem mais honesta nem mais forte que as outras mas por se assegurar melhor no amor e na paciência de quem as comete e tomam atrevimento e confiança, e tem como [por] oráculo délfico por infalível aquele dito:

“Que prêmio ao bem servir

Enfim vem, posto que tarde a vir.”

E (se quereis que vos diga mais) os malvados, sem fazer distinção algũa entre vós, sem resguardo de quem ela seja vos tem a todas por tocadas de um pez. Ó temeridade desenfreada! Ó presunção maligna, ó desprezo intolerável! Mas porque melhor vos seja notória sua malícia, quero-vos significar que não há sorte algũa de engano mais

detestável que o que se urde sob máscara de bondade e de amor. Ora que engano e que treição é mais enfrascada, mais artificiosa e mais detestável que a que eles usam convosco? Vinde discorrendo comigo [~~que~~] como estas astutíssimas raposas ou, por melhor dizer, estes raposíssimos lobos e captaes inimigos de vossa honra se vos apresentam em forma de mansos cordeirinhos, e o primeiro seu intento é aparecer diante de vós humildes, discretos, ornados e gentis para que comeceis a beber a amorosa peçonha com os olhos, pelos quaes [~~descendem do~~], decendo ao coração, fique em vós alguma pequena inclinação e som pouco que ao entendimento. Depois deste primeiro doce e repentino assalto procuram os maus de dar bateria às vossas castíssimas orelhas e depois que a mentira, sob [~~eolox~~] cor de verdade se presenta, eis aqui os lisonjeiros que, entrando primeiramente nos louvores de fermosura, do valor, dos trajes, dos costumes e de outras vossas infinitas graças, com pequeno trabalho vos fazem ouvir aquela gravíssima harmonia com a qual tomando-vos o coração e cegando-vos os sentidos vos obrigam a crer que aquelas mesmas fermosuras, aquele valor, aqueles trajes, aqueles costumes e aquelas graças os feriram de morte e os fizeram vossos perpétuos cativos. E se vós porventura ou os não crerdes ou daes a entender que os não credes, logo os mofiadores dobram os golpes e com esforçadas lágrimas, com afeiçoados suspiros, com rogos contidos, com mil juramentos falsos, tanto dizem e tanto fazem que muitas de vós (mesquinhas) vos moveis não somente a os crer, mas a haver compaixão deles. Nem se contentam de vos cegar o entendimento com estes engenhosos véus, mas porque se abata vossa fortaleza e porque fiquéis vencidas e confusas, dão por último assalto o lustre de ouro, de rubis, de diamantes e de outras preciosas jóias em virtude das quaes, depois de largo contraste, vós, mais fracas, vos sujeiteis aos vencedores e dando-lhes em presa o vosso mal guardado tesouro fiquéis com infâmia perpétua arrependidas. Este é o fim, ó caríssimas senhoras, aonde endereçam os vãos e luxuriosos homens seus malvados pensamentos, do que vos podeis escramentar que vos louvam por vos vituperar, [~~vós~~] amam-vos por vos odiar, [~~vós~~] animam-vos por vos escarnecer, [~~vós~~] lisonjeiam-vos por vos trair, [~~vós~~] dão-vos por vos roubarem. [ilegível] Pois logo, ó sabias filhas, irmãs e mães, aparelhai-vos contra os assaltos dos inimigos e contra a peçonha das serpentes. Fugam vossos olhos tão infelice e danoso objecto. E porque crueldade gasta amor, seja esta a vossa honrada e vitoriosa empresa. Arme-se a vossa vista de fereza contra as treições destes soberbos e insolentes, cerrando as orelhas ao pestífero canto das sereias. Endureçam-se os corações aos enganosos

rogos dos Narcisos e Ganimedes, os quaes ainda não comprehendem bem seu desenfreado e bestial appetite quando com ãa trombeta publicam a infâmia das desventuradas mulheres pela qual de todo o mundo são mostradas com o dedo. Sejam-vos exemplo as desonestas. E sabei que nenhũa cousa mais facilmente se manifesta que a desonestidade de ãa mulher cuja perda é irrecuperável como está escrito:

“Não vem a porto a castidade alagada,

Nem torna a viver depois que é afogada.”

Vós, fermosas e intactas virgens e vós, continentes e honradas viúvas, reprimi os internos estímulos com o martelo do jejum, da oração, da humildade e dos honestos exercícios da alma e do corpo, e sabei que sendo nascidas em carne, não viver carnalmente, e o combater cada hora vitoriosamente com vós mesmas e ter fechado e atado o inimigo, vos será atribuída a virtude celestial e evangélica e a vossa singular e perpétua honra. Guardai inviolavelmente, ó sábias e valerosas matronas, aquela santa fé, a qual não a vossos maridos mas ao mesmo Deus tendes dado, e servindo não de escândalo, mas de instrução às virgens e às viúvas, escolpiem vossos corações o branco e imaculado arminho e fazei com ele este constante e firme propósito de escolherdes antes a morte que sujardes-vos, para poder dignamente entrar no templo da castidade e consagrar-lhe vossa honra inteira. Finalmente se algũa de vós se acha por sua desventura caída em erro, não podendo recuperar o bom-nome, procure ao menos de cobrar das mãos do Diabo a alma envelhecida para a tornar juntamente com a penitente Madalena ao seu benigno e misericordioso criador.

(Notas laterais – Exortação às mulheres / Provérbio)

LU. – Este razoamento me fez vir à memória o que conta um contador de histórias florentino que um gentil-homem namorado da mulher de um pobre oficial lhe dizia, por alcançar sua graça, como ele era rico, galante e gracioso a todos e que, pelo contrário, seu marido era um mesquinho, diforme e odioso, mas o pobre homem que estava escondido sentindo-se tão estranhamente injuriado se lhe pôs diante e lhe disse: “Senhor, por cortesia, fazei vossos negócios e não desfaçaes os meus.” Quero agora dizer que com a vossa louvável exortação fizestes proveito às mulheres, mas os homens pela mor parte, principalmente os mancebos, vos dirão mau grado porque tão claramente manifestastes seus segredos e dirão juntamente com o oficial que desfizestes e deitastes a perder os seus negócios.

(Nota lateral – Novela)

ANÍ. – Prouvesse a Deus que assi fizessem fruto minhas palavras no ânimo e entendimento das mulheres, como eu levaria em paz os ódios de seus amantes.

LU. – Todas as mulheres que procurarem o fruto de vossa palavra, enjeitarão os amantes e vos terão a vós só por digno e verdadeiro amante. Porque verdadeiro e digno amante é aquele que reverencia a honra da mulher que ama.

Do conhecimento de si mesmo

Diálogo nono

[~~Lodovico~~] **Luís Francisco**

Vejo-vos hoje senhor Francisco, mais do acostumado, pensativo, não sei se fosse a causa algum grave estudo.

FR. – Eu (por vos não ter encoberta a razão de meus pensamentos) vinha agora considerando comigo quão mal se guarda aquele délfico ou, por melhor dizer, cristão oráculo, “Conhece-te a ti mesmo”. Porque a maior parte dos homens atribui a si mesmos indignamente o que se lhes não convém. Esta consideração me fez lembrar a história daqueles pescadores, os quaes, tendo vendido um lanço [~~de rede~~] a certos estrangeiros, colheram de improviso na rede ãa tábua de ouro que foi ocasião de grande e larga porfia entre os pescadores e os estrangeiros, e enquanto estes dezião ser tudo seu o que se tomasse e os pescadores que não era seu senão o peixe que se pescasse, foi ouvido o oráculo que declarou que a tábua era devida a um homem sapientíssimo, pelo que os pescadores amandaram logo a Tales e Tales a Bias, e Bias a outro, e aqueles a Sólon, e Sólon finalmente a apresentou a Apolo Délfico. Eu, vindo-me isto à memória vinha agora dizendo entre my: “Onde estão hoje os pescadores, onde os Taletes, onde os Biantes e os Solões que despojando-se do amor-próprio e conhecendo-se a si mesmos e sua dignidade, refutassem as tábuas de ouro e que sucessivamente as fossem transferindo aos mais sábios?”

(**Nota lateral** – Exemplo de avisados pescadores)

LU. – A mi me parece que não está essa dificuldade no conhecimento de si mesmo que vós dizeis, porque se me bem lembra, há um grande escritor que diz que foi mal divulgado aquele dito “Conhece-te a ti mesmo”, porque era mais proveitoso dizer “Conhece aos outros”, e se o queremos subtilmente entender, [~~nós por certo~~] julgaremos que é mais dificultosa cousa conhecer aos outros que a nós mesmos, porque nossos íntimos affectos são tão conhecidos de nós que nos não podem enganar, mas bem podeis

ser enganado dos meus que vos estão escondidos. Pelo que se disse que Momo não soube reprender a Júpiter doutra cousa senão porque não fez um postigo [~~sinho~~] no peito do homem porque se pudessem manifestamente compreender os seus pensamentos, e é também dito mui vulgar “Que o homem é de todos os animaes o mais difícil de conhecer” e se eu dissesse que não há nenhum no mundo de tão cândida natureza, [~~nen~~] nem de coração tão aberto que não tenha ãa boa parte de seus pensamentos em mascarada e não se mostre de fora em muitas cousas diferente daquele que é dentro, porventura que não mentiria. Eu sei o que digo, e tenho comido grande quantidade de sal com muitos homens primeiro que os conhecesse. A vós vos deve ter acontecido o mesmo mais de ãa vez sobrepensado e porventura muito tarde, que tal era o que vinha a tratar convosco, que com diferente vontade quase com duas setas em um ano procurava ou por ãa ou por outra via de vos enganar, pelo que me persuado que melhor e mais proveitosa doutrina seria para o homem o conhecimento dos outros que o de si mesmo.

(Nota lateral - Momo repreendeu a Júpiter)

FR. – Eu não posso em modo algum seguir vossa opinião, nem daquele escritor que disse que se deve principalmente conhecer os outros, porque assaz mais difícil cousa cuido eu que é conhecer-se a si mesmo. E persuado-me a dizer isto saber que os homens por a mor parte estão neste erro, que vem os defeitos de outrem e não os seus, à maneira do olho, o qual vê tudo e não se vê a si mesmo, o que é causa do amor próprio que cega de tal maneira os sentidos que o homem se não conhece a si mesmo, e cuidamos todos que somente em vitupério de si mesmo dissesse um filósofo aquelas palavras: “Quando me eu quero deleitar de um simples não o vou buscar longe, busco-me a my mesmo.” Mas não vemos (ó néscios de nós) que nos quis advertir de nossa universal simpleza. Crede que são raros no mundo os que procuram de conhecer suas mazelas e ver como em um espelho sua falsa opinião. Antes este defeito foi atribuído até a Mercúrio, o qual estimando-se primeiro por maior de todos os deuses, entrou em forma de homem em casa de um escultor e vendo nela três belíssimas estátuas de Júpiter, de Juno e de Mercúrio lhe perguntou quanto queria por aquela de Júpiter, lhe respondeu “cem cruzados”, depois lhe perguntou quanto pela de Juno, respondeu “duzentos cruzados”, e perguntado o que valia a de Mercúrio, lhe respondeu, “Aquela de Mercúrio te darei eu se me comprares as outras duas”, a cuja resposta o bom Mercúrio não falou palavra e se partiu, e dali por diante se começou a conhecer a si mesmo e ver que era tanto inferior a Júpiter e a Juno, quanto nós ao duque, nosso amo.

(Notas laterais – Amor próprio / Fábula de Mercúrio)

LU. – O escultor, vendendo a estátua de Júpiter e de Juno, queria dar por cortesia a outra de Mercúrio da mesma maneira que se dá em Roma um raminho de ouregão a quem compra hortaliça.

FR. – Bem-aventurados [são] seriam logo os homens se fizessem prova de se conhecerem a si mesmos, mas não o fazem temendo de achar o que não quererão, pelo que se estão de boa vontade envoltos no engano de si mesmos e se há alguns que conheçam suas virtudes nem por isso declinam do exemplo de Lúcifer, o qual bem entendeu a grandeza e excelência da sua dignidade, mas contudo isso não se conheceu a si mesmo, porque esquecendo-se de a ter recebido de Deus entrou em soberba e caiu em ruína. Em suma, assi é dado a poucos o conhecerem-se a si mesmos, como é dado a poucos alcançar imortalidade, e por isso não vos seja molesto que eu vos replique que o amor próprio cega a todos e daqui vem que quanto menos o homem se vê, tanto mais namorado é de si mesmo e tanto menos diretamente julga o bem e o mal pelo que bem disse um gentil espírito:

“Que cousa é que com razão se teme ou se deseja?”

Nisto pois é necessário que o homem se afadigue mais que em outro conhecimento, mas o abuso é tal que muitos se [enganam-de] engenam a conhecer o curso das estrelas, as virtudes dos simples, as compreições dos homens, as naturaes dos animaes, a ciência de todas cousas terrenas e celestes e conhecendo muitas cousas não se conhecem a si mesmos, e desta ignorância se segue grande soberba, porque a sua imaginação enganada e enganadora lhes faz crer que são melhores do que são e por isso devemos por nossa [saúde] salvação, antes de outra cousa, procurar de nos despojarmos desta ignorância e, segundo o provérbio, morar connosco mesmo porque conhecendo nossa enfermidade recorreremos a Deus.

(Nota lateral – Lúcifer)

LU. – Pois que o conhecimento de si mesmo vos parece tanto útil e necessário à nossa [saúde] salvação [houva] tomarei que [fôsseis] vades dizendo o modo de alcançar este conhecimento.

FR. – Três modos principaes me lembram com os quaes o homem pode facilmente conhecer-se a si mesmo. O primeiro é começar a conhecer os outros.

LU. – Bem disse eu que a importância do negócio estava aposta em conhecer os outros, e vós enfim viestes dar na minha opinião.

FR. – Antes eu estou firme na [~~prim~~] minha primeira [~~opinião~~], que a mais difícil doutrina de todas é conhecer-se cada um a si mesmo e vos replico com o parecer do cómico, que todos os homens por natureza julgam melhor os feitos alheios que os próprios e isto vem porque somos sempre nas nossas cousas levados ou de demasiada alegria ou de sobeja tristeza. Mas porque em todas as doutrinas se usa sempre começar das cousas mais fáceis, a este efeito proponho e preponho o conhecimento dos outros por mais fácil, e tanto mais fácil quanto eu entendo que o homem não há-de trabalhar por conhecer os outros interiormente, como interiormente quero que ele conheça a si mesmo, antes eu vitupero querer conhecer os íntimos affectos d'outrem, porque com este intenso trabalho se poderá cair em algum sinistro e temerário juízo e atribuir-se presuntuosamente a sabedoria de Deus, o qual só é escurinhador de corações.

LU. – Contudo isto não podemos negar que com muitos sinaes exteriores se não conheçam os pensamentos interiores e raramente acontece que seja falso o juízo que fazemos das pessoas olhando-as somente no rosto, posto que as não tenhamos nunca visto, e começando da fronte e dos olhos disse o poeta:

“Tendo o coração nos olhos e na testa escrito.”

Se vindes pois à língua, ela dá de si também manifesto sinal da alma. Pelo que está escrito “Quem é da terra, da terra fala” e diz o filósofo: “Que qual cada um é, taes cousas diz, taes obra, e de tal maneira vive”. Se falaes dos gestos vedes que é veríssimo o provérbio: “Que o néscio fala com o dedo”. E bem disse um escritor: “Que os movimentos do corpo são a voz da alma”. Finalmente, do passear e do vestir se faz juízo ou da gravidade ou da leviandade d'outrem. E lembremos aquele dito:

“No hábito, no andar, no rosto e panos

Se vê quem cada um é de muitos anos.”

(**Nota lateral** – Provérbio)

FR. – É tal a atadura e a afinidade com que estão juntos a alma e o corpo que nas suas paixões se seguem um ao outro, pelo que vemos muitas vezes estar alertada a alma com as paixões do corpo, e também o corpo compadecer-se com as da alma. E por isso os antigos filósofos se esforçaram de introduzir a arte e ciência de conhecer por sinaes exteriores as qualidades e disposições ocultas de nossas almas, os quaes sinaes se tomam dos movimentos, das cores, dos delinhiamentos do rosto, da palavra, da carne, dos cabelos, das partes e da figura de todo o corpo, pelo que os que tem os olhos e as meninas sempre abertas, como os asnos e as ovelhas, se julgam por simples e néscios,

os que tem as sobranceiras juntas são tidos por maus, os que representam no rosto a cor de bronze se crê que nunca sabem que cousa é alegria e que sua alma anda sempre triste, e poder-se-iam dizer muitos outros sinaes exteriores, os quaes dão indício do coração, o que se mostra com aquela sentença:

“Ó quão mal se esconde na face o erro.”

E em confirmação de tudo isto disse o sábio: “Que pela face se conhece o homem e que o vestido, o riso e o andar dão testemunho dele.” E lembre-vos também aquele dito:

“Nem Vénus pode esconder a sua mente”.

Todavia seria temeridade querer com estes exteriores sinaes fazer certo e absoluto juízo da mente e dos costumes d'outrem e daqui vem que Nosso Senhor nos adverte que não julguemos conforme a face. Muitos, com a boa vida, fizeram violência à sua péssima natureza. E Sócrates, em particular, afirmava que com o estudo da filosofia reprimia os estímulos de suas honestas inclinações e por isso é necessário considerar que, posto que o cabrito tinha o pêlo mais ruivo do que mostre o cordeiro, contudo a sua carne é mais saborosa e assi alguns, posto que tenham abominável aspecto, são porém de dentro melhores e se parecem com aquela sorte de pêras que vulgarmente chamamos [suas] feias e boas, e em resolução não está em nossa faculdade descobrir os segredos ocultos da consciência alheia, porque está escrito que o homem vê no rosto e Deus no coração, de tal maneira que nas cousas sinceras havemos de deixar o juízo a Deus, nem havemos de ser fáceis a dar sinistra interpretação às obras doutrem quando tem louvável e direita aparência.

(**Notas laterais** – Salomão / Sócrates / O homem na face, Deus no coração)

LU. – Neste erro caem facilmente até os mais sábios do mundo tomando ao revés os costumes d'outrem e com dar título de hipócrita ao humilde, de malicioso ao prudente, e de adulator ao afável.

FR. – E por isso quem não quizer cegar-se nisto, advirta que nas cousas que podem receber contrária interpretação se acoste sempre à melhor. Sigamos logo nossa prática dizendo que nos convém primeiro conhecer os outros, para nos podermos melhor conhecer a nós mesmos, e nas cousas dos outros, olhemos [por] para nosso proveito a virtude ou os vícios, porque se a virtude que [o] vejo noutrem está em my, logo se levanta um santo desejo de o sobrepujar, e se não está em my, eis um estímulo que me incita a o seguir. Do primeiro temos o exemplo de Aquiles e de Pitágoras e de Zeuses e de Parrasio que tanto se afadigaram por prevalecer um no outro. Do segundo nos deu

sinal Júlio César, o qual, vendo em Espanha pintado Alexandre com as suas empresas se arrependeu de sua floxidade, pois que naquela idade de trinta anos não tinha ainda feito alguma cousa assinalada, o qual desejo de semilhança não somente o fez conhecer a si mesmo, mas o convidou a fazer cousas sobre si mesmo. Mas sobretudo no conhecimento dos outros é necessário aprender a conhecer Cristo e sua vida e depois, metendo a mão no seio, lembrar-nos da nossa demasiada delicadeza, envergonhando-nos que debaixo de ãa cabeça espinhada sejam os membros delicados. E porque saibamos quanto ajude ao conhecimento de nós mesmos, conhecermos outros, recorramos a aquela sentença: “Tudo o que deseja saber quem é, confidere aos outros taes qual ele não é.”

(**Nota lateral** – Sentença notável)

LU. – Estas palavras são certo de grande virtude e muito eficazes para nossa salvação e me fazem lembrar o exemplo de Demarato, o qual, perguntado de um presuntuoso que lhe dissesse qual era o mais honrado homem de todos os espartanos, recusou de o dizer por duas vezes, mas constrangido à terceira vez e importunado respondeu, [~~Ele~~] “é um que em nada se parece contigo”.

(**Nota lateral** – Demarato e seu dito)

FR. – Logo não é necessário deixar-se enganar do amor próprio, mas devemos olhar como em um espelho nos homens de boa vida, porque ajuntemos a nós mesmos as virtudes que nos faltam, e se nos estudos das Letras procuramos de nos acomodar ao estilo, ao modo de falar e sentenças dos graves escritores, quanto mais devemos de trabalhar por seguir as pisadas dos homens irrepreensíveis e converter a uso e proveito nosso todos seus costumes. Mas para nos conhecermos compridamente a nós mesmos convém também entender a vida dos homens viciosos, os quaes devemos de aborrecer mais que os cães e as serpentes, como infames e odiosos ao mundo, e que estão em um ponto de perder por seus erros a fazenda, a vida, a honra e a alma juntamente, de quem podemos receber o fruto daquele dito: “Que do vício de outrem, o homem sábio emenda o seu.”

“Bem-aventurado o que a despesa d'outrem aprende.”

LU. – Este preceito tem os homens aprendido haja tempo da raposa, a qual, reprendida do leão porque o não visitara na sua enfermidade como fizeram todos os outros animaes, respondeu que “se havia retirado desta visita [~~tação~~] porque todas as pegadas

dos outros animaes estavam viradas para ele, mas não aparecia nenhũa que virasse para trás”.

FR. – Daqui temos duas principaes advertências a primeira é que para nos conhecermos a nós mesmos é necessário conhecer primeiro aos outros, a segunda que do conhecimento de nós mesmos nos nasce um doce e suave fruto que é a emenda de nossa vida. Passemos agora ao segundo modo de nos conhecermos a nós mesmos, o qual está posto na consideração da própria felicidade e da própria miséria e por isso se o homem em qualquer hora escolhida fosse cada dia retirando dentro de si seus vagabundos espíritos e todo recolhido em si [~~mesmo~~] fizesse experiência de se conhecer a si mesmo, perguntando-se a si “Quem és tu?”, subitamente se lembrava da sua própria felicidade e de sua própria miséria. E por razão da felicidade responderia: “Eu sou creatura de Deus, resgatada do inferno com o precioso sangue do seu unigénito filho, purgada da nódoa antiga com a água do santo baptismo, dotada de memória correspondente ao padre, de entendimento ao filho, de vontade ao Espírito Santo, restaurada como pão dos anjos, dedicada à celestial imortalidade”. Deste conhecimento de si mesmo e de se lembrar que tudo quanto tem vem de Deus, não será ingrato se senão dispuser a O amar e dar-Lhe graças com toda afeição de seu coração, de fazer Sua vontade e de morrer antes que offendê-Lo nunca! Ora por razão da miséria que responderá? “Eu sou lodo terra, cinza, pó, bicho e vilíssima matéria, nacido para trabalhos e misérias, e sujeito por minhas maldades a temporal e terna morte”. Depois destrouto conhecimento parece-vos que será ele tão soberbo que não se humilhe e se não torne ao terror de Deus e ao estudo da própria salvação?

(**Notas laterais** – Felicidade do homem / Miséria do homem)

LU. – Docíssimo é este som nas minhas orelhas, o qual decendo ao coração me leva a me conhecer a my mesmo e me faz, pondo os olhos na minha felicidade, amar a Deus e, pondo-os na minha miséria, [~~a~~] desprezar o mundo.

FR. – Daqui se vê como é verdade que entre muitas cousas que nos é necessário saber são principalmente estas três: memória das mercês recebidas, dos erros cometidos e das penas que temos merecido.

(**Nota lateral** – Três cousas principaes)

LU. – Ora por conta da felicidade e dos benefícios recebidos, vou examinando os costumes dos homens, os quaes raramente se conhecem a si mesmos em suas

prosperidades e de boa vontade se esquecem de quem é a ocasião, antes se deixam levar tanto além do vento da soberba que a si mesmos atribuem suas prosperidades.

FR. – Vós entrastes agora em um grande oceano, no qual se afogam muitos prósperos por não reconhecerem de Deus sua prosperidade. Destes entendeu o sábio, dizendo: “A prosperidade dos néscios será sua ruína”.

LU. – Esta prosperidade dos néscios me fez muitas vezes ficar confuso não sabendo como aconteça que os néscios são comunmente, por manifesta prova, mais bem afortunados que os sábios, pelo que é necessário dizer que a razão perca seu vigor e que o mundo está virado com os pés para cima, porque deviam as prosperidades mais presto vir aos se governam com conselho que aos inconsiderados.

FR. – Entre a fortuna e a razão [não] não há sinal nenhum e raramente se dá ao homem bom entendimento e boa fortuna, e é antigo provérbio “Que se não hão-de aconselhar os ditosos porque sem razão alcançam os bens”, assi como pelo contrário, os que se governam por conselho são desgraçados e quereis saber de que isto vem? São ditosos os néscios porque, perdida a razão, tanto se movem quanto são movidos, e como ãas bestas são movidos do instinto natural e procedem como os cegos, os quaes sendo faltos do sentido mais distrativo alcançam mor memória, assi eles, privados do entendimento, seguem com mais vigor os ímpetos divinos, pelo que a fortuna obra neles mais, mas os sábios, tendo por temeridade fazer algũa cousa que não seja ditada da razão, deixam apagar os ímpetos divinos e deitando-os de si ficam desgraçados, porque os ímpetos divinos são infalíveis e a razão é difectuosa, e por isso inventaram os homens aquele antigo provérbio. “Ventura, ó Deus, que pouco siso basta”. Mas se nos queremos acostar um pouco à filosofia cristã iremos discorrendo, que posto que se achem algũas creaturas às quaes apraz a Deus por sua inocência de lhes conceder prosperidades da terra e depois as do Céu e, pelo contrário, se achem algũas outras, as quaes por seus pecados aflige com as adversidades desta e outra vida em tal maneira que se pode dizer que a uns abre dous paraísos e aos outros dous infernos, todavia costumam pela mor parte vir as prosperidades aos maus e os desastres aos bons, e por isto diz um Santo Doctor: “Estemos advertidos que se acaso fizermos algũa boa cousa, não se nos dê o merecimento nesta vida pela qual nos digam recebestes o pago”. E depois diz: “Que os homens de santa vida se algũa hora se vem cheios de favores do mundo, são perturbados da suspeita de não receberem cá na terra os frutos de seus trabalhos”. Disto não há de que maravilhar porque é cousa a todos notíssima que as prosperidades fazem

os homens néscios, ociosos, lascivos, descuidados, soberbos, insolentes, e em tal maneira desnervados que pela delicadeza do seu sentido toda a pequenina cousa que lhes não vem a gosto os entristece em grande maneira, e se conhece ser verdadeiro aquele dito: “Que o homem de longo tempo avezado ao sereno das delícias por qualquer pequenina névoa de fastio se perturba e dá lugar à ~~aquela~~ sentença do lírico:

“Quem festa fez na serenidade

Com mor dor se verá na tempestade.”

E por isso deve o homem ditoso temer cada hora que o vinho puro da prosperidade o não embebede; e não lhe tire a saúde da alma e do entendimento e para tirar este inconveniente, podê-lo a aguar com a consideração das misérias e dos desastres dos outros e com reconhecer que o homem próspero, perdendo-se na sua prosperidade, não se conhece a si mesmo e não se lembra de Deus e recebe o seu prêmio nesta vida.

(**Notas laterais** – Provérbio / Prosperidade a maus / Desastres aos bons)

LU. – Daqui se conhece quão grande seja a virtude daqueles que sabem pelejar com a próspera fortuna sem se deixar lisonjear ~~[dela]~~ e perverter dela, de que nace este bem que o homem avezado a se não inchar ~~[nada]~~ nas prosperidades, não ~~[se]~~ perde um ponto nas ~~[desastres]~~ adversidades.

FR. – Bem dito. Porque quem com modéstia sustém a próspera fortuna, mostra prudência no antever a adversa, a qual muitas vezes vem nas ancas, o que se viu em Filipe, rei de Macedónia, o qual, tendo em um mesmo dia recebido três novas boas, convém a saber, de duas vitórias e do nascimento de Alexandre, seu filho, levantou logo as mãos ao Céu e, sabendo que um felice acontecimento, é sinal de futura desgraça e que a boa fortuna segue a má, rogou a Deus com ardente affecto que misturasse com pequeno trabalho aquela tão grande alegria.

LU. – Quem diria que ~~[em um]~~ no coração de um rei infiel reinasse um tão cristão entendimento? E de feito não é necessário crer em ~~[ũa]~~ grande fortuna porque como diz um poeta:

“Dá e tira a fortuna, e com seu giro

Prestesmente se torna Crespo em Iro.”

E é verdadeiro aquele dito, “que tão facilmente pode o meu escravo ver-me em servidão, como o eu posso ver a ele em liberdade” e parece-me que com bom juízo se atribuiu a roda à fortuna, porque com um contínuo giro das cousas prósperas se levantam as adversas, e os que eram primeiros vem a ser derradeiros e os derradeiros

primeiros, pelo que com razão disse o filósofo que o círculo é princípio de todos os milagres e chama-se também volubil e inconstante, porque, como fazem os meninos, logo torna a tomar o que tem dado e, como a lua, que cada dia muda o aspecto, e quando considero os jogos da fortuna não me lembro de homem algum a quem ela se mostrasse favorável e graciosa até a morte e que não amargasse alguma vez o mel das suas prosperidades com o absintio dos trabalhos, o que fez dizer a um avisado escritor: “Ó fortuna, que grandes alegrias produzes e de grandes males! E que grandes males senão de grandes alegrias!” Lembre-vos a felicidade de Augusto, o qual, antes de vinte e dois anos, foi feito cônsul e depois, sendo imperador, pelejou sete vezes com vitória e reduziu o império do mundo a estado de pacífico até o seu derradeiro dia. Mas que falo eu de sua felicidade? Basta dizer que Roma, na nova criação dos príncipes, introduziu por bom agouro ~~[aquela]~~ aquele universal e público grito: “Seja melhor que Trajano e mais bem-aventurado que Augusto”. Contudo isto ei-o em tantas vitórias sofrer cruelíssimos encontros e com fortuna do mar perder duas armadas, e ser a ele só atribuída a fome de Itália e ouvir as conjurações de seus inimigos, e o adultério da filha e da sobrinha e muitas outras desventuras, de tal maneira que a volúvel fortuna alternando nele estes contínuos escarneos o fez possuidor de uma dolorosa felicidade, pelo que balanceando uma e outra sorte ele se podia contar não menos entre os miseráveis que entre os ditosos, pela experiência que fez à sua custa; que as prosperidades são ~~[muitas vezes à feição da]~~ como a lua muitas vezes eclipsadas.

(**Nota lateral** – Augusto felice e miserável)

FR. – Claro está que não deve ninguém, quem quer que seja, fiar-se do bom tempo, mas logo esperar o contrário. O que nos certificam os delfins porque quando andam volteando sobre a água, subitamente vem a tempestade, assi quando nós estamos mergulhados nos cantos, nos bailhos, nos jogos e nos prazeres, eis logo alguma desventura e eis cumprido aquele dito:

“Que muitas vezes o riso é de dor princípio.”

E assi como por muita fertilidade dos trigos se vem a inclinar e os ramos por sobeja abundância de fruto se quebram, e nem uma cousa nem outra madurece bem, assi a abundância das prosperidades não chega nunca a alegre fim, e por isto se devem escrever no livro dos néscios os que por fazenda, por honras, por fermosura, por parentesco, por mulher, por filhos, por grandeza ou por outras venturas se incham e se chamam mais bem-aventurados que os outros, não se lembrando que todo o louvor se canta no fim e

que disto nos deu memorável aviso el-rei Creso, o qual, caído de ãa altíssima felicidade a ãa ínfima miséria não se lembrou nunca senão na hora da vã mesquinha morte das lembranças que lhe fez Sólon:

“Que antes do dia da última partida

Não se deve chamar [~~felice~~] ninguém felice.”

Mas para que é andar buscando exemplos antigos se nós mesmos somos piadosas testemunhas de vista de voltas maravilhosas de algũas nobilíssimas famílias, as quaes tendo por espaço de muitos anos recebido as maiores graças e favores que chovem do céu, finalmente estão destruídas de desventuras nunca pensadas e multiplicadas, não de outra maneira que de um imprevisto assalto de ventos e coriscos, e vergonhosamente pisadas [~~em ver-se~~] vendo às suas custas que sob manto de benigna mãe, se mostrou a fortuna ãa enganadora e despiadosa madrastra. Em suma, quem a manhã tem clara, não sabe por isso que tal será a tarde e se lhe pode dizer o que se disse a César – “Já são vindos os Idos de Março, mas não são ainda passados” – e alguém [~~gozará~~] tomará e se alegrará com sua prosperidade que lhe [~~seria~~] [~~veria~~] viesse a bom tempo ãa morte súbita por não esperar algum grave e repentino caso. O que foi dito a Diágoras, o qual com estremada alegria viu um dia coroados nas festas Olímpicas seus filhos vencedores e alguns seus sobrinhos pelo que lhe disse um espartano “Ó Diágoras, agora seria tempo de morrer”, quase querendo lembrar-lhe aquela notável sentença do poeta:

“Tal morreu já triste e desconsolado

A quem pouco antes era morrer beato.”

Mas disto baste o que temos dito e fique em vossos corações este firme fundamento, que nas felicidades o conhecimento de si mesmo é tão proveitoso quanto dificultoso e com este conhecimento veremos que as nossas prosperidades vem da bondade de Deus, e dando-lhe contínuas graças nos disporemos [~~a amá-lo~~] a O amar com todo nosso espírito, o que não fazendo nos acontecerá como ao desventurado Isião, o qual é tanto mais gravemente atormentado no inferno que todos os outros, quanto maiores bens tinha recebido de Deus na terra, e quem quiser bem considerar a divina justiça virá a conhecer que as quedas da sublime felicidade à profunda miséria podem facilmente acontecer da ingratidão e de não pagar tributo ao amor da felicidade, ao qual não se podem bem dar as devidas graças, porque assi como é maior o fôlego que retiramos em nós que o que mandamos para fora, assi mais graças recebemos de Deus do que lhe podemos dar. Ora havendo nós tocado com o dedo quão proveitoso seja o conhecimento de si mesmo por

razão da felicidade, convém-nos discorrer quão igualmente proveitoso seja por razão das misérias. E primeiramente o homem deve trazer à memória seus graves erros pelos quaes se confesse indigno da graça e merecedor de pena e dizer sua culpa.

(**Notas laterais** – Instinto dos Delfins / Cresco e sua miséria / Dito contra César / Diágoras motejado / Fábula de Isião)

LU. – O conhecimento do pecado é princípio da salvação, e está escrito: “Se queres ser bom, crê primeiro que és ruim”.

FR. – E se lhe acontece alguma desventura a toma por boa ventura e a tome da mão de Deus em sinal de amor, pois que ele disse “a quem eu amo castigo”, e considere que assi como a mãe ou a ama, por tirar o menino do leite, tinge as tetas com algum sumo amargoso, assi a divina bondade por tirar o homem do amor do mundo lhe mistura alguma tribulação e se bem consideramos que no querer sarar os enfermos fazia turbar a água da piscina, aprenderemos daquele mistério que as enfermidades da alma não se curam com a água clara, quero dizer, com as prosperidades, as quaes nos dão ocasião de pecar, mas com a água turva das tribulações, as quaes abrem as orelhas do coração que muitas vezes está cerrada da prosperidade deste mundo e nos tiram de Deus.

(**Nota lateral** – Mistério da piscina)

LU. – Ó como é duro este razoamento ao nosso [~~terno~~] delicado entendimento, e quão poucos são os que bebem de boa vontade este amargoso cálix das tribulações.

FR. – Tanto mor ornamento acrescentam à desejada coroa celestial aqueles que não somente se não queixam dele, mas lhe levam as graças, porque está escrito: “Que de boa vontade sacrificam a Deus os que nas tribulações lhe dão graças”. E bem desventurado é [~~aquele~~] o que não pode com sua desventura e soldado do Diabo [~~aquele~~] o que peleja contra a forte mão de Deus, o qual se chama bom perseguidor. E creamos que assi como se sacode com a vara o vestido cheio de pó, não para o romper senão para o alimpar, assi Deus nos fere não para nos destruir mas para nos salvar, e que em muito peor estado estão aqueles os quaes por desdita sua não se turba a água e se lhes deixa agora em sua vida de ãa imutável serenidade. Sabeis o dito, “que não há nenhum mais infelice que aquele a que nunca aconteceu nenhum desastre”, e que [~~vejamos~~] vemos que pela mor parte cerrarão semelhantes pessoas os olhos com trágicos fins! Lembre-vos o exemplo de Polícrates, tirano, o qual por não haver recebido nunca alguma injúria da fortuna foi aconselhado que lançasse no mar, como o fez, um anel que estimava mais que todas as outras cousas suas para que sentisse na vida alguma tristeza o que lhe não

pôde suceder, porque um pescador em poucas horas lhe apresentou um peixe, no qual se achou o mesmo anel, mas a sua superabundante felicidade o levou no fim a ser sobre o cume de um monte crucificado.

(Nota lateral – Polícrates)

LU. – Que ãa longa felicidade acabe em miséria profetizou Santo Ambrósio, o qual, estando pousado em casa de um mui rico hóspede que se alegrava de lhe contar como em todo o curso de sua vida não tivera nunca moléstia algũa da alma nem de corpo, subitamente se mudou [~~daquela~~] de ali, e se saiu com todos os seus criados, dizendo que não era seguro estar naquela casa [~~a qual~~] porque havendo estado sempre em tanta prosperidade, corria perigo de algũa grande desventura, e ainda bem não foi saído que virando-se para trás viu com [~~grande~~] muita admiração de toda a terra cair a casa com grande ruído tomando debaixo o dono dela, com todos seus criados. Vede agora como a fortuna ou Deus vira as prosperidades da terra em amargoso pranto.

(Nota lateral – Acontecimento antevisto de S. Ambrósio)

FR. – Não anteviu São Ambrósio este desastre pela ciência de um escritor, o qual afirma que antes que venha a ruína, os ratos se vão e as aranhas caem sob suas teias, [~~mas~~] não foi advertido tanto da razão natural como por revelação divina. Ora guarden-nos Deus das muitas prosperidades e da intemperança da fortuna na qual se corrompem os homens e como um mar morto se adormentam. Muito mais nos aproveita a adversa que a próspera fortuna, esta engana, aquela instrui, aquela é inchada, e não se conhece a si mesma, aquela é sóbria e como exercício dos trabalhos se faz prudente, a prosperidade é sempre sujeita à inveja, e só a miséria é livre dela, o homem próspero não sabe se ele ou sua prosperidade é amada e contudo, posto que nem ãa nem outra fortuna seja perpétua nem stabil, contudo sempre os prósperos tem que temer e sempre os miseráveis tem que esperar, porque a tempestade facilmente se muda em serenidade. Felicíssimas são as tribulações e infelicíssimas as prosperidades porque assi como o que está em um poço fundo (como alguns dizem) vê as estrelas ao meio dia e quem está em cima não as vê, assi quem se humilha nas tribulações recorre ao Céu e chama a Deus e quem está na prosperidade não vê o lume divino e se parece com aquele simples criado, o qual, perguntando-lhe o amo se o céu estava sereno, respondeu que a grande cópia da neve lhe [~~che~~] cegava tanto os olhos que o não podia ver [~~o céu~~]. E brevemente, os atribulados são o ouro que se purga na fornalha, os atribulados são o trigo que sendo trilhado se aparta da palha, os atribulados são os perfumes que não lançam o cheiro de si

senão no fogo e assi como o cervo quando é mui acossado dos cães se retira para o homem, assi o homem quando está mui atribulado recorre a Deus, e enfim por muitas tribulações entramos no Céu.

(**Notas laterais** – Fortuna adversa mais ajuda que a próspera / Simples reposta de um criado / Conforto de atribulados)

LU. – Dificultosamente, como já temos dito, digeram os homens as suas tribulações e raros são aqueles aos quaes por invencível fortaleza convenha dignamente o símbolo do diamante o qual, resistindo às limas, ao ferro e ao fogo, é insuperável. Portanto queria eu que assi praticando me abrisseis com esta ocasião algum segredo com que possa levemente sofrer as tribulações para me preservar das murmurações e das desesperações em que caem muitas vezes os atribulados e por mais que se lhes dê por mesinha que ponham o pensamento nos que estão em peor estado, e se diga vulgarmente “que o mal de muitos é [rasurado ilegível] alegria”, todavia não me parece que ela livre em efeito aos enfermos do mal.

(**Notas laterais** – Diamante, símbolo da fortaleza / Como se sofram as tribulações / Provérbio)

FR. – Com a vossa opinião concorda o pai da eloquência dizendo, “que leve conforto se tira dos males alheios”, mas nem por isso não digo que se chame leve a consolação que vem dos males doutrem, porque quando o torto vir com diligência o estado do cego, considerando consigo e comparando a luz com as trevas, terá ocasião não somente de se consolar, mas de se alegrar e de se chamar contente.

LU. – Se se ele não contenta será porque com aquele olho só não olha senão o que tem dous.

FR. – De olhar para os mais prósperos se segue dor e inveja e de olhar os mais miseráveis se segue piedade e alegria, mas a muita ternura de nós mesmos e a pouca caridade para com os outros nos fazem persuadir que as picaduras das moscas são feridas mortaes e se alguma enfermidade ou outro leve caso nos [su] sobrevem logo nos chamamos infelices e miseráveis, no que parece que imitamos certos (não sei se chame soldados), os quaes, havendo sempre passado sua descansada [umbrosa] vida nas guarnições, nem havendo jamais visto exército de inimigos, nem sabendo que cousa seja batalha nem escaramuça, nem tendo a pele rota com lanças ou arcabuzadas, se persuadem que merecem nome de guerreiros.

LU. – Estes taes se chamam graciosamente marinheiros de água doce.

FR. – Quero nisto dizer que muitas pessoas não tendo escassamente posto o pé na praia, temem de se afogarem nas profundezas do mar das tribulações, nem se querem consolar em modo algum, nem considerar as misérias d’outrem. Mas quando já aconteça que façamos isto com pouco fruto, eu satisfazendo a vossa pergunta, vos quero dar por boca de um autor de grande nome o verdadeiro e eficaz modo de aquietar todos os atribulados e é este: “Que facilmente o homem se consola de si mesmo, se nos açoutes e aflições que padece se lembrar de seus pecados”. Eis aqui o fruto do conhecimento de si mesmo pois que então se tempera a dor quando se conhece a culpa. Eu, senhor [~~Lodovico~~] Luís, não ficarei com esta ocasião de vos abrir meu coração e de vos confessar que por espaço de muitos anos o vosso Pugiela esteve grandemente combatido de muitos e muitos golpes da fortuna, a qual não contente de me haver enfraquecido e diminuído o corpo com graves e [rasurado ilegível] longas enfermidades, para me ultrajar também a alma me deu muitas inquietações em longas peregrinações, com insofríveis fadigas em serviço de diferentes personagens, dos quaes alguns me foram desconhecidos, além das perseguições que padeci com grave dano da fazenda e da reputação de pessoas pouco lembradas dos benefícios que de my receberam, pelas quaes cousas todas seja Deus louvado, ao qual rogo converta tudo assi a glória e sua e a minha salvação, como eu com o conhecimento de mi mesmo e dos erros de minha mocidade conheço que estes trabalhos me não trouxeram a infelicidade e misérias, mas eu os tenho escritos todos no coração por mui conveniente e saudável mezinha de meus males, e todo alegre em my mesmo dou graças a sua divina bondade que por esta via (seja isto dito sem vanglória) me fez despir os velhos despojos e vestir o novo homem e reconhecer conforme a sentença do poeta:

“Que por ter saúde tive tormento

E breve guerra por eterna paz.”

E posto que não seja tão mortificado que a cruz dos trabalhos me pareça leve, contudo conheço que sem este peso, me tirarei do amor de Deus e do conhecimento de my mesmo, e seguirei o abuso da maior parte dos homens, os quaes (segundo vulgar provérbio) não dizem nunca as ladainhas senão quando trona, e em tanto estão juntos com Deus, enquanto dura a tempestade, e depois como mais marinheiros, feito o voto, enganam o santo. Mas destes falaremos mais adiante e acabaremos aqui o segundo modo de conhecer a si mesmo concluindo que todo o que é atribulado reconhece por esta via seus erros e não somente leva em paz as suas adversidades, mas chega a esta

perfeição que não sente a amargura do mal e por isso se chama bêbado de incenso, e como [bêbado] tal não sente o mal que padece, o que também quis inferir o sábio com aquelas palavras: “No meio do fogo não tive quentura”.

Passemos agora ao terceiro modo de conhecer a si mesmo, do qual não queria que zombásseis com dizer que é acto de vaidade e de soberba. E por vos não deter longamente, digo que quando cada um se tiver olhado no espelho interior da sua consciência, olhe-se exteriormente a si mesmo no espelho material e vá de tempo em tempo refigurando seu rosto.

(Notas laterais – Sentença notável / Provérbio)

LU. – Eu não quero zombar deste terceiro modo de conhecer a si mesmo, porque quando não este escondido dentro outro segredo, é pelo menos significado o efeito daquele filósofo, o qual disse que nos havemos de olhar no espelho com este pensamento, que se somos formosos, façamos cousas formosas e semelhantes a nós, e sendo feios, emendemos o defeito da natureza com a fermosura dos costumes.

(Nota lateral – Espelho e seu proveito)

FR. – Este pensamento não teve Calígula, o qual se olhava no espelho não para emendar os seus costumes mas para dispor o seu rosto à ferocidade e crueza. Foi muito útil a lembrança do espelho pela razão que tendes dito, mas é também útil porque vendo nele o nosso rosto nos convida a metermo-nos por dentro de nós mesmos e a reconhecer quanto seja a nossa imagem interior em todas as partes manchada e quão diferente daquela de Deus, pelo que seria cousa proveitosíssima se representando-nos cada dia diante do espelho e depois de nos olharmos bem, começássemos da cabeça aos pés a falar com a nossa imagem dizendo: Ó atrevida fronte, assento de ambição e de soberba, bem reconheço quão apagada esteja em ti aquela humildade sem a qual não serás ornada da coroa da glória e bem conheço escondido em ti mas a todo movido manifesto um ânimo alteroso, com o qual desprezando os inferiores, competindo com os maiores e não dando lugar aos iguaes te fizeste a todo o mundo odiosa. E envergonha-te já da tua desenfreada inchação e com modéstia e humildade faz-te conforme à semilhança de teu feitor. Ó vagabundos olhos, ninhos de luxúria e de todo desonesto pensamento, presuntuosos relatores, quando será que com piadosas e amargas lágrimas se apague aquele ardente fogo, o qual, cegando-vos a vós destruindo [~~vos~~] a fazenda, as forças, o corpo e a alma vos faz diante de Deus abomináveis! Tirai de [~~vos olhos~~] vós a escura névoa e com ãa aquilina vista vos enlevai [~~vos~~] a ver o sumo Sol, e tanto vos confortai

nele quanto vos fizestes enfermos e escuros olhando para a terra. Ó curiosas orelhas, a alegria que recebestes ouvindo o mal do próximo e dor e tristeza do seu bem, não são indício manifesto de que sois um pestilencial e sujo receptáculo de inveja! Inclinaí vossos sentidos à doce harmonia da caridade cristã e cerrando-se às mordeduras das péssimas línguas, às vãs palavras dos noveleiros, ao lisonjeiro canto das sereias, fazei o caminho chão ao som celestial das trombetas evangélicas. Ó desenfreada boca, que não somente para ofender a Deus e ao próximo milhares de vezes desataste a malvada língua, mas te fizeste escrava da insaciável gula e cobiçosamente tempo é já que te refreies, porque não com muito comer e beber, mas com o jejum e temperança se levanta o espírito a Deus. Mortifica o teu danado gosto e com santa cobiça procura por receber dignamente aquela carne e aquele sangue de que a alma tomará saudável nutrimento e singularíssimo conforto. Ó mãos cruéis, que para destruição dos pobres cada dia nos apertaes mais, não é necessário que eu vos veja no espelho, pois que sem ele vos presenteis continuamente aos meus olhos arrebatadoras e escassas. Mas quando vos lavareis com a água da misericórdia para poder alcançar o céu, do qual por vossa avareza andaes desterradas! Desatai da cinta a ferrugenta chave, abri o celeiro e as caixas e chamaí os pobres famintos para que venham livrar das penas a que já estaes condenadas. Ó peito cheio de ira e desdém, onde teu coração, nobilíssimo hóspede, continuamente se roe e consume, tu não podes dizer que esteja cerrada em ti a verdadeira imagem de Deus, se deixando as vinganças a Ele, lhe não remetes com amor e mansidão juntamente ~~com ele~~ as injúrias recebidas e não te mostras aposento de paz, receptáculo de caridade e templo de santos e celestiaes conceitos. Ó tardios pés não encravados com os cravos da Cruz, mas atados com laços da ociosidade e preguiçosos pensamentos, se vos não endereçaes agora a bem obrar mui depressa, por vossa fraqueza sereis, como árvores sem fruto, malditos e ficando com ãa eterna e incurável gota, muito tarde pedireis remédio ao celestial médico, pelo que despojada finalmente vossa alma da divina semelhança ficará mesquinha e deforme, e de esposa de Cristo será miseravelmente transformada em adúltera de Lúcifer.

(Notas laterais – Calígula porque se olhava no espelho / Soberba / Luxúria / Inveja / Gula / Avareza / Ira / Preguiça)

LU. – Neste espelho mostrastes brevemente os nossos sete pecados mortaes e folgo de ver que aposentastes a soberba na frente porque ela é a que se alça como com bandeira alçada sobre os outros vícios, dos quaes é guia e capitaina. E lembra-me que ligue o

princípio da heregia é a soberba, a qual desejo saber donde principalmente tenha sua origem.

FR. – Das prosperidades, mas [Falta] dos soberbos, porque aquele dito do sábio, “Que antes da caída, o coração se exalça”, quer inferir que ao levantamento do soberbo segue a caída e por isso se diz que quando a soberba cavalga, o dano e a vergonha lhe vão nas ancas, e este vício é causa da vanglória, a qual incita os homens a se atribuírem o que lhes não convém e a cuidarem que são alguma coisa e não são ninguém, e a fazer profissão de não saber que Nosso Senhor disse por sua boca: “Que sem Ele não podemos nada”.

(**Notas laterais** – Soberba é princípio da heregia / Soberba donde nasce)

LU. – E qual é a mezinha do soberbo?

FR. – A memória da morte, porque assi como o azougue não se pode misturar com outra coisa senão com cospinho ou com cinza morta, assi o soberbo não pode viver com os outros se primeiro se não mata a sua soberba com o sal do saber, que é o conhecimento de si mesmo, ou com a memória da morte.

(**Nota lateral** – Remédio contra a soberba)

LU. – Tornando à nossa ordem, avisadamente pusestes a luxúria nos olhos, os quaes com suas lascivas vistas trazem novas de coração impudico, pelo que disse um poeta:

“Guia d’amor são os olhos se não o sabes.”

E verdadeiramente este vício é muito abominável porque além dos efeitos que mostrastes, me parece que traz infâmia e desonra mais que outro vício e, privando os homens das forças, os leva à velhice ante tempo.

FR. – Não é sem mistério o que dizem os poetas do carro de Vénus, tirado de pássaros, os quaes representam o efeito da luxúria, porque o pássaro macho por esta causa não vive mais que um ano.

(**Notas laterais** – Carro de Vénus / Pássaro não vive mais que um ano)

LU. – Mas se este vício é vituperado no mancebo muito mais o é no velho e muito mais danoso, porque [~~aquelle~~] o do mancebo dispõe para a velhice e [~~aquelle~~] o do velho dispõe para a sepultura, e que diminua a fazenda, como tendes dito, o significou o Cómico, dizendo: “Que os que vivem luxuriosamente pouco ajudam aos herdeiros.”

FR. – Tudo isto é pouco mal respeito do dano da alma. Vejamos a fábula de Mirra, a qual, depois do sucesso do seu desonesto apetite, foi convertida em mirra, pelo que stila[ndo] gotas amargosas, e daqui se tira que a luxúria é causa de dano e pranto eterno.

Mas deixando as fábulas, recorramos aos exemplos de David e de Salomão, dos quaes um pelo vício da luxúria incorreu em homicídio e outro em idolatria, e lembre-vos que sobre Sodoma choveu fogo e enxofre porque no pecado da carne arde o fogo da concupiscência e fede o enxofre da infâmia, e consideremos ultimamente que a principal causa porque Deus acabou o mundo com o dilúvio foi, conforme a opinião de muitos, este nefando pecado por aquelas palavras da escritura, “Toda a carne havia corrompido o seu caminho”, e podemos crer que principalmente por esta mesma razão presto se acabara o mundo com fogo.

(Notas laterais – Fábula de Mirra / David homicida e Salomão idólatra pela luxúria)

LU. – Que remédio tendes contra este vício?

FR. – O remédio daquele santo homem, o qual desdenhado contra si mesmo batia nos peitos dizendo: “O asno eu farei de maneira que tu não tires couces, não te apascentarei com grão, mas com palha, eu te apertarei com fome e sede, carregar-te-ei com pesadas cargas e te farei ir por diante, pela calma e pelo frio, pelo que terás o pensamento mais na comida que na luxúria.” Será logo mezinha deste vício tirar a lenha do fogo, quero dizer, o cansaço, o trabalho, o frio, a fome, a pobreza, as incomodidades, porque a luxúria se cria com os seus contrários, convém a saber, com a ociosidade, com a quietação, ~~[nos-chumacos]~~ nas camas brandas, nas borracharias, nas riquezas, nas comodidades e, por não estar particularizando, basta dizer que:

“Sem Ceres e Baco se esfria Vénus.”

E segundo o dito de um filósofo: “Nunca houve pobre enamorado”. E assi como com o cuspido do homem em jejum se mata a serpente, assi os ardores lascivos se matam principalmente com o jejum. E se este remédio não basta ajuntem-se para mor seguridade as vigílias, o não estar longamente deitado, o que nos ensina a fábula de Títio, cujo fígado está continuamente despedaçando ãa abutre por castigo de seus ilícitos amores e quanto a abutre come do fígado de dia tanto torna a crescer à noite, sinal manifesto que os pensamentos e desenhos ruins se fazem principalmente de noite.

(Notas laterais – Remédio contra a luxúria / Provérbio / Títio)

LU. – Situastes a inveja nas orelhas, como estava nas dos judeus, os quaes, ouvindo as palavras de S. Estevão se lhes rebentavam os corações e rangiam os dentes porque não podiam resistir à sabedoria e ao espírito que falava.

FR. – A propósito se disse que a inveja cria sarna nos pensamentos, estridor nos dentes, e creio certamente que não há música mais suave nas orelhas do invejoso que ouvir

contar os desastres d'outrem, nem disso nancia mais nojosa que as novas da felicidade alheia, e é bem verdadeiro aquele dito: “Que quanto o escaravilho se apascenta do esterco de outrem, tanto o invejoso se apascenta dos males alheios.”

LU. – Com razão a hidra era [~~pintada~~] tida dos antigos por geroglífico da inveja, porque assi como ela vem da lama fedorenta, assi a inveja nasce dos homes vis e sujos. E também se diz que disputando-se entre alguns espíritos de entendimento que cousa fosse melhor para a vista e dizendo que o funcho e outros outras cousas, disse um deles que era a inveja porque faz parecer as cousas maiores do que são.

(Nota lateral – Hidra, símbolo da inveja)

FR. – Todavia é melhor, segundo o provérbio, “inveja que piedade”, e por tão próspero e bem-afortunado meterei quanto mais invejado me vir, porque onde não há luz não há sombra e onde não há prosperidade não há inveja.

(Nota lateral – Provérbio)

LU. – Tanto peor para o invejoso porque ele vê quão justa seja a inveja da qual disse um:

“Justíssima é a inveja que ao autor

Castiga logo e no coração tem dor.”

E dizia Alexandre que os invejosos eram o tormento de si mesmos. Mas muita razão tem de zombar dos invejosos os que são invejados não por riquezas ou por outros bens da fortuna, mas pela virtude, porque a inveja alcançada com virtude, não é inveja mas glória. Ora de que fonte credes vós que nasça a inveja?

(Nota lateral – Dito de Alexandre)

FR. – Da desigualdade dos estados e bem se sabe que se todos fôssemos iguaes não haveria inveja.

LU. – Tendes razão, porque a inveja, como o fogo, vai para cima, e quem tem inveja é inferior, mas prouvesse a Deus, como disse um gracioso autor, que os invejosos tiveram cem olhos em todas as cidades para que fossem atormentados pela prosperidade de todos, porque quantas são as alegrias dos prósperos, tant[as] são as dores dos invejosos. Mas que mezinha se pode dar aos invejosos?

FR. – Retirar o amor das cousas terrenas e contentar-se cada um com o seu estado, porque doutra maneira está escrito: “Que o homem que cobiça a sorte alheia, quer mal à sua”.

LU. – Ó como é dificultosa cousa tomar esta mezinha, porque a nós nos aprazem as cousas alheias e aos outros as nossas.

FR. – Se a Lua não tem inveja aos raios de Sol, mais poderoso, nem a Terra às celestiaes alturas, nem os rios ao mar, mas são entre si concordes, porque razão deve o homem invejar o maior estado ao outro homem?

LU. – Ora venhamos ao vício da gula e da intemperança, com o qual se converte a substância no acidente, que é a natureza na fome, e dignamente o tendes posto na boca, porque além de que ela abre o caminho à isca deste vício, sabemos que com a fartura não retém segredo algum, de que nace muitas contendas e dissensões.

FR. – Quase sempre depois da comida se seguem zombarias e palrarias, e enquanto se restaura o ventre, a língua se desenfrea, e por isso o rico avarento está no inferno atormentado na língua.

(Nota lateral – Rico avarento atormentado na língua)

LU. – Contenta-me esta consideração e além disso tenho para my que este vício é certíssimo argumento de pusilanimidade, porque raramente ou nunca acontece que o homem valeroso seja dado a muito comer e beber. Isto confirmava Galba, emperador dizendo “que não temia aos que se davam a criar e apascentar bem o corpo”, e se diz também que César temia mais a Bruto e Cássio pálidos que a Marco António bêbado. E certo que estes não suspiram por outra cousa que por ter (como o desejava Filosseno) a garganta degrou para poderem mais longamente gostar a suavidade dos manjares, e estão tão longe de ofender a outrem que temem sempre de ser ofendidos e procuram com cuidado viver largamente, mas não lhes sucede assi porque a fartura é fonte de enfermidades e mais mata o demasiado comer e beber que a espada. E por isso diz um escritor moral que aqueles que se metem muito nos convites, não fazem convites mas exéquias para si.

(Notas laterais – Galba e seu dito / Filosseno)

FR. – Destes convites não entendia Platão quando dizia que os seus convidados estavam sãos no dia seguinte.

(Nota lateral – Convites de Platão)

LU. – Considero também que estes gulosos são nojentos aos espíritos delicados porque os efeitos do demasiado comer são [estes; palavra ilegível] inflamar, tremer, suar, arrotar e feder.

(Nota lateral – Efeitos da gula)

FR. – Trás o arrotar convinha contardes o vomitar, porque a gula é causa que muitos comem para vomitar e muitos vomitam para comer. E a este propósito me lembra que el-rei Antígono, estando bêbado, fazia muitos mimos a Zenon e abraçando-o e beijando-o lhe rogava que lhe pedisse algũa cousa prometendo-lhe que faria tudo o que lhe dissesse e Zenon lhe pediu que fosse a vomitar.

(**Nota lateral** – De Antígono zombou Zenon)

LU. – Ainda que nos pareça cousa ridícula, tinha contudo muito aviso aquele costume dos egípcios que destripavam os ventres dos corpos mortos como autores de todas as maldades.

FR. – Ajunta-se a isto que a gula é um [~~daqueles~~] dos três vícios encadeados de que se seguem a pobreza e miséria, conforme a aquela sentença:

“Eu já fui rico, agora em pobre estado

Me puseram os três Vénus, Baco e o Dado.”

A gula alonga os homens da devoção pelo que fazem da cozinha um templo e da mesa um altar. E [~~brevemente~~] pela gula foram Adão e Eva lançados do paraíso. Esaú vende as razões da primogenitura, o povo de Israel morreu no deserto, os filhos de Eli, sacerdote, foram mortos dos inimigos e a ruína de Sodoma foi causada da soberba e da fartura do pão. É logo necessário para lançar de nós este brutíssimo vício que nos guardemos de fazer do pão vianda nem da vianda pão e tomar-se exemplo da serpente, a qual, querendo-se renovar se abstém da comida para que a pele relaxe e mais facilmente a despida de si. Assi o guloso e carnal que deseja renovar-se deve recommençar do jejum para tirar o mau costume e avezar-se a aquele dito, “Castigo o meu corpo e ponho-o em servidão”, e lembra-me da sentença de Sócrates, “Que por nenhũa outra cousa eram de Circe transformados os gulosos em porcos senão por muito comer”, e que Ulisses por ser sóbrio não foi transformado. E havemos de considerar que por onde quer que andamos trazemos sempre um inimigo connosco contra o qual se não procuramos de pelejar e sair vencedores, ficaremos vencidos com vergonha e dano sempiterno. Isto nos ensinou Valentiniano, emperador, o qual no dia de sua morte se gloriava de ãa só vitória que era de haver vencida a sua carne, que era o peor inimigo que ele tivera em sua vida. Finalmente quem apascentar delicadamente seu criado, há-o de sentir inchado e rebelde e convém domar a carne para que leve com moderado passo o espírito santo que nele [~~onde~~] mora.

(**Notas laterais** – Remédio contra a gula / Geroglífico da serpente / Circe / Dito de Valentiniano)

LU. – Estou agora cuidando como com justa consideração pusestes a avareza nas mãos, porque os avarentos com elas arrebatam as outras. Mas se fosse lícito desejar-lhes alguma desventura, rogaria a Deus que tudo o que tocassem, se tornasse ouro, como já aconteceu ao rei Midas. E certo que o avarento carece totalmente de entendimento porque não atenta que não trouxe coisa alguma a este mundo nem a levará a outro.

(**Nota lateral** – Midas avaro)

FR. – Não teve esse pensamento um certo avarento chamado, se me bem lembra, Hermócrates, o qual, fazendo testamento fez herdeiro a si mesmo, esperando de haver de gozar de seus bens depois de morto.

(**Nota lateral** – Hermócrates)

LU. – Eu tenho para my que a avareza procede em grande parte de esperança de viver largamente e quase de não morrer nunca, e por isso se diz que nós tememos todas as cousas como mortaes e desejamos todas as cousas como imortaes, mas contudo isto não se pode desejar ao avarento peor coisa que larga vida, para sua maior aflição, porque quanto mais envelhece, tanto mais crece a sua cobiça e tanto mais miserável é o seu estado, nem é bastante todo o ouro do mundo a fartá-lo e assi como o vinho no frasco não tira a sede do corpo, assi o dinheiro na bolsa não mata a sede da alma.

(**Nota lateral** – Avareza donde nace)

FR. – Daqui vem que o avarento é comparado ao inferno, que [~~quantos~~] por mais mortos que engole nunca é farto, mas isto é verdadeiramente juízo de Deus que o homem seja castigado naquilo em que peca e que sempre tenha necessidades aquele que sempre teme que as terá. Finalmente o avarento não é bom para [~~alguém~~] ninguém e é péssimo para si mesmo e por medo de que o próprio lhe não falte, se [~~avista~~] lança de boa vontade a [~~outrem~~] alheio.

(**Nota lateral** – Avarento semelhante ao inferno)

LU. – Esse dito me traz à memória o [~~exemplo~~] conto de um rico avarento, o qual pediu emprestado a um homem honrado um ferraroulo para se honrar com ele e ir falar [~~com~~] a pessoas graves sobre certos negócios seus e dizendo-lhe aquele a quem pedira o ferraroulo “Eu vos vi poucos dias há com um ferraroulo muito novo e de bom pano”, “Verdade é” (respondeu ele), “mas bem sabe V. M. que os nossos vestidos se gastam muito embarcando e desembarcando com eles”.

(**Nota lateral** – Exemplo ridículo)

FR. – Gracioso conto. Mas no fim que fruto colhem os avarentos? Vivem pobres para si e ricos para os herdeiros, e são figurados com o emblema do asno que traz e leva cousas preciosas e come cardos, e sua fazenda vem a ser muitas vezes bolsa do príncipe, despensa de ladrões, escarneo de parentes, fábula do mundo, nem se acabam de persuadir que é verdadeira aquela sentença, “Que se a soberba cerrou o céu ao Diabo, e a gula tirou o paraíso ao primeiro pai, a avareza abriu o inferno ao rico”, e é cousa certíssima que estes desprazem grandemente a Deus por sua escaceza e crueldade para com os pobres e por esta razão são comparados ao dragão que guardava as suas maçãs de ouro das Éesperides, pelo que disse um poeta:

“Eu guardo para outrem o meu tesouro
Perdido em my, e ao dragão m’asemelho
Que guarda as alheias maçãs d’ouro.”

Porque em guardarem seus tesouros se fazem serpentes e suas entranhas se endurecem como pedras, e por isso se diz que não merecem outra sepultura que a do asno, cuja pele a leva [a] seu dono e se fazem a tambores dela a cujo som se fazem festas, a carne se despedaça e os olhos se lançam à chuva e ao frio, assi a pele dos avarentos, que é a fazenda levana, os parentes os quaes triunfam dela, o corpo os bichos o comem e a dura e cruel alma o Diabo a toma.

(**Nota lateral** – Sepultura do asno)

LU. – Também se diz: “Que o Avarento dá de melhor vontade a sua carne que o dinheiro”.

FR. – Esse dito se verificou em um lavrador, ao qual, dizendo-lhe um soldado espanhol, seu hóspede, “Escolhe o que mais quiseses, ou comer dez cebolas ou sofrer dez pancadas, ou dar-me dez cruzados”, ele se ofereceu a comer dez cebolas, mas escassamente pôde acabar de comer ãa e pediu em troco as dez pancadas, [então] e o espanhol ao primeiro golpe lhe quebrou um braço e pedindo por amor de Deus que o não matasse enfim em que lhe pese a seu malgrado veio a dar aos dez cruzados.

[Que] E se os avarentos são cruéis para si mesmos e para os outros em vida, tanto mais cortesões são na morte e como uns cisnes cantam docemente deixando em testamento a ãa parte a outra seus bens.

(**Nota lateral** – História prazenteira / Avarentos cortesões na morte)

LU. – [~~Deixa-se graciosamente~~] Liberalmente se deixa o que se não pode ter, mas que remédio se poderia dar a estes avarentos?

FR. – O remédio está na mão, mas o seu estamago está mal disposto para o receber, porque assi como a sombra da Terra é causa do eclipse da Lua, por aí ter posição da Terra entre a Lua e o Sol, assi o desejo das cousas da terra fazem o eclipse da alma e a escurece quase com perpétuas trevas quando se interpõe entre a alma e Deus, mas se estão maldispostos os avarentos da própria fazenda, menos dispostos serão [~~os avarentos~~] da fazenda alheia.

(**Nota lateral** – Remédio para os avarentos)

LU. – Eu creio que haverá poucos avarentos da fazenda d’outrem, porque se soe dizer vulgarmente, “Que do couro alheio se fazem largas cinturas”. [~~porque pode ser que dando o fogo na pólvora o acabuz não dispare! E como pode ser que inflamando se o homem de desdenho não~~].

(**Nota lateral** – Provérbio)

FR. – Eu chamo avarentos da fazenda d’outrem aos usureiros e todos aqueles que injustamente a possuem.

LU. – Não estive privado de seu juízo o que disse: “Que no mundo não há nobres nem judeus em abundância, porque se houvesse muitos nobres, não procurariam os baixos de se enobrecer, e se houvesse muitos judeus, não se dariam os cristãos a usuras”. A estes usureiros se lhes pode lembrar a restituição do mal levado, mas sabeis que eles fazem profissão de conservar nova a sua consciência em todo tempo e não usar dela, e é mais fácil cousa tragar um saco de pão que tirar-lhes fora um só pão, e o Diabo os tem e não os deixa fazer restituição porque está interessado [~~porque~~] e eles o fizeram companheiro nas suas mercadarias.

(**Nota lateral** – Poucos nobres e poucos judeus)

FR. – Dizem alguns que as penas da águia tem tanto do corrosivo que postas com outras penas as roem, o mesmo se pode dizer das usuras e dos furtos e do mal ganhado, que [~~tudo~~] acompanhado com as cousas bem ganhadas [~~a~~] as fazem desaparecer, e por isso não usando os usureiros de sua consciência, restituindo a fazenda alheia, não usarão também da alegria de a possuir. Mas para resolução da vossa pergunta, digo que o avarento poderá sarar-se se dispuser em vez de acrentar a fazenda, a diminuir o desejo, e receber no coração da boca de Deus aquelas palavras: “Não queiraes [~~tesourar~~] entesourar na terra onde a [~~nem~~] ferrugem, [~~nem~~] a traça, [~~nem~~] e os ladrões destroem,

mas entesourai no Céu onde nem a ferrugem, nem a traça, nem os ladrões podem fazer o ano.” E finalmente por testemunhar que [a] esta mezinha faz o devido proveito convirá que prontamente restitua o alheio e do próprio dê aos pobres ou, por melhor dizer, a Cristo para remir seus pecados.

(Nota lateral – Penas da águia e sua propriedade)

LU. – Resta agora dizer quão dignamente pusestes o vício da ira no peito, o qual é um forno ardente em que [a] ela, escumosa e inflamada, ferve com tanto ímpeto que sobe à cabeça e a modos de um acidente [~~vagado~~] ocupa o entendimento e tira todas as forças e potências da alma e sae o homem fora de si pelo que diz um poeta: “Ira é breve furor”. E outros a chamaram bebedice da alma, pelos quaes efeitos me movo a dizer que me parece dificultosa cousa a execução daquele dito: “Irai-vos e não queiraes pecar”. Porque como pode ser que dando o fogo na pólvora o arcabuz não dispare? E como pode ser que inflamando-se o homem de ira, não desabafe e não mostre seus furiosos efeitos?

(Nota lateral – Ira, bebidice da alma)

FR. – Aquela ira moderada que depois do primeiro movimento nos fica por qualquer injúria, não somente é louvada no homem, mas também se atribui a Deus, o qual, posto que na verdade se não indine, mostra contudo semilhança de irado na justa vingança. E por isso o anotar-se contra um mau para que se faça bom é acto justíssimo e se se não exercita a ira não se emendariam os erros, pelo que não se anotar quando é necessário é acto de néscio e vil, e pelas praças se diz que o sangue do ruim não se move. Mas a ira que, sem alguma injúria ou desprezo precedente ou por leve ocasião, nos sobrevém se chama dos médicos iracúndia e é própria dos soberbos, pelo que está escrito: “Toca os montes e fumegarão”, e é vituperada grandemente porque [~~tres~~]passa [~~em~~] a furor bestial e precipita o entendimento e faz tremer o corpo, palpitar o coração, inflamar o rosto, escurecer os olhos, impedir a língua, alcançar a voz, confundir as palavras, desconhecer os conhecidos, [~~e aquela~~] afeia a fermosura do rosto, impede a força da razão e diminui a quantidade da vida, pelo que se diz que o cão morre cedo pela sua colérica e raivosa natureza, e por isso podemos afirmar que o iracundo tem no seu coração o escorpião, o cutelo e o fogo com que empeçonhenta, mata e consome a si mesmo. Esta ira injusta e precipitada é figurada pela quimera, porque nos faz furiosos como leões, enche os olhos de ãa cor vermelha como chamas, [~~leva-a~~] faz pouca conta da fazenda, como fazem as cabras às árvores, fazem-nos abomináveis pa os outros como

dragões, e daqui vem que pela ira se perde a graça da vida comum e civil porque todos fogem de um colérico como de ãa besta, pelo que é forçado viver só consigo, antes não pode viver em paz consigo, e quebra mil vasos, mil instrumentos que acha, morde as mãos, pela a barba, rompe os vestidos, [~~tira fora o chapéu~~] dá em si e faz mil ridículas parvoíces. Mas assaz peor é a cólera quando se cria na freima e envelhece e se converte em ódio capital e em desejo de sangue e de vingança e por isso é chamada de um poeta grego mais doce que mel.

(**Notas laterais** – Ira justa / Provérbio / O cão tem breve vida / Quimera, símbolo da iracúndia)

LU. – Esta me parece ãa doçura muito amargosa pois que é em grande dano do autor e consome o entendimento que a cria e por isso é comparada à fornalha de Babilónia que queimou os ministros que a acendiam. Mas, porque os efeitos da ira, se se não emendam com a razão se fazem enfermidades naturaes, queria que me désseis algum remédio contra o ímpeto desta ira injusta e precipitada.

FR. – O primeiro remédio é ver-se cada um no espelho como já temos dito, o que se lê que aproveitou muito a alguns coléricos, porque assi como Minerva olhando-se na fonte se reconheceu da inchação das faces e da deformidade que mostrava no rosto com o tanger da frauta, e envergonhando-se botou o instrumento no chão, assi alguns coléricos vendo a estranha e espantosa mudança em seus rostos, tornarão logo em si, e se esquecerão da causa de seus desdéns dando lugar ao símbolo de Pitágoras, o qual dizia “Que quando levantarmos a panela da cinza havemos de desfazer o sinal que ela deixou impresso”, querendo com estas palavras dar a entender, que quando cessar o fervor da cólera, nos devemos de esquecer de tudo. O segundo remédio é aquele que se deu a Augusto: [~~que~~] “Quando estiveres irado, não digas, nem faças cousa algũa até não teres dito primeiro todo o alfabeto”. Eu ajunto agora o terceiro remédio, o qual é irar-se contra si mesmo, porque justa é a ira que acende o homem contra si pelos seus erros cometidos. Mas eis aqui o quarto e principal, o qual é amar a Deus, porque assi como o rei na sua imagem, assi Deus no homem é amado e odiado, pelo que não pode ter odiar o homem que ama a Deus, nem pode amar a Deus o que tem ódio. E por isso disse um santo padre que nem [~~um~~] o mesmo Diabo pode incitar à cólera um homem pio, e per resolução pode-se amar a pessoa e odiar o pecado. E assi como a onça é amiga de todos os animaes e inimiga somentes do dragão, assi o homem deve ser amigo de todos os homens e inimigo do pecado.

(**Notas laterais** – Remédio contra a ira / Símbolo de Pitágoras / Lembrança feita a Augusto / Onça amiga dos animaes)

LU. – Destes o remédio para refrear a ira própria, dai-me agora o remédio para refrear a alheia.

FR. – O remédio tendê-lo daquele moralíssimo poeta que disse:

“Enquanto o furor corre, dá lugar a seu curso.”

Sabeis também o dito do sábio, “Que o falar doce quebra a cólera e o falar áspero provoca a furor”, e daqui podemos entender que a ira de nosso inimigo está em nosso poder, o que é mal entendido daqueles que indiscretamente querem reprender o próximo quando está no ponto da cólera porque além de não fazerem fruto algum põem-se a risco, sem considerar que a chama ao fogo e o sangue à ira estão mui vizinhos, e como no fervor da canícula é perigoso dar mesinha, assi no ímpeto da ira não se deve emendar o amigo, mas disto temos dito assaz.

(**Nota lateral** – Não se emenda o amigo quando está irado)

LU. – Fica agora discurrir como atastes pelos pés o pecado da preguiça porque esta os tem à maneira de prisões tão atados que se não podem mover, nem se sabem pôr a caminho para fazer as romarias e pagar os votos prometidos a Deus, como aconteceu a aquele que, havendo de ir a Roma, se escusava que não podia caminhar no Verão por amor da calma, nem no Inverno pelo muito frio, nem na Primavera por cultivar os seus campos, nem no Outono pela vindima, de maneira que não [eá] andando [~~minhando~~] com os pés, [~~andava~~] caminhava cada dia com a vontade.

FR. – Por isto o preguiçoso é comparado ao gato que come de boa vontade o peixe, mas não quer pescar, e certo que podemos dizer que pela ociosidade não se fez nunca ninguém imortal. E como diz Dante:

“Não se alcança fama

Sob ricas colchas e na branda cama.”

A ociosidade é princípio de maldade e é principal causa de luxúria, pelo que disse o poeta, falando do Amor:

“Ele nasce de ócio e de lascívia humana”.

E outro disse:

“Sabes porque caiu em adultério Egisto?

A ociosidade o fez cometer isto.”

É também causa de pobreza, pelo que diz um sábio: “Passando pelo campo de um preguiçoso e pela vinha de um néscio as achei cheias de urtigas e cobertas de espinhas com um monte de pedregulho”. A ociosidade destrúe o corpo e o disse um poeta:

“Vede dos ociosos o corpo consumir-se

E as imóveis águas apodrentar-se.”

E assi como o rocio dana e seca a erva e as flores, assi a ociosidade consome o vigor da alma e do corpo. O ócio envelhece e abolorenta o engenho e por isso comparou Catão nossa vida ao ferro, o qual não se exercitando se gasta da ferrugem. A ociosidade é a destruição das cidades e conta-se que, sendo destruída Cartago, se destruiu Roma por não fazer nada, o qual desastre foi antevisto de Cipião Nasica, porque determinando-se de se destruir Cartago, ele se opôs dizendo que, tirado o estímulo de aquela competência, a virtude dos romanos se afloxaria e viraria em ociosidade e luxúria e se verificaria aquele dito, “Se Martes vigia, ~~vêla~~ Vénus dorme, e se Martes dorme, Vénus vigia” e houve entre eles cruéis guerras e dissensões, e se derramaram tantas lágrimas e tanto sangue que Roma recebe mais danos dos cidadãos que dos inimigos. Bem disse logo o filósofo: “Que o cidadão ocioso e o mau é tudo um”.

(**Nota lateral** – Catão)

LU. – Ora, conhecendo-se quão grave seja este vício, queria saber de vós que vomitivo se poderia preparar para o botar fora das entranhas.

FR. – Vós me perguntaes ãa cousa assaz dificultosa porque, como sabeis, o homem tépido é quase incurável, o que nos significa aquele dito “Prouvesse aos [Falta] tu fosses ou quente ou frio”, e como ãa vez entra no estamago de um preguiçoso a fartura das boas e santas obras se fica com ãa certa debilitação incorrigível, e merece que lhe seja consagrada a figura de um que tendo a mão no seio, a qual é verdadeiro geroglífico de um de pouca importância, a que não aproveita lembrar-lhe o exemplo da formiga porque ~~ele~~ como um cavalo rebelão não dá pela espora e está nos termos de querer sempre e de não querer nunca, e para ter sempre algũa cousa que fazer, nunca faz nada, e assi como com a água tépida se provoca o vômito, assi com a tepidez do espírito se cae em abominação de Deus, e em resolução o que por sua desventura tem estas prisões nos pés convém-lhe chegar-se aos religiosos e a outros homens fervorosos no serviço de Deus e mover-se a segui-los e recorrer à oração, e imprimir no ânimo aquelas palavras de Nosso Senhor: “Fazei oração para que não fujaes no Inverno ou no sábado”. As quaes palavras, como interpretam alguns autores, querem dizer que não se deixem as boas

obras por preguiça, a qual nace do frio do divino amor e da quietação do corpo, e se isto não basta a aquentá-lo, convir-lhe-á rogar a Deus que lhe mande alguma tribulação. Nem vos maravilheis que eu diga isto, porque muitas vezes os homens, quando lhes parece que tem alcançado crédito por alguma obra assinalada, começam a fazer-se floxos e negligentes e ~~[se]~~ desprezar-se a si mesmos, ~~[como alguns cavaleiros lançados da justa]~~, nem querem servir senão de ~~[muita]~~ ver e julgar. Trouxemos para isto o exemplo de Roma, mas não deixemos de vos lembrar da cidade de Atenas, a qual, sendo superior em valor às outras, começou-se a desprezar a si mesma e veio declinando a peor estado e se os poetas dizem que Júpiter, depois de alcançadas as vitórias de muitos povos, se deu a banquetes e à luxúria, faz-nos para nos ensinar que assi como um campo fértil, não se cultivando, produz espinhas, urtigas ~~[e ervas]~~ e ervas sem proveito, assi nossa alma, cessando o exercício da virtude, se enche de vícios e maldades, e sem dúvida a virtude enfraquece com a ociosidade e regalos, o que ensinavam os antigos avisadamente com o geroglífico do escaravelho, o qual, estando sobre rosas morre com o cheiro delas. É logo necessário que os preguiçosos não somente se disponham ao curso, mas que procurem de se sustentarem em força e vigor, porque deitando-se em vez de repousar, sentirão maior fraqueza e perderão a vontade de se levantar. Mas dos ociosos baste o que temos dito e tratemos de outro proveito que se tira de nos olharmos no espelho e é este que os mancebos, os homens ~~[e os velhos]~~, olhando-se nele ficam espantados e confusos por verem cada dia ir-se alterando sua figura. Os mancebos porque pouco antes com o rosto liso pareciam meninos vendo ~~[apontar-lhe a barba]~~ pouco a pouco começar a penugem a cobrir-lhes o rosto e apontar-lhe a barba e a aparecer na face um aspecto de homem advirtam que lhes ~~[e os]~~ vem despojar-se dos costumes menineiros e vestir o hábito de homem e dar-se a mais altos e generosos pensamentos. E os homens, vendo-se barbados, olhando para o seu rosto, sobrancelhas e olhos, tirada aquela alegre aparência, a vista serena, a presteza dos graves e pesados anos e em vez disto suceder um mais grave, mais maduro e mais triste aspecto, com sinaes manifestos de ãa próxima declinação, são constrangidos de dizer com dores e suspiros:

“Esta manhã era menino e agora sou velho.”

Pelo que lembrando-se que da Primavera chegarão em um momento ao Verão, e do Verão ao Outono, estimulados interiormente se persuadem a mudar a vida e costumes e dar-se a mais graves considerações.

(**Notas laterais** – Remédio contra a preguiça / Figura de um homem de pouco momento / Geroglífico do escaravelho)

LU. – Até agora contastes com a prova de vós mesmo os avisos que o espelho representa aos mancebos e homens. A my me toca agora com a prova de my mesmo contar dos velhos, os quaes, vendo no espelho mais entranha mudança de si tem razão de dizerem com Job “As minhas rugas dão testemunho contra my”, porque ali vem a cabeça cã, os olhos encovados e que não vem, [~~as faces~~] o rosto pálido[s], caído[s], esponjoso, queimado e tristonho, os beiços descorados, as gengivas roídas e escarvadas, os dentes ralos e podres, a cabeça que treme e se esta transfiguração não basta a lhe fazer ver com ódio e fastio de si mesmo a verdadeira figura da morte vizinha, ajunte-se-lhe o espectáculo do rossio, do bolor e podridão daqueles cabelos de prata, os quaes representam a mesma cinza que somos e em que nos havemos de tornar, pelo que tem razão de dizerem sua culpa e recorrer ao poeta, o qual, olhando-se no espelho e conhecendo-se a si mesmo deu neste conceito:

“Muitas vezes me diz o meu fiel espelho

O ânimo fraco, a pele trastornada,

A destreza e força debilitada,

Não teme e escondas já, q’és enfim velho.”

Mas contudo isto eu sou constrangido a dizer que a mui poucas pessoas aproveita o ver-se no espelho, porque se não retiram de sua má vida e não deixam mentir o autor daquele provérbio: “Que alguns antes trocam o pêlo que o avezo.”

(**Nota lateral** – Provérbio)

FR. – Eu tenho muito grande compaixão do estado destes velhos que vós dizeis, cuja salvação é incerta por não dizer desperada, porque não obstante que tem um pé na sepultura, contudo me parece que sua própria ignorância os traz a esta espécie de heregia que quanto mais se chegam ao derradeiro dia, tanto menos crem que hão-de morrer, e tanto maior escândalo dão ao mundo, quantos mais mancebos se vem hoje (para confusão deles) convertidos a melhor vida e a maior devoção, e o que mais sinto é ver os parvos e tontos não somente não se emendam, mas secretamente em seus corações escarnecem dos que se confessam e comungam mais de ùa vez no ano, nem lhes contenta outra vida que a sua velha e antiga, pelo que creio firmemente que não irão a casa do Diabo, mas que serão cruelmente [~~espedaçados~~] atormentados se reconhecendo-se se não arrependerem.

(**Nota lateral** – Velhos obstinados e incorrigíveis)

LU. – Vede quanto importa o costume velho, o qual não deixa desdobrar a prega velha, como dizem os italianos ao camalote, e por isso corre um comum provérbio por França: “Que é cousa mais fácil revolver um poço que reformar um velho”.

(**Nota lateral** – Provérbio)

FR. – Estes não estão no número daqueles velhos nos quaes se acha, como diz um sábio, a inocência dos meninos, mas não temos de que nos espantar porque eles desprezam todas as obras modernas que este é o seu próprio e natural vício, de que motejou um rei prudente, diante de quem queixando-se um velho que os espartanos tiravam as leis velhas e faziam outras novas, concluindo que todas andavam ao revés, respondeu o rei: “Estai de bom ânimo que as cousas andarão bem, porque eu ouvi já dizer a meu pai que até então andavam as cousas ao revés pelo que se as cousas vão de novo ao revés como vós dizeis, sem dúvida se endereçarão e tornarão a seu primeiro estado”.

LU. – A virtude desta reposta havia também de endereçar o torto entendimento a esse velho insensato que queria [~~ser~~] ser o terceiro Catão.

(Nota lateral – [~~fazer~~])

FR. – Se vos parece que o espelho é de pouco proveito a estes velhos, entendei que não é a culpa do espelho, mas é da má intenção com que se vem nele, porque se vem nele com soberba e sem se envergonharem de terem trocado o pêlo e não o avezo, tem complacência e se namoram de sua louca e menineira velhice e de enganar a si mesmos e de persuadir-se que o seu aspecto é digno de amor e reverência, e por isso é o ofício dos que se querem reconhecer no espelho, olhar-se com humildade e considerar que de dia em dia se vai alterando sua imagem, para que estem advertidos não menos da mudança que da velocidade do tempo e da vida, a qual não permanecendo em um mesmo estado, corre precipitadamente para o seu fim. E com esta consideração perderão a afeição às cousas da terra[~~enas~~] e se levantarão às do Céu.

LU. – Esta ligeireza do tempo e da vida que tocastes a quem bem a considera [~~põem~~] são agudíssimas esporas que o incitam a examinar a sua consciência. E certo que toda a vida é um dia e um polido escritor falando da ligeireza do tempo diz: “Sinto-me arrebatado de tal modo e assi me espanto que me não fica outra cousa em que cuidar, ver como o marinheiro solta o navio com vento próspero e ver arrebatado-se da vista a ribeira

e desaparecer a areia que pouco antes com seus pés pisara”, da qual, como diz o Mantuano, “se alongam as terras e as cidades”.

FR. – Essa consideração não fazem os velhos em que falamos, e assi como vendo-se no espelho não se conhecem a si mesmos, assi difficilmente se emendam e reformam as derradeiras relíquias da vida.

LU. – Se as chagas dos velhos são incuráveis isso vem porque o longo uso converte o vício em natural e os faz de tal maneira frios por falta de calor da claridade que, perdendo a alegria do coração, cae muitas vezes em desesperação, e por isto se disse que os envelhecidos no pecado estão a par do inferno, o que se conforma com aquela notável semelhança se o negro pode mudar a pele ou a perdiz a variedade de suas penas, vós podereis fazer bem quando tiverdes [~~o mal~~; palavra ilegível] escolhido o mal.

FR. – Assi como há menor número de enfermidades no Inverno que no Verão, mas são mais mortaes, assi acontece nas enfermidades espirituaes, porque são mais desesperadas, porque um pecador velho, depois de ter por muito tempo gostado das delícias do mundo, aborrece tanto as espirituaes que se deixa no fim guiar do Diabo e fazer (senão é em público) ao menos em secreto aquela conclusão:

“A comer, beber, folgar sempre te engenha
Que depois de morte prazer algum não reina.”

E a persuadir-se que não há outro paraíso que estica debaixo e segue a mente daquele obstinado usureiro, o qual na hora da morte, amostado de seus próprios filhos que restituísse, respondeu: “Se eu isso fizesse, vos mandaria ao hospital”. Eis aqui como estes insensatos velhos entram no fim em desesperação e dando-se por despojo ao Demónio botam o arco a par da seta e são arrebatados de doenças improvisas que lhes tiram o conhecimento de si mesmos, e por isso se diz que com estas penas se castiga o pecador, que morrendo se esqueça de si, pois que vivendo se esqueceu de Deus, e é com razão comparado ao frenético que quanto mais enfermo está, tanto está mais seguro e se alegra com a enfermidade. E não obstante que haja alguns velhos loucos, os quaes, reconhecendo no fim da vida seus erros, peçam a Deus perdão deles, todavia considero aquele vulgar provérbio “Que toda a frol alegre, senão a do vinho”, cujo sentido místico é que pouco agradece a Deus aquela frol de penitência que o homem na sua velhice lhe apresenta, porque é frol murcha e quase sem cheiro [~~algum~~] e nesta opinião me confirma a sentença do sábio: “Não queiras oferecer as fezes da tua velhice, mas o vinho dos sacrifícios de tua florida mocidade”. O mesmo quis dizer Frine, mulher

cortesã, a qual, posto que velha, era namorada de muitos e por isso dizia que pela boa fama do vinho se buscavam as fezes. Mas mais abertamente se escarnece a emenda do velho com o dito vulgar, que é, “Dar a farinha ao Diabo e os farelos a Deus”, o qual não quer serviços forçados, e assi se soe dizer destes, “Que eles não deixam o pecado, mas o pecado os deixa a eles”. E parece que esperam arrepender-se quando se acaba a candeia não por amor de Deus, mas por temor das penas eternas, e por isso me persuado que assi como para cozer ãa carne velha é necessária maior cópia de lenha, assi para gastar os pecados dos velhos é necessária maior penitência, e é certíssimo que o Diabo quanto mais longamente possui, tanto mais dificilmente solta. E se eu não temesse de tirar a confiança a estes que esperam fazer na terceira vigia o que não fizeram na primeira, nem na segunda, eu lhes [daria] lançaria em rosto aquele dito, “Que tarde se busca o remédio da salvação, quando está presente o perigo da morte”, e juntaria as palavras de Salomão, “Então me chamarão, e eu não os ouvirei, levantar-se-ão pela manhã e não me acharão”, e que honra merecem de Deus estes madeiros velhos e podres cheios de carcoma, senão de serem queimados? Ora deixemos-lhe na boca este osso duríssimo de roer, e digamos que miserável e vergonhosa é a natureza dos velhos que trocam antes só pêlo que o avezo, e é menos digna de reprensão a dos homens que [res] se resolvem de trocar o avezo juntamente com o pêlo e que quão presto vem no espelho branquejar o bosque e que já pelos Alpes vai nevando, começam a conformar os costumes com a idade por não incorrerem no defeito dos velhos escandalosos e menineiros, e reconhecem que assi como começa a diminuir-se o calor natural, assi é bem que comecem a temperar os ardores da mocidade e a compor a vida com virtuosos e exemplares costumes, não menos por honra e proveito deles mesmos, que per adoçamento e instrução dos mancebos. E assi todos os homens de idade varonil se devem lembrar que os mancebos nem os velhos não estão muito longe da praia deste tempestuoso mar e que eles, estando no meio, estão sotopostos a maior perigo das ondas dos ventos e das tempestades, e que então é tempo de abrir os olhos e cuidar que estão em dúvida de mais presto padecerem naufrágio que de ter esperança de tomar porto, pelo que é necessário dizer com o profeta “Não Te lembres, Senhor, dos erros de minha mocidade, nem das minhas ignorâncias” e dizer juntamente com o poeta: “Leva os pensamentos vagos a melhor lugar”. E resolvendo-se desta maneira não temerão que lhes sobrevenha a velhice e a morte com vergonha.

(**Notas laterais** – Reposta de um usureiro / Sentença notável / Pecador semelhante ao frenético / Provérbio / Dito de Frine, cortesã / Salomão)

LU. – Tendes razão de terdes por menos culpados os que se arrependem na idade meã, mas tanto de mor louvor são dignos [~~aqueles~~] os mancebos que trocando o avezo primeiro que o pêlo, e sem esperar os meses que com o tempo os convidam a reformar a vida, começam ser velhos na mocidade e se mostram maduros e prudentes nos pensamentos, na fala, nos gestos, nos costumes e nas obras, pelo que tem lugar o provérbio: “Faz-te logo velho se queres viver longamente velho.”

(**Nota lateral** – Provérbio)

FR. – Pois que a virtude está nas cousas dificultosas e os mancebos são naturalmente desenfreados, insolentes e precipitados, consideremos quanto louvor merece o mancebo, que fazendo honra da violência à sua natureza, se mostra quase com um privilégio do Céu um exemplo de continência, de modéstia, de constância, de tal maneira que se possa dizer que tem segundo o poeta: “Pensamentos de velho em idade de moço.”

LU. – Vou eu agora considerando acerca deste nosso razoamento dos mancebos que seria bela empresa se algum espírito raro se engenhasse a buscar a origem e razão de alguns ditos antigos que se fizeram vulgares a todos sem saber a verdadeira intenção de quem foi o autor. Digo pois assi: por que causa quando se quer louvar a algũa pessoa de avisada e escarnecer outra de simples se diz que aquela fez algũa cousa importante à barba de estrouto, o qual modo de falar, posto que se usa impropriamente entre dous contemporâneos, contudo é de crer que propriamente se [~~achasse~~] dissesse em favor dos mancebos desbarbados, os quaes sobrepujando sua idade faziam algum acto varonil à barba, quero dizer, em confusão de alguns barbados de pouco valor. E porque não pareça que eu saio fora de propósito, infiro aqui que merecem grandíssima honra aqueles mancebos que no maior fervor de seus anos se retiram da vida licenciosa e se metem no caminho do espírito diante das barbas dos que são já homens e dos velhos mal habituados.

(**Nota lateral** – Porque se diz vulgarmente “A barba de aquele”)

FR. – Folgo de entender que no tratar da reformação da vida, reformastes também esse antigo mote declarando como convenha propriamente usar-se entre o mancebo sesudo e o velho néscio. E certo que é grande vergonha para um velho ver pôr o pé diante um mancebo (particularmente em cousas espirituaes) e em sua desonra dizer-se aquele provérbio: “Que os [~~pavões levam as adãs a beber~~] polos levam os patos a beber.”

LU. – Que um mancebo ou um homem de meia-idade não se resolva de emendar e reformar a vida, não me maravilho muito, porque podem esperar segundo o curso natural de poder ainda viver largamente. Mas não me acabo de espantar, nem sei imaginar donde naça a cegueira dos velhos, os quaes vendo-se corcovados e tremendo e sentindo as pernas fracas, querem ainda sustentar sobre tão fraco fundamento a pesada e ruínosa máquina de seus pecados, nem advertem que há três mensageiros da morte, os casos diversos, a enfermidade e a velhice, e não conhecem que são em grande maneira escandalosos e que entre todos os abusos do mundo nenhum é maior que a obstinação de um velho.

(**Nota lateral** – Três mensageiros da morte)

FR. – Dizem os tecelões que todos os nós vão dar no pentem e dizem os carneiros que o cabo é sempre o peor de esfolar, e por isso do sucesso que se chama mestre dos néscios, vem muito tarde os obstinados velhos a advertir-se de com quanta desonra sua se inventam semelhantes provérbios, ou por melhor dizer, oráculos, nem se podem livrar de comum erro dos pecadores que andam de dia em dia diferindo o arrependimento e emenda pela confiança de longa vida e porque não há nenhum velho que não espere de viver ao menos um ano, daqui vem que sendo em todas as outras cousas pusilânimes tomam atrevimento de prolongar o termino de seu conhecimento, todavia deviam não menos os mancebos que os homens e velhos recorrer a aquela sentença: “Não tardeis que porventura estou no último ano”. E esculpir em seus corações aquelas palavras do sábio. “Não tardes até converteres a Deus, nem andar prolongando de hoje para a manhã porque subitamente vem sua ira e em tempo de vingança te [~~mandará em dispersão~~] perderá”.

Já temos assaz recorrido da brevidade e incerteza da vida e da prontidão da morte, pelo que não nos fica neste particular outra cousa de que nos lembremos senão que assi como algũas mulheres concebem e não parem, mas o parto se afoga no ventre, assi muitos concebem bons desejos, mas não os põem em efeito, e por isso avisadamente disse, quem quer que foi, que “a boca do inferno está cheia de boas vontades”, e dava esta razão que os homens de qualquer estado que sejam fazem por a maior parte prometimento de mudar a vida e fazer brevemente penitência, mas primeiro que o ponham em execução, eis que sobrevém a morte que os leva com sua boa vontade ao inferno.

(**Notas laterais** – Provérbio / Provérbio / Boca do inferno cheia de boas vontades)

LU. – Em efeito esperar no tempo é cousa de néscio e bem disse um poeta:

“Nenhum sábio diz viverei ainda

Vive hoje que amanhã vem longe.”

E lembra-me que li e não sei onde que um religioso convidado de um seu filho espiritual para vir a jantar com ele o dia seguinte, respondeu, que não podia dispor de algum dia seguinte.

FR. – É logo necessário emendar-se enquanto é tempo e, segundo o comum dito, “malhar enquanto chove”, porque quem quando pode não quer, quando quer não pode e eis muitas vezes a morte vem com tanta presteza que como diz Dante: “Nem um o tão presto, nem um i se escrevi”. E vem-se conforme a aquela profética sentença: “Está a minha vida [~~trœad~~] cortada como de um tecedor, e enquanto a urdia ma cortaram”. Mas este é um erro universal e não há cousa no mundo que mais engane os homens que esta, que posto que não sabem quanto tempo hão ainda de viver, contudo se prometem todos larga vida e não pagam a Deus com outra cousa que com “bem faremos”.

(**Nota lateral** – Provérbio)

LU. – Posto que seja este erro universal, contudo a my me parece que é mais próprio dos sãos e robustos que dos enfermos e fracos, porque estes se vem mais vizinhos à morte que os sãos.

FR. – Mais vizinhos estão à morte os enfermos que os sãos, mas contudo isto estão os sãos mais sujeitos a casos repentinos e não esperados, porque sem resguardo da pessoa, ou fazendo viagens, ou correndo ou saltando, ou guerreando, ou por qualquer outro acidente estão no fio de ãa improvisa morte, mas o homem que de longo tempo é enfermo estima mais o perigo e procura com maior diligência pela saúde e pela quietação e pela vida. Além disto o homem que é doentio está mais pegado com Deus e tem nos membros enfermos o espírito pronto e o são, confiado nas suas forças e transportado da viveza do seu coração, se alonga de Deus e, dando-se em despojo aos sentidos, acende a carne e mata o espírito. Dêmos também outra razão que o homem de ruim compreição toma antecipadamente o tempo para se conhecer a si mesmo, em examinar sua consciência, em se acusar de seus erros, em se preparar pa a morte e em entregar cristãmente o espírito a Deus, mas o são e robusto é algũas vezes salteado de tão grave e malinha enfermidade, que pela malícia e abundância de humores juntos de longo tempo se lhe ocupa em um momento o entendimento e, sem poder dizer sua culpa, morre como um jumento. Destes casos semelhantes vemos cada hora e por isso

tem razão os que comparam os doentios a casas apontadas as quaes duram mais que as outras. E daqui podemos concluir que na conquista do Céu tem mais ventagem os enfermos que os sãos, assi com também é verdade que mais avantejados são os atribulados que os prósperos e contar-vos-ia de alguns não menos soberbos por saúde que por prosperidade, os quaes, ou por enfermidade, ou desastre, ou perda de fama ou de fazenda, com grande espírito se converteram a Deus e assi se dispuseram a nova e melhor vida que receberam todas as adversidades da mão de Deus por singular mercê sua, lembrando-se de seus erros passados e movendo-se a frutuoso arrependimento. E portanto é obrigação de todo o que se [~~æhæf~~] vir atribulado ou per enfermidade ou per qualquer trabalho, considerar que Nosso Senhor primeiro que sara é o paralítico lhe perdoou os pecados por cuja causa enfermara, para que tirada a causa cessasse o efeito, o que nos dá a entender que muitas vezes se nos dá a enfermidade por pena de pecados e para que emendemos a vida, o que se confirma com as palavras do sábio: “Que a grave enfermidade faz a alma sóbria”.

(Nota lateral – Mistério do paralítico)

LU. – Usam os espartanos de um provérbio, “Que no leão bem está a quartã”, para significar que os homens ferozes se tornam mansos quando tem estranhas e terríveis mulheres, o que entendem pela quartã, e eu vejo que o mesmo provérbio se pode verificar nos homens soberbos e bestiaes que por meio das enfermidades se fazem humildes e reconhecem a Deus.

(Notas laterais – Provérbio / Mulher brava semelhável da quartã)

FR. – Em todas as enfermidades se tenta primeiramente pela causa e depois no curá-las se procede com os remédios contrários, pelo que se considerarmos a causa da soberba e insolência do homem, acharemos que vem de sobejo calor e de sobejo humor, quero dizer, das prosperidades e deleites da terra, os quaes fazem que como cavalo muito gordo se faça desenfreado e tire couces, pelo que a quartã, que é fria e seca, é o seu verdadeiro e apropriado remédio, o qual lhe faz vir à memória a morte e o incita ao conhecimento de si mesmo e de seus erros e lhe sara a alma.

LU. – Bom para aqueles enfermos e atribulados a quem se sara a alma, mas é tanto peor do que é que, como dissestes, feito o voto, enganado o santo, e seguem a fábula que diz:

“O lobo de ser irmão tem vontade ardente

Enquanto enfermo está, são se arrepende.”

(Nota lateral – Fábula do lobo)

FR. – Este é abuso comum dos homens, que vemos a todos fazer acre sobre amargoso cálix da purga e primeiro que o bebam chamam por Jesu que os ajude. Em suma, se ouvem algũas novas espantosas de guerra, se se descobre algũa influência de peste, ou de febres malignas, se os campos se deixam de lavrar por causa da chuva, se cae neve ou geada, se são atribulados no mar com tempestade, se se lhes faz algũa violência, se estão em meio extrema necessidade de pedirem para viver, se de qualquer outro perigo são ameaçados, ó quão depressa recorrem a Deus! Ó, como se alembram dele! Ó, quão entranhavelmente chamam o seu divino nome! Mas ainda bem não tem saído do medo e do perigo, quando já alegremente tornam aos relaxa~~mentos~~ções da primeira vida e ao mesmo Deus que em suas necessidades chamaram ~~em~~ para sua ajuda nem por sinal lhe dão graças. Considerai agora quanto sua divina bondade se anoje de ser nesta forma escarnecido e quanto estes aprestem sua ruína ajuntando um mal a outro mal. E brevemente digo que é vão o arrependimento que com a culpa seguinte se contamina, a chaga renovada mais tarde se sara, quem muitas vezes peca e muitas vezes lhe pesa escassamente merece perdão, nem valem nada as lágrimas se se dobram os pecados.

LU. – De semelhantes pessoas que cada três dias tornam ao vômito não me parece que se pode dizer mais senão que à maneira de porcos lavados na lama mais se sujам.

FR. – Parece-me que assaz largamente nos temos visto neste espelho e que bem de propósito ~~temos~~ havemos tratado dos seus grandes e verdadeiros efeitos, mas porque este espelho é quebradiço e a quem se não olha nele com olho humilde e discreto assombra de tal maneira os sentidos que em vez de conhecer dentro suas máculas se persuade de que ãa belíssima imagem e como outro Narciso se namora de si mesmo e se confirma na ignorância de seus erros, eu brevemente proponho outro espelho, o qual seguramente e sem suspeição de vaidade e sem perigo de ~~nos~~ se ver~~mos~~ demasiadamente nele, pode e deve todo o cristão ter em sua casa para ver dentro dele seus defeitos, o qual espelho é Jesu Cristo crucificado. Neste ponhamos nossos olhos e a ele enderecemos estas afectuosas palavras: Ó piadoso e resplandecente espelho que no centro e na circunferência da tua santíssima figura diferentes lumes à nossa escura vista representas, para que contemplando a tua imagem ~~afinea~~ nos reconheçamos a nós mesmos e com vergonha e dor vejamos quanto diferente dela é a nossa. Cinge a temerária inchação de nossa alma com as agudas espinhas da tua ensanguentada coroa e estreitando ~~os~~ nossos vãos pensamentos faz que a ti só se enderecem e em ti fiquem contentes. Saia das tuas mãos tanta cópia de sangue que lave as nossas sujas mãos de

modo que não obrem senão bem a honra e glória tua. Saia das chagas de teus santíssimos pés tal mezinha, que confirme os nossos [~~p~~és] na tua divina lei que a não desprezem nunca mas sigam sempre tuas amorosas pisadas. Mande-nos o teu sagrado estado celestiaes inflamações que, gastando nestes peçonhentos vasos as terrenas fezes dos pecados e renovando em nós um limpo coração e um santo espírito, [~~He~~] o faça de ti e de tuas divinas graças digna morada. Lança, resplendidíssimo espelho nosso, de todo o teu corpo taes raios a nós com que os que são afligidos com pobreza ou com perseguições ou enfermidades, ou desastres do mundo se animem e consolem e se aleviem contemplando teus ásperos e cruéis em tal modo que, quando com a perseverança de nossos antigos erros nos prometamos muito da tua misericórdia, se encham nossos corações de medo com cuidar que será de nós, se o eterno Padre te não perdoou até seu próprio e inocente filho. Travessem e despertem esses três cravos nossa fé dormente [~~mentada~~] e morta e quando na desconfiança e desesperação da tua infinita bondade está a alma [~~afogada~~] suvertida, concede-lhe forças para se levantar e atrevimento para se meter entre os teus braços, que para a abraçar e para se reconciliar com ela estão abertos. Tire a tua dolorosa paixão de nossos olhos amargosas lágrimas, arranca de nossos ânimos os desdêns e memória das injúrias recebidas e o desejo de vingança, e em lugar disto faça-se em nós das tuas sagradas chagas tal impressão que feitos uns novos espelhos à tua semelhança e crucificados contigo, contigo possamos ressuscitar e ser como astros no Céu.

(**Notas laterais** – Espelho finíssimo / Oração da crucifixo / Cinge)

LU. – Certo que todo o que se olhar à vossa imitação com piadosos olhos e ânimo devoto neste nobilíssimo espelho se poderá gloriar de ter alcançado o fruto do conhecimento de si mesmo.

Da morte

Diálogo décimo

Luís [~~Lodovico~~] Giacome

Todas as vezes que estou considerando a diversidade dos sembrantes e dos costumes daqueles dous engenhos contrafeitos Demócrito e Heraclito [~~eu~~] me sinto intricar no entendimento de ãa certa dúvida da qual me não espero desatar [~~me~~] sem vossa ajuda. Porque de ãa parte me parece que Heráclito, chorando continuamente as misérias humanas, se mostrou não valeroso filósofo, mas ãa vilíssima fêmea [~~porque~~] e não poder sofrer os acontecimentos que sobrevem não é outra cousa que um apartar-se da condição humana e rebelar-se à razão. E Demócrito, pelo contrário, com o seu contínuo riso que nos ensinasse a fazer, conforme ao vulgar dito, da necessidade virtude e a converter em riso e zombaria todos os ruins acontecimentos. D’outra parte considero que este porventura merece o título de desprezador e zombador e que com um odioso e importuno acto quer acrescentar [~~a~~] aflição aos afligidos, sendo cousa manifesta que o riso é grande injúria para os atribulados e [~~pelo contrário~~] o choro do outro é argumento de justiça e de caridade digna de cristão cujo ofício é compadecer-se das misérias humanas, pelo que nesta diversidade de razões desejo que vós me façaes certo a qual destes dous me inclinarei mais.

(**Notas laterais** – Heráclito e seu choro / Demócrito e seu riso)

IAC. – Posto que de alguns sábios escritores seja o choro de Heráclito celebrado pelas razões que tendes apontado e por outras que se podem ajuntar, todavia é opinião de outros peregrinos engenhos que não merece menos louvor o riso de Demócrito, o qual bem pode à primeira face imputar-se a doudice, mas quem nisto cuidar com atenção, se resolverá na sentença do nosso Hipócrates, o qual, tendo-o no primeiro encontro apressadamente julgado por néscio se voltou (depois que o conversou mais familiarmente) e o teve por homem de exquisita e profunda sabedoria. Eu não vos digo agora a qual opinião destas vos hajaes de inclinar porque (se não erro) por diversos

caminhos vão ambas de duas a um fim e se considerardes bem o estado dos mortaes julgá-lo-eis igualmente digno de riso e de choro. E que isto seja verdade, em todas as cidades, em todas as ruas e em todas as casas [~~v~~es] não ouvíreis nunca quase outra cousa que choros e gritos e amargosas discórdias, dores e piadosas novas ou de enfermidades, ou de prisões, ou de incêndios, ou de ferimentos, ou de perda de fazenda da fama e da vida, por os quaes acidentes direi que sois um Demócrito se vos não tranformaes em outro Heráclito, e se com os olhos lagrimosos e com o coração piadoso e triste não dizeis como o poeta:

“Ah que nada há na vida mais que um pranto.”

Vede agora com outro olho o correr de postas para impetrar benefícios, o [~~embarcar no~~ ~~mar~~] navegar de mares para alcançar riquezas, o cingir de espadas, o vestir de cossóletes para ser capitão, o adular o príncipe para vir a ser conselheiro, o seguir toda a vida a corte para nunca descansar, o buscar novas invenções de vestidos, de máscaras e danças e torneios para agradar às mulheres, por as quaes doudices digo que sois Heráclito se vos não convertestes em Demócrito e se zombando de todas as obras humanas não dizeis com o mesmo poeta:

“Ó cegos tanto afadigar que val!

Todos tornaes à grande madre antiga

E do vosso nome apenas há sinal.”

E por isso diremos que ambos de dous quizeram significar o que abertamente disse o sábio, “Que tudo [~~e~~á] é vaidade” e que, [~~v~~ês] enfim, queiramos ou não queiramos, nos convirá despir este despojo da terra por cuja causa tanto temos suado e suspirado; e não no-lo mostra expressamente a igreja santa em palavras e em obras pondo-nos cinza nas cabeças e lembrando-nos a morte, da qual será hoje, se daes licença, nosso razoamento.

(Notas laterais – Hipócrates / Misérias do mundo)

LU. – Porque a nossa humana e delicada natureza aborrece este discurso, rogo-vos que fazendo violência a nós mesmos, cubramos esta paixão com contrário manto e tratemo-lo se não for com alegria interior ao menos com [~~alegre~~] um rosto sereno e alegre prática.

IAC. – Antes havemos de acordar o coração com a língua e buscar modo com que deste nosso discurso se siga ãa verdadeira e firme alegria e se venha tomar a morte por deleite.

LU. – Se as vaidades do mundo são dignas de riso e de choro, porque nos estorvam nossa salvação, e se nossa salvação consiste na consideração da morte, em que cousa podemos nós gastar mais proveitosamente o tempo que em mastigar bem esta morte?

IAC. – Se a queremos mastigar como aquele corpo que fabulosamente lhe dão os pintores, pouco nutrimento tiraremos, porque não é outra cousa que ãa composição de ossos sem carne, sem medulas e sem humor, mas se a queremos mastigar como ãa dissolução do corpo e da alma não há manjar [~~mas~~] de mais substância que este. Todavia não podemos nós mastigar tanto esta morte que enfim não fiquemos [~~nós~~] mastigados e consumidos dela, a qual se chama morte ou porque nos morde apartando ãa parte da outra, ou pela mordedura da fruta vedada, pelo que tomou império sobre nós, ou porque o cuidar nela nos morde a consciência e nos retira do mal. Mas se a sua etimologia é incerta, nós pelo menos somos certos que não obstante que a morte nos seja natural por respeito deste corpo corruptível, contudo aprouve do princípio à onnipotência divina de nos tirar a necessidade de morrer de tal maneira que por quanto tempo a razão estivesse obediente a Deus, por tanto [~~tempo~~] o corpo [~~estivesse~~] fosse obediente ao espírito e ficasse imortal.

LU. – Maldita gula, tu foste da nossa desventura, porque não estando o homem então em necessidade de morrer, eis-nos tirada de tão grande mercê por tua culpa, pelo que a mal grado nosso todos morremos e o que é peor não tornamos mais a esta vida.

(**Nota lateral** – Gula ocasião de nossa desventura)

IAC. – Por isto o pinheiro era antigamente símbolo da morte, porque cortado ãa vez não torna a renacer mais, e era também figurada a morte pela coruja, a qual anda de boa vontade espreitando o ninho da gralha que vive longamente.

(**Notas laterais** – Pinheiro símbolo da morte / Coruja símbolo da morte)

LU. – E a este propósito digo que crece a nossa desgraça, porque não sei porque causa agora vivemos menos que os da primeira idade, os quaes não eram tão anexos a tantas enfermidades como nós outros, mesquinhos, agora somos.

IAC. – Se naquele tempo a vida se estendia até novecentos anos pode-se atribuir a boa compreissão daqueles homens, ou à temperança de sua vida, ou à bondade e substância dos mantimentos que então produzia a terra antes do dilúvio, ou ao perfeito entendimento que tinham das cousas naturaes e das virtudes particulares das ervas e das pedras e de outras cousas que ajudam a sustentar a vida, ou pelas influências favoráveis das estrelas sobre sua região. Mas retiramos principalmente a causa a Deus que assi foi

servido que fosse para nossa salvação. E tornando ao mastigar a morte, digo que assi como ela aos que raramente e de má vontade se lembram dela traz um súbito terror e espanto, assi também a aqueles que a praticam com ãa contínua e familiar memória, traz atrevimento e segurança e de tal maneira que se aqueles tem a morte por má, estes a tem por boa.

LU. – Falando humanamente, venha em qualquer forma que quiser, a my me parece que se não pode dizer que a morte seja boa, porque ela em tudo é discordante e desproporcionada da vida. A vida é o fundamento, a fermosura, a proporção, o ornamento e a conservação do nosso corpo e a morte é a ruína de tudo isto, a fealdade, a imperfeição, a escuridade e a corrupção. A vida é naturalmente desejada de todos e a morte naturalmente odiada de todos. A vida nos aclara com a luz, a morte nos escurece com as trevas. A vida nos cria, a morte nos consome e, finalmente, a vida dá esforço e conforto e a morte traz espanto e dor. Pelo que com muita razão a chamaram os poetas filha de Érebo e da noite, porque levantando-se das trevas com feroz e espantoso assalto e com treições súbitas perturba e tira as alegrias humanas e é tão medonha aos viventes que somente o nomeá-la encaramela o sangue nas veias, descora as faces da sua cor vermelha, tira o vigor dos corações e o gosto do paladar, pelo que se se alembra a morte nos prazeres e banquetes se atribue a má criança e o que mais aborrece os homens é não somente o não saber nunca em que tempo nem em que lugar haja de vir esta má e importuna morte (pelo que bem a chama Nosso Senhor ladrão) mas o considerar que não bastam os cem olhos de Argos para espreitar de que parte e em que forma há-de dar o assalto e destruir esta mesquinha máquina sobre a qual senão acaba de entender que golpe haja de dar-se maduro, se azedo, se natural, se violento e se à morte injusta se não concede entrada no Céu, contudo tanto se adiantou que na terra, na água, nos ares e no fogo exercita, como lhe apraz, seu rijo império e como Proteu se muda em mil formas, como dizem aqueles versos:

“Frio, quentura, ferro, peste e fome,
Cárcere e mil outros modos tem
Com que, cortando o fio, a Morte vem.”

E finalmente afligindo os corpos de mil maneiras dos pés até cabeça se faz notavelmente sentir quão digna seja do nome de avarenta, sanguinolenta, desenfreada, disforme, indomável, arrebatada, importuna, invejosa, roaz, abominável, surda, espantosa, cruel, inexorável e de todos outros títulos que os escritores lhe dão. Além

disto é tão grande a sua crueldade que tendo muitas vezes os homens em forças e enfraquecendo-as com longas enfermidades e com diferentes perigos e trabalhos cada dia os faz morrer lentamente e os faz provar, não ~~de~~ ãa sorte de mortes, mas ~~de~~ mil mortes. Quem é logo aquele (se não é desesperado) que não aborreça a morte? E quem não se sente encher-se-lhe a alma de tremor quando vê os seus troféus, que copiosamente se vem em Roma no campo santo, em Pavia, em Santa Maria em Pertica, em Paris, aos inocentes de multidão de ossos de mortos? Ah, que desfalecimento de coração sobrevém a todo o homem que com atenção olha para aquelas monstruosas cabeças e fazendo diligente anatomia contempla a caveira despojada do ornamento dos cabelos, as faces escarnadas e descoradas, os olhos vazios sem lume e com duas espantosas cavernas, as fontes côncavas sem orelhas, a boca disforme e sem barba e verdadeira imagem e representadora da mesma morte. Desta horrível vista nasce em nossos ânimos ãa estranha abominação da morte, a qual ocupando nossos sentidos, nos esforça milagrosamente e quase contra natureza a fugir daqueles mortos que seguíamos e amávamos em vida, donde vem que até o pai foge do filho morto, nem há pessoa algũa que assistindo com diligência e amor à enfermidade do amigo ou do parente tanto que morre, não é à parte com horror e espanto, não somente ~~aquela~~ da vista daquele combalido e sem sangue, mas do lugar em que espirou e não ousa tocar o leito em que jazia, nem os vestidos que trazia. Confessemos logo que a morte é espantosa e má e que com grande espírito de homem gritou Salomão: “Ó morte, quão amargosa é a tua memória!” E se os efeitos mostram claramente a causa, bem se pode julgar, se a morte é má e dolorosa daqueles suores frios que por demasiado temor e por excessiva pena costumam sobrevir na derradeira passagem, do que como homem nos deu sinal o Redentor do mundo com suar sangue e com o desejo de se retirar da morte. Por esta e por outras razões que guardo no entendimento, não posso nem devo dizer outra cousa senão que é má e abominável a morte. Se vós agora tendes outra opinião, desejo sabê-la.

(Notas laterais – Espantosos efeitos da morte / Morte filha da noite / Morte e epítetos)

IAC. – Porque me afeiçoei à opinião de Demócrito em confirmação de quanto me tendes dito, quero-vos contar aquela história da pobre velha, a qual, cansada de caminhar e afadigada com um pesado feixe de lenha que trazia, o botou no chão e gritou pela morte dizendo: “Ó morte, morte vem”. A este grito eis apareceu a morte dizendo, “Que queres de my, à qual respondeu a velha, “Que me ajudes a levar este feixe a minha casa”. Daqui se mostra que muitos chamam a morte mas quando a tem vizinha fogem e

parece que se querem conformar com o que dizem as nossas vilãs: “Queria morrer, mas não queria a morte”. E verdadeiramente a morte é medonha a todos e os mesmos que por desesperação a chamam, desmaiam depois de sua espantosa vista, nem a outro fim contam os poetas que o escuro e triste rio Aqueronte é o primeiro a receber as almas dos mortos senão para mostrar a efeito dos que morrem, os quaes começam a sentir ãa fraqueza de ânimo com que se lhe avizinha a morte e por isso não é de maravilhar-se Nosso Senhor, por mostrar a fraqueza do estado humano, deu sinal de que aborrecia a morte, a qual é naturalmente sem sabor a nosso gosto e pois que ela nos priva de todos os bens da vida, não é de espantar se o filósofo a chama a mais terrível de todas as cousas terríveis e não somente é terrível a morte, mas também a sua memória a que Salomão chamou amargosa, como já dissestes, o que porém não disse a respeito de todos, mas somente por amor de algũas pessoas a que certo a morte é amargosa. E porque agora tocamos com o dedo os efeitos da morte e a que pessoas particularmente seja má e amargosa, diremos primeiramente que a morte é amargosa a aqueles que de longo tempo gozaram em paz suas grandes riquezas, porque assi como os pobres, morrendo, saem de misérias, assi os ricos, morrendo, se vem ficar privados de suas comodidades e prazeres, e por isto costumam os pobres escarnecer comummente dos ricos dizendo que muito lhes pesa de morrerem. E o que se diz dos ricos se entende também dos ociosos e delicados, porque assi como os bichos nacam nos paus moles, assi as paixões da alma nacam nos ânimos delicados, pelo que se verifica que por sua delicadeza lhes pareça a morte cruel e amargosa, o que se confirmou com aquela sentença “Que menos teme a morte o que menos prazeres e alegrias teve na vida”, assi como pelo contrário o homem forte e avezado a fadigas e trabalhos se lhe opõe vigorosamente, e assi podemos dizer que os que vivendo se apascentam do rocio, como as cegas regas, gostam morrendo de ãa amargosíssima bebida. Sobretudo a morte é mais que absintio e coloquintida aos pecadores, pelo que está escrito que sua morte é péssima. Isto quis significar o poeta dizendo:

“No coração ora a consciência, ora a morte punge.”

E daqui devemos considerar as incomprensíveis angústias que morrendo sentem os malvados, aos quaes a morte com rosto severo apresenta o livro aberto de seus erros passados e os constrange a que os leiam e os reconheçam um por um, e a julgados por dignos das penas eternas e com agudíssimos estímulos os incita a desesperação da graça divina pela qual gostam do amargoso fruto daquela sentença: “Que muito teme a morte

o que não espera de viver depois dela”. Mas falaremos disto noutro tempo mais a propósito. Agora vedes como se pode chamar a morte amargosa, terrível e má, mas contudo isso não devo, senhor Luís, consentir que absolutamente e em geral se lhe dem estes títulos, antes provarei como em particular se deve chamar doce, prazenteira e justa. Porque primeiramente dos efeitos do seu contrário, que é a vida, tendes justa causa de dizer mal desta e louvar aquela. Rogo-vos que vos ponhaes a considerar a diversidade dos homens e de sua vida, a qual, começando do choro, traz embaixada certíssima dos desastres que se passam neste lastimoso vale de misérias. Atentai como pela mor parte as pessoas que tem conta com suas casas e família e com suas fazendas são molestadas de contínuas inquietações e como pelas injúrias do Céu e dos tempos ficam muitas vezes frustadas de suas esperanças, por vontade de Deus. Ponde os olhos no estado dos ricos cheios de suspei[ções]tas. Examinai a vida dos pobres, rodeados continuamente de moléstias, desconcomodidades e de martírios. Discorrei pela viagem daqueles que sobre duvidosos lenhos cavalgam o mar e a vós mesmo preguntai que cousa é a que mais tem em seu peito, ou [o] desejo de alcançar fazenda, ou medo de a perder juntamente com a vida. Virai-vos agora para os mesquinhos cortesãos, traspassados da inveja e de mil perseguições. De quem tem mulher e filhos falemos nós, que por esta causa sofremos mais de um trabalho. De quem tem mulher sem filhos falem outros, que por esta causa não podem negar que não vivem sem dor [Mas] e se quereis distintamente reduzir à memória a vida dos soldados, dos letrados, dos mancebos, dos velhos, dos príncipes, dos privados e como a todos no mais belo e sereno tempo se lhes levanta a não esperada tempestade, vós vos espantareis sem dúvida do poeta grego, o qual com grande sentimento nos mostra que Júpiter tem dous vasos cheios, um de cousas boas e outro de roins, com os quaes está temperando a fortuna dos homens, misturando nos trabalhos alegrias e nas alegrias trabalhos. E outro escritor disse que não se podem apartar os bens dos males porque andam misturados. Mas se porventura me dizeis que alguns, por graça e privilégio do Céu, chegam a próspero estado, respondo-vos que não é verdadeiramente próspero o que não conhece que o é, o qual conhecimento não sei se se tem concedido a alguém. Porque é tal a instabilidade, ou a insaciável fome dos homens, que todos procuram de ajuntar ãa quieta e próspera vida, pelo que quem põe esta felicidade nas riquezas, quem nas honras, quem na saúde, quem na ciência, quem na fermosura e quem na fortaleza, mas ainda bem não alcançam o que tanto desejavam que logo não comecem a entrar em novo trabalho, e os que alcançaram riquezas buscam

dignidades, ou qualquer outra aventura, por tal modo que sempre caem em algũa nova perturbação, de que se pode mui bem inferir que a maior parte dos homens se compara a Sísifo, condenado de Júpiter a levar um pesado seixo do cume de um monte onde não podendo estar quedo vem sempre rodando abaixo pelo que se moveram os poetas com grande mistério posto que fabulosamente a dizer que Titon, despois de lhe haver Aurora alcançado dos deuses a imortalidade, lhe rogou que lhe concedessem graça de poder morrer como se estimasse mais morrer ãa vez que viver eternamente nestas misérias da terra. Se esta consideração não basta para conhecerdes a infelicidade dos viventes, lembre-vos o que outro sábio diz, que esta miserável vida esta alternada dos humores, consumida de dores, seca dos ardores, doentia dos ares, inchada dos manjares, desfeita dos jejuns, [des]solta dos prazeres, gastada dos trabalhos, abreviada dos pensamentos, adormentada da segurança, levantada das riquezas, humilhada da pobreza, sublimada da mocidade, abaixada da velhice, rota das enfermidades e finalmente apagada e acabada da morte e que melhor é a morte que a vida. E por isso não vos seja molesto retirar-vos de vossa opinião e de confessardes que é esta vida cheia de tantos males que a respeito dela é a morte mais remédio que pena, e fazei connosco esta conclusão:

“Ou não nacer desejar se deve

Ou nacido, menos durar que ao fogo a neve.”

Cousa certíssima é que a morte é o último médico de todos os males e sabendo isto os povos de Trácia com grandes louvores seus celebravam com choros o nascimento do homem e com alegria a morte, à qual senão pode dar algum odioso título porque ela, sem olhar para o rosto de quem quer que seja, exercita igualmente justiça e bem o diz o lírico:

“Com justo pé a descorada morte

Dos pobres e dos reis não olha a sorte.”

[~~E assi como~~] Em ãa tempestade do mar, estando um príncipe em perigo de se afogar, [~~um~~] o seu chocarreiro lhe disse “Beberemos de ãa vez todos por a taça”, assi decerto que todos havemos de passar a barca de Aquaronte. Mas em conclusão, não se pode dizer que a morte seja má porque não se pode chamar má cousa algũa que a natureza desse aos homens. Além disso a morte se tem por ditosa pelo sucesso de ãa antiga matrona, a qual levada ao templo por dous filhos seus [~~pre~~] rogou a Deus com grande devoção que lhes concedesse a eles a maior mercê que ele fazia aos homens, a cujos

rogos o piadoso Deus os fez dormir de maneira que na manhã seguinte se acharam mortos, pelo que se disse:

“Consentiu o céu e eles se dormiram

Não despertarão mais nem d’ali sairão.”

Por todas estas razões, e por outras que depois diremos aos que nos preguntarem se a morte é boa ou má, responderemos que há duas mortes, cujas qualidades dependem da maneira da vida. Porque assi como a vida acompanhada da virtude é boa e acompanhada do vício é má, assi a morte se pesa e se mede com as acções da vida, pelo que a morte do que vive bem é boa porque se converte em bem-aventurança e a morte dos que vivem mal necessariamente é má porque os leva aos tormentos infernaes e, finalmente, a morte de bons justos (como afirma um santo Doutor) é boa, melhor, é boníssima, e a morte dos maus é má, peor e péssima, o que sentenciosamente exprimiu o poeta quando disse:

“A morte é fim de ãa prisão escura.

Aos ânios gentis, aos maus desgosto

Que no lodo puseram o seu gosto.”

(**Notas laterais** – Novela / Morte dos ricos / Morte dos pecadores / Misérias da vida / Ricos; Pobres / Mercadores / Cortesãos / Casados / Vasos de Júpiter / Sísifo / Titon / Costume de Trácia / Dito de um chocarreiro)

LU. – Com essa distinção fico inteiramente consulado e não posso já negar que a morte não seja boa aos bons e má aos maus. Mas porque devendo-nos de alcançar a imortalidade nos convém não somente morrer mas bem morrer, é vosso ofício agora discorrerdes do modo de bem morrer.

IAC. – A imortalidade precede o bem morrer e ao bem morrer precede o bem viver, pelo que será nosso ofício razoar primeiro do bem viver, o qual nos facilitará o caminho a bem morrer.

LU. – Se para alcançar a imortalidade será necessário bem viver e bem morrer lançaremos fora da imortalidade os que vivem mal, o que me parece que nos não concederão nem se deve conceder, porque muitas pessoas há que depois de terem vivido mal por longo tempo, finalmente arrependidas se reduziram a melhor vida e vieram a morrer cristãmente e devemos de crer que alcançariam de Deus a glória do paraíso.

IAC. – Eu não excludo os que vivem mal de alcançarem a imortalidade pois que não excludo o ladrão arrependido, mas digo que poucos semelhantes homens se acharão no mundo e aprendi já há dias de quem sabe mais que eu a duvidar da seguridade de seu estado destes.

LU. – Discorrei logo do bem viver e tratai primeiro daquelas cousas que vos parecem dignas de tão útil, tão honesto e tão necessário sujeito.

IAC. – Não tenho outra cousa que vos propor neste sujeito que a vida dos homens sábios.

LU. – Se haveis de tratar da vida dos sábios será necessário, como creio, fazer longo progresso e passear se não for mais avante, ao menos por todo o campo da filosofia moral.

IAC. – A vida dos sábios depende em grande parte da filosofia moral, mas toda a filosofia moral não é tão poderosa a dar perfeição à vida dos sábios quanto ãa particular lembrança do sábio.

LU. – E qual?

IAC. – “Em todas as tuas obras lembra-te que hás-de morrer.”

(**Nota lateral** – Primeiro preceito do bem viver)

LU. – Eis aqui que propondo-vos de tratar da vida, vindes a dar na morte, o que não se pode dizer que basta para representar toda a vida dos sábios.

IAC. – Antes senão pode dizer outra cousa que isto, porque o Deus dos filósofos disse a este propósito: “Que toda a vida dos sábios é a meditação da morte”. Esta meditação nos exorta a temer a última passagem, a emendar a vida, a reconhecer nossas misérias, a perder a afeição das cousas da terra, a levantar o entendimento a Deus, a consolar o espírito com a esperança da futura glória, e enfim nos faz desprezar todos os prazeres e doçuras do mundo. Mas que prazer e que doçura se pode sentir nesta vida quando nos lembrarmos que presto havemos de morrer? E que entendimento é tão soberbo e indómito que não se humilhe e não se mortifique cuidando na morte?

LU. – Certo que merecem grande louvor aqueles que em lugar de pedra preciosa fazem encastoar no anel a cabeça da morte ou a trazem consigo de qualquer outra maneira, e a tem pintada em suas casas e a trazem continuamente diante dos olhos que é mais proveitoso espectáculo do que são os retratos de Vénus e de Cupido que com pouca honestidade e com escandaloso exemplo se tem nas salas e nas câmaras por principal ornamento delas.

(Nota lateral – O retrato da morte ajuda)

IAC. – Se lendo as histórias examinardes a vida dos egípcios, achareis que em seus banquetes tinha cargo um deles de andar mostrando a cada convidado a figura de um corpo morto naturalmente retratada e de lhe dizer: “Põe aqui os olhos e enquanto bebes e folgas, lembra-te qual serás depois da morte”. Este costume foi com grande juízo introduzido para temperar os desenfreados apetites. E também se lê na vida dos gregos, que não era tão presto eleito e coroado um emperador, quando lhe mandavam a casa os officiaes de fazer sepulturas, os quaes presentando-lhe quatro sortes de mármorees lhe perguntavam de qual daqueles queria que lhe fizessem a sua sepultura, o que i fazia para lhe mortificar a sua excessiva glória.

(Notas laterais – Costume dos egípcios nos banquetes / Costume dos gregos)

LU. – E que vos parece da cerimónia que se faz na consagração dos Sumos Pontífices queimando-se a estopa?

(Nota lateral – Estopa queimada na criação dos Papas)

IAC. – Isso mesmo me parece que denotam aquelas palavras que se dizem, “Assi passa a glória do mundo”. E enfim, ou queiramos ou não, havemos de morrer e como diz o lírico:

“Iremos, Iremos.”

E não há rei, nem emperador, nem monarca algum que não deva trazer atadas no dedo aquelas palavras: “De que te ensoberbeces, ó terra e cinza! E que se não a temes [~~enehe de tremor~~] [a] com aquela embaixada da Igreja santa, lembra-te homem que és cinza e em cinza te hás-de tornar.” Mas é tão grande a baixeza deste nosso peso terreno que não somente cinza, mas pó e sombra se chama, como disse o poeta:

“Verdadeiramente somos pó e sombra.”

Muitos sábios escritores compararam também o homem, por sua vileza, a um vapor, a ferro, ao vento, chamando-o parente da terra, bicho e fedor, nem acharam [~~eom~~] com que representar a fragilidade e brevidade da vida senão [~~que~~] com a teia da aranha e com espelhos cheios de vento que se levantam na água. E para exprimir extensamente a natureza e qualidade do homem houve quem disse, “O homem é exemplo de fraqueza, despojo do tempo, jogo da fortuna, imagem da inconstância, balança de inveja e desastres e o restante cólera e freima.”

(Notas laterais – O homem a que seja comparado)

LU. – Nem se deve também [~~de~~] deixar aquela sentença: “Homem nacido de mulher, com breve vida, cheio de muitas misérias, que como frol [~~se-seca~~] sae e se pisa e foge, como sombra, e nunca em um mesmo estado permanece.”

IAC. – Por comum provérbio se diz: “Hoje em figura, amanhã na sepultura.”

(Nota lateral – Provérbio)

LU. – Eu imagino que a consideração da morte causa em nossas almas diferentes medos, os quaes procedem de diversas causas, e por isso folgaria primeiro que passemos mais avante que destas razões se fizesse algum discurso.

(Nota lateral – Diversas razões do medo da morte)

IAC. – A primeira causa podemos dizer que é a incerteza do tempo e do lugar onde se espera a morte e é Deus servido assi, que este escondido o dia da morte, para que com não se saber nunca, cuidemos sempre que está perto, e enquanto estamos incertos de quando havemos de morrer, estemos sempre esperando a morte. E por causa do lugar temos aquela lembrança, “Tu não podes saber onde a morte te espere, mas tu a espera em todo o lugar”. E por causa do tempo nos avisa Nosso Senhor com aquelas palavras, “Vigiai, porque não sabeis quando virá o senhor da casa se [~~de-noite~~] à tarde, se à meia-noite, se ao cantar do galo, se pela manhã”, e em confirmação disto disse o anjo: “Se não estiverdes desperto, eu virei a ti como ladrão”.

(Nota lateral – Primeira causa)

LU. – Eu creio que vem terror aos homens tanto pela incerteza do lugar e do tempo da morte, quanto pela diversidade dos modos com que os comete, e também por amor de sua vinda que muitas vezes vem súbita, ou menos esperada, porque só o cheiro da candeia apagada é algũas vezes causa de motivo e Anacreonte, poeta, se afogou com um grão de sua passa. E Fábio, senador, de um cabelo que bebeu no leite, pelo que havemos de estar todos em ventura, do onde, do quando e do como havemos de morrer.

(Notas laterais – Morte de Anacreonte / Morte de Fábio)

IAC. – Por isso se disse que nenhũa cousa ordenou Deus melhor que conceder ãa só entrada à nossa vida e muitas saídas. E portanto digo que tem razão os que escarnecem dos astrólogos, os quaes presumem adivinhar o nosso fim, e Sócrates o escarnece principalmente dizendo: “Que com tanto desvelar-se de buscar e inquirir as cousas celestiaes desagradam a Deus, querendo saber o que nos não quis revelar”. Da mesma maneira foi escarnecido Tales da sua moça, o qual, estando muito atento especulando as estrelas, caiu em ãa cova e ela lhe disse: “Como [~~vedes~~] queres [~~vós~~] as cousas do céu,

se não vês o que tens diante dos teus pés?” Também se diz que Catão se maravilhava porque um astrólogo se não ria quando via outro astrólogo porque fazendo eles profissão de enganar as gentes, sua consciência os havia de mover a se rir um do outro.

(Notas laterais – Contra os astrólogos / Sócrates / Tales / Catão)

LU. – Houve também outro que motejando disse: “Que não vem os peixes que andam a par da praia dos rios e fazem profissão de ver os peixes do Céu”.

IAC. – Mas se não queremos totalmente zombar deles, poderemos ao menos dizer (sob correição) aquele comum provérbio, “Que bem há astrologia, mas astrólogo não se acha” e concluiremos: “Que Deus reservou para si só este juízo”.

(Nota lateral – Provérbio)

LU. – Tendes dito quanto baste da primeira causa do medo que a meditação da morte nos representa. Vejamos agora outra algũa.

IAC. – Outra causa e porventura de mor espanto é ver a morte nos priva de todas as consolações que nesta vida se recebem, despojam-nos da fermosura, da força, da fazenda, da dignidade, dos amigos, dos parentes e chegados. Lembremo-nos dos grandes suspiros e do doloroso pranto que fez na morte o avarento sobre o saco do seu tesouro, e se isto é fábula, cuidemos nos desmaios que à gente sisuda e prudente acontecem quando vem morrer e levar na tumba [~~quando~~] ora um e [~~quando~~] ora outro de nossos companheiros e amigos, em cujo pálido aspecto parece que vai escrito aquele mote: “Hoje a my, e amanhã a ti.”

(Nota lateral – Segunda causa)

LU. – Essas vistas convidam ao homem a estar sobre aviso e mastigar aquela sentença: “Cuida na tua pousada quando arde a vizinha.”

E como diz o espanhol: “Quando a barba do teu companheiro vires pelar, mete a tua de de molho.”

IAC. – Imaginemos a extrema dor que sente o pai em deixar os doces filhos e dizei-me qual é maior ou o amor, ou a angústia, com que ele, alcançando a mão tremente lhe deita sua bênção e a Deus o encomenda. Lembremos quão [~~amigos~~] ciosos somos de conservar a vida e quão medrosos de a perder, e como de ano em ano todos os homens e particularmente os pais de famílias andam desejando que se lhes conceda ainda tanto espaço de vida que possam ensinar os filhos e encaminhá-los e deixá-los acomodados conforme a seu desenho e, quando tem alcançado isto, quieram depois outra prorrogação de vida para os casar e para poder ver seus doces netos [~~netos~~] e não acham

nunca hora nem dia cómodo para sair deste belo mundo. Boa prova nos deu disto o bom rei Ezequias, o qual, ouvindo de Esaías a nova que havia de morrer, rogou a Deus com grande pranto que lhe prolongasse a vida, a qual não vejo que despraza a ninguém, mas vejo que todos geralmente seguem aquele dito “Mais presto cão vivo que leão morto” e por isso dizia Mecenas [~~bem queria sofrer toda a coisa enquanto viva~~] que tudo sofreria bem como vivesse sobre o que se fizeram os versos seguintes:

“Inda que manco, enfermo e corcovado
E sem dentes também, se tu tens vida
Bem te podes chamar bem-aventurado.”

(**Notas laterais** – Ezequias / Provérbio / Dito de Mecenas)

LU. – Destas razões podemos coligir que a memória da morte traz consigo grande turbacão pela perda que há das cousas às quaes temos singular e excessivo amor. Ora vinde agora a outra causa.

IAC. – Outra causa é o sucesso dos corpos mortos, os quaes porque não fessão, e à vista dos vivos não sejam abomináveis se escondem debaixo da terra para serem comidos dos bichos, como disse o paciente Job: “Como podridão hei-de ser consumido e tornar-me-ei como vestido roído da traça”. E assi disse um santo padre que nenhũa cousa enfreia tanto os desejos da carne quanto o considerar qual ela há-de vir a ser.

(**Notas laterais** – Terceira causa / Job)

LU. – Que o homem se entristeça lembrando-se que, depois de morto, será o seu corpo manjar de bichos e que se há-de incorporar com a terra, muitos o compram, não se contentando que seus corpos sejam envoltos em um simples lençol e por isso mandam que sejam fechados em caixões com pensamento de se deverem seus corpos de conservar separadamente dos outros.

IAC. – Essa delicadeza não pode tanto que seus corpos enfim juntamente com os caixões não apodreçam e se unam com a terra, e não dem pasto aos bichos conforme a aquela sentença:

“Ao homem sucedem bichos, a estes fedor
Nesta forma enfim o homem se há-de pôr.”

Outra causa porque a morte se aborrece é o pensamento do terrível juízo universal quando, escurecendo-se o Sol e a Lua, vier o filho do homem com todos os anjos assentado sobre o assento de sua Majestade a ajuntar em sua presença todas as gentes,

as quaes levarão os frutos do bem e do mal que tiverem feito e da maneira que saírem desta vida, aparecerão naquele dia.

(Notas laterais – Quarta causa / Extremo Juízo)

LU. – Bem disse aquele santo Varão: “Se eu como, se bebo, se faço qualquer cousa, me parece que me soa nas orelhas aquela voz, ‘Levantai-vos mortos e vinde a juízo’. Quantas vezes eu cuido naquele dia, tantas sinto que me treme o corpo todo.”

(**Nota lateral** – Sentença medonha)

IAC. – A juntai a isto aquele dito: “À mão direita estarão os pecados que nos acusarão, à esquerda infinitos Demónios, debaixo a horrenda profundidade dos infernos, de cima o juiz irado, de fora o mundo abrasado, de dentro a consciência pungente e escassamente o justo se salvará.” Ai pecador, coitado, aonde te irás tu! Esconder-te é impossível, aparecer intolerável, e que leão feroz se não tornará ãa lebre tímida considerando como crecerà então o mar sobre a altura dos montes e depois decerá outro tanto. As baleias e outros animaes marinhos darão gritos ao Céu, secar-se-ão as águas, as ervas e as árvores se encherão de orvalho de sangue, cairão os edifícios, despedaçar-se-ão as pedras ãas com outras e se fará um terremoto geral, despejar-se-á a terra, sairão os homens como doudos das cavernas, levantar-se-ão os olhos dos mortos sobre suas sepulturas, cairão as estrelas do céu, morrerão os vivos e ressuscitarão com os outros mortos e arderá o Céu e a terra. Mas passemos a outra causa que é a execução da sentença contra os malfeitores.

(**Nota lateral** – Quinta causa)

LU. – Esta causa me parece assaz poderosa porque quando o homem se conhece que está vizinho da morte, se lhe representam diante os seus erros passados e a graveza do castigo que há-de padecer, e se dantes dava pouco crédito às Escrituras que lhe declaravam as penas infernaes, então as tem por mais graves do que está escrito, pelo que suando com o corpo e tremendo com a alma conhece que todas as outras aflições são leves em comparação daquela.

IAC. – Não somente tem por graves as ditas penas, mas parece-lhe que houve já o pranto, ou rugir dos dentes, e outras desventuras dos condenados no inferno, onde não há orelha que ouça, nem coração que se compadeça de sua miséria, mas de ãa morte imortal, um fogo que nunca se apaga, um frio insofrível, um fedor abominável acompanhado de trevas, de açoites, de visões diabólicas, da confusão dos pecados e da desesperação de todos os bens, as quaes misérias se tocam naquela sentença que diz assi:

“Com cem bocas e cem línguas jamais
Nem com ãa voz de ferro contar posso
Os tormentos e penas infernaes.”

(**Nota lateral** – Inferno e suas penas)

LU. – Que a consideração das penas infernaes seja bastante a fazer dar volta ao miolo, o disse também o Toscano:

“Negar, disse, não posso que o mal
Que vem antes da morte se não sinta
Mas mais a eterna dor e infernal.”

E assi diremos, em resolução, que assi como o azougue se mortifica com o fumo do enxofre, assi o coração do homem se humilha e quieta com a lembrança das penas infernaes.

IAC. – Ora passemos à derradeira causa que é a dor e angústia que a alma sente quando se aparta do corpo.

(**Nota lateral** – Última causa)

LU. – Eu vejo poucos soldados, poucos capitães e poucos outros homens animosos e ferozes per natureza que no acto de morrer não se turb[am]em e não movam os circunstantes a piedade com sua fraqueza, e não mostrem nem com queixas, nem com suspiros nem com muitos ais, como dissestes no princípio, ser-lhes dolorosa a morte, e além disto contra vós e contra my se pode dizer que não há ninguém que por prova nos ensine que a morte é dolorosa e há muitos que a tem pintada prazenteira e leve. Não disse o poeta:

“Que cousa é morte que um breve suspiro?”

Antes sendo o sono ãa imagem da morte, não se pode dizer que na morte haja outra cousa que quietação e um velho sábio disse, “Que se na morte há algũa incomodidade ou temor, isso vem por culpa de quem morre e não da morte”, e por isso me persuado que algũa falsa razão e a nossa delicadeza nos faz crer que naquela passagem da vida para a morte se sinta um estremada dor e que com muita razão se disse:

“Que o temor
Da morte é que a morte assaz peor.”

IAC. – Para pôr paz entre as diversas opiniões, diremos que a morte tem princípio, meio e fim, o princípio e o meio são penosos e o fim (falando sempre da morte corporal) é sem pena. Chamo princípio da morte todo o curso da vida, começando do nosso

nascimento, do qual começamos a morrer, e por momentos de tempo caminhamos cada dia para o nosso fim, de tal maneira que podemos dizer o que está escrito do filósofo Régulo que começava a morrer, pelo que disse um sábio “Nós morremos cada dia”, porque cada dia se nos tira ãa parte da vida, e assi como vamos crescendo, assi ela vai mingando, e este dia d’hoje o partimos com a morte, e não vos digo como a vida, quero dizer, a nossa morte é penosa e cheia de males, porque já havemos discorrido sobre isso. O medo da morte é quando se começam a desatar as ataduras que tem atadas a alma e o corpo, o que se faz com dor e angústia, mas mais ou menos conforme a diversidade das mortes, e algũas há que morrem vagarosamente e penam longo tempo em aquelas últimas agonias. E daqui vem que Calígula, aquele cruel e mau emperador, exercitava o seu bestial entendimento em buscar novas maneiras de mortes vagarosas e dizia ao algoz, quando havia de desfazer ~~um~~ algum corpo humano, “Concerta-o de maneira que ele se sinta morrer”, e assi como este queria dar a conhecer que havia ãa morte mais cruel que outra, assi César com esta consideração, sendo preguntado qual fosse a melhor morte de todas, respondeu “a não pensada”, como a que lhe foi dada. Mas falando das mortes naturaes, afirmam os sagrados Doutores que a alma havendo-se de apartar do corpo sente três cruéis batalhas, convém a saber, a moléstia dos parentes, a tentação dos demónios, a fraqueza dos sentidos. Quanto à primeira, podeis imaginar como a carne enferma se atemoriza no deixar dos amigos e como os parentes sem respeito algum molestam o coutado do enfermo a lhe levar fora o dinheiro, a fazenda, diante de seus olhos, ou com não deixar que à sua cabeceira cheguem religiosos que lhe persuadam algũa restituição, ou fazer mandas pias, e creio que vos não esquecerá ~~aquele~~ o exemplo daqueles dous irmãos, um dos quaes procurava que o pai fizesse testamento e o outro, como um mastim, queria morder o escrivão que vinha para entrar em casa e lhe dizia que seu pai repousava e não queria nenhum rompimento de cabeça. Quanto à segunda batalha, sabemos de muitos escritores os terríveis assaltos com que o Diabo comete as almas não somente dos maus, mas então as das pessoas de boa e santa vida, de que discorreremos brevemente, e bastará dizer por ora que o Demónio usa de instrumentos que induzem à desesperação da qual foi levado o desventurado Judas a se enforcar. A terceira batalha é dos sentidos enfraquecidos, os quaes, juntamente com seus efeitos, se lastimam e pouco a pouco vão faltando e entristecendo a alma de modo que escassamente se lembra de sua salvação.

(**Notas laterais** – Nacendo morremos / Calígula / César e seu dito / Três moléstias da morte / Primeira / Segunda / Terceira)

LU. – Eu, por me conformar convosco com a natureza de Demócrito vos quero contar o que disse um simples na hora de sua morte, o qual, dizendo-lhe um dos circunstantes que tomasse corage porque presto o levariam os anjos ao paraíso, respondeu: “Folgarei muito porque me sinto tão fraco e falto de forças que não poderei ir a pé.

(**Nota lateral** – Dito ridículo de um simples)

IAC. – Ora imaginemos de siso que assi como ãa grande árvore que tem muitas e altas raízes, quando com o machado se corta, vem a cair com grande ruído em terra, assi a alma, quando o mortal ferro começa a apartá-la do corpo, sente no tirar[~~he~~] de suas potências e da vida ãa grandíssima violência e [ũa] estremada dor. Eis aqui como o princípio e o meio da morte são acompanhados de muitas e cruelíssimas aflições. Pois o fim, que é o último acto da morte, o qual se segue despois das moléstias que contamos, é quando sae fora o espírito, o que se faz repentinamente e sem moléstia, e deste fim entendeu o poeta quando chamou à morte um breve suspiro. E daqui tomo ocasião de vos lembrar aquela prazenteira pergunta, proposta já de um peregrino escritor, “Se o homem morre enquanto está vivo ou despois que está fora da vida”, porque seria cousa ridícula que destas duas cousas, seja ou ãa ou outra, ou ambas de duas, ou nem ãa nem outra, contudo isto houve grande diferença entre gravíssimos filósofos, dos quaes disseram alguns que o acto de morrer ocorre enquanto fica ainda algũa parte da vida, outros afirmam que naquele ponto não fica nada da vida e atribuem totalmente o morrer à morte. Mas no fim, com um são juízo, se decidiu a questão neste modo: que o tempo no qual o homem morre não se há-de dar nem à vida nem à morte, porque é cousa impossível que de dous contrários, estando um, se constitua o outro, mas que entre estes confins se ponha um tempo mediano, o qual consiste em um momento que se chamou natureza momentânea, na qual subitamente se passa da vida à morte. Ora com esta decisão se confirma o que dissestes que, sendo repentino, improviso e momentâneo e menos que um suspiro a passagem da vida à morte, não se possa dizer dalgum modo que naquele ponto e naquele momento da morte se sinta algũa dor. E pois que temos declarado as diversas causas de que procedem os medos que se sentem na meditação da morte, certifiquemo-nos mais do proveito desta meditação sem a qual me parece cousa quase impossível que o homem se abstenha do sobejo amor de si mesmo e das cousas da terra e conseguintemente [a] viva bem e, morrendo, alcance a eterna vida.

LU. – Posto que a memória da morte seja tão proveitosa e que o apóstolo não somente só no-la alembre mas [~~nos~~] nos dê mostras de a desejar, contudo eu vejo poucos que se deleitem de cuidar na morte e pouquíssimos que com o apóstolo a desejem.

(**Nota lateral** – Poucos desejam a morte com Paulo)

IAC. – Isto vem porque pouquíssimos vivem segundo o espírito, como Paulo, a quem muitos imitaram, e perdendo o gosto de todas as prosperidades da vida e conhecendo que tudo é vaidade, se mortificassem e crucificassem a [s]si mesmos em vida, [~~pele que se acenderiam~~] acender-se-ia em seus corações um desejo de sair como [~~um~~] marinheiros do naufrágio e como foragidos do desterro, nem a outro fim endereçariam o pensamento que a fugir aqueles três grandes inimigos, o mundo, a carne e o Diabo e apresentar-se a seu Criador para O ver cara a cara e para gozar com Ele da glória celestial.

LU. – Todos sabemos que nesta vida não há senão trabalho e miséria e que na outra consiste o verdadeiro repouso e a suma felicidade, mas contudo isto não queremos entender o som da morte.

IAC. – Esta sentença foi claramente expressa de um Académico ilustrado com ãa canção da morte que é esta:

“Se é verdade que este
Frágil e vil despojo se desfaça
Como neve, e que este nosso estado
Não tenha paz nem [~~guerra~~] trégua,
Razão é que a alma que é avisada
Desate a afeição que tem atada
Neste formoso e deleitoso prado
Onde a serpente na erva está escondida
E arrependida se torne do passado
Àquele sumo bem e sempiterno
Que a guia a imortal eterna vida,
Mas se alcançar não pode tanta paz
Sem que de si primeiro se despida
De que vem que a vida tanto lhe apraz!
Ó do mundo, comum termo e falaz.”

LU. – Bem dito. Ora, eu considero que posto que dos filósofos são alguns emperadores [louvados], reis e cavaleiros louvados de fortaleza e particularmente Catão, porque se matou a si mesmo, com pensamento que de suas feridas sairia mais de glória que de sangue, contudo suas mortes voluntárias se podem mais asinha ter por ãa douda desesperação, porque [se] se foram homicidas de si mesmos por não virem em mãos de seus inimigos e por medo de não receberem martírios e vitupérios, era defeito de prudência e de esforço [porque] e se foram verdadeiramente esforçados guardaram aquele dito:

“A feroz e duros encontros não fugir

Mas vira o rosto com maior ardil.”

E além disto o homem sábio não deve nunca perder a esperança nas cousas que dependem da fortuna mas lembrar-se do que diz o nosso poeta:

“Espera, ó alma triste

Que sabes se melhor tempo ainda torne

E mais alegres dias que os que viste!”

E se se mataram por se não verem privados de sua autoridade, esta foi a parvoa ambição que os moveu a estimar mais a dignidade sem vida que a vida sem dignidade.

IAC. – Esse juízo se poderia fazer de Catão se no remanente de sua vida mostrara vileza, mas havendo sempre tido na vida ãa contínua fortaleza, não se pode negar que ele não fizesse acto de varão forte e resolutivo escolhendo antes a morte que ver-se com desonra em mãos de um tão grande inimigo. É verdade que errou, cuidando de alcançar imortalidade com sua morte, à qual não podem chegar os cristãos com semelhante feito, quanto mais os gentios, mas maior erro foi o de Judas que, podendo esperar com arrependimento de possuir o Céu, quis antes recorrer ao laço que ao Senhor entregue e vendido por ele, e mais se entristeceu do erro do que esperou perdão.

(**Nota lateral** – Judas e seu erro)

LU. – Espero agora que me declareis se se há-de temer a morte ou não, de que há diversas opiniões que me confundem o entendimento.

IAC. – Qual é a opinião que vos persuade que ela se haja de temer?

LU. – A autoridade dos homens santos que afirmam que o remédio de vencer a morte e triunfar dela quando vier é temê-la sempre antes que venha.

IAC. – Essas autoridades não querem inferir que se deva temer a morte, mas o seu imprevisto assalto si, o qual toma muitas vezes os homens em tal ponto que não podem

dizer sua culpa, e por isso nos importa vigiar, como já temos dito, porque não sabemos a hora, pelo que com este pio e santo temor de um repentino e não esperado acontecimento, não poderemos dizer que nos colheu de improviso, nem temeremos a morte, mas antes triunfaremos dela com a ter sempre antevisto e com estarmos aparelhados para a receber e assi viremos a concluir que a morte se não deve temer, o que se prova com diferentes razões e principalmente porque (falando como homem) não e há cousa mais néscia que temer o que de nenhum modo se pode escusar e (falando como cristão) não é razão que tema a morte temporal aquele a quem é prometida a eterna. Além disto não se há-de temer porque este temor inquieta e encurta a vida e havidos alguns tão pusilânimes e néscios que com o demasiado temor de morrer aceleraram a morte, e por isso disse um poeta espanhol:

“Lança do coração o temor da morte
Que tira o prazer vital, porque temendo
Vives mesquinho e sempre andas morrendo.”

Deixemos logo temer a morte aos maus que amam desordenadamente a vida e se fazem dignos da eterna morte e nós havemos de desejar e esperar alegremente a morte por três razões. A primeira porque a alma neste corpo, como em um cárcere escuro e penoso, está sujeita a muitos perigos de sua condenação. A segunda porque a carga deste mortal peso ~~[não]~~ a não deixa levantar à perfeita e divina contemplação. A terceira porque a morte, a quem morre em Deus, é ~~[a]~~ guia que o leva à vida eterna. Os cisnes estão consagrados a Apolo porque adivinhando os bens que vem da morte, morrem cantando, o que nos serve de instrução de a esperar com alegria ~~[a morte]~~. E não quero deixar de dizer neste lugar as palavras que escreveu um homem santo contra os que temem a morte e são estas: “Ó, como é cousa extravagante e perversa que nós que rogamos que se faça a vontade de Deus lhe não obedeçamos logo quando deste mundo nos chama, mas que sejamos obstinados e como ruins servos ~~[com desprazer]~~ andemos amurados fora da vista do Senhor, e que queiramos ser honrados com prémios celestiaes Daquele a quem queremos ir ver de má vontade.” Ajuntemos também para resolução da vossa dúvida a sentença doutro santo que disse, “Que o homem justo pela fraqueza de sua natureza teme o assalto da morte, mas pela esperança da eterna vida se alegra”, pelo que com infinita felicidade se está vendo que folgando teme e temendo folga. E concluindo em suma nosso primeiro discurso, ~~[conclui]~~ dizemos que assi como o que quer bem governar a sua nau se põe na popa e manda aos que estão adiante na proa, assi quem

quer bem endereçar sua vida, se põe a considerar o fim, e como o carvão se sustenta aceso debaixo da cinza, assi a alma se conserva inocente debaixo da memória da morte.

(**Notas laterais** – A morte se há-de desejar por três razões / Cisne e seu instinto / Como se perturba o justo)

LU. – Já tenho entendido tudo o que desejava saber acerca do desejo e temor da morte e pois que principalmente me fizestes conhecer que a doutrina de bem viver consiste na contemplação dela, resta agora que me ensineis a doutrina de bem morrer para seguramente subir à suprema glória. Mas contudo isto queria eu que acerca do modo de bem viver vos alargásseis algum tanto, porque de querer fundar nossa salvação somente no pensamento da morte, sem repartirem outra cousa o resto da vida, se poderá quase inferir que todos os outros preceitos pertencentes a bem viver são supérfluos e sem proveito.

IAC. – Muito grandes e diversos são os efeitos que nacam da exquisita meditação da morte. Pelo que todo aquele que se dispuser[~~sse~~] a guardar bem todos estes [~~d~~]efeitos, não tem porventura necessidade de buscar outra doutrina de bem viver. Já dissemos que a memória da morte não deixa pecar e que não é outra cousa não pecar que viver em graça de Deus e fazer-se glorioso e imortal, mas contudo isto não deixaremos de pôr em campo algum outro preceito com que mais comodamente se aderece a vida. E porque para contar meudamente todas as virtudes que se hão-de procurar e todos os vícios que se devem fugir seria necessário discorrer não somente pelas obras dos filósofos moraes, as quaes aproveitam para a felicidade da vida, mas todo o Testamento Novo e Velho, e lições dos santos e devotos escritores, os quaes como ãa lanterna diante dos pés nos mostram o tesouro da bem-aventurança e nos abrem o paraíso na terra, tenho para my que me convém apertar-me [~~em~~] com um brevíssimo catecismo e propor a todos os mortaes que além de se lembrarem da morte se dem a examinar cada dia ãa vez suas consciências e emendar os erros em que houverem caído, sem dilação algũa.

(**Notas laterais** – Meditação da morte é doutrina de bem viver / Modo de bem viver)

LU. – Essa doutrina é muito dificultosa e não fará facilmente fruto naquelas pessoas que de longo tempo são avezadas a pecar, pelo que se diz vulgarmente: “Que mal se pode tirar a rã do charco”.

(**Nota lateral** – Provérbio)

IAC. – Aqui havemos de gastar a obra e o trabalho. E por isso tenho para my que nos convém fazer fundamento em duas considerações. A ãa é que tão dificultosa cousa é

pelejar contra o uso antigo como com a mesma natureza na qual ele se converte e daqui vem que se algum deseja tirar-se do lodo dos maus costumes, provando-se, se sente de tal modo inviscado que se não pode levantar nem estar em pé e, se se quer pôr em caminho, lhe acontece como aos que estiveram muito tempo na prisão que quando os soltam andam com passos curtos e vagarosos, pelo que o uso envelhecido não o deixa até morte, se a graça de Deus, que é mais poderosa que todo o costume e que a mesma natureza, o não fizesse do número dos privilegiados. A segunda consideração é que o vício com a longa frequentação se tem por leve, ou nenhum, e em confirmação disto disse um filósofo que “o costume do pecar tira a dúvida do malefício” e assi acontece que todas as pessoas de longo tempo avezadas ao mal não crem que pecam e deixam engrossar a consciência de maneira que não estimam de ofender a Deus em qualquer modo que seja. Destas duas considerações viremos a julgar quão proveitoso seja pelo contrário habituar-se ao bem e quanto importe instruir os filhos e metê-los nos seus primeiros anos no temor de Deus e em obras de cristão.

(Nota lateral – Quanto importe criar os filhos no temor de Deus)

LU. – Agora si, que vejo a estrela que pelo alto mar desta vida prosperamente guia o homem ao desejado porto da imortalidade e tanto mais me agrada esta consideração, quanto mais vivamente vão crescendo e mais profundamente lançam as raízes aqueles costumes que se plantam nos peitos delicados e tenros, como diz o lírico:

“O cheiro que ãa vez
O vaso novo tomar
Mal se lhe pode tirar.”

A qual sentença se confirma com aquela do sábio:

“Filho meu recebe nos teus primeiros anos a doutrina e acharás a sabedoria até à velhice.”

IAC. – Também temos aquela sentença:

“Quem não segue a virtude em mocidade
O vício não fugirá na mor idade.”

E vemos os coitados que morrem por justiça voltarem-se ao povo e amoestar os pais de família que criem bem seus filhos, conhecendo que sem este fundamento se perdem. E por esta razão se hão-de dar mil bênçãos ao sagrado Concílio de Trento, o qual, vendo que as desordens, os escândalos e maldades que cada dia se cometem não nascem senão do mau ensino, dignamente e por obra do Espírito Santo orden[aram] que em todas as

partes da cristandade se plantem escolas da doutrina cristã onde os meninos se instruem no conhecimento de tudo o que convém para sua salvação, que todos parecem teólogos em confusão de cem milhares de velhos, os quaes sabemos de certo (ó vergonha da cristandade) que ainda se não sabem distintamente benzer e persinar. E isto com não haver prelado que em suas dioceses não tenha plantado este novo bacilo com prósperos sucessos. E também me persuado que o nosso prelado não deve, neste particular, ter inveja a outro algum, porque nesta angélica empresa se serve daqueles honrados e virtuosos padres regulares de São Paulo degolado, os quaes com sua fácil doutrina, com devotos sermões, com secretas e amorosas amoestações, com público e exemplar trabalho tem feito de maneira que já as escolas são pequenas para o copioso número dos meninos e meninas que nos dias de festa concorrem a disputar alegremente da doutrina cristã e dar com vozes virginaes e corações devotos muitos louvores a Deus e com isto e com frequência dos santíssimos sacramentos vedes notavelmente reformada esta cidade e postos em estado seguro infinitos filhos que sem este santo preservativo se encaminhavam mal, e podemos dizer que estas escolas tem tirado grande cópia de forças que o Diabo tinha armado para infâmia e ruína de muitas pessoas e que estes santos padres como ãas grandes lumieiras tem tirado inumeráveis almas fora da escuridade dos pecados e guiado à luz da justiça.

LU. – Parece-me contudo isso que estes bons padres, segundo entendo, são odiados e murmurados daqueles que principalmente os haviam de ajudar e favorecer, o que me faz crer que não são ainda bem conhecidos.

IAC. – Não sabeis vós aquele vulgar dito: “Que não tão presto se edifica um templo a Deus, como o Diabo lhe fabrica ãa capela?” Não se alvoraçam por isso, nem se entristecem os padres, mas confiados em Deus e em suas consciências se compadecem daqueles espíritos malignos vendo que suas setas, fabricadas no fogo da inveja se despontam com vão sucesso em um inexpugnável e duro penedo. Torno à doutrina cristã e chamo bem-aventurados os pais que começam a compor e edificar a vida dos filhos sobre este firme e perpétuo fundamento e procuram com toda diligência que saiam taes qual é a santa doutrina destas escolas em que falemos, vivendo seguros que farão um hábito imutável na devoção, e passando prosperamente a vida e recebendo alegremente a morte, entrarão gloriosos na immortalidade celestial.

(Nota lateral – Provérbio)

LU. – Quaes tendes vós pelos mais principaes frutos que naçam desta santa instituição?

IAC. – Primeiramente desta instituição aprendem os meninos em geral a guarda do Decálogo e de todas as obras cristãs, as quaes se imprimem nos seus corações com tanta força que jamais sairão fora da estrada direita, mas em particular se dão a santificar inviolavelmente as festas, nas quaes hoje em dia se cometem assaz mais graves pecados que nos dias de trabalho, e se examinamos bem este negócio acharemos que não somente nos dias de festa se não dá a honra devida a Deus, mas com universal abuso os ociosos, os vãos, os lascivos e os escandalosos espectáculos, os jogos, os bailhos, os magotes, as borracheiras, as pelejas e os homicídios são sacrifícios que nestes dias se fazem ao Diabo, e quando não há estas ocasiões, entram nos peitos dos homens uns pensamentos preguiçosos e [~~deem-se~~] pesa-lhes porque aqueles dias lhe parecem compridos, pelo que os mercadores, os officiaes e os rústicos, não podendo por temor dos superiores exercitar as mãos, se resolvem (por não estarem ociosos) [~~e apressam~~] a gastar a tarde em exercitar a língua em contos néscios ou em murmurações, ou em tratos de fazenda ou de outro ferial negócio.

(**Nota lateral** – Diversos frutos da doutrina cristã)

LU. – Cuido eu algũas vezes que ãa das razões porque os judeus se não fazem cristãos é esta porq' eles guardam com grande reverência o sábadó, a cenofegia e outras festas, e vem aos cristãos com tanto desprezo de Deus darem-se nos dias de festa a sensualidades e outras dissoluções.

IAC. – Se os cristãos são pouco guardadores das festas, os judeus os são muito, do que foram ãa vez escarnecidos de um certo juiz porque havendo um sábadó pela manhã caído um judeu na cava da cidade, os seus parentes por guardarem a festa não no quizeram tirar até que não passaram as vinte e quatro horas, depois das quaes, querendo eles tirá-lo da cava, o juiz lhes mandou que o deixassem estar até o domingo à tarde, dizendo que se ele havia tido ali sua festa queria que também tivesse a nossa. Ora bentos sejam os meninos que estão doutrinados no modo que hão-de honrar a Deus e santificar as festas que Ele ordenou para que cessemos das obras mundanas e nos [~~afadiguemos~~] exercitemos [~~nós~~] nas espirituaes, e por isso se enganam e se envergonham os que no dia de festa se dão a todo repouso, porque o sábadó aplicado ao repouso se festeja na outra vida e quem quiser sabatizar nesta, há-de trabalhar na outra. Temos, como sabeis, entre os pronósticos da Medicina este particular que o crisis que cae no sexto dia é mau e a do sétimo é bom, pela qual causa Galeno compara o sétimo ao rei e o sexto ao tirano. Logo, não sendo outra cousa a vida presente que o sexto dia,

os que querem lançar juízo neste dia e dar-se a ociosidade e a maus pensamentos pagarão a pena no outro, que será o sétimo dia e, pelo contrário, os que se exercitam de presente nas obras espirituais são como enfermos do sexto dia e no sétimo na melhor vida repousarão e descansarão.

(Notas laterais – Galeno / O sábado do repouso se festeja na outra vida)

LU. – Muito me haveis consolado com esta doutrina do sábado.

IAC. – Ora desta virtude de santificar as festas passam estes meninos a outra que é fugir a ociosidade e usar o trabalho, o qual hábito é sumamente necessário à instituição do homem, porque não é possível que o velho e o mancebo façam alguma obra trabalhosa se não estão avezados na mocidade às vigias, às incomodidades e aos desgostos, nem é peor cousa que criar os mancebos ociosos e delicados, e por isso o sábio os exorta a levar o jugo na mocidade e ajunta um poeta:

“Mancebos ao trabalho alegremente
Que a velhice virá secretamente.”

Somos nascidos para o trabalho e aquele mistério de Jacob que não pode alcançar a formosa Raquel sem tomar primeiro Lia, que tinha os olhos enfermos, nos ensina que nos convém trabalhar nesta vida se queremos depois alcançar a Raquel, quero dizer, a imortalidade na outra. O trabalho cria os ânimos generosos. Com o trabalho a saúde se conserva. Do trabalho nasce a boa fama. Sem trabalho não se alcança senhorio. E que cousa finalmente se não vence com o trabalho, com o uso e com o longo exercício? Não por [a] outra cousa tem duros os nervos e fortes os braços o lavrador [~~que para~~] senão por trabalho, nem as cousas preciosas são dificultosas senão por amendo trabalho.

(Nota lateral – Jacob / Os bens que nascem do trabalho)

LU. – Afirmava Pitágoras que era necessário de princípio dar-se uma boa e trabalhosa vida porque com o costume se faria doce e leve e, se bem me lembra, dizia um historiador: “Que os que de boa vontade se dão ao trabalho, são melhores”.

(Nota lateral – Dito de Pitágoras)

IAC. – Com razão disse isso porque da ociosidade se derivam muitos males e sobre todos a ruína do corpo e da alma, nem se pode julgar bem de um homem ocioso, o qual se pode comparar ao corvo que come os pássaros que sobejam à águia. E por isso entendo que nenhum mor benefício se possa fazer [~~a aqueles~~] aos discípulos da escola cristã que exercitá-los em exercícios louváveis e de trabalho, e não nos deixar um ponto ociosos e lembrar-lhes que assi como a cegarega, por cantar todo o Verão, morre

depois de fome, assi a formiga, recolhendo no Verão, se há-de sustentar no Inverno. E nesta forma tirando-lhes a ocasião de fazer mal e de se desviarem do bom caminho, conhecerão o fruto daquela sentença: “Faz sempre qualquer cousa porque te não ache o Diabo desocupado”.

(**Notas laterais** – Males que vem da ociosidade / Ocioso comparado ao corvo / Cegarega / Formiga)

LU. – Em conformidade disto dizem os espanhoes: “Que o Diabo à portas fechadas, vira as espaldas”.

(**Nota lateral** – Provérbio)

IAC. – E porque não se atemorizem da fraqueza o engenho e da dificuldade das cousas, será necessário dar-lhes a entender a grande força de longo uso e alegar-lhe só exemplo daquele poeta que diz:

“Que cousa há mais que a pedra dura?

E que mais mole que a água? E com o uso

A mole água a dura pedra fura.”

Despois deste hábito do trabalho e do uso e da paciência se segue o da devoção, na qual, exercitando-se na meninice, se sustentarão em todo o tempo da vida, e este é um dos principaes sinaes com que o homem mostra ser cristão, cuja língua tem quatro efeitos, convém a saber, declarar sua tenção, ensinar os rudes, consolar os afligidos e dar graças e louvores a Deus do qual temos recebido tantas mercês, mas nos desconhecidos e maus não as podendo recillas com palavras, e por isso com razão se escreveu aquela grave sentença: “Que muitas vezes o omnipotente Deus enjeita nas adversidades os rogos dos homens [~~os quaes~~] que nas prosperidades se não lembraram dele”.

(**Nota lateral** – Quatro ofícios da língua)

LU. – Eu sempre me persuadi que com a devoção se preserva o homem de muitos desastres desta vida que, posto que padece (como Deus é servido) muitas tribulações, contudo com a força da oração enfim fica consolado, mas porque vós dissestes que este é o sinal por onde se conhece o cristão, respondo-vos que com este sinal muitos me tem enganado, porque assi como os judeus que residem nestas partes, quando querem enganar um estrangeiro, procuram de cobrir e esconder o sinal que trazem de cor amarela, assi pelo contrário eu vejo alguns cristãos que para enganar o mundo e para se fazerem estimar no que não são, fazem na igreja tantas cruces e tanto rumor com a boca, e batem nos peitos com tanto estrondo, que se interiormente senão conhecessem por

maus homens e cheios de ódio, vos pareceriam uns claríssimos espelhos de santidade e devoção.

(Notas laterais – Engano dos judeus / Engano dos cristãos)

IAC. – Não há peores enganos que os que estão escondidos debaixo da aparência de santidade. O cavalo de Tróia usou de engano porque marchava debaixo da bandeira de Minerva.

(Nota lateral – Cavalo de Tróia)

LU. – Eu tenho para my que na oração se requer não somentes a simplicidade alheia a destes sinaes de hipocresia, mas a grande atenção livre de todos os pensamentos do mundo.

IAC. – Creio que tereis lido ou ouvido contar que o devotíssimo Santo Bernardo, a um que se gloriava que em suas orações não se perturbava de pensamento algum do mundo, se ofereceu de lha dar a sua mula porque dissesse a oração do Padre Nosso sem se desviar com o pensamento. Pelo que este, desejoso de ganhar a mula, começou a dizer a oração, mas ainda não tinha chegado ao meio quando perguntou ao Santo se lhe havia de dar a mula com todas suas guarnições. Quero dizer agora que todos aqueles de quem falaes não ganharão nunca a mula de São Bernardo, nem aqueles tão pouco que virdes misturar as orações com muitos bocejos e com torcimentos da pessoa e com olhar para ũa parte e para outra, com os quaes sinaes manifestam o distraimento de seus vagabundos pensamentos, e com esta oração mal mastigada e cheia de tristeza de ânimo dão sinal de não quererem aquilo que pedem e assi como não falam de verdade com Deus, não são ouvidos de Deus. Não ganharão também a mula os que executam ódios, porque assi como não aproveita mezinha algũa [~~a-aqueles~~] às feridas que tem dentro o ferro, assi não ajuda a oração [~~a-aquele~~] ao que guarda a maldade e o ódio no coração, antes escarnece e ofende a Deus e é semelhante a aqueles soldados que postos de joelhos diante de Cristo lhe davam de bofetadas. As nossas orações são enjeitadas ou quando com o som da língua não concorda o coração, ou quando perseveramos nos pecados, ou quando não perdoamos as injúrias, antes se nos não dispomos à oração com tirar primeiro estes impedimentos, claro está que as nossas chagas se apodrecerão e agravarão mais, o que se declara com aquelas palavras “Antes da oração, aparelha tua alma”, e não queiras ser um daqueles que tentam a Deus, mas a oração humilde e de coração, feita em espírito e verdade e precedendo a boa vida, será infalivelmente ouvida. Disto temos palavra e arras de quem não pode mentir que diz “Se vós pedirdes

em meu nome algũa cousa ao Padre Eterno, Ele vo-la concederá”, antes, Ele prevê nossas petições e com sua liberalidade as avança. Não pediu o ladrão senão que quando Ele estivesse no seu reino se lembrasse dele, e Ele logo lhe respondeu: “Tu serás hoje comigo no paraíso”. Muito agradece Deus a oração, a qual lhe chama chave do Céu e incenso suave, e cheiroso timo, e com espantoso efeito sara o entendimento, cria a alma, alivia as dificuldades, socorre às necessidades, consola os atribulados, livra dos perigos e penas, defende das tentações, traz alegria, resiste à ira de Deus, aumenta as virtudes e particularmente a fé, fortifica os fracos, desterra as guerras, alcança as vitórias, lança os Demónios, abre o paraíso e com Deus, finalmente, nos ajunta e não nos deixa querer nem obrar cousa algũa contra sua vontade. Torno a dizer (sem nunca acabar) que aqueles bem-aventurados meninos, aprendendo a fazer oração, aprendem a bem viver e a fazem tão familiar que mais presto se esquecem do comer quotidiano que da contínua oração. Mas desta virtude não [~~entendo~~] quero mais discorrer, porque falo convosco que não somente sabeis quão grande seja o fruto da oração, mas o colheis abundantemente em vossa casa, porque [~~de~~] de mais de ãa pessoa fui informado que se a devoção em todas as casas fosse morta, sem vós se acharia acesa, e[~~m~~] em vossa mulher, nos filhos e em toda a vossa família, a qual a mantenha sempre Deus em sua graça.

(Notas laterais – Prazenteiro exemplo de S. Bernardo / Virtude da oração)

LU. – Eu não ensoberbeço nada com [~~e~~]estes louvores que me daes, porque sinto dentro em my um certo espírito que me retira a não crer isso e me traz à memória quão poucas faíscas dão calor à minha devoção, mas se algum sinal [~~há em my~~] se tem visto em my, teria origem da entrada que fizeram duas filhas minhas e um filho na religião, os quaes parece que me obrigam a procurar com algũa reformation de mim mesmo que eu me não julguem por planta indina de tal fruto.

IAC. – Se a brevidade do tempo me dera lugar, eu dissera agora assi por minha como por vossa consolação com quanta graça tenha o reverendo padre frei Luís de Nevers, vosso filho, em espaço de quarenta dias alcançado o amor de toda a cidade não menos com a ordem, com a doutrina, com a eloquência e com a singularidade de suas raras pregações que com a viveza, com a destreza, com a paciência e com o santo artifício de que usa em compor demandas e sossegar paixões entre diversas pessoas.

LU. – Deixemos agora o frade no seu mosteiro e tornemos à escola dos meninos.

IAC. – O que mais convidou a discorrer deste reverendo padre e me espantar de suas qualidades foi que me lembrei que o padre Frei Francisco Fontana [~~eomaseo~~],

dominicano, com sua clara trombeta encheu a Quaresma passada as orelhas e ânímos do povo de um certo som de devoção e de santidade e ganhou de tal modo com sua graça a de todos que disséreis ser impossível que a um sucessor lhe fizesse lugar vazio e que em comparação de Fontana não parecesse mudo e creio que a este propósito se possa dizer destes dous varões, falando de suas pregações, o que se disse de Lívias e de Platão, acerca de seus escritos: “Que tirando ou mudando algũa cousa do estilo de Platão se diminuiria a graça e tirando ou mudando o estilo de Lísias se diminuiria a sentença”. Mas tornando ao razoamento da devoção dos meninos, não deixarei de falar na diligência que usam os seus mestres em os instruir na oração vocal e dela, pouco a pouco, na mental, por cujo meio se recolhe a sega na terra e o pão no Céu.

(Nota lateral – Oração mental)

LU. – Pois que não é concedido a todos de poder facilmente alcançar estas devotas e santas meditações, eu com a fraqueza de meu entendimento procuro ao menos de algũas vezes misturar a oração com a meditação e sinto com isto em my ãa grande e espiritual alegria.

IAC. – Onde deixo aquela belíssima vestidura com que os meninos se honram naquela santíssima escola, digo, a humildade, sem a qual quem ajunta as outras virtudes leva o pó ao vento.

(Nota lateral - Humildade condimento das outras virtudes)

LU. – Esta virtude mora raramente na alma dos mancebos, os quaes biliscados do calor que neles crece põem na cabeça a cimeira da soberba.

IAC. – E por isso são dignos de maior admiração aqueles mancebos que por tempo aprendem a se assentar no último lugar e desprezar a própria excelência e a fazer-se pequenos nos próprios olhos para ser grandes nos olhos de Deus, e sobretudo se avezam a sofrer as injúrias, o que é verdadeiro acto de humildade porque bem se acha [~~bem~~] que consinta de andar mal vestido, com a cabeça inclinada, falar brandamente e faz os outros sinaes de humildade, mas não se acha facilmente quem leve em [~~paz~~] paciência o escarneo e injúrias.

LU. – Bom exemplo me deu aquela senhora, a qual, em conversação de outras donas se acusava a si mesma dizendo “Eu sou a mais soberba, a [~~mais-mal~~] menos devota e a maior pecadora de todas”, mas ouvindo um dia escondidamente que ãa simples donzela dizia estas mesmas palavras em presença de outras três donzelas, “Minha senhora é a mais soberba, a menos devota e a maior pecadora de todas”, a chamar à parte e em vez

de a emendar com humildade deste simples erro lhe deu com cólera muitas bofetadas, como se de siso a injuriara.

(Nota lateral – Exemplo de humildade fingida)

IAC. – As pessoas que de siso se desprezam a si mesmas sofrem também que as desprezem os outros, o que não fez esta senhora, mas poucos são os que chegam a este supremo grau de humildade, a qual era figurada com razão pela águia, porque ela, posto que seja afiada da gralha não se desdenha, dando-nos exemplo de desprezar as injúrias e de abraçar a virtude da humildade, a qual quanto mais se abaixa para a terra, tanto mais se alevanta ao Céu, e assi como os animaes pequenos fazem maior cópia de filhos que os grandes, assi os humildes fazem mais fruto que os soberbos. A humildade se chama madre de Cristo, a humildade é eficacíssima para alcançar o que se pede, pelo que diz o salmo, “olhou para a oração dos humildes, e não enjeitou seus rogos”. E pois que a soberba é a cabeça do Diabo, não há estromento mais próprio para lhe quebrar a cabeça que a humildade, a qual se chama também bálsamo e aqueduto de Deus porque val para a infusão de graças e conservação de todas as virtudes. Finalmente a humildade abre o caminho à revelação das causas divinas, pelo que disse um filósofo a Alexandre “Deus está pronto a dar a sabedoria, mas tu não tens com que a receber”, com as quaes palavras lhe quis deitar em rosto sua grande soberba, conformando-se com aquela sentença: “Lança fora o que tens para lançar em ti o que não tens”. Entre outros louváveis e proveitosos hábitos desta escola é frequência do santíssimo sacramento da Eucaristia e tanto que os meninos chegam a legítima idade [os] os dispõem a recebê-lo dignamente e conhecer que é fonte de todas as graças, e tem virtude de fazer lembrar a paixão de Cristo, de alimpar as almas dos pecados, de lançar do coração os ruins pensamentos, de o fortificar na fé, de o aumentar de virtudes, de o livrar das treições dos inimigos, de aquietar as inquietações da carne e do espírito, de alcançar perdão, de vos acompanhar na peregrinação desta miserável vida e levar à bem-aventurança da pátria.

(Notas laterais – Águia, símbolo da humildade / Frutos da humildade / Sacramento da eucaristia)

LU. – Quem tem gosto das cousas de Deus, quantas mais vezes se achega a sua sacratíssima mesa, tanto mais reconhece que não há consolação algũa igual à [aquele] que sente sua alma depois que está restaurada com aquela ambrósia e néctar celestial, donde nace ãa bem-aventurada e saudável fartura, na qual quanto mais se absorve, tanto mais sóbria fica, como diz o hino angélico:

“Em tudo te apraz
O coração em contemplar-te
E todo se desfaz.”

IAC. – Dizemos brevemente que habituar os filhos à frequência deste santíssimo sacramento é tirá-los de vícios e ~~[um]~~ preservá-los de todos os perigos do mundo e segurá-los cá na terra da posse do Céu, e deste hábito de estarem unidos com Deus aprendem os ~~[ditos]~~ meninos outra assinalada virtude que é o desprezo do mundo e amar tanto ~~[a-fazenda]~~ os bens da terra quanto baste para sua necessária sustentação e para ajudar os pobres, porque na verdade o amor de Deus e o amor do mundo são incompatíveis e quem ama a Deus de sisso, tem o amor do mundo debaixo dos pés e conhece que não é outra coisa que vaidade, e se resolve com o sábio, dizendo que todas as cousas correm a um fim e sendo feitas de terra se tornam em terra. O mundo, como ãa cova, tem a entrada clara e escuro o caminho. O mundo é um mar inchado por soberba, amarelo por inveja, proceloso por ira, profundo por avareza, inquieto por preguiça, tragado por gula, espumoso por luxúria. O mundo é cheio de temor e de dor, teme quem está bem, doe-se quem tem mal. O mundo e tudo o que nele está debaixo do céu se há-de corromper e consumir. E enfim se vê como diz o Poeta,

“Que quanto ao mundo apraz é breve sonho.”

(**Notas laterais** – Amor de Deus e amor do mundo incompatíveis / A que se compara o mundo)

LU. – Tenho experimentado com grande dor de meu coração que o desejo e amor das cousas do mundo gera dous muito ruins efeitos, um dos quaes é a desconfiança da bondade de Deus e o outro a inquietação e tristeza de ânimo. E assi eu cioso demasiadamente da conservação do meu estado me deixei algũas vezes ocupar o ânimo de um vilíssimo temor de não poder com esta minha pequena renda casar honradamente minhas filhas e deixar acomodado a meu filho César que tem já três meninos que andam saltando pelo meu castelo, e quantas vezes me persuadia que ficariam estreitos com ãa nobre pobreza ou pobre nobreza, tantas me caiu o ânimo aos pés e a vida me era um nojo. Mas aprouve a Deus que ãa noite me senti entrar em maior aflição de ânimo e parecia-me que me dizia um anjo, em sonhos, “Porque te entristeces por causa de teus filhos? Deus os chama todos para si, e tu só ficarás mais poderoso e mais acomodado nesta vida”. A esta voz despertei com tanto tremor que logo com a alma me acolhi a aquelas saudáveis palavras “Põe teu pensamento no Senhor e ele te criará”, a qual

mezinha teve força de me aquietar o coração e de o conformar em viva fé e de me fazer ficar contente com a minha sorte e certificar-me que se não pode servir a dous senhores pelo que quem ama o mundo não se alevanta para Deus e quem ama a Deus não inclina a afeição ao mundo, e agora toco como com o dedo que assi como declinando o Sol crecem as sombras e crescendo declinam, assi declinado o amor espiritual crecem os desejos temporaes.

(Nota lateral – Amor do mundo gera dous males)

IAC. – Razão tivestes de vos desmaiardes e entristecerdes [~~daquela~~] dessa nocturna visão porque os pais se assemelham ao corpo e os filhos aos braços e assi como para sarar o corpo enfermo se tira algũas vezes sangue do braço, assi Deus pelos pecados do pai se paga algũas vezes do sangue dos filhos e, levando-os desta vida, fica vivendo o pai mais que eles, como aconteceu ao desventurado Príamo, ou a um chamado Búlgaro, o qual falecendo-lhe um filho único disse:

“Eis da natureza o curso turbado

Bulgar succedes a teu filho amado.”

E haveis de louvar a Deus que com seu santo fogo consumiu em vosso coração o caramelo da desconfiança de que contastes porque a mor parte dos homens se deixa levar à sepultura com esta pusilanimidade e com esta falsa fé de que não possuem tanto quanto se requer para sustentação de seu estado, porventura que sou eu um desses, mas convém-nos emendar o nosso depravado juízo e confessar que é felicíssimo o nosso estado porque sem ter muito e sem haver falta, nos prove Nosso Senhor daquelas que para a sustentação de nossa casa são necessárias, no qual estado se pode honestamente passar qualquer trabalho.

(Nota lateral – Búlgaro)

LU. – Assi dizem os espanhoes com aquele filosófico e cristão provérbio: “Que todos los duelos conpanson buenos.”

(Nota lateral – Provérbio)

IAC. – E por isso diz um poeta:

“Muito falta ao que não se contenta,

Aquele se aquieta a quem quanto [~~he~~] basta

Com parca mão o senhor do céu sustenta.”

Pelo que um famoso filósofo, para mostrar que quem muito tem muito há mester e que o descómodo nace não da falta mas da abundância, disse estas palavras “Quem tem

necessidade de dez mil ou de quinze mil vestidos, impossível é que não tenha necessidade de mais”, e [~~porque~~] quando tenho necessidade de mais daquilo que tenho tirando-me daquelas cousas que tenho, passo com as que tenho.

IAC. – Mas tornando aos meninos, consideremos que os primeiros amores são mais firmes e que tendo eles começado com tempo de se namorar de Deus, irão seguindo até a morte sua empresa sem se deixarem levar de alguma tentação e, perdendo a afeição às cousas da terra, verão [~~com~~] que como a nau está fechada para o mar e aberta para o céu, assi a alma do cristão deve de estar cerrada para o mundo e aberta para Deus, e que tem sobre si o céu para o desejar e debaixo de si o mundo para o desprezar, e o que [~~fará~~] fizer no seu coração esta resolução, merecerá [~~de~~] ser honrado com a figueira, a qual é geroglífico da suavidade e quietação da vida, pelo que está escrito na Sagrada Escritura que os justos e os santos repousam debaixo da figueira porque vivem com quietação da alma. Podemos logo coligir que com quietação da alma tem estes meninos caridade para com os pobres, aos quaes quando forem pais de famílias proverão com cheia, alegre, pronta e piadosa mão, e darão graças a Deus vendo que o chumbo se converterá em ouro e a fazenda tanto mais se acrecentará em suas casas, quanto mais a repartirem em obras pias.

(**Nota lateral** – Figueira, geroglífico da quietação da vida)

LU. – Entre as cousas que devem abrir as surdas orelhas e abrandar os duros corações dos que não ouvem os famintos gritos dos pobres me parece que não há outra mais eficaz que a lembrança daquele Santo Padre que diz: “Não me lembra de haver jamais lido que morresse de má morte o que de boa vontade fez obras de caridade, porque tem muitos intercessores e é cousa impossível que os rogos de muitos não sejam ouvidos”. Mas aqui tenho ãa dúvida, a qual é que, posto que seja cousa louvável e santa ocupar estes meninos naquelas orações, poderia todavia seguir-se este inconveniente que, entregando-se à contemplação e aos exercícios do espírito, se torna[~~r-se-iam~~]sem facilmente gofos e inúteis para as cousas do mundo, para o governo da casa, para o serviço dos príncipes e para outras honradas empresas e fica[~~ão~~]sem mais religiosos que seculares.

(**Nota lateral** – Sentença notável)

IAC. – Se aos religiosos envoltos na contemplação de Maria se concede também nos templos devidos ao ministério de Marta, porque não se concederá àqueles meninos que nos tempos necessários e fora das festas atendam ao trabalho daquelas cousas com que

possam honestamente engrandecer suas casas e ocupar-se no serviço dos príncipes, da pátria e dos amigos e em qualquer outro negócio do mundo? Não se lhes tira esta liberdade, mas instruem-se somente nos dias de festa, no temor de Deus e em obras de cristão para que lhe sirvam cada dia por guia, por fundamento, por regra, por sal e condimento de todas suas obras e porque os enderecem à honra de Deus e, fortificados com estes santos sábios, não declinem nunca mais a alguma vileza indigna de cristão, nem façam, nem cuidem fazer cousa que seja em ofensa de sua divina Majestade, mas se conservem em todo o curso da vida sem mácula de pecado mortal, para que vindo a morte a recebam com alegre rosto e com esperança viva de chegar a alcançar a imortal coroa.

LU. – Quanto a isto me dou por satisfeito, mas ãa nova dúvida tenho ainda considerando a leviandade e inconstância natural dos mancebos, os quaes muitas vezes tem bom princípio e vergonhoso fim, assemelhando-se às alfaces que primeiro são doces e depois amargosas e por isso se poderá quase dizer que a escola da doutrina cristã pouco aproveite a quem tem vontade de fazer mal.

IAC. – Se um filho bem instituído algũas vezes se faz desenfreado e dissoluto, qual cuidaes que virá a ser o mal instituído? Mas eu escassamente posso crer que, estando com qualquer progresso de tempo fortificada no peito do mancebo ãa virtuosa raiz, sejam bastantes mil demónios com todas suas forças a arrancá-la, e comummente vemos que quaes são as acções dos mancebos taes são as dos homens. Todavia eu tinha guardado no fim outro hábito que nesta escola aprendem os meninos por meio do qual se fazem constantes no temor de Deus, e é que entre outros preceitos de fugirem más companhias, os jogos ilícitos e outras dissoluções, amem e honrem os religiosos cuja prática tem muitas vezes e por seu meio se conservam no estado da mansidão e da inocência. A má conservação é a peçonha da mocidade. Diz o filósofo que o homem de são entendimento não deve de praticar com todos e outro diz que praticando com os maus se perde o bom entendimento, e assi como Mercúrio muda a natureza e se conforma com o planeta a que se ajunta, assi o mancebo, conversando com bons se fará bom e mau com os maus. Finalmente as más companhias destroem e as boas edificam e de quão contagiosa seja a má conversação e quão frutuosa a boa não é necessário fazer grandes discursos, porque o Enlevado, vosso amantíssimo sobrinho e meu cordialíssimo amigo, [~~eom-ø~~] no livro que compôs da civil conversação trata diffusamente esta matéria. Ora eu confesso que me alarguei mais de necessário no discurso dos louváveis

efeitos da doutrina cristã porque bastava dizer que encaminha o homem ao amor de Deus e do próximo e o faz digno do título de cristão e finalmente quebra o primeiro fio da corda do Diabo que é o mau pensamento, do qual nasce a deleitação, da deleitação o consentimento, do consentimento a obra, da obra o hábito, do hábito a dureza do coração, da dureza do coração a necessidade, da necessidade a desesperação, da desesperação a morte eterna e, tirando a primeira ocasião, que são os maus pensamentos, se livram da corda do Diabo.

(Nota lateral – Má conversação ruína dos bons / Corda do Diabo)

LU. – Tendo nós tocado quão proveitosa seja ao mundo esta santa instituição da doutrina cristã e quão seguros nos leve na perigosa navegação do inquieto pego desta miserável vida ao desejado porto da bem-aventurança e tendo vós, não menos com brevidade que com proveito, proposto o modo de bem viver, estimarei muito que para ser perfeita esta nossa prática me declareis agora o modo de bem morrer.

IAC. – Se do bem viver se segue o bem morrer, escusado trabalho me parece querer ensinar o modo de bem morrer a quem bem vive, o qual, logo como acaba de viver bem tem alcançado sem outra mais ciência o bem morrer porque Deus lhe tem concedido aquela graça que ele cada dia por meio da sua gloriosa mãe pedia dizendo: “Santa Maria, madre de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora da nossa morte”.

(Nota lateral – Modo de bem morrer)

LU. – Se acontecer, o que Deus não permita, que os diversos e terríveis instrumentos com que com todas suas forças obra o Demónio possam ofender na morte o bem vivente, contudo considero que convém ao cristão armar-se com algũas armas particulares para pelejar com ele naquela hora. Porque assi como a Igreja Santa ajuda a alma com seus oportunos sacramentos, assi ele se deve preparar não somente a os receber com devoção, mas também a dar manifesto sinal de que não quer vencer sem pelejar. Pelo que me parece cousa sumamente necessária que deis algum modo conveniente em tão urgente necessidade, considerando que o miserável enfermo está de tal maneira rodeado de diversas paixões da alma e do corpo e se vê do desacostumado e monstruoso aspecto do inimigo tão medonhamente assombrado que, se ele com longa preparação e devida meditação não está disposto a pelejar, é difícil cousa que [ele] possa tomar assi tão de improviso bom partido para seu caso e que o seu espírito, por mais vitorioso que esté, não se presente vil diante do acatamento de Deus e não se lhe diminua o merecimento para com Ele, por não haver vigorosamente combatido. Dai-me

logo este remédio assi para a salvação do que morre como para exemplo dos que lhe assistem.

IAC. – Primeiro que eu satisfaça a vossa demanda lembrar-vos-ei que entre outros benefícios que traz a instituição da doutrina cristã é este, que aqueles meninos com o temor de Deus, princípio da sabedoria, se dispõem a não temer a morte, pelo que venha ela em qualquer tempo que quiser que eles a recebem sempre com alegre e liberal espírito como termo de suas misérias e princípio de sua bem-aventurança.

LU. – Boa dádiva é essa, porque os mancebos naturalmente aborrecem mais a morte que os velhos e também é mais digna de compaixão e de lágrimas a morte dos mancebos que a dos velhos, porque estes, sem sentir alguma violenta paixão, como fruta madura caem por si da árvore, mas aqueles, como fruta azeda e verde, são violentamente tirados.

(**Nota lateral** – Os mancebos aborrecem a morte mais que os velhos)

IAC. – É verdade, mas estes meninos estão feitos capazes e os que morrem moços são mais gratos a Deus, o que disse o poeta com aquelas palavras:

“Porque a morte furta
Primeiro os milhores e de vida curta
E deixa estar os maus.”

E sabem que longamente viverão aqueles que morreram em graça de Deus, porque mau grado a morte ficam vivos na memória dos vindouros na terra e na conversação dos bem-aventurados no Céu, e com mais verdade se pode dizer deles o que disse um grande orador na morte de M. Túlio: “Se tu atentas, ó Cícero, ao desejo do mundo, pouco viveste, se a tuas obras assaz viveste, se às injúrias da fortuna muito viveste, se à memória do teu nome, terás terna vida”. Venho agora à vossa pergunta e pois que contudo quereis que eu fale do modo de bem morrer, primeiramente vos lembrarei o que já temos tocado que é, para nos segurarmos de ãa boa morte, o principal remédio é preservarmos dos vícios e procurar que nos não colham em pecado mortal, e considerar (mesquinhos de nós) que não somente estamos sujeitos a casos não pensados de fogo, de ferro, de pedras, de precipícios, de naufrágio e de outros contínuos desastres, mas muitas vezes somos salteados de ãa febre frenética, de ãa apoplexia, sufocação, pasmo, e de outras terríveis enfermidades [~~as quaes em um~~] que como um relâmpago nos arrebatam o entendimento e a vida sem nos dar tempo para chamar por Deus, os quaes acontecimentos quando vem, dão, além do perigo da saúde, assaz larga matéria ao

mundo de deitar ruins juízos da vossa vida e fama. Eu, senhor meu, algũas vezes me tenho achado à morte de muitos meus parentes e amigos e fico comigo mesmo confuso lembrando-me os diversos modos com que cada um deles cerrou os olhos, mas particularmente tive compaixão de alguns [~~deles~~], os quaes persuadidos, como creio, do Diabo, não obstante que tinham a morte tão vizinha, ou imaginavam que haviam de sarar, ou que estavam ainda mui longe de morrerem, pelo que em lugar de se converterem com o espírito a Deus, não falavam de outra cousa (como se foram sãos e robustos) senão de mandar lavrar os campos, de receber dívidas, de comprar rendas e de acabar fábricas, e lembra-me que um rico avarento, fazendo seu testamento oito dias antes de sua morte, pedindo-lhe um religioso que quisesse ao menos deixar à igreja certos vestidos da mulher já defunta lhe respondeu que por então não podia e que tinha assaz que fazer para pagar as dívidas e outras necessidades de casa, [~~mas~~] e chegando-se-lhe a hora da morte lhe tornou a lembrar os vestidos e ele lhe respondeu com voz já mais fraca que tinha muito que fazer, pelo que eu, por certos sinaes que vi, entendi que morreu não entendendo que morria e ousarei a dizer que de verdade ele terá assaz que fazer.

(Nota lateral – Dito de um orador na morte de Cícero)

LU. – A semilhantes pessoas seria necessário tirar-lhes a esperança da vida e dizer-lhes claramente que são mortos e que tanto maior graça de Deus e tanto maior louvor do mundo recebe aquele a quem se concede morrer com são e maduro conhecimento de seus erros, e quando se vê um enfermo acabar a vida com ãa morte de verdadeiro cristão, todos os circunstantes lhe dão mil affectuosas e lagrimosas bênções e ficam edificadas com seu exemplo e bem dispostos a morrer, e aquelas lágrimas são mais de alegria que de paixão e dor.

IAC. – Quanto as enfermidades fazem mal ao corpo e perturbam a concórdia dos humores, tanto ajudam a alma e a fazem mais quieta e segura e dão perfeição a suas virtudes e particularmente a fazem humilde, pelo que se disse que nos enfermos mora a virtude de Cristo e por esta causa tenho para my que a mais ditosa enfermidade e mais para se desejar que todas as outras é a febre ética, a qual, levando os enfermos por longo caminho, vai pouco a pouco consumindo-lhe a carne e esforçando o espírito e descargado daquele grave e terreno peso como saindo fora de escuras trevas, antevê o seu fim e desenvolvendo-se totalmente do mundo, vigoramente se levanta à consideração de seu pecados e com longa e madura diligência vai cada dia alimpando

sua alma de modo que falando francamente com Deus até o derradeiro ponto lha apresenta limpa e sem mácula algũa. Mas pois que se não concede a todos o salvo-conduto de ãa tão acomodada morte, cuide cada um de coração quão diverso e repentino possa ser seu fim e como escudo da inocência esté sempre atento aos impetuosos assaltos da morte. E quando lhe vier algũa enfermidade prossoponha que aquela pode ser a derradeira e recorra primeiramente ao celestial médico e dê-Lhe graças porque com aquele meio lhe trouxe à memória as enfermidades espirituaes e peça-lhe que lhe dê graça para as poder diligentemente examinar todas e confessar-se inteiramente, chorar amargamente e humilmente pedir-lhe perdão e primeiro que se confesse, se vire para Deus e lhe abra seu coração, como eu me resolvera, e fale-lhe desta maneira: Porventura que é esta hora, ó Santo e Divino Médico, em que esta alma enferma se deve despedir de seu enfermo aposentador. Seja feita nisto a [tua] Vossa vontade, mas não se faça (miserável de mim) a execução da pena que ela por sua antiga e contínua rebelião tem da [tua] Vossa justiça merecido. Ela vem tarde e quase constrangida do temor e da necessidade a render-se, a arrepender-se e a pedir perdão de seus grandes e graves pecados. Mas [tu] Vós, Senhor, não queira[s]es agora faltar das [tuas] Vossas benigníssimas palavras e santas promessas feitas a todo o que quantas vezes se arrepender esperar em [ti] Vós e chamar o Vosso santíssimo nome. Quebrantei, senão todos, a mor parte de [teus] Vossos divinos preceitos. Busquei os prazeres e a glória do mundo. Lancei-Vos fora do meu coração para nele agasalhar a Satanás. Exercitei em mil vãos e ilícitos deleites o corpo imundo, morto a Vós e vivo aos pecados, e não há parte dele interior ou exterior da cabeça até os pés com que [te] Vos não ofendesse a [ti] Vós e ao meu próximo. E porque contar um a um os meus erros seria mais dificultoso que contar ãa a ãa as estrelas do céu, eu [te] Vos presento um pecador fedorento com mil pestilências e mortaes chagas, e abominável a [teu] Vosso acatamento, e [te] Vos rogo, pela [tua] Vossa grande e inefável clemência que não enjeiteis o meu tardio arrependimento e não me desampareis da [tua] Vossa graça para que, morrendo o corpo, sare e ressuscite a alma e a recebais no número dos escolhidos. Concedei-me, Senhor, que chegando-se o meu fim, [eu] sofra animosamente as agonias da morte e as tenhas por nada em comparação da [tua] Vossa santíssima paixão, cuja memória nunca se parta de mim. Tirai a força aos demónios e dai-me tal atrevimento e confiança contra seus cruéis assaltos para que eu não consinta [eom] suas enganosas lisonjerias, nem desmaie com suas terríveis tentações, e fique a minha língua muda e minhas orelhas surdas a

suas falsas disputas, e morra constante na fé da santa Igreja Católica. Seja em minha ajuda a gloriosa Virgem, [~~tua~~] Vossa mãe e todos os santos com o anjo de minha guarda, [e] imprim[ei], docíssimo [~~senhor~~] Jesu, este [~~teu~~] vosso saudável nome no meu coração e com esta seguríssima guia saia alegremente e vá a vós meu espírito, o qual nas [~~tuas~~] Vossas santas mãos humildemente encomendo. Isto feito deve o enfermo confessar-se e, depois lidos ou ouvidos devotamente os salmos penitenciaes, receber com viva fé o santo viático do corpo de Cristo e depois ordenar seu testamento.

(**Notas laterais** – Febre ética ajuda a alma / Proveitosa advertência / Consideração do Inferno / Oração para o enfermo)

LU. – Muito melhor me pareceria que ordenasse seu testamento antes da enfermidade, porque o testamento que se guarda como fazem muitos até o Céu santo se deve chamar mais declaração da vontade alheia que da própria, porque a fraqueza do entendimento está naquela hora, como já dissemos, oprimida de muitas e contrárias paixões de parentes interessados que, com a ajuda do escrivão, fazem o testamento à sua vontade.

IAC. – Eu não falo do testamento que consiste na distribuição dos bens da terra, o qual se não deve diferir, como vós dizeis, ao Céu santo, porque além das razões que tocastes, acontece também muitas vezes aos que se tem por mais prudentes um caso repentino pelo qual, morrendo sem testamento, ou deixam por seu pouco saber matérias de demandas, ou lhe ficam por sucessores os que eram mui diferentes de sua opinião e vontade.

(**Nota lateral** – Testamento do enfermo)

LU. – Não será também pouco proveitoso tratarmos destes testamentos por amor das mandas que se fazem para obras pias.

IAC. – O mais seguro é fazê-las e executá-las em vida porque os herdeiros fazem que se esquecem muitas vezes e as retem maliciosamente para seus próprios usos. E sabe-se por todo o mundo aquela história vulgar de ãa viúva, obrigada por testamento do marido a vender um boi e desembolsar o dinheiro para benefício de um pobre mosteiro, a qual mandou à feira ãa gata juntamente com o boi com ordem expressa que não se vendesse ãa cousa sem a outra e se pedisse vinte cruzados pela gata e quatro pelo boi, o que como se fez, a fiel executora do testamento tomou para si o preço da gata e mandou o preço do boi ao mosteiro. Mas, como digo, o meu discurso não é destes testamentos, mas daqueles que na morte fazem os bons servos de Deus. Josué, filho de Nane, chamou na hora de sua morte a tribo de Israel e fazendo comemoração das mercês que tinham

recebidas de Deus os exortou eficazmente a seguir sua lei e a querer adorá-Lo a Ele só e não a outros deuses. Tobias, morrendo, instruiu o filho a adorar a Deus, reverenciar o pai e mãe, a fazer esmolas, a abster-se dos vícios, a pagar as dívidas, a não fazer a outrem o que não quisesse para si, a tomar conselho dos sábios, a louvar sempre a Deus e pedir-lhe ajuda. Cristo crucificado na Cruz deixou ao Padre o espírito, à Virgem João, a Nicodemos o corpo, aos apóstolos a perseguição, a cristãos penitentes a Cruz, ao ladrão o paraíso, aos bons e fiéis a vida eterna. São Domingos, por não morrer sem testamento, fez manda a seus frades de três assinala[~~das~~]das dádivas, caridade, humildade e pobreza voluntária, das quaes cada um é herdeiro e igualmente é herdeiro do Céu. Estes são os exemplos que devem mover aos pais de famílias a imprimir com o selo do último espírito eternos documentos nos corações dos filhos.

(Notas laterais – História / Manda de Josué / Manda de Tobias / Manda de Cristo / Manda de S. Domingos)

LU. – Não chegou nunca essa doutrina às orelhas daquele mau pai, o qual deixou dito na hora da morte a seus filhos: “Fazei sempre mal e não no digaes, dizei sempre bem e não no façaes”. Ora desejo que prossigaes [n]a instrução do enfermo.

IAC. – Já temos dito e ajudará torná-lo a dizer, que o temor da morte se acrescenta com a memória dos erros passados e de considerar que nos havemos de apresentar diante do tribunal de Deus. Pelo que é necessário procurar de tirar ao enfermo toda a tristeza e guiá-lo a ãa morte quieta e dispô-lo a tornar depósito todas as vezes que Deus o chamar. E para este efeito o melhor remédio [é] e mais propositado é o sacramento da extrema unção, o qual lhe dará juízo e conhecimento para que com esta poderosa arma se defenda contra os derradeiros assaltos do Demónio e se lhe encha o ânimo de ãa pia e santa alegria.

(Notas laterais – Como se deve governar o enfermo na morte / Extrema-unção)

LU. – E como vos parece que se haja de proceder quando o enfermo está angustiado com a morte vizinha?

IAC. – Então é tempo que ele se lembre [e] ou que lhe lembrem aquela bem-aventurada nova mandada do Céu por boca do evangelista quando disse, “Ouvi a voz do Céu que me dizia, ‘Bem-aventurados os mortos que morrem no Senhor’”, e por isso se deve dispor a morrer de boa vontade e morrer em Deus e considerar que, posto que não é concedido a todos padecer a morte por a justiça, por a vontade e por Cristo, como fizeram os apóstolos e outros mártires, contudo deve todo o cristão na hora da morte dar

sinal que tem a mesma vontade de sofrer ãa semelhante morte se Deus lhe mandasse, porque tendo esta liberal tenção no morrer, sem dúvida será participante da coroa dos mártires, pelo que se lembrará daquelas palavras de São Paulo, “Não somente estou aparelhado para ser preso, mas para morrer em Jerusalém pelo nome de Jesu”, e com este santo propósito se sentirá aliviar-se grandemente daquelas aflições da morte e o seu bom e vivo espírito lhe ditará aquelas amorosas palavras que no seu passage há-de dizer ao Criador e trará à memória o exemplo de Marta, a qual, tendo diante dos olhos a Cruz santa, mandava que lhe lessem o Evangelho da Paixão escrito por São Lucas, e devemos crer que o renovar-se então no entendimento aquela santíssima Paixão é grandíssimo refrigério para as angústias do enfermo e eficacíssima persuasão para as sofrer, e singular antídoto contra o inimigo, o qual, como serpente que traz peçonha na ponta da língua guarda no fim do homem suas maiores forças e procura com o último assalto arrebatá-lhe a alma, e por isso é então tempo de dizer “Eu te renuncio, ó Satanás”, e alçando os olhos ao Céu mastigar aquelas palavras:

“Jesu Cristo crucifixo

Sempre seja no meu coração fixo.”

E deve naquelas penas confiar-se na quietação de sua consciência imitando a Hilarião, santo, o qual, sentindo-se oprimir do último trabalho rompeu nestas palavras: “Vem fora, que temes? Vem fora, ó alma, porque te turbas? Tens servido setenta anos a Cristo e temes a morte?” E o rei Luís Quinto de França, vendo-se enfermo na empresa de Jerusalém e sentindo que se lhe avizinhava a morte, sem se turbar um ponto se mandou pôr sobre a cinza e, depois de levantar o entendimento ao Céu, estendeu os braços à semilhança de um crucifixo e assi naquele acto deu alma a Deus.

(**Notas laterais** – Palavras de S. Paulo / Morte de Marta / Morte de Hilarião / Morte de Luís V, rei de França)

LU. – Taes pessoas como essas, direi eu, que morrem bem, nem temem nada os assaltos do Diabo porque são sabedores de sua boa vida e tem feito longo hábito nas obras virtuosas [porque] e também havemos de dizer que posto que eles [também] como Deus é servido naquela hora são tentados também de diversos modos pelos demónios, contudo é quase escusado dar-lhes alguma instrução para a hora da morte, que eles aceitam de boa vontade, e estão confiados que a peçonha do Demónio é como a dor do escorpião que quando está na água não faz mal, mas aqueles tem necessidade de documentos e confortos que por sua desventura fizeram na vida pouco bem e muito mal

e envelheceram nos pecados, porque é de considerar que aquele medonho monstro não cessa na morte de espantar ãa alma e representar-lhe todos os seus pecados, procurando de a pôr em desconfiança de perdão e da misericórdia de Deus.

(**Nota lateral** – Escorpião na água não empece)

IAC. – Verdadeiramente não há cousa que mais atormente a alma que a memória dos erros passados, o que está figurado em Orestes perseguido das Fúrias infernaes, e sabemos que o próprio trabalho do Diabo é tirar quanto pode os pecadores longe do meio e levá-los ao fim ou de confiança ou de desconfiança da misericórdia de Deus e por isso se lhe costuma propor exemplo da pomba, a qual, temendo [~~um~~] o pássaro que a arrebatava no ar e [~~outro~~] o que a abate na terra, se é caçada daquele se vem para baixo, se deste se levanta e assi voando se salva, e da mesma maneira os que são tentados de muita confiança devem temer e humilhar-se e os que são tentados de desconfiança, devem de levantar-se à esperança e considerar que não é tão grande a vergonha de cair quã[~~nto~~]o [é] grande é a glória de se levantar, e se é cousa humana pecar, é cousa angélica emendar-se. Lembre-vos sentenciosa e galante [~~reposta~~] reposta que Diógenes deu a um que lhe disse que [~~era~~] havia sido falso moedeiro e Diógenes lhe respondeu, “Eu te confesso que fui outras vezes o que agora sou”. Temos também a autoridade de um Santo velho, o qual, perguntado de um soldado se Deus recebia os penitentes, lhe respondeu “Se o teu vestido é roto botá-lo eu fora!” e dizendo ele “Não, antes o concerto e o remendo”, disse então o Santo: “Pois se tu perdoas ao próprio vestido, porque não perdoará Deus à própria imagem?” E portanto ao que morre com ãa espantosa memória de seus erros se procure de lhe dar a mezinha e conforto daquelas palavras, “Em qualquer hora que o pecador se doer de seus pecados será salvo” e sobretudo se confirme nesta seguridade, “Que Deus não falta nunca no que promete”, e que Ele disse, “Torna-te para my e eu te receberei”, e lembre-se que são ditosos seus erros por aquele dito Seu:

“Que mor glória é no reino dos eleitos

De um espírito converso, e mais se estima

Que de noventa e nove [~~outros~~] justos e perfeitos.”

Sobretudo é ofício dos discretos assistentes não deixar que o enfermo se perturbe da multidão e graveza de seus pecados e que seja isto causa de entrarem em desconfiança e desesperação, mas devem de o confirmar na fé da qual é naquela hora grandemente tentado e lembrar-lhe a infinita misericórdia de Deus, não deixando também de lhe

lembrar alguma boa obra sua pela qual possa esperar que lhe seja cerrado o inferno e aberto o paraíso, nem deixar de o exortar que se viveu em guerra e em tempestade, morra em paz e no porto, e diga aquelas palavras:

“As minhas partes extremas

A ti, meu Deus, devotamente entrego.”

Finalmente, ao cristão arrependido e confiado na clemência infinita de Deus diga com o seu bom espírito diferentes palavras das que se costumam dizer nas últimas aflições e passagem desta vida e assi muitos, na morte, recorrem a aquelas palavras “Todo o que chamar o nome do Senhor será sábio” ou ao dito de São João, por boca de Cristo, “Eu sou a ressurreição e a vida, quem crê em my não morrerá, e se for morto viverá.”, conforme a devoção de cada um, [outra] outros dizem com o profeta, “Não me deites da Tua face e não tires de my o Teu santo espírito”, e há outros que dizem aquele hino da santa Igreja:

“Ó Espírito Santo, vem

E do Céu o resplendor

Dos raios de tua Luz envia.

Vem, consolador,

Doce hóspede da alma,

Doce minha guia.

Sem o teu favor

Não val a vida nada

Dá-me nesta última jornada

Seguro porto, descanso e alegria.”

Outros dizem aquele verso do profeta tão encomendado de um santo varão nesta última agonia, “Desataste minhas prisões, eu te sacrificarei sacrifício de louvor e chamarei pelo nome do Senhor”. E depois, virando os olhos aos circunstantes, o encomendam a Deus e no fim, levantando o entendimento ao Céu, desejam de se desatar e morrendo com Cristo dizem juntamente com ele, “Nas tuas mãos, Senhor, encomendo o meu espírito”. Mas não obstante que a todos se não concede para graveza do mal e pelo impedimento da fala dizer todas as palavras que tem concebidas em seu pensamento, não deve estar sua boca, nem o seu coração jejum do santíssimo nome de Jesu, em virtude do qual descendem as legiões dos anjos a receber a alma e acompanhá-la ao Céu, o que, reza a Deus, nos queira conceder a nós também na nossa passagem.

(**Notas laterais** – Aflição da alma / Fábula de Orestes / Pomba e seu instinto / Reposta de Diógenes / Reposta de um Santo / Virtude do nome de Jesu)

LU. – Pois que estas santíssimas palavras são eficaz estímulo para nossa alma que a esporeia a sair deste terreno cárcere e a desejar asas para voar ao Céu não vejo agora que nos reste por discorrer senão do suave fruto que se tira do bem viver e bem morrer, que é a imortalidade.

IAC. – Porque começa já a declinar o Sol, direi brevemente que todos os homens de espírito generoso desejam muito de tecer um ilustre engano à morte e deixar tal fama de si que vivam nos vindouros segres e sejam com eternos louvores engrandecidos dos poetas, dos historiadores e das bocas geralmente de todos. Ora se esta imortalidade da terra é digna de tanta admiração, quanto mais digna será a imortalidade do Céu? Mas porque (ó, néscios de nós) queremos atribuir aos homens o que somente convém a Deus? E porque damos título de imortalidade à memória de vosso nome que com todos nossos memoráveis feitos enfim se há-de acabar? Virá o dia do Extremo Juízo, que em fogo e cinza consumirá as crónicas dos escritores e todo o mundo juntamente:

“Ah, que toda a cousa a seu princípio vem,

E o que nada primeiro foi a nada vem.”

(**Nota lateral** – Imortalidade eterna)

LU. – Por isso zombei muitas vezes do nosso Enlevado do grande trabalho que tem em compor novos livros para alcançar esta vã e mortal imortalidade, faça ele quanto quizer e puder que enfim será escurecido tudo com a memória de quanto há debaixo do Céu.

IAC. – Merecerá ele ser motejado se a esse fim trabalhará e gastará o tempo, mas não no merece porque se esforça a seguir as pisadas dos outros escritores que, gastando mais de azeite que de vinho, se puseram a escrever em benefício do mundo. Da qual fadiga se se não sucedeu a imortalidade de seus nomes, boa prol lhes faça. Mas, contudo isto, esta imortalidade em comparação da celestial é assaz menor, do que é um ponto em comparação do Céu, mas antes esta imortalidade se deve chamar mortal e aquela eterna, como mostrou bem o poeta quando disse:

“Não terão na mão os anos o governo

Da fama mortal, antes será claro

[~~Claro~~] Quando imortal for e quando eterno.”

E isto é quando tinha para vos dizer nesta matéria.

(**Nota lateral** – Qual deve ser o fim dos escritores)

LU. – Eu me persuadia que com esta ocasião não deixásseis de me declarar com que razões se possam confundir os que afirmaram que juntamente morrem as almas com os corpos, e se me quereis dizer que a imortalidade da alma é fundamento de nossa fé, em cujo símbolo fazem mor profissão de esperar a vida eterna e que por isso não devo ir mais avante, mas estar firme nesta doutrina cristã semeada por todas as Letras sagradas, eu antecipadamente vos respondo que toda a pessoa de entendimento deve de querer mostrar com razões esta imortalidade não porque nossa fé dependa [~~destas razões~~] delas mas porque ela mais [~~creça e mais se esforce~~] se fortifique e se aumente.

(Nota lateral – A alma se é imortal)

IAC. – Não abastará o espaço de outra jornada ao que [~~quisesse~~] quiser fazer procissão por todas as ruas por onde andaram [~~a-eega~~] às escuras, errando diversos filósofos, alguns dos quaes negaram em tudo esta imortalidade, alguns a concediam até certo tempo e outros, pela diversidade [~~das~~] de razões, estavam duvidosos, pelo que vós [~~estarieis~~] estarieis tão farto de ouvir como eu cansado de contar se quisesse referir suas loucas razões e repostas. Baste-vos isto por sumário do que quereis saber, que posto que este descrédito teve origem em Grécia de alguns noveis e rudes professores de Filosofia, e se em suas néscias opiniões desviaram depois Anáxagoras, Demócrito, Leucipo, Heráclito, Empedócles, Parmênides, Epicuro e outros porcos da sua manada, todavia é cousa certíssima que os pitagóricos, platónicos e todas as mais nobres seitas de filósofos assi arabigos como gregos e latinos estiveram firmes nisto: que a alma apartada dos sentidos do corpo está mais forte nas especulações e que sendo-lhe concedida licença não de entender as cousas presentes, mas de antever as futuras, se deve chamar divina e o que é divino não está sujeito à morte.

LU. – E como se ouve Aristóteles neste negócio?

IAC. – Ele não declarou nunca abertamente sua opinião, antes envolto em seu manto se mostrou ora guelfo, ora gibelino, não obstante que alguns lançam juízo que se inclinou antes à imortalidade. Mas se do comum consentimento do povo, posto que infiel, se das leis públicas, se da autoridade dos primeiros filósofos do mundo esteve confirmada esta imortalidade, quanto mais devemos estar seguros nela que somos fiéis e cristãos! E por resolução, sendo nossa alma semelhante a Deus, não são necessárias mais palavras para mostrar sua imortalidade. E bem certo está que os santos mártires não sofreram com alegre e invencível coração os tormentos de cruzes, de fogo, de ferro, das feras e de outras penosas mortes, se depois desta presente vida não creram que havia

outra e por isso está com razão dito que a imortalidade da alma é o fundamento e princípio da boa e santa vida, a qual se troca no fim em outra melhor, do que se retratou, depois de andar muito tempo errado, um certo filósofo, o qual viu em sonhos um menino que lhe mostrava ãa belíssima cidade e a noite seguinte lhe apareceu de novo e lhe perguntou se o conhecia, o qual respondeu que si e que bem se lembrava do sono precedente. Depois lhe perguntou o menino onde estava o seu corpo e o filósofo lhe respondeu que estava na cama e dormia. E despertando o filósofo começou a conhecer seu erro tendo até então crido que as almas, depois da morte, também morriam, e foi conhecendo que assi como dormindo via, tendo os olhos fechados, assi podia o seu espírito viver, estando o corpo fechado na sepultura, e assi deixando a heregia se converteu à fé católica. Mas tempo é já de darmos fim a este discurso e de o selarmos dizendo: Que não nos espantamos se vemos um cão ou um lobo morto e se vemos um homem morto si, pelo que convém que digamos que se [~~teme~~] tema a cousa que vive depois de morta e esta é a alma, e tendo Deus feito a alma à sua semilhança e sendo ele imortal como não será tal alma imortal?

(Notas laterais – Contradição de Aristóteles / Exemplo de um filósofo)

LU. – Pois que nos parece que não é tempo de discorrer mais largamente da imortalidade da alma, folgaria ao menos que fosseis recolhendo brevemente as consolações e bem-aventurança de que gozam os espíritos bem-aventurados depois que estão naquela pátria celestial.

IAC. – Quando vos eu fizesse largo discurso da fermosura, da fortaleza, da ligeireza, da impassibilidade, da claridade, da liberdade, da saúde, da eternidade, da sabedoria, do amor, da vontade, da honra, da segura[~~riedade~~]nça, da alegria dos corpos e das almas dos bem-aventurados, e quando vos trouxer à memória a estremada consolação que recebem em ver a Deus, os Anjos, o Céu, os Santos, e quando dissermos como abundantemente participam da eterna Luz, da eterna quietação e da eterna imortalidade, quando considerarmos [~~que~~] o seu estado perfeito e colmo da mestura e união de todos os bens cuidados e por cuidar e que, esses, unidos a Deus, tem tudo o que querem e quando enfim imaginarmos que posto que lá em cima há maiores e menores graus da glória e que ãa é a doçura do rossio, outra do Leste, outra do mel e todavia cada um goza e está da sua doçura sumamente contente, confessareis comigo que vos não disse nada. Porque quanto mais se fala da imortalidade, tanto mais fica por dizer, e se queremos perfeitamente entender a alteza, a profundeza, a excelência e todos os maravilhosos e

[super]abundant[es]íssimos frutos de que insaciavelmente se apascentam os espíritos celestiaes, nos convém ou rogar a Deus que nos faça dignos de ver com Estevão os Céus abertos e que nos revele cá na terra per especial graça aqueles altíssimos segredos, ou nos apresse a nossa morte e por sua infinita bondade nos leve a ver e possuir tanta glória. Sem este meio não é o nosso desejo, porque esta ciência passa o nosso entendimento, e não se pode compreender com doutrina humana.

(Nota lateral – Sumário das bem-aventuranças do Céu / S. Estevão)

LU. – Pois que vos parece que seja nosso ofício acerca da celestial imortalidade exercitar antes o entendimento que a língua, rogaremos a Deus que seja servido de nos conceder ãa bem-aventurada morte que nos leve à eterna vida e dar-lhe-emos muitas graças porque para glória sua e nossa salvação nos fez mercê de dar vida e saúde para acabarmos este nosso razoamento.

IAC. – Justíssima é a vossa conclusão e com ela de todo meu coração me conformo.

Fim a louvor de Deus

Bibliografia

Textos

BOTERO, Giovanni, *La Ragion di Stato* (a cura di Chiara Continisio), Roma, Donzelli, 1997.

CASTIGLIONE, Baldassare, *Il Cortigiano*, a cura di Amedeo Quondam, Milano, Oscar Mondadori, 2002.

DELLA CASA, Giovanni, *Galateo*, a cura di Stefano Prandi, Torino, Einaudi (1994), 2000.

GUAZZO, Stefano, *Dialoghi Piacevoli*, Venezia, G. A. Bertano, 1586.

GUAZZO, Stefano, *La Civil Conversazione*, a cura di Amedeo Quondam, Torino, Franco Cosimo Panini, 1993.

LOBO, Francisco Rodrigues, *A Primavera*, edição de Maria Lucília Gonçalves Pires, Lisboa, Vega, 2003.

LOBO, Francisco Rodrigues, *Corte na Aldeia*, edição de José Adriano de Carvalho, Lisboa, Editorial Presença, 1991.

TASSO, Torquato, *Dialoghi* (a cura di Giovanni Baffetti e introduzione di Ezio Raimondi), Milano, Rizzoli, 1998.

Estudos

ALMEIDA, Isabel, “Em matéria de livros: o Diálogo I de Corte na Aldeia”, *Românica*, 1/2 (1992/93), pp. 93-106.

CARVALHO, José Adriano de, “A leitura de *Il Galateo* de G. Della Casa na Península Ibérica: Damásio de Frias, L. Gracián Dantisco e Rodrigues Lobo”, *Ocidente*, LXXIX, (1970), 137-171.

CARVALHO, José Adriano de “A retórica da cortesia: *Corte na Aldeia* (1619), fonte de *Epítome de la Eloquência Española* (1692) de Francisco José Artiga”, *Península. Revista de Estudos Ibéricos*, nº 0 (2003), 423-441.

DOGLIO, Maria Luisa “Idea e arte del dialogo tra corte e Accademia: i *Dialoghi piacevoli* di Stefano Guazzo” in *Stefano Guazzo e la Civil Conversazione*, a cura di Giorgio Patrizi, Roma, Bulzoni, 1990.

Educare il corpo, educare la parola nella trattatistica del Rinascimento, a cura di Giorgio Patrizi e Amadeo Quondam, Roma, Bulzoni, 1998.

ENCICLOPÉDIA Verbo Luso-Brasileira de Cultura – Edição Século XXI, nº 28, Lisboa/São Paulo, Editorial Verbo, 2003.

ESTEVES, João Manuel Pereira, RODRIGUES, Guilherme, *Diccionario histórico, chorográphico, heráldico, biográphico, bibliográphico, numismático e artístico*, Lisboa, João Romano Torres - Editor, 1904-1915.

FERNANDES, Maria de Lurdes, *Espelhos, Cartas e Guias. Casamento e Espiritualidade na Península Ibérica nos séculos XVI e XVII*, Porto, CIUHE, 1995.

Giovanni Della Casa. Un seminario per il centenario (a cura di Amedeo Quondam), Roma, Bulzoni, 2006.

HINZ, Manfred, *I mezzi umani e i mezzi divini*, Roma, Bulzoni, 2005.

MACEDO, Jorge Borges de, “Para o estudo da mentalidade portuguesa do século XVI. Uma ideologia do cortesão. As *Sentenças* de D. Francisco de Portugal”, *Revista ICALP*, vol. 7 e 8, Março-Junho de 1987, pp. 73-106.

MACHADO, Diogo Barbosa, *Bibliotheca Lusitana*, Tomo III, Coimbra, Atlântida Editora, 1965-1967.

MACHADO, José Pedro, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, Lisboa, Publicações Alfa, 1991.

OSSOLA, Carlo, *Dal “cortegiano” all’ “uomo di mondo”*, Torino, Einaudi, 1987.

PIRES, Gonçalves Maria Lucília, CARVALHO, José Adriano de, *Maneirismo e Barroco*, Volume III, in REIS, Carlos (dir.), *História Crítica da Literatura Portuguesa*, Lisboa/São Paulo, Editorial Verbo.

QUONDAM, Amedeo, *La conversazione. Un modello italiano*, Roma, Donzelli, 2007.

QUONDAM, Amedeo, *Questo Povero Cortigiano*, Roma, Bulzoni, 2000.

Repubblica e Virtù. Pensiero politico e Monarchia Cattolica fra XVI e XVII secolo, a cura di Chiara Continisio e Cesare Mozzarelli, Roma, Bulzoni Editore, 1995.

SANTOS, Zulmira C., “Lei «política», lei «cristã»: as formas da conciliação em *Academia nos montes, e conversações de homens nobres* (1642) de Manuel Monteiro de Campos» in *Península. Revista de Estudos Ibéricos*, n.º 1 (2004), pp. 307-318.

SANTOS, Zulmira C., “Racionalidade de Corte e sensibilidade barroca: os *Avisos para o Paço* de Luís de Abreu e Melo”, in *Actas do Congresso Internacional do Barroco*, Porto, 1991.

SILVA, Inocência Francisco da, *Dicionário Bibliográfico Português*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, rep. 1972.

TOCCO, Valeria, *Sentenças de D. Francisco de Portugal* (ed. crítica e estudo introd. a cura di Valeria Tocco), Lucca, Mauro Baroni, 1997.